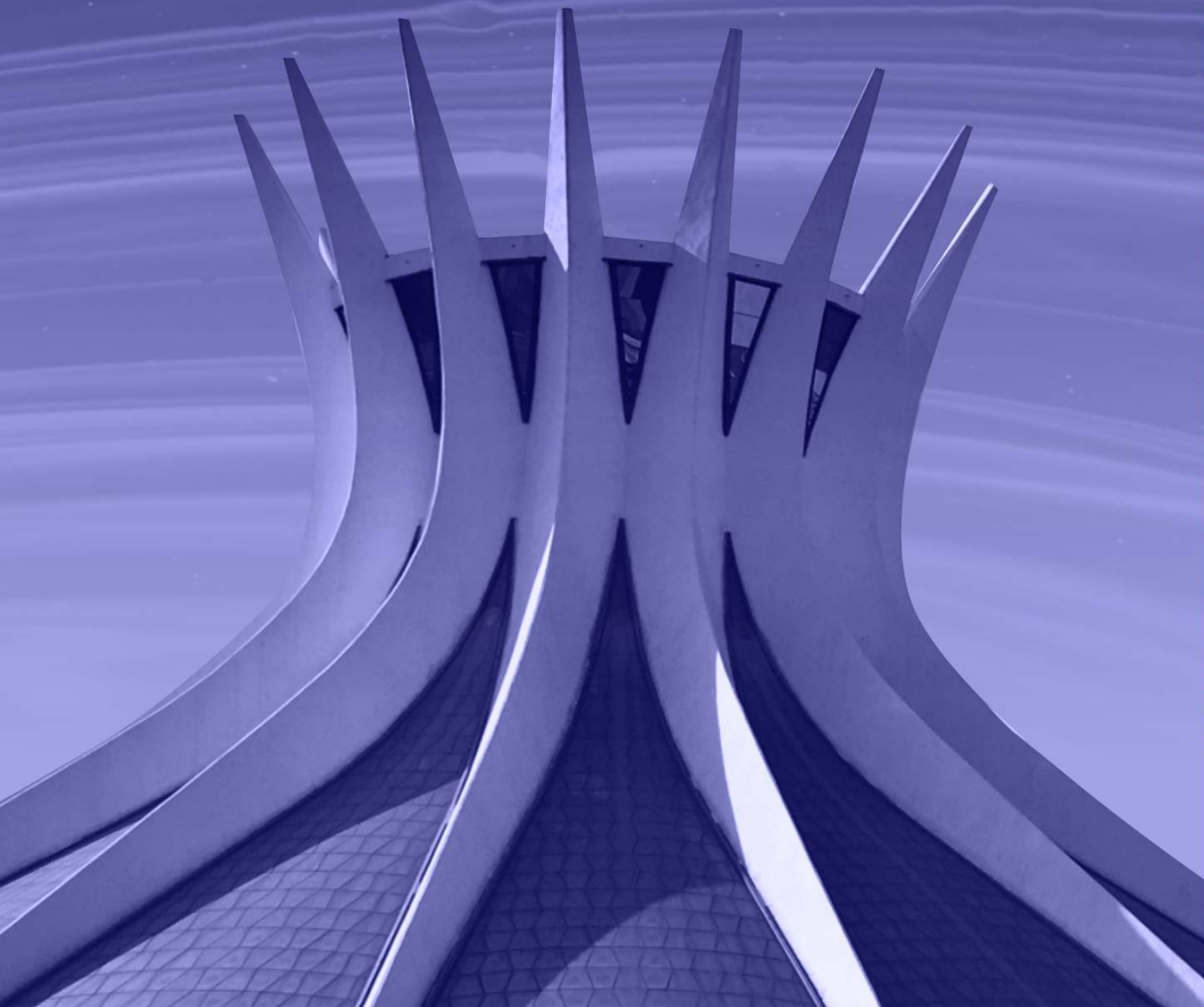
Anais

SEQTS 2025

V Simpósio Ibero-americano de Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade



COLEÇÃO

Biblioteca Psicopedagógica e Didática

DIREÇÃO

Prof. Dr. Roberto Valdés Puentes
Profa. Dra. Andréa Maturano Longarezi
Prof. Dr. Orlando Fernández Aquino

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Alberto Labarrere Sarduy – Universidad Santo Tomás – Chile
Profa. Dra. Andréa Maturano Longarezi – Universidade Federal de Uberlândia – Brasil
Prof. Dr. Antonio Bolivar Gotia – Universidad de Granada – Espanha
Profa. Dra. Cláudia Souza – ESEBA – Brasil
Profa. Dra. Diva Souza Silva – Universidade Federal de Uberlândia – Brasil
Profa. Dra. Elaine Sampaio Araújo – Universidade de São Paulo – Brasil
Profa. Dra. Fabiana Fiorezi de Marco – Universidade Federal de Uberlândia – Brasil
Prof. Dr. Francisco Curbelo Bermúdez – AJES – Brasil
Prof. Dr. Humberto A. de Oliveira Guido – Universidade Federal de Uberlândia – Brasil
Profa. Dra. Ilma Passos Alencastro Veiga – Universidade de Brasília – Brasil
Prof. Dr. Isauro Beltrán Núñez – Universidade Federal de Rio Grande do Norte – Brasil
Profa. Dra. Liudmila Guseva – Universidade Técnica Estadual Magnitogorsk – Rússia
Prof. Dr. Luis Eduardo Alvarado Prada – Universidade Federal da Integração Latino-americana – Brasil Prof. Dr. Luis Quintanar Rojas – Universidad Autónoma de Puebla – México
Profa. Dra. Maria Aparecida Mello – Universidade Federal de São Carlos – Brasil
Profa. Dra. Maria Célia Borges – Universidade Federal do Triângulo Mineiro – Brasil
Prof. Dr. Orlando Fernández Aquino – Universidade de Uberaba
Prof. Dr. Pascual Valdés Rodríguez – Universidad Central Marta Abreu, Santa Clara – Cuba
Profa. Dra. Patrícia Lopes Jorge Franco – Universidade Estadual de Minas Gerais – Brasil
Prof. Dr. Reinaldo Cueto Marin – Universidad Pedagógica de Sancti Spíritus – Cuba
Prof. Dr. Roberto Valdés Puentes – Universidade Federal de Uberlândia – Brasil
Prof. Dr. Ruben de Oliveira Nascimento – Universidade Federal de Uberlândia - Brasil
Prof. Dr. Serigne Ababacar Cisse Ba – Universidade Federal de Goiás – Brasil
Profa. Dra. Silvia Ester Orrú – Universidade Federal de Alfenas – Brasil
Profa. Dra. Suely Amaral Mello – Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho – Brasil
Profa. Dra. Waleska Dayse Sousa – Universidade de Uberaba – Brasil
Prof. Dr. Wender Faleiro – Universidade Federal de Goiás – Brasil
Profa. Dra. Yulia Solovieva – Universidad Autónoma de Puebla – México

SÉRIE III – ANAIS DE EVENTOS

Coordenação:
Prof. Dr. Roberto Valdés Puentes
Profa.Dra. Andréa Maturano Longarezi

VOLUME 4 – V Simpósio Ibero-Americano de Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade

Organizadores:
José Fernando Patiño Torres – UnB
Roberto Valdés Puentes – UFU
Maristela Rossato – UnB

Equipe técnica de apoio aos Anais:

Andreia dos Santos Gomes Vieira - UnB
Bruno Reis Bernardo Cobucci - UnB

Comissão Organizadora

Coordenador:
Daniel Magalhães Goulart (Universidade de Brasília)

Coordenadora Adjunta:
Luciana de Oliveira Campolina (Centro Universitário de Brasília)

Ana Maria Orofino (Universidade de Brasília, Brasil)
Bruno Reis Bernardo Cobucci (Universidade de Brasília, Brasil)
David Subero (Universidad de Girona, Espanha)
Félix Jorge Robinson Samuells (Universidade de Brasília, Brasil)
Jorge Bahamondes Leal (Fundación Mente, Chile)
Lourdes Mara Ilizastigui Del Portal (Universidad Santo Tomas, Santiago, Chile)
Lucinete Teixeira dos Santos Sampaio (Universidade de Brasília/Secretaria de Educação do Distrito Federal, Brasil)
Luiz Roberto Rodrigues Martins, (Universidade de Brasília, Brasil)
Maria Carmen Villela Rosa Tacca, (Universidade de Brasília, Brasil)
Maria do Socorro Martins Lima (Secretaria de Educação do Distrito Federal, Brasil)
Mariana Oliveira dos Santos (Conselho Federal de Engenharia e Agronomia, Brasil)
Mariano Acciardi (Universidad de Buenos Aires, Argentina)
Pablo Fossa (Universidad del Desarrollo, Santiago, Chile)
Virgínia Silva (Universidade Federal de Uberlândia, Brasil)
Wanda Rodríguez Arocho (Universidad de Puerto Rico, Porto Rico)

Apoio Organizador:
Beatriz Passaglia dos Santos (Universidade de Brasília, Brasil)
Carla Maria de Almeida Gonzales (Centro Universitário de Brasília, Brasil)
Clarissa Gomes Vidal (Universidade de Brasília, Brasil)
Elisângela Duarte Almeida Mundim (Secretaria de Educação do Distrito Federal, Brasil)
Isabela Oliveira da Cunha (Universidade Estadual de Campinas, Brasil)
Juliana Moreira Mendanha de Souza (Universidade de Brasília, Brasil)
Lisbet Perez Salinas (Universidade de Brasília, Brasil)
Maria Luiza Alves de Carvalho (Universidade de Brasília, Brasil)
Mateus Brandão Lerbach (Centro Universitário de Brasília, Brasil)
Natália Neiva Milhomens (Universidade de Brasília, Brasil)
Paola Mariel Monasterio de la Mensa (Universidade de Brasília, Brasil)
Sandra Maria Costa Barbosa (Universidade de Brasília / Secretaria de Educação do Distrito Federal, Brasil)
Sandra Regina de Oliveira (Secretaria de Educação do Distrito Federal, Brasil)

Comissão Científica
Coordenador:
José Fernando Patiño Torres (Universidade de Brasília, Brasil)

Coordenadora Adjunta:
Cristina Massot Madeira Coelho (Universidade de Brasília, Brasil)

Albertina Mitjáns Martínez (Universidade de Brasília, Brasil)
Alexandra Ayach Anache (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil)
Amanda Marina Andrade Medeiros (Universidade de Brasília, Brasil)
Ana Valéria Marques Fortes Lustosa (Universidade Federal do Piauí, Brasil)
Andrela Garibaldi Loureiro Parente (Universidade Federal do Pará, Brasil)
Antoinette Alom (Universidad de Puerto Rico, Puerto Rico)
Carolina Torres Oliveira (Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Brasília, Brasil)
Catherine Muñoz Urrutia (Universidad Autónoma de Chile, Chile)
Elaine Pasquim (Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional na Presidência da República, Brasil)
Geandra Claudia Silva Santos (Universidade Estadual do Ceará, Brasil)
Gláucia Melasso Garcia de Carvalho (Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Brasília, Brasil)
Gustavo Cantú (Universidad de Buenos Aires, Argentina)
José Moysés Alves (Universidade Federal do Pará, Brasil)
Luciana da Silva Oliveira Lemes (Secretaria de Educação do Distrito Federal, Brasil)
Maristela Rossato (Universidade de Brasília, Brasil)
Norma da Luz Ferrarini (Universidade Federal do Paraná, Brasil)
Pilar de Almeida (Rede Nacional de Ensino e Pesquisa, Brasil)
Roberto Valdés Puentes (Universidade Federal de Uberlândia, Brasil)
Rogério Zanon da Silveira (Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil)
Valdívia de Lima Pires Egler (Secretaria de Educação do Distrito Federal, Brasil)
Valéria Deusdará Mori (Centro Universitário de Brasília, Brasil)
Vannúzia Leal Andrade Peres (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil)
Victor Bernardes (Universidade Federal do Amazonas, Brasil)
Wilsa Maria Ramos (Universidade de Brasília, Brasil)

Apoio Científico:

Mestrandas
Delani Marcele Da Cruz Pereira De Souza
Hindyanay Sthephani De Cassia Campos

Doutorandas
Andreia dos Santos Gomes Vieira
Gisele Ferreira Tacca
Simone Monteiro Ribeiro
Marluce De Souza Oliveira

Apoio Interinstitucional Nacional
Adriana Ziemer Gallert (Ousar - Desenvolvimento Humano Inspirador e Criativo)
Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende (Universidade de Brasília)
Ana Luiza de França Sá (Instituto Federal de Brasília)
Ana Maria Jacó-Vilela (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro)
Ana Mercês Bahia Bock (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)
Angela Maria Cristina Uchoa de Abreu Branco (Universidade de Brasília)
Artur Mamed Cândido (Secretaria de Educação do Distrito Federal)
Beatriz Scoz (Instituto Sedes Sapientiae)
Caroline Nunes Silva (Universidade do Distrito Federal)
Clara Diniz (Secretaria de Educação do Distrito Federal)
Edi Silva Pires (Universidade do Distrito Federal)
Eduardo Gonçalves Rocha (Universidade Federal de Goiás)
Elias Batista dos Santos (Secretaria de Educação do Distrito Federal)
Fernanda Coelho Liberali (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)
Geisa Nunes de Souza Mozzer (Universidade Federal de Goiás)
Giselle de Fátima Silva (Secretaria de Saúde do Distrito Federal)
Katia do Carmo Pereira (Secretaria de Educação do Distrito Federal)
Lara Scalise (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)

Luciana Soares Muniz (Universidade Federal de Uberlândia)
Jaqueline Gomes de Jesus (Instituto Federal do Rio de Janeiro/Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)
João Antônio de Assis Mallman (Anhanguera Institucional)
Jonatas Maia Costa (Universidade de Brasília)
Juliana dos Santos Rocha (Fundação Projeto Pescar)
Karla Fernanda Wunder da Silva (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)
Larissa Polejack (Universidade de Brasília)
Marcio Pascoal Cassandre (Universidade Estadual de Maringá)
Maria da Graça Marchina Gonçalves (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)
Mariângela Momo (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)
Marília Santos Bezerra (Centro Universitário de Brasília / Universidade de Brasília)
Maurício Neubern (Universidade de Brasília)
Odair Furtado (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)
Patrícia Melo do Monte (Faculdade São Agostinho, Piauí)
Raquel de Alcântara Maragno Molina (Universidades do Distrito Federal / Centro Universitário Euro Americano)
Raquel Souza Lobo Guzzo (Pontifícia Universidade Católica de Campinas)
Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire (Universidade de Brasília)
Simone Monteiro Ribeiro (Universidade Estadual de Montes Claros)
Stela Martins Telles (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília)
Vaneska Krick Ratund (Ousar - Desenvolvimento Humano Inspirador e Criativo)
Vera Lucia Trevisan de Souza (Pontifícia Universidade Católica de Campinas)
Wanda Maria Junqueira de Aguiar (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)
Zochil González Arenas (Universidade Estadual do Rio de Janeiro)

Apoio Interinstitucional Ibero-Americano
Adalberto Ascuña Rivera (Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Arequipa, Peru)
Carlos Alberto Arredondo Salas (Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Arequipa, Peru)
Adriana Kaulino de Almeida (Universidad Diego Portales, Santiago, Chile)
Alejandra Barcala (Universidad Nacional de Lanús, Buenos Aires, Argentina)
Alexander Flores Mendoza (Centro de investigación psicológica histórico-cultural, Arequipa, Peru)
Álvaro Díaz (Universidad Tecnológica de Pereira, Pereira, Colômbia)
Ana Alicia Flores Bedregal (Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Arequipa, Peru)
Angel Deroncele Acosta (Universidad San Ignacio de Loyola, Lima, Peru)
Anna Engel (Universidade de Barcelona, Barcelona, Espanha)
Annia Esther Vizcaino Escobar (Universidad Central “Marta Abreu” de las Villas, Cuba)
Bernardo Jiménez-Domínguez (Universidad de Guadalajara, Guadalajara, México)
Carlos Manuel Osorio García (Universidad Internacional Iberoamericana, Campeche, México)
David Pavón-Cuéllar (Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, Morelia, México)
Emma Magdalena Oropeza de Anda (Universidad de Guadalajara, Guadalajara, México)
Eva Paola Arenas (Universidad de Guanajato, Guanajato, México)
Gilberto Pérez (Universidad Autónoma de México, Iztacala, México)
Gonzalo Corbo (Universidad de la República, Uruguay)
Gloria Quiñonez (Monash University, Melbourne, Austrália)
Irene Barros (Universidad de la República, Montevideu, Uruguai)
Isaac Iran Cabrera (Universidad Central “Marta Abreu” de las Villas, Cuba)
Isabel Carmona-Cobo (Universidad de Jaén, Jaén, Espanha)
Ismael E. Carreño Hernández (Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia, Tunja, Colombia)
Israel Mayo Parra (Universidad Laica Eloy Alfaro de Manabí, Manabí, Ecuador)
John Alexander Quintero-Torres (Universidad de San Buenaventura, Cali, Colômbia)
María del Toro (Universidad de Oriente, Santiago de Cuba, Cuba)
Maria Pilar Bacci Mañaricua (Universidad de la República, Uruguai)
Manuel Ángel Calviño Valdés-Fauly (Universidad de la Habana, Havana, Cuba)
Michel Dibarboure (Universidad de la República, Montevideu, Uruguai)

Miguel Gallegos (Universidad Nacional de Rosario, Rosario, Argentina)
Moisès Esteban-Guitart (Universidad de Girona, Girona, Espanha)
Mónica Bernardita Cares Martínez (Fundación MENTE, Santiago, Chile)
Natividad Laine Oquendo (Universidad de la Habana, Havana, Cuba)
Omar Bravo (Universidad ICESI, Cali, Colômbia)
Patrícia Álvarez (Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina)
Patrício López-Pismante (Universidad de Chile, Santiago, Chile)
Paula Cecilia López Vásquez (Universidad de San Carlos de Guatemala, Ciudad de Guatemala, Guatemala)
Rafael Felix Bell Rodríguez (Instituto Tecnológico Formación, Guayaquil, Equador)
Roberto Díaz Juarbe (Universidad de Puerto Rico, San José, Porto Rico)
Sheila Pérez López (Universidad de Puerto Rico, Porto Rico)
Silvia Schlemenson (Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina)
Svieta Fernández (Centro de investigación psicológica histórico cultural, Arequipa, Perú)
Walfredo González Hernández (Universidad Central "Marta Abreu" de las Villas, Santa Clara, Cuba)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Simpósio Ibero-americano de Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade (5. : 2025 : Uberlândia, MG)
Anais do V Simpósio Ibero-Americano de Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade [livro eletrônico] / [organizadores José Fernando Patiño Torres, Roberto Valdés Puentes, Maristela Rossato ; cordenadores Roberto Valdés Puentes, Andréa Maturano Longarezi. -- 1. ed. -- Uberlândia, MG : Ed. dos Autores, 2025.-- (Coleção biblioteca psicopedagógica e didática)
PDF

Vários autores.
Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-01-83891-5

1. Epistemologia 2. Filosofia 3. Subjetividade 4. Psicologia I. Torres, José Fernando Patiño. II. Puentes, Roberto Valdés. III. Rossato, Maristela. IV. Puentes, Roberto Valdés. V. Longarezi, Andréa Maturano. VI. Título. VII. Série.

25-321774.0 CDD-370.15

Índices para catálogo sistemático:

1. Subjetividade : Psicologia educacional 370.15

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Programação

Programação do Colégio Doutoral

02 de outubro de 2025

19h às 19h40min

Apresentação dos debatedores

Dra. Alexandra Ayache Anache - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
Dra. Geandra Cláudia Silva Santos - Universidade Estadual do Ceará
Dr. Daniel Magalhães Goulart - Universidade de Brasília
Dra. Wilsa Maria Ramos - Universidade de Brasília
Dr. José Fernando Patiño Torres - Universidade de Brasília
Dra. Valéria Deusdará Mori - Centro Universitário de Brasília
Dra. Luciana de Oliveira Campolina - Centro Universitário de Brasília
Dra. Cristina Massot Madeira Coelho - Universidade de Brasília
Dra. Maristela Rossato - Universidade de Brasília
Dr. José Moysés Alves - Universidade Federal do Pará

19h45min às 21h

Conferência - Imaginação e criatividade na pesquisa sobre subjetividade.

Dra. Albertina Mitjáns Martínez - Universidade de Brasília

04 de outubro de 2025

***09h às 11h30*min**

Estudos e debates

11h30min às 12h

Encerramento

Atividades do Simpósio

22 de outubro de 2025

18h às 19h

Mesa de abertura

Dra. Luciana de Oliveira Campolina - Centro Universitário de Brasília

Dra. Francine da Rocha - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil

Dra. Geandra Cláudia Silva Santos - Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Dr. Gustavo Cantú - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina

Dr. José Moysés Alves - Universidade Federal do Pará, Belém, Brasil

Dra. Luciana Soares Muniz - Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Brasil

Dra. Paula Cecília López Vásquez - Universidad de San Carlos de Guatemala, Ciudad de Guatemala, Guatemala

Dra. Vannúzia Leal Andrade Peres - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, Brasil

19h às 21h

Atividade com trechos de vídeo de Fernando González Rey

Dra. Albertina Mitjáns Martínez - Universidade de Brasília, Brasil

Dra. Lourdes Mara Ilizástigui del Portal - Universidad de Santo Tomás, Chile

23 de outubro de 2025

09h às 11h30min

Mesa Redonda Temática 1: A dimensão subjetiva do sofrimento na contemporaneidade

Debatedora:

Dra. Valéria Deusdará Mori - Centro Universitário de Brasília, Brasil

Palestrantes:

Dra. Patricia Álvarez - Universidad de Buenos Aires, Argentina

Dr. Daniel Magalhães Goulart- Universidade de Brasília, Brasil

14h às 17h30min

Grupos de Discussão Temática (Sessão 1)

24 de outubro de 2025

08h30min às 11h

Mesa Redonda Temática 2: A subjetividade e o sujeito em contextos de desigualdade e vulnerabilidade social

Debatedora:

Dra. Pilar de Almeida - Rede Nacional de Pesquisa e Ensino, Brasil

Palestrantes:

Dr. Omar Alejandro Bravo - Universidad ICESI, Colômbia

Dra. Luciana da Silva Oliveira Lemes - Secretaria de Educação do Distrito Federal, Brasil

11h às 12h

Lançamento de livros

Dr. Jorge Bahamondes Leal - Fundación Mente, Chile

14h às 17h30min

Grupos de Discussão Temática (Sessão 2)

25 de outubro de 2025

08h30 às 11h

Mesa Redonda Temática 3: Redes sociais e subjetividade

Debatedor:

Dr. José Fernando Patiño Torres - Universidade de Brasília, Colômbia/Brasil

Palestrantes:

Dra. Ana Mercês Bahia Bock - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Dra. Wilsa Maria Ramos - Universidade de Brasília, Brasil

11h às 12h

Mesa de encerramento

Dr. Daniel Magalhães Goulart - Universidade de Brasília

Dr. José Fernando Patiño Torres - Universidade de Brasília

Dr. Alvaro Díaz Gómez - Universidad Tecnológica de Pereira

Sumário

Apresentação

RESUMOS DOS TRABALHOS DO COLÉGIO DOUTORAL

CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA E PRODUÇÃO DE RECURSOS SUBJETIVOS NA INFÂNCIA: A IMAGINAÇÃO MOBILIZADA PELA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA DA LITERATURA INFANTIL
Kátia Oliveira da Silva

A CONFIGURAÇÃO SUBJETIVA DA AÇÃO E SUAS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DA EXPRESSÃO DA SUBJETIVIDADE DE CRIANÇAS COM ALTERAÇÕES NA COMUNICAÇÃO ORAL
Larissa Sena Pereira Gonçalves

VENHA BUSCAR O SEU FILHO: O ESTUDANTE QUE A ESCOLA “NÃO DÁ CONTA”
Delani Marcele da Cruz Pereira de Souza

DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E EJA: A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA DOS ESTUDANTES E O IMPACTO DO DIÁRIO DE IDEIAS NO PROCESSO DE PESQUISA
Lucinete Teixeira dos Santos Sampaio

ADOLESCENTES CON SUFRIMIENTO SUBJETIVO EN EL CONTEXTO ESCOLAR: RELACIÓN ESCUELA-FAMILIA-SUBJETIVIDAD
Lisbet Teresa Pérez Salina

DESENVOLVIMENTO SUBJETIVO DE PROFESSORES EM EXAUSTÃO: O SOFRIMENTO SUBJETIVO E A ATUAÇÃO INSTITUCIONAL DA EQUIPE ESPECIALIZADA DE APOIO À APRENDIZAGEM NA SEEDF
Sandra Regina de Souza Santos

DIÁLOGOS ENTRE SABERES E SUBJETIVIDADES: O APOIO MATRICIAL NA CONFIGURAÇÃO DO CUIDADO EM SAÚDE MENTAL INDÍGENA
Isabela de Oliveira da Cunha

CONSTRUCCIÓN DE LOS SUJETOS POLÍTICOS EN EL CONTEXTO DEL ESTALLIDO POPULAR ANDINO EN EL SUR DEL PERÚ 2021-2026
Svieta Valia Fernández González

CRIANÇAS EM ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL E FAMILIAR E O DIREITO HUMANO À PRÓPRIA HISTÓRIA DE VIDA: DIÁLOGOS ENTRE SUBJETIVIDADE, PROJETO DE VIDA E DIGNIDADE BIOGRÁFICA
Daniela de Macedo Britto Ribeiro Trindade de Sousa

OFICINAS PARA PRODUÇÃO DE RECURSOS DIDÁTICOS COM O MIRITI: MUDANÇAS NA CONFIGURAÇÃO SUBJETIVA DA AÇÃO DE APRENDER BIOLOGIA DE LICENCIANDOS
Ivana Thariny de Lima Leal

TALLER DE APRENDIZAJE: INTERVENCIONES Y TRANSFORMACIONES SUBJETIVANTES EN EL ÁMBITO COMUNITARIO
Priscila Judith Franco

ANÁLISIS DE LA CONSTRUCCIÓN DE LA TERRITORIALIDAD EN PUERTO RICO
Laura Daniela López Peinado

USO PROBLEMÁTICO DE DROGAS ENTRE UNIVERSITÁRIOS E SUBJETIVIDADE: CONTRIBUIÇÕES DA CATEGORIA CONFIGURAÇÕES SUBJETIVAS
Maria Luíza Alves de Carvalho

IMAGINACIÓN Y DEMOCRACIA. PROCESOS DE SUBJETIVACIÓN EN LA EXPERIENCIA EDUCATIVA CONTEMPORÁNEA
Sofía Adinolfi Greco

GÊNERO, SAÚDE E SUBJETIVIDADE: A PSICOTERAPIA E A POSSIBILIDADE DE PRODUÇÃO DE NOVOS RECURSOS SUBJETIVOS
Mateus Brandão Lerbach

LA SUBJETIVIDAD SOCIAL EN LA GESTIÓN DE LA ATENCIÓN PRIMARIA DE LA SALUD EN SAN JUAN, ARGENTINA: DE LA BIOMEDICALIZACIÓN AL DESARROLLO SUBJETIVO
Laura Raquel Martínez

VIVÊNCIAS SUBJETIVAS DE ESTUDANTES AUTISTAS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Mallu Nunes

MUDANÇAS E DESENVOLVIMENTO SUBJETIVO EM ESTUDOS DE BASE CONCEITUAL DA TEORIA DA SUBJETIVIDADE
Carolina Torres Oliveira

A SUBJETIVIDADE SOCIAL DA ESCOLA E SUAS IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES
DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA
Bruno de Oliveira Sales Mota
Geandra Cláudia Silva Santos

A FORMAÇÃO INICIAL COMO UM ESPAÇO/TEMPO DE APRENDIZAGEM, DE IMAGINAÇÃO E DE EMERGÊNCIA DO SUJEITO
Roberta Assunção

REDES DIGITAIS E SAÚDE MENTAL NA ADOLESCÊNCIA: IMPACTOS, MEDIAÇÕES E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO
Daniela de Souza Silva

O ESTUDO DO MODO DE VIDA NA PERSPECTIVA DA TEORIA DA SUBJETIVIDADE
Ms.Telma Oliveira Cerutti Schmidt

AS CICATRIZES COTIDIANAS REFLETIDAS NOS CORPOS: QUESTÕES PARA A PSICOLOGIA NA ESCOLA.
Laura Lorenzetti
Raquel de Souza Lobo Guzzo

A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO ESPAÇO E TEMPO DE APRENDIZAGEM
Gisele Ferreira Tacca

POSSIBILIDADES E DESAFIOS DA METODOLOGIA DE PROJETOS INVESTIGATIVOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Paula da Silva Moreira

APRENDER E ENSINAR NO CONTEXTO DAS HUMANIDADES DIGITAIS: COMPREENSÕES A PARTIR DA TEORIA DA SUBJETIVIDADE
Helena Narciso da Silva

FORMAÇÃO CONTINUADA E DESENVOLVIMENTO SUBJETIVO: INTERFACES COM A PERSONALIZAÇÃO E A DIFERENCIAÇÃO DO ENSINO EM TURMAS DO PROGRAMA SUPERAÇÃO NO DISTRITO FEDERAL
Marluce de Souza Oliveira

SUBJETIVIDADE, ESCOLA E ADOLESCÊNCIAS: CAMINHOS PARA O DESENVOLVIMENTO SUBJETIVO
Bruno Reis Bernardo Cobucci

AS EXPERIÊNCIAS SUBJETIVAS DE JOVENS ATIVISTAS DIGITAIS E SUAS TRAJETÓRIAS DE DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM A PARTIR DA TEORIA DA SUBJETIVIDADE
Ana Laura Brasil Peralta

RESUMOS DOS TRABALHOS DOS EIXOS TEMÁTICOS

EIXO TEMÁTICO 1(1). TEORIA DA SUBJETIVIDADE: AVANÇOS, DESAFIOS CONCEITUAIS E RELAÇÕES COM OUTROS CAMPOS E REFERENCIAIS TEÓRICOS

SENTIDO SUBJETIVO POLÍTICO COMO DESDOBLAMIENTO DE LA SUBJETIVIDAD POLÍTICA
Alvaro Díaz Gómez

SUBJETIVIDADE SOCIAL E INTERSUBJETIVIDADE: DIÁLOGOS ENTRE GONZÁLEZ REY E MERLEAU-PONTY
Rafael Alves Reis

DIÁLOGOS ENTRE FERNANDO GONZÁLEZ REY Y HUGO ZEMELMAN: ALTERNATIVAS PARA LA POLÍTICA SOCIAL Y LA ACCIÓN COMUNITARIA
Cristian Palma

CONTRIBUCIONES DEL GT DE PSICOLOGÍA HISTÓRICO-CULTURAL Y SUBJETIVIDAD AL 40 CONGRESO INTERAMERICANO DE PSICOLOGÍA: AVANCES Y DESAFÍOS
Roberto O. Díaz Juarbe
Antoinette Alom Alemán
Sheila Pérez-López

GONZÁLEZ REY, VYGOTSKY E MARX: AFASTAMENTOS E RECONCILIAÇÕES
Felipe Rosa-Lima

CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DA SUBJETIVIDADE À COMPREENSÃO DA PRODUÇÃO SUBJETIVA NO USO DA LINGUAGEM EM CRIANÇAS COM ATRASOS NO DESENVOLVIMENTO DA COMUNICAÇÃO ORAL
Larissa Sena Pereira Gonçalves
Maristela Rossato

LA SUBJETIVIDAD COMO CONSTRUCCIÓN ESTÉTICO-EPISTÉMICA: ARTE, EXPERIENCIA Y MODERNIDAD
Pedro J. Salinas-Quintana

EL YO COMO FICCIÓN OPERATIVA: NOTAS PARA UNA GENEALOGIA DE LA SUBJETIVIDAD MODERNA
Pedro J. Salinas-Quintana

EIXO TEMÁTICO 1(2). TEORIA DA SUBJETIVIDADE: AVANÇOS, DESAFIOS CONCEITUAIS E RELAÇÕES COM OUTROS CAMPOS E REFERENCIAIS TEÓRICOS

AS ORIGENS DO CONCEITO DE CONFIGURAÇÃO SUBJETIVA NA OBRA DE FERNANDO GONZÁLEZ REY: ENTRE A PERSONALIDADE E A SUBJETIVIDADE
Bruno Reis Bernardo Cobucci

A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE DIANTE DE SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA SEXUAL NA INFÂNCIA E PUBERDADE
Maristela Sobral Cortinhas

INFÂNCIA, ARTE E SUBJETIVIDADE: A PERFORMANCE NARRATIVA COMO ESTRATÉGIA DE INVESTIGAÇÃO NÃO VERBAL
Kátia Oliveira da Silva
Maristela Rossato

CONFIGURACIÓN SUBJETIVA DEL FUTURO EN ADOLESCENTES: UN MODELO EMERGENTE DESDE LA TEORÍA DE LA SUBJETIVIDAD
Claudia Andrea Astudillo Cardona

O SUJEITO EM DOR COMO CAMPO DE CONFIGURAÇÕES: INTERLOCUÇÕES ENTRE TEORIA DA SUBJETIVIDADE E TEORIA DA COMPLEXIDADE NA COMPREENSÃO DA FIBROMIALGIA
João Antônio Mallmann

CONTRIBUCIÓN DE LA TEORÍA DE LA SUBJETIVIDAD AL ESTUDIO DE LAS EXPERIENCIAS ESPIRITUALES
Hernán Felipe Monsalve Ospina
Milton David Henao Jiménez

O VALOR HEURÍSTICO DA TEORIA DA SUBJETIVIDADE PARA O ESTUDO DA ESPIRITUALIDADE
Telma O. Cerutti Schmidt
Maristela Rossato
José Fernando Patiño Torres

QUAL É O CONCEITO DE EMOÇÃO NO CONTEXTO DA TEORIA DA SUBJETIVIDADE DIANTE DA CATEGORIA SENTIDOS SUBJETIVOS?
Vanessa de Assis Araujo

EIXO TEMÁTICO 2. EPISTEMOLOGIA QUALITATIVA E METODOLOGIA CONSTRUTIVO INTERPRETATIVA: AVANÇOS, DESAFIOS E RELAÇÕES COM OUTROS REFERENCIAIS EPISTEMOLÓGICOS E METODOLÓGICOS

A SUBJETIVIDADE NA AÇÃO DOCENTE: REFLEXÕES A PARTIR DA PERSPECTIVA DE UM EDUCADOR POR MEIO DA EPISTEMOLOGIA QUALITATIVA
Isabella Guedes Martinez
Elias Batista dos Santos

EXPERIENCIAS DE DUELO Y ESTRATEGIAS DE AFRONTAMIENTO EN FAMILIAS TRAS EL SUICIDIO DE HIJOS ADOLESCENTES: UN ANÁLISIS FENOMENOLÓGICO A LA LUZ DE LA EPISTEMOLOGÍA CUALITATIVA
Ivon Sofia Villegas Gutiérrez

EPISTEMOLOGIA QUALITATIVA E FORMAÇÃO DOCENTE: ESTUDO E CONTRIBUIÇÕES DA CONFIGURAÇÃO DA SUBJETIVIDADE INDIVIDUAL DO PESQUISADOR NO PROCESSO DE PESQUISA
Selma de Sousa Silva

CONEXÕES ENTRE AS METODOLOGIAS CONSTRUTIVO-INTERPRETATIVA E A AUTOBIOGRÁFICA NO CONTEXTO DA ANÁLISE DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES-PESQUISADORES
Vitória Cristina Ferreira Santos
Everton Viesba
Marilena Rosalen

LA OBRA GONZÁLEZ REY – MITJANS MARTÍNEZ: HERRAMIENTA TEÓRICO-METODOLÓGICA DE VANGUARDIA EN LA ERA DE LA INTELIGENCIA ARTIFICIAL
Vilma Garrido Riquenes

PESQUISAS COM CRIANÇAS PEQUENAS INSPIRADAS NA EPISTEMOLOGIA QUALITATIVA DE GONZÁLEZ REY
Silvana de Medeiros da Silva,
Daniel Medeiros dos Santos,
Mariangela Momo,

MULHERES DO CAFÉ: UMA INTERVENÇÃO METODOLÓGICA PELA TEORIA DA SUBJETIVIDADE
Carine Maria Senger
Marcio Pascoal Cassandre

SUBJETIVIDADE NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS: DESAFIOS NA PESQUISA QUALITATIVA
Carine Maria Senger
Marcio Pascoal Cassandre

EIXO TEMÁTICO 3. A DIMENSÃO SUBJETIVA DA DESIGUALDADE SOCIAL, ÉTNICO-RACIAL E SUAS INTERSECCIONALIDADES

DESCONSTRUINDO O RACISMO NOS CONTEXTOS EDUCATIVOS: DIÁLOGOS ENTRE A PSICOLOGIA CULTURAL SEMIÓTICA E A TEORIA DA SUBJETIVIDADE
Ana Flávia do Amaral Madureira
Luciana Dantas de Paula
Raquel Alkimim Martins

DIVERSIDADE CULTURAL E ÉTNICO-RACIAL: UMA PERSPECTIVA SUBJETIVA DE INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Andreia dos Santos Gomes Vieira
Cristina Massot Madeira Coelho

"JÁ VIU ELES CHORAR PELA COR DO ORIXÁ?" SUBJETIVIDADE E DESIGUALDADE ÉTNICO-RELIGIOSA
Andreia dos Santos Gomes Vieira
Cristina Massot Madeira Coelho

SUBJETIVIDAD, APEGO Y TENDENCIA ANTISOCIAL EN ADOLESCENTES EN RIESGO: UN ESTUDIO COMPARATIVO INTERCULTURAL PERÚ–FRANCIA DESDE LA PERSPECTIVA PSICOANALÍTICA
Leonel Roger Revilla Cruz

A SUBJETIVIDADE SOCIAL MANIFESTADA NA CONFIGURAÇÃO SUBJETIVA DA PERSPECTIVA DE FUTURO DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO.
Luana Halisani Felix de Almeida Vieira
Maristela Rossato

RESISTÊNCIAS NAS PERIFERIAS DE SÃO PAULO – DIMENSÃO SUBJETIVA DA REALIDADE E CONDIÇÕES PARA A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO
Maria da Graça Marchina Gonçalves
Ana Mercês Bahia Bock
Sandra Gagliardi Sanchez

NEGRITUDE E SAÚDE MENTAL EM ESTUDANTES DA UNB: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DA SUBJETIVIDADE
Wallace Diniz Damasceno Oliveira

DESIGUALDADES SOCIALES Y SU IMPACTO EN LA SOCIEDAD LÍQUIDA EN AMÉRICA LATINA EL CARIBE Y CUBA COMO CONSECUENCIA DE LA POLÍTICA IMPERIAL EN EL SIGLO XXI
Yosleidis Lazo Fisch

EIXO TEMÁTICO 4. A DIMENSÃO SUBJETIVA DE GÊNERO, SEXUALIDADE, DIVERSIDADE E SUAS INTERSECCIONALIDADES

A NEGATIVIDADE COMO CONFIGURAÇÃO SUBJETIVA DE VIVÊNCIAS DISSIDENTES: A NÃO MONO-HETERO-CISNORMATIVIDADE EM PAUTA
Camila Ribeiro Castro Soare
José Fernando Patiño Torres

SUBJETIVIDADE E GÊNERO: UMA ANÁLISE SOBRE OS ESTUDOS PSICOSSOCIAIS DO NÚCLEO DE ASSESSORAMENTO ÀS VARAS CÍVEIS E DE

FAMÍLIA (NERAF) DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO DISTRITO FEDERAL E DOS TERRITÓRIOS (TJDFT)
Glauber Soares Costa Marinho

ALÉM DA NORMA: O LUGAR DO CUIDADO NA SUBJETIVIDADE SOCIAL DE INSTITUIÇÕES JURÍDICAS COM VÍTIMAS DE FEMINICÍDIO
Lucía Rodríguez González
Anna Paula Uziel
Jimena de Garay Hernández

A ESCUTA SENSÍVEL E A SUBJETIVIDADE DO SER MASCULINO: QUEM ESCUTA OS MENINOS?
Maria Dolores dos Santos Vieira

A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA DA IDENTIDADE DE GÊNERO: COMO SE (DES)CONSTRÓI O FEMININO?
Maria Dolores dos Santos Vieira

SUBJETIVIDAD EN TENSIÓN: DE LA CRÍTICA EPISTÉMICA A LAS PRÁCTICAS MICROPOLÍTICAS EN CONTEXTOS DE DIVERSIDAD
Mariano Acciardi

MASCULINIDADES E VIOLÊNCIA SIMBÓLICA: UMA ABORDAGEM SUBJETIVA SOBRE MISOGINIA E DESIGUALDADE DE GÊNERO.
Maria Rita de Melo Portela
Mateus Brandão Lerbach
Valéria Deusdará Mori

DISSIDÊNCIAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO: A SUBJETIVIDADE SOCIAL EM FOCO
Natália Neiva Milhomens
Daniel Magalhães Goulart

GÊNERO, SEXUALIDADE E DIVERSIDADE: DIÁLOGOS ENTRE A PSICOLOGIA CULTURAL SEMIÓTICA E A TEORIA DA SUBJETIVIDADE
Ana Flávia do Amaral Madureira
Isabella Alves Alencar de Araujo
Juliane Mesquita Obando
Jordana Viana Carvalho Fonseca

IMPLICAÇÕES SUBJETIVAS NA SAÚDE MENTAL DE UNIVERSITÁRIOS TRANS
Sabrina Albuquerque Martins
José Fernando Patino Torres

CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO “AUTIGÊNERO: CONSTRUINDO NOVAS COMPREENSÕES DE GÊNERO A PARTIR DA SUBJETIVIDADE DE PESSOAS AUTISTAS TRANS NÃO BINÁRIAS”
Serafim Lissa Koga

Norma da Luz Ferrarini

RELAÇÕES SOCIAIS SUBJETIVADAS: UM DIÁLOGO ENTRE A TEORIA DA SUBJETIVIDADE E A CONSUBSTANCIALIDADE EM RAÇA, CLASSE SOCIAL E SEXO-GÊNERO
Victor Hugo Brandão Meireles
Norma da Luz Ferrarini

MUDANÇAS SUBJETIVAS VIVENCIADAS POR UNIVERSITÁRIOS INDÍGENAS
Norma da Luz Ferrarini
Francine Rocha
Ana Carolina Lopes Venâncio

EIXO TEMÁTICO 5(1). A SUBJETIVIDADE E OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES E DE OUTROS PROFISSIONAIS

A SUBJETIVIDADE SOCIAL DA ESCOLA E SUAS IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES
Bruno de Oliveira Sales Mota
Geandra Cláudia Silva Santos

O CUIDADO NA PRÁTICA EDUCATIVA EM PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO: EXPERIÊNCIAS NA FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA
Clara Maria Miranda de Sousa

INVESTIGAÇÃO, AUTORIA E SUBJETIVIDADE:
ANÁLISES E CONTRIBUIÇÕES DE UM MOVIMENTO COLETIVO DE PRODUÇÃO DE SABERES DOCENTES
Elias Batista dos Santos
Elisângela Duarte Almeida Mundim
Kátia Regina do Carmo Pereira

A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA COMO ESPAÇO DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA TEORIA DA SUBJETIVIDADE E DA EPISTEMOLOGIA QUALITATIVA
Elias Batista dos Santos

MOVIMENTOS DA AÇÃO DOCENTE: RECURSOS SUBJETIVOS E A PRODUÇÃO DE SABERES PEDAGÓGICOS
Elisângela Duarte Almeida Mundim
Maria Carmen Villela Rosa Tacca

A OBSERVAÇÃO E O REGISTRO PEDAGÓGICOS COMO CONTEXTOS DE APRENDIZAGENS DO PROFESSOR
Valdívia de Lima Pires Egler
Albertina Mitjáns Martínez

A ESCRITA COMO PRÁTICA SUBJETIVA NA FORMAÇÃO DE PESQUISADORAS
Valdívia de Lima Pires Egler
Luciana da Silva Oliveira Lemes

ENTRE OS DESAFIOS E A FORMAÇÃO: PRODUÇÕES SUBJETIVAS DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL ATUANDO EM TURMAS COM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA
Giselle Jacinto Lara

APRENDER E ENSINAR NO CONTEXTO DAS HUMANIDADES DIGITAIS: COMPREENSÕES A PARTIR DA TEORIA DA SUBJETIVIDADE
Helena Narciso da Silva
Dra.Wilsa Maria Ramos

TECEDURA PSICOPEDAGÓGICA COM PROFESSORES EM TEMPOS DE FORMAÇÃO ON- LINE: UMA EXPERIMENTAÇÃO
Maria do Carmo Ribeiro Abreu

EIXO TEMÁTICO 5(2). A SUBJETIVIDADE E OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES E DE OUTROS PROFISSIONAIS

FORMAÇÃO DOCENTE PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM OLHAR SOBRE A INTERSUBJETIVIDADE NO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR E SOCIAL.
Mariza P. Porto

ESCUTA EMPÁTICA: UMA COMPOSIÇÃO DE NÓS
Priscila Sollito Cardozo

EDUCAÇÃO BÁSICA NO BRASIL PÓS-PANDEMIA: A DIMENSÃO SUBJETIVA DO TRABALHO DOCENTE SOB AS LENTES DO NEOLIBERALISMO
Priscila Sollito Cardozo
Laura Santoro de Medeiros
Sarah Rosindo Daher e Barros

LA PARTICIPACIÓN DE ESTUDIANTES DE PROFESORADO EN ACCIONES DE EXTENSIÓN, INDAGANDO SOBRE LA CONFIGURACIÓN SUBJETIVA DE PRÁCTICAS EN CONTEXTOS COMUNITARIOS
Rafael Gonzalez
Daniel Magalhães Goulart

A FORMAÇÃO DOCENTE COMO ESPAÇO DE PRODUÇÃO SUBJETIVA
Roberta Assunção
Maristela Rossato

DIARIO DE CAMPO Y SUBJETIVIDAD: HACIA UNA FORMACIÓN DOCENTE CRÍTICA Y CREADORA
Sheila Pérez-López
Roberto O Díaz Juarbe
Antoinette Alom Alemán

DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS NA FORMAÇÃO E PRÁTICA DE PROFESSORES-PESQUISADORES A PARTIR DE PERCEPÇÕES EM NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS
Vitória Cristina Ferreira Santos
Everton Viesba
Marilena Rosalen

SUBJETIVIDADE E SIGNIFICAÇÕES - CATEGORIAS ESSENCIAIS À PESQUISA
Wanda Maria Junqueira de Aguiar
Priscila Sollito Cardozo
Sarah Rosindo Daher e Barros

SUBJETIVIDADE E PERSONALIZAÇÃO DO ENSINO DE BIOGEOGRAFIA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE PREPARAÇÃO PARA A DOCÊNCIA NA AMAZÔNIA
Jamilly Souza de Azevedo
José Moysés Alves
Andrela Garibaldi Loureiro Parente

MUDANÇAS SUBJETIVAS RELACIONADAS À PREPARAÇÃO PARA PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO DA HORTA ESCOLAR
Jeedir Rodrigues de Jesus Gomes
José Moysés Alves

EIXO TEMÁTICO 5(3). A SUBJETIVIDADE E OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES E DE OUTROS PROFISSIONAIS

SUBJETIVIDADE SOCIAL E CLUBE DE CIÊNCIAS: UM ESTUDO DE CASO NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES
Isabel Cristina de Castro Kondarzewski

MUDANÇAS SUBJETIVAS NA PREPARAÇÃO PARA A DOCÊNCIA DURANTE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE BIOLOGIA
Marilda Vinhote Bentes
José Moysés Alves

APROXIMAÇÕES ENTRE A TEORIA DA SUBJETIVIDADE E A PSICOLOGIA CULTURAL SEMIÓTICA: IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR
Gláucia Melasso Garcia de Carvalho
Angela Branco Uchoa

ESTÁGIO DOCÊNCIA: O ENTRELAÇAMENTO DA SUBJETIVIDADE, DA APRENDIZAGEM E DO DESENVOLVIMENTO HUMANO
Juliana Galvão Fonseca
Maria Elisa Carneiro Pereira Pinto
Sandra Ferraz C. D. Freire

PROJETO ESCOLA NAS ESTRELAS DOURADOS (ENED): TEORIA DA SUBJETIVIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE EM AÇÃO NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
Elias Batista dos Santos
Isabella Guedes Martinez

A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DA SUBJETIVIDADE
Karla Wunder da Silva
Bettina Steren dos Santos

DIREÇÃO ESCOLAR E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO FAVORECIMENTO DA INOVAÇÃO
Gláucia Melasso Garcia de Carvalho
Albertina Mitjáns Martínez

ATELIÊ DE ARTE E CRIATIVIDADE NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL
Lara Nassar Scalise
Luísa Scalise de Almeida

EIXO TEMÁTICO 6. A SUBJETIVIDADE E OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS NA ATUAÇÃO DOCENTE

A DIMENSÃO SUBJETIVA DA EDUCAÇÃO MORAL ESCOLAR NA ATUAÇÃO CONTEMPORÂNEA DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO
Carla Maria de Almeida Gonzales
Luciana de Oliveira Campolina

SOFRIMENTO SUBJETIVO DE DOCENTES NA REDE PÚBLICA DE ENSINO DO DISTRITO FEDERAL
Clarissa Vidal

DESAFIOS NA SALA DE AULA EM RELAÇÃO À INDISCIPLINA? CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DA SUBJETIVIDADE.
Maria do Socorro Martins Lima
Maria Carmen Villela Rosa Tacca

SUBJETIVIDADE E AVALIAÇÃO FORMATIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O DIÁRIO DE IDEIAS COMO MEDIADOR DA AÇÃO PEDAGÓGICA
Pâmela Faria Oliveira
Luciana Soares Muniz

CREATIVIDAD, SUBJETIVIDAD Y POLÍTICA INFANTIL: SISTEMATIZACIÓN DEL DÍA DEL TRUEQUE Y DEL PODCAST ESCOLAR COMO EXPERIENCIAS DE CONSTITUCIÓN DE SUJETOS POLÍTICOS EN LA ESCUELA
Svieta Fernández González

O PROCESSO CONSTRUTIVO-INTERPRETATIVO PARA O ESTUDO SOBRE PERTENCIMENTO AO AMBIENTE ESCOLAR/ACADÊMICOS DE ESTUDANTES COTISTAS NO INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA – CAMPUS SAMAMBAIA.
Stela Martins Teles
Lucas Lopes
Ana Cléa Ribeiro

A IMPORTÂNCIA DA PRODUÇÃO DE SENTIDOS SUBJETIVOS NOS PROCESSOS DE APRENDER E ENSINAR: AULA DE HISTÓRIA
Vilma Nardes Silva Rodrigues

A CONFIGURAÇÃO SUBJETIVA E O SISTEMA DE MONITORAMENTO: PROPOSTA DE DIÁLOGO PARA O EXERCÍCIO DOCENTE
Virgínia Silva
Roberto Valdés Puentes

PRODUÇÃO ARTÍSTICA E SUBJETIVIDADE: ANÁLISE DA CONFIGURAÇÃO SUBJETIVA DA AÇÃO DE DESENHAR DE UM ESTUDANTE DO QUINTO ANO
Wellington dos Santos
Elias Batista dos Santos

MODOS DE INTERVENCIÓN SUBJETIVANTES EN EL “TALLER DE APRENDIZAJE”: EL LUGAR DE LA IMAGINACIÓN Y LA CREACIÓN EN LOS PROCESOS DE APRENDIZAJE
Cantú Gustavo
Franco Priscila Judith
López Camila Antonella

EXPERIENCIAS EN ATENCIÓN DE CASOS POR VIOLENCIA SEXUAL: VOCES DE DIRECTORES Y DOCENTES DE INSTITUCIONES EDUCATIVAS PÚBLICAS
Ydalia Maria Chavez Sanz

PREVENCIÓN DE LOS TRASTORNOS DE LA CONDUCTA DESDE LA PEDAGOGÍA DEL CONFLICTO EMOCIONAL
Nelly Hodelín Amable
Lenin Tremont Franco
Clara Ofelia Suárez Rodríguez

EIXO TEMÁTICO 7(1). A DIMENSÃO SUBJETIVA DA APRENDIZAGEM ESCOLAR

O QUE FAZEM PROFESSORES/AS CONSIDERADOS INCLUSIVOS? UM OLHAR RELACIONAL PARA A INCLUSÃO ESCOLAR
Ana Luiza de França Sá
Milena Silva de Castro
Heloísa Moreira de Souza
Gabrielle Cristiny Abreu e Silva

TRAJETÓRIAS UNIVERSITÁRIAS E SOFRIMENTO SUBJETIVO: UM OLHAR A PARTIR DA TEORIA DA SUBJETIVIDADE
Beatriz Passaglia dos Santos
Daniel Magalhães Goulart

APRENDIZAGEM E SUBJETIVIDADE: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL
Alexandra Ayach Anache

(RE)PENSANDO O TEA: SUBJETIVIDADE PARA ALÉM DO DIAGNÓSTICO
Karla Wunder da Silva
Bettina Steren dos Santos

EDUCAÇÃO ESPECIAL E DOCENTES COORDENADORES DE CURSO NA EPT: AS CONFIGURAÇÕES SUBJETIVAS SOBRE A ESCOLHA DA CARREIRA DOCENTE E ORGANIZAÇÃO DIDÁTICA E PEDAGÓGICA
Andréa Duarte de Oliveira
Alexandra Ayach Anache

A PESSOA AUTISTA E A EMERGÊNCIA COMO AGENTE
Delani Marcele da C Pereira de Souza
Cristina Massot Madeira Coelho

SUPERANDO BARREIRAS: O PROTAGONISMO DE UM ACADÊMICO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NA EDUCAÇÃO SUPERIOR
Alexandra Ayach Anache
Agna dos Santos Anicesio

SUBJETIVIDADE SOCIAL E INCLUSÃO ESCOLAR - A COLABORAÇÃO PROFISSIONAL COMO ASPECTO CONSTITUTIVO DO PROCESSO DE RECONFIGURAÇÃO DO PAPEL DO DIAGNÓSTICO MÉDICO
Kátia Regina do Carmo Pereira

VIVÊNCIAS SUBJETIVAS DE ESTUDANTES AUTISTAS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Mallu Nunes
Wilsa Ramos

SOFRIMENTO SUBJETIVO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO ESPAÇO ESCOLAR
Paola Mariel Monastério de La Menza

SUBJETIVIDADE SOCIAL E TRABALHO PEDAGÓGICO NA INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM TEA: SENTIDOS SUBJETIVOS PRODUZIDOS NO COTIDIANO ESCOLAR
Sandra Maria Costa Barbosa
Cristina Massot Madeira Coelho

EIXO TEMÁTICO 7(2). A DIMENSÃO SUBJETIVA DA APRENDIZAGEM ESCOLAR

OFICINAS DE APRENDIZAGEM POR MODELOS SOBRE MICRORGANISMOS: MUDANÇAS NA CONFIGURAÇÃO SUBJETIVA DA AÇÃO DE APRENDER DE ANDRÉ
Ivana Thariny de Lima Leal,
Marina Dêisedely Damasceno dos Santos Oliveira
Andrela Garibaldi Loureiro Parente

A CONFIGURAÇÃO GERADORA DE DANOS DE UM ESTUDANTE COM TEA E A SUA RELAÇÃO COM A DIMENSÃO OPERACIONAL DA APRENDIZAGEM ESCOLAR
Brena Barbosa
José Moysés Alves

A DIMENSÃO SUBJETIVA E OPERACIONAL DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM EM QUÍMICA
Caio Renan Goes Serrão
Andrela Garibaldi Loureiro Parente

A DIMENSÃO SUBJETIVA E OPERACIONAL DA APRENDIZAGEM DE QUÍMICA: CASO LUNA
Ester Caroline de Souza Vilhena
Andrela Garibaldi Loureiro Parente

DIÁRIO DE IDEIAS: EXPERIENCIAR, REGISTRAR E COMPARTILHAR BIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO
Hanna Patrícia da Silva Bezerra

SUBJETIVIDADE E DESAFIOS PARA CRIAR EM ESPAÇOS DE FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE
Carolina Torres Oliveira
Albertina Mitjáns Martínez

OPERAÇÕES DO PENSAMENTO EM VYGOTSKY: ANTECEDENTE RELEVANTE PARA O ESTUDO DA RELAÇÃO SUBJETIVO-OPERACIONAL
José Moysés Alves

SUBJETIVIDAD Y APRENDIZAJE ESCOLAR DESDE LA PERSPECTIVA HISTÓRICO CULTURAL EN UN ESTABLECIMIENTO PRIVADO SUBVENCIONADO
Lourdes Ilizástigui del Portal
Natalia Castañeda Mujica
Sofía Gutierrez Mardones
Ignacia Sepulveda Jara

SALA DE RECURSOS E SUBJETIVIDADE: A ANÁLISE DE UM INSTRUMENTO INVESTIGATIVO COMO POSSIBILIDADE DIALÓGICA NA RELAÇÃO DOCENTE/DISCENTE
Luciane Alves Rodrigues de Sousa

SEXO SEM PARCEIRO? TEORIAS IMPLÍCITAS E CONFIGURAÇÃO SUBJETIVA DA APRENDIZAGEM SOBRE REPRODUÇÃO DE SERES VIVOS
Maria Luciane Cardoso da Silva
José Moysés Alves

EIXO TEMÁTICO 8. SUBJETIVIDADE NAS INSTITUIÇÕES E ORGANIZAÇÕES E OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E SUBJETIVIDADE COMO POLÍTICA PÚBLICA: APOIO AOS PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO EM SÃO PAULO
Vilma Nardes Silva Rodrigues

OUSAR - DESENVOLVIMENTO HUMANO INSPIRADOR E CRIATIVO: AÇÕES QUE VALORIZAM OS PROCESSOS SUBJETIVOS DA APRENDIZAGEM E DO DESENVOLVIMENTO HUMANO
Adriana Ziemer Gallert
Vaneska Krick Ratund

DESDOBLAR LA EXPERIENCIA: LAS SUBJETIVIDADES Y CORPORALIDADES DEL CÁNCER DE MAMA DE MUJERES PERTENECIENTES AL COLECTIVO “UNIDAS EN UNA SOLA VOZ”
Azalea Toledo Magaña

EL FACTOR HUMANO EN LA ACCIÓN: REDEFINIENDO LA DOCTRINA MILITAR CONTEMPORÁNEA
Federico Aníbal Martínez Vélez

ENFRENTANDO O CAPACITISMO: A EXPERIÊNCIA DO DIÁRIO DE IDEIAS NA EJA
Lucinete Teixeira dos Santos Sampaio
Cristina Massot Madeira Coelho

ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE OS LIMITES DA INCLUSÃO E A EXCLUSÃO SIMBÓLICA
Mariana da Silva Ayala

TRAMAS SUBJETIVANTES EN INSTITUCIONES A CARGO DE PRIMERA INFANCIA VULNERABLE
Analía Dieguez
Patricia Álvarez

LA CONSTRUCCIÓN DE CONOCIMIENTO DESDE LA UNIVERSIDAD DE SAN CARLOS DE GUATEMALA PARA UNA CULTURA DEL CUIDADO: HACIA UNA POLÍTICA PÚBLICA DE LA SALUD MENTAL EN DIÁLOGO CON EPISTEMOLOGÍAS INDÍGENAS ANCESTRALES
Paula Cecilia López

“... EU SEMPRE TÔ EVOLUINDO AQUI ...” CONFIGURAÇÕES SUBJETIVAS DOS TRABALHADORES DA ASSOCIAÇÃO DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DA ILHA DE VITÓRIA - AMARIV
Rogério Zanon da Silveira

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E INCLUSÃO NA UNIVERSIDADE
Ronald Maicon Barbosa de Souza
Raquel de Alcântara

EIXO TEMÁTICO 9. REDES SOCIAIS, CULTURA DIGITAL E SUBJETIVIDADE: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

AS TELAS E A BRINCADEIRA DE FAZ DE CONTA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TEORIA DA SUBJETIVIDADE
Adriana Costa Martins
Wilsa Maria Ramos

LA IA Y EL FIN DE LA SUBJETIVIDAD MODERNA: DE MONTAIGNE A CHATGPT
Pedro J. Salinas-Quintana

REDES DIGITAIS E SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES: SENTIDOS SUBJETIVOS E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO EM CONTEXTOS ESCOLARES
Daniela de Souza Silva

SIGNIFICAÇÕES DO SOFRIMENTO JUVENIL IMERSO NA SUBJETIVIDADE DA CULTURA DIGITAL
Laura Santoro de Medeiros
Priscila Sollito Cardozo
Sarah Rosindo Daher e Barros

EVITACIÓN EN LA ERA DIGITAL: RELECTURA DE UN ESTUDIO DE CASO MEDIANTE LA TEORÍA DE LA SUBJETIVIDAD Y SUS CONFIGURACIONES ONLINE
Enrique Arturo Marrero Guanches,
Lorena Sirés González

SUBJETIVIDAD Y ATENCIÓN EN ENTORNOS DIGITALES: REINTERPRETACIÓN DE EFECTOS PARADÓJICOS EN SALUD MENTAL UNIVERSITARIA
Lorena Sirés González

SUBJETIVAÇÃO DE ESTUDANTES: ENTRE DISPOSITIVOS DE I.A. E A RESISTÊNCIA CRIATIVA NA ERA INFORMACIONAL
Luis Felipe Valle

NA TRAMA DAS REDES SOCIAIS: ATIVISMO SOCIAL, APRENDIZAGEM E EMERGÊNCIA DA SUJEITA
Ana Laura Brasil Peralta
Wilsa Maria Ramos

DIVERTIAPRENDIZAJE TRANSMEDIA: INNOVACIÓN EN ESTRATEGIAS EDUCATIVAS PARA EL APRENDIZAJE SIGNIFICATIVO EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR
Lenin Tremont Franco
Nelly Hodelín Amable,
Clara Ofelia Suárez Rodríguez

TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E SUBJETIVIDADE DESAFIOS PARA A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA
Valeria Deusdara Mori
Daniel de Moura Ribeiro Bertholdo

EIXO TEMÁTICO 10(1). A SUBJETIVIDADE NA SAÚDE HUMANA, PSICOTERAPIA E PRÁTICAS CLÍNICAS

DIÁLOGO TERAPÊUTICO, MODO DE VIDA E CONFIGURAÇÃO SUBJETIVA DA AÇÃO NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO SUBJETIVO
Ana Laura Brasil Peralta
Felix Jorge Robinson Samuells
Wilsa Maria Ramos

PRÁTICAS EDUCATIVAS NA DESINSTITUCIONALIZAÇÃO: PROTAGONISMO FAMILIAR, SENTIDOS SUBJETIVOS E REDE PSICOSSOCIAL INFANTOJUVENIL NO DISTRITO FEDERAL
BÁRBARA KÉFERE DO CARMO
Daniel Magalhães Goulart

A VIVÊNCIA DA GRADUAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE NOVAS VIAS DE SUBJETIVAÇÃO
Bruna Tavares da Silveira
Valéria Deusdará Mori

PROCESSOS SUBJETIVOS DE PSICÓLOGOS ACERCA DO AUMENTO DE DIAGNÓSTICOS DE TEA ENTRE CRIANÇAS A PARTIR DA PANDEMIA DE COVID-19
Cristiano Crispim Costa Filho
Amanda Maria de Albuquerque Vaz

ATENÇÃO PSICOSSOCIAL NA EPISTEMOLOGIA QUALITATIVA: ZONAS DE SENTIDO SOBRE A VIVÊNCIA DO ADOECIMENTO
Felipe Rosa-Lima

A CONFIGURAÇÃO SUBJETIVA DO APOIO MATRICIAL EM TEMPOS DE PRECARIZAÇÃO: PRÁTICAS PROFISSIONAIS ENTRE RESISTÊNCIAS E DESMOBILIZAÇÕES NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE
Isabela de Oliveira da Cunha
Rubens Bedrikow
Daniel Magalhães Goulart

DEL DESEO AL SUFRIMIENTO SUBJETIVO: ALIENACIÓN, DESPERSONALIZACIÓN Y CLÍNICA COMO REAPROPIACIÓN
Jorge Bahamondes Leal

A PSICOTERAPIA COMO ESPAÇO DE MOBILIZAÇÃO E PRODUÇÃO SUBJETIVA
Mateus Brandão Lerbach
Valéria Deusdará Mori

ENTRE ORGANIZACIÓN Y PRODUCCIÓN EN PSICOTERAPIA: UN DIÁLOGO ENTRE LA PSICOTERAPIA POSRACIONALISTA DE V. GUIDANO Y LA TEORÍA DE LA SUBJETIVIDAD DE F. GONZÁLEZ REY.
Jorge Bahamondes Leal
Daniel Magalhães Goulart

EIXO TEMÁTICO 10(2). A SUBJETIVIDADE NA SAÚDE HUMANA, PSICOTERAPIA E PRÁTICAS CLÍNICAS

A FOTOGRAFIA COMO INSTRUMENTO NA PSICOTERAPIA: EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS EM DIÁLOGO COM A TEORIA DA SUBJETIVIDADE
Laís Faber de Almeida Rosa
Valéria D. Mori

A SUBJETIVIDADE SOCIAL DA FAMÍLIA: IMPLICAÇÕES NA CONSTITUIÇÃO DOS RELACIONAMENTOS NA VIDA ADULTA
Laís Faber de Almeida Rosa
Valéria D. Mori

ESCUELA-FAMILIA Y SUBJETIVIDAD: UN ABORDAJE EN EL ESTUDIO DE ADOLESCENTES EN SITUACIÓN DE SUFRIMIENTO SUBJETIVO.
Lisbet Teresa Pérez Salinas
Daniel M. Goulart
Cristina Madeira Coelho
Yandri Callis Poll

EDUCAÇÃO E SAÚDE MENTAL: CONFIGURAÇÕES SUBJETIVAS DO USO PROBLEMÁTICO DE DROGAS POR UNIVERSITÁRIOS
Maria Luíza Alves de Carvalho
Daniel Magalhães Goulart

OS INSTRUMENTOS COMO RECURSOS DIALÓGICOS E SUA INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO SUBJETIVO INFANTIL EM PSICOTERAPIA
Thayla Cristina Zuanazzi
Bárbara Meiter Rodrigues
Felix Jorge Robinson Samuells
Marisa von Dentz

CONTRIBUCIONES DE LA TEORÍA DE LA SUBJETIVIDAD PARA EL ESTUDIO DE LOS SENTIDOS SUBJETIVOS DE EXPERIENCIAS DE YOGA Y CROMOTERAPIA
Milton David Henao Jiménez
Hernán Felipe Monsalve Ospina

PRECARIEDAD LABORAL: LOS RIESGOS PSICOSOCIALES Y LAS NUEVAS FORMAS DE MALESTAR EN EL TRABAJO CONTEMPORÁNEO
Sonnia Alexandra Heredia-Gálvez
Federico Aníbal Martínez-Vélez
William Patricio Tigse-Bravo

UM ESTUDO HISTÓRICO-CULTURAL DA PSICOTERAPIA DE GRUPO VOLTADA A USUÁRIAS DE UM AMBULATÓRIO DE SAÚDE MENTAL DO SUS
Sara Schlichta
Mirela Stenzel

Apresentação

O V Simpósio Ibero-Americano de Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade (SEQTS 2025) é uma realização do Instituto Fernando González Rey. Ele se insere em uma trajetória que remonta às quatro edições anteriores do evento, cada uma marcando um passo importante no avanço das discussões sobre a Epistemologia Qualitativa e a Teoria da Subjetividade. A primeira edição, realizada no Centro Universitário de Brasília em 2017, foi um marco, celebrando os 20 anos do livro seminal Epistemología Cualitativa y Subjetividad (EDUC, 1997; Pueblo y Educación, 1997). Este evento, realizado no Brasil, dedicou-se à discussão dessas temáticas sob a perspectiva histórico-cultural. Esse evento contou com a marcante participação do fundador dessa perspectiva, Fernando González Rey (1949-2019).

Fernando González Rey foi um psicólogo, acadêmico e educador cubano radicado no Brasil desde 1995, que se tornou figura central no desenvolvimento de uma nova compreensão da subjetividade, influente em áreas como Psicologia Histórico-Cultural, pesquisa qualitativa, educação, saúde e psicoterapia. Seu legado é reconhecido nacional e internacionalmente por sua profundidade teórica, metodológica e sua capacidade de conectar redes de ensino e pesquisa a nível nacional e internacional. Foi professor em dezenas de instituições em diferentes continentes, agraciado, entre outras distinções, com o Prêmio da Sociedade Interamericana de Psicologia, recebido em 1991, e a Medalha ISCAR (International Society for Cultural and Activity Research) recebida postumamente em 2021. Seu legado principal reside na elaboração da Teoria da Subjetividade em uma perspectiva histórico-cultural e da Epistemologia Qualitativa, que tem alcançado impacto nacional e internacional crescente. Atualmente, existem diversos Grupos de Pesquisa, Estudo e Trabalho vinculados a essa perspectiva, bem como redes acadêmicas internacionais, articulando pesquisadores de países como Brasil, Chile, Colômbia, Cuba e Peru.

A segunda edição do Simpósio ocorreu em outubro de 2019, tendo sido também sediada pelo Centro Universitário de Brasília. Essa edição destinou-se a divulgar e analisar recentes estudos e pesquisas fundamentados pela Teoria da Subjetividade, pela Epistemologia Qualitativa e pela Metodologia Construtivo-Interpretativa, assim como discutir seus desafios teóricos e metodológicos. A segunda edição do evento tornou-se uma homenagem a Fernando González Rey, que faleceu em março de 2019, e procurou dar continuidade ao seu legado.

Em outubro de 2021, a terceira edição ocorreu de forma online devido à pandemia de Covid-19, mas trouxe inovações importantes, como a abrangência ibero-americana. Essa expansão permitiu o fortalecimento das conexões entre grupos de pesquisa, professores, estudantes e profissionais de diferentes países, além de enriquecer as discussões sobre desafios teóricos, epistemológicos e metodológicos em contextos diversos. Também foram realizadas atividades preparatórias, incluindo diversas lives temáticas e o curso Introdução à Teoria da Subjetividade de González Rey (cuja gravação está disponível em: www.youtube.com/@SEQTS).

A quarta edição do Simpósio, em 2023, também foi realizada online, mantendo as atividades preparatórias, com destaque para o curso Introdução à Epistemologia Qualitativa e Metodologia Construtivo-Interpretativa de González Rey (cuja gravação está disponível em: www.youtube.com/@SEQTS). O tema dessa edição foi Teoria da Subjetividade e Epistemologia Qualitativa nas práticas profissionais e nas pesquisas em diferentes contextos, com foco nas implicações dessas teorias para as práticas profissionais. Uma inovação importante foi a realização do Colégio Doutoral, que possibilitou o debate reflexivo entre doutorandos e mestrandos sobre aspectos teórico-metodológicos de seus projetos de pesquisa. Em termos numéricos, tivemos nessa quarta edição a maior participação registrada até hoje: foram 481 inscrições, com 233 trabalhos aceitos e apresentados. Do total de participantes, 65% foram provenientes do Brasil e 35% provenientes de outros países da região – um indicador do crescente caráter ibero-americano do evento. Os participantes foram provenientes de 13 países e 147 instituições.

Os resultados acumulados nas primeiras quatro edições do Simpósio, em matéria de produção científica, são: 4 livros publicados por editoras de renome nacional (EDUFU e Editora Alínea), com autores e autoras nacionais e internacionais; 4 livros de anais que reúnem todos os trabalhos apresentados; 12 mesas redondas temáticas, com palestrantes nacionais e internacionais de prestígio; 4 sessões de lançamento de livros, com autores e autoras de vários países; 36 sessões de grupos temáticos de discussão; 2 Cursos Introdutórios, que contou com uma participação somada de 2000 pessoas; 24 Cursos de Curta Duração oferecidos em temáticas contemporâneas diversas; e 8 lives temáticas. Cerca de 600 trabalhos foram apresentados no conjunto das quatro edições anteriores do evento.

A quinta edição, que ocorre em 2025, consolida o legado das edições anteriores e traz inovações importantes. O Instituto Fernando González Rey, criado em 26 de março de 2025, assume a realização do evento, coerente com sua missão de contribuir com a consolidação, difusão e desenvolvimento da Teoria da Subjetividade, da Epistemologia Qualitativa e da Metodologia Construtivo-Interpretativa e com sua utilização na pesquisa, na prática profissional em diferentes campos e no trabalho comunitário. Além disso, após a pandemia e duas edições online, o evento retoma a presencialidade primando pelo encontros e atividades in loco, favorecendo a troca por meio de apresentações e discussões presenciais caracterizada pela fluidez e flexibilidade nas interlocuções interpessoais, aspecto primordial dos eventos presenciais. Ainda, pela primeira vez, serão destacadas temáticas contemporâneas como o sofrimento psíquico em diferentes contextos, desigualdade e vulnerabilidade social, questões de gênero, sexualidade, raça e etnia, além das implicações das redes sociais na atualidade. O evento também contará com a presença de palestrantes de diferentes referenciais teóricos, enriquecendo o diálogo científico e promovendo uma troca diversificada de conhecimentos.

No conjunto de todas as edições do Simpósio, incluindo a edição atual, damos destaque a duas atividades que possuem caráter inovador: (1) As Mesas Redondas, que ocorrem sem outras atividades concomitantes e que têm

a presença de uma figura pouco conhecida em nosso meio acadêmico: o/a debatedor/a. O/A debatedor/a é um/a especialista na temática cuja função é dialogar com os palestrantes, levantando questões, críticas e tecendo reflexões a partir de suas apresentações; (2) os Grupos de Discussão Temática, que tem por objetivo discutir os eixos temáticos do Simpósio a partir dos trabalhos compartilhados pelos participantes. Assim, os trabalhos não são apresentados de maneira avulsa, mas sim de forma integrada ao objetivo dos Grupos de Discussão Temática.

Os eixos temáticos centrais desta edição do Simpósio são:

1. Teoria da Subjetividade: avanços, desafios conceituais e relações com outros campos e referenciais teóricos

2. Epistemologia Qualitativa e Metodologia Construtivo-Interpretativa: avanços, desafios e relações com outros referenciais epistemológicos e metodológicos

3. A dimensão subjetiva da desigualdade social, étnico-racial e suas interseccionalidades

4. A dimensão subjetiva de gênero, sexualidade, diversidade e suas interseccionalidades

5. A subjetividade e os desafios contemporâneos na formação de professores e de outros profissionais

6. A subjetividade e os desafios contemporâneos na atuação docente

7. A dimensão subjetiva da aprendizagem escolar

8. Subjetividade nas instituições e organizações e os desafios contemporâneos

9. Redes sociais, cultura digital e subjetividade: desafios contemporâneos

10. A subjetividade na saúde humana, psicoterapia e práticas clínicas.

Os Anais da presente edição está estruturada em duas partes. A primeira reúne os 29 resumos relacionados com com os trabalhos do Colégio Doutoral e a segunda os 143 resumos dos trabalhos aprovados nos Simpósios.

Reiteramos que o nível teórico e metodológico atingido pela Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade ao longo desses mais de vinte anos ficou de manifesto mais uma vez no número de trabalhos aprovados

e na qualidade dos debates estabelecidos durante o evento. A obra e o ideal de Fernando González Rey, mesmo tendo uma origem latino-americana e representado uma teoria que subverte as correntes teóricas dominantes no continente, torna-se cada vez mais conhecida e adotada no Brasil e em outros países.

Desejamos que esses Anais, no formato digital e disponível no site do evento, contribuam com o objetivo fundamental do **V Simpósio Ibero-Americano de Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade (SEQTS 2025)**: difundir ainda mais o pensamento de um dos cubanos e Latino-americanos mais genuínos, originais e autênticos no interior da Psicologia a respeito da Epistemologia Qualitativa, a Teoria da Subjetividade e a Metodologia Construtivo-Interpretativa.

A Comissão Organizadora agradece a todas e todos a confiança depositada e esperam que a leitura dos textos contribua na abertura de novos caminhos de inteligibilidade no campo das ciências humanas, da Psicologia e da Educação.

Resumos do Colégio Doutoral

Grupo 1: Debatedores Dra. Alexandra Ayache Anache e Dra. Geandra Cláudia Silva Santos

Monitoria: Ana Luiza Freitas Cardoso Rosa e Letícia Brito do Nascimento

Eixo Temático do Colégio Doutoral: A Teoria da Subjetividade e seus conceitos centrais

CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA E PRODUÇÃO DE RECURSOS SUBJETIVOS NA INFÂNCIA: A IMAGINAÇÃO MOBILIZADA PELA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA DA LITERATURA INFANTIL

Kátia Oliveira da Silva, Universidade de Brasília - UnB,
katiaoliveiradasilva1983@gmail.com

Resumo: "Será que não deve haver conhecimento na arte? Não há nela uma reivindicação de verdade que, embora diversa da ciência, não lhe seja inferior?" (Gadamer, 1999, p. 169). Para o autor a arte é uma forma legítima de conhecimento, distinta, mas não inferior ao conhecimento científico, pois produz sentidos e pode transformar a autocompreensão do indivíduo. A experiência estética, nesse contexto, torna-se uma forma singular de acesso à verdade, deslocando-se do campo técnico para o hermenêutico, atravessado por linguagem, compreensão e historicidade. Esse entendimento insere a arte no centro das discussões sobre conhecimento, subjetividade e cultura, em contraposição à sua redução ao belo ou ao gosto. Em consonância com essa visão, Vigotski (1999) destaca que as emoções evocadas pela arte transcendem reações psicofisiológicas imediatas, produzindo transformações profundas na vida psíquica e articulando intensa atividade imaginativa. No universo da infância, a literatura infantil, como forma de arte, instaura novas possibilidades expressivas, afetivas e subjetivas. Nessa perspectiva, a imaginação não se apresenta como função isolada ou secundária, mas como qualidade constitutiva das funções psíquicas humanas, perpassando todas as produções simbólicas e revelando o caráter subjetivo da ação e do pensamento. Para González Rey (2014, p. 14), "a imaginação (como criação e produção) é a qualidade que sinaliza a presença do subjetivo em todas as funções e atividades humanas". Ao enfatizar seu caráter criador e configurador, o autor rompe com concepções tradicionais que a restringem à simples recombinação de elementos da realidade, inserindo-a no cerne dos processos de subjetivação. Nessa acepção, a imaginação é compreendida como uma potência constitutiva do indivíduo e de sua experiência, com capacidade para engendrar a produção de sentidos subjetivos, reorganizar percepções e produzir realidades subjetivas. Não se trata, portanto, de um processo subordinado à experiência passada, mas de uma força simbólica com potencialidade de criar interpretações singulares que não existiam previamente no repertório do indivíduo. Sob essa perspectiva, este trabalho busca

compreender como a imaginação, mobilizada pela experiência estética com a literatura infantil, pode se constituir como um recurso subjetivo na infância. Argumenta-se que a literatura infantil, ao mobilizar a imaginação, atua como recurso estético-mediador que reorganiza modos de expressão, percepção e identidade, articulando valores, afetos e experiências que podem favorecer a produção de sentido subjetivos e criar recursos subjetivos – definido neste constructo não como instrumentos, no sentido tradicional da psicologia; mas como expressão da capacidade do sujeito de reorganizar a experiência e nela produzir sentidos subjetivos que potencializam sua ação e sua relação com o outro e consigo mesmo. Assim, busca-se questionar como a imaginação, mobilizada pela experiência estética na literatura infantil, constitui-se como recurso subjetivo que movimenta a subjetividade na infância, ao mesmo tempo em que reconhece a arte como forma legítima de produção de conhecimento, tensionando a racionalidade moderna que reduz o estético ao mero domínio do belo e do gosto e revelando sua potência configuradora nos processos de subjetivação?

Palavras-chave: recurso subjetivos; imaginação; experiência estética.

Referências

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. 9. ed. Tradução de F. P. Meurer. Petrópolis; São Francisco: Vozes, 2008.

GONZÁLEZ REY, Fernando. A imaginação como produção subjetiva: as ideias e os modelos da produção intelectual. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; ÁLVAREZ, P. (orgs.). **O sujeito que aprende: diálogo entre a psicanálise e o enfoque histórico-cultural.** Brasília: Liber Livros, 2014.

VIGOTSKI, Lev. Semenovich. **Psicologia da arte.** Tradução de M. M. Oliveira. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Originalmente publicado em 1925.

Motivação para participar no Colégio Doutoral: A motivação para participar do Colégio Doutoral reside na possibilidade de aprofundar o debate teórico em torno da arte como forma legítima de produção de conhecimento, sobretudo no contexto da literatura infantil. Interessa-me explorar como a imaginação, mobilizada pela experiência estética, pode configurar-se como recurso subjetivo capaz de movimentar a subjetividade na infância, tensionando concepções modernas que confinam o estético ao domínio do belo ou do gosto. Busco um espaço que favoreça o exercício crítico e a reflexão aprofundada, onde seja possível problematizar categorias, confrontar perspectivas e construir interlocuções que enriqueçam o desenvolvimento conceitual da minha pesquisa. Vejo no Colégio Doutoral a oportunidade de participar de discussões densas e rigorosas, essenciais para elaborar uma tese que não apenas sistematize saberes existentes, mas também questione fronteiras teóricas e proponha novos horizontes interpretativos.

Perguntas que gostaria de discutir com os debatedores:

Como a compreensão da imaginação enquanto qualidade que revela o caráter subjetivo das produções humanas, segundo González Rey (2014), redefine a relação entre sujeito e realidade, e de que modo essa perspectiva fundamenta a concepção da imaginação como produção simbólica, integrada ao pensamento e à emoção, na mobilização de recursos subjetivos no desenvolvimento infantil? e que modo a concepção da imaginação como qualidade intrínseca à configuração subjetiva de qualquer processo psíquico, em oposição à sua redução a uma mera função, redefine a compreensão do intelecto enquanto produção subjetiva?

Como a compreensão da subjetividade, enquanto configurações dinâmicas e autogeradoras, fundamenta a concepção da imaginação como qualidade distintiva das produções criativas humanas, e de que forma essa imaginação, longe de ser uma mera função, constitui a única via possível para gerar inteligibilidade sobre os significados que orientam nossas práticas no mundo?

Eixo Temático do Colégio Doutoral: A Teoria da Subjetividade e seus conceitos centrais

A CONFIGURAÇÃO SUBJETIVA DA AÇÃO E SUAS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DA EXPRESSÃO DA SUBJETIVIDADE DE CRIANÇAS COM ALTERAÇÕES NA COMUNICAÇÃO ORAL

Larissa Sena Pereira Gonçalves, Universidade de Brasília,

larissafono@gmail.com

Resumo: O desenvolvimento da fala e da linguagem em sua modalidade oral (modelo de comunicação predominante utilizado em nossas sociedades e nas mais diferentes culturas), tem sido considerado pelos mais diversos pesquisadores nas diferentes áreas de estudo. Desde a psicologia até a linguística, a filosofia, antropologia e as ciências médicas. As teorias histórico-culturais e culturais históricas também têm contribuído para a elaboração e a emergência de novas inteligibilidades sobre o tema. Este trabalho propõe uma reflexão sobre a noção de configuração subjetiva da ação – considerando o conceito proposto por Goulart e Mitjáns Martínez (2023) – e suas contribuições para a compreensão dos modos pelos quais a subjetividade se expressa em crianças com alterações no processo de desenvolvimento da comunicação oral. González Rey e Mitjáns Martínez (2017) elencam uma série de desafios que o desenvolvimento de linhas de pesquisa e produção de saberes sobre a subjetividade apresentam, entre eles os autores mencionam a importância do avanço teórico e epistemológico para uma definição da linguagem como produção subjetiva. Madeira-Coelho (2022), esclarece que a linguagem é o principal sistema simbólico que utilizamos em nossa interação. Segundo a autora, na perspectiva da Teoria da Subjetividade, a palavra é o meio pelo qual o indivíduo vai expressar a sua história singular e sua emocionalidade, como produção de sentidos subjetivos. Ao considerar a subjetividade como um processo simbólico-emocional que se expressa nas ações, relações e sentidos subjetivos construídos ao longo da vida, investiga-se como crianças com dificuldades de linguagem oral produzem sentidos sobre si mesmas. A noção de configuração subjetiva da ação oferece potência analítica para compreender como essas crianças mobilizam recursos simbólicos para se fazer compreender, mesmo diante de limitações linguísticas. A ação, concebida como unidade de análise subjetiva e histórica, revela aspectos do mundo emocional, das intenções e dos sentidos subjetivos que não se reduzem ao verbal. Com isso, a pesquisa propõe deslocar o olhar patologizante frequentemente direcionado a essas crianças, valorizando a complexidade de seus modos de ser e agir no mundo. Propõe-se, neste Colégio Doutoral, discutir possibilidades teórico-metodológicas de investigação da subjetividade a partir da ação, e refletir sobre como essa abordagem pode ampliar o entendimento

sobre as formas plurais de expressão da subjetividade na infância, especialmente em situações de alteração na comunicação oral.

Palavras-chave: teoria da subjetividade; desenvolvimento da linguagem; desenvolvimento infantil.

Referências:

GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas: Alínea, 2017.

GOULART, D.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. Do desenvolvimento da personalidade ao desenvolvimento subjetivo: histórico, momento atual e desafios. In: CAMPOLINA, L.; SANTOS, G. (org.). **Desenvolvimento e aprendizagem: contribuições atuais da teoria cultural-histórica da Subjetividade**. Curitiba: Editora CRV, 2023. p. 35-58.

MADEIRA-COELHO, C. Infância e subjetividade na complexidade de processos de desenvolvimento: impactos, (des)caminhos e perspectivas. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; TACCA, M.; PUENTES, R. (org.). **Teoria da Subjetividade: discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional**. Campinas: Editora Alínea, 2020. p. 105-118.

Motivação para participar no Colégio Doutoral: o Colégio Doutoral é um excelente espaço de discussão de temas complexos que traz importantes contribuições para a reflexão teórico-metodológica de pesquisas em andamento, como é o meu caso.

Perguntas que gostaria de discutir com os debatedores:

De que forma a concepção da linguagem como produção subjetiva, segundo a Teoria da Subjetividade, pode ressignificar o modo como compreendemos o desenvolvimento da comunicação oral em crianças com alterações?

Como a noção de configuração subjetiva da ação pode contribuir para a construção de metodologias de pesquisa que acolham a complexidade dos sentidos subjetivos expressos por crianças consideradas em atraso no desenvolvimento da oralidade?

Eixo Temático do Colégio Doutoral: Epistemologia Qualitativa e Metodologia Construtivo-Interpretativa: conceitos centrais e delineamento metodológico

VENHA BUSCAR O SEU FILHO:

O ESTUDANTE QUE A ESCOLA "NÃO DÁ CONTA"

Delani Marcele da Cruz Pereira de Souza, Universidade de Brasília,
delanimarcele2@gmail.com

Resumo: A Educação Especial, como modalidade transversal a todas as etapas e níveis de ensino, está regulamentada pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva e as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, que asseguram o direito de acesso, permanência e participação de estudantes público-alvo da educação especial em classes comuns. No entanto, persiste o paradoxo inclusão/exclusão: embora o acesso tenha sido universalizado, as estruturas escolares ainda operam sob lógicas excludentes que reproduzem a segregação por meio da patologização da diferença. No caso de estudantes autistas, a presença na escola é frequentemente tensionada pelo diagnóstico, que, em vez de ampliar possibilidades de escuta, apoio e construção de acessibilidade, ocupa o lugar da pessoa, silenciando sua voz e invisibilizando sua singularidade. Este projeto de pesquisa para o Doutorado emerge da escuta de narrativas de estudantes autistas e de suas famílias que caracterizam o contexto institucional da SEEDF. Essas questões revelam impasses cotidianos vivenciados nas escolas regulares, frequentemente expressos em frases como "Venha buscar o seu filho". As expressões sugerem o esgotamento simbólico da escola diante da desigualdade e da diferença e revelam o enfraquecimento do pacto educativo entre escola e família. O histórico escolar evidencia que os estudantes percorreram desde a Educação Infantil até quase o final do Ensino Fundamental em escolas regulares e agora surge a indicação de sua mudança para a escola especial. A vivência dessas situações incômodas, me levou a buscar compreender quais são efetivamente os "lugares" dos estudantes autistas com os quais a escola comum não consegue lidar. Esse incômodo, então, se transformou em projeto de pesquisa que busca compreender a acessibilidade como princípios da equidade e convivialidade na rede regular de ensino do Distrito Federal. No momento o objetivo geral está relacionado com a elaboração de um modelo teórico que fundamente práticas educacionais inclusivas voltadas ao desenvolvimento subjetivo de estudantes autistas. Os objetivos específicos são: estudar a configuração subjetiva da relação estudantes autista, sua família e escola a partir da sugestão da escola de mudança para a escola especial e, analisar a participação da subjetividade socia da escola no que se refere à inclusão escolar de estudantes autistas ante a organização da Educação Especial na perspectiva inclusiva com a manutenção das classes e escolas especiais. A investigação será fundamentada na Teoria da Subjetividade na perspectiva histórico-cultural de

González Rey, articulada à Epistemologia Qualitativa e à Metodologia Construtivo-Interpretativa. O processo investigativo será conduzido com estudantes autistas e suas famílias, a partir de instrumentos (escritos, pictóricos e tecnológicos) que favoreçam sua expressão.

Palavras-chave: estudante autista; inclusão; configuração subjetiva

Referências

BATISTA, C. R.; CAIADO, K. R. M.; JESUS, D. M. (Org.) **Educação Especial: diálogo e pluralidade.** Porto Alegre: Editora Mediação, 2010.

COELHO, C. M. M; TORRES, J. F. P.. Diálogo, Sujeito e Configuração Subjetiva: a continuidade do debate In: MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; NEUBERN, M.; MORI, V.D. **Teoria da Subjetividade como perspectiva crítica: desenvolvimento, implicações e desafios atuais.** São Paulo: Alínea Editora, 2022

GONZALEZ REY, F. L.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método.** São Paulo: Alínea, 2017.

ORRU, S. E. Singularidades e impacto social do autismo severo no Brasil. **Rev Hum Med** [online]. 2020, vol.20, n.2, pp. 334-363. Epub 05-Jul-2020. ISSN 1727-8120.

Motivação para participar no Colégio Doutoral: Desejo participar do Colégio Doutoral pela possibilidade de dialogar com pesquisadoras e pesquisadores especialistas da Teoria da Subjetividade, Epistemologia Qualitativa e Metodologia Construtivo-Interpretativa que compartilham conhecimentos teóricos aprofundados dos fundamentos que orientam minha pesquisa. Acredito que esse espaço coletivo de escuta e análise poderá contribuir significativamente para o aprofundamento do projeto, ampliando suas potências interpretativas e formativas. Como professora da rede pública e pesquisadora, considero esse momento especialmente fecundo para pensar com outros olhares, as práticas inclusivas que reconheçam a subjetividade de estudantes autistas e de suas famílias, e que produzam reverberações para além dos limites da pesquisa.

Perguntas que gostaria de discutir com os debatedores:

Como a Epistemologia e a Metodologia Construtivo-Interpretativa podem sustentar formas de produção de conhecimento na pesquisa que rompam com a representação hegemônica da pessoa autista que necessitam de maior apoio individualizado/ personalizado (seja na aprendizagem, questões comportamentais, sensoriais...) favorecendo a sua expressão e participação seja na pesquisa ou nos contextos sociais, considerando suas singularidades?

De que modo os conceitos podem favorecer o delineamento metodológico considerando que os instrumentos não são um fim em si mesmo, mas abrem

espaços para a emergência de sentidos subjetivos, e criação na relação dialógica com os participantes?

É necessário salientar que a preocupação com a construção interpretativa é um grande desafio. A interpretação na construção das informações ocorre desde o primeiro contato no campo quando se constrói o cenário-social, deste modo, como organizar da melhor maneira esse percurso metodológico e a construção interpretativa evitando que a pesquisa por sua complexidade metodológica reforce, mesmo que de forma indireta, logicas de silenciamento que problematiza?

Eixo temático do Colégio Doutoral: O processo de construção interpretativa das informações: elaboração de indicadores, hipóteses, modelo teórico

DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E EJA: A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA DOS ESTUDANTES E O IMPACTO DO DIÁRIO DE IDEIAS NO PROCESSO DE PESQUISA

Lucinete Teixeira dos Santos Sampaio, Universidade de Brasília/SEEDF, lucinete@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa nasce de minhas inquietações sobre os desafios no processo de inclusão de estudantes com Deficiência Intelectual (DI) no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA) com destaque inicial para questões relacionadas ao processo de promoção automática associado à não garantia da aprendizagem ao longo do processo de escolarização. Para além de tecer críticas relativas às práticas que culminam nesse contexto busca-se posicionamento teórico, epistêmico e político com vista a promover a reflexão sobre o fenômeno e a possível geração de alternativas que superem a fragmentação e a cristalização de processos de vida que ainda caracterizam a população de pessoas com DI. O estudo se utiliza da metodologia do Diário de Ideias, inicialmente pensada como recurso para construção do cenário social de pesquisa, mas que ganhou espaço na pesquisa gerando impactos que precisam ser investigados. Nesse sentido, o estudo tem por objetivo compreender os processos de constituição subjetiva de estudantes com deficiência intelectual inseridos na EJA, a partir da experiência desenvolvida no Projeto Diário de Ideias, considerando de que modo essa vivência contribui para a produção de sentidos em torno da aprendizagem, da participação escolar e da construção de si. Busca-se, ainda, compreender como essas experiências se entrelaçam às trajetórias educacionais desses indivíduos, historicamente atravessadas por práticas escolares marcadas pela política de promoção automática na Rede Pública de Ensino, e como tais políticas impactam a maneira como os estudantes se percebem e são percebidos no espaço escolar. A investigação será desenvolvida em uma escola da rede pública do DF que atende a modalidade da EJA e terá como base teórica a Teoria da Subjetividade de González Rey (1997, 2002, 2003, 2017), que reconhece a subjetividade como processo histórico-cultural de caráter gerador a partir da experiência humana vivenciada. Nesta perspectiva a Epistemologia Qualitativa e Teoria da subjetividade expressam uma união inseparável que faz com que a teoria tenha um caráter epistemológico explícito, de modo que a epistemologia organiza os princípios básicos da metodologia construtivo-interpretativa dessa produção teórica. A base metodológica reconhece a pesquisa como um processo de construção dinâmico em que se articulam o caráter construtivo-interpretativo, o caráter dialógico e o singular

como espaço legítimo de construção do conhecimento científico. Os instrumentos de pesquisa serão meios para facilitar a expressão dos participantes da pesquisa numa relação dialógica com a pesquisadora. Essa dinâmica favorece a construção de um modelo teórico sobre o fenômeno estudado que ao final se desdobrará em uma tese.

Palavras chave: deficiência intelectual; EJA; teoria da subjetividade;

Referências

GONZÁLEZ REY, F. L.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método.** Campinas: Alínea, 2017.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A. Aprendizagem criativa: desafios para a prática pedagógica. In: NUNES, C. **Didática e formação de professores**. Ijuí: Unijuí, 2012.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F. L. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica**. São Paulo: Cortez, 2017.

MUNIZ, Luciana Soares. **Diário de Ideias: uma metodologia inovadora em experienciar, registrar e compartilhar.** Curitiba: CRV, 2022. 210 p. ISBN 978-65-251-3535-9.

SAMPAIO, Lucinete Teixeira dos Santos. **Estudantes com Deficiência e EJA-Interventiva: a subjetividade social em foco**. 2020. 159 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação)— Universidade de Brasília, Brasília, 2020

Motivação para participar no Colégio Doutoral: Minha motivação para participar do Colégio Doutoral do V Simpósio Ibero-Americano de Epistemologia-Qualitativa e Teoria da Subjetividade nasce do desejo de aprofundar o diálogo teórico-epistemológico-metodológico com pesquisadoras e pesquisadores com uma vasta experiência nessa base teórica, o que possibilitará trocas e contribuições significativas para o meu estudo. Desenvolvo, no âmbito do doutorado no PPGE/UNB, o trabalho *Deficiência Intelectual e EJA: a constituição subjetiva dos estudantes e o impacto do diário de ideias no processo de pesquisa*, que busca compreender a constituição subjetiva nos processos de aprendizagem de estudantes com DI na Educação de jovens e Adultos. Compartilhar essa experiência em um espaço de escuta, trocas e problematizações, como o Colégio Doutoral, será uma oportunidade valiosa para o amadurecimento da pesquisa e a ampliação das reflexões epistemológicas que a sustentam.

Perguntas que gostaria de discutir com os debatedores:

Tenho buscado compreender como a construção de indicadores, a formulação de hipóteses e a produção de um modelo teórico, no contexto da Epistemologia Qualitativa, podem dar conta da complexidade dos sentidos subjetivos

emergentes na experiência dos estudantes com deficiência intelectual na EJA. Como lidar com a tensão entre a singularidade desses sentidos e a necessidade de construção teórica mais ampla (subjetividade social)?
Durante o processo de construção da informação, me deparo com o desafio de transformar os fragmentos narrativos e as expressões simbólico-emocionais em indicadores teóricos consistentes. Quais estratégias ou critérios podem orientar essa transposição na perspectiva construtivo-interpretativa?

Como posso sustentar, teoricamente, as hipóteses construídas no processo de investigação sem cair em antecipações redutoras, mas, mantendo o movimento dialógico com os participantes e as informações que emergem dos diferentes instrumentos utilizados?
Em que medida a construção de um modelo teórico, no interior da pesquisa qualitativa com base na Teoria da Subjetividade, deve considerar as políticas públicas e os atravessamentos históricos que configuram a experiência escolar dos indivíduos pesquisados?
Gostaria de discutir como a própria presença do Diário de Ideias como dispositivo metodológico pode não apenas alimentar os indicadores e hipóteses, mas também transformar o campo, gerar impactos tanto para o pesquisador quanto para os participantes e exigir reformulações contínuas no processo interpretativo. Como lidar com essa possibilidade sem comprometer o rigor teórico?

Eixo temático do Colégio doutoral: A Teoria da Subjetividade e seus conceitos centrais

Adolescentes con sufrimiento subjetivo en el contexto escolar: relación escuela-familia-subjetividad

Lisbet Teresa Pérez Salina,Universidade de Brasília,

perezlisbet353@gmail.com

Resumen: La salud mental de los y las adolescentes, así como la relación entre la familia y la escuela, plantea múltiples desafíos tanto para los padres como para los docentes. En este marco, el proyecto doctoral que aquí se presenta tiene como objetivo comprender cómo dicha relación se configura subjetivamente en padres, maestros y adolescentes en situación de sufrimiento subjetivo en el contexto escolar, con el propósito de analizar sus vivencias en esa realidad. En la fundamentación teórica, se expone el estado del arte sobre la relación familia-escuela en el contexto de adolescentes que atraviesan situaciones de sufrimiento, con énfasis en los procesos implicados en la constitución de la configuración subjetiva individual de esta relación. Asimismo, se incluye un apartado dedicado a la Teoría de la Subjetividad, en la perspectiva histórico-cultural de González Rey (2003, 2007, 2013, 2014c, 2016, 2017, 2019). Este marco permite profundizar en los conceptos centrales de la investigación: la subjetividad individual, entendida como un sistema abierto y dinámico, socialmente constituido, que emerge de las relaciones sociales y produce sentidos propios y singulares no reductibles a determinaciones externas (González Rey, 2005); y el sufrimiento subjetivo, concebido como una configuración subjetiva dominante que genera malestar en el individuo, debilitando sus recursos personales y reduciendo sus posibilidades de acción, reflexión y posicionamiento en las diferentes esferas de la vida (Goulart, 2024). En el plano epistemológico y metodológico, la investigación se fundamenta en la Epistemología Cualitativa y en el Método Constructivo-Interpretativo. El estudio se desarrollará en una escuela pública donde cursan su formación los adolescentes participantes, configurando un escenario social que permitirá la construcción de tres estudios de caso: un adolescente escolar, un docente de la misma institución y un padre o madre convocados para dialogar sobre la interrelación familia-escuela en el marco del sufrimiento adolescente. Como principal instrumento se empleará la dinámica conversacional, concebida como encuentros dialógicos mediados por la investigadora, en los cuales los participantes son invitados a expresar sus experiencias, significados y posiciones subjetivas en torno a los temas centrales de la investigación. Dicho dispositivo se constituye en un espacio de construcción simbólica que permitirá a la investigadora elaborar construcciones interpretativas y, en consecuencia, avanzar en la formulación de un modelo teórico explicativo. Este

modelo buscará fundamentar propuestas de articulación entre escuela y familia desde la configuración subjetiva individual de padres, docentes y adolescentes, favoreciendo así el desarrollo subjetivo de estudiantes en situación de sufrimiento.

Palabras clave: Configuración subjetiva social; situación de sufrimiento subjetivo; relación escuela-familia

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios. São Paulo**: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Subjetividade e educação: a constituição do sujeito na história e na cultura.** São Paulo: Cortez, 2003.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação.** São Paulo: Thomson Pioneira, 2007.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural.** São Paulo: Cengage Learning, 2013.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Subjetividade e educação: desafios teóricos e metodológicos**. São Paulo: Cortez, 2014.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Teoria da subjetividade: epistemologia e metodologia**. São Paulo: Cengage Learning, 2017a.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividad, teoría, epistemología y método.** Campinas: Alínea, 2017b.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **La subjetividad en una perspectiva cultural-histórica: avances teóricos y metodológicos**. 2. ed. rev. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2019. Trabajo original publicado en 1997.

GOULART, D. M. Sofrimento subjetivo e desenvolvimento subjetivo no campo da saúde mental. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; ROSSATO, M. (org.). **Constituição, mudanças e desenvolvimento da subjetividade**. Campinas: Alínea, 2025. No prelo.

Motivación para participar en el Colegio Doctoral: Radica en la oportunidad de socializar el proyecto de investigación, presentándolo como una vía para dialogar sobre una realidad tangible y compleja. Al permitir compartir los fundamentos teóricos que orientan este estudio, centrado en la teoría de la subjetividad desarrollada por González Rey, la cual ofrece herramientas conceptuales y metodológicas bien fundamentadas para la comprensión de los procesos subjetivos en contextos educativos. En particular, se busca visibilizar cómo esta perspectiva permite una comprensión más profunda y humanizada de los adolescentes en situación de sufrimiento subjetivo, trascendiendo enfoques patologizantes. Considero que el espacio del colegio

doctoral es fundamental para enriquecer la investigación a partir del intercambio académico y, al mismo tiempo, contribuir al debate colectivo sobre la subjetividad en la adolescencia y sus implicaciones en la relación escuela y familia.

Preguntas que me gustaría discutir con los debatidores:

¿Cómo desde el rol profesional del maestro aparece configurada la relación entre la familia y la escuela, a la luz de la teoría de la subjetividad desarrollada por González Rey?

¿Por qué resulta relevante analizar la relación entre la escuela y la familia de adolescentes en situación de sufrimiento subjetivo, en el contexto educativo contemporáneo?

¿Qué elementos constitutivos de la subjetividad individual podrían manifestarse en la relación familia-escuela, que impedirian dicha relación, a partir de la experiencia profesional como docente o gestor escolar?

Grupo 2 - Debatedores: Dr. Daniel Magalhães Goulart e Dra. Wilsa Maria Ramos

Monitoria: Eliane Terezinha Vaz Bezerra) e Hindyanay Sthephani de Cássia

Eixo Temático do Colégio Doutoral: A Teoria da Subjetividade e seus conceitos centrais

DESENVOLVIMENTO SUBJETIVO DE PROFESSORES EM EXAUSTÃO: O SOFRIMENTO SUBJETIVO E A ATUAÇÃO INSTITUCIONAL DA EQUIPE ESPECIALIZADA DE APOIO À APRENDIZAGEM NA SEEDF

Sandra Regina de Souza Santos, Universidade de Brasília,

sandrarss14@gmail.com

Resumo: O adoecimento de professores da educação básica tem se tornado uma realidade cada vez mais presente nas escolas, marcado por sintomas como estresse, ansiedade, depressão e a Síndrome de Burnout. Mais do que números ou diagnósticos, esses quadros revelam histórias de educadores que, muitas vezes em silêncio, enfrentam o esvaziamento motivacional no exercício da profissão. Este projeto nasce da escuta atenta a esses indivíduos, do olhar sensível para a exaustão e do desejo de compreender o sofrimento docente para além das lentes da patologização e da medicalização. A pesquisa parte da perspectiva de que o sofrimento dos professores não pode ser compreendido apenas como algo individual ou isolado, mas como expressão de relações e contextos sociais que atravessam a experiência de ser professor. A partir da Teoria da Subjetividade de González Rey, busca-se investigar como se configuram os processos de desenvolvimento subjetivo de docentes que adoecem em decorrência do desgaste profissional, considerando as mediações institucionais e simbólicas presentes em seu cotidiano, especialmente no contexto da atuação do pedagogo da Equipe Especializada de Apoio à Aprendizagem (EEAA). O estudo propõe um olhar que valoriza a singularidade dos sujeitos, seus sentidos, suas dores e suas potências. Ao compreender o adoecimento como um sofrimento subjetivo, esta investigação se coloca a serviço da escuta, da reflexão e da construção de práticas mais humanas e acolhedoras no ambiente escolar. Mais do que descrever o sofrimento, o projeto pretende criar possibilidades de revalorização da identidade profissional, reconhecendo a escola como espaço simbólico de produção de subjetividades, e a EEAA como um campo potente de mediação, cuidado e reconstrução.

Palavras-chave: desenvolvimento subjetivo; sofrimento subjetivo; atuação institucional.

Referências:

ARAÚJO, J. S. (2020). **O mal-estar docente: desafios contemporâneos da profissão de professor.** São Paulo: Cortez.

GONZÁLEZ REY, F. (2011). **Subjetividade e educação: desafios teóricos e metodológicos**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

GOULART, D. M; GONZÁLEZ REY, F. Mental health care and educational actions: From institutional exclusion to subjective development. **European Journal of Psychotherapy & Counselling**, 2016. DOI: https://doi.org/10.1080/13642537.2016.1260617.

OLIVEIRA, A. M. C.; GOULART, D. M.; GONZÁLEZ REY, F. Processos subjetivos da depressão: construindo caminhos alternativos em uma aproximação cultural-histórica. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 29, n. 3, p. 252-261, 2017

SANTOS, S. (2023). **A subjetividade social que constitui a atuação do pedagogo na escola. Dissertação**, Universidade de Brasília.

Motivação para participar no Colégio Doutoral: A realização deste projeto nasce da escuta sensível de colegas docentes e da convivência cotidiana com práticas escolares marcadas por sobrecarga, desamparo institucional e adoecimento emocional. Como pedagoga atuante na Equipe Especializada de Apoio à Aprendizagem (EEAA) da Secretaria de Educação do Distrito Federal, venho acompanhando de perto histórias de sofrimento silenciado de professores, que muitas vezes permanecem invisibilizadas pelos discursos da produtividade e da resiliência individual. Foi nesse contexto que encontrei na Teoria da Subjetividade de González Rey uma perspectiva teórico-metodológica capaz de dar sentido às experiências que me atravessam profissional e afetivamente. Esta pesquisa, portanto, é movida pelo desejo de compreender o sofrimento docente como um fenômeno complexo, relacional e subjetivo, e de contribuir, a partir desse entendimento, para a valorização da identidade profissional dos educadores e o fortalecimento de práticas institucionais que promovam cuidado, pertencimento e reconstrução.

Perguntas que gostaria de discutir com os debatedores:

A partir do resumo apresentado, é possível incluir como objetivo: Refletir como os professores em situação de exaustão experienciam e significam o sofrimento subjetivo no contexto escolar?

De que modo os processos de desenvolvimento subjetivo de professores adoecidos se configuram nas relações sociais, institucionais e simbólicas presentes na escola pública?

Eixo Temático do Colégio Doutoral: A Teoria da Subjetividade e seus conceitos centrais

Diálogos entre saberes e subjetividades:
o apoio matricial na configuração do cuidado em saúde mental indígena

Isabela de Oliveira da Cunha, Universidade Estadual de Campinas,
isabelaocunha@gmail.com

Resumo: Este projeto de pesquisa, em fase de elaboração, tem como objetivo compreender como se constitui e se organiza a linha de cuidado em saúde mental no novo Ambulatório Intercultural de Saúde Indígena (AISI) da Unicamp, atualmente em fase de implementação. O foco do estudo buscará compreender como o apoio matricial pode se configurar como espaço sociorrelacional de educação permanente em saúde mental (Cunha, 2025; Mitjáns Martínez e González Rey, 2017) entre diferentes epistemes, considerando as possibilidades de diálogo entre os conhecimentos das Medicinas Indígenas – conceito referente à pluralidade das artes indígenas de cuidado e cura (Barreto, 2022) – e das diferentes áreas de saúde do cânone ocidental. O AISI surge como uma proposta inédita de atenção à saúde dos povos indígenas em contexto urbano e multiétnico, especialmente voltado aos estudantes indígenas da Unicamp e à população indígena da região de Campinas. No contexto do AISI, o apoio matricial oferecerá uma retaguarda assistencial e técnico-pedagógica às equipes de referência, promovendo práticas compartilhadas e espaços de educação permanente com foco na interculturalidade e no reconhecimento dos saberes indígenas. O ambulatório contará com uma equipe multiprofissional majoritariamente composta por profissionais indígenas e, dentro das diversas linhas de cuidado, a de saúde mental será uma das primeiras a ser implementada, devido à especificidade da demanda nesse contexto. A equipe terá em sua composição Especialistas em Medicinas Indígenas (EMIs) – por exemplo pajés, parteiras, raizeiros(as), curandeiros(as), entre outros – que atuarão conjuntamente com outros profissionais da equipe na oferta de cuidado à população e no apoio matricial de profissionais da rede de serviços da Unicamp e do SUS-Campinas, inclusive no campo da saúde mental. Por essa razão, o apoio matricial se torna um ponto central de análise desse projeto de pesquisa, especialmente no que diz respeito à construção de espaços dialógicos que possibilitem o encontro de diferentes saberes, ontologias e cosmologias, tensionando práticas de cuidado ocidental e favorecendo a produção de novas reflexões e modos de cuidado. No campo específico da saúde mental, o projeto pretende analisar como essa linha de cuidado se configura subjetivamente nessa equipe, em fase de implementação, considerando que as Medicinas Indígenas apresentam diferenças ontológicas e epistemológicas de compreensão do ser humano que desafiam os limites do referencial teórico ocidental. A pesquisa propõe,

portanto, abrir um campo de diálogo com diferentes conhecimentos indígenas sobre as práticas de cuidado em saúde mental a partir do desenvolvimento do apoio matricial como campo de pesquisa e espaço sociorrelacional, favorecendo novas produções subjetivas que possam integrar a configuração subjetiva do processo de aprender e desdobrar-se no desenvolvimento de outros processos da vida e cuidado, tanto dos outros profissionais de saúde quanto da própria pesquisadora (Silva; Rossato, 2024).

Palavras-chave: saúde mental indígena; apoio matricial; interculturalidade.

Referências:

BARRETO, João Paulo de Lima. **O Mundo em mim: uma teoria indígena e os cuidados sobre o corpo no Alto Rio Negro**. Brasília: Mil Folhas, 2022.

CUNHA, Isabela de Oliveira da. P**rática profissional, tensionamentos e diálogo: a configuração subjetiva social do apoio matricial de duas equipes NASF**/eMulti. 2025. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Campinas, 2025.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica**. São Paulo: Cortez, 2017.

SILVA, G. de J.; ROSSATO, M. Formação profissional continuada orientada pelos pressupostos da teoria da subjetividade: um relato de experiência. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; TACCA, Maria Carmen; ROSSATO, Maristela; PUENTES, Roberto Valdés (org.). **Teoria da subjetividade e epistemologia qualitativa: práticas profissionais e pesquisas.** Campinas: Alínea, 2024.

Motivação para participar no Colégio Doutoral: Nos últimos anos (2017–2025), venho me dedicando ao estudo do apoio matricial sob a perspectiva da Teoria da Subjetividade, como caminho para práticas de cuidado mais criativas diante dos desafios políticos e epistemológicos enfrentados no campo da saúde. Durante esse processo, desenvolvi uma reflexão inicial sobre o apoio matricial enquanto espaço sociorrelacional de educação permanente em saúde. No início do doutorado, surgiu a oportunidade de integrar a construção do AISI – em conjunto com a frente indígena do projeto *Margens e Veredas* e a CAIAPI –, que não apenas aprofundou meu interesse pelo tema, como também abriu um novo campo de investigação. A partir disso, novos desafios emergiram, especialmente sobre como promover o diálogo entre os diversos profissionais da equipe e as pluralidades dos saberes indígenas, respeitando a singularidade de cada saber no cuidado em saúde mental. Participar do Colégio Doutoral será fundamental para amadurecer essas reflexões em diálogo com outros pesquisadores.

Perguntas que gostaria de discutir com os debatedores:

Quais são os limites e as possibilidades dos conceitos da Teoria da Subjetividade para compreender as diversas experiências de sofrimento e cuidado em saúde mental indígena, considerando as diferenças ontológicas e epistêmicas entre os saberes indígenas e o referencial ocidental?

De que maneira o conceito de “espaço sociorrelacional de educação/aprendizagem” pode contribuir para a construção de práticas de apoio matricial que favoreçam processos de aprendizagem e produção subjetiva em contextos interculturais, como o do AISI?

Eixo Temático do Colégio Doutoral: Epistemología Cualitativa y Metodología Constructivo-Interpretativa: conceptos centrales y esbozo metodológico

CONSTRUCCIÓN DE LOS SUJETOS POLÍTICOS EN EL CONTEXTO DEL ESTALLIDO POPULAR ANDINO EN EL SUR DEL PERÚ 2021-2026

Svieta Valia Fernández González, Universidad Nacional de la Plata, CIPS HC, svietafernandez@gmail.com

Resumen: La destitución del expresidente Pedro Castillo en diciembre de 2022 precipitó un proceso de movilización popular masiva en las regiones del sur andino del Perú. Estas protestas visibilizaron una fractura estructural profunda entre una Lima criolla centralista y los sectores populares regionales, configurando un nuevo campo de disputa política y simbólica. En este contexto emergieron sujetos políticos no tradicionales, que reconfiguraron las coordenadas de la acción colectiva desde lo andino-popular, desbordando los marcos clásicos de la izquierda académica y los aparatos sindicales tradicionales. Esta investigación tiene como objetivo general comprender la construcción de las configuraciones subjetivas de los sujetos políticos en las regiones de Puno y Tacna en el contexto del estallido popular andino peruano 2021-2026. Para ello, se proponen tres objetivos específicos: (1) Analizar las contradicciones emergentes en la construcción de los sujetos políticos; (2) Explorar los sentidos subjetivos de identificación colectiva; y (3) Analizar la construcción de significantes vacíos que movilizan a las organizaciones populares del sur andino. Desde una metodología cualitativa de tipo constructivo-interpretativa (González Rey, 2015), esta investigación recupera los sentidos emocionales y simbólicos emergentes a partir de entrevistas a profundidad, observaciones etnográficas y análisis documental. El enfoque permite comprender cómo la subjetividad se configura en escenarios de tensión política y permite acceder a la emergencia del sujeto como proceso abierto, contradictorio y situado. Teóricamente, se articula el enfoque de subjetividad de Fernando González Rey —centrado en la configuración simbólica, emocional e histórica del sujeto— con la teoría del sujeto político de Ernesto Laclau, especialmente su noción de "significante vacío" y de articulación hegemónica en un terreno social contingente. El diálogo entre ambas vertientes permite interpretar cómo emergen formas de identificación colectiva en contextos de antagonismo y ruptura institucional. Entre los hallazgos principales, se identifican: 1. **La contradicción Lima criolla–regiones populares**, donde el poder simbólico y político de Lima es desafiado por una acción colectiva regional con agencia propia. 2. **La reconfiguración del campo político más allá de la dicotomía izquierda-derecha**, en la que los actores populares no se sienten representados por la izquierda limeña tradicional. 3. **La crítica a la apropiación simbólica de lo aymara por parte de sectores progresistas**, que instrumentalizan identidades sin reconocer los sentidos

organizativos comunitarios ni sus horizontes emancipatorios. 4. **La emergencia de nuevas formas organizativas híbridas**, que combinan elementos evangélicos, marxistas y de la cosmovisión andina, y que se articulan en torno a demandas como la nueva constitución y la defensa del presidente Castillo. 5. **El campo digital como espacio de disputa**, donde circulan y se resignifican figuras políticas y discursos populares.Finalmente, esta investigación aporta a la comprensión del sujeto político como una configuración contingente, situada y plural, cuyo análisis requiere superar los enfoques estructuralistas, liberal-representativos o culturalistas aislados.

Palabras clave: sujeto político, subjetividad, movimiento social

Referências

CASTRO TOHÁ, Andrea. **El aprendizaje de la creatividad: aportes para contextos**
vulnerables. Santiago de Chile: Universidad Academia de Humanismo Cristiano, 2016.
GONZÁLEZ REY, Fernando. La subjetividad en una perspectiva cultural-histórica: avanzando sobre un legado inconcluso. **Universitas Psychologica**, Bogotá, v. 9, n. 1, p. 193-217, 2010.
SUBERO, Jesús; ESTEBAN, Alunaguzmán**.** Comprensión de las emociones desde la teoría de la subjetividad. **Revista Venezolana de Psicología**, Caracas, v. 27, n. 2, p. 165-183, 2023.
VALDÉS, Martha. **Los niños y niñas y la constitución de subjetividades políticas.** La Habana: Editorial Félix Varela, 2019.

Motivación para participar en el Colegio Doctoral: Mi interés en participar en el Colegio Doctoral radica en la posibilidad de dialogar colectivamente sobre procesos políticos emergentes desde el sur global, y generar nuevos sentidos sobre la categoría "sujeto político", tradicionalmente abordada desde perspectivas sociológicas estructurales. Desde la perspectiva histórico-cultural, propongo comprender al sujeto como configuración discursiva-emocional situada. Quiero nutrirme del diálogo con otros/as doctorandos/as y debatidores que aborden problemas semejantes en América Latina, visibilizando otras formas de agencia y producción de lo político. Considero fundamental intercambiar metodologías críticas para estudiar la subjetividad en contextos de crisis.

Preguntas que me gustaría discutir con los debatidores:

¿Cómo pensar los flujos de sentido desde una perspectiva metodológica que no esencialice las identidades políticas emergentes?

¿Qué lugar ocupa el significante vacío en una teoría de la subjetividad construida históricamente?

¿Es posible resignificar la democracia más allá de los marcos liberales, sin recaer en formas autoritarias?

Eixo Temático do Colégio Doutoral: O processo de construção interpretativa das informações: elaboração de indicadores, hipóteses, modelo teórico.

CRIANÇAS EM ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL E FAMILIAR E O DIREITO HUMANO À PRÓPRIA HISTÓRIA DE VIDA: DIÁLOGOS ENTRE SUBJETIVIDADE, PROJETO DE VIDA E DIGNIDADE BIOGRÁFICA

Daniela de Macedo Britto Ribeiro Trindade de Sousa, Universidade de Brasília,

danielademacedo@uol.com.br

Resumo: O projeto que pretendo discutir no Colégio Doutoral está em processo de construção interpretativa da informação. A pesquisa foi desenvolvida no âmbito do doutorado no Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania na Universidade de Brasília. Tem como foco os direitos humanos das crianças que estão em situação de acolhimento institucional e familiar, afastadas de suas famílias de origem por alguma medida judicial de proteção. Há um interesse específico em discutir o direito humano à própria história de vida em interlocução com categorias como subjetividade, projeto de vida e dignidade biográfica. A Teoria da Subjetividade de Fernando González Rey abre uma relevante oportunidade de diálogo e de reflexão com o meu tema de pesquisa a partir do processo humano que se dá no curso da experiência. Esse processo emerge na vida social culturalmente organizada, com a integração do passado e do futuro como "qualidade inseparável da produção subjetiva atual" (González Rey e Mitjáns Martínez, 2017, p.63). A partir da realização da pesquisa de campo e da construção interpretativa das informações, confirmei a importância de um diálogo teórico interdisciplinar da Teoria da Subjetividade com outras áreas do conhecimento que atravessaram a minha pesquisa de campo. Observei a complexidade das produções subjetivas das crianças que se deparam com o distanciamento das suas referências familiares de origem – situadas no campo do afeto, da identidade e da memória – por uma medida judicial que se pretende de proteção. Ademais, as crianças que participaram da pesquisa expressaram seus contextos de desigualdade econômica e social ao mesmo tempo em que reconheceram suas referências culturais que perpassam, de maneiras diversas, pelo exercício do cuidado e pelo (re)estabelecimento de relações. As crianças e suas produções subjetivas despertaram processos de inteligibilidade sobre a complexidade de suas experiências de deslocamento. Assim, considero relevante para a construção interpretativa das informações uma permeabilidade da lente teórica que entende a historicidade como dimensão de sentido subjetivo, afinal, segundo González Rey e Albertina Mitjáns, passado, presente e futuro organizam-se como uma unidade no movimento das configurações subjetivas (2017, p. 63). Por fim, por estar em um Programa de Pós-Graduação que é interdisciplinar, aceitei convites reflexivos para diálogos com outros referenciais que, por si só, também exigem disponibilidade para aproximações e, também, para distanciamentos, especialmente durante o processo de construção

interpretativa das informações. A partir dessa breve contextualização, reconheço a relevância de discutir esses tensionamentos acadêmicos que nos atravessam durante uma pesquisa interdisciplinar. Abertura para diálogos possíveis e desafiadores? Ou manutenção de um lócus mais previsível de articulação teórica? Eis alguns dos desafios que se apresentam, para mim, nessa reta final do processo de construção interpretativa das informações.

Palavras-chave: direitos humanos; historicidade; interdisciplinaridade

Referências

GOULART, Daniel Magalhães. AROCHO, Wanda C. Rodriguez. Subjetividade, Dialética e Historicidade: reflexões sobre uma proposta crítica e transformadora. In **Teoria da subjetividade como perspectiva crítica: desenvolvimento, implicações e desafios atuais.** Campinas: Alínea, 2022.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural.** São Paulo: Thomson, 2003.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. O social como produção subjetiva: superando a dicotomia individuo-sociedade numa perspectiva cultural-histórica. **Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 2, n. 2, p. 167-185, 2012.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.

Motivação para participar no Colégio Doutoral: A minha motivação principal para participar do Colégio Doutoral é a oportunidade de aprofundar o conhecimento e de debater reflexivamente com especialistas, doutorandos e mestrandos que se interessam pela Teoria da Subjetividade, pela Epistemologia Qualitativa e pela Metodologia Construtivo-Interpretativa. Ademais, reconheço a relevância e a importância de submeter o meu projeto, em fase final de construção interpretativa da informação, à discussão altamente qualificada para viabilizar maior inteligibilidade dos referenciais teóricos e metodológicos que fundamentam a minha investigação. Entendo que será uma oportunidade de aprimorar o meu estudo sobre a temática com a contribuição dos debatedores especialistas e dos outros participantes do Colégio Doutoral.

Perguntas que gostaria de discutir com os debatedores:

Quais os principais desafios para a interlocução da Teoria da Subjetividade com outros referenciais teóricos cujas categorias se aproximam e/ou dialogam com os seus principais conceitos? Qual conceito de “produções subjetivas” que dialogaria, teórica e interpretativamente, com o referencial teórico da Teoria da Subjetividade e da Metodologia Construtivo-Interpretativa em articulação com outros campos das ciências humanas e sociais?

Qual a perspectiva de diálogos no processo de construção interpretativa das informações em relação aos tensionamentos acadêmicos que atravessam uma pesquisa interdisciplinar? O vocabulário da Teoria da Subjetividade, em algumas situações, pode ensejar desafios para a compreensão por pesquisadores que não estudam a Teoria da Subjetividade de maneira específica? Se sim, como viabilizar diálogos acessíveis e profícuos com pesquisadores de outros campos?

Existe abertura ou permeabilidade para diálogos possíveis, ainda que desafiadores? Ou se espera de pesquisadores a manutenção de um lócus previsível de articulação teórica no processo de construção interpretativa das informações?

Eixo Temático do Colégio Doutoral: O processo de construção interpretativa das informações: elaboração de indicadores, hipóteses, modelo teórico.

OFICINAS PARA PRODUÇÃO DE RECURSOS DIDÁTICOS COM O MIRITI: MUDANÇAS NA CONFIGURAÇÃO SUBJETIVA DA AÇÃO DE APRENDER BIOLOGIA DE LICENCIANDOS

Ivana Thariny de Lima Leal, Universidade Federal do Pará,

ivana.leal@iemci.ufpa.br

Resumo: A formação inicial de professores tem sido marcada por desafios, como destacado por Lopes et al. (2016) e Santos e Souza (2019) um dos principais problemas identificados é a herança histórica nos cursos de licenciatura em Ciências Biológicas os quais são frequentemente concebidos como uma extensão do bacharelado. Esse modelo remonta ao formato "3 + 1" de formação estabelecido pela USP em 1934, que separava os conhecimentos necessários para a formação de professores em dois campos distintos: o conhecimento específico relacionado ao mundo científico-cultural e o conhecimento pedagógico voltado para a formação didática e profissional. Podemos então perceber um problema na formação inicial de professores relacionado a uma longa trajetória enraizada na ideia de que os cursos são uma continuação do bacharelado, concebendo o professor como um técnico que executa o conhecimento transmitido por outros, em vez de gerá-lo por meio da prática de ensinar e aprender. Dessa forma, essa abordagem tende a negligenciar a dimensão subjetiva do processo educativo, focando mais na aplicação mecânica de teorias e conteúdos pré-estabelecidos. Percebemos então, que os processos de formação enfatizam apenas os conhecimentos técnicos, muitas vezes esquecendo o fato de que esses conhecimentos precisam ser personalizados para se tornarem parte da produção subjetiva e passarem a compor a futura prática pedagógica. Assim, este trabalho apresenta uma pesquisa em desenvolvimento, referente à minha tese de doutorado intitulada “oficinas para produção de recursos didáticos com o miriti: mudanças na configuração subjetiva da ação de aprender Biologia de licenciandos” o objetivo busca compreender e explicar como ocorre a organização e mudanças na configuração subjetiva da ação de aprender Biologia dos licenciandos. Partindo desse pressuposto essa investigação está embasada na Teoria da Subjetividade, Epistemologia Qualitativa e Metodologia Construtivo-Interpretativa (González Rey e Mitjáns Martínez, 2017) no âmbito desta metodologia prevemos o uso de recurso para promover o debate e diálogo, incluindo observações participativas, dinâmicas de conversação em grupo e individualmente, acompanhamento de atividades específicas, entrevistas com licenciandos, condução de oficinas, diários de oficinas e gravações em áudio. O público está destinado a estudantes que estiverem regularmente matriculados no curso de Ciências Biológicas, de idades entre 18

e 40 anos do Instituto Federal do Pará em Abaetetuba. As atividades ocorrerão durante o acompanhamento das aulas do curso, seguido de um dos instrumentos de pesquisa que serão as “oficinas de aprendizagem por modelos: produzindo recursos didáticos com o miriti”. Desse modo, essa pesquisa pretende favorecer o desenvolvimento de novos sentidos subjetivos e recursos subjetivos na ação de aprender Biologia por meio da criação de recursos didáticos de miriti por licenciandos, pois, acreditamos que ao confeccionar materiais com finalidades pedagógicas o os aprendizes-professores também aprendem conhecimentos de forma contextualizada e integrada a sua subjetividade individual e social, fomentando assim sua emergência como agente ou sujeito de sua própria aprendizagem.

Palavras-chave: licenciandos, recursos didáticos de miriti, ciências biológicas

Referências

LOPES, Ranib Aparecida dos Santos; QUEIRÓS; Wellington Pereira de; TIRADENTES; Cibele Pimenta; SANTOS; Solange Xavier dos. A história da formação de professores de ciências naturais dos últimos anos de educação primária em Goiás**. Tecné, Episteme y Didaxis: TED**, núm. 41, pp. 109-127, 2017, Universidad Pedagógica Nacional; Facultad de Ciencia y Tecnología.Disponível em:https://www.redalyc.org/journal/6142/614264655006/html/#B16. Acesso em: 01 jun. 2024.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade**: **teoria, epistemologia e método.** Campinas: Editora Alínea, 2017. 191 p.

SANTOS, Claudeni. Marques.SOUZA, Lucia. Helena. Pralon. de. Panorama histórico da formação dos professores de ciências: problemáticas e implicações permeando a Lei de Diretrizes e Bases. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, MG, v. 10, p. e019033, 2019. DOI: 10.22294/eduper/ppge/ufv.v10i0.7096. Disponível em: https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/7096. Acesso em: 31 maio. 2024.

Motivação para participar no Colégio Doutoral: Minha motivação para participar do Colégio Doutoral se baseia no desejo de aprofundar meus conhecimentos sobre a Teoria da Subjetividade e a Epistemologia Qualitativa, quero aproveitar essa oportunidade para debater questões conceituais, epistemológicas e metodológicas, trocando experiências com outros pesquisadores e profissionais da área. Acredito que as discussões nos Grupos de Discussão Temática vão me ajudar a enfrentar desafios teóricos e metodológicos, além de contribuir para o avanço da minha pesquisa de doutorado, pois, participar desse espaço colaborativo é uma chance de ampliar minha compreensão, fortalecer minha prática e contribuir para o desenvolvimento dessa área de estudo.

Perguntas que gostaria de discutir com os debatedores:

Como se organiza e muda a configuração subjetiva de aprender Biologia de licenciandos na produção de recursos didáticos de miriti?

Quais recursos subjetivos expressam-se na ação de aprender Biologia com a produção de recursos didáticos no contexto das oficinas com o uso do miriti?

Eje Temático del Colegio Doctoral: El proceso de construcción interpretativa de las informaciones: elaboración de indicadores, hipótesis, modelo teórico.

TALLER DE APRENDIZAJE: INTERVENCIONES Y TRANSFORMACIONES SUBJETIVANTES EN EL ÁMBITO COMUNITARIO

Priscila Judith Franco, Universidad de Buenos Aires,

priscilajfranco@gmail.com

Resumen: En esta presentación se exponen los avances del plan de tesis de la Maestría en Psicología Educacional (Facultad de Psicología – UBA), titulada "Taller de aprendizaje: un espacio subjetivante en el ámbito comunitario", inserta en el proyecto UBACyT (2021-2024) "Estrategias de intervención subjetivantes y transformaciones simbólicas en un dispositivo de apoyo escolar en el ámbito comunitario". El objetivo de la investigación es explorar las relaciones entre las dinámicas intersubjetivas generadas en el Taller de aprendizaje y las posibles transformaciones en los procesos de simbolización de los niños y niñas que asisten. Para ello, se plantean tres objetivos específicos: analizar la función encuadrante de las coordinadoras, caracterizar las modalidades de producción simbólica al inicio del taller, y conceptualizar los cambios de posicionamiento subjetivo vinculados a los procesos de aprendizaje. La metodología empleada se inscribe en el enfoque cualitativo y constructivo-interpretativo (González Rey, 2011), y privilegia el pensamiento clínico como modalidad de interrogación teórica situada (Green y Uribarri, 2015; Álvarez y Sverdlik, 2018). Se parte del supuesto de que el material de investigación no constituye un objeto dado, sino una construcción subjetiva, relacional y situada por parte de la investigadora, subrayando el carácter dialógico de la producción de conocimiento. El dispositivo se desarrolló en una asociación civil ubicada en un barrio en situación de vulnerabilidad social en el conurbano bonaerense. Participaron entre cuatro y seis niños/as y tres coordinadoras (siendo yo una de ellas). En los momentos inaugurales, se realizaron entrevistas a referentes familiares, un encuentro con participación conjunta y actividades diseñadas como espacios potenciales que propicien el despliegue singular de cada participante. Se realiza un análisis de los sucedido en los encuentros del taller durante un año, a partir del registro videográfico y las crónicas realizadas por las coordinadoras. A través de un proceso de teorización progresiva, se construyeron tres dimensiones de análisis: función encuadrante, posicionamiento subjetivo y marcas sobre el papel. En la primera se estudia el modo en que las coordinadoras crean condiciones intersubjetivas que habilitan los procesos de simbolización; la segunda se enfoca en los modos singulares de respuesta y apropiación subjetiva frente a las propuestas del taller; y la tercera se refiere a las producciones gráficas y escritas como huellas de procesos simbólicos, retomando a Rodulfo (2015) en torno a la inscripción en territorios de escritura. Actualmente, me encuentro en la etapa

de construcción interpretativa del material a partir de las dimensiones de análisis mencionadas. La hipótesis central plantea que la dinámica intersubjetiva generada habilita transformaciones en los procesos de simbolización que están en la base de los procesos de aprendizaje. El taller se configura así como dispositivo subjetivante en una zona de frontera entre educación y salud (Zelmanovich, 2017), una propuesta situada y flexible que habilita otros modos de aprender, de decir y de marcar. Se plantea como interrogación abierta el lugar de lo comunitario como condición de posibilidad para imaginar nuevas formas de intervención clínica en el campo educativo, ampliando el horizonte de lo escolar hacia una perspectiva subjetivante y transformadora.

Palabras clave: aprendizaje; comunitario; simbolización

Referencias

ALVAREZ, Patricia; SVERDLIK, Mara. El pensamiento Clínico en la investigación Psicoanalítica. **Revista Psicoanálisis Latinoamericano Contemporáneo**. Buenos Aires. V. 1, p. 995-1009, 2018.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Epistemología cualitativa y subjetividad. Fundamentos epistemológicos, teóricos y metodológicos**. Cengage Learning. 2011

GREEN, André y URIBARRI, Fernando. **Del pensamiento clínico al paradigma contemporáneo**. Amorrortu. 2015

RODULFO, Ricardo. **Dibujos fuera del papel: de la caricia a la lectoescritura en el niño.** Buenos Aires. Paidos. 2015

ZELMANOVICH, Perla. Espacio socioeducativo: lugar practicado entre fronteras y puentes entre niñez y cultura. En XVI Foro Internacional de Educación Inicial COMFENALCO. **Congreso llevado a cabo en Medellín**, Colombia. Octubre de 2017

Motivación para participar en el Colegio Doctoral: Me interesa participar del Colegio Doctoral porque encuentro en este espacio una posibilidad concreta para poner en juego, revisar y tensionar los marcos teóricos y metodológicos que sostienen mi investigación de maestría. El proyecto se orienta al análisis de un Taller de aprendizaje como dispositivo subjetivante en el ámbito comunitario, desde las conceptualizaciones del psicoanálisis contemporáneo y la epistemología de la complejidad. Actualmente me encuentro en la etapa de construcción interpretativa del material, y considero que el diálogo con colegas y especialistas que trabajan desde la epistemología cualitativa y la teoría de la subjetividad puede contribuir de forma significativa a afinar mis decisiones teóricas y analíticas, en el marco de la metodología constructivo-interpretativa.

Este espacio representa, además, una oportunidad valiosa para intercambiar experiencias con investigadores formados y en formación que abordan la subjetividad desde perspectivas críticas, situadas y comprometidas.

Preguntas que me gustaría discutir con los debatidores:

¿Qué desafíos y posibilidades presenta la metodología constructivo-interpretativa para
investigar procesos de simbolización en escenarios comunitarios?

¿Cómo sostener la complejidad, heterogeneidad y creatividad propias de las producciones subjetivas en interrelación con las dinámicas intersubjetivas generadas en el taller?

¿Conviene presentar primero el análisis y luego la interpretación de cada dimensión de
análisis planteada, o es mejor escribirlo en un mismo apartado?

Grupo 3 - Debatedores: Dr. José Fernando Patiño Torres e Dr. Valéria Deusdará Mori

Monitoria: Wallace Diniz Damaceno e Giovanna Ribeiro dos Reis Brum

Eje Temático del Colegio Doctoral: La Teoría de la Subjetividad y sus conceptos centrales

ANÁLISIS DE LA CONSTRUCCIÓN DE LA TERRITORIALIDAD EN PUERTO RICO

Laura Daniela López Peinado, Universidad de Puerto Rico,

laura.lopez20@upr.edu

Resumen: La construcción de la territorialidad es un proceso relacional en el que las personas se organizan en/con el territorio. Implica un conjunto de prácticas cotidianas y comunitarias, mediante las que material y simbólicamente los seres humanos garantizan su permanencia en un espacio/tiempo determinado, para alcanzar autónomamente objetivos delimitados en relación con los recursos disponibles, fortaleciendo la subjetividad y la identidad. Un primer paso para analizar la construcción de la territorialidad es entender cómo signifcan el territorio los miembros de una cultura. Desde las ciencias sociales el territorio se ha entendido como una construcción geográfica, sociohistórica, política, simbólico-emocional. Es el espacio material que se presenta como condición para la reproduccion de la vida, produciendo los recursos que la misma necesita. A su vez es "un fragmento de identidad" (Haesbaert, 2011, p. 62), producto y expresión de la subjetividad, en el se proyecta el trabajo, se inscriben las biografïas, la memoria colectiva, los modos de vida sociales, histórico-culturales. En el se manifiestan disputas en las que se revelan las relaciones de poder subjetivadas en los significados creados para delimitar el espacio, en las que se garantiza -o no- la superviviencia histórico-cultural (Haesbaert, 2020; Herner, 2009). Mi tesis de maestría en psicología social comunitaria busca analizar la construcción de la territorialidad en Puerto Rico, pues representa un problema social que ha enfrentado históricamente Puerto Rico y que se debe comprender desde la disciplina. Al ser una investigación exploratoria sobre el tema, tiene como propósito conocer cómo significan el territorio sujetos que participan en organizaciones comunitarias en Puerto Rico. La pregunta de investigación es ¿cómo significan el territorio los sujetos que participan en organizaciones comunitarias en Puerto Rico? El diseño de la investigación será cualitativo. Los datos serán recopilados mediante dos encuentros de discusión grupal. La discusión grupal se promoverá a partir de guías de preguntas semi-estructuradas a modo de inductores (Gonzalez-Rey, 2006). Los espacios

de discusión transitarán por 3 actividades, una de inicio para familiarización, otra de producción de significados sobre el territorio y una de cierre reflexivo. La cartografía social servirá como herramienta para la producción de significados sobre territorio y tendrá como producto la elaboración de mapas sobre lo que los participantes significan como territorio. Los encuentros serán grabados y transcritos, las transcripciones serán analizadas desde el feminismo decolonial, la psicología de la liberación y la teoría de la subjetividad para conocer significados sobre el territorio (Espinosa-Miñoso, 2023; Gonzalez-Rey, 2006; 2010; Martín-Baró, 2006). Al momento me encuentro terminando de delimitar conceptos centrales del marco teórico y metodológico a la vez que estableciendo contacto con organizaciones comunitarias para invitarles a participar de la investigación. Por tal razón quisiera enfocar mi trabajo en la profundización de mi conocimiento sobre la teoría de la subjetividad y sus conceptos centrales.

Palabras clave: territorialidad, subjetividad, poder.

Referencias

ESPINOSA-MIÑOSO, Y. **Feminismo Descolonial**. Santo Domingo: En la frontera, 2023.

HAESBAERT, R. **El mito de la desterritorialización. Del "fin de los territorios" a la multiterritorialidad**. Siglo XXI, 2011.

HAESBAERT, R. Del cuerpo-territorio al territorio-cuerpo (De la tierra): contribuciones Decoloniales. **Cultura y representaciones sociales**, v.15, n.29, 2020.

GONZÁLEZ-REY, F. **Investigación cualitativa y subjetividad**. Oficina de Derechos Humanos del Arzobispado de Guatemala, 2006.

GONZÁLEZ-REY, F. Las categorías de sentido, sentido personal y sentido subjetivo en una perspectiva histórico-cultural: un camino hacia una nueva definición de subjetividad. **Universitas Psychologica**, v.9, n.1, p.241-253, 2010.

MARTÍN-BARÓ, I. Hacia una psicología de la liberación. **Revista Electrónica de Intervención Psicosocial y Psicología Comunitaria**, v.1, n.2, p.7-14, 2006.

Motivación para participar en el Colegio Doctoral: Me interesa mucho comprender sustancialmente el concepto de subjetividad y los conceptos teórico-metodológicos que surgen a partir del desarrollo de la teoría de la subjetividad. Creo que, aunque me he sumergido en diversas lecturas sobre el tema, el hecho de poder conversar y discutir con personas que tienen profundo conocimiento en el tema va a darme la solidez que necesito para que mi tesis contribuya también al desarrollo de la teoría de la subjetividad en Puerto Rico. Aunque en este momento estoy terminando de delimitar mis postulados teóricos y metodológicos, próximamente estaré en trabajo de campo y

posteriormente en elaboración de hallazgos, por lo que me encuentro en un momento crucial para comprender la teoría de la subjetividad y su aplicación en la investigación.

Preguntas que me gustaría discutir con los debatidores:

¿Es el concepto de sujeto únicamente aplicable a aquellos quienes producen nuevas subjetividades frente a las rígidas normatividades? De ser así, ¿por qué?

¿Cómo darse cuenta de que lo conversado con los participantes de una investigación es una producción subjetiva?

¿Qué caracteriza a los elementos simbólico-emocionales en una producción subjetiva, cómo reconocerlos e interpretarlos?

Eixo Temático do Colégio Doutoral: A Teoria da Subjetividade e seus conceitos centrais

USO PROBLEMÁTICO DE DROGAS ENTRE UNIVERSITÁRIOS E SUBJETIVIDADE: CONTRIBUIÇÕES DA CATEGORIA CONFIGURAÇÕES SUBJETIVAS

Maria Luíza Alves de Carvalho, Universidade de Brasília

marialuizaalves.c@gmail.com

Resumo: Este trabalho parte da inquietação com os impactos do uso problemático de álcool e outras drogas na saúde mental de estudantes universitários. Tais experiências são compreendidas como expressões de sentidos subjetivos, produzidos na articulação entre os indivíduos e os contextos nos quais estão inseridos, constituindo-se em configurações subjetivas singulares que organizam a experiência do uso de drogas e seus efeitos colaterais sobre a saúde mental. O trabalho baseia-se num projeto de pesquisa de Mestrado Acadêmico, que se propõe a investigar as configurações subjetivas em estudantes de uma universidade pública do Distrito Federal do uso problemático de substâncias psicoativas, articulando os efeitos desses usos às dinâmicas dos processos educativos e institucionais vivenciados por esses sujeitos. A pesquisa adota como referencial a Teoria da Subjetividade em uma perspectiva cultural-histórica, proposta por González Rey, cujo aporte permite compreender os sentidos subjetivos como expressões simbólico-emocionais que não se reduzem a fatores individuais ou sociais, mas emergem da complexa relação entre estes. Assim, o uso problemático de drogas é compreendido como uma configuração subjetiva, composta por sentidos subjetivos que se organizam de forma singular na dinâmica da vida do indivíduo. Tal compreensão possibilita reconhecer esse uso como expressão de um modo de subjetivar experiências e conflitos, sem reduzi-lo a um desvio, patologia ou mera reação a fatores externos, de modo estreitamente articulado a dinâmicas culturais e sociais. Utiliza-se a metodologia construtivo-interpretativa, orientada pela Epistemologia Qualitativa, também desenvolvida por González Rey, que valoriza o processo dialógico e a produção de conhecimento a partir da singularidade. Os procedimentos metodológicos são orientados a favorecer expressões espontâneas dos participantes, promovendo a emergência de sentidos subjetivos acerca do uso de drogas, do sofrimento subjetivo e dos mais diversos aspectos da experiência universitária. A construção da informação será feita com base na construção de indicadores e hipóteses que orientem a formulação de um modelo teórico do fenômeno estudado. A pesquisa pretende contribuir com o debate sobre a necessidade de práticas de cuidado que considerem as especificidades dos indivíduos, superando abordagens fragmentadas, moralizantes e patologizantes. Defende-se que a universidade também deve ser concebida como parte da rede

de cuidado aos estudantes, promovendo ações intersetoriais entre saúde e educação.

Palavras-chave: saúde mental; uso problemático de drogas; universidade.

Referências:

COSTA, PH, RONZANI, TM, COLUGNATI, FAB. **"No papel é bonito, mas na prática…" Análise sobre a rede de atenção aos usuários de drogas nas políticas e instrumentos normativos da área**. USP. Associação Paulista de Saúde Pública, 2017.

GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade, educação e desenvolvimento humano: entre a crítica e a proposta**. Campinas: Alínea, 2017.

GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas: Alínea, 2017.

Motivação para participar no Colégio Doutoral: Diante da pesquisa descrita, pretende-se, neste Colégio Doutoral, discutir o valor heurístico da categoria configurações subjetivas para a compreensão do uso problemático de drogas em universitários. A noção de configuração subjetiva oferece uma via potente para pensar os sentidos subjetivos que organizam experiências singulares, sem reduzi-las a diagnósticos ou desvios de normalidade. Ao deslocar o foco da causalidade linear e das classificações normativas para os processos que constituem o indivíduo em sua historicidade, essa categoria possibilita a construção de complexas inteligibilidades sobre o uso problemático de substâncias. Nesse sentido, vislumbra-se a potencialidade da categoria para pensar os modos como o sofrimento, a performance acadêmica, as relações institucionais e os vínculos afetivos se articulam no uso das drogas como forma de enfrentamento ou organização da experiência. A participação neste Colégio é motivada pelo desejo de aprofundar o debate teórico-metodológico sobre configurações subjetivas em pesquisas com temáticas sensíveis e estigmatizadas, buscando o diálogo com pesquisadores/as que compartilhem desse compromisso.

Perguntas que gostaria de discutir com os debatedores:

Como compreender o uso abusivo de substâncias psicoativas a partir das configurações subjetivas pode contribuir para a formulação de práticas de cuidado que não se limitem à lógica da abstinência ou da correção moral?

De que maneira a noção de configurações subjetivas tensiona os modelos tradicionais de tratamento e cuidado em saúde mental voltados ao uso de drogas, especialmente em contextos e instituições marcados por práticas disciplinadoras?

Eixo Temático do Colégio Doutoral: O processo de construção interpretativa das informações: elaboração de indicadores, hipóteses, modelo teórico.

IMAGINACIÓN Y DEMOCRACIA. PROCESOS DE SUBJETIVACIÓN EN LA EXPERIENCIA EDUCATIVA CONTEMPORÁNEA

Sofía Adinolfi Greco

Resumen: Con el interés en trabajar los procesos de subjetivación en la experiencia educativa contemporánea argentina desde una perspectiva de la imaginación y de la democracia; es decir, en el despliegue de los procesos de imaginación para la construcción de la convivencia, participación democrática y acompañamiento a las trayectorias como forma de subjetivación es que pondré el foco en desentrañar ¿cómo se entraman las formas de pensamiento e imaginación sobre el hacer en la escuela secundaria desde la perspectiva de las/os docentes? Y desde allí poder pensar ¿cuáles son las condiciones necesarias en el hacer-cotidiano escolar para que los adultos-docentes puedan acompañar a sus estudiantes promoviendo procesos de subjetivación reflexiva y democrática? Por tanto, se indagan las formas del hacer en la Escuela Secundaria analizando lo que hacen y lo que piensan de lo que hacen las/os docentes, con una mirada puesta en el pensamiento de los adultos-docentes sobre las prácticas educativas, sus posicionamientos y la construcción de experiencias subjetivantes para las/os estudiantes. Se realizaron entrevistas semiestructuradas a docentes en distintas posiciones institucionales de escuelas secundarias públicas de Ciudad de Buenos Aires; habiendo finalizado el trabajo de campo, y encontrándome en el proceso de construcción interpretativa de la información. Así, se van delineando tres dimensiones de análisis que aún se encuentran en proceso de construcción, revisión y reconstrucción. Las mismas son: docentes pensando la subjetividad adolescente (cómo las/os caracterizan, cómo piensan las problemáticas); docentes pensándose a ellos mismos en el ejercicio de una función (cómo conciben su posición, cuáles son las interpretaciones de las/os docentes de la función de acompañamiento a las trayectorias estudiantiles, y de la tarea docente) y docentes pensándose a ellos mismos en el vínculo con sus estudiantes (cómo piensan que se construye el vínculo con las/os estudiantes, qué realzan como importante a la hora de construir este lazo). Dimensiones de análisis que no están compartimentadas, sino que se encuentran vinculadas de manera compleja. En un contexto de transformación de la escuela apremia pensar ¿cómo se construye experiencia subjetivante, reflexiva y democrática?, ¿cómo poner en marcha lugares de invención en la escuela? Imaginación y democracia se entraman con los modos de concebir los procesos de subjetivación en la experiencia educativa contemporánea desde un posicionamiento de los adultos de responsabilidad ética-política, que abra a la imaginación y a los procesos de emancipación; y que crea que las

transformaciones de la subjetividad son posibles y que la escuela es el terreno propicio para que sucedan, como un espacio potente de subjetivación.

Palavras-chave: imaginación; subjetividad reflexiva; democracia

Referências

ÁLVAREZ, P., CANTÚ, G; ADINOLFI GRECO, S. Subjetividad y Escuela: explorando las dimensiones institucionales, intersubjetivas y singulares de los aprendizajes a partir de la experiencia argentina. In: **Psicologia Escolar na América Latina: rumos e desafios** – Volume 1. Campinas: Alínea, 2024.

ALVAREZ, P. ; SVERDLIK, M. El pensamiento Clínico en la investigación Psicoanalítica. **Revista Psicoanálisis Latinoamericano Contemporáneo** Volumen 1 Editores Fernando Martín Gómez y Jean Marc Tausik Editorial Fepal y Editorial APA Buenos Aires noviembre de 2018.

GONZÁLEZ REY, F. **Investigación cualitativa y Subjetividad**. Guatemala: Editorial ODHAG, 2006.

Eixo Temático do Colégio Doutoral: A Teoria da Subjetividade e seus conceitos centrais

GÊNERO, SAÚDE E SUBJETIVIDADE: A PSICOTERAPIA E A POSSIBILIDADE DE PRODUÇÃO DE NOVOS RECURSOS SUBJETIVOS

Mateus Brandão Lerbach, CEUB,

mateus.lerbach@gmail.com

Resumo: Neste trabalho, discutimos a Teoria da Subjetividade e os seus conceitos, propondo uma maneira de tecer ligações com alguns conceitos de gênero. A construção desses diálogos se dá a partir de três pontos principais, com o objetivo de compreender a relação entre a Teoria da Subjetividade e os conceitos de gênero a partir de teorias feministas/queer, para problematizar a prática da psicoterapia com homens na Teoria da Subjetividade. Os pontos debatidos na dissertação são: a) Teoria da Subjetividade e suas categorias b) Gênero e algumas construções teóricas e conceitos que podem dialogar com a Teoria da Subjetividade c) o fazer clínico a partir da Teoria da Subjetividade e como pensá-lo em diálogo com a perspectiva de gênero. Para esse resumo, nos dedicaremos aos diálogos entre teorias que se propõe a pensar gênero a partir de uma perspectiva feminista e queer com a Teoria da Subjetividade. O sexo foi — e ainda é, no senso comum — compreendido como uma factualidade biológica indiscutível. Há um sentido político na naturalização biológica do sexo, pois perdem-se de vista sua historicidade, seu desenvolvimento e sua subjetividade (Moncayo, 2017). Essa forma naturalizada e biologizante buscou, a partir das diferenças sexuais e do binarismo, fornecer explicações essencialistas e a-históricas (Rubin, 2006) para as subjetividades. Assim, gênero é um conceito que não se limita apenas a expressar homem ou mulher (Lauretis, 2019). Ele se manifesta na conformação de sentidos subjetivos advindos das dinâmicas históricas do que é sexo; das construções sociais sobre família; das relações estabelecidas em ambientes sociais onde ocorrem processos de integração e emergência de subjetividades sociais; e das ideologias e hegemonias que permitem consolidar normalidade ao sexo. Butler defende o gênero como uma característica performática fluida (Butler, 2019). Essa forma de conceituar gênero oferece uma possibilidade de articulação entre o conceito de performance de gênero e a Teoria da Subjetividade. Afinal, não haveria limitação interior que colocasse alguém em posição social de privilégio ou desprivilegio; a estrutura política que concede privilégios aos homens numa sociedade machista depende de performances reiteradas (Butler, 2019). Portanto, os sentidos subjetivos, a partir da sua característica emocional/simbólica, são, para a Teoria da Subjetividade, a maneira de gerar inteligibilidade sobre as ações dos indivíduos. Dessa forma, os atos performativos são uma possibilidade de leitura aos processos simbólicos do indivíduo, e por sua característica dinâmica vão ao encontro do conceito de

sentido subjetivo. Possibilitando pensar o gênero, para a Teoria da Subjetividade, como constituído a partir da ação do indivíduo em um contexto social. Assim, para a Teoria da Subjetividade, o gênero deve ser pensado em uma dupla estrutura: como constitutivo e constituído na subjetividade individual e social. Nesse sentido, a inteligibilidade sobre a formação do gênero no indivíduo se constrói por meio de sentidos subjetivos que se conformam em estruturas mais densas na subjetividade individual, mas também emerge de configurações subjetivas presentes no dinamismo das construções sociais. Portanto, o gênero, em seu caráter constitutivo e constituinte, deve ser compreendido como uma configuração subjetiva tanto individual quanto social.

Palavras-chave: psicoterapia; subjetividade; gênero

Referências:

BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, H. B. de (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 213–231.

GONZÁLEZ REY, F.; MITIJANS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas: Alínea, 2017.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H. B. de (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 121–155.

MONCAYO QUEVEDO, J. E. **Educación, diversidad sexual y subjetividad: una aproximación cultural-histórica a la educación sexual escolar en Cali** – Colombia. 2017. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/23565.

RUBIN, Gayle. Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. In: PARKER, R.; AGGLETON, P. (Eds.). **Culture, society and sexuality**. 1. ed. Abingdon: Routledge, 2006. p. 1–38.

Motivação para participar no Colégio Doutoral: Discutir a possibilidade de relacionar os conceitos da Teoria da subjetividade e os conceitos propostos por autoras como: Judith Butler, Teresa de Lauretis, Gayle Rubin e Joan Scott. Com o intuito de compreender o gênero.

Perguntas que gostaria de discutir com os debatedores:

Existe a possibilidade de articulação entre os conceitos da Teoria da Subjetividade com conceitos da Butler como: performance de gênero, atos performativos e gênero como estratégia de sobrevivência?

Como conceituar gênero, sexualidade e sexo, a partir da Teoria da Subjetividade, sem cair em explicações essencialistas ou dicotômicas?

Como compreender uma psicoterapia, a partir da Teoria da Subjetividade, que conjugue as discussões atuais sobre sexo, sexualidade e gênero em toda a sua complexidade?

Eje Temático del Colegio Doctoral: Epistemología Cualitativa y Metodología Constructivo-Interpretativa: conceptos centrales y esbozo metodológico

LA SUBJETIVIDAD SOCIAL EN LA GESTIÓN DE LA ATENCIÓN PRIMARIA DE LA SALUD EN SAN JUAN, ARGENTINA: DE LA BIOMEDICALIZACIÓN AL DESARROLLO SUBJETIVO

Laura Raquel Martínez, Universidad Nacional de Lanús,

lauramartine021@gmail.com

Resumen: Este trabajo se enmarca en el proceso de tesis Doctoral en Salud Mental Comunitaria, de la Universidad Nacional de Lanús. Parte de la premisa de que los sistemas sanitarios diseñan políticas dirigidas a entender cuándo, cómo y que necesita un individuo o un colectivo, para estar sano y en base a ello se definen estrategias de intervención. La Atención Primaria de la Salud (APS) es una de estas estrategias y a más de 45 años de su promulgación, sigue proponiéndose como una de las claves para materializar el derecho a la salud. (Stolkiner; Rosales, 2023). Sin embargo, algunos autores señalan la falta de coherencia entre el discurso que promueve y las acciones que efectivamente se llevan a cabo, afirmando que esta incoherencia está dada por intereses del modelo médico industrial, más al servicio de la "salud como negocio" que de la "salud como derecho" (Almeida et al., 2018). En este contexto se producen nuevas subjetividades, intentando que trabajadores de la salud y usuarios se vinculen desde posiciones transaccionales impuestas por el mercado y la lógica de la biomedicalización. La racionalidad científico positivista e instrumental, pretende instalar la representación de que los profesionales sólo ejecutan prácticas o aplican técnicas como parte de un proceso de enajenación destinado a hacer invisible el proyecto político neoliberal y mercantilista (Iriart; Merhy, 2017). Pero no todos los profesionales sólo aplican técnicas, ni todos los usuarios las reciben pasivamente. Por lo tanto ¿cómo pensar los procesos de salud sin caer en lógicas reducionistas de determinación? González Rey y Mitjans Martínez (2017) señalan que sólo en su configuración subjetiva las construcciones sociales son motivacionales de la acción de las personas ya que la intención que tengan los otros y el modo en que un individuo o grupo vive una experiencia son cosas diferentes. El desafio es pensar los procesos de salud desde la complejidad de configuraciones de subjetividades que relacionen lo individual y lo social, lo simbólico y lo emocional, las fuerzas macrosociales y la emergencia de agentes y sujetos individuales y sociales (Goulart 2025). Por lo tanto, este estudio tiene como objetivo analizar la configuración subjetiva social de los procesos de salud en Primer Nivel de Atención del Equipo de gestión de APS del Ministerio de Salud de la provincia de San Juan, Argentina, durante los años 2025 y 2026. Se basa en las conceptualizaciones de la Teoría de la Subjetividad, y en la Epistemología Cualitativa de González Rey, desde las cuales se fundamenta el Método

Constructivo-Interpretativo. Se analizan las dinámicas conversacionales que se producen en reuniones de equipo, espacios intraministeriales e intersectoriales, etc. Los participantes son trabajadores del equipo de gestión de la División APS, siendo la investigadora una de ellos. Se espera que este estudio aporte a la elaboración de un modelo teórico que apoye políticas sanitarias orientadas al desarrollo subjetivo de los profesionales de APS, brindando reflexiones sobre las configuraciones subjetivas relacionadas con los procesos de salud que colaboren en la construcción de prácticas promotoras de derechos, equidad y justicia social.

Palabras clave: subjetividad social; atención primaria de la salud; procesos de salud; biomedicalización.

Referencias

ALMEIDA, G., ARTAZA, O., DONOSO, N. Y FÁBREGA, R. La atención primaria de la salud en la Región de las Américas a 40 años de la Declaración de Alma-Ata. **Revista Panamericana de Salud Pública.** N.42, p.1-6. 2018.

GONZÁLEZ REY, F., MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método.** Alínea. 2017.

GOULART, D. Problemas epistemológicos y metodológicos de la investigación cualitativa en psicología y salud mental: el aporte de González Rey. En **Teoría y Crítica de la Psicología.** 2025**.** N 21. p.149-174. 2025.

IRIART, C., MERHY, E. Disputas inter-capitalistas, biomedicalización y modelo médico hegemónico. **Interface** V 21 N. 63 p.1005-1016. 2017.

STOLKINER, A., Y ROSALES, A. Fundamentos de la Salud Mental Comunitaria. En I. Wilner, A.y Torricelli, F. (Eds) **Praxis en salud mental: Abordajes y procesos de cuidado.** p. 11-33. 1a ed. Universidad Nacional de Lanús. 2023.

Motivación para participar en el Colegio Doctoral: Mi interés por participar del Colegio Doctoral surge a partir de estar realizando mi tesis doctoral en Salud Mental Comunitaria, investigando sobre la subjetividad social en un equipo de gestión de la APS, tomando como marco de referencia la Epistemología Cualitativa, la Teoría de la Subjetividad de González Rey y la propuesta de Metodología Constructiva-Interpretativa. Me interesa profundamente discutir con los debatidores el modelo de trabajo de campo propuesto y mi participación en el mismo, no sólo como investigadora sino también como profesional de salud que se desempeña en esa área de trabajo desde hace más de 12 años.

Preguntas que me gustaría discutir con los debatidores:

¿Cómo posicionarse metodológica y éticamente ante un trabajo de interpelación empírica que combina los roles de investigadora y

trabajadora/profesional de la salud en el mismo escenario social de la investigación?

¿Cómo pensar, incluir y analizar los propios sentidos subjetivos (de la investigadora/trabajadora) en la investigación para que sea información válida a los fines de la construcción colectiva en el Equipo de gestión estudiado?

Eixo Temático do Colégio Doutoral: Epistemologia Qualitativa e Metodologia Construtivo-Interpretativa: avanços desafios e relações com outros referenciais epistemológicos e metodológicos

VIVÊNCIAS SUBJETIVAS DE ESTUDANTES AUTISTAS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Mallu Nunes, Universidade de Brasília,

mallununes1@gmail.com

Resumo: O autismo, classificado como um transtorno do neurodesenvolvimento, apresenta-se com características diversas que impactam a comunicação, as interações sociais e padrões comportamentais (Sales, 2020). Estudantes autistas, ao ingressarem no ensino superior, enfrentam múltiplos desafios relacionados à permanência acadêmica, discriminação e barreiras institucionais (Howlin; Moss, 2012; Peixoto; Holanda, 2011). No contexto da Universidade de Brasília (UnB), observa-se a necessidade de ações efetivas de inclusão, capazes de atender às especificidades desta população. A proposta do estudo consiste em compreender o movimento de desenvolvimento da subjetividade de estudantes autistas ao longo da formação universitária, investigando os tensionamentos, recursos subjetivos mobilizados e possível movimento da subjetividade. Adotar-se-á a Teoria da Subjetividade (González Rey, 2005; 2012) como referencial teórico, considerando a subjetividade como sistema complexo que articula dimensões individuais e sociais. Epistemologicamente, o estudo será guiado pela Epistemologia Qualitativa (González Rey; Mitjáns Martínez, 2017), que legitima o singular como via de produção de conhecimento e a pesquisa como processo construtivo-interpretativo. A pesquisa será realizada com estudantes da graduação da Universidade de Brasília. Serão acompanhados cinco estudantes, adotando o estudo de caso como estratégia metodológica. Os procedimentos incluem dinâmicas conversacionais individuais e em grupo, linha do tempo, complemento de frases e relato de experiências. Esses instrumentos, concebidos como espaços dialógicos, permitirão a produção de indicadores e hipóteses que subsidiarão a construção do modelo teórico da pesquisa. O estudo está estruturado em dois tempos: o primeiro no início de um semestre letivo e o segundo ao final do semestre seguinte. Pretende-se identificar as experiências subjetivas dos estudantes autistas, analisando as mudanças produzidas ao longo do percurso acadêmico. Espera-se que os resultados possibilitem o delineamento de ações institucionais voltadas ao acolhimento, à integração e à permanência desta população na universidade, bem como a construção de políticas educacionais que promovam a inclusão e o combate ao capacitismo. Acredita-se que compreender o desenvolvimento subjetivo dos estudantes autistas contribui não apenas para fortalecer as estratégias de apoio psicossocial no ensino superior, mas também para ampliar o debate sobre neurodiversidade e direitos educacionais. O estudo

reforça o papel da psicologia escolar e institucional na criação de ambientes universitários inclusivos e no reconhecimento da singularidade como elemento constitutivo do processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Palavras-chave: autismo; subjetividade; inclusão no ensino superior.

Referências:

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação.** São Paulo: Cengage Learning, 2010.

GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas: Alínea, 2017.

HOWLIN, P.; MOSS, P. Adults with Autism Spectrum Disorders. **The Canadian Journal of Psychiatry**, v. 57, n. 5, p. 275-283, 2012.

PEIXOTO, C. A.; HOLANDA, L. Inclusão e permanência no ensino superior: desafios e possibilidades. **Revista Educação e Sociedade**, v. 32, n. 117, p. 725-746, 2011.

SALES, J. F.; VIANA, T. V. A inclusão de autistas no ensino superior: direito, acessibilidade e avaliação. **Revista Intersaberes,** v. 15, n. 35, 2020.

Motivação para participar no Colégio Doutoral: Tenho grande interesse em participar do Colégio Doutoral para aprofundar as bases teóricas e metodológicas da pesquisa que venho desenvolvendo sobre a subjetividade de estudantes autistas no ensino superior. A participação no Colégio Doutoral possibilitará ampliar o diálogo interdisciplinar e permitirá aprofundar questões teóricas e práticas relevantes. Estar em contato com pesquisadores experientes e outros doutorandos contribuirá para o amadurecimento científico e para o impacto social da pesquisa, que pretende subsidiar políticas educacionais voltadas ao acolhimento e à permanência de estudantes autistas nas universidades.

Perguntas que gostaria de discutir com os debatedores:

De que maneira a Teoria da Subjetividade pode contribuir para repensar práticas de inclusão no ensino superior?

Como a pesquisa deve ser conduzida, considerando as singularidades comunicativas e interacionais de autistas?

Quais os caminhos metodológicos que devo seguir para o estudo do desenvolvimento da subjetividade?

Grupo 3 - Debatedoras: Dra. Luciana de Oliveira Campolina e Dra. Cristina Massot Madeira Coelho

Monitoria: Eroleida Durval Pereira e Emilly Reis de Araújo

Eixo Temático do Colégio Doutoral: A Teoria da Subjetividade e seus conceitos centrais

MUDANÇAS E DESENVOLVIMENTO SUBJETIVO EM ESTUDOS DE BASE CONCEITUAL DA TEORIA DA SUBJETIVIDADE

Carolina Torres Oliveira, Universidade de Brasília,

carol.profa@gmail.com

Resumo: Este projeto de pesquisa de pós-doutorado tem como objetivo analisar como os processos de mudanças e de desenvolvimento subjetivo são abordados em estudos fundamentados na Teoria da Subjetividade, proposta por González Rey (2013, 2019). Essa teoria compreende a subjetividade como um sistema simbólico, dinâmico e emocional, constituído nas experiências vividas pelos indivíduos em contextos sociais, culturais e históricos. Ao integrar cognição, emoção e ação, a Teoria da Subjetividade rompe com visões reducionistas, propondo uma abordagem processual e singular do ser humano. A pesquisa parte da trajetória acadêmica da autora, cujos estudos anteriores foram voltados à aprendizagem e à criatividade como expressões subjetivas. Nesta etapa, o foco se desloca para a investigação do desenvolvimento subjetivo e das mudanças que o constituem. A proposta também se justifica pela atuação da pesquisadora na formação de professores, um campo em que os processos subjetivos são constantemente mobilizados. A formação docente, nesse contexto, é compreendida como espaço de emergência de mudanças subjetivas, as quais envolvem não apenas a aquisição de conhecimentos, mas também a ressignificação de sentidos, valores e posicionamentos. Espera-se também fomentar reflexões críticas e novas direções investigativas sobre os processos de mudança e desenvolvimento subjetivo, ampliando o campo de inteligibilidade sobre essas categorias. Segundo Mitjáns Martínez e González Rey (2019), o desenvolvimento subjetivo envolve mudanças subjetivas que se estabilizam e geram novos níveis de organização da subjetividade. Essas mudanças não se reduzem a adaptações externas, mas consistem em reconfigurações simbólicas e emocionais que resultam em novos sentidos subjetivos e formas de ação. A proposta metodológica consiste na realização de uma pesquisa bibliográfica do tipo estado da arte, conforme orientação de Romanowski e Ens (2006). Serão mapeadas dissertações e teses produzidas entre 2009 e 2024, que adotem a Teoria da Subjetividade como base conceitual e que tratem das categorias de mudança subjetiva e/ou desenvolvimento subjetivo. A seleção será realizada

com base em critérios que considerem a presença explícita desses conceitos nos títulos, resumos, palavras-chave ou objetivos dos trabalhos. As fontes de consulta incluirão repositórios institucionais e bases como a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Os trabalhos serão organizados em quadros sistemáticos e analisados com base nas diferenças e articulações entre os conceitos de mudança e desenvolvimento subjetivo, buscando identificar como essas noções aparecem na investigação empírica desses estudos, quais indicadores são utilizados e que contribuições ou possibilidades de novos estudos emergem dessas produções acadêmicas. Além da relevância acadêmica, a pesquisa pretende oferecer subsídios teórico-metodológicos com ênfase em práticas voltadas à mobilização de processos subjetivos. A expectativa é lançar luz sobre uma rede conceitual ainda em expansão, fortalecendo a articulação entre teoria, prática e produção de conhecimento sobre os processos subjetivos na contemporaneidade.

Palavras-chave: Teoria da Subjetividade; Mudança Subjetiva; Desenvolvimento Subjetivo.

Referências

GONZÁLEZ REY, F. L. La subjetividad en una perspectiva histórico-cultural: avanzando un legado inconcluso. **Revista CS**, v. 11, p. 642–676, 2013.

GONZÁLEZ REY, F. Subjectivity as a New Theoretical, Epistemological, and Methodological Pathway Within Cultural-Historical Psychology. In: GONZÁLEZ REY, F. ; MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GOULART, D. M. (Org.). **Subjectivity within cultural-historical approach: theory, methodology and research**. 1ed.Singapore: Springer, 2019, p. 21-36.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F. L. A preparação para o exercício da profissão docente: contribuições da Teoria da Subjetividade. In: ROSSATO, M.; PERES, V. L. A. (Org.). **Formação de educadores e psicólogos: contribuições e desafios da subjetividade na perspectiva cultural-histórica**. Curitiba: Appris, 2019. p. 11–33.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37–50, 2006.

Motivação para participar no Colégio Doutoral: A participação no Colégio Doutoral configura-se como uma oportunidade ímpar para compartilhar e discutir os fundamentos conceituais da pesquisa de pós-doutorado em andamento, centrada na análise dos processos de mudanças e desenvolvimento subjetivo sob a perspectiva da Teoria da Subjetividade, de González Rey. A proposta está ancorada na sistematização de estudos que utilizam a Teoria da Subjetividade como referencial, permitindo a produção de análises críticas sobre os avanços e lacunas presentes nas investigações científicas. O Colégio Doutoral será também um espaço estratégico de interlocução com pesquisadores(as) interessados(as) na Teoria da

Subjetividade e na Epistemologia Qualitativa. Espera-se, assim, promover trocas significativas, obter contribuições para o aprimoramento do estudo e fortalecer redes acadêmicas. Por fim, a proposta encontra nesse espaço um ambiente fértil para o refinamento de ideias e construção coletiva de saberes, coerente com a perspectiva dialógica e processual que fundamenta a investigação.

Perguntas que gostaria de discutir com os debatedores:

Qual a compreensão de mudanças subjetivas e desenvolvimento subjetivo na Teoria da Subjetividade?

Como as configurações subjetivas funcionam como núcleos dinâmicos no processo de desenvolvimento subjetivo, e quais critérios teóricos permitem distinguir mudanças pontuais de transformações desenvolvimentais?

Qual o papel do sujeito, tal como concebido na Teoria da Subjetividade, na produção ativa de novos sentidos subjetivos e na reorganização de sua subjetividade diante de desafios formativos?

Eixo temático: Epistemologia Qualitativa e Metodologia Construtivo-Interpretativa: conceitos centrais e delineamento metodológico

A SUBJETIVIDADE SOCIAL DA ESCOLA E SUAS IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA

Bruno de Oliveira Sales Mota, Universidade Estadual do Ceará – UECE, oliveira.mota@uece.br

Geandra Cláudia Silva Santos Universidade Estadual do Ceará – UECE | geandra.santos@uece.br

Resumo: O professor é um profissional em constante processo formativo que se desenvolve ao longo da vida, mesmo antes da graduação, e se estende para além dela – considerando as implicações subjetivas que podem se configurar a partir dos contextos e relações vivenciados pelo docente. Diante desse panorama, o objetivo desta pesquisa em andamento é analisar como a formação continuada do professor, desenvolvida no espaço escolar com vistas à inclusão de estudantes com deficiência, é implicada pela subjetividade social da escola. Para González Rey (2003) a subjetividade social se apresenta nas representações sociais, mitos, crenças, moral, sexualidade nos diferentes espaços em que vivem as pessoas, sendo atravessada por discursos e produções de sentidos subjetivos que configuram sua organização subjetiva e se articulam na formação da subjetividade individual. Tomando como referencial teórico a Teoria da Subjetividade (González Rey, 2003; González Rey, Mitjáns Martínez, 2017; Mitjáns Martínez, González Rey, 2017; Rossato, Peres, 2019; Santos, Mitjáns Martínez, 2016) e estudiosos do campo da formação de professores, essa pesquisa será amparada pela Epistemologia Qualitativa e desenvolvida pela Metodologia Construtivo-Interpretativa. O campo de estudo será uma escola pública de ensino fundamental em Fortaleza-CE. Os participantes serão professores que atuam junto a estudantes com deficiência. Como resultados, espera-se refletir sobre as implicações da subjetividade social do espaço da escola na formação continuada dos professores. É importante também compreender como a relação entre formação e subjetividade social pode se expressar na subjetividade individual docente e no trabalho voltado aos estudantes com deficiência. O motivo para a participação no Colégio Doutoral se dá pela preocupação em desenvolver esta pesquisa dentro das orientações da Epistemologia Qualitativa, alinhada à sua proposta metodológica e teórica.

Palavras-chave: subjetividade social da escola; formação continuada de professores; estudantes com deficiência.

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Sujeito e Subjetividade:** uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas, SP: Alínea, 2017.

ROSSATO, Maristela; PERES, Vannúzia Leal Andrade. **Formação de Educadores e Psicólogos: Contribuições E Desafios Da Subjetividade Na Perspectiva Cultural-Histórica.** Curitiba: Appris, 2019.

SANTOS, Geandra Cláudia Silva; MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns. A subjetividade social da escola e os desafios da inclusão de alunos com desenvolvimento atípico. **Rev. Bras. Ed. Esp**., Marília, v. 22, n. 2, p. 253-268, Abr.-Jun., 2016.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Psicologia, Educação e Aprendizagem Escolar:** avançando nas contribuições da leitura cultural-histórica. São Paulo: Cortez, 2017.

Motivação para participar no Colégio Doutoral: Minha motivação para participar do Colégio Doutoral de Teoria da Subjetividade nasce do profundo interesse em compreender e aprofundar os fundamentos epistemológicos e metodológicos da teoria desenvolvida por Fernando González Rey, especialmente em suas implicações para a pesquisa em educação e formação de professores. Acredito que a perspectiva histórico-cultural da subjetividade oferece ferramentas teóricas potentes para compreender a complexidade dos processos humanos, rompendo com visões fragmentadas e lineares da realidade. No meu percurso acadêmico e profissional, venho buscando articular teoria e prática na análise das experiências subjetivas que se configuram no contexto escolar, particularmente na formação continuada de professores que atuam com estudantes com deficiência. Entendo que a teoria da subjetividade contribui para ressignificar as práticas formativas, valorizando a dimensão simbólico-emocional e a singularidade dos sujeitos envolvidos nesses processos. Participar do Colégio Doutoral representa, portanto, uma oportunidade singular de diálogo com pesquisadores que compartilham esse referencial, ampliando minha compreensão sobre a produção do conhecimento em uma perspectiva construtivo-interpretativa. Espero que essa experiência fortaleça minha trajetória investigativa e contribua para o avanço de pesquisas comprometidas com a transformação subjetiva e social no campo educacional.

Questão para o debate:

Quais categorias podem se tornar referência para a análise dessa pesquisa (configuração subjetiva da ação, subjetividade social)?

Quais instrumentos são mais viáveis à produção de informações sobre a participação da subjetividade social da escola no processo de formação continuada do professor, considerando a escola como espaço formativo?

Eixo Temático do Colégio Doutoral: A Teoria da Subjetividade e seus conceitos centrais

A FORMAÇÃO INICIAL COMO UM ESPAÇO/TEMPO DE APRENDIZAGEM, DE IMAGINAÇÃO E DE EMERGÊNCIA DO SUJEITO

Roberta Assunção, Universidade de Brasília,

robertaassuncao@yahoo.com.br

Resumo: Compreender as produções subjetivas no contexto da formação docente inicial abre caminho para novas inteligibilidades que podem potencializar o desenvolvimento dos professores, especialmente ao promover recursos subjetivos que atuem nos processos de continuidade e de mudanças da configuração subjetiva da docência. A pesquisa aborda a constituição da configuração subjetiva social da docência, considerando que, no período formativo, o licenciando elabora representações sobre a profissão não apenas a partir de experiências acadêmicas, mas também por meio de um processo imaginativo que projeta o futuro exercício profissional. Esse processo articula vivências passadas, situações presentes e expectativas futuras, gerando perspectivas singulares sobre o que significa ser professor. No contexto desta pesquisa, a imaginação desempenha um papel central na prospecção do futuro da docência possibilitando que o licenciando elabore concepções sobre sua futura atuação a partir de referências construídas enquanto estudante ou derivadas de relatos e informações externas. Esse processo não se restringe à mera reprodução de vivências passadas; ao contrário, envolve uma reelaboração criativa que contribua para que o indivíduo transcenda o presente, projete novos cenários e conceba alternativas inéditas para si e para sua prática profissional. Assim, a imaginação não apenas antecipa possibilidades, mas também promove questionamentos e reformulações que favorecem mudanças subjetivas e o desenvolvimento subjetivo do futuro professor. Sob a perspectiva da Teoria da Subjetividade de González Rey (2017, 2014, 2003, 2002), a imaginação é compreendida como um processo subjetivo que integra aspectos emocionais, simbólicos e criativos. Ela se manifesta como um recurso capaz de mobilizar produções subjetivas que influenciam as ações, decisões e sentidos atribuídos à docência. Trata-se de uma função que vai além do registro de experiências passadas, operando como um mecanismo criativo que pode possibilitar a reorganização de trajetórias, a criação de novos significados e, a produção de novos sentidos subjetivos e configurações subjetivas, sendo um elemento central na criação de caminhos singulares para o desenvolvimento profissional. Diante dessa proposição, reconhecemos que a imaginação pode ser entendida como um recurso subjetivo, considerando sua natureza simbólica e emocional, capaz de mobilizar novas produções subjetivas sobre o ser e o tornar-se docente. Além de sua função prospectiva, a imaginação está profundamente entrelaçada às emoções, influenciando a maneira como o licenciando representa a realidade e se posiciona diante dela.

Esse vínculo emocional confere intensidade ao processo formativo, tornando-o mais do que uma simples aquisição técnica: ele se transforma em um espaço de produção subjetiva, no qual a pessoa revisita seu passado, confronta-o com o presente e projeta seu futuro. Ao imaginar-se atuando como professor, o licenciando gera novas inteligibilidades que podem redefinir seus referenciais, favorecendo as produções subjetivas relacionadas à docência e ao próprio aprendizado.

Palavras-chave: imaginação; formação docente; subjetividade

Referências

GONZÁLEZ REY, F. L.; MITJÁNS MARTINEZ, A. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. São Paulo: Alínea, 2017.

GONZÁLEZ REY, F. L. A imaginação como produção subjetiva: as ideias e os modelos da produção intelectual. In. Mitjáns Martinez, A.; Álvarez, P. (Org.). **O sujeito que aprende: diálogo entre a psicanálise e o enfoque histórico-cultural**. Brasília: Liber Libro, p. 35-61, 2014.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Sujeito e subjetividade**. São Paulo: Thomson, 2003.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia: Caminhos e desafios**. Thomson: São Paulo, 2002.

Motivação para participar no Colégio Doutoral: Minha motivação para participar do Colégio Doutoral está relacionada ao interesse em aprofundar o estudo sobre as produções subjetivas na formação docente inicial, especialmente no que diz respeito ao papel da imaginação na constituição da configuração subjetiva da docência. Considero que esse espaço possibilite dialogar com pesquisadores que investigam processos de desenvolvimento subjetivo, ampliando compreensões teóricas e metodológicas que podem fortalecer minha pesquisa.

Perguntas que gostaria de discutir com os debatedores:

Como selecionar participantes que permitam diversidade de experiências, mesmo sabendo que esse não seja um critério de legitimidade da pesquisa?

Quais estratégias metodológicas podem contribuir para a investigação sobre os processos subjetivos relacionados à imaginação na formação docente?

Eixo Temático do Colégio Doutoral: Epistemologia Qualitativa e Metodologia Construtivo-Interpretativa: conceitos centrais e delineamento metodológico

REDES DIGITAIS E SAÚDE MENTAL NA ADOLESCÊNCIA: IMPACTOS, MEDIAÇÕES E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO

Daniela de Souza Silva, Universidade de Brasília,

danidanidesouza@gmail.com

Resumo: Este projeto de doutorado, em fase inicial de desenvolvimento, propõe-se a investigar os sentidos subjetivos construídos por adolescentes a partir de suas experiências com redes digitais, com foco nos efeitos dessas vivências sobre a saúde mental. Fundamentado na Epistemologia Qualitativa e na Metodologia Construtivo-Interpretativa de Fernando González Rey, o estudo parte da concepção de subjetividade como processo histórico, social e simbólico, configurado nas relações interpessoais e mediado por discursos e práticas. A pesquisa parte da constatação de que a maioria dos estudos sobre redes sociais e saúde mental de adolescentes tem priorizado abordagens quantitativas, centradas em métricas de tempo de uso ou sintomas clínicos, desconsiderando os sentidos subjetivos que atravessam tais experiências. A proposta busca preencher essa lacuna por meio de uma abordagem qualitativa, ancorada na produção de informações em contextos escolares da rede pública do Distrito Federal, com adolescentes do Ensino Médio, seus educadores e familiares. Serão utilizados como dispositivos metodológicos entrevistas semiestruturadas e rodas de conversa, cuja análise será realizada com base na construção de zonas de sentido. Pretende-se compreender como os adolescentes significam suas práticas digitais em relação à autoestima, identidade, vínculos afetivos e sofrimento psíquico. A Teoria Crítica da Tecnologia de Andrew Feenberg também será mobilizada para problematizar abordagens tecnodeterministas que naturalizam os efeitos da tecnologia e obscurecem disputas políticas, culturais e institucionais em torno de seu uso. Como hipótese inicial, propõe-se que a mediação crítica da escola e da família pode potencializar práticas de escuta e acolhimento que ressignifiquem o uso das redes digitais, contribuindo para o enfrentamento do sofrimento psíquico juvenil. O projeto articula teoria e prática na busca por alternativas educativas que reconheçam o protagonismo dos adolescentes e os sentidos que eles atribuem às suas vivências digitais, superando perspectivas normativas e reducionistas. Espera-se que a participação no Colégio Doutoral contribua para o aprimoramento teórico-metodológico da pesquisa, especialmente no que se refere à elaboração de indicadores e hipóteses interpretativas, à luz da Epistemologia Qualitativa.

Palavras-chave: subjetividade; redes digitais; saúde mental**.**

Referências:

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Cengage Learning, 2005.

FEENBERG, Andrew. **Transforming Technology: A Critical Theory Revisited.** Oxford University Press, 2003.

OLIVEIRA, A. M. C.; GOULART, D. M.; GONZÁLEZ REY, F. Processos subjetivos da depressão: construindo caminhos alternativos em uma aproximação cultural-histórica. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 29, n. 3, p. 252-261, 2017.
VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SALES, S. S.; COSTA, T. M.; GAI, M. J. P. Adolescentes na Era Digital: Impactos na Saúde Mental. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 9, p. e15110917800, 2021.

Motivação para participar no Colégio Doutoral: A participação no Colégio Doutoral objetiva estabelecer uma interlocução qualificada sobre os fundamentos teórico-metodológicos da Epistemologia Qualitativa, eixo central do meu projeto de doutorado. Iniciando esta trajetória acadêmica, busco ampliar e enriquecer minha compreensão sobre os conceitos de subjetividade, sentido subjetivo e construção interpretativa das informações, bem como discutir a operacionalização metodológica dos dispositivos utilizados em minha pesquisa. O diálogo com outros pesquisadores da área certamente contribuirá para fortalecer a coerência interna do meu projeto e ampliar a produção de sentidos sobre o problema investigado.

Perguntas que gostaria de discutir com os debatedores:

Como aprofundar a construção das zonas de sentido em contextos de grande diversidade cultural e social entre os adolescentes participantes?

De que modo articular criticamente a Epistemologia Qualitativa com a Teoria Crítica da Tecnologia sem perder o foco na subjetividade?

Quais estratégias são recomendadas para construir indicadores teórico-interpretativos a partir de entrevistas e rodas de conversa?

Eixo Temático do Colégio Doutoral: Epistemologia Qualitativa e Metodologia Construtivo-Interpretativa: conceitos centrais e delineamento metodológico

O Estudo do Modo de Vida na Perspectiva da Teoria da Subjetividade

Ms.Telma Oliveira Cerutti Schmidt, Universidade de Brasília,

telmaocs@gmail.com

Resumo: Na prática da psicoterapia, sempre esteve presente o diálogo entre teoria-método e o modo de vida do indivíduo, ou seja, suas expressões num papel ativo de inter-relação do indivíduo, impulsionado por sua subjetividade individual, com os diferentes aspectos do cotidiano social. Assim, tal qual González Rey (2004, 2011), entendemos que no modo de vida se expressa a comunhão de condicionantes sociais e atividades vitais, permeada por elementos da subjetividade individual como um sistema indissociável, e não se reduz a um conjunto de hábitos e comportamentos individuais. Em, 2004, González Rey diz que é preciso transcender o que é descritivo, ou meramente concreto e penetrar no modo de vida através da junção de fatores sociais e individuais. Já em 2011, nos apresenta uma definição mais aprofundada, indicando Modo de Vida, como um "sistema de como "um sistema de configurações subjetivas em desenvolvimento que ganham certas dimensões dominantes" (p 39) e se expressam nas ações e relações diversas da pessoa. Os pontos de consonância dessas expressões em seus desdobramentos simbólico-emocionais permitem a hegemonia de umas dessas configurações subjetivas sobre outras. Nos aportes da Epistemologia Qualitativa e da Metodologia Construtivo-Interpretativa, desenvolvidas por González Rey (2015), encontramos sustentação para avançar na compreensão da complexidade presente no modo de vida dos indivíduos, pois rompem com paradigmas tradicionais empiristas e hegemônicos presentes nas pesquisas e práticas em Psicologia, produzindo conhecimento a partir de uma visão construtiva-interpretativa, que busca compreender as produções subjetivas que emergem nos processos de investigação e de como estas se expressam no modo de vida do indivíduo. Para González Rey, (2011, 2015), o pesquisador ou psicoterapeuta pode fundamentar e interrogar os princípios metodológicos, identificando limites e possibilidades, adentrando e transitando, com consciência teórica, no interior dos limites e contradições da pesquisa científica, mantendo-se numa posição reflexiva constante, não se posicionando com neutralidade, mas como sujeito na construção de novos saberes. Assim, considerando a definição de modo de vida para Teoria da Subjetividade e os pressupostos da Epistemologia Qualitativa e da Metodologia Construtivo-Interpretativa, entendemos que para estudá-lo, é preciso partir de uma perspectiva dialógica e criativa de produção do conhecimento, onde os espaços de diálogo, bem como o uso de instrumentos, devem ser capazes de permitir a emergência de produções subjetivas e a produção de informações para a pesquisa.

Palavras-chave: modo de vida; subjetividade; metodologia construtiva-interpretativa

Referências:

GONZÁLEZ REY, F. **Personalidade, saúde e modo de vida**. Thomsom. 2004

GONZÁLEZ REY. F. **Subjetividade e saúde: superando a clínica da patologia**. São Paulo: Cortez Editora. 2011

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade.** São Paulo: Cengage Learning. 2015

Motivação para participar no Colégio Doutoral: Em um processo de doutoramento surgem inúmeros questionamentos pertinentes a pesquisa e à construção de novas vias de inteligibilidade sobre um dado objeto de estudo. Então, tendo o entendimento de que discussões teóricas servem para aprofundamento e desenvolvimento de uma teoria, busco nesta oportunidade, abrir um espaço de diálogo e refinamento de aspectos metodológicos para o estudo do modo de vida, categoria presente na pesquisa em andamento, e que pouco tem sido abordada pelos estudiosos da Teoria da Subjetividade. Além disso, uma categoria de análise necessita de metodologia clara e alinhada com sua teoria de base podendo construir um novo modelo teórico sobre o tema estudado.

Perguntas que gostaria de discutir com os debatedores:

Que instrumentos poderiam ser utilizados para o estudo do modo de vida na perspectiva da Teoria da Subjetividade?

Quais aspectos são relevantes para a construção do cenário social da pesquisa para o estudo do modo de vida?

Como definir o contexto de pesquisa quando o objetivo da pesquisa é a compreensão da relação de alguma dimensão subjetiva e o modo de vida?

Eixo Temático do Colégio Doutoral: Epistemologia Qualitativa e Metodologia Construtivo-Interpretativa: avanços desafios e relações com outros referenciais epistemológicos e metodológicos

AS CICATRIZES COTIDIANAS REFLETIDAS NOS CORPOS: QUESTÕES PARA A PSICOLOGIA NA ESCOLA.

Laura Lorenzetti; Raquel de Souza Lobo Guzzo,

Pontifícia Universidade Católica de Campinas,

Lhaura92@gmail.com

Resumo: A Autolesão Não Suicida (ALNS) é uma forma de violência autoinfligida cada vez mais presente no cotidiano escolar, configurando-se como um problema de saúde pública. Trata-se de um fenômeno frequentemente atravessado por estigmas, abordagens reducionistas e lacunas teóricas. Na prática, observam-se reações alarmistas à ALNS (especialmente quando ocorre durante o horário letivo), muitas vezes motivadas pela ausência de uma compreensão crítica sobre o fenômeno. Isso resulta em um número crescente de encaminhamentos para a saúde, o que acaba por reforçar uma visão patologizante da ALNS e de suas motivações. Apesar de sua presença recorrente na escola, a literatura ainda apresenta lacunas sobre formas práticas de ação e prevenção comunitária no espaço escolar, guiadas pela perspectiva dos próprios estudantes que se engajam nesse comportamento. Esta pesquisa parte da tese de que a perspectiva do sujeito, acessada na escola por meio de espaços de ação e reflexão, contribui para o processo de tomada de consciência sobre a experiência da Autolesão Não Suicida (ALNS) em idade escolar e favorece a promoção da saúde psicológica. Para sustentar essa proposição, o estudo adota referenciais da Psicologia Crítica Alemã, da Psicologia da Libertação e da Pedagogia Crítica, e é guiado pela seguinte questão: em que medida essa perspectiva permite compreender os sentidos atribuídos à ALNS e viabiliza a construção coletiva de estratégias de enfrentamento e prevenção no cotidiano escolar? Do ponto de vista metodológico, o estudo utiliza o Materialismo Histórico-Dialético para análise da realidade e como norteador da concepção ontológica do ser humano; a Pesquisa-Ação Participação como método e fundamento ético-político das ações e da intencionalidade da pesquisadora; e a Epistemologia Qualitativa para a análise da experiência vivida por estudantes em contextos escolares de escuta e reflexão, compreendendo o processo dialógico como central para o acesso à perspectiva do sujeito. O campo empírico foi desenvolvido ao longo de três anos de inserção da pesquisadora como psicóloga em uma escola pública municipal de São Paulo, envolvendo entrevistas com estudantes, grupos de escuta, registros em diário de campo e respostas a uma cartilha construída de forma participativa. A Metodologia Construtivo-Interpretativa

orienta o processo de construção dos indicadores de sentido, que são posteriormente aglutinados em núcleos e organizados em zonas de sentido, permitindo a análise dos campos de significação que atravessam a experiência vivida pelos estudantes que praticam a ALNS. O processo analítico, ainda em curso, tem sido apoiado pelo uso do software Atlas.ti 25, que contribui para a sistematização dos dados e a visualização das conexões entre os códigos. Objetiva-se, com esta pesquisa, desmistificar os estigmas em torno da ALNS, propondo novas formas de estar e agir, enquanto psicologia escolar. Por se tratar de um fenômeno ainda marcado por subestimação e preconceitos, conhecer a perspectiva dos estudantes que praticam a ALNS - suas motivações e os sentidos atribuídos ao ato - é imprescindível para que a comunidade escolar construa ações contextualizadas de cuidado e prevenção. Tal abordagem busca enfrentar o alto número de encaminhamentos à saúde sem mediações escolares, muitas vezes pautados por lógicas de exclusão ou patologização.

Palavras-chave: autolesão não suicida; psicologia Crítica; psicologia Escolar

Referências:

GONZÁLEZ-REY, Fernando. **Epistemologia qualitativa e teoria da subjetividade: discussões sobre educação e saúde**. MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ-REY, Fernando Luís; PUENTEZ, Maria (orgs.). Uberlândia: EDUFU, 2019.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Subjetividad: una perspectiva histórico-cultural. Conversación con el psicólogo cubano Fernando González Rey**. Entrevista concedida a Ana D. González, 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/54850629/Subjetividad_Una_Perspectiva_Hist%C3%B3rico_Cultural_Conversaci%C3%B3n_Con_El_Psic%C3%B3logo_Cubano_Fernando_Gonz%C3%A1lez_Rey_. Acesso em: 6 ago. 2025.

HOLZKAMP, Klaus. **Ciência marxista do sujeito: tomo 1**. São Paulo: Coletivo Veredas, 2016.

ROSSATO, M.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. Contribuições da metodologia construtivo-interpretativa na pesquisa sobre o desenvolvimento da subjetividade. **Revista Lusófona de Educação,** Lisboa, n. 40, p. 185–198, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.24140/issn.1645-7250.rle40.04 . Acesso em: 6 ago. 2025.

Motivação para participar no Colégio Doutoral: Desde que entrei na pós-graduação, tenho aprofundado meu interesse teórico da Epistemologia Qualitativa, com especial atenção à metodologia construtivo-interpretativa. Em meu trabalho, busco utilizar os pressupostos de Fernando, visto que seus estudos, principalmente a proposição dessa metodologia, podem corroborar com um rigor metodológico que é importante na pesquisa. O que considero revolucionário nessa proposição é que, ainda assim, tais fundamentos se ancoram epistemologicamente e ontologicamente em pressupostos

materialistas e que objetivem uma real transformação social, sem importar conceitos das ciências naturais. Isso por si só, já subverte uma lógica hegemônica e positivista na ciência. Às vésperas da minha defesa de doutorado, o Colégio Doutoral será uma oportunidade valiosa de compartilhar meu trabalho e como tenho buscado sistematizar meus resultados à luz da Epistemologia Qualitativa e metodologia construtivo-interpretativa. Dessa forma, terei valiosas contribuições e trocas para para ampliar a potência da pesquisa enquanto posicionamento ético-político que incide diretamente sobre a prática escolar.

Perguntas que gostaria de discutir com os debatedores:

De que maneira o acesso à perspectiva do sujeito, tal como emerge em espaços escolares de ação e reflexão, pode ser compreendido à luz do conceito de subjetividade proposto por González-Rey?

Como o acesso à subjetividade pode se constituir como uma potência transformadora nos espaços escolares de ação e reflexão, sobretudo quando os próprios sujeitos naturalizam o sofrimento e a autoviolência como formas aceitáveis de lidar com a dor? E como respeitar essa configuração subjetiva e ainda assim propor novas formas de resistir ao sofrimento?

Como garantir que a análise dos indicadores, núcleos e zonas de sentido, ainda que apoiada por um software como o Atlas.ti, não se torne apenas um exercício de categorização, mas preserve o movimento construtivo-interpretativo da subjetividade em sua complexidade simbólica?

Grupo 5: Debatedores - Dra. Maristela Rossato e Dr. José Moysés Alves

Monitoria: Sabrina Albuquerque Martins e Kelly Cristina de Brito Araujo

Eixo Temático do Colégio Doutoral: A Teoria da Subjetividade e seus conceitos centrais.

A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO ESPAÇO E TEMPO DE APRENDIZAGEM

Gisele Ferreira Tacca, Universidade de Brasília,

gisele.tacca1@gmail.com

Resumo: O presente resumo refere-se à pesquisa de doutorado que está em desenvolvimento no programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília, proposta pela autora. O objeto do estudo é o curso de extensão ofertado pelo Ministério da Educação do Brasil (MEC), por meio do Programa Leitura e Escrita na Educação Infantil (Pró- LEEI) aos professores que atuam na primeira etapa da educação básica da rede pública de ensino da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. O objetivo geral se configura em compreender como a formação continuada em serviço pode mobilizar sentidos subjetivos favoráveis ao desenvolvimento subjetivo dos professores e aos seus processos de aprendizagem considerando as suas atuações profissionais. Nessa perspectiva, observa-se que compreender as configurações subjetivas da subjetividade social e individual em relação à aprendizagem produzidos pelos professores durante a formação do LEEI, bem como identificar as formas de expressão dessas aprendizagens são processos relevantes para o desenvolvimento da pesquisa. No início de 2024, o MEC apresentou o Projeto Leitura e Escrita na Educação Infantil (LEEI), caracterizando-o como um programa em 2025, associado ao Compromisso Nacional Criança Alfabetizada, como parte da Política Nacional de Alfabetização. Esta ação sinaliza a concepção sistêmica da Educação que está sendo adotada e, por isso, a relevância de se pensar na apropriação da cultura escrita pelas crianças na primeira etapa da educação básica. O programa consiste em ações formativas para professores que atuam nessa etapa, em nível nacional. Essas políticas públicas demarcam a necessidade de se investir na qualificação dos profissionais da educação. Diante disso, há a emergente necessidade de propor uma reflexão acerca da formação continuada proposta, principalmente a que se refere ao início de escolarização das crianças, a fim de analisar como ela se configura como Política Pública voltada para a aprendizagem das crianças e para o desenvolvimento profissional do professor com vistas à melhora da qualidade na educação. Para tanto, acredita-se que a Teoria da Subjetividade, na perspectiva histórico-cultural de González Rey (2005), e os aspectos epistemológicos e metodológicos, de caráter construtivo-interpretativo

propostos pela teoria, podem fornecer subsídios teóricos e práticos necessários para compreender o processo de aprendizagem e desenvolvimento desses professores tendo em vista seu caráter sistêmico, complexo e, ao mesmo tempo, singular. A tríade teórica, epistemológica e metodológica da teoria, por sua caraterística investigativa, permite não apenas fomentar a compreensão e dar inteligibilidade a esse processo, também, por ser uma proposta reflexiva e participativa, o estudo pode colaborar para a emergência do professor enquanto sujeito como força para seu desenvolvimento subjetivo profissional, podendo possibilitar reflexões sobre suas estratégias pedagógicas e suas relações com seus estudantes. Os participantes da pesquisa serão os professores cursistas da formação do Pró-LEEI que se dispuserem a participar da pesquisa.

Palavras-chave: Formação Continuada, Aprendizagem, Subjetividade.

Referências:

CURADO SILVA, Kátia Augusta Pinheiro Cordeiro da. **Epistemologia da Práxis na Formação de Professores: Perspectiva Crítico-Emancipadora.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2018. 124p.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MITJÁNS MARTINEZ, Albertina. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método. Campinas**, SP: Editora Alínea, 2017. 194 p.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005. 205 p.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). **Criança Alfabetizada.** Contexto. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/crianca-alfabetizada/contexto/. Acesso em 20 de abril de 2024

Motivação para participar no Colégio Doutoral: participar do Colégio Doutoral do V Simpósio Ibero-Americano de Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade de 2025 constitui uma oportunidade acadêmica de diálogo reflexivo e aprofundado. Como doutoranda, essa atividade permite a apresentação e discussão de aspectos do meu projeto de pesquisa em andamento, promovendo o intercâmbio com debatedores especialistas da Teoria da Subjetividade e da Epistemologia Qualitativa com base na metodologia Construtivo-Interpretativa, além de fortalecer o diálogo com pares. Essa troca de experiências é fundamental para o aprimoramento teórico, epistemológico e metodológico do meu trabalho, contribuindo para o avanço da minha pesquisa e para uma compreensão mais aprofundada dessa abordagem desenvolvida por González Rey. Desta forma, o colégio doutoral potencializa meu desenvolvimento acadêmico, consolidando minha trajetória na pesquisa qualitativa e na produção de conhecimento na área.

Perguntas que gostaria de discutir com os debatedores:

De que maneira a Teoria da Subjetividade, ao não reduzir a subjetividade individual à social, ou vice-versa, mas compreendê-las como recursivamente produzidas, pode oferecer uma análise mais aprofundada dos possíveis impactos da formação continuada como uma política pública no desenvolvimento subjetivo profissional dos professores, em contraste com abordagens que tendem a dicotomizar ou universalizar esses processos?

Eixo Temático do Colégio Doutoral: A Teoria da Subjetividade e seus conceitos centrais.

POSSIBILIDADES E DESAFIOS DA METODOLOGIA DE PROJETOS INVESTIGATIVOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Paula da Silva Moreira, Universidade de Brasília,

paulamoreira.educ@gmail.com

Resumo: A proposta deste estudo é identificar e analisar as possibilidades e os desafios na organização e na realização do trabalho pedagógico na Educação Infantil a partir da metodologia de projetos investigativos. A instituição eleita para a pesquisa é uma escola pública inclusiva no Distrito Federal, dedicada ao atendimento de crianças de 4 e 5 anos e suas práticas educativas estão voltadas à metodologia de projetos investigativos. Para essa investigação acadêmica a fundamentação teórica, epistemológica e metodológica está ancorada na perspectiva Cultural-Histórica de (González Rey, 2017, 2013); (Mitjáns Martínez, 2017, 2020); em diálogo com os documentos oficiais da Educação Infantil (Brasil, 2009, 2013, 2017); (Distrito Federal, 2018). A educação na perspectiva da Teoria da Subjetividade é definida "como uma reunião de processos e experiências em movimento constante, pelos quais as pessoas vão se constituindo dentro das importantes dimensões individual, social, cultural e histórica" (Mitjáns Martinez, 2020, p.29). Desse ponto de vista, é possível ter respaldo teórico para investigar e buscar visibilidades teóricas para compreender os desafios e as estratégias que a instituições educativa lida em seu cotidiano a partir da metodologia de projetos investigativos com as crianças, bem como analisar as expressões subjetivas das pessoas em relação à função social da escola na qual atuam. Na ótica da Teoria da Subjetividade, o conceito de subjetividade social é pertinente neste contexto, pois possibilita compreender como que o social participa de processos individuais na Educação Infantil "não como algo externo a ela, mas como parte integrante dela" (Mitjáns Martinez, 2020, p.63). O conceito de subjetividade social da Teoria da Subjetividade tem grande relevância para a pesquisa em questão, pois permite avançar na compreensão de como a subjetividade social da instituição de Educação Infantil se expressa em seus diferentes atores educativos, a partir da metodologia dos projetos investigativos, assim como possibilita compreender sua relação com a subjetividade social mais ampla. O conceito de subjetividade social também é importante por possibilitar dar ênfase aos processos históricos e culturais nos espaços relacionais constituídos e configurados reciprocamente pela subjetividade individual e social. Nessa proposta investigativa a articulação entre a subjetividade individual e social, bem como suas expressões na prática educativa serão fundamentais para o processo de construção da informação. se constitui como um lócus de pesquisa interessante e contra hegemônico, pois se posiciona a partir dos documentos oficiais e em favor do desenvolvimento e interesses das crianças.

Palavras chave: subjetividade social; educação infantil; projetos investigativos

Referências

DISTRITO FEDERAL, Secretaria de Estado de Educação. **Currículo em Movimento da Educação Básica: Educação Infantil.** Secretaria de Estado de Educação. Brasília: SEEDF, 2018. Disponível em: https://www.educacao.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2018/02/Curri%CC%81culo-em-Movimento-Ed-Infantil_19dez18.pdf

GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método.** Campinas, SP: Alinea, 2017.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar:** avançando na contribuição da leitura cultural-histórica. São Paulo: Cortez, 2017.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Alberina.; GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Psicologia, Educação e Aprendizagem Escolar: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica.** São Paulo: Cortez, 2017.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. Subjetividade social: desafios de um conceito.*In:* MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; TACCA, Maria Carmen; PUENTES, Roberto (Org.). **Teoria da subjetividade: discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional.** Campinas, SP: Alínea, 2020.

Motivação para participar no Colégio Doutoral: participar do Colégio Doutoral do V Simpósio Ibero-Americano de Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade de 2025 se constitui para mim, uma valiosa oportunidade acadêmica para o aprofundamento de discussões teóricas, epistemológicas e metodológicas, considerando a diversidade de pesquisas desenvolvidas na perspectiva proposta por González Rey. Acredito que estar em diálogo com outros pesquisadores contribui para avançar na minha proposta de pesquisa de doutoramento, cujo foco é identificar e analisar as expressões da subjetividade social de um Jardim de Infância do Distrito Federal que adota a metodologia de projetos investigativos em sua prática pedagógica. Trata-se da minha primeira participação no Colégio Doutoral, e parto do pressuposto de que essa experiência, ao me colocar em interlocução com diferentes pesquisadores, contribuirá significativamente para análises, reflexões e aprofundamentos relacionados tanto aos objetivos da pesquisa quanto à categoria teórica da subjetividade social. Considero também esse processo essencial para a imersão no campo investigativo e para o aprimoramento teórico que se constituirá em sustentação para o processo construtivo-interpretativo da minha tese.

Perguntas que gostaria de discutir com os debatedores:

Em sua percepção, qual seria a forma mais criativa de compreender valor da metodologia de projetos investigativos e a suas estratégias de efetivação na prática educativa nesta instituição de Educação Infantil?

A forma como a instituição educativa de Educação Infantil se organiza, a relação que ela estabelece com os documentos orientadores e com a formação continuada se expressa na relação estabelecida entre adultos e crianças, na prática pedagógica e na relação teoria e prática se constituem em expressões da subjetividade social?

Eixo Temático do Colégio Doutoral: A Teoria da Subjetividade e seus conceitos centrais

APRENDER E ENSINAR NO CONTEXTO DAS HUMANIDADES DIGITAIS: COMPREENSÕES A PARTIR DA TEORIA DA SUBJETIVIDADE

Helena Narciso da Silva, Instituto de Psicologia /UnB,

helenanarciso@gmail.com

Resumo: A investigação tem como objetivo central compreender como as tecnologias digitais participam e integram a dimensão subjetiva da aprendizagem e se configuram subjetivamente na ação pedagógica de professores e professoras. Teoricamente está fundamentada na Teoria da Subjetividade e articula as áreas da educação sobre o uso das Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação e suas implicações no contexto de desenvolvimento humano, em compreensão à subjetividade, como um processo psicológico humano complexo, contraditório, recursivo e imprevisível, a partir de processos que viabilizem o seu desenvolvimento, em especial, os que estejam ligados as ações formativas no âmbito da profissão. Orienta-se pelos princípios da Epistemologia Qualitativa e da Metodologia Construtivo-Interpretativa como bússola à elaboração de um Curso de Formação Continuada, como extensão universitária, no qual se discute, como pano de fundo, as possibilidades de uso crítico e criativo das tecnologias digitais na educação e formação humana. Uma ação formativa, crítica e democrática, de natureza teórico-prática, que se apresenta como um espaço de reflexão articulada ao diálogo e a expressão própria dos indivíduos em situações de relação com o outro, abrindo vias legítimas de mobilização de novos recursos subjetivos que favoreçam os processos de mudanças implicadas nas configurações subjetivas. O curso será voltado para professores da Educação Básica, que atuam no Ensino Médio, na rede pública de ensino do Distrito Federal. A construção do cenário social para o desenvolvimento da pesquisa se dará em dois espaços: no curso de formação continuada e na escola. A construção das informações apoia-se em uma metodologia participativa na qual o planejamento será realizado a partir do Grupo Focal com pesquisadores da área de formação de professores na Teoria da Subjetividade e de uso de tecnologias digitais da informação e comunicação e professores que atuam no Ensino Médio, na rede pública de ensino no Distrito Federal, com o objetivo de ouvir esses profissionais e aproximar a ação proposta as demandas formativas atuais. O primeiro momento da pesquisa consiste no planejamento do curso de formação a partir do Grupo Focal com pesquisadores e professores; desenho do curso de extensão e submissão para aprovação no Decanato de Extensão. No segundo momento será realizada a divulgação do curso na escola participante, inscrição e realização do curso. O terceiro momento da pesquisa apoia-se na realização dos seguintes

procedimentos e instrumentos: construção do memorial; observação participante no cotidiano escolar; dinâmicas conversacionais; análise de produções dos participantes e da escola; e complemento de frases. Temos, com esta proposta de pesquisa, a expectativa de contribuir com programas diferenciados de formação profissional continuada de professores cujo foco seja prepará-los para enfrentar com criatividade as dificuldades do cotidiano escolar, rompendo com as visões dicotômicas e instrumentalistas dos cursos preparatórios que desconsideram a subjetividade do professor nos processos formativos.

Palavras-chave: subjetividade; ação pedagógica; aprendizagem.

Referências:

BUCKINGHAM, David. Cultura digital, educação midiática e o lugar da escolarização. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.35, n.3, p.37-58, 2010. Disponível em: . Acesso em: 03/02/2025

COLL, César.; MONEREO, Carles. **Psicologia da Educação Virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação**; tradução de Naila Freitas. Porto Alegre: Artmed, 2010. 365 p

GONZÁLEZ REY, Fernando. L. **Epistemología cualitativa y subjetividad.** Playa, Ciudad de La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1997.

GONZÁLEZ REY, Fernando. L. MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina, GONZÁLEZ REY, Fernando L. A preparação para o exercício da profissão docente: contribuições da Teoria da Subjetividade. In ROSSATO, Maristela & PERES, Vannúzia L.A. (Orgs.). **Formação de Educadores e Psicólogos – contribuições e desafios da subjetividade na perspectiva cultural-histórica.** Curitiba: Apris, 2019.

Motivação para participar no Colégio Doutoral: Minha principal motivação para participar deste colégio doutoral é a singular oportunidade de imergir em um ambiente de pesquisa de excelência, essencial para o aprofundamento teórico da minha tese sobre “Aprender e ensinar no contexto das Humanidades Digitais: compreensões a partir da Teoria da Subjetividade”. Acredito que a estrutura do colégio, a experiência acadêmica e conhecimentos dos pesquisadores que o integram alinha-se perfeitamente aos objetivos da minha pesquisa, viabilizando o diálogo e trazendo contribuições efetivas para a orientação do estudo. Pretendo contribuir com minha experiência na formação de professores e engajar-me nas discussões, na troca de conhecimentos, fortalecendo colaborações futuras.

Perguntas que gostaria de discutir com os debatedores:

O que é essencial considerar em uma proposta de formação continuada de professores a partir da perspectiva da Teoria da Subjetividade?

Quais os desafios da formação docente como processo de desenvolvimento subjetivo?

Quais os pressupostos que devemos considerar como orientadores da formação docente no sentido de constituir-se um processo mobilizador de desenvolvimento subjetivo?

Eixo Temático do Colégio Doutoral: A Teoria da Subjetividade e seus conceitos centrais

FORMAÇÃO CONTINUADA E DESENVOLVIMENTO SUBJETIVO: INTERFACES COM A PERSONALIZAÇÃO E A DIFERENCIAÇÃO DO ENSINO EM TURMAS DO PROGRAMA SUPERAÇÃO NO DISTRITO FEDERAL

Marluce de Souza Oliveira, Universidade de Brasília

marluceoliveiraconsult@gmail.com

Resumo: Este texto apresenta a proposta de investigação de doutorado, em desenvolvimento inicial, e se situa no campo da formação continuada de professores dos Anos Finais, com foco em sua ação pedagógica junto a estudantes das turmas do *Programa SuperAção*,[1] da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Tem por objetivo geral, investigar, na correlação entre a formação continuada e a ação docente, o desenvolvimento subjetivo de professores, frente à emergência criadora de formas singulares de ensino orientadas à aprendizagem dos estudantes em turmas do Programa SuperAção. A intenção de discutir a formação continuada e a sua expressão na atuação do professor em sala de aula como um par dialético, encontra na Teoria da Subjetividade, elaborada por González Rey, valor heurístico que aponta para o delineamento de ações intencionais de formação direcionadas ao reconhecimento da subjetividade do professor, sua constituição, aprendizagem, possíveis mudanças e desenvolvimento, e para a valorização do seu contexto de atuação como espaço relevante para seu processo de preparação profissional (Mitjáns Martínez; González Rey, 2019). Nesse movimento formativo que implique em possíveis mudanças subjetivas dos professores, o conceito de desenvolvimento subjetivo desponta como uma necessidade a ser focada nos programas de formação. Sua relevância, nesse contexto, se expressa na compreensão da ação mobilizadora do professor entre a formação e a sua ação pedagógica, como expressão de seu envolvimento subjetivo e a emergência de novas configurações subjetivas capazes de gerar o desenvolvimento de novos recursos subjetivos que lhe permitam mudanças qualitativas, com novas formas de ação. Os conceitos de

[1] A Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) apresentou o Programa SuperAção: Atendimento aos Estudantes em Situação de Incompatibilidade Idade/Ano, para atender estudantes com dois ou mais anos de atraso em relação ao ano escolar esperado do ensino fundamental. Foi aprovado pela Portaria n.º 133, de 15 de fevereiro de 2023, publicada no Diário Oficial do Distrito Federal n.º 34, de 16 de fevereiro de 2023 e teve a publicação de um Caderno Orientador (2024).

personalização e diferenciação serão discutidos na possibilidade do diálogo com a perspectiva sinalizada pelo caderno orientador do *Programa SuperAção*, que destaca que as ações pedagógicas no atendimento aos estudantes dessas turmas, sejam voltadas a promoção de estratégias que permitam o acompanhamento individualizado da aprendizagem dos discentes (SEEDF, 2024). Além da dimensão didática presente na literatura acerca da personalização e diferenciação do ensino - como princípios e estratégias intencionais voltadas à atender as especificidades e singularidades dos estudantes em seus processos de aprendizagem (Bacich, Tanzi Neto e Trevisani, 2015; Tomlinson, 1999; Bondie, Rhonda e Zusho, Akane, 2023), busca-se evidenciar nesta pesquisa a dimensão subjetiva que atravessa esses aspectos essenciais do trabalho pedagógico (Mitjáns Martínez; González Rey, 2017; 2019), entendendo-os não como meras estratégias adaptativas, mas como processos subjetivamente configurados, mediante a singularidade e autoralidade que cada professor imprime a sua ação em sala de aula.

Palavras-chave: formação continuada; desenvolvimento subjetivo; personalização e diferenciação do ensino.

Referências:

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Programa SuperAção: atendimento aos estudantes em situação de incompatibilidade idade/ano do Ensino Fundamental. 3. ed. Brasília, DF: SEEDF, 2024.

GOULART, D. M; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. Do desenvolvimento da personalidade ao desenvolvimento subjetivo: histórico, momento atual e desafios. In: Santos, G.; Campolina, L. O; (Orgs.). **Desenvolvimento e aprendizagem: contribuições atuais da teoria cultural - histórica da subjetividade**. Curitiba: CRV 2023 (p. 35-57)

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F. A preparação para o exercício da profissão docente: contribuições da Teoria da Subjetividade. In: Rossato, Maristela; Peres, Vannúzia L. A. **Formação de educadores e psicólogos: contribuições e desafios da subjetividade na perspectiva cultural-histórica.** 1. ed. Curitiba: Appris, 2019.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F. **Psicología, educação e aprendizagem escolar: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica.** São Paulo: Cortez, 2017.

TOMLINSON, C. A. **The differentiated classroom: responding to the needs of all learners**. Alexandria: Association of Supervision and Curriculum Development, 1999.

Motivação para participar no Colégio Doutoral: Considero que a produção científica que envolve uma pesquisa de doutorado, por sua consistência e

seriedade, requer um conjunto de conhecimentos, pessoas, redes e experiências. Nesse sentido, o Colégio Doutoral, se constitui como possibilidade de um espaço de conexão e construção desse repertório, em que os movimentos dialógicos oportunizados no encontro com professores e pesquisadores especialistas da Teoria da Subjetividade podem favorecer movimentos reflexivos e de sínteses que certamente irão agregar ao meu processo formativo. Será um momento importante para ampliar compreensões sobre o arcabouço teórico elaborado pelo professor González Rey, e explorar suas contribuições para o campo da Educação, à luz dos conceitos de personalização e diferenciação do ensino, com o olhar para os professores dos Anos Finais em contextos de formação continuada e de atuação em sala de aula.

Perguntas que gostaria de discutir com os debatedores:

Como oportunizar que uma formação continuada pautada na subjetividade evidencie a articulação da unidade individual-social do professor e da escola, sem incorrer em individualizações, determinismos ou generalizações?

Como sustentar teoricamente desenvolvimento subjetivo no contexto da formação de professores?

Como articular os conceitos de personalização e diferenciação do ensino —, muitas vezes utilizados sob uma lógica prescritiva ou adaptativa — à luz da Teoria da Subjetividade?

Eixo Temático do Colégio Doutoral: Epistemologia Qualitativa e Metodologia Construtivo-Interpretativa: conceitos centrais e delineamento metodológico

SUBJETIVIDADE, ESCOLA E ADOLESCÊNCIAS: CAMINHOS PARA O DESENVOLVIMENTO SUBJETIVO

Bruno Reis Bernardo Cobucci, Universidade de Brasília,

brunocobucci22@outlook.com

Resumo: Este trabalho é proveniente de uma pesquisa de doutorado em andamento na Universidade de Brasília. Ele é gestado em um contexto de crescentes preocupações com a saúde mental de adolescentes no Brasil e no mundo, como, por exemplo, o aumento alarmante de indicadores de suicídio e autolesão entre adolescentes brasileiros na última década (Brasil, 2021). Paralelamente, essas tendências se articulam ao agravamento de uma série de desafios vivenciados nas comunidades escolares, que, com frequência, carecem de recursos para lidar com quadros de sofrimento subjetivo (Menza, 2024). As abordagens existentes, em grande parte, tendem a patologizar, moralizar ou normatizar a adolescência, reduzindo fenômenos complexos a classificações diagnósticas. Para fundamentar a investigação desses processos, a pesquisa se apoia na Teoria da Subjetividade de González Rey (2022), em perspectiva histórico-cultural. A escolha desse referencial se justifica por seu caráter complexo, crítico e propositivo, que permite a construção de compreensões inéditas sobre os processos de sofrimento subjetivo, o desenvolvimento humano e as práticas profissionais, a partir do diálogo entre os campos da educação e da saúde. Utilizando o Método Construtivo-Interpretativo e a Epistemologia Qualitativa, o objetivo deste estudo é de elaborar um modelo teórico que apoie práticas educativas orientadas ao desenvolvimento subjetivo de estudantes adolescentes de duas escolas públicas do Distrito Federal. Como objetivos específicos, a pesquisa buscará: a) compreender a configuração subjetiva social do sofrimento de adolescentes nas escolas pesquisadas; b) compreender a configuração subjetiva individual do sofrimento de dois estudantes adolescentes, por meio de estudos de caso, de maneira a avançar teoricamente na compreensão do sofrimento subjetivo; c) construir modelos teóricos orientados à construção de práticas educativas alternativas nas escolas, com vistas ao desenvolvimento subjetivo dos indivíduos e grupos. A inserção nas escolas acontecerá em parceria com o Programa de Saúde Mental dos Estudantes (PSME), promovido pela Diretoria de Atendimento e Apoio à Saúde do Estudante (DIASE), da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Trata-se de um programa que tem sido construído recentemente, e que se insere localmente como o responsável pela estruturação do Programa Saúde na Escola (PSE) na região. A pesquisa buscará construir articulações que permitam o estudo de escolas da rede que apresentem demandas de saúde mental, bem como estará orientada à

fundamentação de práticas alternativas a esses cenários. Adota-se como perspectiva fundamental a compreensão da escola como um cenário social complexo, e do adolescente como sujeito produtor, priorizando a complexidade, o diálogo e a singularidade no estudo dos processos subjetivos.

Palavras-chave: adolescência; escola; sofrimento; educação; subjetividade

Referências:

BRASIL. **Mortalidade por suicídio e notificações de lesões autoprovocadas no Brasil**: Boletim Epidemiológico. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2021.

GONZÁLEZ REY, F. La subjetividad en psicología: su importancia para una psicología crítica. In: OSORIO, J. M. F.; BRAVO, O. A. (Eds.). **Caminando por las veredas de la psicología**. Cali: Universidad Icesi, 2022. p. 29–46.

MENZA, P. M. M. DE LA. **Inclusão de adolescentes em sofrimento subjetivo em uma escola pública no período pós-pandêmico : um estudo de caso**. 2024.

Motivação para participar no Colégio Doutoral: Minha participação na última edição do Colégio Doutoral foi fundamental para o desenvolvimento da minha dissertação de mestrado, tendo participado do eixo voltado ao processo de construção interpretativa das informações. Atualmente, no doutorado, gostaria de contar novamente com o aporte do Colégio, desta vez com ênfase na dimensão do delineamento metodológico, que representa um dos principais desafios da minha pesquisa. Trata-se de uma investigação que envolverá a imersão em contextos escolares complexos e heterogêneos. Por isso, desejo colocar em pauta o desenvolvimento metodológico do estudo, discutindo de que forma meus interesses e objetivos de pesquisa podem ganhar forma no campo.

Perguntas que gostaria de discutir com os debatedores:

Como organizar metodologicamente o estudo da configuração subjetiva social e individual do sofrimento de adolescentes em escolas públicas?

Quais instrumentos, estratégias e recursos poderiam ser eventualmente empregados?

Eixo Temático do Colégio Doutoral: Epistemologia Qualitativa e Metodologia Construtivo-Interpretativa: conceitos centrais e delineamento metodológico

AS EXPERIÊNCIAS SUBJETIVAS DE JOVENS ATIVISTAS DIGITAIS E SUAS TRAJETÓRIAS DE DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM A PARTIR DA TEORIA DA SUBJETIVIDADE

Ana Laura Brasil Peralta, Universidade de Brasília,

albrasilperalta@gmail.com

Resumo: Consideramos que, nos espaços geopolíticos mapeados pelas redes sociais, são construídos movimentos sociais, de exclusão e opressão, de jogos de poder e de privilégios, e, por isso, argumentamos que as redes não são neutras por incorporarem ideologias e reproduzirem o sistema social hegemônico de determinados indivíduos, grupos sociais ou instituições. Por outro lado, as tecnologias digitais mantêm certa agência e vitalidade próprias, posto que permitem a co-criação e a realização de novas práticas e a construção de significados que não podem ser pré-determinados pelas forças sociais que moldaram seu *design*. Assim, é objetivo geral da pesquisa: Compreender a experiência subjetiva de jovens no ativismo digital em suas trajetórias de desenvolvimento e aprendizagem partir da Teoria da Subjetividade. E os objetivos específicos: Compreender como é configurada subjetivamente a ação ativista nas redes sociais.; Analisar como o uso das ferramentas midiáticas da web está mudando a natureza da aprendizagem e mobilizando a configuração subjetiva da ação de aprender em ativistas digitais; Compreender as dinâmicas da configuração subjetiva da ação ativista e da ação de aprender que participam da emergência da sujeita. Destacamos que na ação de aprender são gerados sentidos subjetivos tecidos a partir da história de vida das aprendizes, das características do contexto e das relações em que acontece e da subjetividade social do espaço da ação em curso. Dessa forma, podemos afirmar que a ação de aprender e a subjetivação dela não podem ser resumidas à educação formal, mas também participam dos mais diversos espaços, inclusive o digital. O ativismo digital encoraja a participação ativa, a expressão de sentimentos, a conexão com interesses compartilhados e a organização coletiva. Esse engajamento ativo, especialmente quando envolve ação sobre o objeto de conhecimento relacionado a questões sociais, mobiliza a produção simbólico-emocional sobre esse objeto e sobre a própria ação de aprender. Essa mobilização pode deslocar as aprendizes de receptoras passivas de informações para o lugar de agentes ativas ou mesmo de sujeitas. Destacamos o papel de mulheres jovens que engajam nas redes sociais como ativistas de causas sociais, como inclusão, feminismo, racismo, preservação ambiental etc., a fim de criar redes de influência e de aprendizagem para a transformação social. Para isso, vamos selecionar perfis de mulheres ativistas

digitais de significativa influência para participarem da pesquisa. Propomos a análise dos conteúdos e interações compartilhados em suas redes sociais e a realização de dinâmicas conversacionais individuais. A análise e construção das informações será feita por meio da Metodologia Construtivo-Interpretativa.

Palavras-chave: ativismo digital; configuração subjetiva da ação de aprender; emergência da sujeita

Referências:

MITJÁNS MARTINÉZ, Albertina; GONZALEZ REY, Fernando. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar**. Cortez Editora, 2017.

RAMOS, Wilsa Maria. Aprendizagem e comunicação na cultura digital: um olhar a partir da Teoria da Subjetividade. **Teoria da Subjetividade como perspectiva crítica: desenvolvimento, implicações e desafios atuais**. Campinas, SP: Editora Alínea, p. 364-386, 2022.

ROSSATO, Maristela. A emergência do sujeito em diferentes contextos de pesquisa e práticas sociais. **Teoria da subjetividade como perspectiva crítica: desenvolvimento, implicações e desafios atuais**. Campinas, SP: Alínea, p. 175-208, 2022.

Motivação para participar no Colégio Doutoral: Minha motivação para participar do Colégio Doutoral está voltada para a oportunidade de debater e ouvir contribuições de professores(as) com experiência na Teoria da Subjetividade e na pesquisa orientada pela Metodologia Construtivo-Interpretativa que podem aprofundar e expor nuances sutis da discussão proposta como objetivo da pesquisa. Considero importante o diálogo com pesquisadores(as) mais experientes neste momento de finalização da elaboração do projeto, sobretudo ao se ter em conta a novidade do campo de pesquisa (redes sociais) a partir da Teoria da Subjetividade e da categoria configuração subjetiva da ação ativista em sua relação com a emergência do(a) sujeito(a), sendo necessário criar novas possibilidades de instrumentos e refletir sobre o uso de expressões presentes nas redes para compor as informações na análise construtivo-interpretativa.

Perguntas que gostaria de discutir com os debatedores:

Tento em vista a categoria conceitual sujeito(a), julgamos essencial não só desenvolver dinâmicas conversacionais com as participantes, mas também estar presente nas suas redes sociais. Pretendemos utilizar posts e comentários de seus perfis para construir instrumentos e compor a análise construtivo-interpretativa. Quais outras formas de interação online poderiam ser interessantes na produção de informações e indução da produção subjetiva para a pesquisa?

A partir das categorias conceituais que serão trabalhadas nessa investigação (configuração subjetiva da ação de aprender, ação ativista e emergência do(a) sujeito(a)), quais desafios na construção e interpretação das informações poderão ser encontrados?

Resumos dos trabalhos dos Eixos Temáticos

EIXO TEMÁTICO 1.

TEORIA DA SUBJETIVIDADE: AVANÇOS, DESAFIOS CONCEITUAIS E RELAÇÕES COM OUTROS CAMPOS E REFERENCIAIS TEÓRICOS

Eje temático: Teoría de la Subjetividad: avances, desafíos conceptuales y relaciones con otros campos y perspectivas teóricas

Subtema: Diálogos de la Teoría de la Subjetividad con otros referentes teóricos.

Sentido subjetivo político como desdoblamiento de la subjetividad política

Alvaro Díaz Gómez, Universidad Tecnológica de Pereira,

adiaz@utp.edu.co

Resumen: Desde hace una década vengo trabajando el concepto de subjetividad, en una acepción: la subjetividad política. Sobre ella conversamos directamente con Fernando Gonzáles Rey (Díaz, 2006, 2012) quien era más apegado al concepto de subjetividad, o subjetividad social (Gonzales Rey, 2008) que, a esta opción, sin que la rechazara de plano pues su estilo era acoger las posibilidades para debatirlas. En el proceso de pensar en la subjetividad política, desprendí del pensamiento de González Rey (2013) y como una forma específica de indagar desdoblamientos de la subjetividad, el concepto de sentido subjetivo político (Díaz, 2012). Él decía: tomé el concepto de sentido, de Vygotsky y lo desarrollé como sentido subjetivo.Para mis intereses investigativos en el campo de la política y la constitución de sujeto político, retomo esta tradición y estoy construyendo teóricamente el concepto de sentido subjetivo político (Diaz, 2025) que bien se puede sintetizar en la "andadura investigativa que, de manera constante, continuada y monotemática, se ha desplegado a partir de los siguientes proyectos de investigación: Subjetividad política femenina en el contexto del conflicto armado colombiano (2013-2015); Prácticas de sí contemporáneas, en la configuración de sujetas políticas y sujetos políticos (2015-2017); Formación de sujetos políticos desde una experiencia de educación para la paz (2017-2019); El laboratorio de paz educativo como propuesta para la formación de sujeto político (2019-2020); Subjetividad Política en el Ámbito de la Investigación y la Enseñanza de las Humanidades de sujetos políticos (2019-2020); Aportes de algunos sujetos políticos contrahegemónicos a la construcción de la verdad sobre el conflicto armado en el departamento de Risaralda (2020-2022); y Subjetividades juveniles emergentes durante el acontecimiento pandémico derivado del Covid-19 (2023-2025)" (Díaz, 2021).Desde este recorrido, a la fecha, entiendo por sentidos subjetivo político, un despliegue de la subjetividad. Es parte de ella y se expresa en la subjetividad política, en su especificidad de lo político, mediante sentidos subjetivos, todo lo anterior, desde los procesos de reflexividad que, en la tensión entre la política y lo político realiza el sujeto que, entonces, deviene en político, en sujeto político. En la línea propuesta por González Rey, asumo el sentido subjetivo político como una unidad de lo simbólico emocional que se concreta en el ámbito de lo político y la política, esta siempre se refiere a lo que nos es común a todos y que se debate en el plano de lo público.

Cuestión para el debate en el Grupo de Discusión Temática: Desde el anterior contexto, formulo la siguiente cuestión para el debate ¿Es plausible asumir el concepto de sentido subjetivo político como desarrollo de la perspectiva histórico cultural compleja de la subjetividad, propuesta por Fernando González Rey?

Palabras clave: Subjetividad; sentido; sentido subjetivo.

Referências

DÍAZ GÓMEZ, Álvaro. Subjetividad y subjetividad política. Entrevista con el psicólogo cubano Fernando González Rey. **Revista Colombiana de Educación**, Bogotá, n. 50, p. 236–249, 2006. Disponible en: Studocu. Acceso en: 8 ago. 2025.

DÍAZ GÓMEZ, Álvaro. Subjetividad política y psicologías sociales críticas en Latinoamérica: ideas a dos voces. **Universitas Psychologica, Bogotá**, v. 11, n. 1, p. 325–338, 2012. Disponible en: PDF del artículo. Acceso en: 8 ago. 2025.

GÓMEZ, Alvaro Diaz. Sentido Subjetivo Político: Aportes de una Década. In: **Subjetividad Política en el Ámbito de la Investigación y la Enseñanza de las Humanidades**, 2025.

GONZÁLEZ, F. Subjetividad social, sujeto y representaciones sociales. **Diversitas: Perspectivas en Psicología**, Bogotá, v. 4, n. 2, p. 225–243, 2008.

GONZÁLEZ, F. La subjetividad en una perspectiva cultural-histórica: avanzando sobre un legado inconcluso. Brasília: **Universidade de Brasília,** 2013. v. 11, p. 19–42.

Eixo temático: Teoria da Subjetividade: avanços, desafios conceituais e relações com outros campos e referenciais teóricos

Subtema: Diálogos da Teoria da Subjetividade com outros referenciais teóricos

Subjetividade social e intersubjetividade: diálogos entre González Rey e Merleau-Ponty

Rafael Alves Reis, PPGEF/UnB,

rafael.haruin@hotmail.com

Resumo: Este ensaio teórico discute criticamente a relação e as diferenças entre a noção de subjetividade social em Fernando González Rey e o conceito de intersubjetividade em Maurice Merleau-Ponty. Ao explorar a interface entre a psicologia histórico-cultural e a fenomenologia da percepção, investiga-se se a subjetividade social — concebida por Rey como constituição simbólica, histórica e cultural do sujeito — poderia ser compreendida, ampliada ou mesmo deslocada para a perspectiva da intersubjetividade, em que Merleau-Ponty funda a experiência do sujeito no entrelaçamento sensível e relacional com o outro. A análise revela que, embora ambos os conceitos rejeitem o dualismo entre indivíduo e sociedade, diferem quanto à origem e ao modo como a experiência subjetiva é constituída. González Rey enfatiza o social como componente interno e ativo da produção subjetiva, enquanto Merleau-Ponty argumenta que o sujeito é formado originariamente na relação com o outro, a partir do corpo vivido e da co-presença sensível. Ao problematizar essas diferenças, o ensaio propõe um debate sobre os ganhos e limites de aproximar ou mesmo substituir a categoria de subjetividade social pela de intersubjetividade, especialmente para pensar processos de subjetivação em contextos educativos e culturais. Por fim, levanta-se a seguinte questão: em que medida a compreensão da subjetividade como fenômeno fundamentalmente intersubjetivo pode enriquecer, ou desafiar, os horizontes teóricos da psicologia histórico-cultural?

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Seria possível compreender a subjetividade social como um fenômeno fundamentalmente intersubjetivo? Quais seriam os ganhos e limites desse deslocamento conceitual?

Palavras-chave: subjetividade social; intersubjetividade; corporeidade

Referências:

GONZÁLEZ REY, Fernando. Subjectivity in debate: Some reconstructed philosophical premises to advance its discussion in psychology. **Journal for the Theory of Social Behaviour**, v. 49, n. 2, p. 212–234, 2019.

GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade: Teoria, epistemologia e método**. Campinas: Alínea, 2017.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BERNARDES, V. L. **Corpo, educação e subjetividade: Processos de subjetivação de um corpo simbólico.** 2023. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

Eixo temático: Teoria da Subjetividade: avanços, desafios conceituais e relações com outros campos e referenciais teóricos

Diálogos entre Fernando González Rey y Hugo Zemelman: Alternativas para la política social y la acción comunitaria

Cristian Palma

altazor3@gmail.com

Resumen: La construcción teórica de Fernando González Rey coincide con el sociólogo latinoamericano Hugo Zemelman en su comprensión de las potencialidades del sujeto como generador de acción social y transformador de sus condiciones sociales de vida desde su cotidianidad. Estos dos autores plantean una ruptura epistemológica desde el pensamiento crítico, con una postura decolonial, que revindica los saberes emergentes desde los territorios cotidianos de vida y construidos por los sujetos colectivos dentro de los procesos históricoculturales y sociopolíticos de la experiencia de los pueblos latinoamericanos. El legado epistemológico de estos dos intelectuales latinoamericanos es de una gran riqueza y converge en su desarrollo de las nociones fundamentales. Al igual que Tourine (1993), parten de los procesos de producción de sentido en la vida social para la comprensión de las experiencias personales y colectivas que determinan el desarrollo social, económico, político y cultural. La configuración y encarnación de estos procesos son conceptualizados a través del concepto de subjetividad, el cual relaciona "el momento psicogenético de la racionalidad con el momento cultural" (Zemelman, 1992, p.60); en palabras de Fernando González Rey: "La subjetividad es la constitución de la psiquis en el sujeto individual, e integra también los procesos y estados característicos a este sujeto en cada uno de sus momentos de acción social" (Gonzalez-Rey, 1999, p.83). De esta manera se comprende una relación dialéctica entre desarrollo psicogenético o de la persona y desarrollo social, lo cual se configura en procesos emergentes de interacción y participación que posibilitan la transformación social. La perspectiva de la acción comunitaria está presente en la obra de Fernando González Rey cuando se pregunta: "¿Cómo la subjetividad social de territorios diversos de lo social se organiza en el campo comunitario?" (Conferencia), teniendo en cuenta la multiplicidad de sujetos y de configuraciones subjetivas en todo territorio y proceso social. La subjetividad social es agencia de producción de sentidos y se inerva en las experiencias personales de vida (subjetividad personal) dentro de configuraciones sociohistóricas específicas (instituciones) que median prácticas concretas de subjetivación del orden social y politico. Por tanto toda política y acción comunitaria debería tener en cuenta esa multiplicidad de subjetividades que configuran los territorios sociales, esas distintas prácticas de subjetivación a través de las cuales se construyen los sujetos colectivos. Por su parte, Hugo Zemelman (1997) analiza tres procesos históricoculturales que integran la subjetividad social: La

necesidad, la experiencia y la visión de futuro. Las posibilidades que plantea la articulación del pensamiento de Fernando González Rey con el de Hugo Zemelman para la política social son múltiples, al comprender la pluralidad de racionalidades, algunas de ellas contradictorias entre sí, que pueden estar en la base de un proceso político que surge de acciones comunitarias. Lo anterior revindica la necesidad de metodologías comprehensivas que puedan captar la diversidad y complejidad de las configuraciones subjetivas y subjetividades que participan en territorios específicos, y en un segundo momento lograr la articulación de núcleos de subjetividad social que direccione los procesos de transformación desde las comunidades.

Cuestión para el debate en el Grupo de Discusión Temática: ¿De qué manera las perspectivas teóricas de Fernando González Rey y Hugo Zemelman contribuyen a comprender la relación dialéctica entre subjetividad social y transformación comunitaria, especialmente en el contexto de acciones político-sociales que consideren la diversidad de subjetividades en los territorios latinoamericanos?

Palavras chave: Subjetividad; subjetividad social, comunidad

Referências

GONZÁLEZ REY, F. (1999). **La subjetividad en la construcción del conocimiento**. Buenos Aires: Ediciones Ciencias Sociales.

ZEMELMAN, H. (1992). **La subjetividad y la cultura.** Caracas: Editorial Nueva Sociedad.

ZEMELMAN, H. (1997). **Los procesos históricos y culturales de la subjetividad.** Caracas: Editorial Nueva Sociedad.

TOURINE, J. (1993). **Los procesos de producción de sentido en la vida social.** Bogotá: Ediciones Universidad Central.

Eje temático: Teoría de la Subjetividad: avances, desafíos conceptuales y relaciones con otros campos y perspectivas teóricas

Subtema: Avances y desafíos de las categorías teóricas de la Teoría de la Subjetividad

Contribuciones del GT de Psicología Histórico-Cultural y Subjetividad al 40 Congreso Interamericano de Psicología: Avances y desafíos

Roberto O. Díaz Juarbe, Universidad del Sagrado Corazón,

roberto.diaz@sagrado.edu

Antoinette Alom Alemán, Universidad de Puerto Rico en Cayey,

antoinette.alom@upr.edu

Sheila Pérez-López, Universidad de Puerto Rico, Recinto de Río Piedras,
sheila.perez1@upr.edu

Resumen: El Grupo de Trabajo Psicología Histórico-Cultural y Subjetividad se creó en junio de 2023 con el propósito de promover, consolidar y ampliar el intercambio, la colaboración científica y la articulación entre investigadores interesados en la Teoría de la Subjetividad desde un enfoque histórico-cultural en contextos interamericanos. Para ello, busca fortalecer redes de investigación, fomentar el diálogo interdisciplinario y ampliar su proyección internacional. El grupo desarrolla dos líneas de trabajo complementarias: por un lado, la definición, profundización y desdoblamiento de la Teoría de la Subjetividad de Fernando González Rey; y por otro, el análisis de expresiones de la psicología histórico-cultural y de la subjetividad en diversos contextos interamericanos (Rodríguez Arocho, 2023). A dos años de su creación, proponemos un examen de las contribuciones de los investigadores afiliados al GT en el marco del 40 Congreso Interamericano de Psicología celebrado en San Juan, Puerto Rico. González Rey; Mitjáns Martínez (2025) destacan la importancia de mantener una reflexión constante sobre las formas de hacer investigación desde la Epistemología Cualitativa y la Teoría de la Subjetividad, lo cual resulta pertinente para evaluar las contribuciones de los investigadores afiliados al GT. En ese sentido, analizaremos cómo esas contribuciones responden a los objetivos del grupo y articulan esta interconexión entre teoría, investigación y práctica. Para comprender mejor el contexto en el que se desarrollan estas redes y colaboraciones, es útil considerar el marco teórico de Wenger (2000), quien plantea que las organizaciones alcanzan mejores resultados cuando se configuran como sistemas sociales de aprendizaje y participan activamente en redes colectivas más amplias, constituyéndose en comunidades de práctica. Estas comunidades se definen por tres dimensiones clave: el contenido compartido que las convoca (el qué), las formas de interacción que desarrollan (el cómo) y los recursos que utilizan (con qué). Esta conceptualización resulta especialmente útil para entender el funcionamiento de redes como el GT. En esta línea, SINGH (2007) señala que una red de

investigadores configurada como comunidad de práctica genera múltiples beneficios al facilitar el intercambio de información sobre formación, eventos y proyectos. Esto amplía perspectivas al integrar enfoques diversos y reduce barreras territoriales, promoviendo la colaboración y el intercambio de conocimientos y recursos entre instituciones e investigadores. Este análisis permitirá visibilizar cómo el GT Psicología Histórico-Cultural y Subjetividad se configura como una comunidad de práctica dinámica, que fortalece el diálogo interdisciplinario y la cooperación entre investigadores en contextos interamericanos. Así, contribuye al avance teórico y metodológico en el estudio de la subjetividad desde una perspectiva histórico-cultural, reafirmando la importancia de articular teoría, investigación y práctica para el desarrollo científico en la región.

Cuestión para el debate en el Grupo de Discusión Temática: ¿Cómo pueden las redes interamericanas de investigación contribuir al avance de la especificidad ontológica de la Teoría de la Subjetividad y a su diálogo con otros campos para fortalecer su desarrollo teórico y su aplicabilidad en contextos diversos de la región?

Palabras clave: redes de investigación; Teoría de la Subjetividad; psicología interamericana

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; & MITJANS MARTÍNEZ, Albertina. Subjetividad. **Teoría, epistemología y método**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2025.

RODRÍGUEZ AROCHO, Wanda. Nace un nuevo Grupo de Trabajo: Psicología Histórico-Cultural y Subjetividad. **Boletín de la Sociedad Interamericana de Psicología** v. 113, p. 46-49, dic. 2023.

SINGH, Kathryn. Redes de investigación: Beneficios, retos y sugerencias para la creación de una comunidad de práctica. **Cuaderno de Investigación en la Educación**. v. 22, p. 13-26, 2007.

WENGER, Etienne. Communities of practice and social learning systems. **Organization**, v. 7, n. 2, p. 225-246, 2000.

Eixo temático: Teoria da Subjetividade: avanços, desafios conceituais e relações com outros campos e referenciais teóricos

Subtema: Diálogos da Teoria da Subjetividade com outros referenciais teóricos

González Rey, Vygotsky e Marx: afastamentos e reconciliações

Felipe Rosa-Lima, mestre em Psicologia Social pela Universidade de Brasília,

psifeliperosa@gmail.com

Resumo: O objetivo desta comunicação é propor um exame da relação entre a Teoria da Subjetividade (TS) e a possibilidade de uma psicologia materialista histórico-dialética. Discutimos três eixos principais: o significado de uma perspectiva cultural-histórica, o caráter gerador da subjetividade e o debate pós-moderno. Identificamos tendências, internas e externas ao campo da subjetividade na perspectiva cultural-histórica, tanto que enxergam na TS uma perspectiva materialista-histórico-dialética viável quanto que a negam. No primeiro eixo, sobre a perspectiva cultural-histórica, problematizamos o que significam tais termos no campo da TS, e as afiliações teóricas e políticas que o acompanham. Diferentes interpretações apontam para aproximações ou afastamentos em relação à teoria de Vygotsky e ao marxismo. Três hipóteses são analisadas: (1) o termo "cultural-histórico" aproxima a TS de Marx; (2) aproxima-a de Vygotsky; (3) afasta-a tanto de Marx quanto de Vygotsky. Argumenta-se que a forma como essa relação é definida não é neutra: ela implica escolhas de projeto político e de interpretação do papel da subjetividade na psicologia. No segundo eixo, quanto ao caráter gerador da subjetividade, defendemos uma leitura conciliadora com o materialismo-histórico-dialético. Argumentamos que é esse caráter gerador que possibilita a emergência do sujeito ativo em sua construção histórica a partir do trabalho. Para González Rey, a subjetividade não é um simples reflexo do social, mas um processo ativo que gera sentidos e formas de ação. Discutimos como essa aparente contradição é enfatizada por leitores que afastam a TS do marxismo, tanto dentro quanto fora do campo. A distinção entre a leitura neoliberal de indivíduo e o sujeito ativo na TS é essencial para conciliar o caráter gerador da subjetividade ao marxismo. No terceiro eixo, em relação ao debate pós-moderno, analisamos como a TS junta-se a outras perspectivas de base marxista para se posicionar criticamente em relação à epistemologia da ciência moderna e às formulações tipicamente modernas do materialismo-histórico-dialético. Consideramos que esta postura levanta uma questão importante: trata-se de um afastamento do marxismo ou de um esforço de renovação teórica e continuidade histórica da crítica? Em torno desses eixos, identificamos quatro grupos principais: (1) marxistas ortodoxos, que enfatizam o distanciamento da TS em relação ao marxismo; (2) autores histórico-culturais que rejeitam a TS como avanços no legado de Vygotsky, ignorando suas críticas e contribuições; autores da TS, divididos entre os que a veem como independente de Marx e Vygotsky (3) e os que defendem sua continuidade e superação dialética (4). Por fim, questionamos os limites de

uma psicologia histórico-cultural que ignore a subjetividade, de uma TS que não seja cultural-histórica e de ambas que não contribuam para o avanço do materialismo-histórico-dialético. Este trabalho defende que um projeto crítico em psicologia deve articular esses três campos, reconhecendo as tensões, mas também explorando possibilidades de aproximação e superação.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: É interessante para os teóricos da TS que a TS seja conciliada com o materialismo-histórico-dialético, sem apagar as críticas ao marxismo ortodoxo?

Palavras-chave: materialismo histórico-dialético; subjetividade; cultural-histórica

Referências

GONZALEZ REY, F. L. Marxismo, subjetividad y psicología cultural histórica: avanzando sobre un legado inconcluso. **Teoría y Crítica de la Psicología,** n. 7, p. 40-55, 2016.

GONZALEZ REY, F. L. Reflexões sobre o desenvolvimento da psicologia soviética: focando algumas omissões da interpretação ocidental. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, p. 263-271, 2012.

GONZÁLEZ REY, F. L. Posmodernidad y subjetividad: distorciones y mitos. **Ciencias Humanas**, v. 12, n. 37, 2007.

GONZALEZ REY, F. **Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade: uma aproximação histórico-cultural.** São Paulo: Thomson Learning, 2007.

SANTOS, M. R. Seria a teoria da subjetividade uma vertente da psicologia histórico-cultural? **Psicol. rev**. (Belo Horizonte), v. 26, n. 1, p. 269-284, 2020.

Eixo temático: Teoria da Subjetividade: avanços, desafios conceituais e relações com outros campos e referenciais teóricos

Subtema: Avanços e desafios das categorias teóricas da Teoria da Subjetividade

Contribuições da Teoria da Subjetividade à compreensão da produção subjetiva no uso da linguagem em crianças com atrasos no desenvolvimento da comunicação oral

Larissa Sena Pereira Gonçalves, Universidade de Brasília,

larissafono@gmail.com

Maristela Rossato, Universidade de Brasília,

maristelarossato@gmail.com

Resumo: Esta proposta aborda a produção subjetiva de crianças consideradas com atraso no desenvolvimento da comunicação oral (fala e linguagem). Consideramos para os fins desta investigação a compreensão proposta por L. S. Vygotsky e A. R. Luria de que a linguagem é o principal mecanismo de mediação pelo qual as funções psicológicas superiores se desenvolvem, pois permite a transição das funções interpsicológicas (realizadas entre indivíduos) para as intrapsicológicas (internalizadas pelo indivíduo). A linguagem passa a fazer parte das atividades humanas como um recurso que os indivíduos usam de forma racional e intencional, e seu papel mediador cria condições de desenvolvimento de todas as funções psicológicas superiores (Corrêa; Bertolanza, 2018). Nos estudos de A. R. Luria e L. S. Vygotsky, desenvolvimento humano e o desenvolvimento da linguagem caminham juntos, não sendo eventos separados, ao contrário, fazem parte de um complexo arcabouço de recursos tanto neurobiológicos como sociais que promovem o desenvolvimento integral do ser humano (Luria, 1992). Reconhecendo a importância social da comunicação oral, compreendemos que a Teoria da Subjetividade pode contribuir para uma compreensão sobre como a experiência do uso da linguagem em crianças consideradas com atraso no desenvolvimento da comunicação, pode ser configurada subjetivamente. Para tal, consideramos que o conceito de configuração subjetiva da ação será um importante recurso para a produção de novas inteligibilidades sobre a produção subjetiva no uso da linguagem. Goulart e Mitjáns Martínez (2023) destacam que “o conceito de configuração subjetiva da ação permite quebrar a ideia de que o comportamento perante uma situação está determinado diretamente pela personalidade do indivíduo” (Goulart; Mitjáns Martínez, 2023, p. 45). O valor heurístico da categoria configuração subjetiva da ação para nosso estudo se dá na possibilidade de analisar como os processos de fala e linguagem não são meramente biológicos ou comportamentais, ou mesmo linguísticos, mas estão profundamente interligados com os sentidos subjetivos que as crianças constroem em suas interações com o ambiente social. Para crianças com

atrasos na comunicação, isso significa que suas dificuldades não podem ser compreendidas apenas em termos de déficits, mas devem ser contextualizadas dentro das interações emocionais, sociais e culturais que moldam suas experiências linguísticas. Ao mesmo tempo que é um desafio teórico, epistemológico e metodológico analisar a fala e a linguagem como uma configuração subjetiva, é uma oportunidade de gerar novas inteligibilidades sobre a temática, rompendo com a perspectiva naturalista, comportamental e biologizante predominante nas pesquisas sobre o tema.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como a configuração subjetiva da ação pode contribuir para a emergência de novas inteligibilidades à respeito do uso da linguagem em crianças com atraso no desenvolvimento da comunicação?

Palavras-chave: teoria da subjetividade; desenvolvimento da linguagem; desenvolvimento

infantil.

Referências

CORRÊA, A. B.; BORTOLANZA, A. E. Desenvolvimento humano e o papel do signo na constituição da linguagem verbal, da fala e da consciência humana: pressupostos de Vigotski, Leontiev e Luria. Eutomia: **Revista de Literatura e Linguística**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 97-119, jul. 2018.

GOULART, D.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. Do desenvolvimento da personalidade ao desenvolvimento subjetivo: histórico, momento atual e desafios. In: CAMPOLINA, L.; SANTOS, G. (org.). **Desenvolvimento e aprendizagem: contribuições atuais da teoria cultural-histórica da Subjetividade.** Curitiba: Editora CRV, 2023. p. 35-58.

LURIA, A. R. **A construção da mente**. Tradução de Maria B. Cipolla. São Paulo: Ícone, 1992.

Eje temático: Teoría de la Subjetividad: avances, desafíos conceptuales y relaciones con otros campos y perspectivas teóricas

Subtema: La relación de la Subjetividad con otros campos, como la Espiritualidad y las Neurociencias

La subjetividad como construcción estético-epistémica: arte, experiencia y modernidad

Pedro J. Salinas-Quintana, Universidad de Santiago de Chile,

psalinasquintana@gmail.com

Resumen: ¿Qué nos revela el arte sobre la construcción de la subjetividad moderna? Este trabajo propone que el arte actúa como una inscripción sensible de un sujeto históricamente situado (Barthes, 1982), manifestando no un conocimiento objetivo, sino vivencias parciales de verdad en diálogo con la noción hegeliana de verdad como proceso (Hegel, 2001). En este sentido, la subjetividad artística expresa una tensión irreductible: por un lado, condensa lo individual e irrepetible del creador; por otro, se enraíza en matrices culturales compartidas que posibilitan su reconocimiento colectivo, incluso en la disidencia. La obra artística, al movilizar fantasía, imaginación y creatividad (Vigotski, 1998; González-Rey, 2005), constituye un proceso sensorioemocional que trasciende lo formal y produce subjetividad en acto, antes que representarla. Frente a modelos epistemológicos objetivistas, proponemos una perspectiva constructivo-interpretativa, en la que los conceptos emergen de la interacción entre experiencia e investigación, y en la que la subjetividad se entiende como una construcción histórica y cultural. Esta posición implica una epistemología crítica, que incluye la reflexividad del investigador como agente inmerso en su campo (Bourdieu, 2001) y la comprensión de lo subjetivo como un artefacto socio-material constituido en redes (Latour, 1994). Hacia una epistemología estetizada, el arte no solo representa, sino que modela modos de conocer. En este marco, se plantean métodos enactivos (Varela et al., 2003) que comprenden el arte como praxis generadora de subjetividad, guiada por dinámicas corporales y afectivas (Massumi, 2002; Manning, 2016). Asimismo, la obra artística encarna una verdad procesual, fragmentaria y situada —una "verdad parcial" en el sentido barthesiano—, que rechaza cualquier pretensión totalizante. Finalmente, se reivindica una política de la sensibilidad (Rancière, 2005), donde la experiencia estética subvierte jerarquías cognitivas al interrogar qué cuerpos y voces pueden producir conocimiento legítimo. En conjunto, el arte se presenta como una forma singular de interrogación de la subjetividad moderna, al evidenciar su doble condición: como producto de estructuras culturales y como fuerza creadora que resiste su reducción. Esta dialéctica demanda el desarrollo de epistemologías híbridas que reconozcan el conocimiento como un acto estético-político encarnado en lo cualitativo, lo relacional y lo afectivo.

Cuestión para el debate en el Grupo de Discusión Temática: ¿Hasta qué punto la subjetividad puede entenderse como un campo de disputa entre racionalidades modernas y prácticas estético-políticas emergentes?

¿Qué posibilidades abre una epistemología estetizada para pensar la producción de conocimiento desde lo sensible, lo fragmentario y lo relacional?

¿Cómo puede el arte contribuir a desestabilizar modelos hegemónicos de subjetividad moderna y proponer modos de existencia más afectivos, encarnados y situados?

Palabras clave: subjetividad, construcción estético-epistémica, arte, experiencia, modernidad

Referencias

BARTHES, Roland. **O grão da voz: entrevistas** 1962-1980. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações pascalianas.** Tradução de Sérgio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRAIDOTTI, Rosi. **Posthuman knowledge.** Cambridge: Polity Press, 2019.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Org.). **Handbook of qualitative research**. 3. ed. Thousand Oaks: Sage, 2005.

GONZÁLEZ-REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação.** São Paulo: Cengage Learning, 2005. (Original: 2002).

HEGEL, Georg W. F. **Cursos de estética**. Tradução de Marco Aurélio Werle et al. São Paulo: Edusp, 2001. v. 1. (Original: Vorlesungen über die Ästhetik, 1835).

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994. (Original: Nous n'avons jamais été modernes, 1991).

MANNING, Erin. **The minor gesture.** Durham: Duke University Press, 2016.

MASSUMI, Brian. **Parables for the virtual: movement, affect, sensation**. Durham: Duke University Press, 2002.

NANCY, Jean-Luc. **Corpus.** Tradução de Tomás Maia. Lisboa: Vendaval, 2003. (Original: Corpus, 1992/2000).

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política.** Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2005. (Original: Le partage du sensible, 2000).

VIGOTSKI, Lev S. **Psicologia da arte**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Original: Psikhologiya iskusstva, 1925/1965).

VARELA, Francisco J.; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor**. A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana**. Tradução de Joaquim Nogueira Gil. Porto Alegre: Artmed, 2003. (Original: The embodied mind, 1991).

Eje temático: Teoría de la Subjetividad: avances, desafíos conceptuales y relaciones con otros campos y perspectivas teóricas

Subtema: La relación de la Subjetividad con otros campos, como la Espiritualidad y las Neurociencias

El Yo como ficción operativa: notas para una genealogia de la subjetividad moderna

Pedro J. Salinas-Quintana, Universidad de Santiago de Chile

psalinasquintana@gmail.com

Resumen: ¿Cómo se ha configurado históricamente la experiencia del yo en la modernidad? Este trabajo explora la genealogía del yo como un dispositivo narrativo y estético-epistemológico, analizando su evolución desde la pre-modernidad hasta su cuestionamiento en la filosofía contemporánea. Partiendo de la hipótesis de que el yo moderno surge como una construcción descentrada, influenciada por el pensamiento cartesiano, se examinan las tensiones entre individualidad y subjetividad, así como su relación con prácticas culturales como el arte, la literatura y el uso de espejos (Berman, 1987; Lacan, 2010). La subjetividad pre-moderna, caracterizada por una "conciencia participativa" (Berman, 1987), se contrasta con la emergencia de un yo autónomo y autorreflexivo en la modernidad, marcado por la interioridad (Innerlichkeit) y la diferenciación del entorno (Dilthey, 1966). El estudio propone que el yo moderno, lejos de ser una estructura preexistente, es una emergencia histórica vinculada a cambios materiales y culturales, como la proliferación de espejos y el desarrollo del retrato pictórico (Berman, 1992). Estos elementos técnicos y estéticos reflejan y refuerzan una nueva sensibilidad centrada en la autoconciencia y la individuación. Sin embargo, esta subjetividad autónoma entra en crisis con los cuestionamientos de Nietzsche, Freud y Lacan, quienes desestabilizan la noción de un yo sustancial y unitario, planteando su carácter fragmentario y descentrado (Nietzsche, 2007; Lacan, 2010). En el siglo XX, teorías como las de Guidano (1994) y Laing (1975) profundizan en la idea de un "self fraccionado", donde la experiencia inmediata (yo) y su narración reflexiva (mi) tensionan la coherencia identitaria. Esta fragmentación se vincula a fenómenos psicosociales como la alienación y la neurosis, exacerbados por la sociedad de consumo y la cultura capitalista (Marcuse, 1993). Finalmente, se discute cómo el yo contemporáneo, lejos de su consistencia moderna, deviene una multiplicidad de imágenes efímeras, desprovistas de un centro unificador (Zizek, 2001). Este recorrido genealógico revela que la subjetividad no es un dato fijo, sino un campo de disputa entre racionalidades históricas y prácticas culturales. Frente a modelos epistemológicos tradicionales, se propone una comprensión dinámica y procesual del yo, donde lo estético y lo político intersectan para cuestionar jerarquías cognitivas y proponer modos alternativos de existencia. La pregunta central que guía esta reflexión es: ¿cómo el arte y la

cultura pueden desestabilizar los modelos hegemónicos de subjetividad y abrir espacios para experiencias más encarnadas y relacionales?

Cuestión para el debate en el Grupo de Discusión Temática: ¿Es posible hablar de "yo" después de Nietzsche, Freud y Lacan, o deberíamos abandonar el término en favor de nociones como "agenciamiento" (Deleuze) o "performance" (Butler)?

Palabras clave: subjetividade; yo; experiencia

Referencias

BERMAN, M. **Cuerpo y espíritu**. Santiago, Chile: Editorial Cuatro Vientos, 1992.

BERMAN, M. **El reencantamiento del mundo.** Santiago, Chile: Editorial Cuatro Vientos, 1987.

BRIE, R. **Der Versuch der Überwindung der Subjektivität in Diltheys Denken**. Friburgo, Alemanha: Editado pelo autor, 1965.

DESCARTES, R. **Discurso del método, dióptrica, meteoros y geometría**. Madrid, Espanha: Alfaguara, 1981.

DILTHEY, W. **Leben Schleiermachers**. Berlin, Alemanha: Walter de Gruyter & Co., 1966.

GUIDANO, V. **El sí-mismo en proceso: hacia una terapia cognitiva posracionalista**. Barcelona, Espanha: Paidós, 1994.

HEIDEGGER, M. **¿Qué es metafísica?** Madrid, Espanha: Alianza Editorial, 2009.

HEIDEGGER, M. **Carta sobre el humanismo**. Madrid, Espanha: Alianza Editorial, 2000.

HOLZAPFEL, C. **Ser y universo**. Santiago, Chile: Editorial Universitaria, 1990.

JUNG, C. G. **Psicología y alquimia**. Barcelona, Espanha: Plaza & Janés Editores, 1989.

JUNG, C. G. **Arquetipos e inconsciente colectivo.** Barcelona, Espanha: Paidós, 1970.

JUNG, C. G. **Tipos psicológicos**. Buenos Aires, Argentina: Editorial Sur, 1960.

LACAN, J. **El Yo en la teoría de Freud y en la técnica psicoanalítica.** Buenos Aires, Argentina: Paidós, 2010.

LAING, R. D. **El yo dividido: un estudio sobre la salud y la enfermedad.** México, D.F., México: Fondo de Cultura Económica, 1975.

NAUGHTON, V. **Historia del deseo en la época medieval.** Buenos Aires, Argentina: Quadrata, 2005.

NIETZSCHE, F. **Más allá del bien y del mal.** Madrid, Espanha: Alianza Editorial, 2007.

NIETZSCHE, F. **La voluntad de poder.** Madrid, Espanha: Editorial EDAF, 2000.

OYARZÚN, P. Montaigne: escritura y escepticismo. **Diálogos, Santiago**, v. 38, n. 81, p. 341-364, 2003.

RIMBAUD, A. **Iluminaciones – Cartas del vidente**. Madrid, Espanha: Ediciones Hiperión, 1995.

SALINAS QUINTANA, P. Esbozo de una genealogía del yo. **Revista Castalia**, Santiago, n. 36, p. 77-91, 2021. ISSN 0719-8051.

VATTIMO, G. **El fin de la modernidad.** Barcelona, Espanha: Gedisa, 1987.

ŽIŽEK, S. **El espinoso sujeto: el centro ausente de la ontología política**. Buenos Aires, Argentina: Paidós, 2001.

EIXO TEMÁTICO 1. TEORIA DA SUBJETIVIDADE: AVANÇOS, DESAFIOS CONCEITUAIS E RELAÇÕES COM OUTROS CAMPOS E REFERENCIAIS TEÓRICOS

Eixo temático: Teoria da Subjetividade: avanços, desafios conceituais e relações com outros campos e referenciais teóricos

Subtema: Avanços e desafios das categorias teóricas da Teoria da Subjetividade

As origens do conceito de configuração subjetiva na obra de Fernando González Rey: entre a personalidade e a subjetividade

Bruno Reis Bernardo Cobucci, Universidade de Brasília

brunocobucci22@outlook.com

Resumo: No âmbito das pesquisas e práticas profissionais orientadas pela Teoria da Subjetividade, em seus diversos campos e eixos temáticos, o conceito de configuração subjetiva tem adquirido destaque (Cobucci, 2024; González Rey; Goulart; Bezerra, 2016; Goulart, 2024) . Tal relevância decorre, sobretudo, de sua capacidade de oferecer explicações sobre a organização e a dinâmica dos processos subjetivos, tanto individuais quanto sociais, com importantes desdobramentos teóricos, epistemológicos e metodológicos. No entanto, as origens históricas desse conceito na obra de Fernando González Rey permanecem pouco conhecidas, restringindo-se, em geral, às conceituações mais explícitas formuladas a partir do final dos anos 1990. Inspirado por esforços recentes voltados à reconstrução da trajetória do conceito de desenvolvimento subjetivo (Goulart; Mitjáns Martinez, 2023), este trabalho investiga o surgimento e a evolução da noção de configuração na obra de González Rey. A análise abrange suas primeiras formulações, possíveis influências teóricas, e o processo por meio do qual essa noção se tornou central em sua produção. Para isso, foi realizada uma revisão das obras do autor publicadas entre 1982 e 1997 — incluindo livros, artigos e capítulos — a partir de palavras-chave como “configuración”, “sistema” e “estructura”. Os resultados indicam que, inicialmente, González Rey empregou o termo “configuração” não como um conceito formal, mas como uma noção destinada a captar formas mais complexas de organização dos processos personológicos que estudava durante o chamado período da personalidade (Goulart; Mitjáns Martinez, 2023). Ainda que predominassem em sua obra, nesse momento, referências de caráter estruturalista, já se evidenciava um movimento teórico no sentido de compreender a personalidade de modo mais dinâmico, processual e complexo, em contraste com as abordagens hegemônicas da época. Nesse contexto, e influenciado por autores como Gordon Allport, é possível afirmar que a noção de configuração foi progressivamente incorporada ao vocabulário de González Rey como parte do processo de transição do período da personalidade para o período da

subjetividade. A partir do início dos anos 1990, o termo ganha consistência, primeiro no plano metodológico-epistemológico, e depois como conceito teórico estruturante da proposta de configuração subjetiva. Conclui-se, portanto, que as origens desse conceito estão intrinsecamente ligadas à transição mais ampla da obra de González Rey rumo à conceituação da subjetividade como um sistema complexo, dinâmico, dialético e processual.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Qual a relevância da noção de configuração para as pesquisas orientadas pela Teoria da Subjetividade, e como podemos continuar desenvolvendo esse conceito?

Palavras-chave: Teoria da Subjetividade; Configuração subjetiva; Sistema

Referências

COBUCCI, Bruno Reis Bernardo. **Subjetividade, comunidade e educação: caminhos alternativos na atenção à saúde mental de adolescentes**. Mestrado—Brasília, Brasil: Universidade de Brasília, 2024.

GONZÁLEZ REY, Fernando; GOULART, Daniel Magalhães; BEZERRA, Marília dos Santos. Ação profissional e subjetividade: para além do conceito de intervenção profissional na psicologia. **Educação**, v. 39, n. 4, p. 54–65, 31 dez. 2016.

GOULART, Daniel M. Saúde mental, práticas profissionais e pesquisas em diferentes contextos: reflexões a partir da Teoria da Subjetividade. In: MITJÁNS MARTINEZ, Albertina *et al.* (Orgs.). **Teoria da Subjetividade e Epistemologia Qualitativa: práticas profissionais e pesquisas**. Campinas: Alínea, 2024. p. 221–237.

GOULART, Daniel Magalhães; MITJÁNS MARTINEZ, Albertina. Do desenvolvimento da personalidade ao desenvolvimento subjetivo: histórico, momento atual e desafios. *In*: CAMPOLINA, Luciana; SANTOS, Geandra Claudia Silva (Orgs.). **Desenvolvimento e aprendizagem: contribuições atuais da teoria cultural-histórica da Subjetividade**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2023. p. 35–58.

Eixo temático: Teoria da Subjetividade: avanços, desafios conceituais e relações com outros campos e referenciais.

Subtema: Discussão acerca da especificidade ontológica da Teoria da Subjetividade.

A constituição da subjetividade diante de situações de violência sexual na infância e puberdade

Maristela Sobral Cortinhas,Tribunal de Justiça do Paraná (TJPR) e Grupo de pesquisa em Tecnologia, Atividade, Saúde e Subjetividade (TASS – UTFPR).

mscpsico@gmail.com,

Resumo: Neste artigo busca-se apresentar elementos que subsidie a discussão sobre a dimensão psicológica do estupro de vulnerável. Constata-se que no Brasil aproximadamente 75% dos casos de violência sexual ocorrem entre meninas, da infância à puberdade, cujo pico da ocorrência se dá por volta dos 13 anos de idade. Tal perfil imprime à violência sexual contra crianças e púberes características especiais, pois trata-se de uma violência que ocorre em meio às relações primordiais da criança ou do/a adolescente, que, por sua vez, encontra-se em processo de constituição da sua subjetividade. Para fundamentar tal discussão, ancora-se no estudo longitudinal realizado sobre o perfil do estupro no Brasil e a formação da subjetividade (Cortinhas; Dias, 2023) e na Psicologia de base Histórico-cultural Latino-americana (Vygotsky, 1984, 2000; González Rey, 2002, 2012). Parte-se do pressuposto de que a violência sexual é um fenômeno psicossocial que traz, e ao mesmo tempo constitui, os elementos da subjetividade individual e social. Os estudos apontam diferenças significativas dos sentidos e dos significados que a violência sexual pode assumir nas diferentes etapas de constituição da subjetividade de crianças e adolescentes e, tais diferenças, têm uma relação direta em como se estabelece a relação entre ela e o perpetrador da violência, considerando-se que de 70 a 80% dos casos, a violência acontece na residência da vítima e é perpetrada por um ente familiar ou pessoa da sua confiança. Cada situação de violência tem a sua singularidade e assim deve ser analisada para a proteção e a garantia de direitos da infância e da juventude. Espera-se que este artigo sirva de base para o aprofundamento da compreensão do fenômeno do estupro de vulnerável e para a realização de novas pesquisas sobre o tema.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Gostaria de debater sobre o processo de constituição da subjetividade em crianças em situação de violência sexual, considerando-se que referida violência ocorre dentro de casa, é, na sua maioria, perpetrada por pessoa das suas relações primordiais e que tem algum vínculo de parentalidade ou é da confiança destes.

Palavras-chave: violência sexual; constituição da subjetividade; infância.

Referências

CORTINHAS, Maristela Sobral; Dias, Maria Sara de Lima. O Perfil da Vítima de Estupro no Brasil e a Formação da Subjetividade**.** **Revista PsicoFAE**: Pluralidades em Saúde Mental, [S.l.], v. 12, n. 1, p. 81-100, jul. 2023a. ISSN 2447-1798. Disponível em: https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/416. Acesso em 05 jul. 2025.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa qualitativa em psicologia**: caminhos e desafios. São Paulo - SP: Pioneira Thomson Learning, 2002.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **O pensamento de Vigotsky**: contribuições, desdobramentos e desenvolvimento. São Paulo: HUCITEC, 2012.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2000.

Eixo temático: Teoria da Subjetividade: avanços, desafios conceituais e relações com outros campos e referenciais teóricos

Subtema: Diálogos da Teoria da Subjetividade com outros referenciais teóricos

Infância, arte e subjetividade: a performance narrativa como estratégia de investigação não verbal

Kátia Oliveira da Silva, Universidade de Brasília – UnB

katiaoliveiradasilva1983@gmail.com

Maristela Rossato, Universidade de Brasília – UnB

maristelarossato@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo compreender como a produção de sentidos subjetivos se manifesta nas expressões infantis, especialmente naquelas não verbalizadas, durante experiências estéticas mediadas pela literatura infantil. Fundamentada na Epistemologia Qualitativa e na Teoria da Subjetividade de Fernando González Rey, a investigação concebe o indivíduo como produtor de sentidos subjetivos e a subjetividade como "um sistema configuracional, que se organiza por configurações subjetivas diversas em diferentes momentos e contextos da experiência humana" (González Rey e Mitjáns Martínez, 2017, p. 62). A articulação entre experiência estética, imaginação e produção de sentidos subjetivos é explorada a partir da literatura infantil enquanto prática artística que mobiliza múltiplas formas de expressão - muitas das quais escapam à lógica discursiva e verbalizada. A proposta reside na ênfase do campo do não dito, do não verbalizado, partindo do reconhecimento de que grande parte da experiência infantil se manifesta por meio de gestos, silêncios, movimentos, expressões faciais e encenações espontâneas (Hartmann, 2005). A pesquisa adota a performance narrativa como instrumento central de investigação, um dispositivo criado com base em práticas de contação de histórias interativas, dramatizações livres e jogos simbólicos, permitindo que as crianças expressem suas apropriações subjetivas das narrativas literárias de maneira corporal e sensível, não mediada exclusivamente pela linguagem verbal. A metodologia construtivo-interpretativa, alinhada à Epistemologia Qualitativa, orienta a construção e a análise processual, priorizando a dialogicidade, a singularidade entre pesquisadora e participantes. As crianças, com idades entre 7 e 11 anos, serão convidadas a mergulhar nas histórias literárias em um ambiente estético-afetivo cuidadosamente construído, e a expressar suas ressignificações por meio da performance. A análise buscará evidenciar como esses modos de expressão, muitas vezes silenciosos ou metafóricos, constituem uma forma legítima de produção subjetiva, revelando aspectos do desenvolvimento que não são acessíveis por vias tradicionais de investigação. Ao deslocar o foco metodológico para o que é expresso para além das palavras, a pesquisa busca acessar a produção de sentidos subjetivos que se

constituem no plano do não verbal. O estudo pode contribuir para o campo da psicologia do desenvolvimento, reconhecendo que a criança produz sentidos subjetivos e elabora sua experiência também através de formas simbólicas não verbais. Desse modo, as expressões corporais tornam-se formas legítimas de linguagem simbólica, por meio das quais a imaginação se configura como recurso subjetivo e a narrativa, um campo de criação subjetiva na constituição da experiência infantil. Esta abordagem visa produzir conhecimento sensível às expressividades infantis, às margens do verbal, e reafirma a arte como lugar de subjetivação, invenção e desenvolvimento humano.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como a Teoria da Subjetividade pode ampliar a compreensão das expressões não verbais infantis como formas legítimas de produção de sentidos subjetivos, especialmente em contextos educativos mediados pela arte e pela literatura?

Palavras-chave: performance narrativa; infância; sentidos subjetivos;

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas, SP: Alínea, 2017.

HARTMANN, Luciana. Performance e experiência nas narrativas orais da fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 11, n. 24, p. 125–153, jul./dez. 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ha/a/SXsc4xpGDrGJsJQPxVbqtDm/?format=pdf. Acesso em: 8 jul. 2025.

ROSSATO, Maristela; MITJÁNS MARTINEZ, Albertina. Contribuições da metodologia construtivo-interpretativa na pesquisa sobre o desenvolvimento da subjetividade. **Revista Lusófona de Educação,** Lisboa, n. 40, p. 65-78, 2018. DOI: https://doi.org/10.24140/issn.1645-7250.rle40.04.

Eje temático: Teoría de la Subjetividad: avances, desafíos conceptuales y relaciones con otros campos y perspectivas teóricas.

Subtema: Avances y desafíos de las categorías teóricas de la Teoría de la Subjetividad

Configuración subjetiva del futuro en adolescentes: un modelo emergente desde la Teoría de la Subjetividad

Claudia Andrea Astudillo Cardona, Universidad Católica Luis Amigó

Claudia.astudilloca@amigo.edu.co

Resumen: La investigación que finalicé durante el estudio del doctorado surgió de la inquietud por comprender cómo los adolescentes configuran subjetivamente su futuro desde una perspectiva que permite reconocer su singularidad, su capacidad de agencia y producción simbólica, superando de esta manera propuestas psicologistas que fragmentan y determinan el desarrollo del adolescente para lo cual se planteó una lectura inspirada en la Teoría de la Subjetividad, su Epistemología y metodología Constructivo-Interpretativa de González Rey y Mitjáns Martínez (2021). Se construyó un modelo teórico emergente que dio cuenta de la configuración subjetiva de futuro de los adolescentes a partir de un proceso constructivo-interpretativo situado. El estudio se realizó con tres adolescentes a través de instrumentos como la entrevista semiestructurada, dinámicas conversacionales, cartografías corporales, completamiento de oraciones, semanarios y cartas simbólicas. La información permitió en el proceso generar indicadores que paulatinamente se organizaron en hipótesis en cada caso, lo cual permitió interpretar las relaciones dinámicas entre su historia de vida, su contexto social y su proyección hacia el futuro. El modelo teórico construido articula tres ejes centrales: primero, la capacidad reflexiva sobre la historia de vida de cada uno de los adolescentes, como un proceso de resignificación; segundo, el posicionamiento activo del adolescente frente al presente, en relación con los deseos y expectativas, y tercero, la proyección simbólica hacia el futuro como un horizonte de sentido tejido por aspiraciones, narrativas y decisiones vitales. Dicho modelo contribuye a superar la visión fragmentada de las dimensiones afectiva, cognitiva y social, de manera que propone una visión compleja e integrada del desarrollo subjetivo en la adolescencia. Este trabajo representa un avance conceptual en el campo de la Teoría de la Subjetividad, al introducir la noción de “configuración subjetiva de futuro” como categoría articuladora entre subjetividad, tiempo y acción. Además, sugiere un modelo teórico que tensiona las categorías tradicionales de desarrollo, abriendo nuevas posibilidades para pensar la adolescencia desde una perspectiva del desarrollo subjetivo.

Cuestión para el debate en el Grupo de Discusión Temática: Teniendo en cuenta las visiones deterministas de hacer investigación, ¿cómo puede un modelo emergente desde el campo sostener la potencia transformadora sin ser

asimilado por lógicas investigativas que priorizan categorías fijas y universalizantes? ¿Cómo evitar que un modelo emergente desde el campo pierda su fuerza transformadora al enfrentarse a marcos de investigación cerrados en categorías fijas?

Palabras clave: Configuración subjetiva de futuro, desarrollo subjetivo, adolescencia.

Referencias

GOULART, Daniel. La investigación como producción de sentido: epistemología cualitativa y configuración de la subjetividad. **Revista Electrónica de Psicología** Iztacala, Ciudad de México, v. 22, n. 2, p. 106–115, jul./dic. 2025.

GONZÁLEZ REY, Fernando; TORRES PATIÑO, José Fernando. La epistemología cualitativa y el estudio de la subjetividad en una perspectiva cultural-histórica: conversación con Fernando González Rey. **Revista de Estudios Sociales**, Bogotá, n. 60, p. 120–127, abr. 2017. DOI: https://doi.org/10.7440/res60.2017.10.

GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. El desarrollo de la subjetividad: una alternativa frente a las teorías del desarrollo psíquico. **Papeles de Trabajo sobre Cultura, Educación y Desarrollo Humano**, Madrid, v. 13, n. 2, p. 3–20, jul./dic. 2017. Disponible en: https://fernandogonzalezrey.com/wp-content/uploads/2025/01/El-desarrollo-de-la-subjetividad.pdf. Acceso en: 11 mar. 2023.

GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividad: teoría, epistemología y método**. Alínea, 2021.

Eixo temático: Teoria da Subjetividade: avanços, desafios conceituais e relações com outros campos e referenciais teóricos

Subtema: Diálogos da Teoria da Subjetividade com outros referenciais teóricos.

O sujeito em dor como campo de configurações: interlocuções entre Teoria da Subjetividade e Teoria da Complexidade na compreensão da fibromialgia

João Antônio Mallmann, Faculdade Anhanguera

joaoantoniom@gmail.com

Resumo: A fibromialgia, tradicionalmente descrita como síndrome dolorosa crônica de etiologia indefinida, desafia os limites da medicina convencional, ao resistir a explicações unicamente biomédicas e à objetivação dos sintomas. Diante desse impasse, o presente ensaio teórico propõe uma análise fundamentada no diálogo entre a Teoria da Subjetividade, de Fernando González Rey, e a Teoria da Complexidade, de Edgar Morin, tendo como foco o corpo em dor como campo privilegiado de produção de configurações subjetivas. Trata-se de refletir sobre a fibromialgia para além da causalidade linear e da concepção de corpo como máquina, afirmando-a como fenômeno complexo e subjetivamente configurado. A noção de configuração subjetiva, em González Rey, permite compreender que o sofrimento crônico não é apenas a consequência de traumas ou desequilíbrio químico, mas expressão de sentidos produzidos historicamente em processos de subjetivação, que articulam afetos, vínculos, linguagem e cultura. Pode-se compreender que o corpo emerge não como superfície biológica isolada, mas como um campo atravessado por símbolos e afetos, onde se inscreveriam histórias de vida, experiências de exclusão, lutos não simbolizados e expectativas sociais. A dor, portanto, parece adquirir estatuto de linguagem viva – e não de mero sintoma – na qual o sujeito comunica aquilo que, muitas vezes, não encontra espaço nos discursos normativos da saúde. De modo complementar, a Teoria da Complexidade contribui com a noção de configuração como unidade organizadora que integra múltiplas dimensões da realidade em sistemas abertos, recursivos e auto-eco-organizados. A experiência da fibromialgia, sob esse enfoque, pode ser compreendida como uma configuração viva, onde componentes biológicos, subjetivos, sociais e históricos emergem correlacionados e se reorganizam permanentemente. Morin nos convida a ultrapassar as dicotomias corpo/mente, objetivo/subjetivo, ciência/experiência, abrindo espaço para uma análise transdisciplinar da dor e da subjetividade. Ao aproximar as duas concepções – configuração subjetiva e configuração complexa, o trabalho propõe um deslocamento epistemológico: da dor como disfunção para a dor como expressão de um sistema vivo em constante reorganização simbólica. Essa perspectiva exige que práticas clínicas e investigativas abandonem o ideal de padronização e universalidade, para acolher o singular, o incerto e o emergente. A Epistemologia Qualitativa sustenta esse movimento, ao privilegiar a construção interpretativa e a escuta simbólica do sujeito, reconhecendo o

valor teórico dos processos clínicos e do campo da experiência vivida. Diante disso, o corpo em dor passa a ser concebido como um campo de conflitos e significações, espaço onde subjetividade e complexidade se enredam. A fibromialgia, nesse horizonte, não é apenas um enigma médico, mas uma oportunidade para reconfigurar as formas de conhecer, cuidar e interpretar a dor.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: De que modo a articulação entre Configuração Subjetiva e a noção de Configuração (segundo Morin) podem qualificar o papel do corpo e a dor crônica de modo a sustentar práticas clínicas mais sensíveis à experiência do sujeito na fibromialgia?

Palavras-chave: fibromialgia; subjetividade; corpo

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando. Psicologia e saúde: desafios atuais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 275-288, 1997.

MALLMANN, João Antônio. **Psicoterapia, hipnose e dor crônica: teoria e clínica sob uma perspectiva complexa**. Curitiba: Appris, 2020.

MORIN, Edgar. **O método 1: a natureza da natureza**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

Eje temático: Teoría de la Subjetividad: avances, desafíos conceptuales y relaciones con otros campos y perspectivas teóricas

Subtema: La relación de la Subjetividad con otros campos, como la Espiritualidad y las Neurociencias

Contribución de la Teoría de la Subjetividad al estudio de las experiencias espirituales

Hernán Felipe Monsalve Ospina, Universidad de Brasilia,

hfelipemo@gmail.com

Milton David Henao Jiménez, Fundación Casa Arcoíris,

miltonhenaojimenez@gmail.com

Resumen: Este artículo pretende mostrar la contribución de la Teoría de la Subjetividad al estudio de los significados de las experiencias espirituales y sus posibilidades de reconfiguración en la salud humana. Actualmente la investigación sigue en curso, sin embargo, hasta ahora, por medio de ***una revisión de la literatura***, fueron analizados los conceptos centrales de la Teoría de la Subjetividad: Sentidos Subjetivos, Configuraciones Subjetivas, Subjetividad Individual y Subjetividade Social y los principios de la Epistemología Cualitativa. Los resultados permitieron concluir que la *Teoría de la Subjetividad* y la Epistemología cualitativa proporcionan elementos conceptuales que complementan la base teórica para estudiar las experiencias de espiritualidad en términos de experiencias subjetivas y las reconfiguraciones en salud que pueden generar esas experiencias. Ahora bien, respecto a las experiencias sagradas o espirituales[2] y las reconfiguraciones que estas experiencias podrían generar en la salud, es preciso aclarar que son tan variadas como innumerables, y el contenido subjetivo de ese tipo de experiencias puede generar diferentes significados dependiendo de la experiencia singular y de las configuraciones subjetivas de quien vive la experiencia, sin embargo, según Neubern (2010), la experiencia espiritual "puede generar significados y sentidos, pero sigue siendo inagotable por ellos, de modo que, si fuese absorbida o definida por palabras, simplemente dejaría de existir" (p. 264). Es por eso que para estudiar e interpretar el componente subjetivo de esas experiencias es necesario tener una base teórica sólida que permita la inteligibilidad de su invaluable contenido subjetivo, sin caer en reduccionismos o relativismos, pues no existen configuraciones universales de sentidos, una vez que ellos son formados y desarrollados en la producción de diferenciación subjetiva, (González Rey, 1996-2019), lo que posibilita un abordaje abierto e integrativo de la subjetividad presente en las experiencias

[2] Los términos Sagrado o Divino se refieren a lo que se refieren las tradiciones espirituales que designan como tal, o que se refieren a procesos colectivos que permean íntimamente la espiritualidad de las personas. (Neubern, 2012)

espirituales sin caer en visiones unidireccionales o dogmatismos de conocimiento.

Cuestión para el debate en el Grupo de Discusión Temática: ¿Si las experiencias espirituales son experiencias subjetivas, esas experiencias pueden ser estudiadas, descritas e interpretadas por medio de la Teoría de la Subjetividad?

Palabras clave: Espiritualidad, Subjetividad, Sentidos Subjetivos.

Referencias

GONZÁLEZ REY, F. Epistemología y ontología: un debate necesario para la psicología hoy. **Revista Diversitas-Perspectivas en Psicología**, V.5, Nº2. 2009.

NEUBERN, M. Psicoterapia e Religião: Construção de Sentido e Experiência do Sagrado. **Interação em Psicologia** (Qualis/CAPES: A2) 14(2). 2009.

NEUBERN, M. ¿O que significa acolher a espiritualidade do outro? Considerações de uma clínica ethopsy. Em M. H. Freitas; G. Paiva & C. Moraes (org). **Psicologia da religião no mundo ocidental contemporâneo**. Universa. 2009.

Eixo temático: Teoria da Subjetividade: avanços, desafios conceituais e relações com outros campos e referenciais teóricos

Subtema: A relação da Subjetividade com outros campos, como Espiritualidade e Neurociências.

O Valor Heurístico da Teoria da Subjetividade para o Estudo da Espiritualidade

Telma O. Cerutti Schmidt, UnB

telmaocs@gmail.com

Maristela Rossato, UnB

maristelarossato@gmail.com

José Fernando Patiño Torres, UnB

jfpatinotorres@gmail.com

Resumo: A Psicologia tem, historicamente, reconhecido a presença da espiritualidade nas experiências humanas e seus efeitos no bem-estar/mal-estar e na saúde mental. No entanto, o campo ainda carece de um aprofundamento teórico sobre a espiritualidade como constitutiva da subjetividade humana. A espiritualidade tem sido reconhecida na literatura por meio de diferentes perspectivas, como na relação com a religiosidade (sagrado/divino), no processo de transcendência da matéria, no autoconhecimento, na busca de sentido de vida. O reconhecimento da produção subjetiva gerada na experiência com práticas, eventos, fenômenos representativos da espiritualidade, como constitutiva do ser humano, encontra respaldo no modelo teórico da subjetividade desenvolvido por Fernando González Rey (1949-2019). O valor heurístico da Teoria da Subjetividade está na possibilidade de investigar e compreender a espiritualidade como experiência subjetiva, reconhecendo que o indivíduo não é capturado pela experiência com a espiritualidade, mas, pela sua capacidade geradora, é produtor de sentidos subjetivos nessa experiência que, configurados subjetivamente, integram seu sistema subjetivo, sempre em inter-relação com o social. Por meio dos aportes da Teoria da Subjetividade de González Rey (2003, 2005, 2011), reconhecemos a possibilidade de ampliar a compreensão da espiritualidade como experiência subjetiva. De acordo com seus pressupostos, a subjetividade não se constitui meramente como reflexo do social ou do biológico, mas trata-se de um sistema dinâmico e auto-organizado de produções subjetivas que se constituem na relação entre o indivíduo e o social, o que possibilita a geração de novas vias de inteligibilidade sobre a espiritualidade, transcendendo abordagens reducionistas e comportamentalistas, oferecendo um arcabouço teórico-epistemológico-metodológico para a compreensão da subjetividade humana, reconhecendo a produção de conhecimento e construção de modelos teóricos como singulares. Aliada à Epistemologia Qualitativa e à Metodologia Construtiva-Interpretativa, a teoria tem um valor heurístico ímpar para o estudo da espiritualidade ao abrir caminho para uma compreensão mais profunda e

complexa das experiências com a espiritualidade, reconhecendo a emergência de produções subjetivas que possibilitam investigar a espiritualidade como configuração subjetiva, como um processo vivo e dinâmico e em constante mudança. Para González Rey & Mitjans Martínez (2017) a subjetividade é um sistema dinâmico complexo, que se organiza por meio das configurações subjetivas constituídas na produção emocional sobre o simbólico nas experiências vivenciadas pelo indivíduo, sendo um fenômeno qualitativo que se constitui e se expressa no social e no individual. Ao reconhecer a espiritualidade como configuração subjetiva, buscamos superar o dualismo, rompendo com a dicotomia indivíduo-sociedade, interno-externo, gerando vias de compreensão das experiências espirituais como geradores de produções subjetivas particulares e constitutivas da subjetividade.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: O que as experiências com a espiritualidade pode gerar na subjetividade das pessoas que as vivenciam?

Palavras-chave: Espiritualidade - Subjetividade - Experiência

Referências:

GONZÁLEZ REY, F. **Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning. 2003

GONZÁLEZ REY, F. P**esquisa Qualitativa em Psicologia: Caminhos e Desafios.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning. 2005

GONZÁLEZ REY. F. L. **Subjetividade e saúde: superando a clínica da patologia**. São Paulo: Cortez Editora. 2011

GONZÁLEZ REY F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. . **Subjetividade: Teoria, epistemologia e método**. Ed. Alínea. 2017

Eixo temático: Teoria da Subjetividade: avanços, desafios conceituais e relações com outros campos e referenciais teóricos

Subtema: Avanços e desafios das categorias teóricas da Teoria da Subjetividade

Qual é o conceito de emoção no contexto da Teoria da Subjetividade diante da categoria sentidos subjetivos?

Vanessa de Assis Araujo, IFB/CEFET-MG/FAE-UnB,

vanessaassis0308@gmail.com

Resumo: Tendo em vista que o tema das emoções sofre do mesmo mal que muitos dos conceitos utilizados pela ciência nos enquadramentos positivistas, com definições operacionalizadas de diferentes maneiras, mas sem uma apresentação teórica clara (González Rey, 1999), este trabalho visa discutir o desafio de conceituar emoção em consonância com a categoria sentidos subjetivos. A referida categoria integra as categorias principais da Teoria da Subjetividade, desenvolvida pelo psicólogo cubano Gonzalez Rey, constituída por unidades simbólico-emocionais e produzidas pelo indivíduo e, desse modo, compõe a subjetividade individual da pessoa que, por seu turno, não é separada da subjetividade social. A visão teórica norteadora da Teoria da Subjetividade apresenta desenvolvimentos da perspectiva cultural-histórica, bem como avança em relação aos clássicos dessa ótica "no esforço de compreender a forma complexa na qual o psicológico aparece nos indivíduos e nos espaços sociais, cultural e socialmente constituídos" (Mitjáns Martínez e González Rey: 2017, p. 51). Ou seja, elaborações conceituais, posições teóricas e epistemológicas da Teoria da Subjetividade indicam a complexidade da constituição psicológica humana nas condições da cultura e da vida social. Nesse cenário, contextualizo que sou pesquisadora de outra área acadêmica (Linguística Aplicada), interessada em compreender produções subjetivas de professoras de língua inglesa na educação básica pública brasileira, além de ser principiante em estudos alinhados ao arcabouço teórico gonzaleano. Talvez, por isso, considero relevante o desenvolvimento de reflexões sobre conceitos que sejam congruentes com a Teoria da Subjetividade no que tange à emoção. Em função das variadas perspectivas teórico-conceituais existentes acerca da emoção na área da Psicologia ao longo dos tempos, entendo que a oferta de conceituações sobre emoção promoveria melhor compreensão das unidades simbólico-emocionais e, por conseguinte, da categoria sentidos subjetivos. Daí a relevância de discussões sobre as conceituações existentes a respeito da emoção humana em relação direta ou indireta com a categoria sentidos subjetivos. Diante do exposto, penso que um ponto de partida para solucionar a problematização apresentada é de que a emoção não seja tratada de modo fragmentado, nem "fora das dimensões do sentido da constituição subjetiva individual que participam da definição do sentido das diferentes emoções

produzidas pelo homem"[3] (González Rey, 2000, p. 146). A emoção, sobretudo, não pode ser conceituada ou compreendida como uma entidade separada do social, mas na processualidade do indivíduo cuja natureza é social-histórica. González Rey, atento à característica mutável dos processos conceituais, escolheu a palavra apresentação ao invés de definição porque esta última está relacionada ao sentido da versão final de algo, enquanto que na "realidade, entendemos os conceitos muito mais na sua dinâmica processual do que designando construções finais" (1999: p. 128). Nesse contexto, dois questionamentos surgem: Como se desdobraria uma discussão conceitual acerca da emoção em consonância com o arcabouço teórico gonzaleano? Qual concepção teórica emolduraria propostas de conceituação da emoção na relação com a categoria sentidos subjetivos?

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Quais conceituações e definições de emoção são congruentes com o arcabouço teórico proposto por González Rey? Em que medida múltiplas conceituações teóricas acerca da emoção dentro da Psicologia podem desafiar a compreensão de unidades simbólico-emocionais? Qual seria o pano de fundo ou a perspectiva que respaldaria uma conceituação da emoção adequada à proposta gonzaleana? Como isso se relaciona à compreensão da categoria sentidos subjetivos oriunda da Teoria da Subjetividade?

Palavras-chave: conceituação; emoção; sentidos subjetivos.

Referências

GONZÁLEZ REY, F. L. El lugar de las emociones en la constitución social de lo psíquico: el aporte de Vigotski. **Educação & Sociedade,** 21(71), 2000, 132–148. https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000200006 Acesso: 20/04/2025.

GONZÁLEZ REY, F. L. La afectividad desde una perspectiva de la subjetividad. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** [Internet]. 1999, May; 15(2):127–34. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0102-37721999000200005 Acesso em: 10/04/2025.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F. L. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica**. São Paulo: Cortez, 2017.

[3] Minha tradução do texto original: fuera de las dimensiones de sentido de la constitución subjetiva individual que participan en la definición del sentido de las diferentes emociones producidas por el hombre.

EIXO TEMÁTICO 2.

EPISTEMOLOGIA QUALITATIVA E METODOLOGIA CONSTRUTIVO INTERPRETATIVA: AVANÇOS, DESAFIOS E RELAÇÕES COM OUTROS REFERENCIAIS EPISTEMOLÓGICOS E METODOLÓGICOS

Eixo temático: Epistemologia Qualitativa e Metodologia Construtivo Interpretativa: avanços, desafios e relações com outros referenciais epistemológicos e metodológicos

Subtema: A Epistemologia Qualitativa nas suas relações com outros referenciais teóricos epistemológicos.

A Subjetividade na Ação Docente: reflexões a partir da perspetiva de um educador por meio da Epistemologia Qualitativa

Isabella Guedes Martinez, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD),
isabellamartinez@ufgd.edu.br
Elias Batista dos Santos, Centro Universitário Projeção (UniProjeção),
edrsantos@gmail.com

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo descrever a ação docente de um professor na Divulgação Científica da Astronomia, frente a Teoria da Subjetividade. A pesquisa caminhou com base na Epistemologia Qualitativa utilizando como metodologia os Indutores, caracterizados entre escritos e não escritos, que em concordância com Rossato (2009), a "interlocução entre os instrumentos gera uma singularidade de informações que foge às regras padronizadas de produção de conhecimento" (Rossato, 2009, p. 80). Nesse sentido, podemos compreender que, ao fazermos uso destes instrumentos, estamos favorecendo o surgimento de situações em que o participante, dentro da sua singularidade, produza informações para além dos padrões de uma pergunta objetiva, ou seja, estamos criando de uma ambiência favorável à expressão dos participantes. A investigação buscou compreender os sentidos subjetivos expressos na prática pedagógica do professor participante, nomeado fictíciamente como Marcelo, que atua no Ensino Superior e na coordenação de um Projeto de Extensão em Astronomia. Neste ínterim, o processo da produção das informações ocorreu em dois dias, remotamente, em que foi possível desenvolver sete indutores inspirados na pesquisa realizada para a tese de doutorado de uma das autoras, Martinez (2019), sendo eles: desenho (DE), poema (PO), história de vida (HV), refazendo a educação (RE), carta (CA), complemento de frases (CF) e conversas informais (CI). A metodologia Construtiva Interpretativa, permitiu além da produção de informações, a interpretação constante das informações, pois à medida em que emergiam novos sentidos subjetivos, criava-se espaço para novos significados. Na sequência, realizou-se a interpretação das informações, o que permitiu a elaboração de três categorias principais, que dialogando com González Rey (2019), as categorias dessa proposta sempre se configuram de forma singular e diferenciada, pois elas emergem na compreensão do problema estudado no curso da pesquisa (Mitjáns Martínez e González Rey,

2019). Sendo assim, as categorias são: 1) O respeito ao outro em sala de aula; 2) Criação coletiva da sala de aula inclusiva e 3) Dificuldade em entender o outro no seu processo de ensino-aprendizagem. Esses tópicos demonstraram como a subjetividade docente se expressa nas suas interações em sala de aula, e como o docente tece estratégias para construção do conhecimento. O professor Marcelo enfatiza a importância de um ambiente em que todos sejam vistos como aprendizes, acolhendo as diferenças e enxergando-as como caminhos para uma educação significativa. A escolha da Teoria da subjetividade como norteadora foi fundamental para compreender como as crenças, vivências e valores moldam o caráter docente. Assim, este trabalho pode contribuir para o campo educacional, pois ao fazer uso da Teoria da subjetividade como lente analítica, ele propõe um olhar capaz de revelar a complexidade da ação docente. Desta forma, destaca-se a importância de compreender a educação a partir da singularidade de cada pessoa envolvida no processo de ensino-aprendizagem, promovendo reflexões no que diz respeito a práticas inovadoras no ambiente escolar.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como a valorização da Subjetividade docente pode transformar a sala de aula em um ambiente mais inclusivo e dialógico?

Palavras-chave: teoria da subjetividade; indutores; prática pedagógica.

Referências

MARTINEZ, I. G. **Educação em ciências, dimensão subjetiva e suas implicações para a ação docente: uma análise de processos avaliativos a partir da relação estudantes surdos-pessoa intérprete educacional**. 2019. Tese (Doutorado em Educação em Ciências) – Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 26 de abril de 2019.

MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns; REY, Fernando Gonzalez; PUENTES, Roberto Valdéz (org.). **Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade: discussões sobre educação** e saúde. Uberlândia: EDUFU, 2019. v. 7. DOI: https://dx.doi.org/10.14393/EDUFU-978-85-7078-502-2.

ROSSATO, M.; **O movimento da subjetividade no processo de superação das dificuldades de aprendizagem escolar**. 2009. 257 f. Dissertação (Mestrado em Educação) -Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

Eje temático: Epistemología Cualitativa y Metodología Constructivo Interpretativa: avances, desafíos y relaciones con otros marcos epistemológicos y metodológicos

Subtema: La Epistemología Cualitativa en sus relaciones con otros referentes teóricos y epistemológicos

Experiencias de duelo y estrategias de afrontamiento en familias tras el suicidio de hijos adolescentes: un análisis fenomenológico a la luz de la Epistemología Cualitativa

Ivon Sofia Villegas Gutiérrez, Universidad Nacional de San Agustín

svillegasg@unsa.edu.pe

Resumen: La presente investigación se origina por el alarmante incremento del suicidio de adolescente en el Perú, particularmente en la región de Arequipa, donde se ha reportado la mayor tasa del país. La adolescencia representa una etapa crítica del desarrollo humano, caracterizada por una profunda vulnerabilidad emocional. (CEPAL, 2021; Ministerio de Salud, 2023). El suicidio de un hijo adolescente constituye una experiencia profundamente traumática para las familias. Las reacciones emocionales intensas y la estigmatización social diferencian al duelo por suicidio de otras formas de pérdida. La literatura académica aún muestra vacíos significativos en la comprensión de esta vivencia desde una mirada familiar, experiencial y situada predominantemente en enfoques clínico-individuales, con escasa atención a las dinámicas relacionales, culturales y simbólicas que rodean el duelo. Esta investigación tiene como objetivo explorar y comprender las experiencias de duelo y las estrategias de afrontamiento utilizadas por familias que han perdido a un hijo adolescente por suicidio, en la ciudad de Arequipa, Perú. La investigación se fundamenta en la Epistemología Cualitativa (Gonzalez Rey, 2015) y adopta un enfoque fenomenológico para captar la singularidad de las vivencias, entendiéndolas como construcciones subjetivas prefundamental enraizadas en el contexto social, cultural y afectivo de los participantes. El diseño metodológico es de tipo mixto anidado con predominancia cualitativa. Se utilizó la entrevista en profundidad como técnica principal de recogida de información, y se aplicó de manera complementaria la Escala de Respuesta al Duelo (GRS). Los objetivos específicos incluyen describir los significados atribuidos al suicidio, identificar emociones y transformaciones personales emergentes en el proceso de duelo, y analizar las estrategias de afrontamiento en sus dimensiones emocional, cognitiva, conductual, relacional y espiritual. Se plantea una lectura comprensiva de la experiencia desde la voz de los familiares dolientes, reconociendo el carácter relacional, ético y subjetivo de dicha vivencia. Entre los desafíos se destacan la barrera del estigma social, las dificultades de acceso a los participantes y la necesidad de enfoques sensibles que integren componentes culturales y espirituales del duelo. En consonancia con los principios de la Epistemología Cualitativa, se propone como camino para el avance teórico y metodológico el desarrollo de investigaciones que

reconozcan la vivencia del duelo como un proceso subjetivo complejo y colectivo, que requiere metodologías éticas, dialógicas y situates.

Cuestión para el debate en el Grupo de Discusión Temática: ¿En qué medida la Epistemología Cualitativa permite una comprensión más integradora del duelo y las estrategias de afrontamiento frente al suicidio adolescente, en contraste con otros enfoques como la fenomenología o el construccionismo social? ¿Qué implicancias tiene esto para el estudio de la subjetividad en contextos de sufrimiento extremo?

Palabras clave: duelo por suicidio; estrategias de afrontamiento; epistemología cualitativa.

Referencias

CADENA, C. H. **Estrategias de afrontamiento: teoría, investigación y práctica**. Medellín: Universidad de Antioquia, 2012.

CEPAL – Comisión Económica para América Latina y el Caribe. **Juventud y desigualdades en América Latina y el Caribe**. Santiago: CEPAL, 2021.

GONZÁLEZ REY, F. **Investigación cualitativa en psicología: rumbos teóricos y metodológicos.** México: Cengage Learning, 2015.

MINISTERIO DE SALUD DEL PERÚ. **Boletín epidemiológico del suicidio adolescente**. Lima: MINSA, 2023.

BAÑOS-CHAPARRO, J. Duelo por suicidio: ¿Qué sucede después en la familia? **Revista de Investigación en Psicología, Lima,** v. 25, n. 1, p. 159–170, 2022. Disponible en: https://doi.org/10.15381/rinvp.v25i1.22287. Acceso en: 14 jul. 2025.

Eixo temático: Epistemologia Qualitativa e Metodologia Construtivo Interpretativa: avanços, desafios e relações com outros referenciais epistemológicos e metodológicos

Subtema: Avanços e desafios da metodologia construtivo-interpretativa

Epistemologia Qualitativa e formação docente: estudo e contribuições da configuração da subjetividade individual do pesquisador no processo de pesquisa

Selma de Sousa Silva, SEEDF,

selmaaguia@gmail.com

Resumo: Segundo Rossato e Martinez (2018, p.187), "produzir conhecimento no contexto da complexidade da sociedade contemporânea implica em resgatar o pesquisador – cientista – do lugar de tabulador e processador de dados para o lugar de produtor de conhecimento como resultado da articulação construção-interpretação no contexto teórico que sustenta o fenômeno estudado". A partir dessa proposição e como participante de um grupo de estudo (Projetos Exitosos), foi possível acompanhar a vivência e os relatos dos companheiros de estudo, seus questionamentos sobre como a Teoria da Subjetividade e, em especial a Epistemologia Qualitativa, integrava o processo de reconfiguração de sentidos do pesquisador no contexto de sua prática pedagógica. Nessa perspectiva, o presente trabalho teve como objetivo analisar as configurações subjetivas emergentes no percurso de um professor pesquisador em seu processo investigativo sobre a sua própria prática docente. Para González Rey (2017, s/p), "o pesquisador deve ser capaz de encontrar na pesquisa a oportunidade criativa para produzir construções que exijam dele o uso criativo do referencial teórico assumido". Nesse sentido, Torres (2020, p. 183) destaca: "1) produzir conhecimento científico é uma atividade apaixonada; 2) o intelecto é uma produção humana que se desdobra da emoção; 3) a imaginação e o prazer atravessam a construção da informação". Assim, ao longo do processo interpretativo foi possível identificar como no trabalho pedagógico desenvolvido pelo docente emergiram princípios dessa teoria, especialmente em situações que demandavam a superação de desafios e/ou incompreensões em relação ao trabalho pedagógico que estava sendo desenvolvido no contexto escolar. Notadamente, em relação às possibilidades que a metodologia construtivo-interpretativa ofereceu à prática pedagógica, no entendimento do quanto a criatividade e a produção de instrumentos enriquecem e favorecem novas perspectivas no olhar sobre a aprendizagem. Para fomentar os diálogos entre os participantes da pesquisa foram utilizados diferentes instrumentos, tais como: conversa informal; criação de linha do tempo das ações pedagógicas assumidas ao longo da pesquisa; produção escrita de uma reinterpretação de um trecho do livro Alice no País das Maravilhas, incentivada pela utilização de bonecos inspirados nos personagens da história; e "dialogando com a teoria", em que foram

disponibilizados pequenos textos com conceitos fundamentais da teoria para que os participantes dialogassem sobre as possíveis relações entre tais conceitos e suas práticas pedagógicas. A análise construtivo-interpretativa indicou que o processo de produção de conhecimento na perspectiva da Teoria da Subjetividade constitui a emergência de novas zonas de sentido e práticas pedagógicas que configuram possibilidades de desenvolvimento pessoal e profissional dos participantes da pesquisa; também indicou que os participantes passaram a assumir princípios da Teoria da Subjetividade como constituintes de seus contextos de produção e atuação como professores pesquisadores.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: A produção criativa de instrumentos metodológicos na perspectiva da Epistemologia Qualitativa de González Rey pode favorecer a criação de um ambiente fértil de possibilidades de desenvolvimento pessoal e profissional dos participantes?

Palavras-chave: Epistemologia Qualitativa; emergência do sujeito; pesquisador

Referências

GONZÁLEZ REY, F. L; MITJÁNS MARTINEZ, A. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método.** Campinas, SP: Alínea, 2017.

TORRES, José Fernando Patiño. A unidade entre pesquisa e prática: reflexões a partir do método construtivo-interpretativo de González Rey. In: MITJÁNS MARTINEZ, Albertina, TACCA, Maria Carmen V. R, PUENTES, Roberto Valdés (Orgs). **Teoria da Subjetividade: discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional.** 1 ed. Campinas, SP, Alínea, 2020. p.179 – 198.

ROSSATO, M; MITJÁNS MARTINEZ, A. Contribuições da Metodologia Construtivo-interpretativa na pesquisa sobre o desenvolvimento da Subjetividade. **Revista Lusófona de Educação**, v. 40, n. 40, p. 185 a 198, 2018.

Eixo temático: Teoria da Subjetividade: avanços, desafios conceituais e relações com outros campos e referenciais teóricos

Subtema: Diálogos da Teoria da Subjetividade com outros referenciais teóricos

Conexões entre as metodologias construtivo-interpretativa e a autobiográfica no contexto da análise da formação de professores-pesquisadores

Vitória Cristina Ferreira Santos, PECMA-UNIFESP

vitoria.cristina21@unifesp.br

Everton Viesba, PPGE-UNICID,

eviesba@gmail.com

Marilena Rosalen, PECMA-UNIFESP,

marilena.rosalen@unifesp.br

Resumo: Este estudo tem como objetivo explorar os pontos de convergência entre a metodologia construtivo-interpretativa, fundamentada na Epistemologia Qualitativa de González Rey (2002), e a abordagem autobiográfica como estratégia de investigação formativa, neste caso, especificamente no contexto da formação de professores-pesquisadores na área de Ensino de Ciências e Matemática. A pesquisa se ancora na Teoria da Subjetividade em uma perspectiva cultural-histórica, compreendendo o sujeito como unidade dinâmica e indivisível entre o social e o individual, processado por meio da produção subjetiva em contextos históricos e sociais. Ao mesmo tempo, busca-se estabelecer um diálogo profícuo entre essa matriz teórica e a vertente autobiográfica de investigação (Passeggi; Souza; Vicentini, 2011), valorizando as narrativas de si como espaço de produção de sentidos e elaboração da experiência. Os instrumentos de pesquisa mobilizados trata-se de dois roteiros orientadores de escrita narrativa (um com ênfase linear e outro temático) os quais foram construídos com base na lógica construtivo-interpretativa, visando à emergência da subjetividade a partir do discurso do participante. Ambos os roteiros incentivam uma escrita em primeira pessoa, fluida e reflexiva, marcada por memórias, afetos e processos de ressignificação, o que converge com os pressupostos da subjetividade como sistema simbólico-emocional. A orientação para a elaboração textual recusa formatos fragmentados e prioriza a configuração narrativa como campo de produção subjetiva, respeitando as singularidades dos sujeitos e a complexidade das suas trajetórias formativas. O eixo linear propõe uma organização cronológica da trajetória docente, enquanto o eixo temático aprofunda temas críticos como prática pedagógica, desafios formativos, experiências instituintes e a construção da identidade profissional. Essa estrutura dupla permite articular a singularidade da experiência com temas coletivos e contextuais, oferecendo densidade à análise interpretativa. A escrita autobiográfica, neste contexto, é compreendida como método que permite a experiência formativa em si mesma, que possibilita o deslocamento do sujeito em relação à sua própria história e a emergência de novos sentidos sobre o ser e o tornar-se professor-pesquisador. Este ensaio

teórico-metodológico, derivado de pesquisa de mestrado, propõe que a articulação entre a teoria da subjetividade e a abordagem autobiográfica amplia as possibilidades de compreender os modos como professores (re)constroem suas identidades, afetividades e sentidos diante da prática docente e da pesquisa.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: De que maneira a escrita narrativa orientada por referenciais da subjetividade pode potencializar processos formativos e investigativos no campo da educação, especialmente na constituição de professores-pesquisadores críticos e sensíveis às complexidades do humano?

Palavras-chave: teoria da subjetividade; escrita autobiográfica; formação de professores-pesquisadores.

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Epistemologia qualitativa e subjetividade.** São Paulo: Thomson, 2002.

PASSEGGI, M. DA C.; SOUZA, E. C. DE .; VICENTINI, P. P.. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, v. 27, n. 1, p. 369–386, abr. 2011

Eje temático: Subjetividad, Epistemología Cualitativa y Metodología Constructivo Interpretativa

Subtema: Epistemología Cualitativa y Metodología Constructivo Interpretativa

La obra González Rey – Mitjans Martínez:

herramienta teórico-metodológica de vanguardia en la era de la Inteligencia Artificial

Dra. Vilma Garrido Riquenes. Organización sin Ánimo de Lucro:

WITH YOU WITHIN THE PATH OF SELF-DISCOVERY CORP,

Email: vgriquenes@gmail.com

Resumen: El trabajo da inicio con una cita del CEO de NVIDIA (3): "Lo que verdaderamente pondrá en peligro a la humanidad no será la Inteligencia Artificial, sino que la humanidad se quede sin nuevas ideas." El autor emprende un proceso reflexivo que comienza situándonos en el actual contexto histórico, socioeconómico, científico y cultural, y cómo este condiciona drásticamente el devenir de las ciencias sociales y, en particular, de la Psicología. Se explica cómo el influjo mediático y los imperativos económicos abocan al ser humano a la inmediatez y a una ausencia de pensamiento crítico que asfixia la condición humana. En este complejo y dinámico escenario, irrumpen importantes avances tecnológicos, como los modelos de inteligencia artificial y significativos hallazgos en las neurociencias. Nacen, pues, nuevos retos en la investigación en el campo de la Psicología: los análisis descriptivos palidecen como nunca antes frente a la imperante necesidad de abordar una comprensión más profunda de la subjetividad, viendo la IA como herramienta, no como adversario (3, 5). La Epistemología Cualitativa, la Metodología Constructivo-Interpretativa, así como los avances concernientes a la creatividad y las competencias humanas, tan ampliamente abordadas en la obra de González Rey y Mitjans Martínez (2, 4), han dejado de ser una opción para convertirse en las herramientas de vanguardia y por excelencia para el quehacer científico que atañe a lo humano en nuestros tiempos. Se fundamenta la profunda relevancia de la obra de González Rey y Mitjans Martínez, reconocida como el fruto de varias décadas de trabajo conjunto de estos investigadores y en estrecha colaboración con otros autores como Goulart, D. M., y Oliveira-dos-Santos, M., entre otros (1, 4). El autor considera esta obra como el legado que hoy nos permite no solo usar los modelos de inteligencia artificial para avanzar, con paso avisado, hacia el conocimiento de los sistemas de configuraciones subjetivas, sino además proveer tales hallazgos a los procesos de generación de nuevos modelos inteligentes que beneficien el quehacer humano. El autor abre el debate, emprendiendo una misión inspiradora hacia la expansión de la formación y la ejecución de proyectos de investigación, basándose en la obra y el legado de estos autores, para dar respuesta a las necesidades de la práctica social y asistirse de las técnicas avanzadas de la inteligencia artificial. Finalmente, el autor hace una breve referencia a un proyecto de investigación de la organización sin ánimo de

lucro WITH YOU WITHIN THE PATH OF SELF-DISCOVERY CORP, en el que se vincula la inteligencia artificial con el abordaje de los sistemas de configuraciones subjetivas y la creatividad en el proceso salud-enfermedad.

Cuestión para el debate en el Grupo de Discusión Temática: ¿Estamos preparados para hacerle frente a los retos de nuestros tiempos?

Palabras-clave: epistemología cualitativa e Inteligencia artificial; metodología constructivo-interpretativa; configuraciones subjetivas

Referencias

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GOULART, Daniel Magalhães. The Topic of Subjectivity Within Cultural Historical Approach: Where It Has Advanced from and Where It Is Advancing to. In: GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina (Org.). **Subjectivity within Cultural–Historical Approach: theory, methodology, and research**. Singapur: Springer, 2019. p. 3-19.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividad: teoría, epistemología y método**. Campinas: Alinea, 2021.

HUANG, Jensen. Keynote. In: **NVIDIA GTC 2024**, 2024, San José, California. Presentación de Conferencia. Disponible em: https://www.nvidia.com/gtc/keynote/. Acceso em: 1 ago. 2025.

OLIVEIRA-DOS-SANTOS, Mariana; MITJÁNS-MARTINEZ, Albertina. Discussions about the notion of competence: contributions from the Theory of Subjectivity. **Studies in Psychology,** v. 41, n. 1, p. 138-160, 16 abr. 2020. DOI: 10.1080/02109395.2019.1710801.

TEGMARK, Max. **La gran pregunta: ¿la inteligencia artificial es el futuro de la humanidad?** Traducción de Juanjo Estrella. Barcelona: Debate, 2018.

Eixo temático: Epistemologia Qualitativa e Metodologia Construtivo-Interpretativa: avanços, desafios e relações com outros referenciais epistemológicos e metodológicos

Subtema: Aproximações e diferenças da metodologia construtivo-interpretativa

Pesquisas com crianças pequenas inspiradas na Epistemologia Qualitativa de González Rey

Silvana de Medeiros da Silva,
silmedeiros96@gmail.com
Daniel Medeiros dos Santos,
daniricelli@hotmail.com
Mariangela Momo,
marimomo@terra.com.br

Resumo: A pesquisa qualitativa com crianças surgiu na década de 1980, no campo dos Estudos da Infância, a partir do entendimento de que as crianças são sujeitos ativos e suas vozes são legítimas para dizer sobre seus mundos (Corsaro, 2009). Por conseguinte, elas passaram a ser compreendidas não apenas como objetos de investigação, mas como sujeitos partícipes da pesquisa (Marchi, 2018). A pesquisa *com* crianças tem como um de seus principais métodos a Etnografia, tendo a escuta como central, visando uma aproximação com os pontos de vista infantis. No entanto, os desafios de ter crianças pequenas como participantes de pesquisa apontam à necessidade de abertura a outros referenciais epistemológicos, teórico-metodológicos para construção de instrumentos que se adéquem as suas especificidades. Nesse contexto, objetivamos propor um procedimento metodológico para pesquisa com crianças pequenas no âmbito da educação, mediante a interlocução entre a Epistemologia Qualitativa (González Rey, 2011) e o campo da pesquisa *com* crianças. A partir do princípio da dialogicidade e dos aspectos da espontaneidade, da participação ativa do pesquisador e da construção dos cenários sociais de pesquisa, desenvolvemos um procedimento que denominamos *narrativas dialógicas espontâneas*. O termo narrativa é empregado porque entendemos que as informações produzidas com as crianças se configuram como histórias. Histórias elaboradas a partir das suas experiências e/ou imaginação, histórias que atravessam o faz de conta e outras linguagens. A expressão dialógica advém da noção de que as narrativas requerem uma forma de comunicação onde as pessoas estão implicadas emocionalmente. O termo espontâneo faz referência ao espaço de livre expressão (González Rey, 2011; 2012). Pontuamos que a convivência com as crianças é o principal motor para a construção da narrativa dialógica e para a sua interpretação, especialmente em contextos escolares. Esses eixos

favorecem e potencializam a produção narrativa infantil. As interlocuções entre o campo da pesquisa *com* crianças e a Epistemologia Qualitativa nos ajudaram a refletir sobre aspectos importantes articulados às especificidades das crianças pequenas, revelando possibilidades para a realização de um tipo de pesquisa atenta às peculiaridades infantis, aos seus modos próprios de intelecção e que valorize as linguagens e as vozes das crianças pequenas.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática:

Considerando que, na Epistemologia Qualitativa e na Metodologia Construtivo-Interpretativa, as análises ocorrem no ato mesmo da pesquisa de campo, é possível envolver os(as) participantes da pesquisa, incluindo crianças pequenas, não apenas na construção das informações, mas também nas análises?

Palavras-chave: epistemologia qualitativa; pesquisa com crianças, narrativas dialógicas espontâneas,

Referências

CORSARO, Willian. Reprodução interpretativa e cultura de pares. Em MULLER, Fernanda; CAVALHO, Ana Maria. **Teoria e Prática na pesquisa com crianças**: diálogos om Willian Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009, p. 31-50.

MARCHI, Rita de Cassia. Pesquisa Etnográfica com Crianças: participação, voz e ética. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 727-746, abr./jun. 2018. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/2175-623668737. Acesso em: 10 out. 2023.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Subjetividade e saúde**: superando a clínica da patologia. São Paulo: Cortez, 2011.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

Eixo temático: Teoria da Subjetividade: avanços, desafios conceituais e relações com outros campos e referenciais teóricos.

Subtema: Diálogos da Teoria da Subjetividade com outros referenciais teóricos.

Mulheres do Café: uma intervenção metodológica pela Teoria da Subjetividade

Carine Maria Senger, Universidade Estadual do Paraná,

carine.senger@gmail.com

Marcio Pascoal Cassandre, Universidade Estadual de Maringá,

mcassandre@gmail.com

Resumo: Compreendemos a intervenção como uma atividade metodológica para a reflexão e o desenvolvimento humano, baseada na Teoria da Atividade Histórico Cultural (TAHC). A experiência com essas atividades, em diversas organizações, trouxe inúmeras inquietações sobre a maneira como os participantes atuavam durante as intervenções. Percebemos que a subjetividade, que emergia durante essas práticas, precisava ser mais bem estudada, haja vista que era constitutiva da ação dos participantes. Para superar essas questões, nos propomos construir um modelo teórico que ampare as metodologias intervencionistas (MI), a partir da interpretação das produções subjetivas das Mulheres do Café no lócus da ação social, visando a explicação dos desdobramentos da subjetividade em intervenções. O referencial teórico baseou-se nos conceitos fundamentais de Metodologias Intervencionistas e da Teoria da Subjetividade. Norteados pelos princípios da Epistemologia Qualitativa e a Metodologia Construtivo-interpretativa, propostos por Fernando González Rey, realizamos visitas e encontros virtuais, para nos aproximarmos e construirmos vínculos com esse grupo de cafeicultoras do Norte Pioneiro do Paraná. Diversos instrumentos de pesquisa contribuíram para que dialogássemos com elas sobre o seu cotidiano e, assim, fôssemos construindo a informação. As reflexões decorrentes desse processo, tendo em vista o modelo teórico, versam sobre: 1) Produções subjetivas no lócus da ação social, mediante a interpretação da subjetividade nos espaços sociais que integram o cotidiano das participantes da pesquisa, com seus desdobramentos; 2) Aproximações e distanciamentos no coletivo organizacional, alcançadas por meio da subjetividade do grupo Mulheres do Café; e 3) Para além das experiências e atribuições da atividade do trabalho, vistas a partir das produções subjetivas das cafeicultoras. Assim, compreendemos que a intervenção é uma prática que pressupõe subjetividade. As experiências e as situações que os indivíduos vivenciam em diferentes espaços sociais estabelecem o seu sistema simbólico-emocional, de modo que a sua subjetividade tem correspondência imediata na sua participação, com vistas à solução do conflito durante o processo intervencionista. Ao considerar outros espaços sociais do cotidiano das(os) participantes da intervenção, não ficando restrito ao ambiente definido na organização, os

pesquisadores-intervencionistas têm condições de interpretar as produções subjetivas para melhor compreender o fenômeno em estudo. Por essa razão, as MI carecem de uma nova configuração que possibilite aos pesquisadores-intervencionistas interpretarem as produções subjetivas dos participantes a partir do lócus da ação social, haja vista que esse é um espaço de desenvolvimento subjetivo, construído sob a interferência de aspectos históricos, culturais, sociais, econômicos e políticos. Diante das limitações de MI, que reconhecem apenas o momento da intervenção como produtor da subjetividade, afirmamos que as produções subjetivas individuais e sociais têm uma correspondência imediata no desenvolvimento dessas práticas e devem ser interpretadas e analisadas no processo intervencionista, a partir do lócus da ação social, constituído pelos diferentes espaços que integram o cotidiano dos indivíduos, já que a subjetividade gera inteligibilidade para além daquilo que está explícito no ambiente previamente organizado para a intervenção. Nesse sentido, entendemos que a Teoria da Subjetividade oferece um aporte teórico para superar estas questões, capaz de dialogar com a TAHC.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como pesquisadores da área de Estudo Organizacionais, formados numa ontologia objetivista, podem superar os desafios conceituais da Teoria da Subjetividade, tendo em vista a construção de um modelo teórico?

Palavras-chave: subjetividade; metodologias; intervenção.

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis.; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas: Alínea, 2017.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando Luis.; VALDÉS PUENTES, Roberto. **Epistemologia qualitativa e teoria da subjetividade: discussões sobre educação e saúde**. Uberlândia: EDUFU, 2019.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina.; TACCA, Maria Carmen. V. R.; VALDÉS PUENTES, Roberto. **Teoria da subjetividade: discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional.** Ca**mpinas: Alínea, 2020.**

VIRKKUNEN, J.; NEWNHAM, D. S. **O laboratório de mudança: uma ferramenta de desenvolvimento colaborativo para o trabalho e a educação**. Tradução P. V. Cava. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2015.

Eixo temático: Teoria da Subjetividade: avanços, desafios conceituais e relações com outros campos e referenciais teóricos.

Subtema: Avanços e desafios das categorias teóricas da Teoria da Subjetividade.

Subjetividade nos Estudos Organizacionais: desafios na pesquisa qualitativa

Carine Maria Senger, Universidade Estadual do Paraná,

carine.senger@gmail.com

Marcio Pascoal Cassandre, Universidade Estadual de Maringá,

mcassandre@gmail.com

Resumo: No transcorrer do nosso percurso da pesquisa e da extensão a experiência nos levou a olhar para outras possibilidades de compreensão do indivíduo, das organizações e do mundo, baseadas na subjetividade e na análise qualitativa, até então não valorizadas. A aproximação com propostas das pesquisas intervencionistas sucessoras da Teoria da Atividade Histórico-Cultural (TAHC), nos fez entender que é comum os indivíduos enfrentarem conflitos em ambientes coletivos. Por essa razão, as organizações podem criar ambientes específicos para que trabalhadores reflitam sobre suas práticas, tendo em vista o seu aprendizado e o seu desenvolvimento profissional. Particularmente acerca da subjetividade nestes ambientes, constatamos a necessidade de um conjunto de conceitos que nos proporcionasse uma reflexão sobre as produções subjetivas dos trabalhadores nas organizações. Encontramos no referencial teórico, epistemológico e metodológico, proposto por Fernando Luis González Rey e seus sucessores, os fundamentos para abordar essa questão e, também, ampliar o nosso olhar na gestão de conflitos em intervenções, uma vez que a subjetividade abrange um sistema complexo e plurideterminado, influenciado pelas pessoas e pela sociedade, cujas relações caracterizam o desenvolvimento social. Por essa razão, revisamos alguns paradigmas decorrentes, principalmente, do objetivismo, rompendo com a lógica racional e formal, e assumimos a pesquisa como um evento relacional com a presença efetiva dos pesquisadores e dos participantes. Reforçamos o nosso desprendimento de pré-conceitos e fomos à campo sem certezas antecipadas, num exercício ainda mais reflexivo, interpretativo e construtivo ao longo da pesquisa. Ao contrário do que estávamos acostumados a fazer nas práticas intervencionistas, em que desenvolvíamos a intervenção a partir das fases bem demarcadas, ao abordar a subjetividade nessas práticas passamos a não seguir um planejamento criterioso, não estabelecemos o início, o meio e o fim das etapas, nem definimos as fases de execução, pois a subjetividade não tem momentos específicos para se manifestar. Isso significa que ela não está presente apenas no momento da intervenção, mas também em outros espaços. Trazer para nossos estudos a Teoria da Subjetividade, a Epistemologia Qualitativa e a

Metodologia Construtivo-interpretativa, implicou assumir uma lógica de pesquisa diferente daquela que inspira a pesquisa descritivo-instrumental, deixando de lado uma sequência de procedimentos, formal, rígida e estática cujo processo de pesquisa acontece com a aplicação/coleta/análises de resultados. A partir da pesquisa sistemática, pontualmente em estudos realizados na área dos Estudos Organizacionais para identificar os elementos que possibilitam conhecer a subjetividade, confirmamos a relevância do referencial supracitado como possibilidade para as nossas pesquisas, já que a Teoria da Subjetividade, apresentada por Fernando Luis González Rey, pode ser considerada uma alternativa para entender a subjetividade dos indivíduos em diversos espaços sociais.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como pesquisadores da área dos Estudos Organizacionais podem superar os desafios inerentes à prática de pesquisa sobre subjetividade, que assume a abordagem teórica, epistemológica e metodológica proposta por Fernando Luis González Rey?

Palavras-chave: subjetividade; estudos organizacionais; pesquisas qualitativas.

Referências

FERREIRA, Jane Mendes; NOGUEIRA, Eloy Eros Silva. Mulheres e suas histórias: razão, sensibilidade e subjetividade no empreendedorismo feminino. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 398-417, jul/ago, 2013.

GONZÁLEZ Rey, Fernando Luis; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas: Alínea, 2017.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. A epistemologia qualitativa vinte anos depois. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; VALDÉS PUENTES, Roberto (Org.). **Epistemologia qualitativa e teoria da subjetividade: discussões sobre educação e saúde**. Uberlândia: EDUFU, 2019, p. 21-45.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural. Tradução R. S. L. Guzzo. São Paulo: Thomson Learning, 2003.

VIRKKUNEN, J.; NEWNHAM, D. S. **O laboratório de mudança: uma ferramenta de desenvolvimento colaborativo para o trabalho e a educação**. Tradução P. V. Cava. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2015.

EIXO TEMÁTICO 3.

A DIMENSÃO SUBJETIVA DA DESIGUALDADE SOCIAL, ÉTNICO-RACIAL E SUAS INTERSECCIONALIDADES

Eixo temático: A dimensão subjetiva da desigualdade social, étnico-racial e suas interseccionalidades.

Subtema: A constituição das identidades étnico-raciais como processo configurado subjetivamente.

Desconstruindo o racismo nos contextos educativos: diálogos entre a Psicologia Cultural Semiótica e a Teoria da Subjetividade

Ana Flávia do Amaral Madureira, Centro Universitário de Brasília – CEUB

ana.madureira@ceub.edu.br

Luciana Dantas de Paula, Universidade de Brasília – UnB

luciana.paula@unb.br

Raquel Alkimim Martins, Centro Universitário de Brasília – CEUB

raquelalkimimmartins@hotmail.com

Resumo: O Brasil é um país perpassado pelo racismo estrutural e por inúmeras desigualdades sociais. Considerando os compromissos éticos e sociais da psicologia na desconstrução de preconceitos, que geram sofrimento e dor em tantas pessoas, é fundamental construirmos "pontes" entre diferentes perspectivas teóricas, a fim de "unirmos forças" na construção coletiva de sociedades mais justas e igualitárias. Nessa direção, o presente trabalho, na modalidade de ensaio teórico, irá focalizar questões relativas ao eixo temático "A dimensão subjetiva da desigualdade social, étnico-racial e suas interseccionalidades", a partir da construção de "pontes" entre duas perspectivas teóricas distintas, mas que apresentam relevantes pontos de interface ainda pouco explorados: a psicologia cultural semiótica e a teoria da subjetividade. Consideramos que ambas perspectivas teóricas compartilham, por exemplo: (a) a compreensão da gênese cultural do psiquismo humano, ou seja, não há desenvolvimento psicológico tipicamente humano fora da cultura; (b) é destacado o papel ativo, criativo e intencional do sujeito, a partir de uma leitura crítica em relação às perspectivas essencialistas e às perspectivas deterministas; e (c) é conferido especial destaque aos processos emocionais e simbólicos na constituição da subjetividade, bem como ao potencial transformador do diálogo, em sintonia com uma ética do sujeito (González Rey; Mitjáns, 2017; Goulart, 2019; Madureira; Branco, 2005). A discussão teórico-conceitual será ilustrada com exemplos empíricos extraídos de duas pesquisas que adotaram como ponto de partida teórico a psicologia cultural semiótica e que utilizaram uma metodologia qualitativa de investigação (Martins, 2025; Paula, 2024). As duas pesquisas focalizaram, a partir de diferentes recortes, desafios referentes à desconstrução do racismo nos contextos educativos. Paula (2024) apresentou exemplos de professores(as) que vivenciaram os tensionamentos e dilemas de introduzir debates sobre

questões raciais de maneira dialógica em sala de aula, e que se questionavam por que os(as) estudantes, às vezes, se mostram resistentes a esses debates? Há algo que os(as) professores(as) possam fazer para lidar com essas resistências e favorecer a desconstrução de preconceitos? Martins (2025) investigou o papel da educação escolar no que diz respeito à desconstrução do racismo estrutural e do racismo religioso, focalizando a promoção da saúde mental em crianças negras nas escolas. A pesquisa destacou lacunas presentes na formação em Psicologia, além da crítica a uma visão idealizada que se tem do Brasil, ancorada no mito da "democracia racial", destacando a necessidade de se reconhecer as desigualdades étnico-raciais. A pesquisa destacou, também, a fragilidade das estratégias pedagógicas para o ensino da complexidade da história e das culturas africanas no ambiente escolar, destacando a necessidade de se desafiar as narrativas hegemônicas que fazem com que o racismo se perpetue no cotidiano. No que diz respeito ao racismo religioso, a pesquisa abordou como ele costuma afetar crianças de religiões de matrizes africanas, destacando a lacuna na formação dos(as) educadores(as) como um aspecto que, lamentavelmente, acaba por contribuir com a perpetuação do racismo. Considerando tais questões, a pesquisa destacou as sugestões de professores(as) do Ensino Fundamental I a respeito de estratégias pedagógicas mais efetivas na luta contra o racismo e o fundamentalismo religioso nas escolas.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como os diálogos entre a psicologia cultural semiótica e a teoria da subjetividade podem contribuir com o letramento racial na formação de psicólogos(as) escolares?

Palavras-chave: educação antirracista; letramento racial; formação em psicologia.

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando; MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas: Alínea Editora, 2017.

GOULART, Daniel Magalhães. Saúde mental, educação e desenvolvimento subjetivo: o trabalho voltado para uma ética do sujeito. In: GONZÁLEZ REY, Fernando; MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns; PUENTES, Roberto Valdés (Orgs.). **Epistemologia qualitativa e teoria da subjetividade: discussões sobre educação e saúde.** Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2019. p. 159-182

MADUREIRA, A. F. A.; BRANCO, A. U. A noção de sujeito na ciência psicológica: linguagem e constituição da subjetividade. In: GONZÁLEZ REY, Fernando (Org.). **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia.** Editora Pioneira Thomson Learning, 2005. p. 127-153

MARTINS, Raquel Alkimim. **Racismo e fundamentalismo religioso: o papel da escola na promoção da saúde mental de crianças negras**. Monografia (Graduação em Psicologia), Centro Universitário de Brasília, Brasília - DF, 2025.

PAULA, Luciana Dantas de. **Promoção do desenvolvimento dialógico de professores para lidar com preconceitos e incertezas**. Tese (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar), Universidade de Brasília, Brasília - DF, 2024.

Eixo temático: A dimensão subjetiva da desigualdade social, étnico-racial e suas interseccionalidades

Subtema: A subjetividade social, o agente e o sujeito: seu lugar nas condições de desigualdade social, étnico-racial, de pobreza e garantia dos direitos humanos

Carnavalizando a vida: a importância da Velha Guarda do Grêmio Recreativo Escola de Samba Salgueiro para a subjetividade de seus integrantes

Helena Rocha Jarosz Antunes, Universidade Federal do Paraná, helenaantunes@ufpr.br Norma da Luz Ferrarini, Universidade Federal do Paraná, normadaluzf@gmail.com

Ana Carolina Lopes Venâncio, Universidade Federal do Paraná, anavenancio2704@gmail.com

Resumo: O presente estudo coloca em relevo o valor da cultura do samba no enfrentamento ao "idadismo" ou "etarismo", preconceito baseado na idade que limita o reconhecimento social e a dignidade de pessoas idosas. Essa investigação parte do entendimento de que o envelhecimento não deve ser reduzido a um processo biológico, mas compreendido como experiência subjetiva que se constrói na relação com diferentes espaços sociais e com a cultura (Antunes; Ferrarini, 2023). Nesse sentido, o samba e, especialmente, as Velhas Guardas das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, oferecem um espaço privilegiado de pertencimento e valorização simbólica e emocional. O objetivo central foi investigar configurações subjetivas do envelhecimento no contexto de uma agremiação com idosos integrantes de uma Velha Guarda de uma Escola de Samba do Rio de Janeiro. A metodologia compreendeu revisão bibliográfica e a realização de uma dinâmica conversacional individual, de modo remoto, com dois integrantes da Velha Guarda do Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro. A proposta se ancora nas Artes e na Psicologia Social, com destaque para a perspectiva histórico-cultural e a Teoria da Subjetividade de Fernando González Rey, que possibilita compreender

o envelhecimento como produção subjetiva simbólico-emocional. Para González Rey (2003), “a subjetividade não é soma de processos internos, mas um sistema em constante movimento, que se organiza nas condições sociais e nas produções singulares do sujeito”. Essa visão permite interpretar o samba como espaço de reinvenção subjetiva, onde os idosos reconfiguram suas experiências e fortalecem a autoestima com novas produções subjetivas. Os relatos dos entrevistados evidenciam o valor simbólico da Velha Guarda. O orgulho de vestir a indumentária, de preservar a memória da comunidade e de representar a escola revela que o samba constitui um espaço de resistência à invisibilidade social. González Rey (2005) afirma que “a subjetividade se organiza em cenários sociais concretos, nos quais os sujeitos atribuem sentidos singulares à sua experiência”. Os espaços coletivos de convivência proporcionados pelo samba nas agremiações funcionam como mediadores da produção subjetiva, favorecendo a continuidade do laço social e combatendo o isolamento. O estranhamento e as dificuldades do envelhecimento são agravados pela desconexão imposta por relações impermeáveis à presença dos idosos. Entretanto, a Velha Guarda emerge como importante espaço de reconhecimento e pertencimento, permitindo que os idosos produzam sentidos e configurações subjetivas que resistem e confrontam o etarismo, como destaca González Rey (2011), “a subjetividade é sempre produção e não adaptação, implica criação e não mera reprodução do vivido”. A participação na escola de samba não apenas preserva a memória cultural, mas também fomenta a criatividade, a emoção e o sentido de vida dos idosos. A Velha Guarda das Escolas de Samba representa um evidente território de produção subjetiva individual e social simbólico-emocional, reafirmando a dignidade dos idosos e fortalecendo a luta contra o etarismo. Ao promover pertencimento, memória e afeto, o samba se constitui como espaço de resistência cultural e subjetiva, reafirmando que envelhecer pode ser um processo ativo e criador.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como a subjetividade social da Escola de Samba diferencia-se de outros espaços com suas

predominantes subjetividades sociais perpassadas por crivos etaristas e racializados em relação a pessoas idosas?

Palavras-chave: subjetividade; velha guarda da escola de samba; etarismo

Referências

ANTUNES, Helena Rocha Jarosz; FERRARINI, Norma da Luz. O potencial simbólico-emocional das trocas intergeracionais. In: **XXII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social – A queda do céu: implicações da Psicologia Social, Niterói, UFF-ABRAPSO,** 2023. p. 1773-1775. Disponível em: https://site.abrapso.org.br/wp-content/uploads/2024/07/Anais-ABRAPSO-2023.pdf. Acesso em: 09 out. 2024.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Subjetividade e saúde: superando a clínica da patologia.** São Paulo: Cortez, 2011

Eixo temático: A dimensão subjetiva da desigualdade social, étnico-racial e suas interseccionalidades

Subtema: A constituição das identidades étnicas e raciais como processo configurado subjetivamente

Diversidade Cultural e étnico-racial:

uma perspectiva subjetiva de inclusão na Educação Infantil

Andreia dos Santos Gomes Vieira, SEEDF/UnB,

andreia.pacp@gmail.com

Cristina Massot Madeira Coelho, UnB,

cristinamadeiracoelho@gmail.com

Resumo: A Educação Infantil visa ao desenvolvimento integral da criança, complementando a ação da família e da comunidade, por meio de um currículo que articule as experiências e os saberes infantis com os conhecimentos do patrimônio cultural (Brasil, 2010). Todavia, no contexto brasileiro existem paradigmas assentados sobre uma sociedade que nasceu racializada e que ainda se mantém desigual em suas estruturas. A interseção entre classe e raça, assim como as opressões decorrentes dessa dinâmica, são vivenciadas também pelas crianças. Essa interseccionalidade refere-se à experiência racializada, na qual o racismo se manifesta por meio de outras estruturas sociais (Akotirene, 2019). Ao negligenciar as questões sociais e étnico-raciais das crianças e não integrá-las de forma adequada às práticas educativas, a escola pode contribuir para a manutenção de um sistema opressor que precede o nascimento das crianças (Bell Hooks, 2017). Com base na Teoria da Subjetividade de González Rey, buscou-se compreender, na materialização das ações educativas, processos que revelem o valor da dimensão subjetiva no trabalho pedagógico de uma escola de Educação Infantil do Distrito Federal. Cada escola possui configurações únicas em que se expressam os processos da organização, de relações e o trabalho singular (Mitjáns Martinez; González Rey, 2017). Nessa direção, o modelo teórico enunciou a valorização das expressões culturais locais e a inclusão de narrativas diversas na rotina pedagógica, fomentando práticas pedagógicas descolonizadoras e o fortalecimento de laços comunitários, favorecidas por produções subjetivas oriundas do pertencimento étnico-racial da comunidade escolar, majoritariamente negra. A escola emergiu como espaço de inclusão e empoderamento, contribuindo para a construção de identidades coletivas e para uma educação socialmente referenciada. A materialização das ações educativas no atendimento de crianças entre 4 e 6 anos, levou em consideração aquilo que é proposto pela legislação, pelos normativos e documentos orientadores, comuns a todas as instituições do Distrito Federal. Contudo, esses elementos ganharam características próprias na singularidade da organização, na funcionalidade e nos sentidos subjetivos produzidos por

indivíduos e grupos no espaço social da escola pesquisada (Vieira; Madeira Coelho, 2024), assegurando a diversidade dos atores sociais envolvidos sob o olhar pedagógico.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Considerando a complexidade das desigualdades étnico-raciais, como o conjunto epistêmico-metodológico da Teoria da Subjetividade pode colaborar para a compreensão de experiências racializadas pertencentes à subjetividade social brasileira?

Palavras-chave: subjetividade; identidade étnico-racial; educação escolar.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade** / Carla Akotirene. -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: educação como prática libertadora.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina.; GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Psicologia, Educação e Aprendizagem Escolar: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica.** São Paulo: Cortez, 2017.

VIEIRA, Andreia dos Santos. Gomes; MADEIRA COELHO, Cristina. Massot. Famílias, comunidade escolar, questões étnico-raciais: perspectivas subjetivas numa escola das infâncias. **Educação em Foco,** [S. l.], v. 29, n. 1, p. e29038, 2024. Disponível em: FAMÍLIAS, COMUNIDADE ESCOLAR, QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS | Educação em Foco Acesso em: 23 jul. 2025.

Eixo temático: A dimensão subjetiva da desigualdade social, étnico-racial e suas interseccionalidades

Subtema: A constituição das identidades étnicas e raciais como processo configurado subjetivamente

"Já viu eles chorar pela cor do orixá?"

Subjetividade e desigualdade étnico-religiosa

Andreia dos Santos Gomes Vieira, SEEDF/UnB,

andreia;pacp@gmail.com

Cristina Massot Madeira Coelho, UnB,

cristinamadeiracoelho@gmail.com

Resumo: A religião é um aspecto social importante no contexto brasileiro, produtora de subjetividades. O trabalho com as culturas africana e indígena, embora tenha avançado com a promulgação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, ainda enfrenta desafios. As religiões afro-brasileiras enfrentam uma mácula que interpreta suas práticas e crenças de forma distorcida, contribuindo para sua desvalorização social e cultural (Silva, 2024). Pires e Moretti (2016) denunciam a relação entre religião e racismo e como isso pode impactar crianças em escolas públicas. Para as autoras, o desrespeito vivenciado por crianças de axé está enraizado no modelo de laicidade, instituído na neutralidade e na universalidade, que sobrevaloriza a tradição cristã em detrimento de outras cosmovisões. Em pesquisa realizada em uma escola pública do DF, o modelo teórico favoreceu o entendimento da coletividade como expressão da subjetividade do grupo escolar, manifestada em sentimentos de pertencimento e autoafirmação; e do entendimento da cultura local, negra e periférica, potencial para o trabalho pedagógico (Vieira, 2019). Contudo, essa produção foi excluída de determinismos. Para alguns colaboradores, a exaltação ao pertencimento negro contradizia qualquer menção à religiões afro-brasileiras, revelando como a produção subjetiva, configurada por afetos, valores e experiências singulares, comunicava-se com a subjetividade social macro, historicamente constituída por um ideário negativo acerca do negro (Bento, 2009). Para González Rey (2012), os processos de subjetivação ocorrem na relação contraditória entre as várias necessidades dos indivíduos, que se definem como configurações subjetivas. Para o autor, a dimensão religiosa marca formas de produção de sentidos subjetivos nos cenários sociais. Sistemas simbólicos que permeiam a experiência das

pessoas, suscitando emoções provenientes da fé e das crenças, que reverberam no compromisso com os ideais mantidos e praticados pelo indivíduo. Muitos professores, influenciados por uma formação eurocentrada e pela hegemonia religiosa, acabam por impor seus valores na escola, ferindo o direito de crianças que seguem outras fés (Silva, 2024). Reconhecer essas produções subjetivas possibilita refletir criticamente desafios que persistem na consolidação de uma educação realmente plural, acolhedora e livre de imposições hegemônicas, que tenha os profissionais da educação como garantidores de direitos.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como a Epistemologia Qualitativa pode colaborar para a construção de informações acerca da constituição da identidade racial presente na subjetividade social brasileira?

Palavras-chave: subjetividade; desigualdade étnico- religiosa; educação escolar.

Referências

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: BENTO, Maria Aparecida Silva; CARONE, Iray (org.). **Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito.** Tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne. 3 ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

PIRES, Thula Rafaela de Oliveira; MORETTI; Gianna Alessandra Sanchez. Escola, Lugar do Desrespeito: Intolerância contra religiões de matrizes africanas e escolas públicas brasileiras. **Revista de Direitos Humanos e Efetividade Brasília** | v. 2 | n. 1 | p. 01 -20 | Jan/Jun. 2016. Acesso em: jun. 2025.

SILVA, Cátia Candido da. **A constituição estética de si de crianças e adolescentes candomblecistas nas fronteiras entre o terreiro e a escola**. 2024. 320 f., il. Tese (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar) — Universidade de Brasília, 2024.

VIEIRA, Andreia dos Santos Gomes. **Representações sociais configuradas na subjetividade social e suas expressões no trabalho pedagógico.** 2019. 191 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação) —Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

Eje temático: La dimensión subjetiva de la desigualdad social, étnico-racial y sus interseccionalidades

Subtema: La subjetividad social, el agente y el sujeto: su lugar en las condiciones de desigualdad social, étnico-racial, pobreza y garantía de los derechos humanos

Subjetividad, apego y tendencia antisocial en adolescentes en riesgo: un estudio comparativo intercultural Perú–Francia desde la perspectiva psicoanalítica

Leonel Roger Revilla Cruz,

Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa (UNSA), Perú Université Rennes 2,

lrevillacr@unsa.edu.pe

Resumen: Este trabajo, originalmente desarrollado en el marco de la maestría en Psicopatología Clínica Infanto-Juvenil en la Universidad Rennes 2 (Francia, 2012), analiza la constitución subjetiva de adolescentes en conflicto con la ley, desde la teoría del apego (Bowlby, 1969) y la noción de tendencia antisocial formulada por Winnicott (1984). Se plantea una lectura psicoanalítica de cómo las condiciones familiares, afectivas y sociales afectan profundamente la subjetividad juvenil, generando la emergencia de actos antisociales. La metodología empleada fue clínico-interpretativa, incluyendo entrevistas abiertas y el uso del Test de Apercepción Temática (TAT), aplicado a adolescentes en situación de vulnerabilidad en contextos urbanos de Perú y Francia. La investigación articula los hallazgos clínicos con la comprensión de las trayectorias subjetivas marcadas por la desigualdad estructural. Los resultados muestran que, a pesar de las diferencias culturales, los adolescentes comparten experiencias comunes de carencia afectiva, figuras parentales inconsistentes, precariedad económica y violencia familiar. Estas experiencias dificultan la estructuración simbólica del yo y la integración de figuras internas de sostén. La tendencia antisocial es entendida no como patología en sí misma, sino como una forma de comunicación que expresa la esperanza de ser contenido por un otro. Desde esta perspectiva, el robo o la agresión se presentan como intentos fallidos de recuperar un vínculo primario perdido. La lectura desde Winnicott permite considerar que estos comportamientos emergen tras una pérdida temprana de un objeto bueno que no pudo mantenerse disponible. Esto genera un yo fragmentado, con bajo desarrollo narcisista y pobre capacidad empática, predispuesto a la impulsividad. Integrando esta teoría con la Teoría de la Subjetividad, se observa que las formas de existir, sentir y actuar se configuran subjetivamente bajo condiciones de opresión social, pobreza y desinstitucionalización. A más de una década de su elaboración, el presente trabajo mantiene plena vigencia en el contexto actual de precarización juvenil, violencia estructural y patologización del

sufrimiento psíquico. Retomar esta investigación permite un diálogo fértil entre psicoanálisis y teoría de la subjetividad en contextos interculturales.

Cuestión para el debate en el Grupo de Discusión Temática: ¿Cómo puede la articulación entre la teoría de la subjetividad y el psicoanálisis contribuir a una comprensión más profunda y situada de las conductas antisociales en la adolescencia en contextos de exclusión social y cultural?

Palabras clave: subjetividad; adolescencia; tendencia antisocial.

Referencias

BOWLBY, John. **El apego y la pérdida**. Vol. 1. Madrid: Morata, 1969.

FREUD, Sigmund. **Duelo y melancolía. Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1917.

LE BRETON, David. **Antropología del cuerpo y modernidad**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

MEAD, Margaret. **La adolescencia en Samoa**. Buenos Aires: Paidós, 1958.

WINNICOTT, Donald. **La tendencia antisocial**. Buenos Aires: Paidós, 1984.

Eixo temático: A dimensão subjetiva da desigualdade social, étnico-racial e suas interseccionalidades

Subtema: A subjetividade social, o agente e o sujeito: seu lugar nas condições de desigualdade social, étnico-racial, de pobreza e garantia dos direitos humanos

A Subjetividade Social Manifestada na Configuração Subjetiva da Perspectiva de Futuro dos Estudantes do Ensino Médio.

Luana Halisani Felix de Almeida Vieira, UnB,

prof.redluana@Gmail.com

Maristela Rossato, UnB,

maristelarossato@gmail.com

Resumo: O Ensino Médio sempre demonstrou ser o ponto mais frágil da Educação Básica brasileira, apresentando os maiores índices de evasão e, de modo geral, não alcançando seus objetivos. Por esse motivo, a reforma educacional que entrou em vigor com a BNCC/2018 e o chamado "Novo Ensino Médio" visavam solucionar esses problemas tornando essa etapa de ensino mais atraente e mais alinhada aos interesses dos jovens estudantes. Nesse sentido, o componente curricular "Projeto de Vida" constituiu-se nesse novo modelo de Ensino Médio como parte fundamental para o alcance desses objetivos, pelo menos, à priori. William Damon, autor estadunidense referência nos estudos sobre projeto de vida, traz a seguinte definição do termo como: "uma intenção estável e generalizada de alcançar algo que ao mesmo tempo é significativo para o eu e gera consequências no mundo além do eu" (Damon, 2009 p.53). Por conseguinte, em nossa pesquisa, ainda em desenvolvimento, buscamos identificar como está configurada subjetivamente a perspectiva de futuro dos estudantes no contexto do Novo Ensino Médio. No processo investigativo em andamento, tem sido observada uma forte influência do momento atual global, marcado por instabilidade econômica, polarização política e, de modo especial, o advento e a massificação das redes sociais, na configuração subjetiva de perspectiva de futuro dos estudantes. Em detrimento da transcendência proposta por Damon, que passaria do indivíduo para o social, englobando uma visão altruísta com foco no senso de comunidade, no curso da pesquisa observa-se que a subjetividade social parece impor-se de forma bastante significativa sobre a subjetividade individual, restando poucos espaços para que o indivíduo se sobreponha, ou venha a emergir como sujeito, nessa esfera da vida. Nessa perspectiva, segundo González Rey, "Os sentidos subjetivos gerados pelas configurações subjetivas individuais sempre aparecem dentro de redes relacionais atravessadas por todas as produções subjetivas de uma sociedade (....)," (GONZÁLEZ REY e MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017 p.44). Dessa forma, fica a reflexão sobre quais experiências poderiam

mobilizar a geração de novos sentidos subjetivos, de modo a possibilitar que esses estudantes abram vias próprias de subjetivação frente a uma subjetividade social tão presente e dominante.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como a escola, enquanto instituição responsável pela orientação dos estudantes, pode ajudá-los a encontrarem vias próprias de subjetivação frente à uma subjetividade social tão fortemente presente e dominante.

Palavras-chave: Projeto de Vida; Perspectiva de Futuro; Subjetividade Social

Referências

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

DAMON, William. **O que o jovem quer da vida?: como pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes.** São Paulo: Summus Editorial, 2009, p. 53.

GONZÁLEZ REY, L. F; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017, p. 44.

Eixo temático: A dimensão subjetiva da desigualdade social, étnico-racial e suas interseccionalidades

Subtema: A subjetividade social, o agente e o sujeito: seu lugar nas condições de desigualdade social, étnico-racial, de pobreza e garantia dos direitos humanos

Resistências nas periferias de São Paulo – dimensão subjetiva da realidade e condições para a constituição do sujeito

Maria da Graça Marchina Gonçalves, PUC/SP,

gmarchina@pucsp.br

Ana Mercês Bahia Bock,

abock@pucsp.br

Sandra Gagliardi Sanchez,

ssanchez@pucsp.br

Resumo: A desigualdade social tem sido objeto de estudo e produção teórica das autoras ao longo dos últimos 15 anos (Bock; Gonçalves, 2024). Tomamos a desigualdade social, ela mesma, como objeto de investigação, procurando superar visões dicotômicas presentes na psicologia social que ora enfatizam a determinação social, ora individualizam explicações para o fenômeno, deixando de abordar a relação indivíduo e sociedade em sua dinâmica dialética e histórica. Nesse sentido, o foco é na constituição do fenômeno da desigualdade social em suas dimensões objetivas e subjetivas, dialeticamente articuladas, cabendo identificar, nas pesquisas desenvolvidas, as características da dimensão subjetiva da desigualdade social. Uma das linhas de pesquisa do grupo é sobre a vivência da desigualdade social em São Paulo. A investigação mais recente já teve desenvolvidas quatro etapas e tem por objetivo geral identificar e analisar a dimensão subjetiva da desigualdade social, sua configuração e expressões de resistência, na vivência da cidade por grupos periféricos, considerando a articulação classe e raça. Os resultados obtidos até o momento permitiram identificar diversas formas de organização dos moradores da cidade para o enfrentamento da desigualdade social em suas especificidades nos contextos periféricos, o que pudemos identificar como formas de *resistência* às situações de falta de acessos a direitos, discriminações e violências sofridas. Essas manifestações da vida vivida nas periferias mostram aspectos fundamentais: confirmam a compreensão de periferia como conceito que se refere à complexidade, aos desafios e às possibilidades de produção de vida na cidade desigual (D'Andréa, 2020); e revelam contradições nas inúmeras possibilidades de criação, escolhas, atuações e organizações dos moradores dessas regiões. A apresentação de alguns desses resultados reveladores de experiências de resistência nas

periferias de São Paulo compõem uma primeira parte desta apresentação, que será seguida da discussão de um ensaio de formulação teórica, na direção de avançar em relação à compreensão do fenômeno da desigualdade social e seus desdobramentos contraditórios. A categoria dimensão subjetiva da realidade é a base da análise realizada nas pesquisas. Com ela pretendemos dar visibilidade exatamente à imbricação encontrada entre indivíduo e sociedade quando identificamos os aspectos subjetivos que são constituídos e constituem essa realidade. A discussão proposta indicará de que forma, a nosso ver, a categoria dimensão subjetiva da realidade permite uma compreensão aprofundada do fenômeno. E proporá, também, o diálogo com as noções de sujeito e agente (González Rey; Mitjáns Matínez, 2017), elaboradas no âmbito da Teoria da Subjetividade. As experiências de resistência identificadas entre moradores das periferias da cidade, analisadas como aspectos de dimensão subjetiva, mostram, nas análises feitas, contradições, que expressam condições materiais e históricas. Junto disso, podemos dizer que tais experiências revelam indivíduos em processo de desenvolvimento subjetivo? Revelam indivíduos que são agentes ou sujeitos? Quais são os elementos favorecedores da emergência de sujeitos nessas condições de vida?

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: É possível esse diálogo entre as duas teorias (psicologia social sócio-histórica – com a categoria dimensão subjetiva da realidade - e teoria da subjetividade – com os conceitos de agente e sujeito) para aprofundar a compreensão de fenômenos sociais, no caso a desigualdade social?

Palavras-chave: desigualdade social; dimensão subjetiva da realidade; agente e sujeito

Referências

BOCK, Ana M.B.; GONÇALVES, M. Graça M. (orgs.) – **Desigualdade social – contribuições da psicologia sócio-histórica.** São Paulo: EDUC/PIPEq, 2024.

D'ANDREA, Tiaraju - Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. **Novos Estudos CEBRAP** – SP, v. 39, n. 1, 2020, p. 19-36.

GONZALEZ-REY, Fernando L; MITJANS MARTÍNEZ, Albertina.**Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas, SP: Alínea, 2017.

Eixo temático: A dimensão subjetiva da desigualdade social, étnico-racial e suas interseccionalidades

Subtema: A constituição das identidades étnicas e raciais como processo configurado subjetivamente

Negritude e Saúde Mental em Estudantes da UnB:

Uma Perspectiva a Partir da Subjetividade

Wallace Diniz Damasceno Oliveira, Universidade de Brasília,

wallydiniz@gmail.com

Resumo: A partir do projeto de pesquisa guarda-chuva "O sofrimento na experiência discente universitária: um olhar desde a perspectiva da subjetividade", que busca compreender os processos subjetivos envolvidos na construção da subjetividade universitária, se realizou, dentro da experiência de iniciação científica da UnB (PIBIC-AF) uma discussão sobre a experiência subjetiva da trajetória universitária de estudantes jovens pretos e pardos. Mesmo que a literatura científica sobre o tema nos mostra que o racismo é estruturalmente e socialmente violento, como é desenvolvido tanto em Fanon (1952) quanto em Ribeiro (2018), se tem poucas pesquisas qualitativas que busquem entender a construção subjetiva universitária negra. Foi com isso em mente que, inspirados na Epistemologia Qualitativa e na Teoria da Subjetividade, de González Rey (1997; 2005; 2016), que se realizaram dinâmicas conversacionais com dois participantes universitários negros da UnB, para compreender a vivência que eles têm desenvolvido no percurso formativo. A partir do trabalho de campo, conseguimos identificar alguns aspectos de destaque da vivência negra universitária, a saber: 1) o sentimento de solidão, como produção subjetiva, que se dá a partir da falta de pertencimento a uma subjetividade social universitária que se mostra excludente e pouco acolhedora com estudantes racializados; 2) a dificuldade para enfrentar os desafios acadêmicos universitários, quando não se constituem redes de apoio que estimulem processos de aprendizagem; 3) o sofrimento derivado de transitar uma experiência universitária que, embora deveria ser edificante e potenciadora para o desenvolvimento da pessoa, acaba sendo vivida como mais uma forma de violência de um contexto brasileiro cujo racismo ainda está por ser superado. A partir do nosso trabalho, espera-se que a violência racista gerada no ambiente universitário possa ser melhor entendida e eventualmente abordada, de cara a uma universidade mais inclusiva, diversa e garante dos direitos de todos seus integrantes.

Questão para o debate no Grupo de Discussão: Como podemos melhor entender e abordar o processo subjetivo da solidão experimentada por universitários racializados, de tal forma que possam ser construídas estratégias favorecedoras do desenvolvimento subjetivo?

Palavras-chave: negritude; saúde-mental; universitária

Referências

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. 3. ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luís**. Epistemología cualitativa y subjetividad.** Havana: Pueblo y Educación, 1997

GONZÁLEZ REY, Fernando Luís**. Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning (atual Cengage), 2005

GONZALEZ-REY, Fernando; MITJANS MARTINEZ, Albertina. Una epistemología para el estudio de la subjetividad: Sus implicaciones metodológicas. **Psicoperspectivas**, Valparaíso , v. 15, n. 1, p. 5-16, enero 2016 . Disponible en <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-69242016000100002&lng=es&nrm=iso>. accedido en 30 jul. 2025. http://dx.doi.org/10.5027/psicoperspectivas-Vol15-Issue1-fulltext-667.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Eixo temático: A dimensão subjetiva da desigualdade social, étnico-racial e suas interseccionalidades

Subtema: A constituição das identidades étnicas e raciais como processo configurado subjetivamente

Desigualdades sociales y su impacto en la sociedad líquida en América Latina el Caribe y Cuba como consecuencia de la política imperial en el siglo XXI

Yosleidis Lazo Fisch,

ylazo@mes.gob.cu

Resumen: La teoría de la subjetividad, junto con la epistemología cualitativa y la metodología constructiva, cobra especial relevancia en la sociedad líquida que hoy se vive en América Latina, el Caribe y Cuba. En contextos marcados por la desigualdad la movilidad social y la fragmentación identitaria, estas perspectivas permiten comprender las experiencias humanas desde sus significados culturales y emocionales. La subjetividad resalta la construcción del yo en interacción con estructuras sociales cambiantes, mientras que la epistemología cualitativa valora el conocimiento situado y crítico. Métodos como la narrativa o el enfoque etnográfico facilitan lecturas profundas de realidades complejas. Su impacto se evidencia en políticas públicas, educación y movimientos sociales, promoviendo enfoques más humanos, inclusivos y transformadores frente a las desigualdades y la incertidumbre propia de la modernidad líquida en la región. Esta tesis explora cómo las desigualdades económicas, educativas, políticas y culturales han moldeado y transformado la estructura social en la región, profundizando la fragmentación social, la exclusión y la inestabilidad en las identidades colectivas. A través de un análisis teórico basado en autores como Bauman, Bourdieu, Sen, Atilio Borón entre otros, esta investigación busca comprender cómo las desigualdades estructurales se reproducen y se adaptan en una sociedad cada vez más fluida y cambiante mostrando sus huellas en las esferas: económicas, educativas, políticas y culturales. Por lo que podemos considerar que las expresiones de la subjetividad social como componentes de relaciones sociales es complejas en la medida que transcurren los procesos en medio de procesos tan cambiantes, constituyen una línea de enfoque fundamental para la investigación social y la reconstitución de nuevas prácticas. En este trabajo pretendemos abordar algunos puntos críticos de los enfoques actuales del tema de la subjetividad social, aquéllos que consideramos de interés y que son necesarios analizar y debatir, en lo posible, expresar algunas de sus ideas para la comprensión compleja del fenómeno de la subjetividad social. Algunas interrogantes nos llevan a la exploración de la subjetividad social, en las condiciones concretas en que se encuentran algunos de los países de América Latina el Caribe y Cuba como elementos comunes de la sociedad liquida actual.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: ¿Cuáles son caminos a seguir desde la subjetividad en presencia de una sociedad liquida en la región que fomente desde las ciencias sociales una expresión nuestra identidades?

¿Cuál podría ser nuestro papel como formadores de conciencias críticas constructivas de los distintos actores sociales llenos de desigualdad e incertidumbre. ¿Cómo influye la teoría de la subjetividad en la comprensión de las identidades cambiantes y fragmentadas en el contexto de la sociedad líquida en América Latina, el Caribe y Cuba?

¿De qué manera la epistemología cualitativa permite captar las experiencias sociales desde una perspectiva crítica y contextual en sociedades marcadas por la desigualdad?

Palabras clave: teoría de la subjetividad; desigualdades sociales; sociedad líquida

Referencia

AMIN, S. **Imperialismo y acumulación desigual.** Madrid: Akal, 2008.

BANCO MUNDIAL; COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE (CEPAL). **Informes sobre desarrollo regional en América Latina y el Caribe**. Washington, DC; Santiago: Banco Mundial; Naciones Unidas, [s.d.].

BAUMAN, Z. **Sociedad líquida**. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 2005.

BORÓN, A. **Estado y capitalismo dependiente**. Buenos Aires: CLACSO, 2012.

BOURDIEU, P. **La economía de las desigualdades**. Barcelona: Anagrama, 1998.

CHOMSKY, N. **Hegemonía o supervivencia**. Buenos Aires: Paidós, 2015.

COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE (CEPAL). **Panorama social de América Latina 2023.** Santiago: Naciones Unidas, 2023.

ESCOBAR, A. **Encuentros con el otro: antropología y diferencia cultural.** Barcelona: Gedisa, 2018.

FATTON JUNIOR, R. **Haití: la dictadura del destino**. La Habana: Editorial Nuestra América, 2019.

MARX, K. Manuscritos económico-filosóficos de 1844. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Escritos económicos.** México: Grijalbo, 1961.

MARX, K. Tesis sobre Feuerbach. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Obras escogidas. Tomo I.** Moscú: Progreso, 1976.

SEN, A. **Desarrollo y libertad**. Buenos Aires: Paidós, 2000.

SOTOLONGO, P. L. T**eoría social y vida cotidiana: la sociedad como sistema dinámico complejo.** La Habana: Acuario, 2005.

VIGOTSKY, L. S. **História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores.** La Habana: Editora Científico-Técnica, 1987.

Eixo temático: A dimensão subjetiva da desigualdade social, étnico-racial e suas interseccionalidades

Subtema: A constituição das identidades étnicas e raciais como processo configurado subjetivamente

Mudanças subjetivas vivenciadas por universitários indígenas

Norma da Luz Ferrarini, Universidade Federal do Paraná

normadaluzf@gmail.com

Francine Rocha, Universidade Federal do Paraná

rocha.francine@gmail.com

Ana Carolina Lopes Venâncio, Prefeitura Municipal de Curitiba- PMC

anavenancio2704@gmail.com

Resumo: Analisa mudanças subjetivas individuais e coletivas nos percursos acadêmicos de três estudantes indígenas da Universidade Federal do Paraná, com a demarcação temporal (a) expectativas, ingresso e vivências na universidade; (b) participação no projeto "MediAÇÃO: diferenças em conflito - interações étnico-raciais com indígenas", uma prática profissional. Contextos de vida da pessoa e de grupos, imbuídos por normatividades, representações, pensamentos, sentimentos, posicionamentos, relacionamentos, motivações, projetos, ações, constituem experiências vivenciadas simbólico-emocionalmente no entrelaçamento de subjetividades individuais e sociais (González Rey; Mitjáns Martínez, 2017). A produção qualitativa de sentidos subjetivos promove o desenvolvimento de novos recursos e mudanças subjetivas que permitem mudanças de pensamentos, emoções, compreensões, ações, comportamentos, rearranjos relacionais, posicionamentos, em outras esferas de sua vida com desenvolvimento da subjetividade ante o estabelecido. Porém "nem toda mudança subjetiva representa um processo de desenvolvimento subjetivo" (Goulart; Mitjáns Martínez, 2023, p. 46). As configurações subjetivas das expectativas universitárias referem-se ao direito à educação superior, desejo de uma profissão de nível superior, ascensão social e econômica, melhorias nas suas condições de vida e de seus povos. As vivências iniciais na universidade os frustram. Em vez de inclusão e acolhimento, sentimento de exclusão por serem indígenas. Vivências de violência simbólica, emocional e relacional. Choque cultural diante do individualismo e competitividade. Sentimentos de abandono, desamparo, solidão, medo, frustração, injustiça. Insegurança financeira, emocional, pedagógica, relacional e institucional. Sofrimento com racismo, preconceito, discriminação, hostilidade, subalternização, diferenciação, desrespeito, julgamento e punição por serem indígenas. Invisibilidade,

silenciamento de suas vozes e de seus saberes ancestrais. Indignação com a não consolidação das políticas afirmativas. Decepção com a ausência de temáticas indígenas nos currículos, a concepção indígena estereotipada e o não conhecimento sobre os povos originários do Brasil. Tentativa de apagamento de suas identidades étnicas. Em contraposição, apresentam mudanças subjetivas potencializadoras para superar essas injustiças. Reconhecem-se como defensores dos seus e empoderam e expressam suas identidades indígenas, o que consiste em recursos subjetivos desenvolvidos para a não desistência, a permanência e a conclusão de seus cursos. Reorganizações subjetivas e de sociabilidade frente ao racismos os fazem resistir e se posicionar na universidade e nela (re)configurarem suas identidades e subjetividades: primeiramente como estudantes e em posição subalternizada; depois, como agentes e sujeitos fortalecidos por suas convicções pessoais e étnicas pregressas; como pesquisadores de suas próprias culturas, relacionando, conforme aprenderam em tenra infância nas escolas de seus territórios, a vida à aprendizagem, para lhe oferecer maior significação ao instituído.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como diferenciar, metodologicamente, mudanças subjetivas de desenvolvimento subjetivo e, mudanças subjetivas individuais de mudanças subjetivas coletivas ao se trabalhar com grupos?

Palavras-chave: mudanças subjetivas, indígenas, universidade

Referências

GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método.** Campinas: Alínea, 2017.

GOULART, D. M; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. Do desenvolvimento da personalidade ao desenvolvimento subjetivo: histórico, momento atual e desafios. In SANTOS, G.; CAMPOLINA, L. O. (org.). **Desenvolvimento e aprendizagem: contribuições atuais da teoria cultural-histórica da subjetividade**. Curitiba: CRV, 35-57, 2023.

FERRARINI, N. L.; ROCHA, F.; VENÂNCIO, A. C. L. **Subjetividade e MediAÇÃO: mudanças e insurgências subjetivas vivenciadas por universitários indígenas**. Curitiba, 2025. Não publicado

EIXO TEMÁTICO 4.

A DIMENSÃO SUBJETIVA DE GÊNERO, SEXUALIDADE, DIVERSIDADE E SUAS INTERSECCIONALIDADES

Eixo temático: A dimensão subjetiva de gênero, sexualidade, diversidade e suas interseccionalidades.

Subtema: A significação da subjetividade nas práticas profissionais relacionadas ao gênero, à sexualidade e à diversidade.

A negatividade como configuração subjetiva de vivências dissidentes: a não mono-hetero-cisnormatividade em pauta

Camila Ribeiro Castro Soares, Universidade de Brasília,

camilaribeiro_castro@yahoo.com.br

José Fernando Patiño Torres, Universidade de Brasília,

jfpatinotorres@gmail.com

Resumo: A proposta desta pesquisa de doutorado em andamento se subsidia no risco e aposta de conexões epistêmicas entre uma matriz teórica da subjetividade criada pelo pesquisador e psicólogo cubano-brasileiro Fernando González Rey (González Rey, 2013, 2016) e uma vertente das teorias queer, a explicitar: negatividade queer, principalmente em diálogo com a teórica cultural norte-americana Lauren Berlant (Berlant; Edelman, 2014; Wiegman, 2017). O aporte epistemo-metodológico assumido se refere à Epistemologia qualitativa e ao Método construtivo-interpretativo, também elaborados por González Rey. Trata-se de conectar essas categorias teóricas e dimensões vivenciais – subjetividade e negatividade – compreendendo a negatividade enquanto potencial constitutivo de processos subjetivos dissidentes; mais especificamente: a negatividade como configuração subjetiva de devires não mono-hetero-cisnormativos. Sendo assim, "a negatividade para nós refere-se às incoerências e divisões psíquicas e sociais [...] que perturbam qualquer totalidade ou fixidez da identidade. [...] os seus efeitos, a nosso ver, não são apenas negativos, uma vez que a negatividade liberta a energia que permite a possibilidade de mudança" (Berlant; Edelman, 2014, p. vii-viii; tradução livre). Por sua vez, falar em subjetividade e em subjetivo na presente proposta significa que buscamos nos desvencilhar das dicotomias sociedade/indivíduo, objetivo/subjetivo e simbólico/emocional, para conceber a unidade desses caracteres em sistemas psicológicos configurados, complexos e abertos (González Rey, 2013, 2016). "Psique e subjetividade se integram, se tensionam e entram em contradição no desenvolvimento dos fenômenos humanos, porém uma não é redutível à outra, embora muitos dos processos psíquicos apareçam subjetivamente configurados diante de certas circunstâncias do desenvolvimento humano. A subjetividade como definição ontológica não apenas se diferencia do psíquico, mas também da linguagem, do discurso e de outras tantas definições que têm pretendido esgotar a ontologia dos processos especificamente humanos" (González Rey, 2019, p. 33). Dessa maneira, o recorte aqui trazido faz referência a uma oficina piloto, realizada no VIII Encontro da Abrapso regional norte no segundo semestre de 2024, com uso de

recortes de revistas como recurso imagético que compôs um espaço de escuta, sensibilização e reconhecimento de negatividades que potencialmente constituem processos subjetivos de vivências dissidentes das pessoas participantes.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como poderia impactar à noção de negatividade queer a potência de uma ontologia da subjetividade não fundacionalista de relacionalidade, gênero e sexualidade?

Palavras-chave: dissidências; negatividade queer; subjetividade.

Referências

BERLANT, Lauren; EDELMAN, Lee. **Sex, or the Unbearable**. Durham: Duke University Press, 2014.

GONZÁLEZ REY, Fernando. La subjetividad en una perspectiva histórico-cultural: avanzando un legado inconcluso. **CS**, 11, p. 19-42, 2013.

GONZÁLEZ REY, Fernando. Advancing the topics of social reality, culture, and subjectivity from a cultural–historical standpoint: Moments, paths, and contradictions. **Journal of Theoretical and Philosophical Psychology**, v. 36, n. 3, p. 175-189, 2016.

GONZÁLEZ REY, Fernando. A Epistemologia Qualitativa vinte anos depois. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando; VALDÉZ PUENTES, Roberto (Orgs.). **Epistemologia qualitativa e teoria da subjetividade: discussões sobre educação e saúde**. Uberlândia: EDUFU, 2019, p. 21-45.

WIEGMAN, Robyn. Sex and Negativity; or, What Queer Theory Has for You. **Cultural Critique**, 95, p. 219-243, 2017.

Eixo temático: A dimensão subjetiva de gênero, sexualidade, diversidade e suas interseccionalidades

Subtema: A significação da subjetividade nas práticas profissionais relacionadas ao gênero, à sexualidade e à diversidade

Subjetividade e Gênero: uma análise sobre os estudos psicossociais do Núcleo de Assessoramento às Varas Cíveis e de Família (Neraf) do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios(TJDFT)

Glauber Soares Costa Marinho, UnB,

gmed.educacional@gmail.com

Resumo: A presente pesquisa de mestrado, em andamento, vinculada ao Grupo de Pesquisa “Cooperação e Gênero: Interconexões a partir das perspectivas do Sul Global”, emerge da experiência profissional do pesquisador no Núcleo de Assessoramento às Varas Cíveis e de Família (Neraf), do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT), onde atua como pedagogo jurídico. Nesse contexto, observa-se com frequência a presença de assimetrias de gênero nos estudos psicossociais decorrentes das disputas judiciais envolvendo guarda e convivência parental. Tais desigualdades se manifestam nas práticas parentais, revelando, num olhar sociológico preliminar, padrões de sobrecarga materna e de paternidade marginalizada, mesmo em situações de guarda compartilhada. O Neraf, face à realidade descrita, passou a defender a incorporação da perspectiva de gênero em seus estudos psicossociais. Paralelamente a isso, no ano de 2021, o Poder Judiciário implementou o Protocolo para Julgamento com Perspectiva de Gênero (PJPG), instituído pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), por determinação da Corte Interamericana de Direitos Humanos (CIDH). A obrigatoriedade de aplicação do PJPG, estabelecida pela Resolução CNJ nº 492/2023, reforça a importância de estudos sobre essa perspectiva e sua inclusão nas práticas institucionais da justiça. A pesquisa de mestrado tem como objetivo compreender a subjetividade social do Neraf, produzida nas tramas relacionais entre os profissionais da equipe técnica (assistentes sociais, pedagogos/as e psicólogos/as), com foco na equidade de gênero. A pesquisa está ancorada na Teoria da Subjetividade, de González Rey (2021), que propõe uma abordagem cultural-histórica e dialógica da subjetivação, superando modelos dicotômicos e reducionistas. A articulação entre teoria e prática será conduzida por meio da Epistemologia Qualitativa e do Método Construtivo-Interpretativo, os quais valorizam a expressão subjetiva dos/as participantes da pesquisa, bem como a construção dialógica do conhecimento, a partir de dinâmicas conversacionais. O objetivo desta apresentação é relatar a concepção preliminar da pesquisa, em especial seu objetivo, sua problematização, sua localização no estado da arte, bem como seu método e reflexões preliminares. Entende-se que a pesquisa possa contribuir com estudos psicossociais e pareceres técnicos que contemplem o PJPG, assim como para as políticas públicas no Poder

Judiciário. Ademais, acarretará contribuições teóricas para as práticas institucionais no campo do serviço social, pedagogia e psicologia jurídico/a, bem como para a educação continuada desses profissionais.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como compreender a subjetividade social da equipe técnica do Neraf em suas expressões da perspectiva de gênero nos estudos psicossociais e nos pareceres técnicos?

Palavras-chave: subjetividade social; gênero; epistemologia qualitativa

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividad: Teoria, Epistemología y Método**. Campinas-SP: Alínea, 2021. E-book Kindle.

GONZÁLEZ REY, Fernando. O Valor Heurístico da Subjetividade na Investigação Psicológica. In: GONZÁLEZ REY, Fernando. (Org.). **Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005. p. 27-51.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. A Teoria da Subjetividade de González Rey: Uma Expressão do Paradigma da Complexidade na Psicologia. In: GONZÁLEZ REY, Fernando. (Org.). **Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologi**a. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005. p. 1-25.

Eixo temático: A dimensão subjetiva de gênero, sexualidade, diversidade e suas interseccionalidades

Subtema: A subjetividade social, o agente e o sujeito: seu lugar nas condições de estigmatização e discriminação de gênero, sexualidade e diversidade

Além da norma: o lugar do cuidado na subjetividade social de instituições jurídicas com vítimas de feminicídio

Lucía Rodríguez González, UERJ,

luciardgonzalez@gmail.com

Anna Paula Uziel, UERJ,

uzielap@gmail.com

Jimena de Garay Hernández, UERJ,

jime.degaray@gmail.com

Resumo: O feminicídio é a expressão mais extrema da violência de gênero e, no Brasil, assume contornos alarmantes. Apesar dos avanços normativos nas últimas décadas, persistem lacunas entre a proteção das vítimas e a efetividade do sistema penal. Famílias e sobreviventes, ao buscarem o sistema de justiça, enfrentam a falta de serviços especializados, falhas nas redes de proteção, processos judiciais longos e, não raro, a culpabilização pelos crimes sofridos. Nesse contexto, esta pesquisa teve como objetivo mapear como o cuidado se manifesta no cotidiano institucional do Grupo de Trabalho Feminicídio (GT Feminicídio), vinculado ao Núcleo Especial de Defesa dos Direitos da Mulher (NUDEM) da Defensoria Pública do Rio de Janeiro (DPRJ), buscando compreender suas expressões como práticas coletivas com vítimas diretas (sobreviventes) e indiretas (familiares) de feminicídio. Ao abordar o cuidado como prática ética e política, o estudo propõe deslocá-lo do campo restrito da clínica psicológica ou dos serviços assistenciais, compreendendo-o como uma responsabilidade coletiva, especialmente relevante em instituições marcadas pela frieza e rigidez protocolar, como o sistema de justiça. Para isso, a pesquisa se fundamentou na Epistemologia Qualitativa e na metodologia construtivo-interpretativa de González Rey, a qual concebe o conhecimento como processo de construção intersubjetiva, em que teoria e prática se co-produzem. Essa abordagem permitiu acessar sentidos subjetivos em sua dinâmica e complexidade, considerando as dimensões simbólicas, institucionais e afetivas que atravessam o campo. Foram realizadas entrevistas com quatro profissionais do GT Feminicídio, além da produção de registros de diário de campo durante imersões no espaço físico do NUDEM. Tais instrumentos não foram considerados como fontes externas, mas como expressões de processos subjetivos que emergiram no campo e na relação entre pesquisadora e participantes. A análise interpretativa identificou sete

categorias que, posteriormente, perceberam-se como expressões de configurações subjetivas institucionais: (1) escuta ativa, (2) respeito à dignidade e à autonomia, (3) comunicação acessível e assertiva, (4) atuação em rede, (5) qualificação profissional, (6) apoio emocional em todo o processo e (7) criação de grupos de acolhimento. Estas linhas, ao serem incorporadas por agentes públicos, reconfiguram o lugar da mulher no processo jurídico, reconhecendo-a como sujeito ativo de reflexão e decisão, em contraste com o funcionamento tradicional do sistema criminal, que muitas vezes a posiciona como objeto do processo penal. Dessa forma, mesmo em instituições caracterizadas pela rigidez e impessoalidade, elas abrem espaço para uma atuação jurídica mais acolhedora, sensível às desigualdades e atenta às múltiplas formas de violência. Com isso, a pesquisa aponta para a necessidade de políticas públicas que reconheçam e fortaleçam práticas de cuidado coletivas, reconhecendo-as como estratégias centrais no enfrentamento ao feminicídio e a todas as formas de violência contra as mulheres.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como sustentar práticas institucionais que afirmem o sujeito mulher em contextos marcados por discursos tutelares, patriarcais e punitivos, como o sistema de justiça criminal?

Palavras-chave: feminicídio; cuidado; justiça.

Referências:

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Epistemología cualitativa y subjetividad.** São Paulo: EDUC. 1997.

GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. Una epistemología para el estudio de la subjetividad: sus implicaciones metodológicas. **Psicoperspectivas**, 15(1), 5-16, jan. 2016

NASCIMENTO, Flávia. et al. A atuação da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro na assistência às vítimas diretas e indiretas nos crimes de feminicídio. In: **Revista Temática: Direito Antidiscriminatório**. Rio de Janeiro: DPRJ, Centro de Estudos Jurídicos, 2024. p. 107–119.

PAIVA, Lívia de Meira Lima; MELLO, Adriana Ramos de. Feminicídio e Poder Judiciário: Uma análise feminista da reprodução e estereótipos e discriminação de gênero em decisões judiciais**. Revista IGAL**, I (1), 43-64, 2022.

TRONTO, Joan. Assistência democrática e democracias assistenciais. **Sociedade e Estado**, Brasília, 22(2), 285–308, maio/ago. 2007.

Eixo temático: A dimensão subjetiva de gênero, sexualidade, diversidade e suas interseccionalidades

Subtema: A constituição da identidade de gênero como um processo configurado subjetivamente

A Escuta Sensível e a Subjetividade do Ser Masculino:

Quem escuta os Meninos?

Maria Dolores dos Santos Vieira,

mariadolores@ufpi.edu.br

Resumo: Este trabalho é parte das experiências do Projeto de Extensão Cuidar em Escuta Sensível desenvolvido em uma universidade pública federal em Teresina-Piauí no ano de 2023. Tem como objetivo explorar a importância da escuta sensível na compreensão das experiências, desafios e perspectivas de jovens homens matriculados no Curso de Pedagogia. A metodologia adotada consiste na realização de rodas de conversa e sessões de escuta sensível com esses jovens homens universitários, utilizando uma abordagem qualitativa que valoriza a narrativa e a subjetividade dos participantes. Essas sessões foram conduzidas por profissionais voluntários especializados, incluindo pedagogas, psicopedagogas, psicólogas e advogadas, que atuaram como escutantes, promovendo um ambiente de confiança, acolhimento e empatia. As gravações dessas sessões foram submetidas à análise temática, com o objetivo de identificar padrões, categorias e questões recorrentes enfrentadas pelos jovens discentes, tanto no percurso acadêmico quanto na atuação em escolas, como bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e estagiários. A escuta sensível revelou a complexidade das vivências desses jovens, destacando temas relevantes como identidade de gênero, saúde mental, acolhimento nas escolas e o papel do homem na docência. Os relatos evidenciaram a necessidade de espaços de diálogo que promovam a compreensão empática, o reconhecimento das múltiplas identidades e a valorização das subjetividades, contribuindo para o fortalecimento do vínculo entre os estudantes, as instituições acadêmicas e o ambiente escolar. Além disso, os resultados reforçam a importância de valorizar as vozes masculinas na formação de futuros docentes, promovendo uma cultura de inclusão, respeito às diferenças e protagonismo juvenil.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como criar espaços que escutem e valorizem as vozes dos jovens masculinos no Curso de Pedagogia? Como acolher as subjetividades masculinas e docentes na universidade e na escola, promovendo uma formação mais humana e inclusiva?

Palavras-chave: escuta sensível; jovens; subjetividades.

Referências

BARBIER, R. A escuta sensível na abordagem transversal. In: BARBOSA, Joaquim (Coord.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação.** São Carlos: Editora da UFSCar, 1998, p. 168-99.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

NOVOA, António. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SILVA, Maria do Carmo; SANTOS, Rômulo. Juventude, educação e formação docente: desafios e possibilidades. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, n. 1, p. 45-62, 2021.

OLIVEIRA, Darlene. Escuta sensível e práticas pedagógicas na sociedade digital. **Revista Brasileira de Educação**, v. 24, n. 1, p. 45-62, 2019.

Eixo temático: A dimensão subjetiva de gênero, sexualidade, diversidade e suas interseccionalidades

Subtema: A constituição da identidade de gênero como um processo configurado subjetivamente

A Constituição Subjetiva da Identidade de Gênero:

Como se (des)constrói o feminino?

Maria Dolores dos Santos Vieira,

mariadolores@ufpi.edu.br

Resumo: Este trabalho é parte da prática docente universitária no Projeto de Extensão *Letramentos Literários: Temas Transversais nos Livros Infantis* desenvolvido no âmbito da Universidade Federal do Piauí no ano de 2023. Tem o objetivo de promover um espaço de reflexão crítica entre os discentes das Licenciaturas sobre as construções sociais e subjetivas que envolvem as identidades de gênero, destacando os atravessamentos históricos, culturais e emocionais que compõem a experiência de ser e estar no mundo como sujeito de gênero. A metodologia se configura como um exercício de escuta sensível, diálogo e mediação crítica, em que a literatura é tratada como ferramenta potente para o desenvolvimento de letramentos múltiplos e da consciência social. As atividades propostas aos licenciandos envolvem leitura orientada da obra *Menina não Entra* de Telma Guimarães, produção de textos reflexivos, rodas de leitura, de criação de metodologias sensíveis e análise interseccional dos temas discutidos, incorporando, também, perspectivas de classe, raça, sexualidade e geração. Dessa maneira, o projeto amplia a compreensão dos participantes acerca dos processos subjetivos e coletivos de constituição da identidade, ao mesmo tempo em que fomenta o respeito à diversidade e a construção de práticas docentes antidiscriminatórias. A relevância desta proposta está em reconhecer a literatura como um espaço de formação subjetiva e ética, capaz de deslocar verdades hegemônicas e contribuir para o desenvolvimento de uma educação transformadora e humanizadora. O trabalho propõe, assim, uma abordagem que entrelaça teoria crítica, prática pedagógica e experiência estética, articulando os saberes acadêmicos às vivências e inquietações dos sujeitos envolvidos na ação extensionista. De que forma a literatura pode atuar como um dispositivo de (des)naturalização das normas de gênero e de construção de subjetividades mais livres e diversas?

Palavras-chave: identidade de gênero; Subjetividade; literatura.

Referências

BARBIER, R. A escuta sensível na abordagem transversal. In: BARBOSA, Joaquim (Coord.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998, p. 168-99.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 54. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

NOVOA, António. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SILVA, Maria do Carmo; SANTOS, Rômulo. Juventude, educação e formação docente: desafios e possibilidades. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, n. 1, p. 45-62, 2021.

OLIVEIRA, Darlene. Escuta sensível e práticas pedagógicas na sociedade digital. **Revista Brasileira de Educação**, v. 24, n. 1, p. 45-62, 2019.

Eje temático: La dimensión subjetiva del género, la sexualidad, la diversidad y sus interseccionalidades

Subtema: La significación de la subjetividad en las prácticas profesionales relacionadas con el género, la sexualidad y la diversidad.

Subjetividad en tensión:

de la crítica epistémica a las prácticas micropolíticas en contextos de diversidad

Mariano Acciardi, Universidad de Buenos Aires, Facultad de Psicología,

mariano@acciardi.com.ar

Resumen: El sistema de dominación de género opera a partir de categorías universales, estableciendo dicotomías y jerarquizaciones a las que deben amoldarse los procesos subjetivos, produciendo formas estandarizadas de ser y saber. Frente a esta matriz moderna-colonial, emergen aproximaciones críticas, en especial desde epistemologías feministas de Abya-Yala, que invitan a un desplazamiento profundo del modo en que se concibe y se practica la psicología. En esta linea, la Epistemología Cualitativa plantea la necesidad de un giro epistémico en psicología: reintroducir la singularidad en el campo científico, rechazando como único modelo explicativo las categorías neutrales, asubjetivas y abstractas que excluyen las experiencias individuales, comunitarias, locales y culturales. Se trata de construir indicadores locales, grupales, comunitarios que permitan abrir zonas de inteligibilidad situadas. Es preciso abrir espacio a modos de comprensión, capaces de acompañar los despliegues creativos de la subjetividad en un contexto dado. Este desplazamiento abre paso a una propuesta que concibe la subjetividad desde una ontología de la potencia, donde lo simbólico, lo emocional y lo corporal son dimensiones fundamentales en la producción de sentido. Negri y Deleuze proponen una ontología de la potencia que concibe a la subjetividad como temporal, afectiva, corporal, imaginativa y en constante devenir. Esta concepción no se basa en estructuras fijas ni en atributos identitarios, sino en una potencia constitutiva en permanente proceso creativo. Desde una unidad simbólico-emocional, la imaginación, el cuerpo y los afectos dejan de ser residuos irracionales para ser reconocidos como dimensiones ontológicas fundamentales de producción. La maquinaria constitutiva de la singularidad reside en la producción creativa de sentidos subjetivos. La imaginación, el cuerpo, la emocionalidad y lo simbólico conforman una potencia vital para las transiciones ecológicas en el desarrollo de la subjetividad (Bronfenbrenner, 1987). Desde Merleau-Ponty (1957) hasta Rivera Cusicanqui (2018), el cuerpo ha sido pensado como núcleo de producción de sentido. Esta mirada permite imaginar, como condición de una psicología transformadora, estrategias corporales y performáticas como micropolíticas subjetivas (Bennett, 2022), capaces de conmover las cristalizaciones de poder cristalizada en categorías universales y trascendentes. Una ontología *ch'ixi* habilita prácticas

transformadoras impensables desde los marcos epistémicos moderno-coloniales.

Cuestión para el debate en el Grupo de Discusión Temática: ¿Cómo construimos una psicología ch'ixi que mantenga en tensión —sin reducirlas ni subsumirlas— las divergencias epistémicas entre los marcos de Abya-Yala y los saberes euro-nor-céntricos, habilitando una praxis transformadora y creativa de la subjetividad?

Palabras clave: ch'ixi, psicología, género

Referencias

BRONFENBRENNER, Urie. **La ecología del desarrollo humano**. España: Paidós Ibérica, 1987.

BENNETT, Jane. **Materia vibrante: una ecología política de las cosas**. Traducción de Maximiliano Gonnet. Buenos Aires: Caja Negra, 2022.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Un mundo ch'ixi es posible.** Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.

DELEUZE, Gilles. Sur Spinoza: Transcriptions de cours Vinvennes 1978-1981. **Inédito.** Disponible en: https://www.webdeleuze.com/textes/188. Acceso en: 28 jul. 2025.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenología de la percepción.** México: Fondo de Cultura Económica, 1957.

NEGRI, Antonio. L'anomalia selvaggia: potere e potenza in Baruch Spinoza. In: **Spinoza**. Roma: DeriveApprodi, 2006. p. 21–285.

Eixo temático: A dimensão subjetiva de gênero, sexualidade, diversidade e suas interseccionalidades

Subtema: A constituição da identidade de gênero como um processo configurado subjetivamente

Masculinidades e violência simbólica:

uma abordagem subjetiva sobre misoginia e desigualdade de gênero.

Maria Rita de Melo Portela, CEUB,

maria.portela@sempreceub.com

Mateus Brandão Lerbach, CEUB,

mateus.lerbach@gmail.com

Valéria Deusdará Mori, CEUB,

valeria.mori@ceub.edu.br

Resumo: A misoginia, enquanto fenômeno social e histórico, expressa-se de formas explícitas e sutis, atravessando discursos, práticas e instituições (Holland, 2010). A análise crítica dessas expressões demanda a superação de explicações reducionistas, como as biologizantes, reconhecendo o papel central das construções simbólicas e emocionais na conformação das relações de poder e violência de gênero (Butler, 2018; Beauvoir, 2016). No entanto, ainda há diversas possibilidades de intersecção das teorias feministas e queer com a Teoria da Subjetividade que permitiriam a compreensão de como as configurações subjetivas são marcadas pela misoginia, e como podem perpetuar violência e dominação. Além disso, é fundamental considerar que as formas de experienciar e produzir misoginia estão em constante atualização. Neste contexto, este estudo fundamentou-se na Teoria da Subjetividade, proposta por González Rey & Mitjáns Martínez (2017), que entende a subjetividade como um processo dinâmico, contínuo e constituído pelas experiências históricas, sociais e culturais vividas pelos indivíduos. No artigo proposto, gênero é concebido como configuração subjetiva social e individual, sendo institucionalizado por processos hegemônicos que normalizam a heteronormatividade compulsória (Butler, 2018; Scott, 1995), orientando diversas produções subjetivas. Diante disso, o objetivo desta pesquisa foi analisar como constituem-se os processos subjetivos de um homem, cisgênero e heterossexual no seu contexto de vida. Além disso, como esses processos subjetivos influenciam as suas relações e as suas percepções de mundo. Para isso, adotou-se uma abordagem qualitativa, baseada na Teoria da Subjetividade (González Rey & Mitjáns Martínez, 2017), e utilizou-se o método construtivo-interpretativo para analisar as experiências subjetivas de um homem cisgêneros e heterossexuais no seu contexto relacional. A escolha metodológica se deu pelo valor heurístico da Teoria da Subjetividade, o que

permite aprofundar na compreensão das dinâmicas subjetivas que podem produzir misoginia e seus possíveis efeitos psicossociais. Realizou-se um estudo de caso, que destacou a necessidade de compreender as dimensões individuais e sociais sendo perpassadas pelas masculinidades hegemônicas (Connell e Messerschmidt, 2013), pela violência de gênero e pelas emocionalidades, que vão constituindo os processos subjetivos. Assim, buscou-se superar explicações essencialistas, presentes amplamente nas percepções dos indivíduos. Evidenciamos que a perpetuação da desigualdade e da violência não se dão apenas por ações explícitas, mas por meio de processos simbólicos e emocionais que naturalizam e perpetuam essas violências. Percebemos, a partir desse estudo de caso, uma relação complexa que se tem entre as configurações subjetivas da família e as configurações subjetivas de gênero. O curso do processo subjetivo em que essas configurações subjetivas conversam e se produzem mutuamente destacam a maneira pela qual a reprodução de violências de gênero se perpetua intimamente, logo o contexto familiar do indivíduo não é responsável pela reprodução das violências, mas pode produzir sentidos subjetivos e configurações que fomentam as formas como este indivíduo relaciona-se com gênero. Evidenciamos que a misoginia constitui diferentes processos da subjetividade social e se configura em normas e práticas que afetam mulheres e homens. Compreender esses processos subjetivos torna-se fundamental ao pensar como a violência e a desigualdade de gênero constituem e se expressam na nossa sociedade.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como os conceitos de sentido subjetivo, configuração subjetiva, agente, sujeito, subjetividade individual e subjetividade social nos possibilitam tecer articulações com as teorias feministas, queer e de masculinidade hegemônica, que são tão presentes nos debates atuais?

Palavras-chave: masculinidade; gênero; subjetividade

Referências:

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CONNELL, Raewyn W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241–282, 2013. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014. Acesso em: [coloque a data de acesso].

GONZÁLEZ REY, Fernando Luís; MITJÁNS MARTÍNEZ, Alicia. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método.** Campinas: Alínea, 2017.

HOLLAND, Jack. **Una breve historia de la misoginia: el prejuicio más antiguo del mundo.** México: Oceano, 2010.

Eixo temático: A dimensão subjetiva de gênero, sexualidade, diversidade e suas interseccionalidades

Subtema: A subjetividade social, o agente e o sujeito: seu lugar nas condições deestigmatização e discriminação de gênero, sexualidade e diversidade

Dissidências de gênero e sexualidade no contexto universitário: a subjetividade social em foco

Natália Neiva Milhomens,

natalianeivapsi@gmail.com

Daniel Magalhães Goulart,

danielgoulartbr@gmail.com

Resumo: Esta apresentação debruça-se sobre resultados de uma pesquisa cujo objetivo foi compreender os processos subjetivos sociais relacionados às dissidências de gênero e sexualidade no contexto universitário atual, destacando a permanente inter-relação entre subjetividade social e individual. Com base na Teoria da Subjetividade em uma perspectiva histórico-cultural, partimos de críticas aos processos de normatização, patologização e fragmentação dos processos humanos, a fim de visibilizar de forma complexa os desafios e as possibilidades que emergem na vivência universitária da população sexo-gênero-diversa. Nesta perspectiva, o gênero e a sexualidade se expressam como configurações subjetivas individuais e sociais, que se organizam processualmente por meio de diversos tensionamentos entre produções subjetivas individuais e sociais, em um determinado contexto histórico-cultural. Por meio dessa perspectiva teórica, a universidade é entendida como um sistema subjetivo social, no qual várias configurações subjetivas sociais se entrelaçam por meio da linguagem, de discursos e das diferentes práticas relacionais que tomam forma nesse espaço institucional, assim como por meio das representações sociais hegemônicas implícitas em seu funcionamento institucional. Ao mesmo tempo, ressaltamos o papel de indivíduos e grupos sociais no tensionamento e desenvolvimento dessa subjetividade social por meio de suas configurações subjetivas históricas e atuais. A partir da Metodologia Construtivo-Interpretativa, apoiada nos princípios da Epistemologia Qualitativa, a pesquisa envolveu um trabalho de campo de 15 meses na Universidade de Brasília, desenvolvido por meio da construção de ações dialógicas em parceria com diferentes coletivos e grupos orientados a favorecer a convivência e a permanência da população universitária que vivencia dissidências de gênero e/ou sexualidade. Em contextos individuais e grupais, foram realizadas dinâmicas conversacionais que possibilitaram a construção de um modelo teórico explicativo sobre possibilidades e desafios que se configuram na subjetividade social da universidade no tocante às dissidências de gênero e sexualidade. O estudo visibiliza a materialidade em que diferentes níveis das subjetividades sociais,

que configuram a experiência da população sexo-gênero-diversa, se expressam singularmente na experiência universitária dessa população, destacando o caráter vivo, dinâmico e contraditório em que as dissidências de gênero e sexualidade se configuram nas vivências de diferentes indivíduos e grupos sociais que integram a universidade. Ao mesmo tempo em que enfatiza a importância da configuração de ações e relações educativas que expressem qualidades dialógicas orientadas a emergência de agentes e sujeitos em diferentes níveis da vida social. Nesse contexto, a emergência de grupos e pessoas enquanto sujeitos é fundamental para favorecer a produção de novos sentidos subjetivos sobre as vivências de gênero e sexualidade, tensionando sistemas simbólicos normativos dominantes que produzem diferentes entraves para a qualidade da vivência universitária da população sexo-gênero-diversa. Ao favorecer a emergência de indivíduos e grupos como agentes e sujeitos, o caráter educativo das relações e das práticas que constituem a universidade contribui para a mobilização de mudanças subjetivas sociais alternativas à universalização das experiências humanas e à anormalização das vivências dissidentes. Nesse sentido, favorece-se a abertura de caminhos de desenvolvimento subjetivo e social no tocante às dissidências de gênero e sexualidade.

Palavras-chave: Dissidências de gênero e sexualidade, subjetividade social, sujeitos individuais e sociais, desenvolvimento subjetivo.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como a Teoria da Subjetividade se diferencia de outras perspectivas para compreender os desafios e as contradições que emergem no contexto histórico-cultural atual – de certa polarização no tocante às questões de gênero e sexualidade?

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando. Advancing the topics of social reality, culture, and subjectivity from a cultural–historical standpoint: Moments, paths, and contradictions. **Journal of Theoretical and Philosophical Psychology**, [*S. l.*], v. 36, n. 3, p. 175-189, 2016.

GOULART, Daniel. A Teoria da Subjetividade como referencial crítico-propositivo: caminhos, inovações e desdobramentos. *In*: MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; TACCA, M. C. V. R.; PUENTES, R. V. **Teoria da Subjetividade como perspectiva crítica**: desenvolvimento, implicações e desafios atuais. Campinas: Alínea, 2022.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. Subjetividade Social: Desafios de um Conceito. *In*: MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; VALDÉS-PUENTES, Roberto; TACCA, Maria Carmen. **Teoria da Subjetividade**: discussões teóricas e metodológicas. Campinas: Alínea, p. 47-66, 2020.

Eixo temático: A dimensão subjetiva de gênero, sexualidade, diversidade e suas interseccionalidades

Subtema: A significação da subjetividade nas práticas profissionais relacionadas ao gênero, à sexualidade e à diversidade

Gênero, sexualidade e diversidade: diálogos entre a Psicologia Cultural Semiótica e a Teoria da Subjetividade

Ana Flávia do Amaral Madureira, Centro Universitário de Brasília – CEUB

ana.madureira@ceub.edu.br

Isabella Alves Alencar de Araujo, Universidade de Brasília - UnB

isabellaaalencar@gmail.com

Juliane Mesquita Obando, Universidade de Brasília - UnB

obando.juliane@gmail.com

Jordana Viana Carvalho Fonseca, Centro Universitário de Brasília – CEUB

jordanaviana.psi@gmail.com

Resumo: O presente trabalho, na modalidade de ensaio teórico, irá focalizar questões relativas ao eixo temático "A dimensão subjetiva de gênero, sexualidade, diversidade e suas interseccionalidades", a partir da construção de "pontes" entre duas perspectivas teóricas diferentes no campo da psicologia, mas que apresentam relevantes pontos de interface ainda pouco explorados: a psicologia cultural semiótica e a teoria da subjetividade. Por exemplo, consideramos que ambas perspectivas teóricas compartilham: (a) a compreensão da gênese cultural do psiquismo humano, ou seja, não há desenvolvimento psicológico tipicamente humano fora de contextos culturais específicos; (b) no que se refere à noção de sujeito, é destacado o papel ativo, criativo e intencional do sujeito, a partir de uma visão crítica tanto em relação às perspectivas deterministas como em relação às perspectivas essencialistas; e (c) é conferido especial destaque aos processos emocionais e simbólicos na constituição da subjetividade (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS, 2017; MADUREIRA; BRANCO, 2005). De forma mais específica, a discussão teórico-conceitual será ilustrada com exemplos empíricos extraídos de três pesquisas que adotaram como ponto de partida teórico a psicologia cultural semiótica e que utilizaram uma metodologia qualitativa de investigação (ARAUJO, 2020; FONSECA, 2018; OBANDO, 2021). Em sintonia com os compromissos éticos e sociais da psicologia, como ciência e campo de atuação profissional, as três pesquisas focalizaram questões de gênero, sexualidade e diversidade, na direção de contribuir com a desconstrução do sexismo e da LGBTQIAPN+fobia nas práticas cotidianas, especialmente nos contextos educativos. A pesquisa de Araujo (2020), ao analisar práticas pedagógicas comprometidas com a

valorização da diversidade sexual e de gênero, contribui para o diálogo proposto ao evidenciar como os processos de produção de sentidos são co-construídos em contextos educativos permeados por marcadores socioculturais e complexas dinâmicas afetivo-semióticas. Com isso, contribui com a compreensão da subjetividade como processo situado e relacional, tensionando normatividades e abrindo brechas para a emergência do sujeito e para a cocriação de práticas educativas mais inclusivas. No que se refere especificamente à transfobia, a pesquisa de Fonseca (2020) evidenciou que esse fenômeno psicossocial se sustenta em bases históricas, culturais, sociais e psicológicas enraizadas na sociedade brasileira. A transfobia manifesta-se por meio de fronteiras simbólicas rígidas e inflexíveis que mobilizam estratégias de exclusão, negação e eliminação de identidades percebidas como transgressoras e "ameaçadoras" ao sujeito, sendo os contextos educativos espaços essenciais de prevenção à violência. No que se refere à violência sexual em relação às mulheres, a pesquisa realizada por Obando (2020) analisou as suas interfaces com a educação sexual. Assim, foram analisados os "perigos" da ausência ou de uma educação sexual limitada nas escolas e a necessidade do desenvolvimento de uma educação sexual ampla, que aborde as diferentes facetas da sexualidade, como, por exemplo, os afetos, a diversidade sexual e a discriminação, na direção do combate à violência sexual contra as mulheres. Ao mobilizar aproximações entre perspectivas teóricas distintas no campo da psicologia, este ensaio aposta na articulação entre pesquisa, formação e práticas profissionais produzidas por psicólogos(as) como caminho para sustentar intervenções educativas comprometidas com a desconstrução do sexismo e da LGBTQIAPN+fobia.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como os(as) psicólogos(as), que atuam em diferentes contextos educativos, podem contribuir com o fortalecimento do compromisso ético-político da psicologia no que se refere ao enfrentamento do sexismo e da LGBTQIAPN+fobia?

Palavras-chave: pesquisa e prática profissional; desconstrução do sexismo; desconstrução da LGBTQIAPN+fobia.

Referências

ARAUJO, Isabella Alves Alencar. **Práticas pedagógicas e os estudos de gênero: a valorização da diversidade e a promoção de uma cultura de paz**. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Centro Universitário de Brasília, Brasília - DF, 2020.

FONSECA, Jordana Viana Carvalho. **Corpos (in)desejáveis: o fenômeno da transfobia a partir da perspectiva de pessoas trans e psicólogos/as**. Monografia (Curso de Psicologia), Centro Universitário de Brasília, Brasília - DF, 2018.

GONZÁLEZ REY, Fernando; MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas: Alínea Editora, 2017.

MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral; BRANCO, Angela Uchoa. A noção de sujeito na ciência psicológica: linguagem e constituição da subjetividade em

discussão. In: GONZÁLEZ REY, Fernando (Org.). **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. Editora Pioneira Thomson Learning, 2005. p. 127-153.

OBANDO, Juliane Mesquita. **Educação sexual: o papel da escola na prevenção da violência sexual contra as mulheres**. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Centro Universitário de Brasília, Brasília - DF, 2021.

Eixo temático: A dimensão subjetiva de gênero, sexualidade, diversidade e suas interseccionalidades

Subtema: A subjetividade social, o agente e o sujeito: seu lugar nas condições de estigmatização e discriminação de gênero, sexualidade e diversidade

Implicações Subjetivas na Saúde Mental de Universitários Trans

Sabrina Albuquerque Martins, Universidade de Brasília,
Sabrinaalbuquerquemartins@gmail.com

José Fernando Patino Torres, Universidade de Brasília,

jfpatinotorres@gmail.com

Resumo: Farias e Torres (2020) apontaram que uma trajetória acadêmica não depende somente de fatores físicos e financeiros, e sim de uma relação complexa entre processos individuais e processos sociais de forma que se entrelaçam. No caso de estudantes trans, essas camadas se complexificam, além de subnotificação de dados, apenas 0,3% da população trans está no ensino superior público (Antra, 2024), resultado de históricos de exclusão, violência e evasão escolar. Em suma, a vivência e convivência em um ambiente universitário vão ser compostas por processos subjetivos individuais como a família, redes de apoio, questões de identidade e processos subjetivos sociais como o momento que a universidade está passando, o período político, o tipo de curso além de uma pluralidade de outros aspectos relevantes. O objetivo dessa pesquisa é investigar vivências de pessoas trans dentro da universidade e implicações na sua saúde mental, incluindo suas relações e possíveis efeitos do ambiente acadêmico, para que seja possível agregar em uma política de inclusão e permanência subjetivada coberta pelo guarda-chuva da Teoria da Subjetividade de González Rey (González Rey, Mitjáns Martínez, 2017). A Teoria da Subjetividade tem caminhos possíveis onde o pesquisador se torna ativo dentro do campo e não é meramente alguém que extrai informações, além de dar maior liberdade para os participantes da pesquisa, pois estes podem criar novos sentidos e configurações subjetivas, processo que pode resultar em mudanças subjetivas significativas. Dentro deste estudo, que utiliza a metodologia construtiva interpretativa, foram feitas dinâmicas conversacionais, uma delas em articulação com o complemento de frases, com um estudante transmasculino não binário, a partir de tópicos como a solidão, a falta de apoio universitário, as lutas constantes para se reafirmar e as inseguranças emergentes no percurso formativo. A escassez de estudos sobre essa população, dentro da universidade, torna os avanços ainda mais demorados, pois os ambientes universitários apresentam significativas lacunas de inclusão, que demandam avaliação e intervenção (Lima, 2020). Com a chegada das cotas trans no cenário universitário, é urgente repensar a universidade para além do ingresso, identificando não só vulnerabilidades e fragilizações de estudantes trans, mas principalmente criando estratégias que sejam favorecedoras da permanência estudantil e do desenvolvimento subjetivo das

populações diversas. Pessoas transgênero já têm lidado com exclusão e negligência institucional criando coletivos, se reunindo para debater suas próprias vivências e indo além; o debate dentro de espaços trans não é mais sobre sobrevivência, mas sim sobre viver, considerando suas próprias subjetividades, da mesma forma deve ser na pesquisa. Nessa via, a pesquisa, quando concluída, poderá proporcionar algumas reflexões sobre novas formas de inclusão, o que implicaria repensar as políticas já existentes para essa população.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como apoiar universitários trans sem desconsiderar sua subjetividade durante sua jornada acadêmica para promover, prevenir e cuidar da saúde desse grupo não reforçando vulnerabilidades?

Palavras-chave: saúde mental; trans; universitários.

Referências

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS – ANTRA. **Nota técnica sobre ações afirmativas para pessoas trans e travestis e o enfrentamento da transfobia no contexto da educação superior.** [S. l.]: ANTRA, 2024. Disponível em: https://antrabrasil.org/wp-content/uploads/2024/09/nota-tecnica-antra-cotas-trans-2024.pdf. Acesso em: 24 abr. 2025.

FARIAS, Daniel; TORRES, José Fernando. A saúde mental dos estudantes da UFT - Câmpus de Miracema: sobre a mudança das normas de vida no início da vida universitária. **Desafios**, Palmas, v. 7, n. 1, p. 250–257, 2020. Acesso em: 29 jul. 2025.

GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método.** Campinas, SP: Alínea, 2017.

LIMA, Tatiane. Educação básica e o acesso de transexuais e travestis à educação superior. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 77, p. 70–87, set. 2020.

Eixo temático: A dimensão subjetiva de gênero, sexualidade, diversidade e suas interseccionalidades.

Subtema: A subjetividade social, o agente e o sujeito: seu lugar nas condições de estigmatização e discriminação de gênero, sexualidade e diversidade.

Considerações a partir da Dissertação de Mestrado “Autigênero:

Construindo novas compreensões de gênero a partir da subjetividade de pessoas autistas trans não binárias”

Serafim Lissa Koga,Universidade Federal do Paraná,

lissa.koga@gmail.com

Norma da Luz Ferrarini,Universidade Federal do Paraná,

normadaluz@ufpr.br

Resumo: A crescente visibilidade das temáticas de autismo, transgeneridade e identidades não binárias tem impulsionado importantes avanços teóricos e práticos na Psicologia e outras áreas do saber, contudo, as experiências de pessoas autistas trans não binárias permanecem amplamente negligenciadas no meio acadêmico, nas políticas públicas e nos serviços de assistência. Frequentemente, suas identidades são questionadas, sugerindo uma suposta incapacidade de compreender ou expressar o gênero de forma legítima, especialmente quando esta diverge de padrões pré-estabelecidos. Estudos recentes indicam uma prevalência significativamente maior de diagnósticos no Transtorno do Espectro Autista (TEA) entre indivíduos transgêneros e não binários, com 24% versus 5% na população cisgênera (Warrier et al., 2020), evidenciando a necessidade urgente de um olhar aprofundado para essa interseccionalidade. A dissertação de mestrado, que integra estudos de gênero e neurodiversidade, propõe uma ampliação da compreensão do conceito de gênero e suas vivências para além de suas concepções normativas e neurotípicas, desafiando modelos essencialistas e patologizantes. O objetivo central da pesquisa se baseou em construir entendimentos sobre as temáticas de diversidade de gênero e neurodesenvolvimento autista a partir da subjetividade de pessoas autistas trans não binárias, reconhecendo o "autigênero" como um termo para se referir à compreensão de gênero intrinsecamente conectada à experiência autista. Foi escolhida a Teoria da Subjetividade de Fernando González Rey e a metodologia qualitativa construtivo-interpretativa como base epistemológica e metodológica. Essa abordagem pôde trazer a compreensão da subjetividade de forma dinâmica, contextualizada e indissociável dos contextos socioculturais e históricos, superando dicotomias entre indivíduo e sociedade. A informação foi co-construída através de espaços conversacionais abertos de reflexão com os participantes, onde o pesquisador atua como coparticipante, permitindo a emergência de sentidos subjetivos e configurações subjetivas singulares, sem reduzi-los a categorias rígidas ou suas generalizações. A pesquisa destaca

como a constituição da identidade de gênero é um processo subjetivamente configurado e multifacetado, rejeitando a ideia de uma essência fixa. As narrativas de três participantes autistas trans não binários (Yksi, Supeesu e Tereza Mefisto) revelaram a fluidez, multiplicidade e agência na ressignificação de suas identidades, desafiando normas cisheteronormativas e a persistente patologização de suas existências. Eles emergem como sujeitos que, ao resistir e criar vias de inteligibilidade, transformam os sentidos hegemônicos de gênero, mesmo diante de estruturas fixas que tentam apagá-los, moldá-los e silenciá-los. Este estudo sublinhou a importância da escuta e envolvimento de pessoas autitransgêneras nas discussões que as afetam, promovendo uma percepção crítica sobre o discurso binário hegemônico de gênero. As contribuições buscaram não apenas enriquecer a Teoria da Subjetividade, mas também fornecer elementos para a transformação das práticas acadêmicas e profissionais em Psicologia, Saúde e Educação, alinhando-as ao princípio social "Nada sobre nós, sem nós", em prol de saberes mais atualizados em uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: De que formas a Teoria da Subjetividade pode preencher o vácuo conceitual de gênero, superando suas interpretações binárias e normativas, e considerando a diversidade polissêmica e a natureza construtivo-interpretativa das identidades de gênero, como suas variações autitransgêneras?

Palavras-chave: transgeneridade; autismo; subjetividade.

Referências

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. Brasiliense, 2008.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Editora José Olympio, 2018.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Editora Alínea, 2017.

SARTOR, A. G. **Somos viantes, construímos vias: não binariedade, configurações subjetivas e identidade**. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

WARRIER, Varun; GREENBERG, D. M.; WEIR, E.; BUCKINGHAM, C.; SMITH, P.; LAI, M. C.; ALLISON, C.; BARON-COHEN, S. Elevated rates of autism, other neurodevelopmental and psychiatric diagnoses, and autistic traits in transgender and gender-diverse individuals. **Nature Communications**, v. 11, n. 1, p. 3959, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1038/s41467-020-17794-1. Acesso em: 29 jul. 2025.

Eixo temático: A dimensão subjetiva de gênero, sexualidade, diversidade e suas interseccionalidades.

Subtema: A significação da subjetividade nas práticas profissionais relacionadas ao gênero, à sexualidade e à diversidade.

Relações sociais subjetivadas: Um diálogo entre a Teoria da Subjetividade e a Consubstancialidade em raça, classe social e sexo-gênero

Victor Hugo Brandão Meireles, Universidade Federal do Paraná

meireles0001@gmail.com

Norma da Luz Ferrarini, Universidade Federal do Paraná

normadaluzf@gmail.com

Resumo: O presente estudo propõe o desenvolvimento do conceito de ‘relações sociais subjetivadas’ como uma nova ferramenta de análise na Psicologia. Este conceito é fundamental para explorar a dimensão subjetiva das relações sociais, especificamente como elas são atravessadas pelos sistemas de raça, classe social e sexo-gênero, compreendidos em sua consubstancialidade. A consubstancialidade, preferida à interseccionalidade pela pesquisa de doutorado já defendida, aponta para o dinamismo e a propriedade essencial das relações sociais, que são irredutíveis umas às outras, co-constroem-se mutuamente e se manifestam nas práticas sociais como um "nó" de exploração, dominação e opressão. A categoria "sexo-gênero" abrange as subdemarcações de identidade de gênero e orientação sexual. A pesquisa se debruça sobre a complexidade das vivências humanas, especialmente da população preta LGBT+, abordando diretamente a diversidade. A problemática central que interliga a pesquisa ao eixo temático é: "De que formas as relações sociais consubstancializadas em raça, classe social e sexo-gênero implicam nas configurações subjetivas individuais e sociais?". A Teoria da Subjetividade de Fernando González Rey, que fundamenta o trabalho, compreende a subjetividade como um sistema complexo, processual, singular e dinâmico, uma qualidade da objetividade nos sistemas humanos produzidos cultural e historicamente. As experiências humanas são singularmente unificadas simbólica e emocionalmente, constituindo e desenvolvendo subjetividades individuais e sociais. A pesquisa foca na produção de sentidos subjetivos, que são a unidade simbólico-emocional que emerge de toda experiência humana, e na organização desses sentidos em configurações subjetivas. A centralidade das emoções é destacada, pois os sistemas de raça, classe e sexo-gênero atuam como demarcadores onde o aspecto emocional é crucial para a organização das configurações subjetivas. Em relação ao Subtema: A significação da subjetividade nas práticas profissionais, o estudo visa ampliar a compreensão do processo complexo de desenvolvimento da subjetividade, que "coloca importantes desafios para a pesquisa e a prática profissional voltadas às mudanças subjetivas". Ao investigar como as relações sociais

consubstancializadas constroem a subjetividade, a pesquisa oferece novas zonas de inteligibilidade. Esse aprofundamento é crucial para a Psicologia Histórico-cultural, permitindo que as práticas profissionais relacionadas a gênero, sexualidade e diversidade se afastem de visões naturalizadas, universalizadas ou fragmentadas. A compreensão de que o sujeito tem capacidade de subjetivação de sua vivência e de gerar alternativas frente à experiência vivida, mesmo diante de tensões com o social normativo, é vital para profissionais que buscam promover a emancipação e transformação da realidade. Ao reconhecer o caráter subversivo da subjetividade e sua irredutibilidade a fórmulas universais, a pesquisa fornece subsídios para práticas profissionais mais éticas e complexas, capazes de considerar a historicidade e a singularidade das configurações subjetivas de pessoas negras LGBT+, e os processos de sofrimento e resistência. O estudo, portanto, contribui para uma prática profissional que entenda a complexidade das dinâmicas das desigualdades sociais em suas manifestações subjetivas individuais e sociais.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: De que formas as relações sociais consubstancializadas em raça, classe social e sexo-gênero implicam nas configurações subjetivas individuais e sociais?

Palavras-chave: subjetividade; consubstancialidade; relações sociais subjetivadas

Referências

FALQUET, J. Repensar as relações sociais de sexo, classe e “raça” na globalização neoliberal. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 13, n. 1/2, p. 121–142, 2008.

GONZÁLEZ REY, F. O valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica. In: GONZÁLEZ REY, F. (org.). **Subjetividade complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005b p. 27-51.

GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas: Alínea, 2017.

KERGOAT, D. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. **Novos Estudos - CEBRAP**, n. 86, p. 93–103, mar. 2010.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A. Subjetividade social: desafios de um conceito. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; TACCA, M. C. V. R.; PUENTES, R. V. **Teoria da Subjetividade: discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional**. Campinas, SP: Alínea. 2020. p. 47-66.

EIXO TEMÁTICO 5.

A SUBJETIVIDADE E OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES E DE OUTROS PROFISSIONAIS

Eixo temático: A subjetividade e os desafios contemporâneos na formação de professores e de outros profissionais

Subtema: A significação da subjetividade nas práticas formativas profissionais

A subjetividade social da escola e suas implicações na formação continuada dos professores

Bruno de Oliveira Sales Mota, Universidade Estadual do Ceará – UECE

oliveira.mota@uece.br

Geandra Cláudia Silva Santos, Universidade Estadual do Ceará – UECE | geandra.santos@uece.br

Resumo: A formação de professores encontra na instituição escolar um espaço propício. Para Garcia (1999), a formação de professores se constitui um processo contínuo, sistemático e organizado que abrange toda carreira docente. A escola é um dos espaços-tempos significativos à sua formação, pois, nela, vivencia-se a docência, pode-se aprimorá-la e se vincular emocionalmente à profissão. Assim, os docentes encontram na escola um espaço de formação continuada (Nóvoa, 2019) que, por sua vez, está enleada à subjetividade social dessa instituição. Para González Rey (2003), a subjetividade social se apresenta nas representações sociais, mitos, crenças, moral, sexualidade nos diferentes espaços em que vivem as pessoas, constituída por discursos e produções subjetivas, se expressa em aspectos objetivos e se articulam no funcionamento social e na formação da subjetividade individual. Vale ressaltar que a constituição da subjetividade do professor é, por vezes, menosprezada ou renegada no cotidiano escolar e nos processos de formação inicial e continuada (Rossato, Matos, Paula, 2018), bem como a subjetividade social dos espaços formativos. O objetivo da pesquisa em delineamento é analisar como a subjetividade social de um espaço formativo, como a escola, implica a subjetividade individual do professor, e pode mobilizar mudanças na sua prática. Pensamos em desenvolver esse objetivo, considerando o contexto da inclusão escolar de estudantes com deficiência. O referencial teórico fundamenta-se na Teoria da Subjetividade (González Rey, 2003; Mitjáns Martínez, González Rey, 2017) e em estudiosos do campo da formação de professores. As categorias da TS que ganham centralidade na pesquisa são: configuração subjetiva da ação, subjetividade social da escola, agente e sujeito. A pesquisa será orientada pela Epistemologia Qualitativa e desenvolvida por meio da Metodologia Construtivo-Interpretativa. O campo de estudo será uma escola pública de ensino fundamental em Fortaleza - Ceará, e os participantes serão professores que ensinam a estudantes com deficiência.

Questão para o debate: Como a subjetividade social dos espaços formativos, como a escola, pode implicar a subjetividade individual do professor e mobilizar mudanças na sua prática?

Palavras-chave: subjetividade social; subjetividade individual; formação continuada de professores.

Referências

GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de professores: para uma mudança educativa.** Porto: Porto, 1999.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

ROSSATO, Maristela; MATOS, Jonas Filippe; PAULA, Ribanna Martins de. A Subjetividade Do Professor E Sua Expressão Nas Ações E Relações Pedagógicas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 34, 2018.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Psicologia, Educação e Aprendizagem Escolar: avançando nas contribuições da leitura cultural-histórica.** São Paulo: Cortez, 2017.

NÓVOA, António. Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, e84910, 2019.

Eixo temático: A subjetividade e os desafios contemporâneos na formação de professores e de outros profissionais

Subtema: A formação profissional como processo de mudança e desenvolvimento subjetivo.

O Cuidado na Prática Educativa em Psicologia e Educação:

experiências na formação em Pedagogia

Clara Maria Miranda de Sousa, Universidade do Estado da Bahia,
clarasousa.psico@gmail.com

Resumo: Este resumo tem como objetivo relatar a experiência docente vivenciada nas disciplinas de Psicologia e Educação I e II no curso de Pedagogia do Departamento de Ciências Humanas – Campus III da Universidade do Estado da Bahia, tendo o cuidado como centralidade da prática educativa. O conceito de cuidado se insere na perspectiva da formação em Pedagogia, visando mudanças quanto ao modo de ser e de agir, de maneira a não somente absorver cognitivamente os conteúdos desses componentes, mas também socioafetivamente, desenvolvendo posturas e práticas que aproximem as pessoas, superando relações meramente instrumentalizadas e objetivantes. Do latim, o termo cuidado está remetido a “cogitare – cogitatus”, relacionados a interesse por outros e disposição de ação para com as pessoas (Boff, 2004). Para tanto, buscamos relacionar os aspectos dos estudos sobre o conceito de cuidado a partir de Boff (2004), a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural de Vygotsky (2007), a prática educativa pensada por Freire (2019), os aspectos metodológicos de compreensões subjetivas de González Rey (2003). Junto aos estudantes de Pedagogia as vivências educativas foram mobilizadas com técnicas individuais e grupais relacionando os conteúdos com a prática. O diálogo na prática educativa a partir das reflexões de Freire, contribuiu para trocas de saberes, construindo conjuntamente conhecimento, assim como despertando a consciência crítica. Foram desenvolvidas estratégias que envolvessem os estudantes para temas emergentes da atualidade, como uma produção de curtas-metragens articulando etapas do desenvolvimento humano. Nessa atividade, os estudantes produziram os curtas, a partir de temas sobre as diferentes subjetividades na vida, elencando: o gênero nas brincadeiras infantis, gravidez na adolescência, o ser mulher na vida adulta e as relações na velhice. Outra produção que levou os estudantes a construção de pensamento crítico foram rodas de conversas, em que discutiram temas como: violência escolar, bullying e cyberbullying, álcool e drogas no contexto educacional, morte e luto com atores escolares, indisciplina, fracasso escolar, abuso com crianças e adolescentes. Durante as atividades, os estudantes foram instigados a pensarem sobre a realidade e os

desafios de ser pedagogo(a) com papel relevante para o desenvolvimento humano. O cuidado na prática educativa como docente, se mostra a partir do constante diálogo com os estudantes, os processos de planejamento e avaliação, a motivação nas atividades, a vivenciarem momentos de reflexão em torno das próprias vivências. Estes aspectos vão de encontro com a Teoria da Subjetividade articulada por González Rey (2003), que considera o ser humano constituído de pensamento, linguagem e emoção, construindo sua subjetividade nas relações e na participação social em seu meio. Vygotsky (2007) nos indica que através da dialética o indivíduo desempenha um papel social, cultural e histórico nas contínuas ações em que está envolvido. O cuidado na prática educativa dos componentes de Psicologia e Educação com os estudantes de Pedagogia, nos indicam que a formação precisa ter sentido em suas vivências relacionando teoria e prática pautado na ética, problematizando situações, levando-os a pensarem em possíveis soluções, mas especialmente nas possibilidades de pensar a formação com olhar atento ao que o mundo apresenta.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: O espaço universitário muitas vezes tem sido campo de disputas e competição, levando a constantes sistemas de produtividade com intuito de maior quantidade do que qualidade. Como o cuidado na formação profissional pode se apresentar nas práticas educativas como possibilidade de construções subjetivas com ética e criticidade perante a realidade?

Palavras-chave: cuidado; formação de professores; pedagogia; psicologia.

Referências

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 74ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

REY, Fernando Luís González. **Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Thomson Learning, 2003.

VYGOTSY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Eixo temático: A subjetividade e os desafios contemporâneos na formação de professores e de outros profissionais

Subtema: A formação profissional como processo de mudança e desenvolvimento subjetivo

Investigação, Autoria e Subjetividade: análises e contribuições de um movimento coletivo de produção de saberes docentes

Elias Batista dos Santos

edrsantos@gmail.com

Elisângela Duarte Almeida Mundim

elisdamundim@gmail.com

Kátia Regina do Carmo Pereira

katiaregina.dcp@gmail.com

Resumo: Este trabalho analisa a experiência de desenvolvimento pessoal e profissional vivenciada por um grupo de estudos composto por três professores/orientadores e alguns docentes que atuam na educação básica e no ensino superior, reunidos com o objetivo comum de investigar suas práticas pedagógicas exitosas à luz da Teoria da Subjetividade de González Rey. A proposta surgiu da necessidade de discutir a formação docente como um processo vivo, autoral e investigativo, em que a subjetividade é tomada como eixo teórico, metodológico e ético. O grupo se constitui como um espaço de diálogo e escuta, em que a leitura teórica, as reflexões coletivas e as experiências singulares de cada docente se entrelaçam na produção conjunta de novos sentidos sobre o fazer pedagógico. A metodologia de funcionamento adotada pelo grupo articula encontros quinzenais, leituras compartilhadas, debates, trocas de experiências e a escrita de capítulos autorais que comporão um livro coletivo. O esboço da próxima obra a ser lançada está estruturado em três eixos principais: (1) práticas educacionais voltadas ao desenvolvimento de estudantes com necessidades específicas; (2) participação estudantil e produção de sentido no cotidiano escolar; e (3) formação docente e ensino em diálogo com a subjetividade. Cada professor participante é autor de um capítulo em que narra e analisa uma prática exitosa vivenciada em sua atuação profissional, utilizando as lentes teóricas da subjetividade para compreender e produzir novos sentidos subjetivos que emergem na complexidade de contextos educacionais diversos. A Teoria da Subjetividade, compreendida como campo simbólico-emocional constituído nas relações sociais, oferece ao grupo de estudo uma epistemologia que valoriza a experiência, a pesquisa, o conflito e a produção de sentido. Nesse processo contínuo, os docentes se reconhecem como sujeitos da sua própria formação, elaborando suas

trajetórias a partir de múltiplas dimensões: afetivas, institucionais, políticas e históricas, que atravessam o cotidiano escolar. Nesta perspectiva, o grupo tem se configurado como um espaço fértil em que emergem desenvolvimento subjetivo, autoria e emancipação, em contraponto às formas normativas e prescritivas que ainda marcam a formação docente. Fundamentando-se na Teoria da Subjetividade de González Rey, que compreende a formação humana como um processo simbólico-emocional, histórico e relacional, este trabalho reconhece a docência como um espaço de produção subjetiva constantemente atravessado por desafios sociais, institucionais e culturais. Em um cenário contemporâneo marcado por instabilidades como transformações no mundo do trabalho, precarização das condições laborais e o esvaziamento do sentido da profissão docente, torna-se urgente repensar os modos de ser, saber e ensinar. Diante disso, este trabalho propõe a seguinte questão para reflexão: Como experiências formativas baseadas na subjetividade, na autoria e na investigação podem contribuir para ressignificar a formação docente em contextos de mudança?

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como experiências formativas baseadas na subjetividade, na autoria e na investigação podem contribuir para ressignificar a formação docente em contextos de mudança?

Palavras- chave: subjetividade; formação docente; autoria.

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando L. **Comunicación, personalidad y desarrollo.** Playa, La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1995.

GONZÁLEZ REY, Fernando L. **O social na psicologia e a psicologia social – a emergência do sujeito.** Tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; NEUBERN, Maurício; MORI, Valéria D. (org). **Subjetividade contemporânea: discussões epistemológicas e metodológicas.** Campinas, SP: Alínea, 2014.

MITJÁNS MARTIÍNEZ, Albertina; TACCA, Maria Carmen V. R.; PUENTES, Roberto V. (org.). **Teoria da subjetividade: discussões teóricas e metodológicas e implicações na prática profissional.** Campinas, SP: Alínea, 2020.

SANTOS, Elias B.; MUNDIM, Elisângela D. A.; PEREIRA, Kátia Regina C. (org.). **Projetos exitosos em escolas públicas: um olhar a partir da teoria da subjetividade.** Curitiba: CRV, 2022.

Eixo temático: A subjetividade e os desafios contemporâneos na formação de professores e de outros profissionais

Subtema: A formação profissional como processo de mudança e desenvolvimento subjetivo.

A Coordenação Pedagógica como Espaço de Desenvolvimento Profissional Docente: Uma Abordagem a partir da Teoria da Subjetividade e da Epistemologia Qualitativa

Elias Batista dos Santos

edrsantos@gmail.com

Resumo: O lócus da coordenação pedagógica tem sido objeto de diversas pesquisas (Santos, 2006; Araújo, 2010; Mundin, 2011; Da Silva, 2018; Vieira; Coelho, 2020; Miranda; Paula, 2023), pois se configura como um espaço estratégico para a melhoria da prática pedagógica. No entanto, mesmo com sua relevância reconhecida, ainda persiste no cotidiano escolar uma lacuna significativa: a subutilização intencional desse espaço como parte integrante do processo formativo docente, especialmente no que diz respeito à formação continuada e à construção da profissionalidade. A formação docente tradicional, muitas vezes, ancora-se em conteúdos desconectados do contexto escolar, negligenciando o que fazer cotidiano e a relação afetivo-cognitiva que constitui o processo de aprendizagem (Mitjáns Martínez; González Rey, 2017). Essa dinâmica reforça a hipótese de que a simples disponibilização de espaços físicos para formação não é suficiente; é necessário que se construa um sentimento de pertencimento entre os docentes, fomentando uma cultura de formação contínua e colaborativa no ambiente escolar. Este trabalho teve como objetivo ressignificar a utilização intencional do espaço da coordenação pedagógica em uma escola pública. A pesquisa foi desenvolvida em duas escolas públicas de Ensino Médio no Distrito Federal (Escola-A e Escola-B), com a formação de dois grupos de professores. Esses encontros semanais eram voluntários e tinham como foco a (re)organização do trabalho pedagógico, privilegiando: 1) A produção intelectual intrínseca à atividade docente; 2) A relação afetivo-cognitiva no processo de qualificação profissional; 3) O compartilhamento de ideias e produções subjetivas. A metodologia adotada foi inspirada na Epistemologia Qualitativa (Mitjáns Martínez; González Rey, 2017), que privilegia uma análise construtivo-interpretativa e dialógica. Foram utilizados instrumentos como: Complemento de frases (para captar significados subjetivos); Dinâmicas Conversacionais (para fomentar diálogos entre os participantes). O processo interpretativo indicou que a produção do sentimento de pertencimento está intrinsecamente ligada à (re)organização colaborativa do trabalho docente e à relação afetivo-cognitiva que permeia o planejamento pedagógico. Esse processo, quando vivenciado de forma dialógica e recursiva, pode impulsionar uma transformação autotransformadora no desenvolvimento pessoal e profissional dos docentes.

Dentre os principais achados, destacam-se: 1) A importância das dinâmicas conversacionais – A comunicação criativa no espaço da coordenação pedagógica favoreceu a troca de ideias e a construção coletiva de soluções, em contraste com reuniões burocráticas e fragmentadas; 2) A interdependência entre prática pedagógica e produção subjetiva – As experiências em sala de aula foram integradas como fontes de reflexão crítica, gerando situações de estudo contextualizadas; 3) A construção de uma ambiência colaborativa – Os docentes se perceberam como protagonistas do próprio desenvolvimento, compartilhando desafios e soluções de forma mútua. Como boas práticas para a coordenação pedagógica, evidenciou-se: Priorizar a comunicação criativa em vez de reuniões centradas em informes burocráticos; Construir situações de estudo a partir das necessidades reais dos docentes; Fomentar uma relação democrática de ajuda mútua.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como os princípios da Teoria da Subjetividade de González Rey podem contribuir para que coordenação pedagógica se constitua como um lugar fértil de possibilidades para o desenvolvimento pessoal e profissional?

Palavras-chave: subjetividade; formação docente; coordenação pedagógica.

Referências

ARAÚJO, C. P. **O trabalho conjunto entre docentes: uma possibilidade de mudanças na prática pedagógica.** 2010. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

DA SILVA, Sonaly Carvalho de Miranda. COORDENAÇAO PEDAGÓGICA E SEUS ELEMENTOS FUNDAMENTAIS. **Revista de la Escuela de Ciencias de la Educación**, [S. l.], v. 1, n. 13, 2018. DOI: 10.35305/rece.v1i13.323. Disponível em: Acesso em: 01 fev. 2024.

MIRANDA, Maria Irene; PAULA, Daniela Silva de. Coordenação pedagógica e professoras dos anos iniciais do ensino fundamental: desafios e possibilidades. **Ensino em Re-Vista**, [S. l.], v. 30, n. Contínua, p. e010, 2023. DOI: 10.14393/ER-v30a2023-10. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/70159. Acesso em: 01 fev. 2024.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica**. São Paulo: Cortez, 2017.

MUNDIM, Elisângela Duarte Almeida. **A constituição do sujeito coordenador pedagógico: processos e interações.** 2011. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

SANTOS, Elias Batista dos. **Formação contínua do professor de ciências: pesquisa colaborativa na construção de uma proposta de coordenação pedagógica reflexiva**. 2006. 209 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências) – Universidade de Brasília (UnB), 2006.

VIEIRA, Andreia dos Santos Gomes; COELHO, Cristina Massot Madeira. A coordenação pedagógica como espaço sociorrelacional: subjetividade, trabalho pedagógico e educação infantil. **Revista Educação em Debate**, Fortaleza (CE), ano 42, n. 82, p. 9-20, maio/ago. 2020. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/54627. Acesso em: 01 fev. 2024.

Eixo temático: A subjetividade e os desafios contemporâneos na formação de professores e de outros profissionais

Subtema: A formação profissional como processo de mudança e desenvolvimento subjetivo

Movimentos da Ação Docente: Recursos Subjetivos e a Produção de Saberes Pedagógicos

Elisângela Duarte Almeida Mundim – SEEDF,

elisdamundim@gmail.com

Maria Carmen Villela Rosa Tacca – FE/UnB,

mctacca@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa de doutorado vinculada a Faculdade de Educação UnB desenvolvida à luz da Teoria da Subjetividade de González Rey, com foco na formação profissional como processo de mudança e desenvolvimento subjetivo. O objetivo foi compreender como os saberes pedagógicos são produzidos a partir das experiências docentes e como o movimento da ação pedagógica constitui-se em espaço de autoria e emergência de sentidos subjetivos (González Rey, 2003, 2004). A pesquisa envolveu três profissionais da educação pública do Distrito Federal, sendo uma coordenadora pedagógica, uma professora regente dos anos iniciais e uma formadora de professores, que atuavam simultaneamente em uma escola pública, em um curso de formação continuada e em um grupo de pesquisa universitário. A investigação adotou os princípios da Epistemologia Qualitativa, com foco na construção interpretativa das informações (González Rey, 2002, 2005). A análise evidenciou que a produção de saberes pedagógicos não se reduz à aplicação técnica de conhecimentos, mas emerge da relação dinâmica entre os sujeitos e seus contextos de atuação. Essa produção ocorre no entrelaçamento entre o vivido e o pensado, no qual entram em jogo crenças, desejos, emoções, enfrentamentos e reflexões, elementos que compõem os sistemas subjetivos organizadores da prática docente. As experiências analisadas mostram que o ato de ensinar se dá de forma processual e não-linear, constituindo-se num campo de decisões e reinvenções marcadas por tensões institucionais, sociais e históricas. O saber pedagógico se manifesta como produção subjetiva, articulada às condições simbólicas e emocionais dos sujeitos que habitam o espaço escolar. A pesquisa também evidenciou que o empobrecimento da prática pedagógica ocorre quando a docência é conduzida por prescrições estáticas e rotinas desprovidas de reflexão, comprometendo o protagonismo e a autoria dos professores sobre sua ação educativa. Por outro lado, quando os docentes assumem uma postura investigativa, reflexiva e criadora, ressignificam suas experiências e produzem conhecimentos que transformam o cotidiano escolar. O processo formativo, nesse sentido, não é um acúmulo de técnicas ou métodos, mas um espaço de construção subjetiva que exige envolvimento afetivo, criticidade e abertura à

imprevisibilidade do real. O desenvolvimento subjetivo (González Rey; Mitjáns Martínez, 2019) se dá na implicação do sujeito com o fazer pedagógico, revelando-se na singularidade dos sentidos que são atribuídos às práticas, às relações e às proposições que emergem da ação docente. Dessa forma, reafirma-se a formação docente como espaço de produção de sentidos, onde os professores são sujeitos da construção de saberes pedagógicos, atravessados por suas histórias, vínculos, desafios e potencialidades. No entanto, essa perspectiva encontra desafios significativos diante das exigências normativas e das padronizações que ainda estruturam o cotidiano das escolas públicas, o que nos convida a refletir sobre como sustentar processos formativos que favoreçam a autoria e a produção subjetiva dos saberes docentes em meio a tais limitações e pressões institucionais.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como sustentar processos formativos que favoreçam a autoria e a produção subjetiva dos saberes docentes diante das exigências e padronizações que ainda marcam o cotidiano das escolas públicas?

Palavras-chave: Formação docente; Subjetividade; Saberes pedagógicos.

Referências:

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhas e desafios**. São Paulo: Thomson, 2002.

GONZÁLEZ REY, F. **Sujeito e Subjetividade.** São Paulo, Thomson, 2003.

GONZÁLEZ REY, F. **O social na psicologia e a psicologia no social: a emergência do sujeito**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos da construção da informação**. São Paulo: Thomson, 2005.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. A preparação para o exercício da profissão docente: contribuições da Teoria da Subjetividade. In: ROSSATO, Maristela; PERES, Vannúzia Leal Andrade (Org.). **Formação de educadores e psicólogos: contribuições e desafios da subjetividade na perspectiva cultural-histórica**. Curitiba: Appris, 2019. p. 13–46.

Eixo temático: A subjetividade e os desafios contemporâneos na formação de professores e de outros profissionais.

Subtema: A significação da subjetividade nas práticas formativas profissionais**.**

A observação e o registro pedagógicos como contextos de aprendizagens do professor

Valdívia de Lima Pires Egler, SEEDF,

eglerval@gmail.com

Albertina Mitjáns Martínez, Universidade de Brasília,

amitjans49@gmail.com

Resumo: A observação e o registro pedagógico têm sido valorizados na Educação Infantil, tanto para comunicar o processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças quanto para planejar ações pedagógicas. Para além dessa função comunicativa, estudos reconhecem seu potencial como contextos de desenvolvimento profissional docente, ao favorecerem processos reflexivos contínuos sobre a ação pedagógica. No entanto, sua consolidação no cotidiano escolar enfrenta desafios, especialmente quanto à compreensão institucional de que observar e registrar não é apenas documentar fatos, mas construir subsídios para planejar intencionalmente situações de aprendizagem. Com base nessa problemática, este trabalho apresenta um recorte de uma pesquisa de doutorado desenvolvida entre 2019 e 2021, envolvendo a imersão da pesquisadora no cotidiano de uma professora de Educação Infantil da rede pública. A pesquisa analisou como práticas de observação e registro se constituíram como espaços de aprendizagem para essa professora no contexto da ação pedagógica. Fundamentou-se na Teoria da Subjetividade (González Rey, 1997; González Rey; Mitjáns Martínez, 2017) e na perspectiva da aprendizagem informal de professores (Kyndt, Gijbels; Grosemans, et al, 2016), com base na Epistemologia Qualitativa e na Metodologia Construtivo-interpretativa (González Rey, 1997; González Rey; Mitjáns Martínez, 2017). As informações foram construídas a partir de dinâmicas conversacionais, registros reflexivos da participante e observações da pesquisadora. Os resultados evidenciam que a implicação da professora com o projeto político-pedagógico da escola e sua relação afetiva com os estudantes mobilizaram aprendizagens relacionadas à observação e ao registro, tais como: reconhecer a importância de observar os estudantes durante a ação pedagógica; utilizar as informações produzidas para planejar novas ações; e desenvolver estratégias para viabilizar os registros no cotidiano escolar. A análise aponta para a emergência da professora como sujeito em suas ações pedagógicas, aspecto fundamental na constituição de aprendizagens profissionais. Ao compreender a ação pedagógica como espaço gerador de aprendizagens para os próprios professores, o estudo contribui para os debates sobre formação docente no cotidiano escolar, especialmente em relação à

observação e ao registro como práticas formativas, e defende a valorização de iniciativas institucionais que promovam espaços coletivos de reflexão e escuta docente.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como a escola pode favorecer o reconhecimento da subjetividade docente, contribuindo para constituição de processos formativos mais autônomos e críticos?

Palavras-chave: Aprendizagem docente; Ação pedagógica; Subjetividade.

Referências

GONZÁLEZ REY, F. L. **Epistemologia cualitativa y subjetividad**. Playa, Ciudad de La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1997.

GONZÁLEZ REY, F. L.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade**: **teoria, epistemologia e método**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.

KYNDT, E.; GIJBELS, D.; GROSEMANS, I.; DONCHE, V. Teachers' Everyday Professional Development: Mapping Informal Learning Activities, Antecedents, and Learning Outcomes. **Review of Educational Research**, v. 86, n. 4, p. 1111-1150, Dec. 2016.

Eixo temático: A dimensão subjetiva da aprendizagem escolar.

Subtema: O operacional, o subjetivo e o relacional como dimensões interrelacionadas na aprendizagem escolar

A escrita como prática subjetiva na formação de pesquisadoras

Valdívia de Lima Pires Egler, SEEDF,

eglerval@gmail.com
Luciana da Silva Oliveira Lemes, SEEDF,

luciana.lemes@gmail.com

Resumo: A escrita acadêmica na pós-graduação ultrapassa o domínio de normas técnicas, apresentando-se como uma experiência atravessada por processos subjetivos. Muitos estudantes ingressam em mestrado e doutorado com lacunas na formação para pesquisa e escrita científica, o que pode gerar sentimentos de inadequação, bloqueios criativos e dificuldades em manter o percurso investigativo. Nesse contexto, o *Pesquisa na Roda* é um serviço de acompanhamento acadêmico que oferece apoio à escrita científica, promovendo uma abordagem colaborativa da produção do conhecimento. A pesquisa visa investigar como a participação no *Pesquisa na Roda* favorece o desenvolvimento de processos subjetivos ligados à formação de pesquisadoras, considerando os sentidos produzidos pelas participantes durante o acompanhamento. O referencial teórico adotado é a Teoria da Subjetividade na perspectiva cultural-histórica, que compreende a subjetividade como uma forma complexa de expressão do psiquismo em todos os processos humanos, em sua condição histórica, cultural e social. Destaca-se o papel das emoções, que, em unidade com processos simbólicos, permitem que as pessoas produzam sentidos sobre o mundo vivido (González Rey; Mitjáns Martínez, 2019). A formação de pesquisadoras é concebida como uma experiência dinâmica e singular, marcada por contradições, conflitos e mudanças. Metodologicamente, a pesquisa apoia-se na Epistemologia Qualitativa e na Metodologia Construtivo-Interpretativa (González Rey, 1997; González Rey; Mitjáns Martínez, 2019), sustentadas por três princípios: a produção de conhecimento a partir das construções interpretativas do pesquisador; o reconhecimento do singular como espaço legítimo de produção de conhecimento científico; e a comunicação e o diálogo como eixos orientadores. Os instrumentos contemplam dinâmicas conversacionais e produções escritas espontâneas ou orientadas, realizadas no contexto dos acompanhamentos do *Pesquisa na Roda*. A análise ocorrerá por meio da construção de indicadores e hipóteses interpretativas, que permitam compreender produções subjetivas relacionadas à experiência da escrita e à constituição de posicionamentos próprios pelas participantes. Espera-se que os resultados ampliem a compreensão sobre como espaços relacionais e de apoio técnico-científico podem favorecer o engajamento na escrita acadêmica e a construção de trajetórias mais autorais na formação de pesquisadoras.

Além disso, pretende-se fornecer subsídios teórico-metodológicos para outras iniciativas de acompanhamento que valorizem pesquisadoras em sua integralidade, reconhecendo a escrita como prática subjetiva.

Questão para debate no Grupo de Discussão Temática: Como os processos formativos na pós-graduação podem contribuir para a constituição de posturas mais autorais e críticas por parte de pesquisadoras?

Palavras-chave: Pesquisa científica; Subjetividade; Formação acadêmica.

Referências:

GONZÁLEZ REY, F. L. **Epistemologia cualitativa y subjetividad.** Playa, Ciudad de La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1997.

GONZÁLEZ REY, F. L. Subjectivity as a New Theoretical Epistemological, and Methodological Pathway Within Cultural-Historical Psychology. In: GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GOULART, D. M. **Subjectivity within cultural-historical approach:** theory, methodology and research, perspectives in cultural-historical research, 5, 2019. p. 21-36.

Eixo temático: A subjetividade e os desafios contemporâneos na formação de professores e de outros profissionais

Subtema: A significação da subjetividade nas práticas formativas profissionais.

Entre os desafios e a formação: produções subjetivas de professores da Educação Infantil atuando em turmas com crianças com Transtorno do Espectro Autista

Giselle Jacinto Lara, Universidade de Brasília,

gisellelara@gmail.com

Resumo: O aumento expressivo de matrículas de crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) em salas de aula regulares evidencia a urgência de repensar os processos formativos docentes, que ainda carecem de abordagens sensíveis às singularidades da inclusão na educação infantil. Nesse cenário, a realidade da rede pública do Distrito Federal, com suas particularidades, torna-se um campo de investigação relevante. A legislação garante o direito à educação inclusiva; contudo, o crescimento dessa realidade também intensifica os desafios enfrentados por professores dessa etapa da educação básica diante de diagnósticos médicos e das expectativas geradas em torno de um "ideal de criança". No contexto dos Centros de Educação Infantil da rede pública do Distrito Federal, relatos e queixas de professores revelaram a complexidade desse processo. Ele exige uma abordagem que transcenda aspectos técnicos e normativos, considerando as dimensões individuais, sociais, históricas, culturais e emocionais que influenciam a prática docente. Desse modo, esta pesquisa propõe-se a compreender as produções subjetivas de professores de turmas com crianças com TEA a respeito da formação e da prática pedagógica no ambiente escolar. Para tanto, será necessário: (a) compreender os processos históricos e legais da formação docente na perspectiva da educação infantil e inclusiva; (b) identificar as percepções que esses professores têm sobre a infância e os diagnósticos de autismo; e (c) analisar essas produções subjetivas nas vivências da formação e das práticas educativas na educação infantil. A investigação adota como suporte teórico a Teoria da Subjetividade na perspectiva histórico-cultural proposta por Fernando González Rey e é orientada pela metodologia qualitativa, com foco na singularidade das experiências docentes, na dialogicidade e no caráter construtivo-interpretativo da informação. Pretende-se investigar dois professores que atuam na educação infantil em turmas inclusivas com crianças com TEA em um Centro de Educação Infantil da rede pública do Distrito Federal, utilizando como recursos investigativos a dinâmica conversacional, a composição de narrativas e a observação participante. Este estudo tem o potencial de oferecer subsídios para a produção de conhecimento, principalmente com enfoque construtivo-interpretativo, ainda pouco explorado academicamente. Espera-se que ele possa abrir novos caminhos investigativos e formativos para subsidiar possíveis mudanças nas

formações oferecidas por órgãos governamentais, fortalecendo assim as políticas públicas de educação inclusiva no Distrito Federal. Além disso, a pesquisa poderá dar visibilidade aos sentidos subjetivos construídos por professores, fugindo da lógica de responsabilização individual. Essa escuta sensível pode gerar impactos éticos e formativos relevantes no campo educacional.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Considerando a complexidade da subjetividade na educação inclusiva, como as formações docentes podem ser (re)pensadas para ir além do técnico-normativo e realmente acolher as produções de sentido dos professores sobre o autismo e suas práticas pedagógicas?

Palavras-chave: subjetividade; educação inclusiva; formação docente

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas: Alínea, 2017.

BRASIL. **Lei nº 13.146**, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 127, p. 2, 7 jul. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Diretoria de Políticas de Educação Especial. **Educação especial na perspectiva da educação inclusiva: Transtorno do Espectro Autista**. Brasília, DF: MEC/SECADI, 2014.

Eixo temático: A subjetividade e os desafios contemporâneos na formação de professores e de outros profissionais

Subtema: A formação profissional como processo de mudança e desenvolvimento subjetivo.

APRENDER E ENSINAR NO CONTEXTO DAS HUMANIDADES DIGITAIS: COMPREENSÕES A PARTIR DA TEORIA DA SUBJETIVIDADE

Helena Narciso da Silva, Instituto de Psicologia /UnB

helenanarciso@gmail.com

Dra.Wilsa Maria Ramos, Instituto de Psicologia /UnB

wilsa@unb.br

Resumo: A investigação tem como objetivo central compreender como as tecnologias digitais participam e integram a dimensão subjetiva da aprendizagem e se configuram subjetivamente na ação pedagógica de professores e professoras. Fundamenta-se na Teoria da Subjetividade (González Rey; Mitjáns Martínez, 2017) e articula as áreas da educação sobre o uso das Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação e suas implicações no contexto de desenvolvimento humano (Coll & Monereo, 2010), em compreensão à subjetividade, como um processo psicológico humano complexo, contraditório, recursivo e imprevisível, a partir de processos que viabilizem o seu desenvolvimento, em especial, os que estejam ligados as ações formativas no âmbito da profissão (Rossato & Peres, 2019). Orienta-se pelos princípios da Epistemologia Qualitativa e da Metodologia Construtivo-Interpretativa (González Rey; Mitjáns Martínez, 2017) como bússola à elaboração de um Curso de Formação Continuada, como extensão universitária, no qual se discute, como pano de fundo, as possibilidades de uso crítico e criativo das tecnologias digitais na educação e formação humana. Uma ação formativa, crítica e democrática, de natureza teórico-prática, que se apresenta como um espaço de reflexão articulada ao diálogo e a expressão própria dos indivíduos em situações de relação com o outro, abrindo vias legítimas de mobilização de novos recursos subjetivos que favoreçam os processos de mudanças implicadas nas configurações subjetivas da ação pedagógica. A construção do cenário social para o desenvolvimento da pesquisa se dará em dois espaços: no curso de formação continuada e na escola. O primeiro momento da pesquisa consiste no planejamento do curso de formação a partir do Grupo Focal com pesquisadores da área de formação de professores na Teoria da Subjetividade e de uso de tecnologias digitais da informação e comunicação e professores que atuam na educação básica; desenho do curso de extensão e submissão para aprovação no Decanato de Extensão. No segundo momento será realizada a divulgação do curso na escola participante, inscrição e realização do curso. O terceiro momento da pesquisa, será realizado na escola e apoia-se nos seguintes procedimentos e

instrumentos: observação participante no cotidiano escolar; dinâmicas conversacionais; análise de produções dos participantes e da escola; e complemento de frases. Temos com este estudo, a expectativa de contribuir com programas diferenciados de formação profissional continuada de professores cujo foco seja prepará-los para enfrentar com criatividade as dificuldades do cotidiano escolar, rompendo com as visões dicotômicas e instrumentalistas dos cursos preparatórios que desconsideram a subjetividade do professor nos processos formativos.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Quais os pressupostos que devemos considerar, nos processos formativos, como orientadores da formação docente, no sentido de constituir-se um processo mobilizador de mudança e desenvolvimento subjetivo?

Palavras-chave: subjetividade; ação pedagógica; aprendizagem

Referências

COLL, César.; MONEREO, Carles. **Psicologia da Educação Virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação**; tradução de Naila Freitas. Porto Alegre: Artmed, 2010. 365 p

GONZÁLEZ REY, Fernando. L. MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.

ROSSATO, Maristela & PERES, Vannúzia L.A. (Orgs.). **Formação de Educadores e Psicólogos – contribuições e desafios da subjetividade na perspectiva cultural-histórica.** Curitiba: Apris, 2019.

Eixo temático: A subjetividade e os desafios contemporâneos na atuação docente

Subtema: A significação da subjetividade na organização e na realização do trabalho pedagógico

Tecedura Psicopedagógica com Professores em Tempos de Formação On-line:

uma experimentação

Maria do Carmo Ribeiro Abreu, Universidade Estadual de Goiás
mribeiroabreu@yahoo.com.br

Resumo: O capítulo “Tecedura Psicopedagógica com Professores em Tempos de Formação On-line: uma experimentação”, publicado na obra *Psicopedagogia e Subjetividade no Diálogo com a Escola – Ciência, Amor e Poesia*, narra uma experiência singular de formação continuada com professores da rede pública, desenvolvida pela própria autora no contexto pandêmico. Esse trabalho aconteceu a partir da participação no grupo virtual “Ações Cooperativas: conhecimentos da Psicopedagogia para professores nas escolas”, composto por 15 psicopedagogas de diferentes estados brasileiros. A proposta metodológica se sustenta na escuta sensível, na valorização da subjetividade docente e na concepção de formação como experiência compartilhada. A tecedura psicopedagógica é compreendida como entrelaçamento coletivo de saberes, afetos e práticas, sustentado pelos aportes teóricos da Psicopedagogia, da Teoria da Subjetividade (González Rey) e das políticas de cognição inventiva (Kastrup e Dias). Nesse contexto, a escuta não é entendida como técnica, mas como atitude ética e política que promove deslocamentos da formação-prescrição para a formação-experiência, viabilizando a reinvenção da prática pedagógica. A experimentação consistiu em encontros mensais em formato de rodas de conversa virtuais com professores de uma escola pública do interior de Goiás. Nessas rodas, a horizontalidade das relações e o acolhimento da experiência vivida criaram condições para a emergência de saberes docentes inventivos. Foram mobilizadas plataformas digitais (Zoom, Jamboard, Mentimeter, Kahoot, Padlet) como dispositivos que favoreceram a interatividade, a problematização e a produção de sentidos. Entre os efeitos da experimentação, destacam-se o fortalecimento da autoria docente, a reinvenção dos modos de ser e estar no território escolar e o reconhecimento do professor como sujeito em formação contínua. A tecedura proposta se fez, portanto, como um gesto ético-estético-político em tempos de crise, onde a experiência formativa é entendida como modo de resistência às práticas padronizadas e prescritoras.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: O que pode uma formação que rompe com a colonialidade do saber prescritivo e afirma os professores como sujeitos políticos, autores de sentidos e resistência no chão da escola?

Palavras-chave: formação docente; subjetividade; escuta.

Referências:

FERNÁNDEZ, Alícia. **O saber em jogo: a Psicopedagogia propiciando autorias de pensamento.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação teórica e histórica**. São Paulo: Cengage Learning, 2003.

KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição.** Campinas: Papirus, 1999.

DIAS, Rosimeiri de O. **Formação inventiva de professores**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

SCOZ, Beatriz Judith Lima. **Identidade e subjetividade de professores: sentidos do aprender e do ensinar**. Petrópolis: Vozes, 2011.

Eixo temático: A subjetividade e os desafios contemporâneos na formação de professores e de outros profissionais

Subtema: A significação da subjetividade nas práticas formativas profissionais

Formação docente para uma educação inclusiva: um olhar sobre a intersubjetividade no processo de inclusão escolar e social.

Mariza P. Porto, CRI/SESAP

mariza_porto@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho consiste na tentativa de olhar o processo de inclusão numa perspectiva intersubjetiva e problematizá-lo no contexto escolar e social. A teorização aqui proposta, tem como matéria-prima alguns fragmentos do discurso de familiares e profissionais que partilham da convivência com pessoas em situação de deficiência prestando-lhes determinado tipo de assistência, quer seja de natureza pedagógica, terapêutica ou reabilitatória. Esses fragmentos, foram por mim ouvidos ao longo da minha experiência como professora, psicopedagoga e psicanalista. A análise teórica apresentada tornou-se possível a partir da utilização dos conhecimentos da teoria psicanalítica, bem como de outras contribuições teóricas especificamente direcionadas ao tema abordado. Portanto, é colocado em evidência as reações afetivas intra e interpessoais suscitadas mediante o enfrentamento com a diferença/deficiência, procurando enfocar a temática da inclusão escolar na perspectiva das interações humanas, sem perder de vista o contexto escolar, os objetivos da educação inclusiva, bem como os efeitos da cultura sobre esse novo paradigma de ensino, cuja vertente se apoia em práticas pedagógicas voltadas para uma educação que possa atender à diversidade de seus alunos.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Não seria a inclusão a vivência de um processo pelo qual se integra ou se inclui na intimidade de si mesmo pensamentos, afetos e sentimentos suscitados tantas vezes pelo que há de inominável e de avassalador ao se fazer face à diferença / deficiência? Não seria esta a condição necessária para se poder pensar na perspectiva da lógica inclusivista e desenvolver uma cultura do pensamento inclusivo, verdadeiramente pautado pela sincronia entre o dizer e o fazer?

Palavras-chave: condutas defensivas, representações simbólicas, educação inclusiva

Referências

AMARAL, L. A. **Pensar a diferença / deficiência**. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1994.

BEYER, H. O. A Proposta de educação inclusiva: contribuições da abordagem Vygotskiana e da experiência alemã. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, V.9, n.2, p. 163 - 180, Jul – Dez, 2003.

COLLI, F. A. G. ; AMÂNCIO V. Construindo a travessia pelo ponte. **Revista Estilos da Clínica**, São Paulo, v.1, n.1, p. 69 - 81, nov, 1996.

PESSOTI, I. **Deficiência mental:** de superstição à ciência. São Paulo: T.A.Queiroz: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.

SASSAKI, K. R. **Inclusão:** construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro; WVA, 1997.

Eixo temático: A subjetividade e os desafios contemporâneos na formação de professores e de outros profissionais.

Subtema: O valor heurístico da subjetividade nas transformações dos contextos formativos: diversidade, inteligência artificial, mudanças no mundo do trabalho, precarização, entre outros.

Escuta Empática: uma composição de nós

Priscila Sollito Cardozo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
prisollito@gmail.com

Resumo: Aletradei-me a tecer uma "poética essencial da consciência do amor"[4], pela Educação; e, assim, entrelaço experiências individuais com outras compartilhadas por parceiros de trajetória. Descobri-me holística, diante da possibilidade de investigar onde termina uma pessoa e começa outra? A partir desse questionamento, apoiei-me em escritos que representam a Educação, como prática da liberdade, a fim de integrar comunidades de aprendizagem, na perspectiva transgressora de *bell hooks* (2017), no que tange ao multiculturalismo – em busca do bem comum. Ela defende a teoria do amor como ação, não sentimento; ação comprometida com as palavras, aquelas que vêm na escuta que transforma, porque fundamentalmente temos o desejo de aprender, intensificar o intelecto e, por consequência, ampliar a capacidade de viver em plenitude, principalmente, se – nesse viver – couber o transcender. A escuta passou a ser a investigação, baseada em Marshal Rosenberg (2020). Por esse caminho, não violento, em comunidade, prático pesquisa, ação, escolha, vivencio a possibilidade de ser, pensar e viver a Comunicação da Não Violência. Conectada com verdades intrapessoais, interpessoais e sistêmicas, em ação colaborativa, compassiva e amorosa. Como um macramê, passei a compor com outros, por escolha, no intuito de criar diferentes nós; processo vital para ampliar linhas em diferentes composições. Assim, tramando encontros, conheci Beatriz Scoz, que – acolhedora e compassiva – instigou à participação do coletivo: "Conhecimentos da Psicopedagogia para educadores nas escolas". Desse processo resultou o livro: "Psicopedagogia e subjetividade no diálogo com a escola: ciência, amor e poesia". Nesse grupo, aproximadas, então, da subjetividade, éramos nutridas por ações compartilhadas, voluntárias, voltadas à prática escolar. Baseada em Scoz (2021), compactuo que acolhimento é a disponibilidade para a escuta, estar perto, aceitar e reconhecer o outro, numa construção de subjetividades, e enveredo trajetos para a escuta diária, para possibilitar o autocuidado, cuidar de quem cuida; num fluxo contínuo de fala e escuta. Embebida por esse "ir e vir", "ser e estar" mergulhei na escuta de professores, para propiciar-lhes a oportunidade de usufruir melhores condições de ser e de estar no mundo. Além disso, pela escuta, os educadores percebem e dimensionam ações pessoais e profissionais; e, desse modo, reconhecem perspectivas e ressignificam para aprender e ensinar.

[4] Maria Cecília Gasparian, anotação de aula de Psicopedagogia PUCSP..

Dessarte, pesquisa e prática, de cunho exploratório, somadas à experiência pessoal, encontram, nos fundamentos da Psicopedagogia e da Dimensão Subjetiva, meios para revelar e aprofundar a escuta empática, sensível e compassiva junto aos professores.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Atrelada à possibilidade de transformação pessoal e social, procuro responder à pergunta: como consolidar a construção empática e compassiva com os professores, submetidos aos desafios do século XXI, consideradas as subjetividades?

Palavras - chave: professor; escuta; subjetividade.

Referências

hooks, B**. Ensinando a Transgredir. A educação como prática para a liberdade**. 2.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, B.. **Tudo Sobre o amor**. **Nova perspectiva**. São Paulo: Elefante, 2021.

ROSENBER, M. **O coração da transformação social**. São Paulo: Palas Athenas, 2020.

SCOZ, B.J.L**. Identidade e subjetividade: Sentidos do aprender**. Petrópolis: Vozes, 2011.

SCOZ, B.J.L (org). **Psicopedagogia e Subjetividade no diálogo com as escolas**: ciência, amor e poesia. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2025.

Eixo temático: A subjetividade e os desafios contemporâneos na formação de professores e de outros profissionais

Subtema: O valor heurístico da subjetividade nas transformações dos contextos formativos: diversidade, inteligência artificial, mudanças no mundo do trabalho, precarização, entre outros.

Educação Básica no Brasil Pós-Pandemia:

A Dimensão Subjetiva do Trabalho Docente sob as Lentes do Neoliberalismo

Priscila Sollito Cardozo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,

prisollito@gmail.com

Laura Santoro de Medeiros, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
laurasmedeiros0@gmail.com

Sarah Rosindo Daher e Barros, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
sarahhdahher@gmail.com

Resumo: Este resumo comunica parte do trabalho, desenvolvido na disciplina de Projeto, no curso de Psicologia da Educação – PUC-SP, ministrado pela professora Wanda M.J. Aguiar. A pesquisa, intitulada *"Pandemia da COVID-19 e seus impactos na Educação Básica no Brasil: diagnóstico e proposições interventivas na escola"*, analisa efeitos da pandemia em escola pública da periferia de São Paulo. As análises iniciais buscam compreender como a pandemia afetou: trabalho docente, gestão escolar, processos de ensino-aprendizagem e relações do ambiente escolar. Para atuar como colaboradoras, em processos autônomos de transformação do contexto educacional, fomentamos a compreensão da realidade, vivida nas escolas. Partimos dos pressupostos teórico-metodológicos do Materialismo Histórico-Dialético e da Psicologia Sócio-Histórica, que destaca a importância de: subjetividade e significação, bem como da dimensão subjetiva da realidade, na análise de fenômenos educacionais. A metodologia: Pesquisa-Trans-Formação (Magalhães; Aguiar, 2021) é utilizada quando se busca produzir conhecimento e gerar movimentos de transformação na realidade pesquisada. O aporte principal, Vygotsky (1989), enfatiza a gênese social do desenvolvimento humano, aliado às contribuições de González Rey (2005), sobre teoria da subjetividade. A análise proposta é pautada no procedimento dos Núcleos de Significação. Nessa exposição pretende-se apresentar o NS 3º, intitulado: **"tento trazer jogos *on-line* e estou tentando montar projeto com os nonos anos, de empreendedorismo, para que possam gerir negócio próprio." - o projeto neoliberal para a precarização da escola pública tensionado pela intencionalidade de superação das desigualdades.** Nele discutem-se questões articuladas com o neoliberalismo, na Educação e os tensionamentos por resistência e tentativa de superar desigualdades. Compreender a subjetividade — articulação dialética entre sentidos e

significados, afeto e cognição — é o cerne da análise. Segundo Aguiar e Bock (2016), é parte da realidade objetiva e social, marcada pela presença ativa dos sujeitos. Nesta pesquisa, realizada no âmbito do GADS - Grupo de Pesquisa Atividade Docente e Subjetividade, nossa intenção é avançar em procedimentos investigativos e aprimorar as categorias de análise, como a centralidade da emancipação política e humana. Nossa ação investigativa e formativa busca produzir microcosmos para compreender a realidade, além da aparência, apreendendo contradições, movimento histórico e processos dessa subjetividade. Cremos que os microcosmos investigativos contribuem ao enfrentamento das contradições históricas e à construção de alternativas emancipatórias na Educação (Magalhães; Aguiar, 2021).

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática Qual a importância e o alcance de análise da categoria de dimensão subjetiva em pesquisas que pretendam gerar transformações no contexto neoliberal educacional?

Palavras- chave: professores; dimensão subjetiva; neoliberalismo.

Referências

BOCK, A. M. B; GONÇALVES, M. G. M. (Org) A Dimensão Subjetiva do Processo Educacional uma leitura sócio-histórica. Capítulo 2, **A dimensão subjetiva: um recurso teórico para a Psicologia da Educação**. São Paulo: Cortez, 2016.

GONZÁLEZ-REY, Fernando. **Pesquisa Qualitativa e subjetividade. Os processos de construção da informação**. São Paulo: Cengage Learning, 2022.

MAGALHÃES, L. O. R.; AGUIAR, W. M. J. Estratégias da formação docente autogestionária na Pesquisa-Trans-Formação. In. MALUF, M. R; SOUZA, C. P**. Relatos de Pesquisa em Psicologia da Educação**, vol. 6, Campinas, Pontes Editores, 2021.

VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Eje temático: La subjetividad y los desafíos contemporáneos en la formación de docentes y otros profesionales.

Subtema: La formación profesional como proceso de cambio y desarrollo subjetivo.

La participación de estudiantes de profesorado en acciones de extensión, indagando sobre la configuración subjetiva de prácticas en contextos comunitarios

Rafael Gonzalez, Instituto de Formación Docente Continua – Sierra Grande, grafael510@gmail.com

Daniel Magalhães Goulart, Universidade de Brasília,

danielgoulartbr@gmail.com

Resumen: Esta presentación comunica aspectos de un estudio realizado acerca de la configuración subjetiva de la implicación de estudiantes en formación docente en prácticas de extensión. La investigación se efectuó a partir de la Teoría de la Subjetividad en una perspectiva histórico-cultural de González Rey de la Epistemología Cualitativa y de la Metodología Constructivo – Interpretativa (González Rey; Mitjáns Martínez, 2017). Los objetivos que persiguió el estudio fueron conocer cómo se configura subjetivamente la participación extensionista en relación con el aprendizaje del oficio docente y cuáles son los recursos subjetivos para ejercer la docencia que se generan en ella. A partir de un estudio de caso, se explicita lo trabajado con una estudiante de un Instituto de Formación Docente Continua de la zona patagónica de Argentina, nombrada ficticiamente como Camila. Las prácticas de extensión se realizaron en contextos comunitarios. La participante experimentó en el curso de las acciones de extensión una movilización subjetiva intensa en las acciones extensionistas, esta carga emocional impactó en su proceso formativo (Mitjáns Martínez; González Rey, 2017, 2019). Los conocimientos y actividades realizados fueron configurados como recursos subjetivos para desempeñar la docencia. En el devenir de este estudio también se comprendió como la participación en acciones de extensión favoreció la modificación de la modalidad relacional de la estudiante con las niñeces que fue configurada en el transcurso de su historia de vida. Estos cambios en la manera de relacionarse se transformaron en recursos subjetivos para el desarrollo del oficio docente que promovieron la autonomía de los participantes. Estas acciones configuradas por Camila fueron transformadas además en una modalidad de interacción horizontal en sus prácticas pedagógicas en el aula, permitiendo un acompañamiento personalizado a los estudiantes. Las intervenciones extensionistas situadas en espacios comunitarios posibilitaron a Camila la comprensión de conceptos disciplinares a partir de la experiencia, de manera contextualizada socialmente. A partir de esto, se evidenció una personalización del conocimiento, para ser implementado en situaciones distintas de las circunstancias donde fue aprendido (Mitjáns Martínez; González Rey, 2019). La

participación extensionista permitió la planificación e implementación de propuestas pedagógicas teniendo como destinatarios a niñeces reales, en acciones situadas en contexto específico. Esto emerge como alternativa a planificaciones que se efectúan para grupos ideales, en las cuales se aborda un conocimiento descontextualizado de ámbitos sociales determinados (Rafaghelli, 2016). Con el desarrollo de lo abordado con Camila, se arribó a la conclusión de que la participación estudiantil en acciones de extensión situadas en contextos comunitarios, favorecieron cambios subjetivos, que promovieron el aprendizaje de la práctica docente y la producción de recursos subjetivos para desarrollar su ejercicio.

Cuestión para el debate en el Grupo de Discusión Temática: ¿Cómo la participación en extensión en contextos comunitarios favorece el desarrollo de la formación docente inicial, generando recursos subjetivos para el ejercicio de la docencia?

Palabras clave: subjetividad; extensión; formación docente.

Referencias

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividad: teoría, epistemología y método**. Alínea, 2017.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A; GONZÁLEZ REY, F. **Psicología, Educação e Aprendizajem Escolar. Avançando na contribuição da leitura cultural-histórica**. São Paulo: Cortez Editora, 2017.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. A preparação para o exercício da profissão docente: contribuições da teoria da subjetividade. In ROSSATO, M. y PERES, V. L. A. **Formação de educadores e psicólogos. Contribuições e desafios da subjetividade na perspectiva cultural - histórica**. Curitiba: Appris Editora, 2019. P. 13-46.

RAFAGHELLI, M. Las Prácticas de Extensión de Educación Experiencial como oportunidad para integrar docencia y extensión. ***+E*: Revista de Extensión Universitaria**, Santa Fe, v. 6, p. 8-15, 2016.

Eje temático: La subjetividad y los desafíos contemporáneos en la formación de docentes y otros profesionales.
Subtema: La formación profesional como proceso de cambio y desarrollo subjetivo.

La participación extensionista y su aporte a la formación docente desde la perspectiva de estudiantes y egresadas de un Instituto de Formación Docente Continua

Rafael Gonzalez, Instituto de Formación Docente Continua – Sierra Grande, grafael510@gmail.com

María Luz Quesada, Instituto de Formación Docente Continua – Sierra Grande, maluzquesada@gmail.com

Resumen:

La formación docente implica un proceso continuo donde intervienen diferentes actores y funciones. En esta presentación se exponen aspectos de un estudio efectuado desde la Metodología Constructivo-Interpretativa de Fernando González Rey (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017) que investigó sobre las implicancias de la participación de estudiantes en formación docente en acciones de extensión. Se propuso conocer cómo se configura la participación en extensión en la construcción del oficio de enseñar (ALLIAUD, 2017, 2021). Se abordó, por una parte, el proceso de implicación estudiantil, y, por otra parte, la resignificación que realizaron egresadas que se involucraron durante su carrera en proyectos extensionistas, de los Profesorados de Educación Inicial y Primaria del Instituto de Formación Docente Continua de Sierra Grande, Argentina. La producción de información se llevó a cabo mediante dinámicas conversacionales, observaciones participantes, y análisis de registros narrativos de la experiencia extensionista. Se trabajó con ocho estudiantes y dos profesores que participaron en los proyectos de extensión Club de Narradores y Acompañamiento en Tareas Escolares en el año 2022, y siete egresadas que se involucraron en el proyecto Promotores de Lectura y Ludotecas entre 2015 y 2019. En el proceso investigativo se encontraron convergencias entre lo trabajado con estudiantes y egresadas involucradas en el estudio. Se construyeron aportes a un modelo teórico sobre el tema, considerando que la participación en acciones extensión permitió la configuración de recursos subjetivos para la práctica de la docencia (MITJÁNS MARTÍNEZ; GONZÁLEZ REY, 2017, 2019), tanto en la formación que se efectuó previamente a la salida al campo, la planificación e implementación de propuestas comunitarias y la reflexión posterior en la sede de la institución. Se subjetivó la comprensión de la planificación como una herramienta flexible.

A su vez, en las acciones extensionistas se efectuaron actividades alternativas a las proyectadas, debido a que se presentaron emergentes en la implementación. Además se pudieron efectuar pruebas de enseñanza (ALLIAUD, 2017) en la convocatoria a la tarea, la coordinación de actividades, disposición corporal y la comunicación. A partir de las prácticas extensionistas se generaron recursos subjetivos que favorecieron la realización de situaciones lúdicas de enseñanza, produciendo situaciones motivantes, activas y contextualizadas. La interacción con niñeces, familias e integrantes de organizaciones sociales de la comunidad implicó la comprensión sobre la dimensión subjetiva del oficio docente. Las pruebas de enseñanza favorecieron la reflexión acerca de las modalidades de actuación, que fue configurada en la historia de vida y la trayectoria escolar en niveles previos a la formación docente, subjetivando maneras alternativas de intervención. Se realizó una vinculación entre las acciones desarrolladas en los ámbitos comunitarios y los escolares, produciendo recursos subjetivos que permitieron implementar lo aprendido durante las actividades extensionistas en las prácticas en la institución educativa. A partir de lo expresado, se considera importante incentivar la participación estudiantil en proyectos extensionistas, debido a que este involucramiento puede permitir el desarrollo de los procesos de formación docente.

Cuestión para el debate en el Grupo de Discusión Temática:
¿De qué manera las experiencias prácticas en entornos diversos contribuyen al desarrollo de la formación docente?

Palabras clave: extensión; formación docente; oficio de enseñar.

Referencias:
ALLIAUD, Andrea. Los artesanos de la enseñanza. Acerca de la formación de maestros con oficio. Paidós, 2017.

ALLIAUD, Andrea. Enseñar hoy. Apuntes para la formación. Paidós, 2021.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. Subjetividad: teoría, epistemología y método. Alínea, 2017.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A; GONZÁLEZ REY, F Psicología, Educação e Aprendizajem Escolar. Avançando na contribuição da leitura cultural-histórica. São Paulo: Cortez Editora, 2017.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. A preparação para o exercício da profissão docente: contribuições da teoria da subjetividade. En ROSSATO, M. y PERES, V. L. A. Formação de educadores e psicólogos.

Contribuições e desafios da subjetividade na perspectiva cultural - histórica. Curitiba: Appris Editora, 2019. P. 13-46.

Eixo temático: A subjetividade e os desafios contemporâneos na formação de professores e de outros profissionais.
Subtema: A formação profissional como processo de mudança e desenvolvimento subjetivo

A formação docente como espaço de produção subjetiva

Roberta Assunção, Universidade de Brasília
robertaassuncao@yahoo.com.br
Maristela Rossato, Universidade de Brasília
maristelarossato@gmail.com

Resumo: A formação docente é um tema central no campo educacional, reconhecida como um processo contínuo e essencial para o desenvolvimento de profissionais reflexivos e críticos. Defende-se uma profissionalização do ensino pautada em uma base sólida de conhecimentos teóricos e práticos, que favoreça a autonomia do professor, a capacidade de reflexão e a construção de saberes pedagógicos e didáticos. A identidade profissional do docente é construída ao longo do tempo, a partir das experiências vividas e das decisões tomadas no exercício da prática pedagógica. É fundamental que os cursos de formação considerem os contextos culturais e sociais em que os futuros professores estão inseridos, reconhecendo que a prática docente se constitui de forma singular e coletiva, por meio de vivências compartilhadas e processos formativos significativos. A ênfase deste estudo recairá sobre a formação inicial, por ser o momento em que o licenciando inicia suas aproximações e produções subjetivas sobre a docência. A pesquisa se justifica por duas perspectivas: uma social, relacionada à urgência de propor formas de formação docente que respeitem a integralidade dos sujeitos; e outra teórica, fundamentada na necessidade de incorporar a subjetividade como elemento central da formação. Este estudo propõe investigar como a configuração subjetiva da docência vai se constituindo ao longo do processo formativo inicial, considerando o papel da imaginação como prospecção de futuro. Logo, buscamos compreender como ocorre a emergência da configuração subjetiva da docência, considerando este aspecto não como fruto de uma experiência direta, mas como uma prospecção do futuro, o qual a imaginação pode se apresentar como um recurso subjetivo que pode contribuir para a transcendência da experiência vivida e para a mobilização de novas produções subjetivas. Sob o olhar da Teoria da Subjetividade, é importante considerar, nos processos de formação, a dimensão subjetiva constituída pelas experiências vivenciadas no âmbito pessoal e profissional e, portanto, entrelaçadas às suas

ações e relações pedagógicas futuras. A abordagem metodológica tem como aporte a Epistemologia Qualitativa de González Rey, cujo caráter construtivo-interpretativo contribuirá para a compreensão, análise e produção do conhecimento dos estudos múltiplos de casos que serão produzidos, durante o acompanhamento de um curso de formação profissional inicial de professores elaborado e conduzido, especificamente, para esta pesquisa. O futuro professor, ao longo do seu processo formativo, não só adquire conhecimentos específicos e pedagógicos, mas vai configurando-se subjetivamente como docente. A formação inicial como um espaço/tempo de aprendizagem, de imaginação e de emergência do sujeito constituem cenários de fundo da pesquisa pretendida. A imaginação, no contexto desta pesquisa, possui como papel a prospecção de futuro sobre a docência. O futuro professor, ainda não vivenciou as experiências na escola. Logo, a sua concepção sobre a docência está relacionada à sua vivência como estudante e outras experiências, relações ou informações que lhe foram passadas sobre a docência. Por meio da imaginação construirá a sua concepção da docência ao se imaginar como futuro docente. As suas referências sobre a docência, constituídas pelas suas experiências e vivências, poderão ser pensadas, repensadas e confrontadas pelo processo imaginativo sobre ser, tornar-se e atuar como docente.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como a Teoria da Subjetividade compreende a articulação do simbólico e do emocional na constituição subjetiva da docência?

Palavras-chave: formação docente, teoria da subjetividade, metodologia construtivo-interpretativa

Referência

González Rey, F. L.; Mitjáns Martinez, A. (2017). **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. São Paulo: Alínea.

González Rey, F. L. (2003). **Sujeito e subjetividade**. São Paulo: Thomson.

González Rey, F. L. (2002). **Pesquisa Qualitativa em Psicologia: Caminhos e desafios**. Thomson: São Paulo.

González Rey, F. L. (1995). **Comunicación, Personalidad y Desarrollo**. Havana: Editora Pueblo y Educación.

Eje temático: La subjetividad y los desafíos contemporáneos en la formación de docentes y otros profesionales

Subtema: La dimensión subjetiva de la organización didáctica del proceso de enseñanza/aprendizaje.

Diario de campo y subjetividad: hacia una formación docente crítica y creadora

Sheila Pérez-López, Universidad de Puerto Rico, Recinto de Río Piedras
sheila.perez1@upr.edu

Roberto O Díaz Juarbe, Universidad del Sagrado Corazón,

roberto.diaz@sagrado.edu

Antoinette Alom Alemán, Universidad de Puerto Rico en Cayey,

antoinette.alom@upr.edu

Resumen: Este trabajo presenta una reflexión sobre los procesos de subjetivación docente en el curso de Psicología Educativa, impartido en la Universidad de Puerto Rico, Recinto de Río Piedras. Dirigido a futuros docentes o profesionales educativos, el curso integra teoría y práctica mediante una experiencia de campo en escuelas de Puerto Rico. Como parte de esta experiencia, el estudiantado realiza entre 10 y 15 horas no consecutivas de observación no participativa en salones de clase, donde analizan los procesos de enseñanza y aprendizaje, así como las dinámicas escolares. Tradicionalmente, esta experiencia tiene como objetivo familiarizarlos con escenarios escolares reales para que, a través de la observación, comprendan las funciones, deberes y prácticas del quehacer docente. No obstante, esta perspectiva se centra excesivamente en el cómo enseñar, sin fomentar una reflexión crítica sobre qué se enseña, por qué y para quién (Giroux, 1990). Esta limitación reproduce prácticas docentes irreflexivas (Rodríguez-Arocho, 2011), convirtiendo al docente en un ejecutor de políticas, sin capacidad intelectual ni creativa. Ante este desafío, e inspirado en la etnografía escolar (Velasco y Díaz de Rada, 2006), se rediseñó la experiencia para aplicar el trabajo de campo y la reflexión mediante el diario de campo. Esta herramienta cualitativa permite registrar de manera sistemática y reflexiva lo que se observa o se vive en el escenario escolar, funcionando como medio para fomentar la reflexión crítica, la sensibilidad contextual y la construcción de conocimiento situado. Estas estrategias permiten observar dinámicas escolares, registrar percepciones y analizar tensiones entre teoría y práctica. Además, el estudiante recibe comentarios y cuestionamientos de sus pares sobre sus notas de campo y reflexiones. La intención es compartir una experiencia de enseñanza que reconoce la subjetividad del estudiantado como componente esencial del proceso formativo. Se busca no solo formar futuros profesionales de la educación, sino también acompañar procesos de subjetivación que les permitan producir nuevos sentidos subjetivos (González Rey; Mitjáns Martínez, 2025) sobre su identidad y práctica docente, y posicionarse críticamente frente

a las realidades escolares que observan. Se promueve el aprendizaje colectivo mediante el intercambio de experiencias y saberes pedagógicos. La reflexión constituye un componente esencial en la formación docente, al favorecer el análisis crítico de la práctica educativa y el desarrollo de una identidad profesional. Implica tomar distancia de la acción para observarla, cuestionarla y comprenderla. En este sentido, el docente es entendido como un profesional intelectual capaz de enfrentar las injusticias sociales y contribuir a la construcción de una escuela más justa (Chacón Corso, 2006). Se busca ir más allá de la transmisión de teorías psicológicas, creando un espacio para explorar emociones, creencias y motivaciones en torno a la enseñanza. Las producciones estudiantiles revelan cómo interpretan las dinámicas escolares y elaboran propuestas para una docencia inclusiva. El rol docente se concibe como un acompañamiento sensible que valida sus experiencias y fomenta su agencia. Este trabajo se enmarca en la práctica reflexiva y busca contribuir al debate sobre la formación docente, proponiendo una didáctica que forme sujetos críticos, empáticos y comprometidos con la transformación educativa.

Cuestión para el debate en el Grupo de Discusión Temática: ¿De qué maneras puede la práctica docente universitaria sostener y potenciar espacios formativos, como el curso de Psicología Educativa, frente a las tendencias que buscan reducirlos a lo técnico o instrumental, sin renunciar a su potencial para cultivar subjetividad, pensamiento crítico y compromiso social?

Palabras clave: formación docente, diarios de campo, práctica reflexiva

Referencias:

CHACÓN CORZO, María. La reflexión y la crítica en la formación docente. **Educere**, v. 10, n. 33, p. 335-342, 2006.

GIROUX, Henry. **Los profesores como intelectuales. Hacia una pedagogía crítica del aprendizaje.** Barcelona: Paidós, 1990.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; & MITJANS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividad. Teoría, epistemología y método**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2025.

RODRÍGUEZ AROCHO, Wanda. La formación docente: Su resignificación desde el enfoque históricocultural. **Revista Pedagogía**, v. 45, n. 1, p. 95-126, 2011.

VELASCO, Honorio; DÍAZ DE RADA, Ángel. **La lógica de la investigación etnográfica. Un modelo de trabajo para etnógrafos de escuela**. Madrid: Trotta, 2006.

Eixo temático: A subjetividade e os desafios contemporâneos na formação de professores e de outros profissionais

Subtema: O valor heurístico da subjetividade nas transformações dos contextos formativos: diversidade, inteligência artificial, mudanças no mundo do trabalho, precarização, entre outros

Desafios contemporâneos na formação e prática de professores-pesquisadores a partir de percepções em narrativas autobiográficas

Vitória Cristina Ferreira Santos, PECMA - UNIFESP, vitoria.

cristina21@unifesp.br

Everton Viesba, PPGE-UNICID,

eviesba@gmail.com

Marilena Rosalen, PECMA-UNIFESP,

marilena.rosalen@unifesp.br

Resumo: São notórios os desafios hodiernos no que diz respeito à diversidade, inteligência artificial, precarização, entre outros. Portanto, em um mundo em constante mudança, os desafios se transmutam de tempos em tempos, conforme as características de determinado tempo histórico e contexto social. Para Marie-Christine Josso (2009), uma das grandes expoentes do estudo de narrativas, na sua obra “O caminhar para si” retrata que a narrativa do sujeito expressa não só uma experiência individual, mas também coletiva. Ao associar os estudos de Josso com António Nóvoa (1988), ve-se a existência do professor-pesquisador capaz de refletir sobre suas práticas e sobre o mundo que o cerca por meio da elaboração de narrativas. Para Tanto, o trabalho de mestrado intitulado “Formação de professores-pesquisadores em Ciências e Matemática: Reflexões a partir de narrativas autobiográficas” mostra-se fundamental para destacar as percepções obtidas pela reflexão da trajetória como um caminho para avaliar o valor heurístico da subjetividade. As narrativas revelam um microcosmo social, da relação do indivíduo consigo e com seu entorno, com isso, ele também pode refletir uma parcela do macro. Com as narrativas produzidas, é notório que é evidenciado como os sujeitos compreendem os desafios que permeiam sua atuação docente, como: a precarização das condições de trabalho, a pressão por produtividade, os impactos da inteligência artificial nos processos de ensino e a valorização da diversidade nos espaços educativos. Nesse contexto, o valor heurístico da subjetividade se manifesta no âmbito de revelar sentidos ocultos da experiência, fornecendo base para uma formação contextualizada, humanizada e crítica. Destaca-se que a escrita de si pode funcionar como meio de autoformação e como estratégia relevante para que professores-pesquisadores compreendam também o cenário educacional que os rodeia. O estudo destaca

a importância da narrativa como método de análise e intervenção, ao articular o singular e o coletivo na construção de saberes docentes frente aos desafios atuais.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: De que maneira a escrita narrativa orientada por referenciais da subjetividade pode endossar a discussão dos desafios atuais, bem como, instigar a realização de passos práticos para lidar com eles?

Palavras-chave: teoria da subjetividade; escrita autobiográfica; formação de professores-pesquisadores.

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Epistemologia qualitativa e subjetividade**. São Paulo: Thomson, 2002.

JOSSO, Marie-Christine. O caminhar para si: Uma perspectiva de formação de adultos e de professores. v. 2. São Paulo. **@ambienteeducação**, 2009. p. 136 – 139.

NÓVOA, A. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CEAP, 1988.

PASSEGGI, M. DA C.; SOUZA, E. C. DE .; VICENTINI, P. P.. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, v. 27, n. 1, p. 369–386, abr. 2011.

Eixo temático: A subjetividade e os desafios contemporâneos na formação de professores e de outros profissionais.

Subtema: O valor heurístico da subjetividade nas transformações dos contextos formativos: diversidade, inteligência artificial, mudanças no mundo do trabalho, precarização, entre outros.

Subjetividade e Significações - Categorias Essenciais à Pesquisa

Wanda Maria Junqueira de Aguiar, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo , iajunqueira@uol.com.br

Priscila Sollito Cardozo , Pontifícia Universidade Católica de São Paulo ,

prisollito@gmail.com

Sarah Rosindo Daher e Barros, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo sarahhdahher@gmail.com

Resumo: Nosso objetivo é argumentar a favor da importância da categoria subjetividade e significações (dialética articulação de sentidos e significados, do afetivo e do cognitivo) nas análises que realizamos, no caso, em pesquisas que tem como foco educadores. As pesquisas a que nos referimos se desenvolvem no âmbito de uma mais ampla CAPES - COVID-19 e seus impactos na educação básica no Brasil: diagnóstico e proposições interventivas na escola, sendo que o foco das equipes tem sido escolas públicas de regiões de alta vulnerabilidade. São muitas as propostas para a compreensão da realidade educacional, assim como sobre os tipos de formação. No entanto, ao longo dos anos temos nos defrontado com impasses, que nos alertam para a pouca eficácia do conhecimento produzido neste campo. Sem a pretensão de expor uma retomada crítica, uma possibilidade por nós levantada para tal situação é a opção metodológica e teórica feita e seus desdobramentos. Assim, pretendemos defender que, especialmente a noção de subjetividade e, estreitamente articulada a ela, a de significações, como unidade reveladora da subjetividade, quando pautadas no Materialismo Histórico e Dialético e na Psicologia Sócio Histórica, considerando as contribuições da Epistemologia Qualitativa de Fernando G. Rey, criam condições de apreendermos a realidade educacional, assim como de seus atores, sem dicotomizar objetividade e subjetividade, sem medo de afirmar o indivíduo e perder o social, ou vice versa. Seguindo tais proposições vemos a possibilidade de produzirmos não só conhecimento sobre a instituição como uma totalidade social, história e única, como apreendemos o sujeito como singularidade histórica. Explicitamos que nossa intenção é de apreender as significações dos educadores e, para isso, temos que resgatar as categorias sentidos e significados e subjetividade. “As categorias sentido e significado cumprem o papel de dar visibilidade a esta determinada e importante zona do real (Subjetividade [..] condensando aspectos dessa realidade e, assim, destacando-os e revelando-os” Aguiar et alt all p.60 2009. Como afirma Mitjáns

A.M. (2005, pág. 21); a subjetividade deve ser vista " como forma qualitativa de existência do real irredutível a outros níveis do real, como o biológico e o social". A partir destes elementos nos vemos com ferramentas apropriadas para nossas análises e processos formativos, reconhecendo o professor como sujeito ativo, agente de sua história, criativo, único. Ele é responsável pelos seus atos, escolhe - o que pode parecer cruel - mas sob determinadas circunstâncias constitutivas. Esse caminho nos permite alcançar os sujeitos na sua integralidade histórica e singular, dialogar com eles, minimizando as muitas camadas que impedem a comunicação, o conhecimento do outro, tanto do ponto de vista cognitivo como afetivo. Considerada esta fundamentação, acreditamos que os processos formativos, assim como a análise da complexa realidade Institucional se darão de forma mais plena.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Qual a relevância das categorias Subjetividade e Significações? As significações são um bom caminho para apreendermos a subjetividade dos sujeitos??

Palavras-chave: subjetividade, significações, formação de educadores.

Referências:

AGUIAR et all Reflexões sobre sentido e significado. In BOCK A.B. **A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura Sócio-histórica**, Cortez ,2009

MITJÁNS, A. M. Teoria da Subjetividade de González Rey. Expressão do Paradigma da Complexidade, IN: **Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia**, org. Fernando G.Rey, 2005,Thomson

Eixo temático: A subjetividade e os desafios contemporâneos na formação de professores e de outros profissionais

Subtema: A formação profissional como processo de mudança e desenvolvimento subjetivo

Subjetividade e Personalização do Ensino de Biogeografia: um estudo de caso sobre preparação para a docência na Amazônia

Jamilly Souza de Azevedo, UFPA,

jamilly.azevedo@gmail.com

José Moysés Alves, UFPA,

jmalves@ufpa.br

Andrela Garibaldi Loureiro Parente, UFPA,

andrela@ufpa.br

Resumo: Este estudo de caso, ancorado na Teoria da Subjetividade, na Epistemologia Qualitativa e na Metodologia Construtivo-interpretativa de González Rey (Mitjáns Martínez e González Rey, 2017, 2019), objetivou compreender a configuração subjetiva da ação pedagógica de uma professora do ensino superior, durante o processo de planejamento e realização da disciplina de Biogeografia, em uma instituição pública da Amazônia. A configuração subjetiva da ação abarca os sentidos subjetivos associados à história de vida, à subjetividade social, além daqueles que são produzidos na própria ação. Quando o professor produz sentidos subjetivos sobre sua atuação pedagógica visando a aprendizagem e o desenvolvimento subjetivo de seus alunos, essa ação torna-se personalizada. Nossa investigação e ação formativa foi motivada, inicialmente, pela solicitação da professora para pensar junto o planejamento de uma disciplina que ela ministraria pela primeira vez, em um momento que enfrentava problemas familiares, sentimentos de desânimo e isolamento institucional, com questionamentos sobre seu lugar docente. Conduzimos a proposta formativa por meio de oficinas dialógicas e utilização de dispositivos simbólicos, como cartões-postais de memória, mapas afetivos, jogos de cartas e atividades de construção de currículo em camadas. Utilizamos complemento de frases e conversas informais (presenciais e virtuais) para acessar outras informações sobre a participante. Na construção interpretativa dos sentidos subjetivos vinculados à história de vida da professora, construímos indicadores de uma subjetividade docente fortemente atravessada por experiências de cuidado, enraizamento territorial e desejo de partilha. Em relação aos sentidos associados à subjetividade social, interpretamos tensionamento na relação com colegas, bem como percepção de silenciamento e resistência à normatividade institucional. Quanto aos sentidos emergentes na ação pedagógica, as expressões da professora indicaram mudança nas produções subjetivas que caracterizavam a

desmotivação inicial e produção de novos sentidos subjetivos, indicados pela criação de propostas didáticas sensíveis, fortalecimento de vínculos com os estudantes e reconfiguração simbólica-emocional dos conteúdos da disciplina. Notamos assim, um processo ativo de reorganização subjetiva da ação pedagógica, no qual o planejamento deixou de ser uma tarefa enfadonha e técnica para tornar-se um campo de criação, elaboração e resistência. A pergunta norteadora da disciplina — "O que o solo e o rio contam sobre nós e sobre nosso território?" — passou a condensar a articulação entre ciência, memória, afeto e pertencimento. Nesse percurso, a professora foi se (re)descobrindo como autora de sua prática, produzindo novos recursos subjetivos, relacionais e operacionais, envolvendo-se e satisfazendo-se com a interação em sala de aula, deslocando-se de uma configuração marcada pela desmotivação para outra, mais dialógica, situada e ética. O estudo reafirma a potência da Teoria da Subjetividade para compreender e contribuir para a formação profissional, entendida como processo simbólico-emocional, relacional e contínuo de produção de sentidos subjetivos sobre o ensinar, o ser professor e o mundo.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como experiências de vida, configuradas subjetivamente, podem ser incorporadas nos conteúdos escolares e transformar a prática pedagógica, contribuindo para a construção de um ensino mais significativo e personalizado?

Palavras-chave: teoria da subjetividade; formação docente; personalização do ensino

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação.** São Paulo: Cengage Learning, 2005.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Subjetividade e saúde: uma perspectiva histórico-cultural.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

GONZÁLEZ REY, Fernando. Educação, subjetividade e a formação do professor de psicologia. **Psicologia Ensino & Formação**, v. 5, n. 1, p. 50-63, 2014.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F. **Psicologia, Educação e Aprendizagem Escolar: avançando na contribuição da leitura cultural histórica**. São Paulo: Cortez, 2017.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F. L. A preparação para o exercício da profissão docente: Contribuições da teoria da subjetividade. In: ROSSATO, M.; PERES V. L. A. (Ed.), **Formação de educadores e psicólogos: Contribuições de desafios da subjetividade na perspectiva cultural-histórica**. Curitiba, PR: Appris. 2019. p. 13-46.

Eje temático: A subjetividade e os desafios contemporâneos na formação de professores e de outros profissionais

Subtema: A formação profissional como processo de mudança e desenvolvimento subjetivo.

Mudanças subjetivas relacionadas à preparação para práticas pedagógicas no contexto da horta escolar

Jeedir Rodrigues de Jesus Gomes,

jeedir@ufpa.br

José Moysés Alves, UFPA

jmalves@ufpa.br

Resumo: Objetivamos compreender as configurações subjetivas das ações pedagógicas de professores (CSAPP) em preparação para a atuação profissional, orientada pelo enfoque Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente (CTSA), no contexto de uma horta escolar (HE). Além de prover alimentos saudáveis, pesquisas têm mostrado que a HE pode se tornar um excelente laboratório de ensino e aprendizagem. Fundamentamos a pesquisa na Teoria da Subjetividade, na Epistemologia Qualitativa e na Metodologia Construtivo-interpretativa. Participaram da investigação dois professores de uma escola pública de ensino médio integral, de Belém do Pará. Eles foram acompanhados, desde 2017, quando os professores formaram um grupo de estudos sobre o novo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que também discutiu sobre o enfoque CTSA e propôs a implantação de uma HE. A presente pesquisa, interessada em compreender as CSAPP, focou nas aprendizagens deles durante o planejamento, realização e avaliação de atividades de ensino, no contexto da HE, entre os anos de 2019 e 2023. Com base na interpretação de informações que obtivemos em conversas informais, observações participantes, complementos de frases, redações e outras produções escritas dos professores, construímos indicadores e hipóteses sobre os sentidos subjetivos relacionados à história de vida, à subjetividade social e os produzidos durante a ação pedagógica. Com esses resultados, elaboramos dois estudos de caso, a partir dos quais compreendemos que os professores enfrentaram tensionamentos gerados em diferentes níveis da subjetividade social, relacionados às exigências do ENEM, às decisões do grupo de estudos sobre educação CTSA, além daqueles gerados nas interações com turmas de estudantes na HE ou na sala de aula. Os professores participantes enfrentaram esses desafios, inicialmente, com recursos subjetivos, relacionais e operacionais que dispunham, mas sentiram-se desafiados a produzirem novos sentidos subjetivos e a realizarem novas aprendizagens. Essas aprendizagens e novas produções subjetivas ampliaram suas possibilidades de ação e relação, gerando um maior envolvimento com a própria docência e práticas pedagógicas diferenciadas, inclusive na sala de aula. Assim, concluímos que

ocorreram mudanças subjetivas que envolveram o desenvolvimento de novos recursos subjetivos, relacionais e operacionais, com impacto significativo na preparação para a atuação profissional dos professores.

Cuestión para el debate en el Grupo de Discusión Temática: Como as políticas públicas podem favorecer a motivação de professores que realizam práticas pedagógicas diferenciadas a pesquisarem e divulgarem suas experiências com outros professores?

Palavras-clave: mudança subjetiva; configuração subjetiva da ação pedagógica; horta

escolar com enfoque CTSA.

Referencias

CACHAPUZ, A. F.; JORGE, M. P.; PRAIA, J. F. **Ciência, Educação em Ciências e Ensino das Ciências.** Lisboa: Ministério da educação, 2002.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F. **Psicologia, Educação e Aprendizagem Escolar: avançando na contribuição da leitura cultural histórica.** São Paulo: Cortez, 2017.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F. L. A preparação para o exercício da profissão docente: Contribuições da teoria da subjetividade. In: ROSSATO, M.; PERES V. L. A. (Ed.), **Formação de educadores e psicólogos: Contribuições de desafios da subjetividade na perspectiva cultural-histórica.** Curitiba, PR: Appris. 2019. p. 13-46.

Eixo temático: A subjetividade e os desafios contemporâneos na formação de professores e de outros profissionais

Subtema: A significação da subjetividade nas práticas formativas profissionais

Subjetividade Social e Clube de Ciências:

Um Estudo de Caso na Formação Inicial de Professores

Isabel Cristina de Castro Kondarzewski, Universidade Estadual Paulista, isabel.castro@unesp.br

Resumo: Esse estudo é um desdobramento da tese de doutorado do primeiro autor (Lima, 2025). Nosso objetivo foi compreender como princípios relacionados à pesquisa, no contexto de grupos de licenciandos no Clube de Ciências da Universidade Federal do Pará (CCIUFPA), emerge como elemento da preparação ao exercício da profissão personalizado na subjetividade social. Assumimos a Teoria da Subjetividade, articulada à Epistemologia Qualitativa e à Metodologia Construtiva-Interpretativa (González Rey; Mitjáns Martínez, 2017). O CCIUFPA é um espaço sociorrelacional que valoriza a formação inicial de professores por meio de práticas antecipadas à docência (Gonçalves, 2000). A formação do professor pesquisador é um princípio formativo deste contexto que, por meio da pesquisa no/do ensino de ciências (Parente, 2021), permite que licenciandos gerem conteúdos científicos ensináveis e lidem com situações imprevisíveis que possam surgir na ação de ensinar e aprender. Ângelo foi o estudo de caso dessa pesquisa. No grupo, ele era um licenciando em química e professor estagiário do CCIUFPA. Os principais instrumentos usados foram: as dinâmicas conversacionais; os momentos informais; redação; complemento de frases; e diários de aulas. Com imersão do pesquisador, foi possível realizar uma Análise Construtiva-Interpretativa. Com as produções subjetivas singulares no/do grupo, Ângelo personalizou princípios formativos, modos de ensinar ciências e aprender a ser professor. Na relação com o grupo, foi possível gerar indicadores acerca do compromisso, da responsabilidade e da qualidade da relação com o outro. Produções subjetivas de outros espaços-tempos emergiam articuladas a subjetividade individual e social. Os professores estagiários eram tensionados em suas concepções, que os levaram a reorganizar atividades, realizar negociações e considerar a aprendizagem dos estudantes. Portanto, tais ações e relações configuraram a formação de futuros professores no CCIUFPA, como o caso de Ângelo. Destacamos o valor teórico desse estudo a partir dos questionamentos de Mitjáns Martínez (2020, p. 64), sobre: “como compreender as formas singulares de subjetivação do espaço social por parte dos indivíduos?”.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como o conceito de “personalização do conhecimento” pode gerar inteligibilidade sobre a articulação entre formação de professores e subjetividade social?

Palavras-chave: subjetividade social; formação de professores; clube de ciências.

Referências

LIMA, Murilo Henrique dos Santos. **A formação do professor pesquisador em um clube de ciências**: uma perspectiva a partir da Teoria da Subjetividade. 2025. 190 f. Tese (Doutorado em Educação para a Ciência) - Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2025.

GONÇALVES, Terezinha Valim Oliver. **Ensino de ciências e matemáticas e formação de professores:** marcas da diferença. 2000. 275 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade**: teoria, epistemologia e método. Campinas: Editora Alínea, 2017. 191 p.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. Subjetividade social: desafios de um conceito. *In*: MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; TACCA, M. C. V. R.; PUENTES, R. V. (org.). **Teoria da Subjetividade**: discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional. 1. ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2020. p. 47-66.

PARENTE, Andrela Garibaldi Loureiro. O que aprendi no Clube de Ciências? Vivências de (trans)formação de uma professora de ciências. *In*: GONÇALVES, T. V. O.; ARAÚJO, R. L.; NUNES, J. B. M. (org.). **Clube de Ciências da UFPA**: aprendizagens entrelaçadas de docência e iniciação científica vivenciadas na experiência coletiva. 1. ed. São Paulo: Livraria da Física, 2021. p. 39-76.

Eixo temático: A subjetividade e os desafios contemporâneos na formação de professores e de outros profissionais.

Subtema: Desafios contemporâneos na atuação docente

Mudanças subjetivas na preparação para a docência durante o estágio supervisionado de Biologia

Marilda Vinhote Bentes,

marilda.bentes@ifrr.edu.br

José Moysés Alves, UFPA

jmalves@ufpa.br

Resumo: A formação inicial de professores no campo das Licenciaturas em Ciências Biológicas tem destacado o estágio supervisionado como um componente formativo essencial à constituição da identidade docente e à elaboração de recursos pedagógicos necessários para lidar com os desafios complexos da prática escolar. Contudo, grande parte dos estudos ainda se concentra em aspectos objetivos e cognitivos desse processo, negligenciando a dimensão subjetiva da formação. Esta pesquisa de tese de doutorado, ancorada na Teoria da Subjetividade de González Rey, propõe uma abordagem que coloca em foco a preparação docente como um processo de desenvolvimento subjetivo, constituído a partir das experiências simbólico-emocionais vividas ao longo da vida. Sob essa perspectiva, entende-se que o estágio supervisionado é um espaço fecundo de produção de sentidos subjetivos, que atravessam e ressignificam as trajetórias pessoais e formativas dos licenciandos. O objetivo central da investigação foi compreender mudanças nas configurações subjetivas da ação de aprender de duas licenciandas e o desenvolvimento de seus recursos subjetivos, relacionais e operacionais relevantes na preparação para a futura atuação docente. A pesquisa, fundamentada na Epistemologia Qualitativa e orientada pelo método Construtivo-Interpretativo, foi realizada com duas estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal de Roraima, unidade Campus Boa Vista, durante dois semestres consecutivos de estágio supervisionado articulado à prática pedagógica em Biologia. Foram utilizados instrumentos diversos, como observações, dinâmicas conversacionais, diários, redações e complementos de frases, visando à construção interpretativa de indicadores de sentidos subjetivos associados à história de vida, à subjetividade social e produzidos durante a ação de aprender para a docência. Nos dois estudos de caso, as participantes, eram oriundas de contextos socioeconômicos vulneráveis, enfrentaram múltiplas adversidades desde a infância, mas também vivenciaram relações sociais marcadas pelo acolhimento e apoio, que favoreceram a constituição de percursos singulares de subjetivação. A identificação com a docência só emergiu ao longo do curso, especialmente no estágio, quando novas compreensões sobre o papel social

da educação e o ser professora foram construídas. As reflexões proporcionadas pelas vivências no estágio, em uma prática pedagógica dialógica, favoreceram a produção de novos sentidos subjetivos sobre a docência e impulsionaram o desenvolvimento de recursos subjetivos (competências afetivo-relacionais) e operacionais importantes para a atuação profissional futura. A pesquisa evidenciou que o referencial teórico-metodológico adotado não apenas permitiu compreender processos formativos muitas vezes invisibilizados pela literatura da área, como também contribuiu para práticas de formação capazes de fomentar mudanças subjetivas significativas. Tais resultados reforçam a importância de se reconhecer a formação docente como um processo dinâmico e complexo de desenvolvimento subjetivo, especialmente em contextos marcados por desigualdades sociais e desafios contemporâneos na formação de professores.

Questão para debate no Grupo de Discussão Temática: Como o estágio supervisionado pode promover transformações subjetivas significativas na formação de professores de Biologia, contribuindo para o desenvolvimento de recursos afetivo-relacionais e operacionais necessários à atuação docente em contextos de vulnerabilidade social?

Palavras-chave: Estágio Supervisionado, Licenciatura em Ciências Biológicas, Subjetividade.

Referências

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F. L. A preparação para o exercício da profissão docente: contribuições da Teoria da Subjetividade. In: ROSSATO, M.; PERES, V. L. A. **Formação de educadores e psicólogos: contribuições e desafios da subjetividade na perspectiva cultural-histórica**. Curitiba: Appris, 2019.

TACCA, M. C. V. R. Estratégias Pedagógicas: conceituação e desdobramentos com o foco nas relações professor-aluno. In: TACCA, M. C. V. R. (org.). **Aprendizagem e trabalho pedagógico**. Campinas: Ed. Alínea, 2006.

MUNIZ, L. S.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Aprendizagem criativa da leitura e da escrita e desenvolvimento: princípios e estratégias do trabalho pedagógico**. Curitiba: Appris, 2019.

Eixo temático: Teoria da Subjetividade: avanços, desafios conceituais e relações com outros campos e referenciais teóricos

Subtema: Diálogos da Teoria da Subjetividade com outros referenciais teóricos.

Aproximações entre a Teoria da Subjetividade e a Psicologia Cultural Semiótica: implicações para a educação escolar

Gláucia Melasso Garcia de Carvalho – IFB/UnB/IP/PGPDE

Angela Branco Uchoa – UnB/IP/PGPDE

Resumo: Este estudo analisa, comparativamente, a Psicologia Cultural Semiótica (PCS) de Jaan Valsiner e a Teoria da Subjetividade (TS) de Fernando González-Rey, focando em suas categorias conceituais e implicações para a educação escolar. Ambas as abordagens, enraizadas na tradição histórico-cultural de Vygotsky, oferecem perspectivas inovadoras para compreender o desenvolvimento humano e os processos educativos, apesar de suas distinções teóricas. O trabalho destaca a relevância dessas teorias para a psicologia contemporânea, buscando análises que superem visões fragmentadas do sujeito e do conhecimento. O objetivo principal é identificar e analisar possíveis articulações entre a PCS e a TS, discutindo suas contribuições para as práticas educativas. A Psicologia Cultural Semiótica de Valsiner enfatiza a mediação semiótica como processo central na constituição da psique, explorando como os campos afetivo-semióticos hipergeneralizados orientam a percepção, sentimentos, pensamentos e ações humanas. Sua teoria valoriza o papel da cultura, através de processos de canalização cultural, ao mesmo tempo em que destaca a agencialidade do sujeito. Assim, explicita como as mensagens culturais atuam na organização complexa do ambiente escolar, apontando para a necessidade de investigar se tais mensagens e práticas que aí contribuem para direcionar os processos de desenvolvimento humano. Nesse contexto, destaca a fundamental participação da afetividade nos processos de coconstrução de significados, isto é, nos processos semióticos (semiosis afetiva). Em paralelo, a Teoria da Subjetividade de González-Rey surge como reelaboração dos conceitos vygotskianos. O cerne é a subjetividade, entendida como um sistema complexo e dinâmico de sentidos e configurações subjetivas. O sentido subjetivo é postulado como a unidade psicológica que integra cognição e afeto, sendo produção singular do indivíduo. González-Rey destaca a autonomia do sujeito na constituição da subjetividade, oferecendo elementos para compreender intencionalidades e singularidades sob uma ótica não linear. A análise revela que, embora ambas as teorias valorizem a natureza cultural e histórica do desenvolvimento e critiquem dualismos e categorizações rígidas, suas divergências centrais residem na compreensão da posição da cultura nas configurações da subjetividade e no papel dos afetos e da dialogicidade no desenvolvimento humano. Valsiner foca nos processos de construção e internalização de significados. González-Rey, por sua vez, propõe uma subjetividade permanentemente ativa e produtora de

sentidos, onde o afeto papel fundamental. As contribuições para a educação escolar são significativas em ambas as teorias. Valsiner permite analisar as dinâmicas escolares como campos semióticos complexos, onde signos e interações configuram a educação e os processos pedagógicos em ambiente cultural específico. González-Rey, por sua vez, aprofunda a compreensão dos processos subjetivos individuais e sociais que subjazem às intenções, à criação de espaços de subjetivação, ao engajamento e à construção de conhecimento, enfatizando a singularidade das produções subjetivas. A articulação dessas perspectivas pode enriquecer a prática pedagógica, promovendo educação escolar que considere tanto as construções culturais mediadas semioticamente quanto a produção singular da subjetividade. As categorias de agencialidade e intencionalidade do sujeito são elementos teóricos importantes em ambas e contribuem significativamente para a compreensão dos processos da ação educativa na escola.

Questão para debate no Grupo de Discussão Temática: Considerando a possível complementaridade teórica entre a mediação semiótica da PCS e as configurações subjetivas (individuais e sociais) da TS, como a educação escolar pode integrar as perspectivas para fomentar agencialidade e intencionalidade de indivíduos em desenvolvimento, valorizando tanto as construções culturais quanto as produções subjetivas?

Palavras-chave: teoria da subjetividade; psicologia cultural-semiótica; educação escolar

Referências

BRANCO, A. U. Cultural channeling of human development. In: VALSINER, J.; ROSA, A. (Eds.). **The Cambridge handbook of sociocultural psychology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 370–387.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Complexidade e subjetividade**: o sujeito na perspectiva cultural-histórica. São Paulo: Cortez, 2017.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; TACCA, Maria Carmen; ROSSATO, Maristela; VALDÉS PUENTES, Roberto (Org.). **Teoria da Subjetividade e Epistemologia Qualitativa**: práticas profissionais e pesquisas. [S. l.]: [s. n.], 2024.

VALSINER, J. **Thinking through psychology**: A cultural-historical approach. Springer, 2022.

Eixo temático: A subjetividade e os desafios contemporâneos na formação de professores e de outros profissionais

Subtema: A formação profissional como processo de mudança e desenvolvimento subjetivo.

Estágio Docência: o entrelaçamento da subjetividade, da aprendizagem e do desenvolvimento humano

Juliana Galvão Fonseca, Universidade de Brasília- Instituto de Psicologia- Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento Escolar

jugafo84@gmail.com

Maria Elisa Carneiro Pereira Pinto, Universidade de Brasília- Instituto de Psicologia-

Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento Escolar.

melisacarneiropp@gmail.com

Sandra Ferraz C. D. Freire, Universidade de Brasília- Instituto de Psicologia- Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento Escolar

sandra.ferraz@gmail.com

Resumo: Trabalhar os conteúdos da Psicologia em uma sala de aula de graduação pode se tornar um campo fértil para a aprendizagem não só de conhecimentos e práticas psicoeducativas, mas para o desenvolvimento de docentes e discentes em seus percursos subjetivos e formativos. O fazer pedagógico de uma sala de aula tem como premissa a dialogicidade e a perspectiva de grupo a fim de compreender a aprendizagem para o desenvolvimento humano. De acordo com Madeira Coelho (2014), a aprendizagem precisa ser compreendida como função do sujeito que aprende, que dá sentido subjetivo às situações que vivencia na coletividade, e, dessa forma, configura processualmente as diversas e diferentes funções em uma singularidade que lhe é própria. Na perspectiva Histórico-Cultural da Subjetividade, o aprender ocorre por meio de integrações dinâmicas que vão se produzindo em um processo complexo que implica também, processos recursivos e dialógicos de sentido subjetivo (Campolina, 2014, p.180). Assim, o entrelaçamento acontece, pois, consideramos que os processos de aprendizagem que ocorrem a partir das experiências sociorrelacionais nas situações em que docentes e discentes (re)constroem as suas subjetividades segundo a perspectiva do desenvolvimento humano visto como mudança e transformação. E em relação à “prática humana” dialética e dialógica de aprender-ensinar, existe o sentido subjetivo como unidade simbólico-emocional com movimento e tensão entre ambos, constituindo unidades psíquicas (González Rey, 2009, p.130-131) de docentes e discentes. O presente trabalho tem como objetivo demonstrar a construção coletiva de reflexão sobre o

percurso prático- teórico de estágio docente de duas mestrandas da pós-graduação, a professora supervisora, e o corpo discente dos cursos de licenciatura de uma disciplina de Psicologia da Educação no primeiro semestre letivo de 2025. Esse campo de conhecimento considera a multidimensionalidade da aprendizagem e do desenvolvimento humano, nos quais os fundamentos psicológicos estão relacionados ao contexto histórico, social, cultural, político e econômico mais amplo da Educação no Brasil. A abordagem metodológica da disciplina utilizou estudos de caso, discussão em grupo, análise, vivência e reflexão dos conteúdos junto aos discentes, os quais participaram ativamente em todas as etapas do processo. O sujeito que aprende está envolvido em processos emocionais que não decorrem apenas do que acontece na sala de aula, e mostram também o caráter produtivo dos sujeitos no processo de aprender (González Rey, 2009, p.131). Esse percurso teórico-prático foi pensado para a construção do conhecimento com o intuito de aprender-ensinar, pois ensinar só é possível quando o aluno aprende de forma crítica e reflexiva o que é ofertado pelo docente. Portanto, foi realizada uma análise (1) dos materiais instrucionais preparados pelas docentes; (2) dos feedbacks às tarefas discentes e (3) dos questionários de autoavaliação e meta avaliação dos discentes. Assim, a disciplina, ao envolver propostas didáticas e relações inovadoras para a sala de aula, está sendo constituída por meio do "ato educativo" (Bergamo; Romanowski, 2006, p.3), articulando os temas e conteúdos a um projeto de sociedade democrática para as futuras gerações.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: A docência é um dos maiores desafios da atualidade. A sua concepção foi constituída e estabelecida a partir de práticas unidirecionais e com uma "visão correta" de ciência. Ainda hoje vemos essas crenças e reproduções. Então como propor reflexões e práticas mais dialéticas e dialógicas de aprender-ensinar?

Palavras-chave: subjetividade; docência; dialogicidade

Referências

BERGAMO, Regiane Banzzatto; ROMANOWSKI, Joana Paulin. Concepções de professores sobre a disciplina de Psicologia da Educação na formação docente. **UNIrevista**, v. 1, n. 2, p. 1–12, abr. 2006.

CAMPOLINA, Luciana de Oliveira. Aprendizagem, subjetividade e interações sociais na escola. In: MARTINEZ, Albertina Mitjáns; ALVAREZ, Patricia. Org. **O sujeito que aprende-Diálogo entre a psicanálise e o enfoque histórico-cultural**. Brasília: Liber Livro, 2014. p. 179-212.

MADEIRA COELHO, Cristina M. Categoria de sentido subjetivo e os contextos educacionais: valor teórico e evidências empíricas. In: MARTINEZ, Albertina Mitjánz; ALVAREZ, Patricia. Org. **O sujeito que aprende- Diálogo entre a psicanálise e o enfoque histórico-cultural**. Brasília: Liber Livro, 2014. p. 99-122.

GONZÁLEZ REY, F.L. Questões teóricas e metodológicas nas pesquisas sobre a aprendizagem. In: MARTÍNEZ, A.M.; TACCA, M.C.V.R. Org. **A complexidade da**

aprendizagem: destaque ao Ensino Superior. Campinas, SP: Alínea, 2009. p. 119-147.

Eixo temático: A Subjetividade e os desafios contemporâneos na formação de professores e de outros profissionais.

Subtema: A significação da Subjetividade nas práticas formativas profissionais.

Projeto Escola nas Estrelas Dourados (EnED):

Teoria da Subjetividade e Formação Docente em ação na Extensão Universitária

Elias Batista dos Santos, Centro Universitário Projeção (UniProjeção),

edrsantos@gmail.com

Isabella Guedes Martinez, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD),

isabellamartinez@ufgd.edu.br

Resumo: O presente trabalho vinculado ao eixo temático "A Subjetividade e os desafios contemporâneos na formação de professores e de outros profissionais" visa descrever uma análise das ações pedagógicas desenvolvidas no curso promovido pelo Projeto de Extensão Escola nas Estrelas Dourados (EnED), realizado em uma escola pública de Dourados-MS, fundamentada na Teoria da Subjetividade de Fernando González Rey. Esta teoria, de acordo com o autor, compreende a subjetividade como "as formas complexas em que o psicológico se organiza e funciona nos indivíduos, cultural e historicamente constituídos e nos espaços sociais das suas práticas e modos de vida" (Mitjáns Martínez; González Rey, 2017, p. 95). Essa abordagem permite entender a formação docente não apenas como saberes teóricos, mas como um processo complexo em que crenças, emoções e valores estão envolvidos na prática pedagógica. Ao ancorar a pesquisa na Teoria da Subjetividade como referencial, o estudo reconhece os licenciandos como sujeitos na construção de sentidos sobre o ensinar, especialmente no contexto da extensão universitária. A extensão, nesse cenário, aparece como uma ambiência favorável para a construção da identidade docente, pois promove a articulação entre ensino, pesquisa e intervenção social (FORPROEX, 2012). Assim, as experiências vividas pelos estudantes no projeto contribuíram para sua formação profissional ao colocá-los em contato direto com a prática educativa em um contexto de sala de aula. O curso foi estruturado em cinco encontros que utilizaram Metodologias Ativas e estratégias de Divulgação Científica em Astronomia, como jogos, oficinas, palestras e atividades experimentais. Cada uma dessas ações buscou valorizar a participação dos estudantes e proporcionar vivências formativas aos licenciandos. A metodologia da pesquisa-ação, adotada no estudo, favoreceu a reflexão constante sobre as práticas, permitindo que os licenciandos se colocassem como protagonistas da própria formação. Ao longo do curso, emergiram sentidos subjetivos importantes para os licenciandos, tais como a valorização do diálogo, a escuta atenta e o reconhecimento da complexidade da prática docente. As atividades, como o Jogo Perfil Astronômico, a construção do

Planisfério Celeste e o lançamento de foguetes contribuíram para tornar o ensino de Astronomia mais acessível, ao mesmo tempo em que desafiaram os futuros professores a planejarem, desenvolverem e avaliarem suas ações pedagógicas de forma crítica (Martinez, Gomes, Santos, 2024). Os resultados demonstraram que a articulação entre Teoria da Subjetividade e a Extensão Universitária fortalece o processo de formação docente. O projeto revelou-se um espaço de desenvolvimento de conhecimentos, de trocas de experiências e de construção da prática pedagógica. Ao final, conclui-se que experiências extensionistas como essa são fundamentais para a formação de professores mais comprometidos com uma educação inovadora e com a construção de sentidos subjetivos que sustentem uma prática docente ética, reflexiva e crítica.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: como a Teoria da Subjetividade pode ajudar os futuros professores a entenderem melhor suas vivências durante projetos de extensão?

Palavras-chave: teoria da subjetividade; extensão; formação de professores.

Referências

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS. **Política Nacional de Extensão Universitária. Manau**s - AM: maio de 2012.

GONZÁLEZ REY, F. L.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método.** Campinas: Alínea, 2017.

Martinez, I. G., Gomes, I. da S.; Santos, E. B. dos. (2024). Projeto Escola nas Estrelas Dourados (ENED): divulgação científica em ação na extensão universitária. **Caderno Pedagógico**, *21*(13), e11677. https://doi.org/10.54033/cadpedv21n13-119

Eixo temático: A subjetividade e os desafios contemporâneos na formação de professores e de outros profissionais

Subtema: A significação da subjetividade nas práticas formativas profissionais.

A Inclusão na Educação Superior sob a perspectiva da Teoria da Subjetividade

Karla Wunder da Silva, PUCRS,

karla.wunder@edu.pucrs.br.

Bettina Steren dos Santos, PUCRS bettina@pucrs.br

Resumo: O artigo analisa os processos de inclusão na educação superior a partir da Teoria da Subjetividade de González Rey, considerando as percepções de docentes universitários sobre a presença de estudantes com deficiência e neurodivergência. A inclusão nesse nível educacional ainda enfrenta desafios estruturais, pedagógicos e culturais, que se manifestam nas práticas e discursos docentes. Os dados foram construídos em um encontro dialógico com 100 professores de uma Universidade de Porto Alegre, através de uma oficina com situações práticas e reflexivas. A articulação com a Teoria da Subjetividade de González Rey (2005, 2011, 2012) permitiu compreender como os sentidos sobre a inclusão são construídos na experiência docente, envolvendo aspectos simbólicos, emocionais e interativos, reconhecendo a subjetividade não como um atributo individual fechado, mas um processo dinâmico, historicamente situado, que se expressa nas relações sociais e nos discursos. Os resultados revelam que os professores reconhecem a importância da inclusão, mas vivenciam sentimentos ambivalentes – entre o compromisso com a diversidade e a frustração diante da falta de apoio institucional. Muitos identificam a inclusão não apenas como um conjunto de adaptações físicas, mas como um processo que exige mudanças atitudinais, metodológicas e afetivas. A docência é permeada por tensões subjetivas que afetam diretamente a capacidade de promover práticas inclusivas significativas. A formação docente, neste contexto, é destacada como elemento essencial, não apenas na perspectiva técnica, mas como processo de transformação subjetiva. Os professores ressignificam suas concepções sobre a diferença, repensam os critérios de normalidade e reavaliam suas próprias práticas a partir do encontro com a diversidade. A formação, portanto, é entendida como um espaço de produção de sentidos, em que se constroem disposições mais sensíveis à inclusão. O estudo também denuncia o capacitismo estrutural presente nas universidades, conforme apontado por Dolmage (2017), e questiona os padrões de excelência que excluem sujeitos que aprendem de formas diversas. Para avançar na inclusão, é necessário romper com modelos normativos, investir em políticas estruturantes e cultivar ambientes que acolham a singularidade dos sujeitos. Conclui-se que a inclusão na educação superior não pode ser reduzida a políticas institucionais ou adaptações técnicas. É um processo interativo e subjetivo, que exige o

engajamento ativo dos docentes na construção de sentidos, na criação de estratégias pedagógicas e na transformação da cultura universitária. A teoria da subjetividade oferece, assim, um referencial potente para repensar a formação de professores e para consolidar práticas inclusivas que reconheçam a diversidade como valor formativo.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como a formação docente pode favorecer a construção de sentidos subjetivos que rompam com a lógica capacitista e promovam uma prática inclusiva na educação superior, segundo a Teoria da Subjetividade?

Palavras-chave: Subjetividade docente; Inclusão na educação superior; Capacitismo estrutural

Referências

DOLMAGE, J. T. **Disability and higher education. University of Michigan Press**. Academic ableism:(2017).

GONZÁLEZ REY, F. **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia.** Thomson. (2005)

GONZÁLEZ REY, F. **Subjetividade, cultura e educação: Humanização em tensão.** Livraria da Física (2011)..

GONZÁLEZ REY, F. . **Pesquisas qualitativas e subjetividade: Os processos de construção da informação**. Thomson (2012).

Eixo temático: A subjetividade e os desafios contemporâneos na formação de professores e de outros profissionais

Subtema: A formação profissional como processo de mudança e desenvolvimento subjetivo.

Direção Escolar e suas Contribuições no Favorecimento da Inovação

Gláucia Melasso Garcia de Carvalho – IFB/IFG

glaucia.carvalho@ifb.edu.br

Albertina Mitjáns Martínez / UnB

IFGR amitjans@gmail.com

Resumo: A pesquisa de Carvalho e Mitjáns Martínez (2023), analisa a ação dos diretores escolares na constituição de um ambiente educacional voltado à inovação. Com base na Epistemologia Qualitativa e na Teoria da Subjetividade de González-Rey, o estudo de caso enfoca uma escola pública do Distrito Federal e propõe a compreensão da subjetividade social como elemento organizador da prática inovadora. A investigação identifica cinco eixos principais que estruturam a ação do gestor: implicação pessoal, posicionamento no cargo, pertencimento à escola, promoção da comunidade escolar e promoção da qualidade educativa. A afetividade, a escuta ativa e o envolvimento com os desafios da comunidade são destacados como componentes essenciais da gestão inovadora. A liderança é exercida de forma participativa, com ênfase na criação de espaços democráticos de decisão e valorização das expressões culturais e artísticas. A pesquisa também salienta que a inovação não se refere apenas ao uso de tecnologias, mas a um processo coletivo de transformação das rotinas e relações escolares. A construção do Projeto Político-Pedagógico (PPP) aparece como instrumento estratégico, capaz de articular os desejos da comunidade e incorporar práticas diferenciadas de ensino e gestão. O estudo detalha iniciativas como o Festival de Curtas, a Escola de Circo, projetos de mediação de conflitos e oficinas de contraturno, todos impulsionados pela intencionalidade das diretoras *de "fazer diferente e fazer diferença*". A formação dos diretores é abordada como ponto crítico para o avanço da inovação nas escolas públicas. O texto denuncia a ausência de políticas públicas eficazes de formação continuada e propõe que a preparação dos gestores inclua não apenas competências administrativas, mas também sensibilidade para lidar com a complexidade das relações escolares. Além da análise teórica, a pesquisa oferece contribuições práticas, como sugestões para reorganização dos espaços escolares, incentivo à participação comunitária e implementação de mecanismos de escuta e diagnóstico permanente. Tais estratégias permitem ao diretor compreender as necessidades emergentes da comunidade escolar e estimular a criação de vínculos afetivos e projetos colaborativos. Ao demonstrar que a ação do gestor pode mobilizar subjetividades em permanente processo de desenvolvimento

gerando mudanças também na subjetividade social da escola, a pesquisa reafirma o papel central da direção na promoção da inovação educacional e na construção de uma escola pública democrática, plural e comprometida com a qualidade da aprendizagem.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como as políticas públicas de formação e seleção de diretores escolares podem incorporar, de forma estruturada, elementos subjetivos, afetivos e participativos que se mostraram fundamentais para a inovação educativa, segundo a pesquisa, rompendo com modelos burocráticos e promovendo lideranças transformadoras nas escolas públicas brasileiras?

Palavras-chave: inovação educativa; direção escolar; teoria da subjetividade

Referências

CARVALHO, Gláucia Melasso Garcia. **A direção escolar na constituição de subjetividade social favorecedora da inovação**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

CARVALHO, Gláucia Melasso Garcia; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Inovação no contexto da escola básica: uma experiência singular no Distrito Federal**. Curitiba: CRV, 2023.

GONZÁLEZ-REY, Fernando Luis. ***Epistemologia qualitativa e subjetividade.*** São Paulo: Educ, 1997.

CARBONELL, Josep. **A aventura de inovar: a mudança na escola**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CAMPOLINA, Luciana de Oliveira. **Inovação educativa e subjetividade: a configuração da dimensão histórico-subjetiva implicada em um projeto inovador**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

Eixo temático: A subjetividade e os desafios contemporâneos na atuação docente

Subtema: O desenvolvimento e a promoção da criatividade na perspectiva da subjetividade.

Ateliê de Arte e Criatividade na Formação Profissional

Lara Nassar Scalise, INSTED,

laranassarscalise@gmail.com

Luísa Scalise de Almeida, UCDB,

luisa.11almeida@gmail.com

Resumo: Apresentaremos um relato de experiência profissional denominado: Ateliê de Arte e Criatividade na Formação Profissional, prática ainda em andamento no ano de 2025, que tem por objetivo promover processos de significação e de sentido mediados pela arte e de processos criativos no reconhecimento e na apropriação de recursos subjetivos próprios nos espaços sociais em que vivem os indivíduos, e assim discutir outras novas vias de aprendizagem além das tradicionais, com ênfase no aprendiz e não no conteúdo. Este trabalho está sendo realizado no formato on-line em uma ONG de carácter filantrópico e filosófico que presta serviços comunitários, organizada em 4 pilares fundamentais: Saúde, Formação Acadêmica, Formação Profissional e o Programa de Educação para a Cidadania Democrática, situada na capital Luanda em Angola. Ao reconhecer e aliar arte e criatividade damos visibilidade a uma das ações humanas mais antigas: a expressão por meio da produção artística, capaz de registrar a realidade histórica promovendo memória para acesso futuro de significados e sentidos da cultura e da sociedade para o sujeito que nela vive. Assim, a proposta aqui relatada visa reconhecer nas vivências formas indutoras de novas aprendizagens para o desenvolvimento do sujeito. É o convite à criação e produção simbólica do vivido e da possibilidade de produzir novos sentidos subjetivos. Importante salientar que há outras vias de aprendizagem além das tradicionais, porém, sabemos que reconhecer formas inovadoras na educação não excluem o intelecto, mas denotam possibilidades de transformar as habilidades e capacidades do sujeito em formação inseparáveis da dimensão subjetiva. (Mitjáns Martinez, 2017). A prática deste trabalho acontece por meio de um programa no formato de ateliê, considerado um espaço de construção onde é possível experimentar, manipular e produzir atividades em artes e de promover a expressão das emoções humanas, que aparecem nas produções de formas simbólicas. Ao tensionar os participantes na execução das atividades propostas é possível reconhecer como estes reagem as próprias demandas da vida e como se organizam diante delas, desta forma, os processos criativos vivenciados abrem caminhos para uma nova configuração subjetiva, onde os sujeitos desenvolvem a capacidade de posicionamento por

uma via própria de subjetivação, possibilitando-lhe o reconhecimento de conteúdos simbólicos-emocionais, com os quais ao dialogar, promovem o autoconhecimento e, consequentemente, o seu desenvolvimento pessoal. Com base na dimensão subjetiva da aprendizagem, por meio do ateliê de arte e criatividade, percebemos como os envolvidos na proposta tornam-se sujeitos, com recursos próprios, no favorecimento de sua livre expressão, de forma singular, gerando novas formas de aprender a ser diante dos seus mais diversos espaços sociais, aqui com ênfase na sua formação profissional.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Diante do exposto, reconhecemos a necessidade de novas proposições para aprendizagem. Sabemos que ao mesmo tempo que essa necessidade se define encontramos resistências historicamente reconhecidas na execução de práticas em aliar esforços que demandam reflexões complexas de todos os envolvidos no processo como nos pontua Mitjàns Martinez; González Rey (2017).

Palavras-chave: dimensão subjetiva; aprendizagem; arte e criatividade.

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

MITIJÁNS MARTINEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas: Alínea, 2017

SCALISE, Lara Nassar; ANACHE, Alexandra Ayache. A ação docente na pós-graduação sob a perspectiva cultural histórica: a criatividade em foco. **Obutchénie**: Revista de Didática e Psicologia Pedagógica, v. 3, n. 1, p. 135-157, 2019.

EIXO TEMÁTICO 6.

A SUBJETIVIDADE E OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS NA ATUAÇÃO DOCENTE

Eixo temático: 6. A subjetividade e os desafios contemporâneos na atuação docente

Subtema: Desafios contemporâneos na atuação docente.

A dimensão subjetiva da educação moral escolar na atuação contemporânea de profissionais da educação

Carla Maria de Almeida Gonzales, Centro Universitário de Brasília (CEUB), carla.maria@sempreceub.com

Luciana de Oliveira Campolina, Centro Universitário de Brasília (CEUB), luciana.campolina@ceub.edu.br

Resumo: O cenário contemporâneo nos traz um alto grau de desesperança sobre a qualidade das inter-relações e interesses coletivos. Tanto no cenário macro - em que partidos políticos defensores de interesses estritamente individualistas e comerciais caem nas graças populares -, quanto na esfera micro - em que crianças e adolescentes têm dificuldade em respeitar limites na relação eu-outro, descentrar e pensar na comunidade -, percebemos características que causam preocupações sobre o presente e futuro da humanidade. Paralelamente, nas escolas brasileiras evidenciam-se cada vez mais relações hostis, egoístas e violentas como bullying, racismo, gordofobia, para citar apenas alguns exemplos. Uma possibilidade de fazer frente a esse cenário pode ser a educação moral escolar, a depender dos processos da sua constituição. Tendo isso em vista, em uma perspectiva histórico-cultural, compreende-se que a educação moral acontece nas escolas independente da intencionalidade dos profissionais, através da construção moral dessa instituição, conforme a qualidade dos inter-relacionamentos entre os diferentes atores (González Rey, 1983; González Rey; Mitjáns Martínez, 1989; Vigotski, 2010). Em nossa revisão sistemática da literatura nacional sobre o tema, ficou evidente, nos artigos analisados, o predomínio da perspectiva cognitiva-racional piagetiana, com foco na opinião e concepção dos docentes. Houve destaque para pesquisas qualitativas com o uso de questionários e entrevistas semiestruturadas. Também notamos a prevalência de estudos em escolas públicas e uma lacuna nas instituições particulares. Dessa forma, a presente pesquisa em andamento – dissertação de mestrado - tem como objetivo caracterizar a dimensão subjetiva da educação moral escolar, que compõe a trama da subjetividade social da escola, a partir da atuação dos profissionais da educação e gestores escolares. Para tanto, o enfoque será sobre os processos subjetivos configurados pelos ideais, regras e valores morais promovidos nas suas inter-relações escolares; pelas concepções e discursos formais, informais, diretos e indiretos sobre moral e educação moral; bem como sobre as práticas pedagógicas com teor moral, intencionadas ou não; em que a atuação e posicionamento apresentam impacto significativo e ou representativo nessa educação. Para poder, concomitantemente, evidenciar como ocorrem as produções subjetivas nessas ações e inter-relações com demais atores escolares, características da educação moral, que compõem

parte significativa da dimensão subjetiva desse fenômeno e da subjetividade social da escola. Portanto, fundamentada na Teoria da Subjetividade de González Rey (2005), o intuito é ir além da opinião declarada dos profissionais, adentrando os sentidos subjetivos produzidos na educação moral escolar, na qual a atuação profissional tem papel relevante. Trata-se de uma investigação qualitativa, com delineamento de estudo de caso de uma escola particular do Distrito Federal, centrada no funcionamento do Ensino Fundamental II e/ou Médio. O projeto adota os princípios da Epistemologia Qualitativa e o método construtivo-interpretativo de González Rey (2005). A estimativa é de 25 participantes, profissionais da educação e gestores – docentes, coordenador(a) pedagógico, psicólogo(a) escolar, diretor(a), entre outros. Os instrumentos para construção da informação envolverão observação participante e conversas formais e informais com os diferentes atores escolares, além de análise de documentos, questionários abertos e dinâmicas conversacionais individuais com conflito de diálogos, esses dois últimos exclusivos para os participantes.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Quais os possíveis desafios contemporâneos que os profissionais da educação e gestores escolares enfrentam na educação moral escolar dos estudantes?

Palavras- chave: educação moral escolar; subjetividade social; profissionais da educação

Referências:

GONZÁLEZ REY, Fernando Luiz. **Motivación moral en adolescentes y jóvenes.** Ciudad de La Habana: Editorial Científico-Técnica, 1983.
GONZÁLEZ REY, Fernando Luiz; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **La personalidad: su educación y desarrollo.** Ciudad de La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1989.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Cengage Learning, 2005.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Psicologia pedagógica**. Tradução de Paulo Bezerra. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. Publicado originalmente em 1926.

Eixo temático: A subjetividade e os desafios contemporâneos na atuação docente

Subtema: desafios contemporâneos na atuação docente.

Sofrimento subjetivo de docentes na Rede Pública de Ensino do Distrito Federal

Clarissa Vidal, Universidade de Brasília
clarissagvidal@gmail.com

Resumo: Esta apresentação fundamenta-se em uma pesquisa de Mestrado em Educação em andamento, que nasce de inquietações diante do expressivo crescimento do número de docentes que enfrentam quadros de afastamento no Brasil. A forma como essa problemática vem sendo abordada revela-se limitada. Observa-se um aumento significativo de diagnósticos relacionados a diferentes transtornos, bem como a solicitação de afastamentos por parte de profissionais da educação. Nota-se uma tendência, sustentada por discursos hegemônicos, de compreender o sofrimento docente a partir de explicações simplificadas, marcadas por uma perspectiva medicalizante, patologizante e individualista. Diante do exposto, este estudo tem como objetivo compreender as configurações subjetivas, tanto individuais quanto sociais, envolvidas nos processos de sofrimento subjetivo vivenciados por docentes de uma escola pública da rede básica de ensino do Distrito Federal. Busca-se contribuir para a formulação de práticas educativas voltadas ao desenvolvimento subjetivo de professores em situação de sofrimento, propondo alternativas às abordagens centradas na patologização e na individualização do sofrimento. Para a realização da pesquisa, adota-se o arcabouço teórico da subjetividade em uma perspectiva cultural-histórica, conforme proposto por González Rey. A partir das articulações entre educação, saúde e sofrimento docente, problematiza-se a contextualização do papel do professor no exercício profissional, a tecnicização do ensino e a precariedade simbólica à qual esse professor está submetido. Por fim, o trabalho se fundamenta na epistemologia qualitativa, articulada à Metodologia Construtivo-Interpretativa, por meio da realização de um estudo de caso aprofundado com um(a) docente que apresente sinais de sofrimento subjetivo. Goulart (2024) afirma ser essencial considerar a singularidade das produções subjetivas para compreender o sofrimento do outro. O autor critica o modelo manicomial e seus desdobramentos em diferentes espaços sociais, que reduzem o sofrimento subjetivo à patologização. No caso dos docentes, suas produções subjetivas são atravessadas por múltiplas dimensões: relações interpessoais, pressões institucionais, precarização do trabalho, ausência de reconhecimento e dificuldades financeiras. No âmbito escolar, diversos sentidos subjetivos se manifestam. González Rey (2011) adverte que não há um significado único capaz de explicar o sofrimento docente, pois trata-se de uma experiência singular, situada histórica e subjetivamente. A subjetividade, nessa perspectiva, é concebida como uma configuração simbólico-emocional em

constante desenvolvimento, enraizada na cultura e nas práticas sociais. O sofrimento docente não se limita ao espaço escolar, mas resulta também de vivências anteriores em diferentes contextos sociais, como a família, relações afetivas e experiências profissionais. A atuação docente é, portanto, atravessada por toda a trajetória de vida do indivíduo, além de tensionada por fatores macrossociais. A precarização do trabalho docente envolve múltiplos aspectos: burocratização, tecnicização do ensino, sobrecarga, baixa remuneração e lideranças autoritárias. Fanizzi (2023) propõe o conceito de precariedade simbólica, associada à desvalorização e deslegitimação do papel docente. Ao articulá-lo ao sofrimento subjetivo (Goulart, 2024), compreende-se que esse sofrimento constitui uma configuração subjetiva dominante, que fragiliza os recursos internos do professor e compromete sua capacidade de ação e reflexão diante da realidade vivida.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: A atuação reduzida ao cumprimento de tarefas e submetida à pressão por resultados tende a esvaziar o sentido do trabalho, limitando a criatividade e o engajamento subjetivo do professor com sua prática pedagógica. Como essa forma pouco reflexiva de atuar pode estar relacionada ao sofrimento docente?

Palavras-chave: docentes; educação; sofrimento; subjetividade e precariedade.

Referências

FANIZZI, CAROLINE – **O sofrimento docente.** Editora contexto. 2023.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Personalidade, saúde e modo de vida**. São Paulo: Cortez, 2004.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito.** 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Subjetividade e saúde: superando a clínica da patologia**. São Paulo: Cortez, 2011.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas, SP: Alínea, 2017a.

Eixo temático: A subjetividade e os desafios contemporâneos na atuação docente

Subtema: A significação da subjetividade na organização e na realização do trabalho pedagógico

Desafios na sala de aula em relação à indisciplina?

Contribuições da Teoria da subjetividade.

Maria do Socorro Martins Lima, Universidade de Brasília,

smartinsl@hotmail.com

Maria Carmen Villela Rosa Tacca, Universidade de Brasília,

mctacca@yahoo.com.br

Resumo: O trabalho apresenta os resultados da pesquisa que investigou a contribuição da Teoria da Subjetividade para a compreensão das dificuldades de aprendizagem de estudantes, reveladas no processo ensino-aprendizagem e que tiveram relação com comportamentos indisciplinados em sala de aula, na medida em que pesquisou a configuração subjetiva de alunos que se envolveram em situações de indisciplina no contexto da sala de aula. O estudo foi realizado com base na Epistemologia Qualitativa e no método construtivo-interpretativo desenvolvidos por González Rey, (1997, 2002, 2005, 2007, 2017), com crianças de 10 e 11 anos, matriculadas em turmas de 4º e 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Ensino Fundamental do Distrito Federal. Os resultados revelaram que a falta de organização na rotina dos estudantes contribuiu para que eles fossem vistos na escola, como enfrentando dificuldades de diferentes naturezas, consolidando o fator indisciplina e o não envolvimento nas rotinas escolares. Essas dificuldades tinham origens diversas, se manifestavam de formas complexas e faziam parte de situações, que se propagavam para além dos estudantes, das situações escolares e apareceram relacionadas à família e à escola, que se mostraram distanciadas dos estudantes. Tais circunstâncias estavam situadas nas dificuldades da própria família em estabelecer-se como apoio a seus próprios membros ou da escola em relação a seus alunos. A escola também se mostrou distanciada do estudante e da compreensão das manifestações subjetivas que sustentavam suas ações e comportamentos. Os alunos pareciam estar mais comprometidos em estabelecer-se como parte do contexto, participando por meio das ações que dominavam ou que lhes faziam sobrepor, de forma exitosa, aos seus opositores. Esses resultados constituem elementos relevantes a serem apresentados aos professores e poderão reverberar em contribuições para o esclarecimento da natureza de muitas de dificuldades atribuídas aos estudantes, porque neles se manifestam.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Que estratégias podem ser construídas para que a escola possa conhecer e enfrentar essas dificuldades das crianças a partir das contribuições da Teoria da Subjetividade?

Palavras-chave: indisciplina; aprendizagem; subjetividade.

Referências

GONZÁLEZ REY, Luiz Fernando. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural.** Tradução de Raquel Souza Lobo Guzzo. São Paulo: Thomson Learning, 2003.

LIMA, M. Socorro M. **Silêncio e/ou participação: a questão da disciplina na concepção e na prática de professoras da 1ª série do Ensino Fundamental.** Dissertação de Mestrado. IP/UNB, 2000.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A. & GONZÁLEZ REY, F. L. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar: avançando na contribuição da leitura cultural histórica**. São Paulo: Cortez, 2017.

TACCA, M. C. V. R. Estratégias pedagógicas: conceituações e desdobramentos com o foco nas relações professor-aluno. In TACCA, M. C. (org.) **Aprendizagem e trabalho pedagógico.** Campinas: Alínea, 2006.

Eixo temático: A subjetividade e os desafios contemporâneos na atuação docente

Subtema: A significação da subjetividade na organização e na realização do trabalho pedagógico

Subjetividade e Avaliação Formativa na Educação Infantil:

O Diário de Ideias como Mediador da Ação Pedagógica

Pâmela Faria Oliveira,

Colégio de Aplicação – Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia,

pamela.faria@ufu.br

Luciana Soares Muniz,

Colégio de Aplicação – Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia,

luciana.muniz@ufu.br

Resumo: O presente trabalho descreve uma experiência pedagógica inovadora desenvolvida na Educação Infantil do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Uberlândia, utilizando a metodologia do Diário de Ideias. Fundamentada na epistemologia qualitativa e na teoria da subjetividade, com base na perspectiva histórico-cultural, a proposta busca compreender como a avaliação formativa — contínua, processual e dialógica — pode ser implementada de maneira significativa nos ambientes escolares. A metodologia valoriza a escuta sensível, a autoria infantil e o registro livre das experiências das crianças por meio de múltiplas linguagens. Ao reconhecer as crianças como sujeitos ativos de seu processo de desenvolvimento, a teoria da subjetividade se evidencia ao considerar seus desejos, afetos, interesses e histórias de vida como centrais na construção do conhecimento. Diferentemente das avaliações classificatórias, o Diário de Ideias propõe uma abordagem que respeita os tempos e modos singulares de aprender de cada criança. A epistemologia qualitativa, por sua vez, orienta-se pela valorização dos sentidos e significados produzidos nas experiências escolares, privilegiando o olhar interpretativo sobre os registros infantis, os diálogos e as interações cotidianas. O estudo de caso da estudante “X” ilustra os impactos positivos da proposta, ao demonstrar avanços em seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social. A escuta atenta da professora e o vínculo com a família foram decisivos para transformar dificuldades em potenciais de aprendizagem. A avaliação torna-se, assim, um processo ético e político, centrado na subjetividade e na realidade concreta das crianças. Promove autoavaliação, metacognição e participação ativa, contribuindo para a construção de uma escola democrática, humanizadora e inclusiva. Em síntese,

o Diário de Ideias se apresenta como uma proposta metodológica que, além de promover aprendizagens significativas, sustenta um paradigma avaliativo coerente com uma pedagogia crítica, que valoriza o sujeito em sua integralidade e historicidade. A escuta ativa, a participação da família e a sensibilidade às narrativas das crianças são elementos centrais que articulam ensino, avaliação e subjetividade, gerando impactos positivos e transformadores na prática educativa.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como a metodologia do Diário de Ideias, fundamentada na teoria da subjetividade e na epistemologia qualitativa, pode contribuir para romper com práticas avaliativas classificatórias e promover uma educação infantil mais inclusiva, significativa e centrada no sujeito?

Palavras-chave: avaliação formativa; subjetividade; educação Infantil.

Referências

FERNANDES, Cláudia O.; FREITAS, Luiz **Carlos. Indagações sobre currículo: currículo e avaliação**. Brasília: MEC/SEB, 2007.

FERNANDES, Domingos. **Avaliação, aprendizagens e currículo: Para uma articulação entre investigação, formação e práticas**. São Paulo: UNESP, 2006.

MUNIZ, Luciana Soares. **Diário de Ideias: linhas de experiências.** Uberlândia: EDUFU, 2020.

MUNIZ, Luciana Soares; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Aprendizagem criativa da leitura e da escrita e desenvolvimento: princípios e estratégias do trabalho pedagógico**. Curitiba: Appris, 2019.

OLIVEIRA, Pâmela Faria; MUNIZ, Luciana Soares. Avaliação formativa na Educação Infantil no âmbito do trabalho com o Diário de Ideias. In: MUNIZ, Luciana Soares et al. **Diário de Ideias: experiências de implementação e seus impactos na Educação Básica**. Curitiba: CRV, 2022.

Eje temático: La subjetividad y los desafíos contemporáneos en la actuación docente

Subtema: El desarrollo y la promoción de la creatividad desde la perspectiva de la subjetividad

Creatividad, subjetividad y política infantil: sistematización del Día del Trueque y del Podcast Escolar como experiencias de constitución de sujetos políticos en la escuela

Svieta Fernández GonzáleZ, Universidad Nacional de la Plata,

svietafernandez@gmail.com

Resumen: El presente trabajo se inscribe en la teoría de la subjetividad de Fernando González Rey, que concibe los procesos psíquicos y sociales como producciones subjetivas históricamente situadas y no como simples respuestas adaptativas. Desde esta perspectiva, se sistematizan dos experiencias de participación estudiantil en escuelas primarias de Moquegua: el Día del Trueque y la construcción de un Podcast escolar, analizadas bajo el método constructivo–interpretativo. El Día del Trueque se constituyó en un espacio lúdico y político en el que los estudiantes, más allá de intercambiar objetos, elaboraron acuerdos colectivos y decidieron trabajar junto a compañeros de listas opositoras en elecciones previas del Municipio Escolar. Este hecho trasciende la dimensión de la actividad en sí y visibiliza cómo los niños, en interacción, generan sentidos subjetivos de reconciliación y construcción colectiva, configurándose como sujetos políticos en formación. Aquí la creatividad se expresó como capacidad de reinventar vínculos y prácticas, situándose más allá de una visión instrumental y anacrónica de lo creativo en la escuela. Por su parte, la experiencia del Podcast Escolar evidenció la emergencia de resistencias frente a la cultura adultocéntrica. Los estudiantes, al resignificar la categoría de *"chismes informativos"* como recurso comunicativo, crearon un espacio propio de enunciación política que desafía el monopolio docente sobre el lenguaje escolar. Este gesto creativo pone de relieve que los niños no solo reproducen discursos, sino que son capaces de recrear códigos culturales y disputar sentidos en el espacio público de la escuela. Desde un punto de vista epistemológico, estas experiencias cuestionan las concepciones tradicionales de la creatividad como producción de objetos novedosos y de la participación estudiantil como simple ejercicio formal. En cambio, confirman que la subjetividad se configura en espacios de tensión entre cooperación y oposición (Trueque) y entre control adulto y expresión infantil (Podcast). Esto amplía la teoría de la subjetividad al mostrar que los niños no son receptores pasivos, sino productores de subjetividad política, capaces de construir agencia en escenarios marcados por normas y jerarquías. La discusión plantea un desafío a las prácticas docentes: mientras los Municipios Escolares tienen potencial para constituir sujetos políticos, las formas tradicionales de enseñanza y la mirada anacrónica de la creatividad

docente tienden a anular esa subjetividad emergente. Por ello, urge repensar la convivencia escolar como espacio de subjetivación política y creativa, en el cual ternura, escucha y reconocimiento se conviertan en categorías centrales de la práctica pedagógica. En síntesis, el trabajo concluye que tanto el Día del Trueque como el Podcast Escolar son prácticas de participación estudiantil que, al ser sistematizadas, evidencian la capacidad de los niños de constituirse en sujetos políticos y creativos, aportando a la teoría de la subjetividad una lectura situada sobre la agencia infantil y los procesos de construcción cultural en la escuela.

Cuestión para el debate en el Grupo de Discusión Temática: ¿Cómo replantear, desde la epistemología de la subjetividad de González Rey, las prácticas educativas que históricamente han concebido a los niños como objetos de socialización, para reconocerlos en cambio como sujetos políticos capaces de producir sentidos y creatividad, y qué implicancias tiene ello para la formación docente?

Palabras clave: subjetividad; creatividad; participación estudiantil

Referencias

CASTRO TOHÁ, Andrea. **El aprendizaje de la creatividad: aportes para contextos vulnerables.** Santiago de Chile: Universidad Academia de Humanismo Cristiano, 2016.

GONZÁLEZ REY, Fernando. La subjetividad en una perspectiva cultural-histórica: avanzando sobre un legado inconcluso. **Universitas Psychologica**, Bogotá, v. 9, n. 1, p. 193-217, 2010.

SUBERO, Jesús; ESTEBAN, Alunaguzmán. Comprensión de las emociones desde la teoría de la subjetividad. **Revista Venezolana de Psicología**, Caracas, v. 27, n. 2, p. 165-183, 2023.

VALDÉS, Martha. **Los niños y niñas y la constitución de subjetividades políticas**. La Habana: Editorial Félix Varela, 2019.

Eixo temático: A dimensão subjetiva da desigualdade social, étnico-racial e suas interseccionalidades

Subtema: A constituição das identidades étnicas e raciais como processo configurado subjetivamente

O processo construtivo-interpretativo para o estudo sobre pertencimento ao ambiente escolar/acadêmicos de estudantes cotistas no Instituto Federal de Brasília – Campus Samambaia.

Stela Martins Teles, Instituto Federal de Brasília,

stela.teles@ifb.edu.br

Lucas Lopes, Instituto Federal de Brasília,

lucaslopesml2518@gmail.com

Ana Cléa Ribeiro, Instituto Federal de Brasília,

anaclea.silva@gmail.com

Resumo:A Teoria da Subjetividade tem como base epistemológica a Epistemologia Qualitativa, que compreende a pesquisa como uma relação dialógica e singular no estudo sobre a subjetividade na perspectiva cultural-histórica, sendo uma proposta de produção do conhecimento científico por meio de construções singulares de significados que irão gerar novas inteligibilidades na compreensão da realidade. O objetivo do presente trabalho é apresentar o processo construtivo- interpretativo proposto pela Epistemologia Qualitativa para o estudo sobre pertencimento ao ambiente acadêmicos de estudantes cotistas no Instituto Federal de Brasília – Campus Samambaia. A Epistemologia Qualitativa apresenta-se por três princípios específicos que embasam o posicionamento epistemológico para o estudo da subjetividade. São eles: 1) O resgate do singular na produção científica, deixando clara a inexistência da neutralidade da ciência. Pelos significados que o pesquisador vai construindo ao longo da pesquisa, aos casos específicos, vai sendo gerado um modelo teórico que legitima a informação singular e alimenta linhas de pesquisa em diálogo com outras pesquisas; 2) O caráter dialógico do processo de construção das informações, caracterizado pelo engajamento recíproco do pesquisador e do participante no processo da pesquisa, possibilitando, a partir do movimento do diálogo, a reflexão e novas produções subjetivas e 3) O caráter construtivo-interpretativo, que permite a movimentação do pesquisador pelos significados construídos e interpretados que vão ganhando força nas construções hipotéticas, sempre na relação com a teoria. A partir do tensionamento gerado pelo diálogo que assume um caráter complexo, dinâmico, não-linear, que visa promover o engajamento entre pesquisador e participante de forma que possam gerar produções subjetivas, constituindo-se como espaço qualitativo relacional para a constituição da subjetividade. Este

estudo encontra-se em processo. Inicialmente, foi realizado um mapeamento dos estudantes que ingressaram na instituição por meio do sistema de cotas, categorizando por gênero, autodeclaração de raça/cor, forma de acesso e situação de matrícula. Após o levantamento, foi elaborado um questionário Google Form e endereçado a todos os estudantes cotistas que se encontram com a matrícula vigente. A situação atual da pesquisa, os pesquisadores encontram-se analisando as respostas dos formulários para construção de indicadores relacionados aos sentidos subjetivos de pertencimento e de ser alunos cotista para que se possa construir hipóteses das produções subjetivas dos participantes da pesquisa, mobilizadas simbólico-emocionalmente nas experiências vividas no ambiente escolar em outros espaços e, que se atualizam na atual experiência no IFB/Samambaia. Sendo indivíduos culturais e históricos, os estudantes ao ingressarem na condição de cotistas, pelo fluxo de produção de sentidos subjetivos gerados pelas produções simbólico-emocionais das experiências, uma possibilidade de significação/ressignificação de pertencimento ao ambiente escolar.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática:

Qual a contribuição da Teoria da Subjetividade e da Epistemologia Qualitativa para o estudo sobre racialidade e pertencimento no ambiente acadêmico/escolar?

Palavras-chave: Pertencimento; estudantes cotistas; ambiente escolar/acadêmico

Referências

CARINE, Bárbara. **Meu Caro Estudante Negro.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2023

REY, Fernando González. **Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia**. São Paulo: Pioneira Thhonson Learning, 2005

REY, Fernando González; MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns. **Subjetividade: teoria,epistemologia e método.** Campinas, SP: Alínea, 2017

Eixo temático 6: A subjetividade e os desafios contemporâneos na atuação docente

Subtema: A significação da subjetividade na organização e na realização do trabalho pedagógico.

A importância da produção de sentidos subjetivos nos processos de aprender e ensinar: aula de História

Vilma Nardes Silva Rodrigues, UNR-AR/SME-SP,

vilmanardes@gmail.com

Resumo: Nesse trabalho buscou-se identificar se os processos de ensinar e aprender na aula de História podem ser facilitados quando se busca compreender a subjetividade dos alunos adolescentes dos últimos anos do ensino fundamental, perpassados pela memória, individual e coletiva. Realizou-se pesquisa de campo em contextos de aula de História com alunos dos anos finais do ensino fundamental da rede pública do Estado de São Paulo/Brasil, município de Carapicuíba, por entender a História da humanidade e as subjetividades dos sujeitos que a constroem estão complexamente implicados e o estudo da História passa pela necessidade de compreender aspectos da subjetividade do aluno, a qual está em movimento. Os estudos realizados por Fernando González Rey (2005) ancoraram esta pesquisa, em diálogo com Vygotsky (1998), pioneiro na perspectiva de complexidade e compreensão do sujeito a partir de aspectos das trajetórias de vida na interação com o outro nos processos de aprendizagem e Freire (1996) afirmando que todos aprendem e que ética e coerência devem estar presente nas práticas educativas, com currículo vivo, em permanente construção pelo clivo da ação-reflexão-ação. Contemplou-se a importância da memória como elemento dinâmico dentro da História e suas implicações no processo de construção da subjetividade do sujeito e recurso no estudo da História significativo para entender os registros históricos do sujeito na cotidianidade, evidenciando-se assim, a dimensão da totalidade e, consequentemente, a subjetividade coletiva. Ao sujeito professor, cabe criar estratégias didáticas que conquistem os estudantes-adolescentes e a formação contínua constitui importantes espaços de reflexão para melhorar as práticas. Essa pesquisa revelou que esses espaços oferecidos pela rede estadual de educação de São Paulo revelaram-se atender apenas aos objetivos da secretaria de Educação para outros fins como treinamentos de docentes e desconsiderando as subjetividades e os contextos de vida dos sujeitos, professor e aluno, portanto suas potencialidades e possibilidades de transformação. Nessa complexidade, a abordagem qualitativa com entrevista semiestruturada mostrou-se adequada. A projeção do filme “Narradores de Javé” e as narrativas como instrumentos indutores de produção de sentidos subjetivos, permitiram a apreciação dos processos de ensino e aprendizagem como construções permanentes, com conhecimentos produzidos na confrontação dos diálogos e a memória em sua

dinâmica, revelando estreita relação com a aula de História. Desvelou-se alunos sentindo-se integrados, participantes, instigados à reflexão, percebendo-se parte da História a partir da sua história, a do outro e reconhecessem a importância da aula de História e descobriram-se sujeito, coparticipante do fazer História, produzindo outros sentidos em seu viver.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Qual o impacto da produção de sentidos subjetivos nos processos de aprendizagem de adolescentes dos anos finais do ensino fundamental?

Palavras-chave: sentido subjetivo; ensino e aprendizagem; aula de história

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Sujeito e Subjetividade.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GONZÁLEZ REY, Fernando **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: Os Processos de Construção da Informação.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

SCOZ, Beatriz J.L. **Identidade e subjetividade de professoras/es: Sentidos do aprender e do ensinar**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Estudos em Psicologia da Educação. PUC/SP, São Paulo, 2004. Educativa. PUC/SP, São Paulo, 2004.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

Eixo temático: A subjetividade e os desafios contemporâneos na atuação docente

Subtema: A dimensão subjetiva da organização didática do processo de ensino/aprendizagem.

A configuração subjetiva e o sistema de monitoramento:

proposta de diálogo para o exercício docente

Virgínia Silva, Universidade Federal de Uberlândia,

silva.virginia.prof.4@gmail.com

Roberto Valdés Puentes, Universidade Federal de Uberlândia,
robertovaldespuentes@gmail.com

Resumo: Compreendemos, com a Teoria da Subjetividade, que conhecer a singularidade dos estudantes é imprescindível à prática docente que busca qualificar a aprendizagem dos estudantes além da consideração unilateral e prioritária dos aspectos cognitivos (Mitjáns Martinez; González Rey, 2017). A relação dos estudantes com o objeto das situações-problema constitui-se em contextos onde sentidos subjetivos distintos podem se organizar, configurando subjetivamente a forma que direcionam essa relação. (González Rey; Mitjáns Martinez, 2017). A configuração subjetiva caracteriza-se pelo aspecto gerador de sentidos subjetivos em convergência com os processos simbólico-emocionais durante a experiência do estudante. A partir de como as crianças subjetivam a relação com o objeto, a emergência de novos sentidos subjetivos pode modificar essa configuração. Conformados na Teoria da Aprendizagem Desenvolvimental, produzimos em tese em desenvolvimento, um instrumento diagnóstico da abstração no contexto do desenvolvimento da linguagem escrita nos anos iniciais. Nessa perspectiva, o instrumento pode integrar o sistema de monitoramento, que prevê a atenção constante aos processos em desenvolvimento na escola e a sua utilização como base para as modificações didáticas em sala de aula (Repkin; Repkina; Zaika, 1995), orientando-se ao desenvolvimento dos estudantes como sujeitos do estudo. Esse instrumento diagnóstico favorece o acompanhamento do desenvolvimento da forma teórica de pensar de cada estudante como forma qualitativa do pensamento. Apesar das diferenças acerca do conceito de sujeito e de desenvolvimento entre as perspectivas teóricas (Puentes; Mitjáns Martinez, 2023), consideramos a possibilidade do diálogo por meio de um aspecto fundamental ao exercício docente, definido a partir de dois fatores: 1) a configuração subjetiva do processo relacional das crianças com o objeto da situação-problema; 2) a organização do sistema de monitoramento. A Teoria da Subjetividade contribuir com o conceito de configuração subjetiva para a organização didática do sistema individual de monitoramento. Possibilita ao processo de acompanhamento a consideração do processo configuracional da

relação da criança com o objeto. Sinalizamos um diálogo com valor heurístico e vislumbramos a integração do diagnóstico da abstração a pesquisas futuras sobre sua articulação com a configuração da forma teórica de pensar, a partir da fundamentação da solução da situação-problema com a qual o estudante estabelece relação.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como efetivar o diálogo entre a configuração subjetiva e o sistema de monitoramento?

Palavras-chave: configuração subjetiva; sistema de monitoramento; instrumento diagnóstico

Referências:

REPKIN, V.V.; REPKINA, N.V.; ZAIKA, E.V. Sobre o sistema de monitoramento psicológico e pedagógico na construção de atividades educacionais. **Questões de Psicologia**, Moscou, nº 1, p. 13–24. 1995. Disponível em: <voppsy.ru/issues/1995/951/951013.htm>. Acesso em: 15 Jun. 2023.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando. **Psicologia, Educação e Aprendizagem Escolar: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica**. São Paulo: Cortez, 2017.

GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.

PUENTES, Roberto Valdés; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. Teoria da Aprendizagem Desenvolvimental (TAD): uma análise de sua concepção de desenvolvimento à luz da teoria da subjetividade. In CAMPOLINA, Luciana Oliveira; SANTOS, Geandra Claudia Silva. (Organizadoras). **Desenvolvimento e Aprendizagem: contribuições atuais da teoria cultural-histórica da Subjetividade**. Curitiba, CRV, 2023

Eixo temático: A subjetividade e os desafios contemporâneos na atuação docente

Subtema: O desenvolvimento e a promoção da criatividade na perspetiva da subjetividade

Produção artística e subjetividade:

Análise da configuração subjetiva da ação de desenhar de um estudante do quinto ano

Wellington dos Santos – SEEDF – wscafe@hotmail.com

Elias Batista dos Santos – SEEDF; FAPRO – edrsantos@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa iniciou-se no acompanhamento pedagógico de um estudante do 5º ano do ensino fundamental em uma escola pública da rede de ensino do Distrito Federal. Nas primeiras conversas entre os docentes, foi possível identificar que predominava uma ideia de que o estudante se mostrava desanimado e, aparentemente desinteressado para com as ações pedagógicas desenvolvidas no contexto escolar (Santos, Mundim E Pereira, 2022). No entanto, um evento singular – sua participação e vitória em um concurso de desenho promovido pela Coordenação Regional – despertou questionamentos sobre os processos subjetivos envolvidos nessa transformação. Sendo assim, inspirados na Epistemologia Qualitativa e na Teoria da Subjetividade de González Rey (González Rey, 2012), buscou-se compreender como o processo decisório do estudante integrou a mobilização de recursos subjetivos para superar desafios e como essa experiência contribuiu para a ressignificação de sua relação com a aprendizagem e com os demais atores escolares. De uma maneira geral, o estudante era visto como apático, com baixo engajamento nas atividades propostas. No entanto, sua participação no concurso de desenho fez emergir uma dimensão não percebida pelos docentes: sua capacidade criativa e sua disposição para enfrentar desafios. Assim, o estudo teve como objetivo principal analisar os processos subjetivos vivenciados pelo estudante antes e após sua participação no concurso de desenho. A Teoria da Subjetividade de González Rey (Tacca, Mitjáns Martínez, Madeira-Coelho, 2025) nos permite entender os processos psicológicos como construções dinâmicas e complexas, influenciadas por contextos sociais e históricos. Nessa perspectiva, a subjetividade é entendida como um sistema em constante movimento, no qual sentidos subjetivos e zonas de sentido se configuram a partir das experiências vividas. A Epistemologia Qualitativa, por sua vez, oferece um caminho metodológico que valoriza a interpretação e a construção de conhecimento a partir do diálogo com os participantes, evitando generalizações reducionistas. Essa abordagem foi essencial para fazer emergir nuances da experiência do estudante e dos docentes, permitindo uma análise processual e contextualizada. Para favorecer a expressão do estudante e a

construção de diálogos significativos, foram utilizados os seguintes instrumentos: Conversas Informais (CI), espaços de interação espontânea que favoreceram a expressão de emoções não verbalizadas em contextos formais. Complementos de Frases (CF), atividade que ajudou a identificar sentidos subjetivos associados à escola, ao aprendizado e ao concurso de desenho. O Gênio da Lâmpada (GL), atividade lúdica que incentivou o estudante a expressar desejos e expectativas em relação à sua trajetória escolar. Imagem Representativa (IR), solicitação de que o estudante criasse um desenho que simbolizasse sua experiência no concurso, facilitando a expressão de aspectos não discursivos. A análise interpretativa revelou que: 1) A ação docente colaborativa se constituiu como decisiva para que o estudante assumisse nova postura diante do desafio do concurso; 2) O estudante mobilizou recursos subjetivos não percebidos anteriormente, como persistência, criatividade e autoconfiança; 3) Os docentes também ressignificaram suas práticas, reconhecendo a importância de criar espaços que valorizem as singularidades dos estudantes.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como os processos subjetivos podem contribuir para mudanças na configuração da ação de aprender de estudantes?

Palavras- chave: produção artística, subjetividade, configuração subjetiva da ação

Referências

TACCA, M. C. V. R.; MITJÁNS MARTIÍNEZ, A. A.; MADEIRA-COELHO, C. M. et al (org.). **Teoria da subjetividade: contribuições das pesquisas para a prática educacional**, 1. Ed., Campinas, SP, editora Alínea, 2025.

GONZALEZ REY, Fernando Luiz. A configuração subjetiva dos processos psíquicos: avançando na compreensão da aprendizagem como produção subjetiva. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; SCOZ, Beatriz Judite Lima; CASTANHO, Marisa Irene Siqueira. **Ensino e Aprendizagem: a subjetividade em foco**. Brasília: Liber Livro, 2012.

SANTOS, E. B.; MUNDIM, E. D. A.; PEREIRA, K. R.C.; et al (org.). **Projetos exitosos em escolas públicas: um olhar a partir da teoria da subjetividade.** Curitiba. CRV, 2022.

Eje temático: La subjetividad y los desafíos contemporáneos en la actuación docente

Subtema: El desarrollo y la promoción de la creatividad desde la perspectiva de la subjetividad**.**

Modos de intervención subjetivantes en el “Taller de aprendizaje”: el lugar de la imaginación y la creación en los procesos de aprendizaje

Cantú Gustavo, Facultad de Psicología, Universidad de Buenos Aires, gstvcnt@gmail.com

Franco Priscila Judith, Facultad de Psicología, Universidad de Buenos Aires, priscilajfranco@gmail.com

López Camila Antonella, Facultad de Psicología, Universidad de Buenos Aires, camila.antonella.lopez@hotmail.com

Resumen: El “Taller de aprendizaje” es un dispositivo de intervención situado en la intersección entre la clínica y la escuela, con el objetivo de abordar problemáticas de simbolización en infancias en situación de vulnerabilidad social. Enmarcado en el programa de investigación de la cátedra de Psicopedagogía Clínica (Facultad de Psicología, UBA), este espacio busca propiciar procesos subjetivos que potencien los aprendizajes escolares sin recurrir a lógicas normativas ni patologizantes, a partir de propuestas que favorezcan los procesos creativos. Coordinado por las Licenciadas Priscila Franco y Camila López (quienes desarrollan a partir de esta experiencia sus investigaciones de Maestría), el taller funcionó en una asociación civil en el conurbano bonaerense durante el 2022 y 2023. El dispositivo se concibe como un espacio transicional que no reproduce ni el formato escolar ni el modelo clínico tradicional, sino que habilita un tiempo y un encuadre específico para la elaboración de la experiencia subjetiva (Franco; López; Barrio & Cantú, 2023). Las problemáticas de simbolización son entendidas como restricciones en el acceso a procesos de pensamiento autónomo y de producción de sentido singular, que se manifiestan en la escuela como dificultades de aprendizaje. En respuesta, el taller se propone como una práctica que busca habilitar transformaciones en las posiciones subjetivas frente al saber, al deseo de aprender y a los vínculos intersubjetivos, apostando a la invención, la creatividad y a la emergencia de lo nuevo como vías para el despliegue singular y colectivo. La producción de sentido en el aprendizaje se concibe como un proceso activo, vinculado a la creación de nuevos esquemas imaginarios (Castoriadis, 1994) y al trabajo identificatorio (Álvarez, 2010), en el que la creatividad -comprendida en acuerdo con las conceptualizaciones de Mitjáns Martínez como una forma de funcionamiento subjetivo particular y no como una cualidad del individuo- se erige como una dimensión clave para el cambio subjetivo. Uno de los ejes centrales del proyecto es el análisis de las modalidades de intervención de las coordinadoras del taller, considerando que

pensar la función de los adultos en el aprendizaje es clave para comprender la complejización de los procesos de simbolización. Se parte de la premisa de que el conocimiento sobre la subjetividad debe construirse desde la singularidad, lo cual permite una comprensión más compleja e integral de los procesos implicados. En este sentido, la Epistemología Cualitativa (Mitjans Martínez, González Rey y Valdés Puentes, 2020) ofrece un marco conceptual que rechaza explicaciones lineales y deterministas, y promueve en cambio abordajes que reconozcan la multidimensionalidad, la contradicción y la heterogeneidad de las configuraciones psíquicas. Asimismo, se propone una articulación entre la Epistemología Cualitativa, la Metodología Constructivo-Interpretativa, el Pensamiento Complejo y el Psicoanálisis Contemporáneo, en vistas a construir puentes conceptuales que permitan abordar la complejidad de las problemáticas subjetivas en el campo educativo (Álvarez y Sverdlik, 2018).

Cuestión para el debate en el Grupo de Discusión Temática: En la actualidad, los avances tecnológicos fomentan muchas veces formas de pensamiento con características fragmentarias, superficiales y desimplicadas subjetivamente. La propuesta del taller -centrada en la singularidad y en la creación de sentidos propios- constituye una oferta contracultural que intenta devolver a los participantes las oportunidades de implicación subjetiva.

Palabras clave: aprendizaje; imaginación; simbolización

Referencias:

ÁLVAREZ, Patricia. **Los trabajos psíquicos del discurso**. Buenos Aires: Editorial Teseo, 2010.

ALVAREZ, Patricia; SVERDLIK, Mara. El pensamiento Clínico en la investigación Psicoanalítica. **Revista Psicoanálisis Latinoamericano Contemporáneo**. Buenos Aires. V. 1, p. 995-1009, 2018.

CASTORIADIS, Cornelius. Lógica, imaginación, reflexión. En: CASTORIADIS, Cornelius. **El inconsciente y la ciencia.** Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1994.

FRANCO, Priscila; LOPEZ, Camila; BARRIO, Martina; CANTÚ, Gustavo. Entre lo intrapsíquico, lo intersubjetivo y lo institucional: análisis de las transicionalidades en un taller de aprendizaje. **Anuario de Investigaciones, Facultad de Psicología, Universidad de Buenos Aires**, Buenos Aires, vol. XXX (n.º 30), año 2023, p. 67-75.

MITJANS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando & VALDÉS PUENTES, Roberto. **Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade: discussões sobre educação e saúde**. Brasília, Brasil: EDUFU. 2020.

Eje temático: La subjetividad y los desafíos contemporáneos en la actuación docente

Subtema: Desafíos contemporáneos en la actuación docente.

EXPERIENCIAS EN ATENCIÓN DE CASOS POR VIOLENCIA SEXUAL: VOCES DE DIRECTORES Y DOCENTES DE INSTITUCIONES EDUCATIVAS PÚBLICAS

Ydalia Maria Chavez Sanz,

ychavezs@unsa.edu.pe

Resumen: Hasta ahora los estudios sobre violencia escolar se han centrado en la violencia entre pares, la presente investigación gira en torno a la violencia sexual, una compleja problemática social y de salud pública preocupante en niños y adolescentes; que demanda una rápida actuación en el espacio escolar en estrategias de prevención y detección. El estudio permite comprender, desde la relevancia de la teoría de la subjetividad y epistemología cualitativa de González Rey articulando las experiencias, de directores y maestros de educación básica regular en la intervención de estos casos considerando los Lineamientos establecidos por el Ministerio de Educación Peruano. Los resultados aportarán a partir del diálogo de experiencias de directores y maestros como agentes activos, desde su práctica docente, en el desarrollo de prácticas educativas que permitan un abordaje de trabajo articulado del sistema educativo y otras instituciones encargadas de velar por el bienestar de los niños y adolescentes.

Cuestión para el debate en el Grupo de Discusión Temática: A partir de la experiencia de los directores y maestros ¿Cómo mejorar las pautas de actuación de para una mejor detección y atención de casos de violencia sexual en el contexto escolar que fomente un desarrollo integral a niños/as y adolescentes?

Palabras clave: Experiencias; violencia sexual; convivencia escolar.

Referencias

CALLE, F., MATOS, P., & OROZCO, R. El círculo de la violencia escolar en el Perú: hogares, escuela y desempeño educativo. **Economía y Sociedad**, *42*, 36–41. 2016. http://vidasinviolencia.inmujeres.gob.mx/vidasinviolencia/?q=circulo

CARBAJAL, P., & FIERRO, M. C. Convivencia Escolar: Una revisión del concepto. Psicoperspectivas. **Individuo y Sociedad**, 18(1), 1–14. 2019.

GONZALES REY, F. **Epistemología Cualitativa y Subjetividad**. São Paulo, EDUC, 1997.

RESTREPO SEGURA, Y. C., & GARCÍA PEÑA, J. J. Rol del agente educativo en activación de rutas de atención de violencias sexuales en la infancia. **Ciencia y Sociedad**, *42*(3), 29–49. 2017. https://doi.org/10.22206/cys.2017.v42i3.pp29-49

Eje temático: La subjetividad y los desafíos contemporáneos en la actuación docente

Subtema: La significación de la subjetividad en la organización y realización del trabajo

pedagógico

Prevención de los trastornos de la conducta desde la Pedagogía del Conflicto Emocional

Dra. Nelly Hodelín Amable, Universidad Bolivariana del Ecuador,

nhodelina@ube.edu.ec

Dr. Lenin Tremont Franco, Universidad Bolivariana del Ecuador,

letremontf@ube.edu.ec

Dra. Clara Ofelia Suárez Rodríguez, Universidad de Oriente

claraofeliasuarez@gmail.com

Resumen: La prevención de los trastornos de la conducta desde una perspectiva pedagógica no puede limitarse a saberes técnicos, sino que exige reconocer la subjetividad docente como eje organizador de la acción educativa. Bajo el enfoque de la Pedagogía del Conflicto Emocional, proponemos que los conflictos emergentes en el aula son oportunidades para construir modos sensibles de intervención, centrados en la comprensión emocional, la presencia reflexiva y el cuidado. La subjetividad de la docente, su sensibilidad, historia personal y vínculos, opera como un filtro y un instrumento en la organización del trabajo pedagógico. Esta propuesta se fundamenta en la Epistemología Cualitativa, según González Rey (1997), que considera el saber situado como configurador de la acción. La formación emocional y el acompañamiento docente son, en este sentido, estrategias centrales para que la planificación, la evaluación y la convivencia escolar incorporen lógicas de afectividad y autorregulación. Evidencias recientes sugieren que docentes que desarrollan competencias emocionales (Sulay, 2023) organizan su trabajo de manera más empática y resiliente, reduciendo conductas disruptivas. En Ecuador, la implementación de programas de educación emocional (López, 2022) ha fortalecido ambientes inclusivos y de cuidado, disminuyendo los episodios de tensión en el aula. Además, estudios sobre estrategias pedagógicas en trastornos de conducta presentan una mirada integral a la prevención, el acompañamiento familiar y la planificación afectiva (Santillán Acevo, 2023). Metodológicamente, proponemos dispositivos cualitativos que faciliten la comprensión subjetiva del conflicto emocional, estos dispositivos se traducen en registro de las manifestaciones de los conflictos, sus causas, manifestaciones e interpretación, bitácoras reflexivas, diseño colaborativo de protocolos de atención a conflictos, observaciones de gestión afectiva y

análisis de prácticas de autorreflexión docente. Estas evidencias permiten articulaciones tridimensionales entre lo emocional, lo cognitivo y lo relacional en la organización del trabajo pedagógico. Experiencias aplicada en contextos escolares, muestran que cuando el docente aborda la prevención como resultante del proceso de manejo de las emociones y su gestión, la construcción del orden, la redimensión de la formación de valores, estilos de relaciones intra e interpersonales el aprendizaje, se vuelve más coherente y significativo. Se observa una reducción real en los episodios disruptivos, un fortalecimiento del clima y una reconfiguración de las relaciones entre estudiantes, familias y escuela. La Pedagogía del Conflicto Emocional, entonces, no solo previene, sino que re-significa la práctica docente como espacio de cuidado reflexivo, sostenido en la subjetividad profesional.

Cuestión para el Grupo de Discusión Temática: ¿Qué criterios teóricos, epistemológicos y metodológicos permiten validar cambios subjetivos implicados en la prevención de trastornos de conducta, asegurando transferencias pedagógicas contextualizadas?

Palabras claves: conflicto emocional; subjetividad docente; prevención.

Referencias

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Epistemología cualitativa y subjetividad**. São Paulo: EDUC, 1997.

LÓPEZ, G.A.A. La educación emocional como parte del currículo**. Yavirac,** 2022. Disponible en: https://yavirac.edu.ec/wp-content/uploads/2025/02/7.-LA-EDUCACION-EMOCIONAL.pdf

SANTILLÁN ACEVO, L.M. Programa de capacitación a docentes para actuación ante trastornos del comportamiento. **Educación y Sociedad**, 2023. Disponible en: https://scielo.senescyt.gob.ec/scielo.php?pid=S2528-79072023000100051&script=sci_arttext

SULAY, L.P. Inteligencia emocional en la práctica pedagógica. **Ciencia Latina**, 2023. Disponible en: https://ciencialatina.org/index.php/cienciala/article/view/7708/11692

EIXO TEMÁTICO 7.

A DIMENSÃO SUBJETIVA DA APRENDIZAGEM ESCOLAR

Eixo temático: A subjetividade e os desafios contemporâneos na atuação docente

Subtema: Desafios contemporâneos na atuação docente.

O que fazem professores/as considerados inclusivos?

Um olhar relacional para a inclusão escolar

Ana Luiza de França Sá, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília-IFB, Brasil/Universidad del Desarrollo- UDD, Chile

ana.sa@ifb.edu.br

Milena Silva de Castro, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília-IFB, milena.castro@estudante.ifb.edu.br

Heloísa Moreira de Souza, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília-IFB, heloisa.souza@estudante.ifb.edu.br

Gabrielle Cristiny Abreu e Silva, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília-IFB, gabriellecristiny00@gmail.com.br

Resumo: A inclusão escolar é desenhada ideologicamente por meio de sua crença transformadora. Na literatura científica, as respostas dadas à diversidade que justificam a necessidade da inclusão assumem contornos legais e de definição conceitual (SÁ et al., 2024). Mas o que fazem no cotidiano de suas aulas professores considerados inclusivos? Destacam-se as práticas de professores por evidenciarem as respostas dadas à diversidade de estudantes em uma dimensão subjetiva-relacional. Desse modo, a inclusão escolar torna-se um desafio atual para a profissão docente diante da heterogeneidade cada vez maior de estudantes nas escolas públicas de prerrogativa democrática. No presente trabalho a inclusão é entendida como processo atravessado por dimensões éticas, legais e pedagógicas que se produzem na cultura. Evidencia-se o caráter desenvolvimental do fenômeno da inclusão em que o contexto, a qualidade das relações que se produzem em determinado tempo e as ferramentas disponíveis em cada escola para sua implementação são aspectos que configuram a singularidade do fenômeno. Nesse sentido, a subjetividade possui valor heurístico, dado que expressa uma qualidade específica da experiência do indivíduo marcada pela cultura ao integrar os elementos simbólicos à emocionalidade (Sá; Marsico, 2022). Trata-se de pesquisa de iniciação científica em andamento cujo objetivo principal é compreender como a inclusão emerge na trajetória profissional de professores considerados inclusivos e o que fazem esses professores. A escolha dos participantes contou com informações de uma instituição de educação básica, técnica e tecnológica que sugeriu participantes reconhecidos por suas práticas inclusivas. Dois professores e uma técnica participaram da investigação empírica por meio da observação de aulas e entrevistas narrativas (*Conte-me um fato marcante em que o tema da inclusão surgiu em sua trajetória*

docente). As notas de observação serviram de base para compreensão do contexto e das práticas dos participantes para posterior análise das entrevistas. A análise das entrevistas seguiu a metodologia construtivo-interpretativa (González Rey, 2005) da qual foram extraídos os eixos temáticos (1) experiências, (2) dimensões: (2.1) estrutural, (2.2) instrumental, (2.3) relacional e (3) elementos da prática. Dentre os resultados preliminares, destaca-se a dimensão relacional da inclusão que antecede a adoção de protocolos pré-estabelecidos e normativos legais. A dimensão relacional é caracterizada pela qualidade das relações entre professores e estudantes e entre estes para que a prática inclusiva se realize. Entretanto, cada participante possui uma compreensão própria da inclusão, identificando-a como "sensibilização", "vontade de fazer" e "construção de vínculo".

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: De que modo a teoria da subjetividade pode contribuir para a sistematização das práticas de professores que atuam numa perspectiva inclusiva, à fim de instrumentalizá-los cientificamente com os argumentos que validem a dimensão relacional em detrimento dos protocolos burocráticos e soluções tecnológicos presentes nas instituições escolares?

Palavras-chave: inclusão escolar, subjetividade, prática docente.

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando. Luis. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios.** Tradução de M. A. F. Silva. São Paulo: Cengage Learning, 2005.

SÁ, de França Ana Luiza & MARSICO, Giuseppina. A Institucionalização Escolar e sua Contribuição para a Produção de Transtornos de Aprendizagem: Um Estudo sobre a Subjetividade Social da Escola. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Corumbá, v.28, e0003, p.193-208, 2022.

SÁ, de França Ana Luiza; SAKAI, Catarina Prado; ZUCOLOTO, Patrícia Carla Silva do Vale & SOUZA, Jamile Oliveira Santana. A Cultural Psychology Gaze at the Inclusion Process in the School Context. **Culture & Psychology**, Sage, v.0 (0), p. 1-15, 2024.

Eixo temático: A dimensão subjetiva da aprendizagem escolar

Subtema: Saúde mental, diagnóstico, patologização e a medicalização dos processos de desenvolvimento atípico e das dificuldades na aprendizagem escolar

Trajetórias universitárias e sofrimento subjetivo: um olhar a partir da teoria da subjetividade

Beatriz Passaglia dos Santos,Universidade de Brasília

passagliabeatriz@gmail.com

Daniel Magalhães Goulart, Universidade de Brasília

danielgoulartbr@gmail.com

Resumo: Estudos apontam que a população universitária apresenta uma taxa maior de expressões de sofrimento, como ansiedade, estresse e depressão, apresentando uma diferença significativa quando comparada à população geral. Nota-se, entretanto, que os estudos referentes à saúde mental de estudantes universitários, em maioria, possuem cunho quantitativo e descritivo apresentando uma lacuna em pesquisas qualitativas, com foco explicativo e compreensivo. Desse modo, incorre-se frequentemente na redução dessas situações de vida a quadros psicopatológicos, sem igual empenho em entender a origem e a configuração dessas situações complexas e singulares de sofrimento. O ingresso ao Ensino Superior, à medida que pode favorecer oportunidades sociais, culturais e de aprendizagem, promovendo processos de desenvolvimento subjetivo da sua comunidade, também apresenta desafios e tensionamentos. Esses desafios podem se intensificar quando pensamos em alunos que, antes dessa transição, já experienciavam processos de sofrimento subjetivo. A universidade, como instituição social, apresenta-se como campo para o estudo das subjetividades individuais e sociais que a compõem, o que demanda a superação de visões fragmentadas de fenômenos complexos, como a tradicional dicotomia entre saúde mental e educação. Assim, o objetivo geral da pesquisa é compreender produções subjetivas relacionadas às vivências universitárias de estudantes que possuem histórico de expressões de sofrimento subjetivo em suas trajetórias de vida. Para tanto, são utilizados como referencial a Teoria da Subjetividade em uma perspectiva histórico-cultural, a Epistemologia Qualitativa e a Metodologia Construtivo-Interpretativa, de autoria de Fernando González Rey (2003, 2005; González Rey; Mitjáns Martínez, 2017). Os participantes são estudantes de graduação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, com histórico de sofrimento subjetivo previamente ao ingresso na instituição, que

evidenciem impactos nas experiências universitárias devido à expressão desses processos de sofrimento. Nesse contexto, entende-se a produção de conhecimento como um processo dialógico e construtivo-interpretativo, onde a singularidade é reconhecida como fonte legítima para a construção do conhecimento científico. Para tanto, são utilizados como instrumentos de pesquisa as dinâmicas conversacionais, fruto de diferentes momentos oportunos para a sua utilização, assim como a técnica de complemento de frases, oportunizando a expressão dos participantes, também, através da escrita. O processo de construção da informação, de acordo com a Metodologia Construtivo-Interpretativa, acontece durante todo o campo, visto que é necessária a constante ação criativa do pesquisador na construção das hipóteses no percurso investigativo.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como o aprofundamento no conceito de sofrimento subjetivo e na compreensão das configurações subjetivas do sofrimento pode favorecer práticas institucionais menos patologizantes e mais sensíveis às singularidades dos estudantes nas instituições de ensino?

Palavras-chave: Sofrimento subjetivo; Universidade; Subjetividade.

Referências

GONZÁLEZ REY, F. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. 2. ed. Tradução de M. A. Ferrada Silva. São Paulo: Cengage Learning, 2005.

GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método.** Campinas: Alínea, 2017.

Eixo temático: A dimensão subjetiva da aprendizagem escolar

Subtema: O valor heurístico da subjetividade para enfrentar os desafios das deficiências na aprendizagem escolar

Aprendizagem e Subjetividade: Contribuições para o Desenvolvimento de Estudantes com Deficiência no Ensino Fundamental

Alexandra Ayach Anache, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, alexandra.anache@ufms.br

Resumo: Esta pesquisa buscou entender como os processos de aprendizagem e desenvolvimento de estudantes com deficiência no ensino fundamental estão relacionados com a Teoria da Subjetividade de Fernando González Rey. A Educação Especial no Brasil é um campo em constante construção, sujeito a avanços e retrocessos, conforme mudanças sociais, políticas e culturais. Diante disso, um marco importante foi a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), que propõe uma educação inclusiva em salas de aula comuns, exigindo transformações nos sistemas de ensino, políticas públicas e práticas pedagógicas. Nesse sentido, Vigotski apresenta a deficiência como um fenômeno social, e não apenas reduzido ao biológico, e afirma que o desenvolvimento de crianças com deficiência ocorre de forma qualitativa, e não inferior. Ele propõe uma visão não hierárquica do desenvolvimento infantil, ressaltando que cada criança percorre uma trajetória própria. A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), um dos conceitos centrais de sua teoria, permite compreender como a aprendizagem mediada por adultos ou colegas mais experientes impulsiona o desenvolvimento para além das capacidades já consolidadas. Para o autor, a aprendizagem adequada estimula funções psicológicas superiores e é essencial para o desenvolvimento humano. Complementando essa visão, González Rey propõe a Teoria da Subjetividade, que considera a construção subjetiva como central para os processos de aprendizagem. Dessa maneira, a subjetividade é entendida como um sistema simbólico-emocional em constante transformação, que influencia a forma como o indivíduo compreende a si mesmo, os outros e o mundo. Sentidos subjetivos são produzidos nas experiências cotidianas, especialmente no ambiente escolar, onde a exclusão, o estigma ou a valorização impactam diretamente o desenvolvimento da criança com deficiência. Assim, a aprendizagem não é apenas a aquisição de conteúdos, mas uma construção que envolve afetos, identidade e pertencimento. Para mais, também foi utilizada como embasamento teórico a Teoria da Aprendizagem Desenvolvimental (TAD), de Vladimir Repkin, que, baseada na psicologia histórico-cultural, propõe uma atividade de estudo

planejada para promover o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Esta abordagem considera a aprendizagem como via de transformação do estudante e não como simples resposta a capacidades prontas. Diante disso, esta pesquisa utilizou como metodologia uma revisão integrativa da literatura, e embasou-se na epistemologia qualitativa construtiva-interpretativa, orientada pela Teoria da Subjetividade. Foram analisadas produções acadêmicas como artigos, dissertações e teses que discutem o desenvolvimento de estudantes com deficiência a partir das abordagens mencionadas. Como resultado, os dados revelam que práticas pedagógicas intencionais e mediadas, centradas na construção de sentidos subjetivos positivos, favorecem o desenvolvimento integral dos estudantes. Por fim, o estudo conclui que o reconhecimento da subjetividade dos alunos com deficiência é essencial para práticas pedagógicas realmente inclusivas. No entanto, ainda existem desafios, como por exemplo a formação docente inadequada, a manutenção de práticas escolares tradicionais e a carência de políticas públicas eficazes. A construção de uma educação verdadeiramente inclusiva requer ações que considerem o desenvolvimento humano em sua totalidade, valorizando as singularidades de cada estudante como ponto de partida para sua aprendizagem e participação social.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: De que maneira a Teoria da Subjetividade e a Teoria da Aprendizagem Desenvolvimental (TAD) podem contribuir para práticas educacionais mais inclusivas no contexto da Educação Especial?

Palavras-chave: Educação Especial; Educação Inclusiva; Aprendizagem; Singularidades.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2008

González Rey, F. L., & Goulart, D. M. (2019). Teoria da Subjetividade e educação: entrevista com Fernando González Rey: Entrevista. **Obutchénie. Revista De Didática E Psicologia Pedagógica**, 3(1), 13-33. https://doi.org/10.14393/OBv3n1.a2019-50573

MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns; REY, Fernando González; PUENTES, Roberto Valdéz (orgs.). **Epistemologia qualitativa e teoria da subjetividade [recurso eletrônico]: discussões sobre educação e saúde**. Uberlândia: EDUFU, 2019. 233 p. il. (Coleção Biblioteca Psicopedagógica e Didática. Série Ensino Desenvolvimental; v. 7).

PUENTES, R. V.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. "Teoria da Aprendizagem Desenvolvimental (TAD): uma análise de sua concepção de desenvolvimento à luz da teoria da subjetividade. In: Luciana de Oliveira Campolina, Geandra Claudia Silva Santos. (Org.). **Desenvolvimento e Aprendizagem: contribuições**

atuais da teoria cultural-histórica da Subjetividade. 1ed. Curitiba: CRV, 2023, v. 1, p. 83-104.

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente.** 4. ed. brasileira. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1991. Organizadores: Michael Cole, Vera John-Steiner, Sylvia Scribner, Ellen Souberman. Tradução: José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche.

Eixo temático: A subjetividade e os desafios contemporâneos na atuação docente

Subtema: A significação da subjetividade na organização e na realização do trabalho pedagógico.

(Re)pensando o TEA: Subjetividade para além do Diagnóstico

Karla Wunder da Silva , PUCRS,

karla.wunder@edu.pucrs.br.

Bettina Steren dos Santos , PUCRS,

bettina@pucrs.br

Resumo: O presente trabalho discute a constituição subjetiva de indivíduos com TEA a partir de uma perspectiva que transcende o diagnóstico biomédico, considerando-os como sujeitos singulares, cujas experiências e relações produzem formas únicas de ser e estar no mundo. A Teoria da Subjetividade, é a base teórica adotada, pois permite compreender o sujeito em sua complexidade, com sua história, afetos e o contexto social em que está inserido (González Rey et al., 2007; Lustosa, 2018). O estudo, não associa o TEA a uma disfunção a ser corrigida, mas pensa a partir da neurodivergência, valorizando as diferentes formas de perceber, interagir e aprender. Confronta a lógica capacitista predominante, que aprisiona indivíduos com TEA a padrões normativos de comportamento, restringindo suas experiências e possibilidades (Mitjáns Martínez; Tacca, 2011). A investigação, ancorada na epistemologia qualitativa (González Rey, 1997), analisou as histórias de vida de 2 meninos com TEA por meio de observações, conversas com as famílias e expressões gráficas dos estudantes. O estudo aponta que a descentralização do diagnóstico e o investimento afetivo foram fundamentais para a produção de sentidos subjetivos positivos sobre pertencimento, afeto e aprendizagem. Quando a família deixa de enxergar o filho apenas pelo diagnóstico e passa a reconhecê-lo como sujeito de possibilidades, inicia-se um processo de subjetivação. Na escola, a valorização da singularidade e a disposição das professoras em conhecer e acessar os modos próprios de aprendizagem favoreceram a emergência de configurações subjetivas positivas. A comunicação, não limitada à linguagem oral, foi compreendida como expressão legítima, o que permitiu aos meninos ampliarem suas formas de interação e construção de sentido. A escola que acolhe as diferenças e potencializa as experiências contribui para a emergência de novas zonas de sentido e de desenvolvimento subjetivo (González Rey; Mitjáns Martínez, 2017; Mitjáns Martínez et al., 2020). Conclui-se que compreender o TEA pela via da subjetividade permite deslocar o foco do déficit para o potencial de construção simbólica e afetiva do sujeito. É necessário que práticas familiares e escolares estejam comprometidas com esse olhar integrador, que reconhece as múltiplas

formas de ser autista. Assim, mais do que adaptar o indivíduo a um modelo, trata-se de transformar as relações e os contextos que o constituem.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como a compreensão do TEA a partir da Teoria da Subjetividade pode transformar práticas escolares e familiares que ainda se baseiam em modelos biomédicos e normativos?

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Teoria da Subjetividade; Subjetividade

Referências

GONZÁLEZ REY, F. **Epistemología Cualitativa y Subjetividad**. La Habana: Pueblo y Educación, 1997.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; TACCA, M. C. V. R. **Possibilidades de Aprendizagem.** Campinas: Alínea, 2011.

GONZÁLEZ REY, F et al. A relevância do conceito de configuração subjetiva na discussão do desenvolvimento humano. In: M. Fleer, F. González Rey, & N. Veresov (Orgs.), **Perezhivanie, emoções e subjetividade**: **Avanço do legado de Vygotsky** (pp. 217–243). Springer Science + Business Media.

LUSTOSA, Ana Valéria Marques Fontes (Org.). **Subjetividade e educação especial: a inclusão escolar em uma perspectiva complexa**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2018.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Teoria da Subjetividade**. Discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional. Campinas: SP: Alínea, 2020. P. 15-44.

Eixo temático: A subjetividade e os desafios contemporâneos na atuação docente

Subtema: A dimensão subjetiva da organização didática do processo de ensino/aprendizagem

Educação Especial e docentes coordenadores de curso na EPT: as configurações subjetivas sobre a escolha da carreira docente e organização didática e pedagógica

Andréa Duarte de Oliveira, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul, andreamadaloni@gmail.com

Alexandra Ayach Anache, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, alexandra.anache@ufms.br

Resumo: Este trabalho aborda a inclusão de estudantes com deficiência na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), com foco na atuação de profissionais bacharéis que exercem funções de coordenação em áreas de ensino, pesquisa e extensão. O objetivo deste estudo foi compreender como se desenvolvem as configurações subjetivas relacionadas à docência na EPT, especialmente no contexto de atuação com estudantes com deficiência. A investigação foi realizada em um Instituto Federal localizado na região Centro-Oeste do Brasil. Participaram dois docentes bacharéis, integrantes de um grupo de cinco gestores de cursos, sendo uma coordenadora de curso de graduação e um coordenador de educação à distância. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, fundamentada na Epistemologia Qualitativa e na metodologia construtivo-interpretativa, conforme proposto por González Rey (2011; 2017) e González Rey; Mitjáns Martínez (2017). Para a construção de informações foram utilizados os seguintes instrumentos: entrevista semiestruturada, complemento de frases; dinâmica conversacional. O estudo baseou-se na Teoria da Subjetividade, com ênfase nos conceitos de: Sentidos subjetivos; Configurações subjetivas, Subjetividade social; Subjetividade individual. Esses conceitos permitiram compreender como os sentidos atribuídos à docência e à inclusão são construídos nas trajetórias dos participantes. A análise das informações foi orientada por cinco eixos principais: **Inserção da docência na história de vida**, foram interpretadas informações sobre a trajetória dos docentes desde a graduação inicial até a decisão de ingressar na carreira docente por meio de concurso público; **Docência na Educação Profissional e Tecnológica**, analisou-se a compreensão dos participantes sobre o contexto institucional, a legislação vigente sobre os Institutos Federais e a formação para atuação docente; **Ingresso na função de coordenação de curso**, investigou-se como ocorreu o convite para assumir a gestão e como se deu a preparação para essa função; **Exercício da docência**, foram exploradas as formas de organização da carga horária, as atribuições

laborais e a preparação das aulas; **Ensino de estudantes com deficiência**, interpretaram-se informações sobre conhecimento da legislação da Educação Especial, a formação docente para essa atuação e as práticas pedagógicas adotadas. A partir das interpretações realizadas, foram formuladas as seguintes hipóteses: as dimensões subjetivas da organização didático-pedagógica se afastam da perspectiva da Educação Inclusiva; a Educação Especial é compreendida como apêndice da dinâmica institucional; a atenção às pessoas com deficiência decorre mais das experiências individuais dos docentes do que de uma política institucional de formação; a formação docente deveria ser pensada de forma transversal e articulada com os demais setores da instituição; as atividades de coordenação de curso estão distantes das necessidades de aprendizagem dos estudantes com deficiência, dificultando a implementação de um ensino colaborativo; a atuação dos coordenadores se restringe, em grande parte, à formulação e acompanhamento de processos burocráticos. Este estudo contribui para a compreensão das subjetividades envolvidas na docência e na gestão educacional no contexto da Educação Profissional e Tecnológica. Evidencia-se a necessidade de políticas institucionais mais integradas e formativas, que promovam uma atuação docente comprometida com a inclusão e com a construção de práticas pedagógicas colaborativas e acessíveis.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Para além da escolha da carreira docente em âmbito Federal, como as atribuições da coordenação de cursos distancia profissionais docentes da efetivação do direito à educação para estudantes com deficiência?

Palavras-chave: teoria da subjetividade, educação profissional e tecnológica, educação especial

Referências

GONZÁLEZ, REY, Fernando Luiz. **Subjetividade e saúde:** superando a clínica da patologia. São Paulo: cortez, 2011.

GONZÁLEZ, REY, Fernando Luiz. **Pesquisa qualitativa e subjetividade** – os processos de construção da pesquisa. São Paulo: cengage learning, 2017.

GONZÁLEZ, REY, Fernando Luiz; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade** – teoria, epistemologia e método. Campinas: editora alínea, 2017.

Eixo temático: A dimensão subjetiva de gênero, sexualidade, diversidade e sua interseccionalidade

Subtema: A subjetividade social, o agente e o sujeito nas condições de estigmatização e discriminação de gênero, sexualidade e diversidade

A PESSOA AUTISTA E A EMERGÊNCIA COMO AGENTE

Delani Marcele da C Pereira de Souza, Secretaria de Estado de Educação (SEEDF), delanimarcele2@gmail.com

Cristina Massot Madeira Coelho, Universidade de Brasília (UnB), cristina.madeira.coelho@gmail.com

Resumo: Como parte da diversidade humana, as pessoas autistas vivem nos mesmos contextos sociais, econômicos e culturais que constituem a experiência coletiva e, em nosso caso, na cultura brasileira. Vivenciando a experiência no mundo de forma singular transitaram historicamente como pessoas excluídas muitas vezes desconsideradas pelas leituras hegemônicas que as encerram em um diagnóstico universalizante e classificações reducionistas. Ao longo do tempo, o autismo tem sido descrito e nomeado em várias categorias, ora como doença, transtorno, deficiência, identidade ou diferença, mobilizadas de forma combinada em narrativas biologizantes, medicalizantes e determinista. Tais narrativas corroboram para a negação das possibilidades relacionais e da capacidade de agência das pessoas nessa condição, compreendidas aqui como parte das diversidades humanas que desafiam os modos normativos de existir na sociedade contemporânea. Desta forma, a presença de pessoas autistas nos diversos contextos sociais concorre com o diagnóstico. Pretende-se a partir de um estudo de caso de estudante autista com diagnóstico tardio a partir da Teoria da Subjetividade na perspectiva histórico-cultural, refletir sobre processos subjetivos desse rapaz na sua trajetória marcada por rótulos e estigmas até o diagnóstico formal e a sua emergência como agente; para além do estudo de caso pretende-se debater sobre as lacunas ainda presentes na inclusão social de pessoas autistas discutindo os desafios e as contradições que vivenciam nos vários contextos em que transitam considerando o papel das pesquisas e práticas relacionadas ao autismo.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática:

Como as pesquisas acadêmicas voltadas a compreender o autismo contribuem para a manutenção ou superação de discursos estigmatizantes e qual a relação com a subjetividade social dos contextos sociais? Como algumas metodologias, mesmo bem-intencionada ao traduzirem experiências autistas por lentes externas reafirmam modelos médico e de normalidade, silenciando a produção subjetiva dessas pessoas e omitindo sua potência de agente e sujeitos de suas vidas?

Palavras-chave: autismo; estigma; subjetividade

Referências

COELHO, C. M. M. Concepções sobre o processo de inclusão: a expressão de seus atores. **Linhas Críticas**, *[S. l.]*, v. 9, n. 16, p. 87–104, 2003. DOI: 10.26512/lc.v9i16.3097. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/3097.

GOFFMAN, E. **Estigma:** Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro:Zahar Editores, 1982

GONZALEZ REY, F. L.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método.** São Paulo: Alínea, 2017.

ORTEGA, F. Deficiência, autismo e neurodiversidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 1, p. 67–77, 2009

Eixo temático: A dimensão subjetiva da aprendizagem escolar Subjetividade nas instituições e organizações e os desafios contemporâneos

Subtema: Educação Inclusiva na Ensino Superior

Superando barreiras: o protagonismo de um acadêmico com deficiência intelectual na Educação Superior

Alexandra Ayach Anache – UFMS

alexandra.anache@ufms.br

Agna dos Santos Anicesio –UFAP

agna.anicesio@gmail.com

Resumo: Este trabalho resulta de reflexões construídas a partir das experiências vivenciadas no Laboratório de Educação Especial, coordenado desde o ano de 2011 em uma Universidade Federal situada na região Centro-Oeste do Brasil. O referido laboratório desempenhou papel central na criação da Divisão de Acessibilidade e Ações Afirmativas, implementada em 2013, consolidando políticas institucionais voltadas à inclusão de pessoas com deficiência na Educação Superior. A pesquisa tem como foco a análise da trajetória de escolarização de um estudante com deficiência intelectual que ingressou no curso de Zootecnia por meio da política de reserva de vagas, destacando os desafios enfrentados e os avanços conquistados no contexto universitário. O conceito de deficiência intelectual adotado neste estudo está fundamentado no modelo social da deficiência, que desloca o foco da limitação individual para as barreiras impostas pelo ambiente físico, social e institucional. Esse modelo enfatiza que as dificuldades enfrentadas pelas pessoas com deficiência não decorrem exclusivamente de condições clínicas ou déficits cognitivos, mas da ausência de adaptações e da falta de acessibilidade nos espaços educacionais. (Piccolo, 2022). Assim, compreende-se que é o ambiente que deve se adequar às necessidades dos sujeitos, e não o contrário. O objetivo principal do estudo foi compreender o processo de escolarização do estudante, identificando os obstáculos enfrentados e os elementos que favoreceram seu protagonismo acadêmico. Para tanto, foi adotado o método de estudo de caso único, fundamentado na Teoria da Subjetividade em uma perspectiva cultural-histórica. Essa abordagem considera as configurações subjetivas como unidades simbólico-emocionais formadas por sentidos subjetivos que integram as experiências humanas. Tais sentidos, em constante transformação, permitem ao sujeito compreender e enfrentar os desafios da vida de forma ativa (González Rey; Mitjáns Martínez, 2017). Trata-se, portanto, de um sistema complexo, contraditório e dinâmico, que possibilita a análise profunda das vivências do estudante no contexto educacional. (Mitjáns Martínez, 2020). Os resultados foram organizados em eixos temáticos que abrangem desde o ensino fundamental até a educação superior, evidenciando as condições de aprendizagem e o Atendimento Educacional Especializado

(AEE) oferecido pela universidade. A pesquisa destaca a importância da atuação institucional pautada nos princípios da Educação Inclusiva, bem como o papel das estratégias desenvolvidas pelo estudante e sua mãe na superação de barreiras e na construção de uma trajetória acadêmica significativa. Conclui-se que a efetivação de uma universidade verdadeiramente inclusiva depende da promoção da equidade, da acessibilidade e do respeito às diferenças. Para isso, é necessário garantir condições adequadas de acesso ao currículo, à informação, à formação docente e à infraestrutura. O estudo reforça a importância de políticas públicas que assegurem o direito à educação para todos, reconhecendo a diversidade como elemento constitutivo da prática pedagógica e da organização institucional.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como a Teoria da Subjetividade pode orientar práticas pedagógicas mais sensíveis às experiências simbólico-emocionais dos estudantes com deficiência?

Palavras-chave: educação inclusiva; deficiência intelectual; ensino superior

Referências

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. Subjetividade Social: desafios de um conceito. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; TACCA, Maria Carmem V. R.; PUENTES, Roberto Valdés. **Teoria da Subjetividade: discussões teóricas e metodológicas e implicações na prática profissional.** Campinas, SP: Alínea Editora, 2020, p. 47–66.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando. **Subjetividade: teoria epistemologia e método**. Campinas, SP: Alínea Editora, 2017.

PICCOLO, Gustavo Martins. **O lugar da pessoa com deficiência na história: uma narrativa ao avesso da lógica ordinária.** Curitiba, PR: Appris, Editoria, 2022.

Eixo temático: A dimensão subjetiva da aprendizagem escolar

Subtema: Saúde mental, diagnóstico, patologização e a medicalização dos processos de desenvolvimento atípico e das dificuldades na aprendizagem escolar.

Subjetividade social e inclusão escolar - a colaboração profissional como aspecto

constitutivo do processo de reconfiguração do papel do diagnóstico médico

Kátia Regina do Carmo Pereira, SEEDF - UnB,

katiaregina.dcp@gmail.com

Resumo: O espaço escolar não se restringe à estrutura física em que se realiza a educação formal; há nele um todo que se constitui desta materialidade, mas, também, existe o aspecto simbólico que dele participa – tendo em vista que esse espaço só passa a ter efetiva funcionalidade com a presença de seus agentes: educandos e educadores. A escola, assim, não é um lócus comum, determinado por sua nomenclatura ou estrutura, antes, é singular, por ser marcado pela diversidade humana que dela participa. Conclui-se, logo, que cada ambiente escolar é único em si mesmo, com suas especificidades e individualidades. A partir desta compreensão, buscamos conhecer algumas escolas apontadas como inclusivas para perceber o que as constituíam como tal e como o diagnóstico médico era percebido nestes cenários, e que concepções as sustentavam. Para alcançar maior profundidade na investigação, optamos por acompanhar apenas uma das unidades apontadas como efetivamente inclusiva. A pesquisa foi realizada em uma escola pública do Distrito Federal que ofertava os anos iniciais do Ensino Fundamental. Esta pesquisa resultou na tese intitulada “O movimento de reconfiguração do papel do diagnóstico no espaço escolar e suas implicações na ação pedagógica”. A investigação teve como referencial teórico dois eixos basilares: 1) a perspectiva histórico-cultural, conforme postulada por Vigotski, valendo-se em especial da ideia de defectologia; 2) a Teoria da Subjetividade, proposta por González Rey. Metodologicamente foi inspirada pela epistemologia qualitativa, concebida por González Rey; a partir dela nos valemos de diversos instrumentos, tais como: dinâmicas conversacionais, autobiografias, análises reflexivas e documental, “Para quem você tira o chapéu?”, entre outros. Apresentaremos aqui um dos recortes possíveis. Dentre alguns aspectos identificados como constitutivos da subjetividade social daquele cenário e que compunham o que chamamos de núcleos de força favorecedores do movimento de reconfiguração do papel do diagnóstico estava a colaboração entre os profissionais que ali atuavam. A colaboração profissional destacou-se neste contexto pelas implicações que trazia ao processo ensino-aprendizagem, tornando-o mais reflexivo, empático e eficiente, o que favorecia o movimento de reconfiguração do papel do diagnóstico médico naquele espaço escolar, conforme nos permitiu perceber o percurso analítico. A colaboração profissional apresentava implicações

imbricadas entre si, sendo elas: a valorização do saber docente; o autorreconhecimento das habilidades e competências individuais; troca de experiências no espaço da coordenação pedagógica coletiva; o desenvolvimento do sentimento de pertencimento do grupo, implicando em maior comprometimento dos profissionais; o alinhamento teórico e prático da instituição possível mediante a formação continuada no espaço de trabalho; e o próprio desenvolvimento subjetivo. Neste processo colaborativo eram reforçadas concepções sobre a diversidade humana e a singularidade do desenvolvimento; do diagnóstico como mais uma fonte de informação sobre o indivíduo e não como um fim em si mesmo; de que o investimento pedagógico é uma forte ferramenta de equidade no processo ensino-aprendizagem; entre outras.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Quais aspectos ainda precisam ser repensados no espaço escolar diante do número crescente de diagnósticos médicos que lhe chega a cada ano e quais contribuições a Teoria da Subjetividade pode dar efetivamente neste cenário marcado pela patologização e medicalização do desenvolvimento atípico?

Palavras-chave: subjetividade social; colaboração profissional; inclusão escolar.

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando L. Os aspectos subjetivos no desenvolvimento de crianças com necessidades especiais: além dos limites concretos do defeito. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina e TACCA, Maria Carmen V. R. (org). **Possibilidades de aprendizagem: ações pedagógicas para alunos com dificuldades e deficiência.** Campinas, SP: Alínea, 2011. p. 47-70

IBIAPINA, Ivana M. L. de M. A conquista: pesquisadores e professores pesquisando colaborativamente. In: Loureiro Jr. E. e IBIAPINA, Ivana M. L. de M. (org) **Videoformação, reflexividade crítica e colaboração: pesquisa e formação de professores.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 11-28

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. Inclusão escolar: desafios para o psicólogo. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Psicologia escolar e compromisso social: novos discursos, novas práticas**. 2. ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007. p. 95-114

TACCA. Maria Carmen V. R. (org). Estratégias pedagógicas: conceituação e desdobramentos com o foco nas relações professor-aluno. In: TACCA, Maria Carmen V. R. **Aprendizagem e trabalho pedagógico**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006. p. 45-68

VIGOTSKI, Lev S. **Obras escogidas V – Fundamentos da defectologia**. [Tradução Carmem Pance Fernandez]. Haban: Pueblo y educacion, 1983.

Eixo temático: A dimensão subjetiva da aprendizagem escolar

Subtema: Saúde mental, diagnóstico, patologização e a medicalização dos processos de desenvolvimento atípico e das dificuldades na aprendizagem escolar

VIVÊNCIAS SUBJETIVAS DE ESTUDANTES AUTISTAS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Mallu Nunes, Universidade de Brasília,

mallununes1@gmail.com

Wilsa Ramos, Universidade de Brasília,

ramos.wilsa@unb.br

Resumo: O autismo, classificado como um transtorno do neurodesenvolvimento, apresenta-se com características diversas que impactam a comunicação, as interações sociais e padrões comportamentais (Sales, 2020). Estudantes autistas, ao ingressarem no ensino superior, enfrentam múltiplos desafios relacionados à permanência acadêmica, discriminação e barreiras institucionais (Howlin; Moss, 2012; Peixoto; Holanda, 2011). No contexto da Universidade de Brasília (UnB), observa-se a necessidade de ações efetivas de inclusão, capazes de atender às especificidades desta população. A proposta do estudo consiste em compreender o movimento de desenvolvimento da subjetividade de estudantes autistas ao longo da formação universitária, investigando os tensionamentos, recursos subjetivos mobilizados e possível movimento da subjetividade. Adotar-se-á a Teoria da Subjetividade (González Rey, 2005; 2012) como referencial teórico, considerando a subjetividade como sistema complexo que articula dimensões individuais e sociais. Epistemologicamente, o estudo será guiado pela Epistemologia Qualitativa (González Rey; Mitjáns Martínez, 2017), que legitima o singular como via de produção de conhecimento e a pesquisa como processo construtivo-interpretativo. A pesquisa será realizada com estudantes da graduação da Universidade de Brasília. Serão acompanhados cinco estudantes, adotando o estudo de caso como estratégia metodológica. Os procedimentos incluem dinâmicas conversacionais individuais e em grupo, linha do tempo, complemento de frases e relato de experiências. Esses instrumentos, concebidos como espaços dialógicos, permitirão a produção de indicadores e hipóteses que subsidiarão a construção do modelo teórico da pesquisa. O estudo está estruturado em dois tempos: o primeiro no início de um semestre letivo e o segundo ao final do semestre seguinte. Pretende-se identificar as experiências subjetivas dos estudantes autistas, analisando as mudanças produzidas ao longo do percurso acadêmico. Espera-se que os resultados possibilitem o delineamento de ações institucionais voltadas ao acolhimento, à integração e à permanência desta população na universidade, bem como a construção de políticas educacionais que promovam a inclusão e

o combate ao capacitismo. Acredita-se que compreender o desenvolvimento subjetivo dos estudantes autistas contribui não apenas para fortalecer as estratégias de apoio psicossocial no ensino superior, mas também para ampliar o debate sobre neurodiversidade e direitos educacionais. O estudo reforça o papel da psicologia escolar e institucional na criação de ambientes universitários inclusivos e no reconhecimento da singularidade como elemento constitutivo do processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: De que maneira a Teoria da Subjetividade pode contribuir para repensar práticas de inclusão no ensino superior?

Palavras-chave: autismo; subjetividade; inclusão no ensino superior.

Referências:

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas: Alínea, 2017.

HOWLIN, P.; MOSS, P. Adults with Autism Spectrum Disorders. **The Canadian Journal of Psychiatry**, v. 57, n. 5, p. 275-283, 2012.

PEIXOTO, C. A.; HOLANDA, L. Inclusão e permanência no ensino superior: desafios e possibilidades. **Revista Educação e Sociedade**, v. 32, n. 117, p. 725-746, 2011.

SALES, J. F.; VIANA, T. V. A inclusão de autistas no ensino superior: direito, acessibilidade e avaliação. **Revista Intersaberes**, v. 15, n. 35, 2020.

Eixo temático: A dimensão subjetiva da aprendizagem escolar

Subtema: Saúde mental, diagnóstico, patologização e a medicalização dos processos de desenvolvimento atípico e das dificuldades na aprendizagem escolar.

Sofrimento subjetivo na prática pedagógica do espaço escolar

Paola Mariel Monastério de La Menza, SEEDF,

paolamarielmonasterio@gmail.com

Resumo: Este trabalho propõe uma reflexão sobre o sofrimento subjetivo no contexto escolar a partir da Teoria da Subjetividade, formulada por Fernando González Rey (2017), em uma perspectiva histórico-cultural. A discussão se fundamenta em pesquisas e práticas desenvolvidas no campo da saúde mental escolar, que têm apontado, de forma crescente, a relevância de compreender os processos de sofrimento para além de categorias diagnósticas ou medicalizantes. Tais processos desafiam cotidianamente as práticas pedagógicas, sobretudo no que diz respeito à inclusão de adolescentes em contextos educativos marcados por desigualdades sociais, estigmas e normatividades rígidas. Com base em minha pesquisa de mestrado acadêmico, intitulada A inclusão de adolescentes em sofrimento subjetivo em uma escola pública no período pós-pandêmico (Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, 2024), foi possível construir, a partir de uma abordagem construtivo-interpretativa, a configuração subjetiva do sofrimento de um estudante em sua singularidade. O estabelecimento de vínculos dialógicos foi essencial para a constituição de um espaço de confiança, permitindo compreender como o sofrimento se manifesta em atitudes, comportamentos, no corpo e nas relações sociais e escolares. A partir desse olhar, foi possível acessar as expressões subjetivas do sofrimento como produções simbólicas articuladas à história pessoal, às condições sociais e às experiências escolares vividas. Na continuidade deste percurso, foi desenvolvido o projeto Inclusão emocional: uma colcha de retalhos (2025), atualmente em andamento em uma escola pública do Distrito Federal. A proposta investiga as possibilidades de construção de práticas inclusivas a partir da Subjetividade Social da instituição. Para isso, foram organizados grupos de discussão com adolescentes em sofrimento subjetivo, envolvendo atividades que articulam saúde mental, educação e desenvolvimento humano, visando ampliar a inteligibilidade sobre o sofrimento em espaços escolares marcados por normatividades. Paralelamente, têm sido realizadas análises com professores e equipe pedagógica sobre as práticas escolares vigentes, especialmente em relação ao currículo, ao projeto político-pedagógico e aos processos avaliativos. A criação de espaços dialógicos tem se mostrado fundamental para favorecer a escuta das expressões singulares dos sujeitos, promovendo a elaboração de sentidos subjetivos ancorados nas vivências e nas dimensões culturais e emocionais dos estudantes. Os resultados parciais indicam a importância de aprofundar

investigações que articulem a compreensão do sofrimento subjetivo à construção de práticas escolares intersetoriais. A constituição de redes de apoio que integrem os campos da educação, saúde e cultura pode ampliar a capacidade das escolas de reconhecer e acolher a singularidade dos sujeitos, favorecendo estratégias colaborativas de cuidado. Nesse sentido, propõe-se a noção de inclusão subjetiva como uma categoria analítica potente para repensar os processos de inclusão escolar para além dos critérios normativos e diagnósticos, incorporando as dimensões simbólicas, relacionais e afetivas que atravessam as experiências escolares de adolescentes em sofrimento.

Palavras-chave: sofrimento subjetivo, inclusão, espaço escolar

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Quais tensões e dissensos emergem entre os discursos sobre inclusão escolar e as práticas pedagógicas inclusivas quando se trata da saúde mental de estudantes no contexto escolar?

Em que medida a noção de inclusão subjetiva pode contribuir para a articulação entre teoria e prática na educação, especialmente no enfrentamento dos desafios relacionados ao sofrimento subjetivo na escola?

Como a construção de práticas pedagógicas ancoradas na inclusão subjetiva pode favorecer o desenvolvimento subjetivo dos estudantes e a ressignificação do currículo escolar?

Referências

GONZÁLEZ REY, F.; GOULART, D.; BEZERRA, M. Ação profissional e subjetividade: para além do conceito de intervenção profissional na psicologia. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 39, p. 54-65, 2016.

GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas: Alínea, 2017.

GOULART, D. M. **Saúde mental, desenvolvimento e subjetividade**. São Paulo: Cortez, 2019.

LUSTOSA, A. V. M. F. A expressão da subjetividade no contexto da educação inclusiva: complexidade e desafios. **Obutchénie. Revista de Didática e Psicologia Pedagógica** [S. l.], v. 3, n. 1, p. 114-134, 2019.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; TACCA, M. C. V. R. **Possibilidades da aprendizagem. Ações pedagógicas para alunos com dificuldades e deficiência.** Campinas: Alínea, 2011.

Eixo temático: A dimensão subjetiva da aprendizagem escolar

Subtema: O valor heurístico da subjetividade para enfrentar os desafios das deficiências na aprendizagem escolar.

Subjetividade social e trabalho pedagógico na inclusão de estudantes com TEA: sentidos subjetivos produzidos no cotidiano escolar

Sandra Maria Costa Barbosa, Secretária de Educação do DF,

sandramcb@gmail.com

Cristina Massot Madeira Coelho, UnB,

cristina.madeira.coelho@gmail.com

Resumo: A inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino regular tem provocado transformações no cotidiano escolar ao tensionar lógicas classificatórias historicamente naturalizadas e demandar novas formas de compreender as diferenças. Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa de mestrado, fundamentada na Teoria da Subjetividade de González Rey (2003), na Epistemologia Qualitativa e na Metodologia Construtivo-Interpretativa, cujo objetivo foi compreender a subjetividade social de uma escola pública dos anos iniciais do ensino fundamental e sua relação com o trabalho pedagógico na inclusão de estudantes com TEA. O estudo de caso foi conduzido a partir da análise documental, observação participante e sistemas conversacionais com gestores, professores e equipe pedagógica, além da imersão em conselhos de classe, reuniões de pais e encontros pedagógicos. Essas experiências possibilitaram construções interpretativas sobre sentidos subjetivos expressos nas práticas e vínculos da inclusão, revelando uma subjetividade social tensionada entre movimentos de acolhimento e lógicas classificatórias e patologizantes. A gestão mobilizava ações e relações que fortaleciam vínculos e práticas acolhedoras. A equipe pedagógica articulava apoios de forma colaborativa, tensionando a normatividade diagnóstica e favorecendo o reconhecimento da diversidade. Professores expressaram compromissos com o cuidado e a permanência dos estudantes. Nesse contexto, o diagnóstico médico emergiu como elemento ambivalente: ao mesmo tempo em que era acionado como via de acesso a direitos, também funcionava como recurso subjetivo de resguardo diante das exigências institucionais. Essa duplicidade apareceu nas narrativas docentes, como na angústia expressa por um professor frente à dificuldade de aprendizagem de um estudante sem diagnóstico, marcada por sentimentos de impotência e fracasso. Em outra situação, uma professora buscava ampliar o laudo de sua aluna como forma de legitimar as dificuldades no processo de ensino, evidenciando a força simbólica do diagnóstico na organização do trabalho pedagógico. A articulação entre avaliação, planejamento e currículo revelou-se como dimensão central do trabalho pedagógico, atravessada por afetos, crenças, vínculos e experiências

singulares. Longe de serem neutros ou técnicos, esses processos se configuraram como espaços de disputa de sentidos, nos quais coexistiam práticas excludentes e criações mais sensíveis à diversidade. As exigências institucionais por resultados, reforçadas por avaliações externas, geravam tensões, inseguranças e estratégias defensivas, impactando as escolhas docentes. Incluir, nesse contexto, não se resume a adaptar conteúdos, mas requer afirmar cotidianamente o compromisso ético com o direito de cada estudante de participar, aprender e ser reconhecido em sua singularidade. Esses sentidos subjetivos expressam a complexidade do cotidiano escolar e evidenciam que a inclusão se constitui em meio a fluxos contraditórios que desafiam a lógica da padronização e do controle. Como afirmam González Rey e Mitjáns Martínez (2017), as produções subjetivas sociais são múltiplas e contraditórias. Ao eleger a subjetividade social como categoria central, este estudo reafirma, em diálogo com Rossato e Mitjáns Martínez (2023), o valor heurístico dessa perspectiva para compreender os desafios da escolarização de estudantes com TEA e construir práticas mais éticas e responsivas à diversidade.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: De que maneira o estudo da subjetividade social contribui para o enfrentamento de práticas excludentes ainda presentes na escola, especialmente no trabalho com estudantes com TEA? É possível tensionar essas práticas no sentido de transformar o trabalho pedagógico em direção à inclusão para além da matrícula e inserção física do estudante?

Palavras-chave: subjetividade social; inclusão escolar; trabalho pedagógico.

Referências

GONZÁLEZ REY, F. L. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade: Teoria, Epistemologia e Método**. Campinas: Alínea, 2017.

ROSSATO, Maristela; MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns. **Subjetividade social da escola e os desafios à inclusão.** Revista Educação Especial, Santa Maria, v. 36, p. 14, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial>. Acesso em: 28 nov. 2024.

Eixo temático: A dimensão subjetiva na aprendizagem escolar

Subtema: O operacional, o subjetivo e o relacional como dimensões interrelacionadas na aprendizagem escolar

Oficinas de aprendizagem por modelos sobre microrganismos: mudanças na configuração subjetiva da ação de aprender de André

Ivana Thariny de Lima Leal, Universidade Federal do Pará,

ivana.leal@iemci.ufpa.br

Marina Dêisedely Damasceno dos Santos Oliveira,

marina.oliveira@iemci.ufpa.br

Andrela Garibaldi Loureiro Parente,

andrela@ufpa.br

Resumo: O objetivo deste trabalho foi compreender as mudanças na configuração subjetiva da ação de aprender de André um professor do 4º ano do ensino fundamental, que pediu ajuda para aprender sobre conhecimentos relacionados a microrganismos para posteriormente ensinar seus estudantes sobre a temática. Tais mudanças podem ser explicadas por meio das novas configurações subjetivas e sentidos subjetivos gerados no percurso do aprender (Mitjáns Martinez e González Rey, 2019). Embasado na Epistemologia Qualitativa e na Metodologia Construtivo-Interpretativa de González Rey e Mitjáns Martinez (2017) investigamos inicialmente dois aspectos importantes a partir da configuração subjetiva da ação de aprender do professor André: a representação de aprendizagem e o domínio do conteúdo conceitual sobre microrganismos. Utilizamos como instrumentos: formulários, gravação de áudio, registros escritos das atividades, complementos de frases, dinâmicas conversacionais e produção de fluxogramas. Além disso, realizamos oficinas fundamentadas no ensino por modelos as quais tinham por finalidade fomentar a reflexão, debate e aprimoramento de modelos científicos (Pozo; Crespo, 2009). Tais modelos estavam relacionados aos grupos de vírus, bactérias, fungos e protozoários. Neste direcionamento, formulamos indicadores de sentidos subjetivos na configuração inicial de André referentes a uma visão de aprendizagem memorística e ausência de domínio de procedimentos para aprender ciências (biologia) como a capacidade de abstração. Também interpretamos indicadores de sentidos subjetivos ligados a configuração da mudança como a aprendizagem compreensiva em que André realizou a personalização do conhecimento como também teve a capacidade de abstração, imaginação e compreensão sobre a classificação e processos infeciosos dos microrganismos. Portanto, podemos evidenciar a importância de fomentar atividades baseadas na epistemologia qualitativa e método construtivo-interpretativo para contribuir com as dimensões subjetiva e operacional no processo de aprender.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: De que forma os estudos de caso sobre a formação continuada de professores no ensino de ciências podem contribuir com o debate teórico sobre a preparação para o exercício da profissão?

Palavras-chave: subjetividade, formação continuada, microrganismos

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade**: teoria, epistemologia e método. Campinas: Editora Alínea, 2017. 191 p.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina.; GONZÁLEZ REY, Fernando. A preparação para o exercício da profissão docente: Contribuições da Teoria da Subjetividade. In: ROSSATO, Maristela; PERES, Vannúzia Leal Andrade A. **Formação de Educadores e Psicólogos: Contribuições e Desafios da Subjetividade na Perspectiva Cultural- Histórica**. Appris Editora, 2019.

POZO, Juan Ignacio; CRESPO, Miguel Ángel Gómez. **Aprendizagem e o ensino de ciências: do cotidiano ao conhecimento científico.** 5º edição, 2009.

Eixo temático: A dimensão subjetiva da aprendizagem escolar

Subtema: O operacional, o subjetivo e o relacional como dimensões interrelacionadas na aprendizagem escolar.

A configuração geradora de danos de um estudante com TEA e a sua relação com a dimensão operacional da aprendizagem escolar

Brena Barbosa, Universidade Federal do Pará,

brena.barbosa@iemci.ufpa.br

José Moysés Alves, Universidade Federal do Pará,

jmalves@ufpa.br

Resumo: Esta pesquisa fundamenta-se na Teoria da Subjetividade de González Rey e no modelo teórico apresentado por Rossato e Mitjáns Martínez (2011) para a superação das dificuldades de aprendizagem. Objetivamos compreender as mudanças subjetivas na configuração geradora de danos de um estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA), bem como oferecer condições favoráveis à sua aprendizagem e ao seu desenvolvimento subjetivo, no Atendimento Educacional Especializado (AEE). A pesquisa está sendo desenvolvida com José, estudante adulto matriculado na Oficina Pedagógica de Meio Ambiente e Sustentabilidade de uma instituição especializada em Belém. A fundamentação metodológica tem orientação nos princípios da Epistemologia Qualitativa e no Método Construtivo-interpretativo. Os instrumentos utilizados foram: complemento de frases; dinâmicas conversacionais; diálogos com a família e professores; momentos informais; análise documental; atividades individuais/coletivas e observações. Após ter sido esquecido em um passeio monitorado ao Jardim Botânico Bosque Rodrigues Alves, organizado pela instituição em que estudava na época, José ficou perdido por três dias em Belém. Depois desse episódio, José produziu sentidos subjetivos de **medo, desconfiança, aversão e falta de motivação** para frequentar a escola, participar do AEE e outras atividades como passeios, o que impactou em sua participação e aprendizagem. Ao longo de dez anos, no AEE, buscamos estabelecer boas relações com José e, nos últimos três anos, realizamos quatro passeios monitorados diferentes, aos finais dos semestres letivos. No primeiro, José deslocou-se no carro da professora e se manteve ao lado dela o tempo todo. Embora, ainda apresentasse um olhar desconfiado, aceitou usar uniforme para a sua melhor identificação, sorriu em vários momentos, confraternizou com os colegas e na avaliação do semestre definiu o projeto como “saudável”. No segundo, para o mesmo parque onde havia se perdido, o estudante expressou-se mais seguro. Embora tenha se deslocado no carro da professora, durante o passeio, interagiu com todos e participou de todas as atividades. No terceiro, José expressou segurança e satisfação. Concordou em ir no carro da professora voluntária (sem a presença da professora pesquisadora), mostrou-se tranquilo e feliz durante todo o passeio,

participando ativamente das atividades. No último passeio, José concordou em ir no carro da professora mais nova no grupo, demonstrando segurança e confiança para seguir viagem com outras professoras. Com base em nossa interpretação das expressões de José e nos relatos de sua mãe, compreendemos que ele gerou novos sentidos subjetivos, que se organizaram em uma outra configuração subjetiva relacionada a esse tipo de atividade. No modelo teórico proposto por Rossato e Mitjáns Martínez (2011) a superação das dificuldades de aprendizagem depende, além da mudança na configuração subjetiva geradora de dano, que o aprendiz sinta-se valorizado em sua expressão como agente e/ou sujeito da aprendizagem, bem como que ele produza sentidos subjetivos favoráveis ao processo. Consideramos que isso também está acontecendo no caso de José.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como caracterizar uma configuração subjetiva de dano em estudantes com TEA e como favorecer mudanças nessa configuração subjetiva?

Palavras-chave: teoria da subjetividade; configuração subjetiva geradora de danos; transtorno do espectro autista.

Referências

GONZÁLEZ REY, F. L.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade**: teoria, epistemologia e método. São Paulo: Editora Alínea, 2017.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F.L. **Psicologia, Educação e Aprendizagem Escolar:** avançando na contribuição da leitura cultural histórica. São Paulo: Cortez, 2017.

ROSSATO, M.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. A superação das dificuldades de aprendizagem e as mudanças na subjetividade. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; TACCA, M. C. V.(orgs.) **Possibilidades de aprendizagem:** ações pedagógicas para alunos com dificuldade e deficiência. São Paulo: Alínea, 2011. p. 71 – 107.

Eixo temático: A dimensão subjetiva da aprendizagem escolar

Subtema: O operacional, o subjetivo e o relacional como dimensões interrelacionadas na aprendizagem escolar.

A dimensão subjetiva e operacional das dificuldades de aprendizagem em química

Caio Renan Goes Serrão, IEMCI/UFPA,

caio.serrao@iemci.ufpa.br

Andrela Garibaldi Loureiro Parente, IEMCI/UFPA,

andrela@ufpa.br

Resumo: As dificuldades de aprendizagem em química são uma realidade constante no contexto escolar. Porém, a carência de pesquisas com esse foco (Alves et.al, 2023) impossibilita problematizar e ampliar o debate, predominando uma discussão simplificadora, a da relação da dificuldade de aprendizagem com os conteúdos escolares. Objetivamos apresentar um estudo de caso sobre as dificuldades de aprendizagem em química de um estudante do ensino médio, elucidando as dimensões subjetiva e operacional. O estudo teve como referência a Epistemologia Qualitativa e a Metodologia Construtivo-interpretativa (González Rey e Mitjáns Martínez, 2017). Foram utilizados como instrumentos de pesquisa: observação, resolução de exercícios, análise documental, complemento de frases, entrevista e aula prática. Inicialmente, buscou-se atender às solicitações de Will. Em seguida, compreender a configuração subjetiva de suas dificuldades de aprendizagem. Durante a pesquisa, o professor estabeleceu com Will um vínculo pessoal baseado na compreensão de suas dificuldades, na valorização de suas potencialidades e no estabelecimento de uma relação afetuosa. Foram construídos indicadores e conjecturas que se tornaram ferramentas para a explicação das dificuldades. Will não compreendia conceitos de base do conhecimento químico, faltavam-lhe recursos operacionais para a resolução de questões. Ele estudava apenas para obter uma boa nota. Tais interpretações levaram-nos a construir explicações sobre suas dificuldades de aprendizagem. Fazia parte da configuração subjetiva das dificuldades de aprendizagem de Will o sentir-se rejeitado, produção interpretada a partir de expressões do relacionamento com sua turma. Faltava-lhe, também, apoio para suas dificuldades. Interpretamos que a falta de apoio era mobilizada por uma subjetividade social que associava essas dificuldades aos seus laudos e à sua história de vida. Diante do pouco apoio, Will compreendia que uma forma de se sentir valorizado era quando obtinha boas notas, o que o motivava a decorar resoluções de questões e fazer exercícios mais complexos como forma de evitar errar, indicando a ausência de recursos operacionais fundamentais à compreensão das questões de físico-química. Ele também não compreendia as questões sob a óptica do conhecimento químico. A necessidade de proteção,

aparece como uma produção subjetiva do estudante diante do erro, como se evitasse receber punição. Logo, a insegurança e o medo de errar desfavoreciam a mobilização de recursos subjetivos e operacionais fundamentais à compreensão dos conteúdos de química. A necessidade de aprovação e reconhecimento de suas possibilidades emergiu como uma nova produção, a partir do momento que o estudante mudou de posicionamento, após o apoio do pesquisador e a recuperação de sua nota trimestral. Will passou a sentir-se valorizado e capaz, estabelecendo novos laços de amizade e assumindo um posicionamento autônomo diante de suas dificuldades. Novos recursos subjetivos e operacionais iam sendo mobilizados por Will, tanto na forma de vivenciar suas experiências, quanto na busca por melhoria no seu rendimento escolar.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como a mudança do espaço social da sala de aula pode mobilizar a produção de novos recursos subjetivos e operacionais importantes para a aprendizagem?

Palavras-chave: dificuldades de aprendizagem em química; dimensão operacional; dimensão subjetiva.

Referências

ALVES, José Moysés; PARENTE, Andrela Garibaldi Loureiro; BEZERRA, Hanna Patrícia da Silva; BEZERRA, Sérgio Henrique de Oliveira. O subjetivo e o operacional na superação das dificuldades de aprendizagem em ciências. **Revista Ensaio: Pesquisa em educação em ciências**, Belo Horizonte, v. 24, n.1, p. 1-14, fev. 2022.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina.; GONZÁLEZ REY, Fernando. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar: avançando na contribuição da leitura cultural histórica**. São Paulo: Cortez, 2017.

GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas: Alínea, 2017.

Eixo temático: A dimensão subjetiva da aprendizagem escolar

Subtema: O operacional, o subjetivo e o relacional como dimensões interrelacionadas na aprendizagem escolar.

A dimensão subjetiva e operacional da aprendizagem de Química: caso Luna

Ester Caroline de Souza Vilhena, IEMCI/UFPA,

estervilhena2000@gmail.com

Andrela Garibaldi Loureiro Parente, IEMCI/UFPA,

andrela@ufpa.br

Resumo: Estudamos a configuração subjetiva da ação de aprender no contexto das aulas de Química, apresentando o caso Luna, uma jovem que tentava pela quarta vez ingressar no curso de Medicina de uma Universidade Pública. Nossa intenção foi refletir sobre a dimensão subjetiva e operacional do conhecimento químico. Para isso, recorremos à Teoria da Subjetividade, a Epistemologia Qualitativa e a Metodologia Construtiva-interpretativa. Nesses termos, assumimos como conceito central a configuração subjetiva da ação de aprender que inclui "sentidos subjetivos associados à configuração subjetiva do aprendiz, constituída no percurso de sua história de vida; sentidos subjetivos produzidos no próprio processo de aprendizagem em função das características do contexto e das relações em que ela acontece; e sentidos subjetivos da subjetividade social que aparecem nos sentidos subjetivos que o aprendiz produz na sua ação" (Mitjáns Martínez; González Rey, 2017, p.72). O estudo de campo ocorreu no contexto de aula de reforço de Química, Física e Matemática, e em uma oportunidade de acompanhá-la no Clube do Livro de seu curso de Redação, no período compreendido de março a julho de 2025. Luna mostrou interesse em contribuir com o estudo, pois reconhecia oportunidades para interagir sobre outros assuntos, e a nossa comunicação a fazia "lembrar de sessões de terapia psicológica". Desse modo, nossas interações durante a semana passaram a incluir situações nas quais um esquema sobre o assunto em questão era socializado e com base nele realizamos debates. Em seguida, Luna lia as questões em voz alta e tentava resolver sozinha. Nessas oportunidades, discutimos sobre suas dificuldades no assunto e isso permitia uma aproximação maior entre ela e a professora. A configuração subjetiva da ação de aprender Química foi interpretada nas aulas de Química Orgânica, incluindo assuntos como nomenclatura dos compostos orgânicos, identificação de funções orgânicas e propriedades físicas dos compostos orgânicos. Como instrumentos foram utilizadas conversas informais, registros escritos e em áudios da resolução de questões, observações e debates. Luna era uma jovem tímida, que possuía dislalia, não tinha amigos e era superprotegida pelos pais. Além disso, queixava-se da dificuldade de aprender Química. Durante os encontros, foi possível interpretar sentidos subjetivos de sua configuração que afetavam significativamente seu

processo de aprender Química como a dependência exclusiva da professora para a resolução das questões, vergonha em expressar suas ideias e frustração ao se equivocar na resolução das questões. Em tais situações, Luna foi encorajada a refletir e encarar o erro como possibilidade de aprendizagem.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como a categoria da configuração subjetiva da ação de aprender contribui com a prática pedagógica no contexto das aulas de ciências (Química)?

Palavras-chave: configuração subjetiva da ação de aprender; subjetivo operacional; aprender química.

Referências

ALVES, José Moysés et al. O subjetivo e o operacional na superação das dificuldades de aprendizagem em ciências. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, Belo Horizonte, v. 24, p. e29692, 2022.

MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns; REY, Fernando González. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica**. São Paulo: Cortez, 2017.

POZO, Juan Ignacio; CRESPO, Miguel Ángel Gómez. **A aprendizagem e o ensino de ciências: do conhecimento cotidiano ao conhecimento científico**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

REY, Fernando González; MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas: Alínea, 2017.

Eixo temático: A dimensão subjetiva da aprendizagem escolar.

Subtema: O operacional, o subjetivo e o relacional como dimensões interrelacionadas na aprendizagem escolar.

Diário de Ideias: Experienciar, registrar e compartilhar Biologia no ensino médio

Hanna Patrícia da Silva Bezerra, Instituto Federal do Amapá,

hanna.bezerra@ifap.edu.br

Resumo: Apresenta-se um relato de experiência profissional no qual adaptou-se a metodologia Diário de Ideias (Muniz; Mitjáns Martínez, 2019; Muniz, 2022) em aulas de Biologia com turmas do 1º ano (186 aprendizes) e do 2º ano (32) do ensino médio de uma escola pública. Objetivou-se verificar a potencialidade da utilização do Diário de Ideias para o ensino e para a aprendizagem de Biologia, buscando um ensino mais personalizado e individualizado. De acordo com a Teoria da Subjetividade de González Rey, numa perspectiva cultural-histórica, a aprendizagem é considerada como um processo de produção subjetiva complexo e que leva em conta, além dos aspectos intelectuais, a história de vida e as relações sociais estabelecidas pelos discentes nos diversos espaços que participa (Mitjáns Martínez; González Rey, 2017). Nesse contexto, destaca-se a importância da valorização do estudante em sua singularidade, considerando a relevância de práticas educativas que promovam a produção/mobilização de sentidos subjetivos e operacionais que contribuam para a aprendizagem. Nessa direção, entende-se o Diário de Ideias como uma prática educativa promissora para o ensino e para a aprendizagem de Biologia. De acordo com Muniz (2022), a metodologia Diário de Ideias possui três pilares de ações fundamentais: o experienciar, considerando as experiências vivenciadas pelos discentes na escola e nos diversos espaços sociais que atuam; o registrar, com a utilização do Diário de Ideias para o registro destas experiências; e o compartilhar, com momentos de rodas dialógicas e escuta sensível daquilo que os aprendizes têm a falar. Na prática em relato, o Diário de Ideias configurou-se como uma proposta pedagógica para o ensino e para a aprendizagem de Biologia, orientada para o registro de experiências que os aprendizes relacionassem com os conteúdos estudados. Os registros foram compartilhados nas aulas durante os momentos de rodas dialógicas. Considera-se que o Diário de Ideias pode contribuir para a aprendizagem de Biologia no ensino médio, na medida que favorece a autonomia, o protagonismo, a criatividade e a imaginação. O registro das vivências promove a relação mais efetiva entre aquilo que o discente experiencia e o conteúdo estudado. Além disso, o docente amplia suas possibilidades de abordagem dos temas a serem discutidos, elaborando exemplos e contextualizações articulados à realidade dos discentes. Os registros no Diário de Ideias e os momentos de compartilhamento também podem contribuir para a

caracterização/interpretação, pelo professor, dos processos subjetivos e operacionais da aprendizagem de Biologia.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como o Diário de Ideias pode contribuir para ampliar a compreensão da relação entre os processos subjetivos e os processos operacionais na aprendizagem de Biologia?

Palavras-chave: diário de ideias, ensino-aprendizagem de biologia, teoria da subjetividade.

Referências

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F.L. **Psicologia, Educação e Aprendizagem Escolar:** avançando na contribuição da leitura cultural histórica. São Paulo: Cortez, 2017.

MUNIZ, L.M. **Diário de Ideias:** Uma metodologia inovadora em experenciar, registrar e compartilhar. Curitiba: Editora CRV, 2022.

MUNIZ, L. M.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Aprendizagem criativa da leitura e da escrita e desenvolvimento:** princípios e estratégias do trabalho pedagógico. Curitiba: Appris, 2019.

Eixo temático: A subjetividade e os desafios contemporâneos na formação de professores e de outros profissionais

Subtema: A significação da subjetividade nas práticas formativas profissionais.

SUBJETIVIDADE E DESAFIOS PARA CRIAR EM ESPAÇOS DE FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE

Carolina Torres Oliveira, Instituto Federal de Brasília,

carol.profa@gmail.com

Albertina Mitjáns Martínez, Universidade de Brasília,

amitjans49@gmail.com

Resumo: A formação de professores, diante dos desafios contemporâneos, demanda uma abordagem que considere a constituição subjetiva dos indivíduos e os sentidos subjetivos produzidos nos processos de ensino e aprendizagem. A partir da Teoria da Subjetividade de González Rey (2017), Oliveira e Mitjáns Martínez (2025), no capítulo "*Sala de aula de portas abertas para a criatividade*", defendem que a criatividade não é uma habilidade inata, mas uma produção subjetiva atravessada por experiências vividas em diferentes contextos. As autoras demonstram como a subjetividade social da sala de aula participa ativamente da configuração da aprendizagem criativa. Por meio do estudo de caso realizado por Oliveira (2018), foram evidenciadas três dimensões significativas: a valorização das atividades extracurriculares, a abertura para o debate de ideias e a resistência à burocracia institucional. Essas dimensões são expressões da subjetividade social da turma "Barcelona" e mostram como os sistemas relacionais e os sentidos subjetivos compartilhados interferem na constituição subjetiva dos futuros professores, contribuindo para a emergência da criação no aprendizado. A análise revela que contextos marcados por controle excessivo, verticalidade nas relações e práticas burocratizadas limitam a constituição da subjetividade criadora. Em contrapartida, espaços educativos abertos ao diálogo, à participação ativa e à construção compartilhada favorecem a emergência de subjetividades criativas (OLIVEIRA; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2025). Nesse horizonte, os programas de formação de professores devem reconhecer o papel constitutivo da subjetividade tanto nos processos formativos quanto na prática pedagógica cotidiana. A Teoria da Subjetividade permite compreender que a formação inicial e continuada precisa ir além da transmissão de conteúdos e do desenvolvimento técnico. Ela deve promover experiências significativas que articulem história de vida, sentidos subjetivos e práticas sociais. Isso permite considerar a subjetividade social dos espaços formativos como aspecto central, pois ela interfere diretamente na maneira como os indivíduos se posicionam, pensam e transformam suas ações. Mitjáns Martínez (2012) propõe o Sistema Didático Integral (SDI) como um referencial teórico-metodológico coerente com essa concepção. O SDI organiza o trabalho

docente – objetivos, conteúdos, métodos, relações e avaliação – de forma sistêmica e interdependente, promovendo aprendizagens que possibilitem o desenvolvimento da criatividade como um recurso subjetivo individual e social. Assim, a formação de professores orientada pela Teoria da Subjetividade deve ser pensada como um processo dialógico, criativo e relacional, que favoreça a emergência de professores como sujeitos da sua própria formação. Isso implica repensar currículos, estratégias formativas e espaços institucionais a partir da compreensão da complexidade subjetiva que envolve o ser professor. Nesta perspectiva, propõe-se uma questão para discussão: como os espaços formativos podem ser organizados para favorecer a emergência de subjetividades criativas nos processos de formação docente, considerando os desafios institucionais e os contextos socioculturais diversos?

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como os espaços formativos podem ser organizados para favorecer a emergência de subjetividades criativas nos processos de formação docente, considerando os desafios institucionais e os contextos socioculturais diversos?

Palavras-chave: Teoria da Subjetividade; subjetividade social da sala de aula; formação docente.

Referências:

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **The topic of subjectivity in psychology**: contradictions, paths and new alternatives. Journal for the Theory of Social Behaviour, 2017.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. Aprendizagem criativa: uma aprendizagem diferente. *In*: MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. *et al*. **Ensino e aprendizagem**: a subjetividade em foco. *Brasília: Liber Livros, 2012.*

OLIVEIRA, Carolina Torres. **Subjetividade social da sala de aula e criatividade na aprendizagem**. 2018. 234 f., Tese (Doutorado em Educação) -Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

OLIVEIRA, Carolina Torres; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. Sala de aula de portas abertas para a criatividade. *In*: TACCA, Maria Carmen Villela Rosa; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; MADEIRA-COELHO, Cristina Massot. (Orgs.). **Teoria da Subjetividade:** contribuições das pesquisas para a prática educacional. Brasília: Liberlivro, 2025.

Eixo temático: A dimensão subjetiva da aprendizagem escolar

Subtema: O operacional, o subjetivo e o relacional como dimensões interrelacionadas na aprendizagem escolar

Operações do pensamento em Vygotsky:

antecedente relevante para o estudo da relação subjetivo-operacional

José Moysés Alves, UFPA,

jmalves@ufpa.br

Resumo: Desenvolver maneiras para estudar a relação entre as dimensões subjetiva e operacional é um desafio atual, no âmbito da Teoria da Subjetividade. Por um lado, a teorização sobre a dimensão subjetiva está bem desenvolvida, por meio dos conceitos de sentido subjetivo, configuração subjetiva da personalidade e da ação, subjetividade individual e social, agente e sujeito, mudança, desenvolvimento e recursos subjetivos. A partir desse referencial entende-se que as operações envolvidas na aprendizagem são configuradas subjetivamente. Por outro lado, a dimensão operacional da aprendizagem, tem sido definida e estudada a partir das operações do pensamento de Vygotsky e das estratégias de aprendizagem da teoria da autorregulação (Mitjáns Martínez e González Rey, 2012), da perspectiva de mudança conceitual profunda de Pozo e Gómez Crespo (Alves, Parente, Bezerra e Bezerra, 2022) ou da teoria dos campos conceituais de Vergnaud (Medeiros, 2018). Além da importância de Vygotsky para a Teoria da Subjetividade numa perspectiva histórico-cultural, suas ideias repercutiram nas teorias de vários autores contemporâneos, que tratam da aprendizagem. Nesse sentido, o presente estudo procurou sintetizar as ideias desse autor sobre as operações do pensamento, especialmente no seu livro Pensamento e Linguagem (Vigotski, 1934/2001). Vygotsky reconheceu raízes genéticas diferentes para o pensamento e a linguagem, nos primatas e na criança pequena. Na fase pré-linguística do pensamento, mencionou as operações práticas com ou sem a mediação de instrumentos. As operações com signos, externos e, posteriormente, internos, passam a ocorrer quando a linguagem e o pensamento se cruzam. Operações com signos já estão presentes no homem primitivo (como ainda eram chamados no início do século XX) e na criança, por volta dos dois anos. Cabe lembrar que as representações (uso de signos) da criança no faz de conta são primeiro um simbolismo de primeira ordem (apoiado no gesto), depois um simbolismo de segunda ordem (apoiado na fala). O significado das palavras, enquanto generalização, é um ato do pensamento. O significado da palavra evolui e cada nova estrutura do significado (amontoados sincréticos, complexos e conceitos) possibilita diferentes operações do pensamento. Os conceitos científicos com sua organização em sistemas hierárquicos, trazem consciência e voluntariedade para as operações do pensamento verbal, assim como a aprendizagem de uma língua estrangeira, da gramática ou da álgebra viabilizam essa tomada de

consciência de operações do pensamento já realizadas na ação. Cada uma dessas mudanças, realizada por formas de organização (estruturas) diferentes, representa uma ampliação da capacidade de operar e resolver problemas. A operação não depende apenas da estrutura que a realiza, mas do objeto sobre o qual ela opera e muda em função dessa interação e da cooperação com as outras pessoas.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como podemos conceber a dimensão operacional da aprendizagem de forma a facilitar o estudo de sua relação com a dimensão subjetiva?

Palavras-chave: teoria da subjetividade; operações do pensamento em Vygotsky; relação subjetivo-operacional.

Referências

ALVES, José Moysés; PARENTE, Andrela Garibaldi Loureiro, BEZERRA, Hanna Patrícia da Silva; BEZERRA, Sérgio Henrique de Oliveira. **O subjetivo e o operacional na superação das dificuldades de aprendizagem de ciências**. Ensaio – pesquisas em educação em ciências, Belo Horizonte, 2022. Vol. 24. p.1 a 14.

MEDEIROS, Amanda Marina Andrade. **Análise dos processos subjetivos de aprendizagem matemática escolar de crianças consideradas em situação de dificuldade**. Tese (Doutorado em Educação), Universidade de Brasília, 2018.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando. **O subjetivo e o operacional na aprendizagem escolar: pesquisas e reflexões** – p.59 a 83. In Ensino e aprendizagem: a subjetividade em foco / Albertina Mitjáns Martínez, Beatriz Judith Lima Scoz, Marisa Irene Siqueira Castanho (orgs) – Brasília: Liber Livros, 2012.

VIGOTSKI, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Eixo temático: A dimensão subjetiva da aprendizagem escolar

Subtema: O valor heurístico da subjetividade para enfrentar os desafios na aprendizagem escolar

Subjetividad y Aprendizaje Escolar desde la Perspectiva Histórico Cultural en un establecimiento Privado Subvencionado

Lourdes Ilizástigui del Portal. UST. Chile.

Natalia Castañeda Mujica. UST. Chile

Sofía Gutierrez Mardones. UST. Chile

Ignacia Sepulveda Jara. UST. Chile

Resumen: Este trabajo es el resultado de una tesis de pregrado orientada a comprender como niños y niñas de 1ro básico de un establecimiento privado subvencionado, subjetivan el aprendizaje escolar. El estudio se basó en la Teoría de la Subjetividad creada por Gonzalez Rey (1997); Gonzalez Rey, Mitjans Martinez, 2017, 2019 para quienes el aprendizaje se concibe como una producción simbólica emocional, donde confluyen historia personal, las prácticas sociales y las interrelaciones. Asumimos, la metodología constructiva e interpretativa en la epistemología cualitativa, también propuesta por este autor que orientó el proceso de construcción de la información basado en tres principios: el carácter constructivo e interpretativo de la producción de conocimientos; la naturaleza dialógica y procesual de ese conocimiento y la singularidad como fuente legitima de producción científica. Los instrumentos inductores utilizados fueron: la metódica Títeres de Imágenes Humanas (estrategia), observaciones, completamiento de frases, conversación dinámica con director del establecimiento, profesora de 1ro y composición “Mi 1ro básico” y cuaderno de campo. En coherencia con el principio constructivo e interpretativo, los indicadores fueron producidos y elaborados gradualmente por las investigadoras, emergiendo diferentes hipótesis e indicadores que fueron articulados y dieron paso al marco teórico. También, con la intención de alcanzar el objetivo de la investigación articulamos expresiones de la subjetividad social y los sentidos producidos por los participantes. La subjetividad de los niños y niñas (29 participantes) se expresó fundamentalmente y fueron valorizados en los dos momentos de la metódica; primer momento exposición de la obra; expresando libremente sus fantasías, imaginación y creatividad. Segundo momento, de diálogo; momento reflexivo, provocador y desafiante intencionado por las investigadoras. La investigación permitió visibilizar la producción de sentidos y configuraciones subjetivas de los niños y niñas. Se destacan, la valorización satisfactoria de su aprendizaje

escolar sin dejar de asumir críticas asociadas a normativas escolares e infraestructura del aula. El valor del juego en la acción pedagógica. La figura de la profesora como cercana, pero, “enojona” y que “reta” mucho. Significar, aparición de la fragmentación del conocimiento en la acción pedagógica.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: ¿Qué implicaciones tiene incluir la subjetividad infantil en el aprendizaje escolar?

Palabras claves: Subjetividad Histórico Cultural; Aprendizaje Escolar.

Referencias

GONZÁLEZ REY, F. . La subjetividad social y su expresión en la enseñanza. Universidad de la Habana. **Temas em Psicologia**. (1997) Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1997000300008#:~:text=La%20subjetividad%20es%20un%20sistema,también%20constituyente%20del%20desarrollo%20subjetivo

GONZÁLEZ REY, F. & MITJÁNS MARTINEZ, A. . El desarrollo de la subjetividad: una alternativa frente a las teorías del desarrollo psíquico. **Papeles de Trabajo sobre Cultura, Educación y Desarrollo Humano**. 12 (2).(2017) Disponivel em: https://fernandogonzalezrey.com/wp-content/uploads/2025/01/El-desarrollo-de-la-subjetividad.pdf

GONZÁLEZ REY, F. & MITJÁNS MARTINEZ, A . S**ubjetividad: teoría, epistemología y método**. Editora Alínea. (2021)

GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTINEZ, A.; BEZERRA, M. . Psicología En La Educación: Implicaciones de la Subjetividad en una Perspectiva Cultural-Histórica. **Revista Puertorriqueña de Psicología**. Volumen 27. Número 2. (2016). Disponivel em: https://www.redalyc.org/pdf/2332/233247620005.pdf

Eixo temático: A dimensão subjetiva da aprendizagem escolar

Subtema: O operacional, o subjetivo e o relacional como dimensões interrelacionadas na aprendizagem escolar.

Sala de Recursos e Subjetividade: a análise de um instrumento investigativo como possibilidade dialógica na relação docente/discente

Luciane Alves Rodrigues de Sousa

Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília – PPGE/UnB

ludoagilson@gmail.com

Resumo: A escola assume um papel significativo ao acolher estudantes das mais diversas idades, níveis de escolaridade, diferentes perfis econômicos, sociais e familiares. Nesse cenário de diversidade, também são acolhidos os estudantes com deficiência, estudantes com transtornos globais do desenvolvimento e estudantes com Altas Habilidades (Brasil, 2009). A escola é para todos, diante dessa premissa, entramos no contexto do Atendimento Educacional Especializado (AEE) que tem como foco dar suporte pedagógico aos estudantes com Necessidades Educativas Específicas (NEE). Um conjunto de leis foram colocadas em vigor ao longo dos anos que garantem aos estudantes com NEE a oportunidade de fazerem parte do ambiente escolar, não apenas fisicamente, mas acima de tudo, pedagogicamente, sendo sujeitos de sua própria aprendizagem e não somente adaptados às estruturas impostas pelo sistema educacional. Em defesa desse protagonismo do estudante com NEE, intencionamos responder ao seguinte problema de pesquisa: Como potencializar o atendimento na Sala de Recursos de Deficiência Visual, favorecendo a produção de sentidos subjetivos por meio de uma estratégia educativa com objetivo de gerar uma aprendizagem exitosa? Com base nessa concepção, analisamos nesse trabalho o ambiente da Sala de Recursos de Deficiência Visual de uma escola pública do Distrito Federal, ancorado na Teoria da Subjetividade de Gonzalez Rey (2019), tendo como objetivo analisar um instrumento investigativo como possibilidade dialógica na relação docente/discente, uma vez que a Teoria se caracteriza como processual e singular. De maneira mais restrita, intencionamos descrever o instrumento "*Pote da Gratidão*" como possibilidade dialógica durante os atendimentos na Sala de Recursos, construir pontes de diálogo entre professor e estudante e identificar a produção de sentido bem como a configuração subjetiva da estudante a partir desse instrumento investigativo. A pesquisa se deu na Sala de Recursos de Deficiência Visual em 20 encontros, sendo um encontro por semana com duração de 1:30h. Participaram da pesquisa a estudante de classe inclusiva "Serena", com baixa visão, 9 anos de idade e "Pietra", professora especialista em deficiência visual com 21 anos de atuação em Sala de Recursos. A metodologia utilizada foi baseada na epistemologia qualitativa com abordagem construtivo-interpretativa (2018), a partir da análise de estudo

de caso, o que favoreceu a expressão do sujeito ao longo da pesquisa. Identificamos que diante da proposta do instrumento "*Pote da Gratidão*," o atendimento na Sala de Recursos passou a ser valorizado pela estudante; houve compromisso e envolvimento durante a realização das atividades propostas; a relação entre docente e discente foi otimizada com demonstrações de afeto e cuidado; a estudante se constituiu como protagonista do seu processo de ensino-aprendizagem ao alterar a dinâmica dos atendimentos dos demais estudantes atendidos na sala. Vivenciamos nessa pesquisa uma mudança de postura da estudante quanto à indisciplina e murmuração ao longo dos atendimentos; diante de situações de conflito e resistência, a estudante assumiu posturas reflexivas, construindo novos sentidos subjetivos; percebemos avanço na qualidade das atividades realizadas em sala pela estudante ao demonstrar dedicação e zelo ao cumpri-las. Ao longo da pesquisa percebemos que a afetividade, o pertencimento e o protagonismo pulsaram na percepção da estudante, construindo novos sentidos subjetivos.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Em defesa do protagonismo do estudante com Necessidade Educativas Específicas, intencionamos responder ao seguinte problema de pesquisa: Como potencializar o atendimento na Sala de Recursos de Deficiência Visual, favorecendo a produção de sentidos subjetivos por meio de uma estratégia educativa com objetivo de gerar uma aprendizagem exitosa?

Palavras-chave: sala de recursos; baixa visão; sentido subjetivo.

Referências

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB 4/2009**. Brasília, n. 190, Seção 1, p. 17, 2009. Disponível em: Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009.pdf. Acesso em 16/07/2025.

SOUZA, Elias. Caires; TORRES, José. Fernando. Patino. A Teoria da Subjetividade e seus conceitos centrais. Uberlândia, MG: **Obutchénie**, 2019.

ROSSATO, Maristela; MARTINEZ, Albertina. Mitjáns. Contribuições da metodologia construtivo interpretativa na pesquisa sobre o desenvolvimento da subjetividade. **Revista Lusófona de Educação**, 40, 2018.

Eixo temático: A dimensão subjetiva da aprendizagem escolar

Subtema: O valor heurístico da subjetividade para enfrentar os desafios das deficiências na aprendizagem escolar.

Sexo sem parceiro? Teorias implícitas e configuração subjetiva da aprendizagem sobre reprodução de seres vivos

Maria Luciane Cardoso da Silva,

maria.silva@iemci.ufpa.br

José Moysés Alves

jmalves@ufpa.br

Resumo: Apresentamos resultados preliminares de uma pesquisa de doutorado em andamento, que objetivou compreender as dimensões subjetiva e operacional da aprendizagem sobre reprodução de seres vivos. Para Pozo e Gómez Crespo (2009), as dificuldades de aprendizagem em ciências decorrem de diferenças entre as teorias implícitas do estudante e as teorias cientificas. A superação dessas concepções alternativas ocorre por meio de mudanças profundas, nos princípios epistemológicos, ontológicos e conceituais das teorias implícitas. A integração hierárquica da teoria implícita à cientifica pode ser alcançada pelo método de explicitação e contraste de modelos. De acordo com Rossato e Mitjáns Martínez (2011), a superação das dificuldades de aprendizagem depende da valorização da expressão do aprendiz e que ele produza sentidos subjetivos favoráveis à personalização dos conhecimentos. A pesquisa analisou a aprendizagem de três estudantes do ensino médio (16 a 18 anos), participantes do Grupo de Estudo Investigadores da Genética (GEIG), que reúne aos sábados pela manhã, em uma escola pública de Macapá/AP. Analisamos a dimensão operacional da aprendizagem a partir das transcrições das interações verbais e das atividades escritas dos participantes. Estudamos a dimensão subjetiva a partir de autobiografias, complemento de frases, conversas individuais e observações durante os encontros. Durante esse ciclo de estudo (sete encontros), identificamos a presença de uma concepção alternativa resistente, que assumia uma ligação exclusiva entre reprodução sexuada e relação sexual. As práticas pedagógicas investigativas e dialógicas do GEIG favoreceram a produção de novos sentidos subjetivos e operações mentais. Os estudantes produziram sentidos subjetivos favoráveis à personalização do conhecimento, assumindo uma postura de agentes do próprio processo de aprendizagem. A análise da dimensão operacional mostrou, a nível dos princípios epistemológicos, que os estudantes progrediram na superação de seu realismo ingênuo, admitindo a existência de múltiplas formas de reprodução, além daquelas observadas, corriqueiramente. A nível dos princípios ontológicos, os estudantes estavam em processo de superação da interpretação da reprodução de seres vivos em termos de eventos isolados (estados), começando a diferenciar os processos envolvidos

na reprodução sexuada (fecundação) e na reprodução assexuada (clonagem). Acreditamos, apoiados em Vigotski (2001), que a coerência do sistema conceitual se fortalecerá com a aprendizagem de outros conceitos científicos (envolvendo estrutura e divisão celular) que auxiliem os estudantes a compreenderem tais processos. De que maneira as configurações subjetivas dos estudantes favorecem a resistência ou a superação de concepções alternativas em determinado campo do saber?

Palavras-chave: teoria da subjetividade, reprodução de seres vivos, aprendizagem

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: De que maneira as configurações subjetivas dos estudantes favorecem a resistência ou a superação de concepções alternativas em determinado campo do saber?

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTINEZ, Albertina Mitjáns. **Subjetividade – Teoria, Epistemologia e Método**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.

POZO, J.I; CRESPO, M.A.G. **A aprendizagem e o ensino de Ciências – do conhecimento cotidiano ao conhecimento científico.** 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

VIGOTSKI, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

EIXO TEMÁTICO 8.

SUBJETIVIDADE NAS INSTITUIÇÕES E ORGANIZAÇÕES E OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

Eixo temático 6: A subjetividade e os desafios contemporâneos na atuação docente

Subtema: A dimensão subjetiva da organização didática do processo de ensino/aprendizagem.

Psicopedagogia institucional e subjetividade como política pública: apoio aos professores da rede municipal de ensino em São Paulo

Vilma Nardes Silva Rodrigues, UNIFIEO/SME-SP,

vilmanardes@gmail.com

Resumo: Este trabalho/relato foi desenvolvido a partir da ação da psicopedagógica institucional no Núcleo de Apoio e Acompanhamento para Aprendizagem (NAAPA), que compõe a Divisão Pedagógica da Diretoria Regional de Educação Butantã, da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, e teve o apoio do Grupo Ações Cooperativas e da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Roberto Mange, considerando a subjetividade da perspectiva complexa e dinâmica do meio histórico-social. O objetivo foi contribuir com a ação pedagógica coletiva dos professores, desenvolvida na unidade escolar, buscando o fortalecimento dos processos de ensino e de aprendizagem. Os estudos realizados por Fernando González Rey (2005) ancoraram este trabalho, em diálogo com outros autores, como Vygotsky (1998), Freire (1996) e Scoz (2004), afirmando que todos aprendem, e que ética e coerência devem estar presentes nas práticas educativas, com currículo vivo e em permanente construção pelo crivo da ação-reflexão-ação. A concepção histórico-cultural de Fernando González Rey, acerca da subjetividade (2005) — o sujeito é compreendido como alguém que produz sentidos subjetivos e, consequentemente, age e reage diante das situações vividas em seu cotidiano —, fundamenta este trabalho. A metodologia de projeto permitiu ações institucionais, em que o diálogo é imperativo a partir da consideração das subjetividades emergentes em dada situação; e, assim, buscar reverberar ações que possibilitem a construção de novos sentidos subjetivos, no processo de ensino e de aprendizagem e de fortalecimento da instituição escolar. Constatou-se que a Psicopedagogia Institucional pode contribuir por meio de ações pedagógicas coletivas, respeitando as subjetividades do sujeito. Nessa perspectiva, foi possível verificar o processo de uma estudante do 9º ano, diante da observação da professora de mensagens da estudante na rede digital, denotando desconfortos físicos e emocionais, e possível ideação suicida. Propostas pedagógicas foram empreendidas, possibilitando que os estudantes se expressassem através de diferentes linguagens tecnológicas. Dessa forma, o diálogo foi potencializado, permitiu reflexões sobre o momento histórico e as condições de aprendizagem, fortalecendo a autonomia, a interação e vencendo os medos, inclusive para pedir ajuda, quando necessário. Com as orientações e possibilidades oferecidas, a estudante foi se redescobrindo, vislumbrando novos caminhos. Se permitiu sonhar e buscar

alternativas para sua vida, descobriu-se sujeito, coparticipante do fazer histórico, produzindo outros sentidos subjetivos em seu viver. Entrou no ensino médio técnico em logística.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como o professor considerará as subjetividades dos estudantes, quando a sua não é respeitada? Quem considera a subjetividade do professor?

Palavras-chave: estratégias didáticas; produção sentidos; aprendizagem

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Sujeito e Subjetividade**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GONZÁLEZ REY, Fernando. Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: Os Processos de Construção da Informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

SCOZ, Beatriz J.L. I**dentidade e subjetividade de professoras/es: Sentidos do aprender e do ensinar.** Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Estudos em Psicologia da Educação. PUC/SP, São Paulo, 2004. Educativa. PUC/SP, São Paulo, 2004.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

Eixo temático: Subjetividade nas instituições e organizações e os desafios contemporâneos

Subtema: A significação dos conceitos de subjetividade social e sujeito na promoção da saúde mental nas instituições e organizações

Ousar - Desenvolvimento Humano Inspirador e Criativo: ações que valorizam os processos subjetivos da aprendizagem e do desenvolvimento humano

Adriana Ziemer Gallert, Ousar - Desenvolvimento Humano Inspirador e Criativo, e-mail:

adrianagallert@gmail.com

Vaneska Krick Ratund, Ousar - Desenvolvimento Humano Inspirador e Criativo, e-mail:

vaneskakr@gmail.com

Resumo: O contexto contemporâneo tem intensificado o cotidiano das pessoas, tensionado as relações sociais nos seus grupos de convivência e causado o enfrentamento de um mercado de trabalho em constante transformação, marcado por uma série de desafios complexos e interligados. Da rápida evolução tecnológica à crescente preocupação com a saúde mental, são intensas as exigências para se manter relevante e satisfeito na carreira profissional. Questões como as rápidas mudanças tecnológicas, a ascensão da Inteligência Artificial, a dependência digital, a necessidade de requalificação profissional, o surgimento de novas profissões, a automação de atividades rotineiras, a pressão por resultados, as longas jornadas de trabalho, a dificuldade em desconectar-se do ambiente profissional, os conflitos multigeracionais, dentre outras, têm trazido consequências prejudiciais à saúde mental das pessoas, como isolamento, desempenho insatisfatório, ansiedade, falta de energia, desmotivação, estresse e esgotamento. Inserida neste cenário de transformações sociais, aprendizado contínuo e atenção redobrada ao bem-estar, a Ousar - Desenvolvimento Humano Inspirador e Criativo é uma empresa que tem como missão inspirar e encorajar pessoas e organizações para viver propósitos e conquistas. Os trabalhos realizados pela Ousar em instituições e organizações, fundamentam-se nos princípios teóricos da Teoria da Subjetividade, de Fernando González Rey, compreendendo a subjetividade como “[...] um macroconceito que integra os complexos processos e formas de organização psíquica envolvidos na produção de sentidos subjetivos. A subjetividade se produz sobre sistemas simbólicos e emoções que expressam de forma diferenciada o encontro de histórias singulares de instâncias sociais e sujeitos individuais, com contextos sociais e culturais multidimensionais”

(González Rey, 2004, p. 137). Considerando a área de formação e experiência profissional das sócias da Ousar, autoras deste resumo e palestrantes-mediadoras da empresa, os trabalhos são realizados na perspectiva da aprendizagem e do desenvolvimento humano, com estratégias pedagógicas relacionais (Tacca, 2014), por meio de metodologias interativas e dialógicas, que valorizam a história de vida, as emoções e os pensamentos dos participantes. Nos momentos de feedback dos trabalhos realizados até o momento, as pessoas têm expressado sua satisfação em participar de encontros formativos leves e com profundidade na abordagem dos temas trabalhados, sentindo-se parte do processo vivenciado. Com isso, a Ousar busca realizar ações educativas instigando os participantes a refletirem sobre situações cotidianas na perspectiva de compreenderem-se como sujeitos, ou seja, "[...] como a pessoa capaz de gerar um espaço próprio de subjetivação em suas diferentes atividades humanas. O sujeito é a pessoa apta a implicar sua ação no compromisso tenso e contraditório de sua subjetividade individual e da subjetividade social dominante. [...] O sujeito emerge na ação que vai além das normas formais estabelecidas, na possibilidade de gerar espaços próprios de subjetivação que lhe permitam um desenvolvimento diferenciado nos espaços da subjetividade social" (González Rey, 2007, p. 144). Assim, os trabalhos realizados pela Ousar evidenciam a importância da valorização da subjetividade nas práticas formativas de profissionais de diferentes áreas de atuação, pois o desenvolvimento humano se constitui como um processo subjetivo, contínuo, dinâmico, fluido e complexo.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: A compreensão do desenvolvimento profissional como um processo subjetivo, e não apenas operacional ou informacional, apresenta-se como um desafio frente à velocidade das transformações no mercado de trabalho e na sociedade. Como pesquisadores e profissionais da Teoria da Subjetividade, de que maneira podemos contribuir com essa mudança de paradigma?

Palavras- chave: desenvolvimento humano; subjetividade; ações formativas.

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito**. Petrópolis: Vozes, 2004.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade: uma aproximação histórico-cultural.** São Paulo: Thomson Learning, 2007.

TACCA, Maria Carmen Villella Rosa. Estratégias Pedagógicas: conceituação e desdobramentos com o foco nas relações professor-aluno. In: TACCA, Maria Carmen Villella Rosa (org.). **Aprendizagem e trabalho pedagógico**. Campinas: Alínea, 2014.

Eje temático: Subjetividad en las instituciones y organizaciones y los desafíos contemporáneos.

Subtema: La significación de la subjetividad en la comprensión en las transformaciones del mundo del trabajo: dilemas y contradicciones.

Desdoblar la experiencia: las subjetividades y corporalidades del cáncer de mama de mujeres pertenecientes al colectivo "Unidas en una sola voz".

Azalea Toledo Magaña, Universidad de Guadalajara,

azalea.toledo4428@alumnos.udg.mx

Resumen: El cáncer de mama representa un evento que marca un antes y un después en la vida de las mujeres, independientemente de sus aspectos socioeconómicos, educativos y etarios. Contemporáneamente, las estrategias para el diagnóstico oportuno no han logrado reducir los casos tardíos ni las muertes, en parte porque se abordan desde una perspectiva formulada desde contextos occidentales, ajenos a las sociedades latinoamericanas o incluso al propio contexto mexicano, así como al considerar al cáncer de mama y su evolución como un proceso dependiente únicamente de lo biológico, de permanencia estática y homogéneo, ignorando los factores sociales y culturales propios de Latinoamérica y México. Esta investigación en curso propone un enfoque crítico que reconozca el cáncer de mama como un fenómeno complejo que involucra dimensiones subjetivas, individuales, sociales, simbólicas, culturales y emocionales. El objetivo es ampliar el conocimiento sobre la experiencia de las pacientes, situándose como protagonistas en discusiones sobre equidad y justicia social (SEN, 2002), y garantizando su derecho a la salud y calidad de vida (Congreso Constituyente, 1917a; 2024b), especialmente a través de colectivos que residen y resisten en la Zona Metropolitana de Guadalajara (ZMG). La teoría de la subjetividad de González-Rey servirá como base epistemológica y metodológica, evitando reduccionismos al centrarse en las voces y significados de las mujeres, a partir de desdoblamientos, sentidos e interpretaciones (Díaz; González-Rey, 2005). Esta perspectiva permite analizar cómo los sentidos subjetivos —vinculados a su experiencia— revelan procesos sociales y emocionales en torno al cáncer; elementos que están en una determinada procesualidad e incluso antes de padecer cáncer de mama. Debido al legado inconcluso de González-Rey (2013), se pretende integrar teorías fundamentales que toquen más a fondo categorías de análisis como el cuerpo, las emociones, símbolos y enfermedades. Por ello se integrarán teorías como la antropología simbólica, del cuerpo y las emociones y la antropología médica. Estos enfoques ayudarán a comprender cómo las pacientes perciben y enfrentan la enfermedad, considerando factores culturales, simbólicos y relacionales que tienen una influencia fundamental, en ocasiones ignorada, para la evolución de la enfermedad y el tratamiento óptimo que garantice calidad de vida en la mujer paciente. El estudio se basará en testimonios de cuatro mujeres en distintas

etapas del padecimiento (tratamiento, vigilancia, supervivencia y metástasis) pertenecientes al colectivo “Unidas en una sola voz”. Esto permitirá: 1. Contextualizar la enfermedad desde experiencias concretas. 2. Pensar en la psicooncología (ROJAS-MAY, 2006) como una contextualización individual, social y familiar de la enfermedad, más que un chequeo rutinario bajo un esquema fijo y predeterminado. 3. Generar propuestas para mejorar diagnósticos tempranos y políticas públicas. 4. Acceso a la información para las pacientes sobre sus tratamientos y autonomía en decisiones médicas. 5. Cambiar representaciones sociales, dejar de verlo como sinónimo de muerte, mutilación, vacío, incapacidad, fin de la vida social, etc. (GIRALDO-MORA, 2009).

Al centrarse en las pacientes, esta investigación busca tanto influir en políticas de salud, especialmente ante el desabasto de medicamentos, como promover una comunicación respetuosa entre médicos y pacientes, y desmitificar la homogeneidad del cáncer de mama, reconociéndose como una experiencia subjetiva, contemporánea y multidimensional. Este enfoque no sólo enriquecerá la comprensión del fenómeno, sino que priorizará la dignidad, la calidad de vida y la agencia de las mujeres afectadas y recién diagnosticadas.

Cuestión para el debate en el Grupo de Discusión Temática: La descontextualización de los protocolos, así como la omisión de la subjetividad, corporalidad, emociones y relaciones médicas de las pacientes en los procesos del padecimiento genera poca calidad y esperanza de vida.

Palabras clave: subjetividad; cáncer de mama; antropología.

Referencias:

CONGRESO CONSTITUYENTE. **Constitución Política de los Estados Unidos Mexicanos.** 1917a; reformas 2024b. Disponível em: https://www.juridicas.unam.mx/legislacion/ordenamiento/constitucion-politica-de-los-estados-unidos-mexicanos

DÍAZ, Ángel; GONZÁLEZ-REY, Fernando. Subjetividad: Una perspectiva histórico cultural. In: **Univ. Psychol. Bogotá (Colombia),** v. 4, n. 3, p. 373-383, 2005. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=64740311.

GIRALDO-MORA, Clara. Persistencia de las Representaciones Sociales del Cáncer de Mama. **Revista Salud Pública**, Bogotá, v. 11, n. 4, p. 514-525, 2009. Disponível em: https://www.scielosp.org/pdf/rsap/2009.v11n4/514-525/es

GONZÁLEZ REY, Fernando**.** La subjetividad en una perspectiva cultural-histórica: avanzando sobre un legado inconcluso. **Cultura y Sociedad,** [S.l.], v. 11, p. 19-42, 2013.

ROJAS-MAY, Georgina. Estrategias de intervención psicológica en pacientes con cáncer de mama. **Revista Médica Clínica Las Condes**, Santiago, v. 17, n. 4, p. 194-197, 2006. Disponível em: https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-453208?lang=es

SEN, Amartya. ¿Por qué equidad en la salud? **Revista Panamericana de Salud Pública,** Washington, v. 11, n. 5/6, p. 302-309, 2002.

Eje temático: Subjetividad en las instituciones y organizaciones y los desafíos contemporáneos.

Subtema: La subjetividad en los procesos de elaboración, implementación y gestión de políticas públicas.

El factor humano en la acción: Redefiniendo la doctrina militar contemporánea

Federico Aníbal Martínez Vélez, Universidad de las Fuerzas Armadas-ESPE, famartinez3@espe.edu.ec

Resumen: El presente trabajo es producto de una investigación doctoral en desarrollo, que se enmarca en la tipología de estudio teórico con aplicaciones prácticas en el campo militar, analizando el papel de la coordinación técnico-militar y su componente: la doctrina, desde la teoría de la subjetividad, para entender los aspectos simbólicos, afectivos y subjetivos que atraviesan la vivencia castrense. Desde una óptica crítica se analiza el rol que ejerce la doctrina en los procesos de coordinación técnico-militar. Se reflexiona, partiendo desde el papel histórico de las doctrinas militares de los diferentes países, fundamentadas en roles jerárquicos, con estructuras estandarizadas y orientaciones predominantemente operativas y que no consideran los aspectos emocionales y subjetivos del personal militar al tener que cumplir con los lineamientos establecidos. Desde la epistemología cualitativa, y particularmente desde la metodología constructivo-interpretativa, se abre un espacio de reflexión que permite captar estas configuraciones subjetivas no como anomalías, sino como dimensiones constitutivas del sujeto militar, para proponer caminos metodológicos que permiten entender cómo los actores militares significan su experiencia, cómo definen sus identidades dentro de la estructura institucional, y cómo reconfiguran sentidos ante situaciones de riesgo como el combate, la crisis o la posguerra. Desde un proceso de análisis de relatos de vida de personal militar en servicio activo, se visibilizan los procesos de la construcción de identidad y su sentido del yo, entre el sentido del deber y del cumplimiento con exigencias del mando y las convicciones éticas, las vivencias personales acumuladas y las emociones. Este análisis facilita la visión y comprensión distinta de la doctrina; y que no se considere solo como un conjunto rígido e inmutable de normas, sino como una construcción simbólica en permanente diálogo con las experiencias del sujeto. En esta apertura, la doctrina se resignifica, gana profundidad práctica y fortalece el compromiso con la institución desde una perspectiva más humana y consciente. Este estudio plantea un giro epistemológico necesario: pasar de una visión instrumental de la doctrina a una comprensión que incluya la subjetividad como dimensión constitutiva del accionar militar.

Cuestión para el debate en el Grupo de Discusión Temática: Frente a ello, se plantea una cuestión central para el debate: ¿Cómo puede la doctrina incorporar las lecciones aprendidas y sentidas del personal militar sin perder la eficacia y la coherencia institucional?

Palabras clave: doctrina militar; subjetividad militar; identidad castrense

Referencias

ANDRADE, Miguel. A doutrina militar como expressão da política externa: notas para a análise das Forças Armadas no Equador. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 64, n. 1, p. 1–22, ene 2021. https://doi.org/10.17141/urvio.29.2021.4322

ECHEVERRÍA, Olga. Doctrina militar latinoamericana y relaciones internacionales: la perspectiva ecuatoriana. **Revista Aportes para la Integración Latinoamericana**, Buenos Aires, n. 45, p. 103–118, mar 2020.

PIEDRAHITA, María Elizabeth. La doctrina militar ecuatoriana: evolución, tensiones y desafíos. **Revista de Estudios Estratégicos**, Quito, v. 12, n. 2, p. 55–78, jun 2019.

SALA, Laura. **Las ideas externas en las doctrinas militares latinoamericanas de la guerra fría. Secuencia**, Ciudad de México, n. 111, p. 1–34, sept./dez. 2021. DOI: https://doi.org/10.18234/secuencia.v0i111.1946.

Eixo temático: 8. Subjetividade nas instituições e organizações e os desafios contemporâneos

Subtema: A inclusão como garantia de consolidação dos direitos humanos nas instituições e organizações.

Enfrentando o capacitismo: a experiência do Diário de Ideias na EJA

Lucinete Teixeira dos Santos Sampaio, UnB/SEEDF,

lucinete@gmail.com

Cristina Massot Madeira Coelho, UnB,

cristinamadeiracoelho@gmail.com

Resumo: Este texto apresenta a experiência com o projeto Diário de Ideias (Muniz, 2019, 2020, 2022, 2023), o qual vem sendo implementado em uma escola pública do Distrito Federal que oferta a modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e tem se mostrado potente para avançarmos em relação a práticas capacitistas nesse contexto. O texto integra os estudos em andamento desenvolvidos no doutorado em Educação que tem como foco na inclusão de Estudantes com DI na EJA e os aspectos subjetivos envolvidos em relação a promoção automática.Por meio do Diário de Ideias, estudantes são incentivados a registrar suas vivências e reflexões, desenvolvendo recursos subjetivos que fortalecem sua autoestima e protagonismo. O projeto, ao privilegiar essas ações como parte integrante do processo educativo, oferece condições significativas buscando desconstruir o fenômeno do capacitismo no ambiente escolar. Ao promover espaços dialógicos com trocas de experiências vivenciadas entre os estudantes, o projeto amplia a diversidade de vozes e vivências presentes na escola. Essa prática dialoga diretamente com princípios anticapacitistas, pois valoriza a participação ativa de todos e desafia estereótipos e preconceitos enraizados no cotidiano escolar. Além disso, a proposta metodológica do Diário de Ideias favorece uma aprendizagem criativa e inclusiva e não se limita à transmissão de conteúdo, mas busca-se transformar a cultura escolar por meio da escuta atenta e significativa. Isso possibilita que a escola se torne um espaço que reconheça a singularidade dos estudantes com deficiência, ao invés de marginalizá-los. Os princípios que embasam o Diário de Ideias se organizam a partir da Teoria da Subjetividade na perspectiva histórico cultural, conforme proposta por González Rey (1997, 2017), e da aprendizagem criativa, segundo Mitjáns Martínez (2008, 2012). Essa abordagem — focada na produção de recursos subjetivos — fomenta o protagonismo dos estudantes em seus processos de aprendizagem, mostrando-se estratégia eficaz no combate ao capacitismo — a crença de que pessoas com deficiência seriam menos capazes que aquelas sem deficiência. Tal julgamento se manifesta nas relações sociais e culturais do contexto escolar, gerando práticas que ignoram as singularidades e reforçam estereótipos e reduzem oportunidades de participação ativa. Dessa forma, reconhecemos que o capacitismo não se limita a uma questão estrutural, mas

se manifesta também na produção de sentidos subjetivos que restringem possibilidades de desenvolvimento e protagonismo de pessoas com deficiência — configurando vivências que intensificam construções subjetivas de menor valor.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: De que maneira a aprendizagem criativa, conforme concebida por Mitjáns Martínez em diálogo com a Teoria da Subjetividade de González Rey, pode potencializar o processo de desconstrução de sentidos subjetivos capacitistas? Como produzir visibilidade teórica sobre a inclusão como garantia de consolidação dos direitos humanos nas instituições e organizações?

Palavras-chave: capacitismo; EJA; teoria da subjetividade

Referências

FORESTI, TAIMARA et al. O conceito de capacitismo em artigos nacionais: Um estudo teórico. **Revista Psicologia Política**, v. 24, 2024.

GONZÁLEZ REY, F. L.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas: Alínea, 2017

MITJÁNS MARTÍNEZ, A. Criatividade no trabalho pedagógico e criatividade na aprendizagem: uma relação necessária? In: TACCA, M. C. V. R. (org.). **Aprendizagem e trabalho pedagógico**. Campinas: Alínea, 2008

MUNIZ, Luciana Soares. **Diário de Ideias: linhas de experiências.** Uberlândia: EDUFU, 2020.

Eixo temático: Subjetividade nas instituições e organizações e os desafios contemporâneos

Subtema: A inclusão como garantia de consolidação dos direitos humanos nas instituições e organizações.

Estudantes com deficiência na educação superior:

uma revisão bibliográfica sobre os limites da inclusão e a exclusão simbólica

Mariana da Silva Ayala, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
mariana.ayala@ufms.br

Resumo: As universidades brasileiras, apesar de se pautarem no discurso da inclusão e da igualdade, são frequentemente questionadas quanto à efetividade de suas práticas, especialmente no que tange à acolhida de diversos grupos. No contexto da educação superior, a experiência de acadêmicos com deficiência, em particular, revela desafios significativos para sua plena permanência. Isso ocorre porque o modelo ideal de aluno, muitas vezes valorizado pelas instituições: autônomo, produtivo e com modos específicos de apreensão e comunicação; não contempla a diversidade de singularidades desses discentes, indicando a existência de barreiras simbólicas e institucionais que demandam investigação. O presente trabalho tem como objetivo analisar de que forma o discurso de inclusão nas universidades pode esconder práticas de exclusão simbólica. A metodologia utilizada consistiu em uma revisão bibliográfica, com a análise de cinco estudos publicados entre 2018 e 2025, localizados em bases como o Portal de Periódicos da CAPES e o Google Acadêmico. Foram priorizados textos que abordam a permanência de estudantes com deficiência na educação superior e as formas de exclusão que ocorrem mesmo em contextos onde a inclusão é oficialmente defendida. A interpretação e discussão dos achados foram ancoradas em perspectivas teóricas de autores como Bourdieu (2000), Chauí (2017), González Rey (2006) e Vigotsky (1934/2018), cujas contribuições foram essenciais para a compreensão das dinâmicas de poder e subjetividade no contexto da educação superior. Os resultados evidenciam a presença de um dualismo inclusão-exclusão no ambiente universitário, ou seja, observa-se que, ao mesmo tempo em que se promove o acesso, espera-se que os sujeitos se moldem a uma estrutura rígida, sem que se verifiquem mudanças significativas nas práticas institucionais. Além disso, outro ponto revelado é o bloqueio da subjetividade. Quando a instituição de educação superior ignora a complexidade das vivências e das relações sociais que constituem o sujeito, ela impede a criação de sentidos próprios e, por conseguinte, desautoriza outras formas de produzir conhecimento. Assim, a universidade tende a transformar a diferença em desvio, gerindo-a, portanto, como exceção. Os apoios oferecidos, muitas vezes, têm caráter emergencial e não promovem pertencimento real, resultando em experiências subjetivas marcadas pela invisibilidade. O estudo também aponta que a inclusão, tal como é praticada,

atua como uma estratégia de controle, isto é, ela administra a presença de estudantes com deficiência sem alterar a estrutura institucional. Assim, mesmo presentes, esses sujeitos permanecem excluídos dos espaços de decisão e de construção legítima do saber. A permanência, nesse cenário, se torna precária. Conclui-se, portanto, que é urgente repensar o modelo universitário, o que exige uma mudança estrutural que vá além das ações compensatórias. O reconhecimento da subjetividade como dimensão central da formação e a adoção de práticas institucionais orientadas na escuta representam passos fundamentais para a construção de ambientes acadêmicos inclusivos, integrando os sujeitos em sua diversidade.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como a universidade pode, efetivamente, reinventar-se para se tornar um espaço de pertencimento e não apenas de presença tolerada? Que transformações, para além das políticas pontuais, são necessárias para a real integração da diversidade? Como garantir que a escuta e o diálogo propostos não se tornem novas formas de controle?

Palavras-chave: inclusão; exclusão simbólica; subjetividade.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **Pascalian Meditations.** Stanford University Press, 2000.

CHAUI, Marilena. **Escritos sobre a universidade.** São Paulo: Editora Unesp Digital, 2017.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luiz. **Investigación cualitativa y subjetividad.** Oficina de Derechos Humanos del Arzobispado de Guatemala, 2006.

VIGOTSKY, Lev Semionovitch. **Sete aulas de L. S. Vigotsky sobre os fundamentos da pedologia.** Organização [e tradução] Zoia Prestes, Elizabeth Tunes; tradução Cláudia da Costa Guimarães Santana. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais Ltda., 2018. Obra original publicada em 1934.

Eje temático: Subjetividad en las instituciones y organizaciones, y sus desafíos contemporáneos

Subtema: La significación de los conceptos de subjetividad social y sujeto en la promoción de la salud mental en instituciones y organizaciones.

Tramas subjetivantes en instituciones a cargo de primera infancia vulnerable

Analía Dieguez, Universidad de Buenos Aires,

analiadieguez@gmail.com

Patricia Álvarez, Universidad de Buenos Aires,

patricia.alvarez212@gmail.com

Resumen: El presente trabajo fue realizado por un Equipo de Investigación de la Cátedra de Psicopedagogía Clínica de la Facultad de Psicología de la UBA con tres Centros de Primera Infancia (CPI) en CABA, Argentina desde 2018 hasta el presente, en el marco del Proyecto de Investigación UBACyT; "Procesos subjetivos y simbólicos contemporáneos comprometidos en el aprendizaje escolar: nuevas conceptualizaciones e intervenciones". Los CPI son espacios creados para garantizar el crecimiento y desarrollo saludable de niños de 45 días a 3 años de edad en situación de vulnerabilidad social. Tienen por objetivo brindar elementos para la satisfacción de las necesidades fisiológicas, afectivas, psicomotrices, de juego, recreación y socialización para el sano desarrollo de las niñas y los niños |y su entorno, como así también crear un espacio para la estimulación temprana con niñas/os de 45 días a 2 años inclusive y la adquisición de hábitos con niñas/os de 3 años. Además, brindan contención y asistencia a las familias para facilitar el proceso de crianza y desarrollo de las/os niñas/os, creando condiciones de participación activa que fortalezcan los vínculos intrafamiliares y brindar información y contención a las embarazadas en situación de vulnerabilidad social, sobre aspectos fundamentales de cuidado del embarazo, el parto y los primeros meses de cuidado de su hija/o con miras a fortalecer el vínculo parento-filial. Luego de una primera etapa donde se puso en juego el diálogo para que los malestares se expresen, se establecieron dimensiones para despejar las dificultades ligadas a la expectativa de transformación de las problemáticas y las exigencias de respuesta urgente a una diversidad de situaciones de desamparo social (abandonos, violencias, abusos, enfermedades graves sin contención médica, entre las más frecuentes). A partir de ello se crearon propuestas de trabajo específicas para docentes y directivos. Nuestra propuesta consiste en armar un saber elaborando nuevas relaciones frente a los problemas ya que no suponemos una adecuación perfecta entre las teorías y el mundo. Cada situación se define por el problema que la estructura que además se complejiza porque muta constantemente. Nuestro trabajo se basó en la posibilidad de mirar la situación, los vínculos entre las personas, las características de la institución y con todo ello ir develando cuales son las potencias desde un

código compartido y una experiencia común a partir de la conversación, la disposición a disentir, a albergar sin peligro los conflictos y las diferencias para poder reflexionar sobre las situaciones considerando siempre y ante todo que los procesos de subjetivación se encuentran entramados en los procesos sociohistóricos.

Cuestión para el debate en el Grupo de Discusión Temática: Proponemos discutir las relaciones entre los procesos de subjetivación con los procesos socio históricos en lo referido a la vulnerabilidad social.

Palabras clave: Subjetividad, Simbolización, Vulnerabilidad Social

Referencias:

ALVAREZ, P. CANTÚ, G. DIÉGUEZ, A. **Imaginando (en) la escuela.** Editorial Entreideas Serie: Subjetividad y Aprendizaje Buenos Aires, 2017.

GONZÁLEZ REY, F. **Psicoterapia, subjetividad y posmodernidad.** Noveduc Bs. As., 2009.

LEWKOWICZ, I. **Del fragmento a la situación. Notas sobre la subjetividad contemporánea**. Grupo 12 Bs As, 2001.

MÉNDEZ, M. **Procesos de subjetivación. Ensayos entre antropología y educación**. Fundación La hendija; 2011.

Eje temático: Subjetividad en las instituciones y organizaciones y los desafíos contemporáneos

Subtema: La significación de los conceptos de subjetividad social y sujeto en la promoción de la salud mental en instituciones y organizaciones.

"LA CONSTRUCCIÓN DE CONOCIMIENTO DESDE LA UNIVERSIDAD DE SAN CARLOS DE GUATEMALA PARA UNA CULTURA DEL CUIDADO: HACIA UNA POLÍTICA PÚBLICA DE LA SALUD MENTAL EN DIÁLOGO CON EPISTEMOLOGÍAS INDÍGENAS ANCESTRALES"

Paula Cecilia López Vásquez -plopez@psicousac.edu.gt

Guatemala

Resumen: El legado de Fernando González Rey y de Albertina Mitjáns coincidió con la creación de un Programa de Maestría y Doctorado en Psicología donde varios profesionales de diferentes Ciencias Sociales en Guatemala estudiamos durante 10 años, gracias al ejercicio ético y político con la Educación Superior de los académicos Edgar Cajas, Jorge Mario Flores y Claudia Rivera, trabajaron por un proyecto académico que formó parte del incipiente Sistema de Estudios de Posgrados. El cuerpo internacional de profesores investigadores debatió sobre Psicología y sus campos de acción; la influencia hegemónica del Método Científico en las Ciencias Sociales y sobre las Teorías de la Subjetividad, lo que permitió dialogicidad y encontrar "zonas de sentido" (Gonzalez Rey, 2006, p. 24), y comprender que "interpretar/comprender el presente y transformarlo, implica, superar los dualismos postulados por el pensamiento prágmático/positivo; verlos como contradicciones a superar y como sustento a dar un salto cualitativo de la intervención a la praxis comunitaria" (Flores, Jorge Mario, 2011, p.12). En Guatemala los efectos de la invasión española y el genocidio configura las relaciones sociales con formas de racismo, discriminación y exclusión social. Se hizo inteligible cómo esas formas en lo institucional sostiene prácticas burocráticas y relaciones de poder en lo laboral, que cosifican y afectan la vida permitiendo vivencias de fatalidad y sufrimiento en una participación contradictoria y también creativa de las personas en los proyectos. De esta experiencia se produjo las tesis de maestría: "Justicia legitimada: Exhumaciones en Guatemala" (López, P. 2008); "La Categoría de Identidad, una mirada desde lo Psicológico a lo Político" (Ponce, M. 2008) y la tesis de doctorado titulada: "El incesto: las voces de un grupo de mujeres mayores de edad de la sociedad guatemalteca" (Luna, S. 2015). Los desdoblamientos de esta experiencia son una forma de proveer Cultura del Cuidado, donde los profesionales cuestionamos las prácticas disciplinares, dialogamos con epistemologías indígenas ancestrales y de otros pueblos, aprendiendo y desaprendiendo desde lo comunitario a conectar tiempo y espacio para el diseño de acciones donde ninguna epistemología se superponga a otra. Esta producción de sentidos subjetivos conversa con el discurso oficial sobre salud mental, el autocuidado y prácticas excluyentes de

salud que aprendimos desde el imaginario de reproducción dominante en la formación académica. Los Invito colegas y profesionales en formación de psicología en Iberoamérica a seguir dialogando desde los espacios diferenciados que dinamizan la subjetividad:

Cuestión para el debate en el Grupo de Discusión Temática: ¿Qué prácticas de cuidado dentro de las instituciones queremos heredar y cómo atendemos a la explotación laboral cuando existe algún conflicto laboral? ¿Hacia dónde necesita migrar el horizonte académico para que con los distintos saberes se practique una ética para la vida y una cultura del cuidado entre pueblos?

Palabras Clave: Epistemología Cualitativa – Sujeto – Epistemología Indígena Ancestral

Referencias

GONZALEZ, R. **Investigación Cualitativa y Subjetividad: el Compromiso Ontológico en la investigación Cualitativa.** Guatemala, Guatemala. Ed. Oficina de Derechos Humanos del Arzobispado de Guatemala.-ODHAG. 2006

FLORES, J. **Psicología y Praxis Comunitaria. Una visión latinoamericana**. México. Ed. Latinoamericana. 2011

LÓPEZ, P. J**usticia legitimada: Exhumaciones en Guatemala**. Universidad de San Carlos de Guatemala. Copia Impresa 2008

LUNA, S. **El incesto: las voces de un grupo de mujeres mayores de edad de la sociedad guatemalteca.** Universidad de San Carlos de Guatemala Copia Impresa. 2015

PONCE, M. **La Categoría de Identidad, una mirada desde lo Psicológico a lo Político.** Universidad de San Carlos de Guatemala Copia Impresa. 2008

Eixo temático: Subjetividade nas instituições e organizações e os desafios contemporâneos

Subtema: A subjetividade em processos alternativos de ação social.

"... eu sempre tô evoluindo aqui ..." CONFIGURAÇÕES SUBJETIVAS DOS TRABALHADORES DA ASSOCIAÇÃO DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DA ILHA DE VITÓRIA - AMARIV

Rogério Zanon da Silveira, Universidade Federal do Espírito Santo,

rogerio.silveira@ufes.br

Resumo: No campo da Economia Solidária, é ressaltado o protagonismo das associações e cooperativas do segmento de coleta e reciclagem. O objetivo desta pesquisa foi compreender configurações subjetivas que permeiam trabalhadores de uma associação de catadores de materiais recicláveis em Vitória, no Espírito Santo. O referencial teórico-metodológico adotado foi a Teoria da Subjetividade numa perspectiva Histórico-cultural, a Epistemologia Qualitativa e a Metodologia Construtivo-interpretativa do Conhecimento. A pesquisa se deu no ano de 2023 a partir de conversações com oito trabalhadores da associação, cujos nomes são fictícios para que sejam preservadas suas identidades: Luciana, Eleonora, Dângela, Carlo, João Gabriel, Anna, Elvira e Verônica. Os resultados conduziram à elaboração de configurações subjetivas em forma de categorias, com destaque para: 1. Aspectos da subjetividade social relativos ao pré-conceito da sociedade em relação ao trabalho feito pelos associados em rua, ("... olha, o que eu assim achei mais ruim é o preconceito das pessoas com a gente). 2. Valores associados à autonomia, à autogestão, à partilha, ao acolhimento, entre outros (... não, a gente não tem função, ... onde precisa a gente tá lá!). 3. O sentido de família entre os membros da associação (... meu filho é ... aquele que tá gritando ali... e agora tem até uma vó... de verdade!). 4. Momentos associados à acepção de emergência de sujeito, como nas falas de Luciana ao expressar os desafios atuais e futuros com os quais a associação se depara (... aí a nossa associação, ela tem mais de vinte anos, é uma associação que foi montada de catadores de morador de rua, de catador de rua!). 5. Autoestima, autorrealização e visão de futuro como sentidos muito fortes, ao verem o trabalho que executam como oportunidade para galgar outras realizações (... é mecânica... ele quer fazer Engenharia mecânica e eu faço Contabilidade). 6. Visão de oportunidade para outras pessoas que precisam de acolhimento para se 'reerguer' como pessoa humana (... a pessoa quiser vir trabalhar, a gente dá oportunidade!). 6. Enfim, e ao encontro da teoria da subjetividade, sistemas de sentidos aparecem e se entrelaçam nas falas dos sujeitos de pesquisa para alcançarem configurações subjetivas que não podem ser vistas como categorias separadas (... uma fábrica de sonhos!); aspectos da subjetividade social e da subjetividade individual que se entrelaçam subjetivamente na formação subjetiva individual e social no espaço da associação. 7. Por fim,

sentidos associados a reconhecimento e gratidão por conquistas obtidas, bem como em relação às organizações com as quais têm parcerias e ajudam a associação a ultrapassar dificuldades e desafios presentes. Considera-se que os resultados podem contribuir para a autocompreensão subjetiva dos próprios sujeitos de pesquisa, conhecimento valioso ao desenvolvimento da associação e de seus partícipes. Oxalá os resultados abram caminhos para o tema organizações de terceiro setor e visibilidade acerca dos problemas de ordem social e material por que passam projetos empreendedores solidários, mas também por visibilidade do potencial de produção de novas subjetividades e de sujeito nesses espaços sociais.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: qual o valor heurístico da teoria da subjetividade, da epistemologia qualitativa e da metodologia construtivo-interpretativa do conhecimento para o estudo e a compreensão de problemas científicos no campo das organizações de terceiro setor?

Palavras-chave: economia solidária; catadores de recicláveis; sujeito e subjetividade.

Referências

ALTIERI, Diego; TENÓRIO, Fernando G. **Gestão e economia solidária.** (Coleção Gestão e Desenvolvimento) . Editora Unijuí, 2023. E-book. ISBN 9788541903639. Disponível em: https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788541903639/. Acesso em: 13 nov. 2023.

GOULART, Daniel Magalhães. Saúde mental, educação e desenvolvimento subjetivo: o trabalho voltado para uma ética do sujeito. In: MARTINEZ, Albertina Mitjáns et al. **Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade. Discussões sobre Educação e Saúde**. Edufu, Uberlândia, 2019.

GONZÁLEZ REY, F.L. **Sujeito e subjetividade.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MARTINEZ, Albertina Mitjáns. **Subjetividade: teoria,epistemologia e método**. Campinas, Editora Atenas, 2017.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária.** 6a reimpressão. São Paulo: Fundação Editora Perseu Abramo, 2013.

Eixo temático: Subjetividade nas instituições e organizações e os desafios contemporâneos

Subtema: A inclusão como garantia de consolidação dos direitos humanos nas instituições e organizações.

Histórias em Quadrinhos e Inclusão na Universidade

Ronald Maicon Barbosa de Souza

Universidade do Distrito Federal - UnDf, ronald.souza@undf.edu.br

Raquel de Alcântara

Universidade do Distrito Federal - UnDF, raquel.dealcantara@undf.edu.br

Resumo: A pesquisa, em andamento, fundamenta-se na necessidade de desenvolver um material didático acessível e expressivo destinado à divulgação de temas relacionados à Inclusão no contexto Universitário. O estudo objetiva compreender a potencialidade da linguagem das Histórias em Quadrinhos (HQ) na socialização de saberes que favoreçam mudanças subjetivas, capazes de contribuir para a inclusão. A pesquisa é desenvolvida no âmbito do Projeto Explorando o Hiperfoco e/ou Altas Habilidades/Superdotação, cuja ação extensionista tem como finalidade identificar e orientar estudantes que demonstram considerável potencial em determinadas áreas do conhecimento, por meio de um ambiente universitário que não apenas reconheça e valorize tais capacidades únicas, mas, também, forneça ferramentas e suportes necessários para potencializá-las. Considerando as habilidades avançadas em desenho e ilustração, como também o grande interesse nas temáticas da inclusão, definiu-se como produtos, a serem desenvolvidos pelo integrante do referido projeto, a elaboração de um artigo científico, como também a produção de Histórias em Quadrinhos, na expectativa de que a HQ, como gênero narrativo e linguagem artística que combina elementos visuais e verbais, tenha o potencial de mobilizar processos subjetivos que integram afetos, experiências históricas e significações culturalmente mediadas, de modo a constituir configurações subjetivas singulares que expressam formas próprias de estar e agir no mundo. A Teoria da Subjetividade e a Epistemologia Qualitativa de González Rey fundamentam o estudo, especialmente por conceber a subjetividade como produção simbólico-emocional, histórica e socialmente constituída. Nessa perspectiva, a inclusão é compreendida não como ajustes pontuais e protocolares, mas como processo que convoca a escuta das singularidades, a abertura a novas formas de significação e o compromisso com transformações institucionais.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: As Histórias em Quadrinhos, enquanto linguagem estética, narrativa e expressiva, podem contribuir para a produção de sentidos subjetivos que favoreçam a inclusão no contexto universitário?

Palavras-chave: Inclusão. Subjetividade. Histórias em Quadrinhos.

Referências

FERREIRA, N. B. P.; DUARTE, N. As artes na educação integral: uma apreciação histórico-crítica. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 6, n. 3, p. 115-126, 2012. DOI: https://doi.org/10.21723/riaee.v6i3.5006. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/5006. Acesso em: 24 jul. 2025.

GONZÁLEZ REY, F. L.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas, SP: Alínea, 2017.

LINCK VARGAS, A. A invenção dos quadrinhos autorais: uma breve história da arte da segunda metade do século XX. **História, Histórias**, Brasília, v. 4, p. 25-37, 2016.

LUKÁCS, G. **Um clássico do século XX.** São Paulo: Moderna, 1997.

MARTÍNEZ, A. M.; GONZÁLEZ REY, F. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica**. São Paulo: Cortez, 2017. (Coleção Construindo o Compromisso Social da Psicologia). E-book. ISBN 9788524925894. Disponível em: https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788524925894.

TOMÉ, A. S.; MARTINS, I. C.; GIMENEZ, R. Entre balões, sarjetas e requadros: a nona arte na educação inclusiva, revisão de 2014 a 2024. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 38, n. 1, e5/1-25, 2025. DOI: https://doi.org/10.5902/1984686X89029.

WELLICHAN, D. S. P.; LINO, C. C. T. S. A inclusão que está nos quadrinhos: como os personagens podem divertir e ensinar sobre as pessoas com deficiência. **Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 21, n. 1, p. 44-61, 2019. DOI: https://doi.org/10.30715/doxa.v21i1.12693.

EIXO TEMÁTICO 9.

REDES SOCIAIS, CULTURA DIGITAL E SUBJETIVIDADE: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

Eixo temático: Redes sociais, cultura digital e subjetividade: desafios contemporâneos

Subtema: A cultura digital favorecedora de expressões da subjetividade

As telas e a brincadeira de faz de conta:

uma análise a partir da teoria da subjetividade

Adriana Costa Martins, UnB/Instituto de Psicologia – PG-PDE

diane.c.diane@gmail.com

Wilsa Maria Ramos, UnB/Instituto de Psicologia – PG-PDE

ramos.wilsa@gmail.com

Resumo: O objetivo deste estudo é compreender a configuração subjetiva da ação de brincar de crianças usuárias e não usuárias das telas. O estudo se fundamenta nas ideias de Vygotsky (2008) sobre imaginação, criação e funções psíquicas superiores, porém extrapola esse campo teórico ao abordar o sistema teórico da subjetividade que foi elaborado por Fernando González Rey (1949-2019). O cerne da questão está na ação de brincar das crianças de quatro e cinco anos como uma forma viva, dinâmica e complexa que se dá nas condições da cultura e da realidade social em que vivenciam. A cultura digital está fortemente inserida na realidade do século XXI e traz uma nova acepção ao brincar das crianças pequenas. Nesse contexto, investigaremos o uso das telas e sua crescente presença na vida cotidiana das crianças, considerando como elas integram esses recursos que fazem parte da cultura digital à ação de brincar. As práticas sociais manifestam os interesses, as necessidades e as descobertas das crianças continuamente, gerando para elas novos sentidos acerca da cultura que as abraça. Essas interações digitais vividas pelas crianças, não constituem experiências homogêneas, ao contrário, ampliam os cenários e as narrativas da brincadeira de faz conta e configuram novas formas de expressão subjetiva. Novas questões precisam ser pensadas e debatidas, pois a realidade digital compõe a experiência cotidiana das crianças contemporâneas. Nenhum fenômeno social apagará essa vivência de suas histórias, seja no plano coletivo ou individual. Assim, essa pesquisa em andamento pretende reconhecer a potência da imaginação e criação em ambientes físicos e em ambientes mediados por telas e sua implicação na produção de sentidos subjetivos do brincar das crianças na cultura digital, a partir da Teoria da Subjetividade.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: De que maneira a produção de natureza simbólico-emocional de crianças usuárias de telas ou não pode impactar a emergência de novos sentidos subjetivos, integrando a brincadeira de faz de conta e favorecendo a emergência de sujeitas na ação de brincar?

Palavras-chave: brincadeira de faz de conta, subjetividade, telas.

Referências

BUCKINGHAM, D. **Crescer na era das mídias eletrônicas.** Tradução de Girardello, G; Orofino, I. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

MADEIRA-COELHO, C. M. Brincar de escola: aprendizagem, desenvolvimento infantil e constituição docente. In: ANACHE, A. A.; SCOZ, B. J. L.; CASTANHO, M. I. S. (orgs.). **Sociedade contemporânea: subjetividade e educação**. São Paulo: Memnom, 2015. p. 160–179.

JERUSALINSKY, J. As crianças entre os laços familiares e as janelas virtuais. In: BAPTISTA, A.; JERUSALINSKY, J. (orgs.). **Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais**. São Paulo: Ágalma, 2017. p. 39–55.

FLEER, M. Subjectivity and children's play: the conceptual legacy of Fernando González Rey in early childhood. In: GOULART, D. M.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; ADAMS, M. (orgs.). **Theory of subjectivity from a cultural-historical standpoint – González Rey's legacy.** Cham: Springer, 2021.

VYGOTSKY, L.S. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. **Revista Virtual de gestão de iniciativas sociais**, junho 2008. Trad. Zoia Prestes.

Eje temático: Redes sociales, cultura digital y subjetividad: desafíos contemporáneos

Subtema: El impacto de la inteligencia artificial en las producciones subjetivas

La IA y el fin de la Subjetividad Moderna:

De Montaigne a ChatGPT

Pedro J. Salinas-Quintana, Universidad de Santiago de Chile,

psalinasquintana@gmail.com

Resumen: La subjetividad moderna, inaugurada por prácticas las prácticas autorreflexivas presentes en las meditaciones cartesianas o los ensayos de Montaigne, se fundamentó originariamente en el diálogo interno: un "fuero" donde el yo se interrogaba, examinaba y constituía a sí mismo. Se propone, sobre una base de análisis estético, que obras como "El matrimonio Arnolfini" (Van Eyck), con su espejo convexo reflejando al espectador-testigo, o "TV Buddha" (Nam June Paik), donde un Buda contempla su imagen televisada, simbolizan el inicio y el fin de la subjetividad moderna, basada en la autoconciencia como trabajo interno. ¿Está la Inteligencia Artificial (IA) está operando como un nuevo "resorte" o motor de subjetividad, desplazando progresivamente ese diálogo interior con una interacción mediada algorítmicamente, marcando así un punto de inflexión –quizás un fin– de la subjetividad como la hemos experimentado? Los desarrollos actuales de la IA presentan desafíos radicales para la constitución del sujeto. Por un lado, facilitan la inclusión y el empoderamiento, pero simultáneamente generan riesgos de discriminación, manipulación y relaciones sociales artificiales. Más críticamente, la IA se inserta en dinámicas de poder biopolítico (Foucault), donde el control ya no se ejerce solo sobre territorios, sino sobre las subjetividades mediante la digitalización exhaustiva de datos personales. Esta "economía de los datos digitales" (Lupton) permite una gobernanza sutil que limita la libertad e influye en las decisiones, planteando la inquietante cuestión de si la subjetividad humana está ahora al servicio de la IA y sus programadores, anulando su autonomía. Se espera demostrar que el desplazamiento del diálogo interno hacia la interacción con la IA socava la capacidad reflexiva y autoformativa, esencial para la subjetividad moderna. Esta transformación conllevaríaría una profunda crisis epistemológica. La proliferación de IA generativa (textos, imágenes) y la dependencia científica del análisis estadístico basado en IA erosionan la confianza en el conocimiento, tanto a nivel cotidiano (¿es auténtico este contenido?) como experto (crisis de reproducibilidad). Esta inestabilidad socavaría la relación del sujeto con el saber, componente vital de su constitución subjetiva. Paralelamente, se argumenta que la IA actual carece de la subjetividad fundamental –un "punto de vista" con perspectividad y mismidad (mineness)– que posibilita la conciencia y el yo en humanos, negando así su capacidad para suplir genuinamente la reflexividad humana. La automatización de la cognición,

según otros análisis, priva al sujeto de la razón transcendental, fracturando su individualidad en datos y reduciendo su conciencia a cómputos, bajo una "soberanía computacional" que desafía la autodeterminación. Frente a este panorama, donde el diálogo interno fundacional moderno parece ceder ante la mediación algorítmica y el control biopolítico basado en datos, ¿qué prácticas y reconfiguraciones del sujeto podrían restituir la dimensión reflexiva y autónoma de la subjetividad en una episteme dominada por la IA, evitando su disolución en la "gobernanza algorítmica" y la crisis del conocimiento?

Cuestión para el debate en el Grupo de Discusión Temática: ¿Hasta qué punto la subjetividad puede entenderse como un campo de disputa entre racionalidades modernas y prácticas estético-políticas emergentes?

¿Qué posibilidades abre una epistemología estetizada para pensar la producción de conocimiento desde lo sensible, lo fragmentario y lo relacional?

¿Cómo puede el arte contribuir a desestabilizar modelos hegemónicos de subjetividad moderna y proponer modos de existencia más afectivos, encarnados y situados?

Palabras clave: Inteligencia Artificial; Subjetividad Moderna; Diálogo Interno; Biopolítica; Crisis Epistemológica.

Referencias

AQUEVEDO GUERRA, T. Inteligencia artificial y subjetividades: desafíos desde la hermenéutica analógica. **Polis (Santiago**), v. 19, n. 57, p. 81-101, dic. 2020. Disponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718-92732020000300081&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 07 ago. 2025.

HERNÁNDEZ MARTÍNEZ, J. Inteligencia artificial y control de la subjetividad: biopolítica y gobernanza. **Astrolabio. Revista internacional de filosofía,** n. 28, p. 286-307, jun. 2022. Disponível em: https://revistes.ub.edu/index.php/astrolabio/article/view/e50286. Acesso em: 07 ago. 2025.

KRISTAN, M. The technological subject: a Foucauldian critique of ChatGPT and the quest for a reflexive AI. **AI & SOCIETY,** 2024. Disponível em: https://link.springer.com/article/10.1007/s00146-024-01898-z. Acesso em: 07 ago. 2025.

NORTHOFF, G.; ZILIO, F. From the brain to AI: what about subjectivity? No point of view, no subjectivity, no consciousness. **Phenomenology and the Cognitive Sciences,** 2024. Disponível em: https://link.springer.com/article/10.1007/s11097-024-09971-0. Acesso em: 07 ago. 2025.

PASQUINELLI, M. Alien intelligence: the unconscious of AI. **Subjectivity**, v. 11, n. 3, p. 201–217, set. 2018. Disponível em: https://link.springer.com/article/10.1057/s41286-018-00064-3. Acesso em: 07 ago. 2025.

Eixo temático: Redes sociales, cultura digital y subjetividad: desafíos contemporáneos

Subtema: A saúde mental nos sistemas comunicacionais mediados pela internet

Redes digitais e saúde mental de adolescentes:

sentidos subjetivos e estratégias de enfrentamento em contextos escolares

Daniela de Souza Silva,

danidanidesouza@gmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta parte de uma pesquisa de doutorado em desenvolvimento, cujo objetivo é investigar os sentidos subjetivos atribuídos por adolescentes ao uso das redes digitais e suas implicações para a saúde mental. Com base na Epistemologia Qualitativa de Fernando González Rey, o estudo parte do entendimento de que a subjetividade é produzida em processos históricos, sociais e interacionais, sendo atravessada por questões como gênero, raça, classe e cultura digital – que é como se constitui hoje a cultura contemporânea. A pesquisa responde às lacunas identificadas na literatura recente, que frequentemente limitam-se à mensuração de tempo de tela e à relação linear com sintomas psíquicos, negligenciando os aspectos simbólicos e contextuais que constituem as experiências juvenis online. A proposta metodológica articula revisão sistemática de literatura, entrevistas semiestruturadas e rodas de conversa com estudantes do Ensino Médio da rede pública de ensino do Distrito Federal, além de educadores e familiares. A análise será realizada com base na construção de zonas de sentido, respeitando a complexidade das manifestações subjetivas. Considera-se que as redes digitais ocupam um lugar ambivalente na vida dos adolescentes — ao mesmo tempo espaço de pertencimento e produção de identidade, mas também de sofrimento e exposição. O trabalho também dialoga com a Teoria Crítica da Tecnologia, de Andrew Feenberg, ao questionar abordagens tecnodeterministas que compreendem a tecnologia como neutra e descolada de disputas sociais. Argumenta-se que o enfrentamento dos efeitos negativos das redes sobre a saúde mental dos adolescentes deve considerar não apenas a regulação do uso, como propõe a recente Lei nº 15.100/2025, mas também a escuta qualificada dos sentidos atribuídos pelos jovens às suas vivências digitais. Ao reconhecer a escola como espaço privilegiado de mediação simbólica, o estudo pretende contribuir para a formulação de práticas educativas e políticas públicas que integrem criticamente as tecnologias digitais, promovendo o bem-estar psicossocial e o protagonismo juvenil. Assim, espera-se que esta investigação possa colaborar para a construção de caminhos mais humanizados e dialógicos no enfrentamento dos desafios contemporâneos impostos pela cultura digital à adolescência.

Palabras clave: redes digitais; saúde mental; adolescência.

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando. Subjectivity, culture, and social processes: An epistemological perspective. **Research methodologies in psychology**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001. p. 45-68.

BRASIL. **Lei nº 15.100/2025**. Dispõe sobre o uso de tecnologia digital na educação. Brasília, 2025.

Eixo temático: Redes sociais, cultura digital e subjetividade: desafios contemporâneos

Subtema: A cultura digital favorecedora de expressões da subjetividade.

Significações do sofrimento juvenil imerso na subjetividade da cultura digital

Laura Santoro de Medeiros, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
laurasmedeiros0@gmail.com
Priscila Sollito Cardozo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
prisollito@gmail.com
Sarah Rosindo Daher e Barros, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
sarahhdahher@gmial.com

Resumo: Este resumo apresenta parte do trabalho em andamento desenvolvido na dissertação de mestrado em Psicologia da Educação – PUC-SP. A investigação parte da hipótese de que, para muitos jovens, assumir um diagnóstico clínico ou autodiagnosticar-se com ansiedade, TDAH, depressão ou borderline tem se tornado uma forma de organizar o sofrimento e reivindicar pertencimento. Nessas condições, os diagnósticos psiquiátricos não operam apenas como categorias clínicas, mas assumem funções existenciais, simbólicas e sociais. O objetivo do estudo é analisar como as redes sociais e a cultura digital constituem a subjetividade, a identidade de jovens brasileiros e suas expressões, com foco na apropriação de diagnósticos/autodiagnósticos como estratégias de significação subjetiva. A pesquisa fundamenta-se na Teoria da Subjetividade de González Rey, em diálogo com a perspectiva sócio-histórica. Com base na Psicologia Sócio-Histórica, compreende-se que o sujeito se constitui na relação dialética com o meio, sendo a linguagem e a cultura elementos centrais na produção da subjetividade. Como aponta Aguiar (2001), essa constituição é mediada por elementos simbólicos, ideológicos e culturais. Em González Rey (2003), a subjetividade emerge em dois níveis interdependentes: a social, mediada por instituições e práticas culturais, e a individual, que organiza simbolicamente as experiências vividas. As redes sociais atuam como espaços simbólicos de expressão da subjetividade, produção de significações (sentidos e significados) e compartilhamento de experiências emocionais. Segundo Lemos (2025), com o “declínio do terceiro lugar”, os ambientes digitais substituem os espaços coletivos tradicionais de construção de pertencimento. Nesse contexto, os diagnósticos, mesmo sem validação clínica, operam como recursos de significação e pertencimento subjetivo, permitindo que jovens atribuam sentido ao mal-estar vivido. Esse mal-estar é intensificado pela constante pressão por produtividade, reforçada pela lógica comparativa das redes sociais e pelo avanço das tecnologias digitais. Os jovens já não competem apenas entre si, mas também com inteligências artificiais que operam em ritmo inatingível. Essa competição

desigual alimenta a sensação de inadequação, reforçando a autopercepção de falha ou transtorno. Trata-se de uma exigência permanente por performance e resiliência, que empurra os sujeitos a buscar explicações rápidas para organizar o sofrimento, construir algum senso de pertencimento e validar sua existência em um sistema que pouco oferece em termos de cuidado, escuta e questionamento.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Os autodiagnósticos podem ser compreendidos como significação subjetiva frente ao desamparo social — como mecanismos de crítica às exigências de produtividade e como recursos de visibilidade e reconhecimento subjetivo entre jovens?

Palavras-chave: subjetividade; significações; redes sociais.

Referências

Rey, F. L. G. (2003). **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural.** São Paulo:Pioneira Thomson Learning.

AGUIAR, W. M. J. Psicologia sócio-histórica e análise de sentido: possibilidades metodológicas para a pesquisa em Ciências Humanas. **Cadernos de Pesquisa,** São Paulo, v. 112, p. 111-123, 2001.

LEMOS, Ronaldo. A sociedade da solidão: um texto em 7 movimentos. **Revista Brasileira**, Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, fase X, ano IV, n. 122, jan./mar. 2025.

Eje temático: Redes sociales, cultura digital y subjetividad: desafíos contemporáneos

Subtema: La salud mental en sistemas de comunicación mediados por la internet

Evitación en la era digital: Relectura de un estudio de caso mediante la teoría de la subjetividad y sus configuraciones online

Enrique Arturo Marrero Guanches, Facultad de Psicología de la Universidad de La Habana, emarreroguanches@gmail.com

Lorena Sirés González, Facultad de Psicología de la Universidad de La Habana, loresigo03@gmail.com

Resumen: El estudio de caso original de "F" (23 años) diagnosticó un trastorno de personalidad por evitación mediante técnicas proyectivas y cuantitativas (HTP, IDARE, Rotter), destacando su aislamiento social, dependencia parental y ansiedad generalizada. Pese a identificar que "solo le interesa estar en redes", no se exploró este espacio como configuración subjetiva legítima, omitiendo cómo sus prácticas digitales redefinen conflictos centrales. Esta omisión refleja limitaciones epistemológicas y metodológicas profundas. Desde la teoría de la subjetividad (González Rey, 1997; González Rey; Mitjáns Martínez, 2021), el enfoque tradicional redujo la complejidad de F a categorías estáticas (DSM-5), ignorando que sus conductas son expresiones dinámicas de sentidos subjetivos en tensión, no rasgos patológicos fijos. La epistemología cualitativa cuestiona aquí la objetivización de tests como el IDARE, que midieron ansiedad descontextualizada de sus experiencias digitales, donde algoritmos y "likes" pueden reforzar su miedo al rechazo. Metodológicamente, la ausencia de diálogo sobre redes sociales invisibilizó indicadores cruciales: ¿Cómo configura F identidades en línea ante su sumisión paterna? ¿Sus interacciones digitales reproducen o transforman su evitación? Esta ceguera analítica impidió comprender que sus zonas de conflicto se pueden estar trasladando y reconfigurando en el espacio digital. Su aislamiento no es vacío, sino ocupado por redes sociales donde la evitación física puede devenir en "lurking" (observar sin interactuar), un refugio que perpetúa la desconexión emocional; la ansiedad al rechazo se puede reproducir en la obsesión por "likes" y mensajes no respondidos, replicando su temor a la evaluación paterna; la identidad difusa se puede fragmentar en perfiles anónimos, donde ensayar roles prohibidos en su vida "offline". Para una relectura productiva, que valide el espacio digital como posible espacio de reproducción y reconfiguración de conflictos subjetivos, y por tanto permita el trabajo terapéutico desde ese espacio, se propone: 1) implementar una investigación narrativo-digital que permita analizar historias de uso tecnológico (p.e. ¿Qué emociones emergen en las diferentes interacciones digitales?) y huellas digitales (archivos guardados, búsquedas, contenido consumido) como indicadores de sentidos subjetivos no verbalizados; 2) Intervención constructivo-interpretativa que abra la puertas a

co-diseñar con F, prácticas digitales generativas, como integrar comunidades online de sus intereses con metas progresivas, vinculándolas a su deseo frustrado de autonomía; 3) Deconstrucción crítica de algoritmos de contenido que refuerzan su aislamiento, transformando redes en espacios de agencia deliberada La mayor deficiencia del estudio fue tratar lo digital como herramienta de evitación social y no como espacio social simbólico donde la subjetividad se reconfigura activamente en una interacción con otros. Frente a esto, la teoría de González Rey exige una práctica clínica que sea dialéctica y capaz de integrarse a las complejidades del mundo moderno (González Rey, 2007), y en este caso, donde las redes sociales sean territorios de análisis, no omisiones patologizantes.

Cuestión para el debate en el Grupo de Discusión Temática: ¿Pueden las redes sociales funcionar como espacios de configuración subjetiva que generen y transformen zonas de conflicto mediante la agencia autónoma del sujeto, o simplemente replican las patologías de la vida "offline" en un nuevo formato?

Palabras clave: Salud Mental; Espacio digital; Subjetividad Digital

Referencias

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Epistemología cualitativa y subjetividad**. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1997.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MITJÁNS MARTíNEZ, Albertina. **Subjetividad: teoría, epistemología y método.** Campinas: Alínea, 2021.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade: uma aproximação histórico-cultural.** São Paulo: Pioneira Thomson, 2007.

Eje temático: Redes sociales, cultura digital y subjetividad: desafíos contemporáneos

Subtema: La salud mental en sistemas de comunicación mediados por la internet

Subjetividad y atención en entornos digitales:

Reinterpretación de efectos paradójicos en salud mental universitaria

Lorena Sirés González, Facultad de Psicología de la Universidad de La Habana, loresigo03@gmail.com

Resumen: La investigación inicial examinó cómo las redes atencionales (Posner; Petersen, 1990) moderan la relación entre uso de TIC y salud mental en 250 estudiantes de la Universidad de La Habana (2024-2025), mediante un diseño cuantitativo no experimental transeccional de alcance explicativo. Los resultados mostraron que: 1) Las redes atencionales solo moderaron significativamente tres relaciones TIC-salud mental; 2) Mujeres y estudiantes de Ciencias Sociales y Humanísticas experimentaron mayor afectación negativa cuando tenían altas capacidades atencionales; 3) La atención no ejerció efecto protector uniforme, cuestionando hipótesis y programas de entrenamiento atencional. Desde la Teoría de la Subjetividad, estos hallazgos revelan tensiones ontológicas no capturadas por el enfoque cuantitativo. La paradoja central – que mayores capacidades atencionales intensifican el impacto negativo en grupos específicos – se reinterpreta como expresión de configuraciones subjetivas dialécticas (González Rey, 1997). En mujeres universitarias, la atención no opera como variable cognitiva aislada, sino que se articula con redes de sentido emocional e histórico: la autoexigencia académica mediada por mandatos de género puede generar zonas de contradicción donde la eficacia atencional amplifica la percepción de discrepancia entre yo real y yo digital. Esto configura un sufrimiento particular: la misma capacidad cognitiva que facilita el rendimiento académico deviene recurso que intensifica la autovigilancia y el agotamiento emocional en entornos digitales. En estudiantes de Ciencias Sociales y Humanísticas, la vulnerabilidad refleja conflictos entre subjetividades académicas históricamente constituidas – caracterizadas por procesos interpretativos profundos (análisis crítico, reflexión sostenida) – y las lógicas de fragmentación e inmediatez propias de los ecosistemas digitales. La atención aquí funciona como campo simbólico donde se movilizan emociones constitutivas como la ansiedad por sobrecarga interpretativa (no poder desconectar del análisis crítico de contenidos digitales) o la frustración ante la colisión entre temporalidades disciplinares y tecnológicas. La heterogeneidad del efecto atencional confirma el principio de singularidad subjetiva (González Rey; Mitjáns Martínez, 2021), dado que un mismo mecanismo cognitivo adquiere funciones opuestas según trayectorias biográficas y contextos culturales. Esto desborda los modelos cuantitativos al evidenciar que las

escalas estandarizadas desintegran procesos simbólico-emocionales en ítems discretos; las categorías "género" y "área académica" son simplificaciones de construcciones identitarias dinámicas; las correlaciones ocultan contradicciones internas que no quedan resueltas o explicadas por los métodos cuantitativos re recogida de datos. Para avanzar en esta línea, se sugiere complementar futuras investigaciones con instrumentos cualitativos que exploren cómo se configuran históricamente estas relaciones atención-TIC-salud mental en contextos iberoamericanos. Es posible implementar diálogos reflexivos con casos emblemáticos (mujeres con alta atención/alto deterioro de la salud mental) para develar redes de significado; reconstruir configuraciones subjetivas como "autoexigencia digitalizada", donde emociones (ansiedad por rendimiento) articulan atención-TIC; y diseñar intervenciones psicoeducativas basadas en conciencia situada del uso tecnológico, no en entrenamiento atencional abstracto.

Cuestión para el debate en el Grupo de Discusión Temática: ¿Cómo las configuraciones subjetivas transforman recursos cognitivos como la atención en factores de vulnerabilidad para la salud mental en ecosistemas digitales, desafiando las hipótesis resultantes de enfoques tradicionales de medición?

Palabras clave: Salud Mental; Tecnologías digitales; Atención

Referencias

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Epistemología cualitativa y subjetividad.** La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1997.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MITJÁNS MARTíNEZ, Albertina. S**ubjetividad: teoría, epistemología y método.** Campinas: Alínea, 2021.

POSNER, M. I.; PETERSEN, S. E. The attention system of the human brain. **Annual Review of Neuroscience**, v. 13, p. 25-42, 1990

Eixo temático: Redes sociais, cultura digital e subjetividade: desafios contemporâneos

Subtema: O impacto da inteligência artificial nas produções subjetivas.

Subjetivação de estudantes:
entre dispositivos de I.A. e a resistência criativa na era informacional

Luis Felipe Valle, PUC Campinas,

prof.luisvalle@gmail.com

Resumo: A crescente inserção de sistemas de Inteligência Artificial (IA) no cotidiano escolar e acadêmico tem provocado transformações importantes nos processos de aprendizagem e de produção subjetiva entre estudantes. Elementos da cultura digital e das redes sociais não apenas podem automatizar tarefas, mas modular atenção, memória, linguagem e pensamento, influenciando formas de perceber e interagir com a realidade. Esta pesquisa de doutorado busca investigar criticamente os modos como a presença das IAs afeta os processos de subjetivação estudantil na era informacional, fundamentando-se na psicologia histórico-cultural, na epistemologia qualitativa e na teoria crítica da subjetividade. A subjetivação de estudantes na era informacional ocorre em meio a processos mediados técnica e culturalmente, nos quais a linguagem atua como mediadora simbólica fundamental (Vigotski, 2008). Ferramentas digitais, ao reorganizarem estímulos neurofuncionais, podem influenciar funções de atenção e memória (Luria, 1990), enquanto os sentidos subjetivos emergem das tramas sociais simbólico-emocionais em constante transformação (González Rey, 2003). A aprendizagem passa a ser moldada por dispositivos que capturam dados, impõem padrões de desempenho (Holzkamp, 2016; Schraube, 2015; Foucault, 2008; Zuboff, 2020) e esgotam psiquicamente os sujeitos sob excesso de estímulos (Han, 2017; Morozov, 2021), substituindo experiências reais por simulacros virtuais (Baudrillard, 1991). Diante disso, o estudo propõe a criação de um aplicativo para coleta quanti-qualitativa de informações, com foco no uso de telas, exposição a IAs e indicadores autorreferidos de atenção, memória e cansaço mental. Essa estratégia visa integrar aportes da neuropsicologia com a psicologia crítica, permitindo análises mais complexas sobre influências sociotécnicos e psicopolíticas da IA na vida de estudantes. Ao articular teoria e prática, o estudo pretende não apenas evidenciar riscos implicados nos processos de digitalização educacional, mas também abrir espaço para práticas contra-hegemônicas que promovam a autonomia, a criatividade e o pensamento crítico e, assim, propor reflexões e caminhos para sustentar, em meio ao avanço das inteligências artificiais, formas de subjetivação que resistam à lógica performativa e ao controle algorítmico.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: como os dispositivos de Inteligência Artificial, ao modularem atenção, linguagem e memória,

influenciam nos processos de subjetivação de estudantes e desafiam a construção de práticas educativas contra-hegemônicas que promovam a autonomia, a criticidade e liberdade de ser e existir na era informacional?

Palavras-chave: psicologia crítica; subjetivação; inteligência artificial.

Referências

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação.** Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

HOLZKAMP, K. **Ciência marxista do sujeito: uma introdução à psicologia crítica**. *Tomo I*; VOLMER, S. (Org.). Maceió: Coletivo Veredas, 2016.

MOROZOV, E. **Big tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu, 2021.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Eixo temático: Redes sociais, cultura digital e subjetividade: desafios contemporâneos

Subtema: A cultura digital favorecedora de expressões da subjetividade.

NA TRAMA DAS REDES SOCIAIS:
ATIVISMO SOCIAL, APRENDIZAGEM E EMERGÊNCIA DA SUJEITA

Ana Laura Brasil Peralta, UnB,

albrasilperalta@gmail.com

Wilsa Maria Ramos, UnB,

ramos.wilsa@gmail.com

Resumo: Consideramos que, nos espaços geopolíticos mapeados pelas redes sociais, são construídos movimentos sociais, de exclusão e opressão, de jogos de poder e de privilégios, e, por isso, argumentamos que as redes não são neutras por incorporarem ideologias e reproduzirem o sistema social hegemônico de determinados indivíduos, grupos sociais ou instituições. Por outro lado, as tecnologias digitais mantêm certa agência e vitalidade próprias, posto que permitem a co-criação e a realização de novas práticas e a construção de significados que não podem ser pré-determinados pelas forças sociais que moldaram seu design. Assim, é objetivo geral da pesquisa: Compreender a experiência subjetiva de jovens no ativismo digital em suas trajetórias de desenvolvimento e aprendizagem a partir da Teoria da Subjetividade. E os objetivos específicos: Compreender como é configurada subjetivamente a ação ativista nas redes sociais.; Analisar como o uso das ferramentas midiáticas da web está mudando a natureza da aprendizagem e mobilizando a configuração subjetiva da ação de aprender em ativistas digitais; Compreender as dinâmicas da configuração subjetiva da ação ativista e da ação de aprender que participam da emergência da sujeita. Destacamos que na ação de aprender são gerados sentidos subjetivos tecidos a partir da história de vida das aprendizes, das características do contexto e das relações em que acontece e da subjetividade social do espaço da ação em curso. Dessa forma, podemos afirmar que a ação de aprender e a subjetivação dela não podem ser resumidas à educação formal, mas também participam dos mais diversos espaços, inclusive o digital. O ativismo digital encoraja a participação ativa, a expressão de sentimentos, a conexão com interesses compartilhados e a organização coletiva. Esse engajamento ativo, especialmente quando envolve ação sobre o objeto de conhecimento relacionado a questões sociais, mobiliza a produção simbólico-emocional sobre esse objeto e sobre a própria ação de aprender. Essa mobilização pode deslocar os aprendizes de receptoras passivas de informações para o lugar de agentes ativas ou mesmo de sujeitas. Destacamos o papel de mulheres jovens que engajam nas redes sociais como ativistas de causas sociais, como inclusão, feminismo, racismo, preservação ambiental etc., a fim de criar redes de influência e de aprendizagem para a

transformação social. Para isso, vamos selecionar perfis de mulheres ativistas digitais de significativa influência para participarem da pesquisa. Propomos a análise dos conteúdos e interações compartilhados em suas redes sociais e a realização de dinâmicas conversacionais individuais. A análise e construção das informações será feita por meio da Metodologia Construtivo-Interpretativa.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: A atuação como ativista feminina se expressa na emergência da mulher como sujeita, contra hegemônica dos valores normativos?

Como realizar a análise construtivo-interpretativa de expressões subjetivas que estão nas redes sociais, situadas historicamente e culturalmente, em postagens, fóruns, debates ou comunidades virtuais?

Palavras-chave: ativismo digital; configuração subjetiva da ação de aprender; emergência da sujeita

Referências

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZALEZ REY, Fernando. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar**. Cortez Editora, 2017.

RAMOS, Wilsa Maria. Aprendizagem e comunicação na cultura digital: um olhar a partir da Teoria da Subjetividade. **Teoria da Subjetividade como perspectiva crítica: desenvolvimento, implicações e desafios atuais.** Campinas, SP: Editora Alínea, p. 364-386, 2022.

ROSSATO, Maristela. A emergência do sujeito em diferentes contextos de pesquisa e práticas sociais. **Teoria da subjetividade como perspectiva crítica: desenvolvimento, implicações e desafios atuais**. Campinas, SP: Alínea, p. 175-208, 2022.

Eje temático: Redes sociales, cultura digital y subjetividad: desafíos contemporáneos

Subtema: La cultura digital favorecedora de expresiones de la subjetividad.

Divertiaprendizaje Transmedia: Innovación en Estrategias Educativas para el Aprendizaje Significativo en la Educación Superior

Dr. Lenin Tremont Franco, Universidad Bolivariana del Ecuador,

letremontf@ube.edu.ec

Dra. Nelly Hodelín Amable, Universidad Bolivariana del Ecuador,

nhodelina@ube.edu.ec

Dra. Clara Ofelia Suárez Rodríguez, Universidad de Oriente,

claraofeliasuarez@gmail.com

Resumen: En un mundo cada vez más interconectado, la cultura digital se ha convertido en un espacio fértil para la expresión de la subjetividad, donde los individuos no solo consumen información, sino que también producen narrativas que reflejan su identidad, valores y experiencias. En este contexto, el Divertiaprendizaje Transmedia emerge como una propuesta innovadora que integra la narrativa transmedia con estrategias pedagógicas activas, afectivas y significativas en la educación superior. Este enfoque permite que docentes y estudiantes co-creen historias, recorran múltiples plataformas y formatos, y conviertan la experiencia educativa en un proceso inmersivo donde la subjetividad se reconoce, se expresa y se enriquece constantemente. Basado en los principios de la Epistemología Cualitativa (González Rey, 1997) y en los aportes recientes sobre narrativas transmedia en la educación (Scolari, Guerrero y Lugo, 2019; Renés-Arellano y Gabelas-Barroso, 2020), esta estrategia promueve de forma definitiva un aprendizaje que conecta lo cognitivo y lo emocional, favoreciendo la construcción de sentido y la motivación intrínseca. La propuesta se estructura en tres componentes fundamentales: en primer lugar, el diseño de entornos narrativos transmedia que permitan al estudiante transitar por diversos lenguajes y plataformas; a continuación la integración de actividades vivenciales y colaborativas que estimulen la autorreflexión y la participación activa y por último la retroalimentación cualitativa orientada a visibilizar y analizar las configuraciones subjetivas emergentes actuales. Las experiencias aplicadas en contextos universitarios como el caso de la Universidad Bolivariana del Ecuador (UBE) han mostrado un incremento notable en la participación, la creatividad y el sentido de pertenencia de los estudiantes, quienes se convierten en protagonistas de su propio aprendizaje. Además, se evidencian beneficios en la capacidad de articular conocimientos académicos con experiencias personales, lo que fortalece la cohesión entre teoría y práctica. Este trabajo invita a reflexionar sobre cómo la cultura digital, lejos de ser un mero escenario de consumo pasivo, puede transformarse en un espacio

de producción simbólica que potencie el desarrollo humano integral. La discusión propuesta se centra en explorar cómo diseñar y evaluar experiencias educativas transmedia que no solo transmitan conocimientos, sino que también fomenten la subjetividad crítica y creativa de los estudiantes, respondiendo así a los desafíos contemporáneos de la educación superior. Que puedan convertirse en vitrinas replicables en otros ambientes educativos que promuevan realidades posibles con narrativas transmedia al servicio de la educación y de la mano de una cultura digital intencionada a favor de estudiantes, profesionales y sociedad en general activos, reflexivos, participativos y conscientes de sus derechos y deberes ante la humanidad.

Cuestión para el debate en el Grupo de Discusión Temática: ¿Cómo pueden las narrativas transmedia, en el contexto del Divertiaprendizaje, potenciar la construcción y expresión de la subjetividad en la educación superior?

Palabras clave: transmedia; cultura digital; subjetividad

Referencias:

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Epistemología cualitativa y subjetividad.** São Paulo: EDUC, 1997.

RENÉS-ARELLANO, Pilar; GABELAS-BARROSO, José Antonio. Narrativas transmedia y aprendizaje. **Revista Latina de Comunicación Social,** n. 75, p. 45-68, 2020. DOI: 10.4185/RLCS-2020-1434.

SCOLARI, Carlos A.; GUERRERO, M.; LUGO, J. Transmedia storytelling in education: A review of the literature. **Educational Technology Research and Development**, v. 67, p. 1-21, 2019. DOI: 10.1007/s11423-018-09668-8.

Eixo temático: Redes Sociais, Cultura Digital e Subjetividade: desafios contemporâneos

Subtema: A saúde mental nos sistemas comunicacionais mediados pela internet

Tecnologias de Informação e Subjetividade desafios para a sociedade contemporânea

Valeria Deusdara Mori, CEUB,

valeria.mori@ceub.edu.br

Daniel de Moura Ribeiro Bertholdo, CEUB,

daniel.bertholdo@sempreceub.com

Resumo: Esta pesquisa teve como objetivo investigar e analisar efeitos subjetivos que o uso das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) possam vir a exercer sobre a constituição da subjetividade e a saúde de sujeitos contemporâneos. Utilizou-se uma metodologia qualitativa. O método de investigação foi o construtivo-interpretativo, da Epistemologia Qualitativa, proposto por González Rey. Realizaram-se duas dinâmicas conversacionais, com dois cidadãos do Distrito Federal, ambos usuários ativos das TICs. As informações construídas durante as dinâmicas conversacionais foram submetidas à análise do pesquisador que, a partir de pontes entre o teórico, o empírico e sua própria subjetividade, chegou a alguns resultados: a) conteúdos superficiais disseminados nas redes sociais têm produzido subjetividades superficiais; b) muitas pessoas estão desenvolvendo dependência das TICs, o que tem afetado seriamente sua saúde física, psíquica e social; c) a subjetividade social da escola não tem formado bem os/as alunos/as. Consequência: pessoas mal formadas tendem a cuidar mal de si mesmas e, entre outras coisas, fazer um mau uso das TICs, emitindo opiniões sem embasamento, espalhando *fake news,* distribuindo *hatings*, etc.; d) mais importante que as tecnologias em si é o ser humano que as utiliza. Assim como qualquer outra ferramenta, elas podem ser usadas tanto para benefício como para prejuízo próprio, dos outros e do mundo. Por isso, pode ser que pessoas com melhor formação as utilizem para se desenvolver, evoluir, trabalhar, ensinar, inspirar os outros, etc. Assim sendo, é imprescindível que, entre outros profissionais, os/as psicólogos/as estejam atentos/as a esta temática.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como o uso intenso das redes sociais influencia a forma como as pessoas constroem sua própria identidade atualmente? Além disto: até que ponto a superficialidade do conteúdo online molda subjetividades igualmente superficiais? E, por fim, nossa subjetividade é moldada mais pelo conteúdo que consumimos ou pela forma como interagimos com ele?.

Palavras- chave: tecnologia; subjetividade; saúde.

Referências

DONNAMARIA, Carla Pontes, & TERZIS, Antonios. Algumas notas sobre as relações humanas mediadas por computadores. **Mental -** ano X - no 18 - Barbacena-MG - jan./jun., p. 165-178. 2012.

GONZÁLEZ REY, Fernando, & MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas: Alínea, 2017.

MOREIRA, Jacqueline Oliveira. Mídia e Psicologia: considerações sobre a influência da internet na Subjetividade. **Psicol. Am. Lat**., n. 20, pp. 1-6. 2010.

MORI, Valeria Deusdara, & GONZÁLEZ REY, Fernando. A saúde como processo subjetivo: uma reflexão necessária. **Psicologia: teoria e prática**, 14(3), 140-152. 2012.

ROMÃO-DIAS, Daniela, & NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. "Eu posso me ver como sendo dois, três, ou mais": algumas reflexões sobre a subjetividade contemporânea. **Psicol. cienc. prof**., vol. 25, n. 1, pp. 70-87. 2005.

EIXO TEMÁTICO 10.

A SUBJETIVIDADE NA SAÚDE HUMANA, PSICOTERAPIA E PRÁTICAS CLÍNICAS

Eixo temático: A subjetividade na saúde humana, psicoterapia e práticas clínicas

Subtema: O diálogo, na psicoterapia e nas práticas clínicas, como favorecedor do sujeito e do desenvolvimento subjetivo

Diálogo terapêutico, modo de vida e configuração subjetiva da ação no processo de desenvolvimento subjetivo

Ana Laura Brasil Peralta, UnB,

albrasilperalta@gmail.com

Felix Jorge Robinson Samuells, UnB,

robinsonpupito@gmail.com

Wilsa Maria Ramos, UnB,

ramos.wilsa@gmail.com

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar a relevância da configuração subjetiva da ação em psicoterapia, por meio, do valor heurístico da categoria modo de vida na criação de espaços de subjetivação alternativos, na ruptura com processos de naturalização e na emergência de novos modos de ação e relacionamentos que favoreçam o desenvolvimento subjetivo (González Rey, 2011, González Rey; Mitjáns Martínez, 2017). Partimos da apresentação de um relato clínico do caso Miguel (nome fictício). Ele buscou atendimento clínico em uma crise de depressão, na qual estava há vários dias sem conseguir se levantar da cama para realizar as atividades mais básicas, relatando que não sentia motivação para fazer nada. Ele não tinha o costume de falar com as pessoas, guardando para si seus problemas que ficavam "*martelando em sua cabeça*". Suas demandas iniciais envolviam problemas financeiros e no relacionamento conjugal. Assim, a partir da Teoria da Subjetividade, consideramos que a relação dialógica como recurso fundamental no processo terapêutico favorece a emergência de novos processos de subjetivação e de desenvolvimento subjetivo. Consideramos que o diálogo depende da qualidade da relação e o envolvimento mútuo do(a) terapeuta e do(a) usuário, que constituem partes importantes no cenário do *setting* clínico, para a emergência de novas produções de sentidos subjetivos e o engajamento emocional do (a) usuário consigo mesmo, com os outros e com o mundo (a), como expressão dos recursos subjetivos, em termos de opções, reflexões e posicionamentos. O processo terapêutico foi desenvolvido a partir da Metodologia Construtivo-Interpretativa e a integração de conjecturas e indicadores como ferramentas dialógicas orientadas a gerar modelos teóricos e novos significados, refletidos no espaço terapêutico e gerando inteligibilidade sobre as diversas opções criativas e possibilidades de mudanças terapêuticas desenvolvidas pelo usuário. No decorrer da terapia, foram desenvolvidas um conjunto de ações terapêuticas destacando o valor heurístico do conceito

modo de vida como recurso teórico e expressão configurada da subjetividade individual e social para acompanhar seu contexto de vida cotidiano, estabelecendo uma configuração subjetiva dialógica com o foco na cosmovisão do mundo como filosofia de vida de Miguel, a partir, das produções subjetivas sobre o que é a vida, a amizade, a felicidade, o amor, etc, como formas de expressão, organização e desenvolvimento de processos subjetivos que poderiam configurar subjetivamente suas ações e integrando sentidos subjetivos de sua história de vida com as produções subjetivas presentes no curso de suas ações nos múltiplos contextos relacionais de sua vida atual (Mitjáns Martínez; González Rey, 2019). O processo terapêutico foi realizado ao longo de um ano, com encontros semanais, tendo sido utilizados dinâmicas conversacionais, complementos de frases e a criação de espaços alternativos de subjetivação focados nas suas possibilidades de agência e sujeito como categorias processuais.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como a proposta terapêutica da subjetividade a partir do valor heurístico de suas categorias permite gerar alternativas na compreensão de novas práticas clínicas psicológicas relacionadas com a saúde?

Palavras-chave: diálogo; modo de vida; configuração subjetiva da ação; desenvolvimento subjetivo

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Subjetividade e Saúde: superando a clínica da patologia**. São Paulo: Editora CORTEZ, 2011.

GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. El desarrollo de la subjetividad: una alternativa frente a las teorías del desarrollo psíquico. **Working Papers on Culture, Education & Human Development/Papeles de Trabajo Sobre Cultura, Educacion y Desarrollo Humano**, v. 13, n. 2, 2017.

MITJÁNS MARTÍNEZ, M; GONZÁLEZ REY, F. L. A preparação para o exercício da profissão docente contribuições da Teoria da Subjetividade. In ROSSATO, M; PERES, V. L. A. (Org.). **Formação de educadores e psicólogos: contribuições e desafios da subjetividade na perspectiva cultural-histórica.** Curitiba: Appris, 2019. p. 13-45.

Eixo temático: A subjetividade na saúde humana, psicoterapia e práticas clínicas

Subtema: Práticas profissionais, pesquisas e políticas públicas em tempos de fragmentação e precarização.

Práticas educativas na desinstitucionalização: protagonismo familiar, sentidos subjetivos e rede psicossocial infantojuvenil no Distrito Federal

Bárbara Kéfere do Carmo, Universidade de Brasília,

bkefere@gmail.com

Daniel Magalhães Goulart, Universidade de Brasília,

danielgoulartbr@gmail.com

Resumo: O presente trabalho, decorrente de uma pesquisa de mestrado em andamento, propõe uma análise crítica da Reforma Psiquiátrica no Distrito Federal (DF), com foco na desinstitucionalização e no papel estratégico das famílias no cuidado psicossocial de adolescentes. O objetivo geral é compreender, à luz da Teoria da Subjetividade de González Rey e da Epistemologia Qualitativa, como práticas educativas voltadas ao desenvolvimento subjetivo podem fortalecer o protagonismo das famílias no atendimento psicossocial de adolescentes e, com isso, contribuir com o debate sobre a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) no DF. A proposta parte da articulação entre saúde mental, subjetividade e educação, investigando como as famílias, historicamente invisibilizadas ou responsabilizadas de forma isolada, tornaram-se centrais na transição do modelo asilar para o cuidado em liberdade. No Distrito Federal, a implementação tardia e fragmentada dos serviços substitutivos, somada à ausência de suporte técnico, comunitário e institucional, evidencia os desafios persistentes à efetivação da Reforma Psiquiátrica. Ainda que marcos legais como a Lei n° 10.216/2001 e a criação da RAPS tenham representado avanços significativos, persistem tensões entre os modelos biomédico e psicossocial. Neste cenário, as famílias são frequentemente sobrecarregadas com a responsabilidade do cuidado, muitas vezes sem a mediação adequada das políticas públicas. A pesquisa compreende a família como possível sujeito e espaço potente de subjetivação, analisando seus atravessamentos históricos, culturais e subjetivos. Busca-se evidenciar os sentidos subjetivos produzidos nas relações entre famílias, serviços e políticas públicas, valorizando as experiências familiares como fonte legítima de conhecimento, resistência e de construção de alternativas (Lima, 2020). Fundamentado na Teoria da Subjetividade, que enfatiza o caráter gerador do sujeito e da subjetividade individual e social (González Rey; Goulart, 2019), o trabalho aposta na potência criativa e relacional das famílias para reconfigurar os modos de cuidado psicossocial de adolescentes. A pesquisa se apoia na Epistemologia Qualitativa e no método Construtivo-Interpretativo, priorizando os sentidos subjetivos produzidos nas interações entre sujeitos, instituições e territórios. Para tanto, propõe-se uma imersão em um Centro de

Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi), um contexto familiar e uma escola públicas — por serem espaços vivos de diálogo, resistência e aprendizagem, onde práticas de cuidado e estratégias de enfrentamento à estigmas se desenvolvem. A articulação entre saúde mental e educação exige uma abordagem intersetorial, comprometida com a ética do sujeito (Goulart, 2017), escuta qualificada e a produção de práticas de cuidado mais integradas, humanizadas e contextualizadas. Frente às contradições da desinstitucionalização, o estudo busca construir um modelo teórico-metodológico que valorize as singularidades familiares, fortaleça o protagonismo comunitário e contribua para a reorganização ética e política da atenção psicossocial.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como práticas educativas dialógicas, realizadas em CAPS e escolas, podem estimular o envolvimento crítico das famílias, gerando novos modos de participação social?

Palavras-chave: reforma psiquiátrica; famílias; sentidos subjetivos.

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando; GOULART, Daniel Magalhães. Teoria da Subjetividade e educação**. Revista Obutchénie,** v. 3, p. 13-33, 2019.

GOULART, Daniel Magalhães. **Educação, saúde mental e desenvolvimento subjetivo: da patologização da vida à ética do sujeito**. 2017. 254 f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

LIMA, Gilvan Vieira. **Família e saúde mental: a configuração subjetiva do cuidado.** 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2020.

Eixo temático: A subjetividade na saúde humana, psicoterapia e práticas clínicas

Subtema: A significação da subjetividade para gerar alternativas à patologização, à medicalização e às diferentes formas de sociologização da experiência

A vivência da graduação como possibilidade de novas vias de subjetivação

Bruna Tavares da Silveira, UniCEUB,

bruna.tavaress@sempreceub.com

Valéria Deusdará Mori, UniCEUB,

valeria.mori@ceub.edu.br

Resumo: A pesquisa teve como objetivo explorar como diferentes posicionamentos de vida podem abrir novas vias de subjetivação dentro da formação e da atuação em psicologia. Assim, discutimos sobre os processos que estão cristalizados na psicologia, considerando que essa área vem caminhando para uma atuação cada vez menos reflexiva, privilegiando perspectivas "científicas" e instrumentais, e se afastando da sua origem enquanto ciência humana, que demanda pensamento, criatividade e crítica. Esses processos são indissociáveis de uma subjetividade social dominante que os sustenta como configurações subjetivas sociais da psicologia que orientam a atuação de muitos psicólogos, dificultando a abertura de caminhos diferenciados, que contemplem as reflexões e a criatividade de cada profissional. Portanto, a Teoria da Subjetividade de González Rey nos possibilita, por meio de seus conceitos, pensar de forma crítica a formação e a atuação na psicologia. Por meio do conceito de sujeito, discutimos os posicionamentos pessoais que auxiliam a subversão de uma subjetividade social hegemônica e a produção de espaços diferenciados de atuação, abrindo caminhos alternativos àqueles que estão cristalizados. Utilizamos da metodologia construtiva-interpretativa, desenvolvida a partir da Epistemologia Qualitativa de González Rey, que possui três pilares norteadores: o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento, a legitimidade do singular como fonte de conhecimento e o caráter dialógico da produção do conhecimento. Ivana (nome fictício), a participante escolhida, é uma psicóloga que atua na psicoterapia baseada na Teoria da Subjetividade e já é adepta a uma perspectiva mais crítica da psicologia. Por meio da dinâmica conversacional, pudemos construir indicadores e hipóteses que nos permitiram explorar os posicionamentos pessoais que facilitam a abertura de novos caminhos dentro da psicologia. Observamos, enfim, que a reflexão e a curiosidade são importantes para a abertura de caminhos alternativos à subjetividade social dominante e que a implicação pessoal no processo de formação e atuação e o processo de personalização da atuação como psicólogo são essenciais para abrir a possibilidade de reflexões que antes não tinham espaço, além de abrir

espaços próprios que condizem com a criatividade e a capacidade reflexiva do profissional, configurando uma relação recursiva do psicólogo com a própria psicologia.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Os caminhos que estão cristalizados dentro da psicologia, a subjetividade social hegemônica que está implicada na cristalização desses processos e as formas com as quais podemos abrir caminhos diferenciados de formação e atuação.

Palavras-chave: psicologia; formação em psicologia; graduação.

Referências

GONZÁLEZ REY, F. **O social da psicologia e a psicologia social: A emergência do sujeito.** Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. São Paulo: Editora Alínea, 2017.

MORI, V. A psicoterapia na perspectiva da Teoria da Subjetividade: a prática e a pesquisa como processos que se constituem mutuamente. In: GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; PUENTES, R. **Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade: discussões sobre educação e saúde**. Uberlândia: EDUFU, 2019, p.183-202.

MORI, V. Reflection on the value of the theory of subjectivity to signify the practice of psychotherapy. **Studies in Psychology,** v. 41, n. 1, p. 182-191, 2020.

Eixo temático: A subjetividade na saúde humana, psicoterapia e práticas clínicas

Subtema: A significação da subjetividade para gerar alternativas à patologização, à medicalização e às diferentes formas de sociologização da experiência

Processos Subjetivos de Psicólogos Acerca do Aumento de Diagnósticos de TEA entre Crianças a partir da Pandemia de COVID-19

Cristiano Crispim Costa Filho, Centro Universitário de Brasília,

ccrispimcf.1@gmail.com

Amanda Maria de Albuquerque Vaz, Centro Universitário de Brasília,
amandavaz08@gmail.com

Resumo: Este estudo, baseado na Teoria da Subjetividade de González Rey, teve como objetivo geral investigar os processos subjetivos de psicólogos acerca do aumento dos diagnósticos de Transtorno do Espectro Autista (TEA) entre crianças a partir da pandemia de COVID-19. Os objetivos específicos foram: a) compreender, em termos de sentidos subjetivos e configurações subjetivas, como os psicólogos participantes experienciam o aumento desses diagnósticos desde o início da pandemia, b) visibilizar, a partir desses processos subjetivos, como se organizam, em suas singularidades e em sua alimentação mútua, as subjetividades individuais dos profissionais e a subjetividade social da Psicologia no que se refere a esse fenômeno, e, por fim, c) refletir sobre a prática profissional da Psicologia no cuidado com crianças diagnosticados com TEA. Utilizando o método construtivo-interpretativo, fundamentado na Epistemologia Qualitativa, foram realizados um encontro grupal e dois encontros individuais com os três psicólogos participantes da pesquisa, que atuam no atendimento a crianças em diferentes contextos clínicos. Visando favorecer a expressão múltipla dos participantes, os instrumentos utilizados foram a dinâmica conversacional e o complemento de frases. A construção e análise da informação permitiram pensar que o crescimento na procura e na emissão de diagnósticos de TEA é vivido pelos participantes como atravessado por múltiplas dimensões técnicas, institucionais e afetivas, e fortemente influenciado pelas transformações sociais geradas pela pandemia. Entendeu-se que os participantes experienciam sentimentos ambíguos, tais como insegurança, sobrecarga e conflito ético, diante da demanda crescente por avaliações diagnósticas, especialmente em contextos de sofrimento psíquico inespecífico. Além disso, emergiu a compreensão de que o diagnóstico de TEA vem sendo utilizado para nomear situações muito diversas, o que levanta questionamentos sobre a medicalização da vida e o papel da Psicologia na legitimação ou contestação desse processo. Foi possível pensar também nas tensões entre a prática clínica, as expectativas familiares e escolares, e a necessidade de posicionamentos críticos diante da patologização da diferença. Considera-se

que o aumento dos diagnósticos não pode ser compreendido apenas a partir de parâmetros clínicos, mas como um fenômeno complexo que configura as subjetividades dos profissionais e interpela os fundamentos ético-políticos da atuação psicológica. Como considerações finais, destaca-se a importância de promover espaços de escuta, supervisão e formação continuada, que auxiliem os psicólogos a lidar com os desafios impostos por esse cenário. O estudo contribuiu para o campo da Psicologia ao ampliar a compreensão sobre os efeitos da pandemia na prática profissional e ao tensionar o uso do diagnóstico em contextos de vulnerabilidade.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como se pode favorecer que os profissionais da Psicologia produzam sentidos subjetivos e construam práticas de atuação que resistam à patologização da diferença, especialmente diante do aumento de diagnósticos de TEA entre crianças em contextos marcados por vulnerabilidades e transformações sociais pós-pandemia?

Palavras-chave: subjetividade; TEA; psicologia clínica.

Referências

GONZÁLEZ REY, F. **Subjetividade e saúde: superando a clínica da patologia**. São Paulo: Cortez, 2011.

GONZÁLEZ REY, F. Subjectivity as a new theoretical, epistemological, and methodological pathway within cultural-historical psychology. In: MARTÍNEZ, A. M. M.; TACCA, M. C. V. R.; PUENTES, R. V. (Ed.). **Subjectivity within cultural-historical approach: Theory, methodology and research**. Singapore: Springer, 2019. p. 21-36.

MARTÍNEZ-GONZÁLEZ, A. E.; AMADOR, B. M.; PIQUERAS, J. A. Differences in emotional state and autistic symptoms before and during confinement due to the COVID-19 pandemic. **Research in Developmental Disabilities,** [S. l.], v. 116, p. 1-7, 2021. DOI: https://doi.org/10.1016/j.ridd.2021.104038.. Acesso em: 07 ago. 2025.

PATIÑO TORRES, J. F. O diálogo a três vozes na obra de González Rey: ontologia, epistemologia e método. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; TACCA, M. C. V. R.; VALDÉS PUENTES, R. (Org.). **Teoria da Subjetividade como perspectiva crítica: desenvolvimento, implicações e desafios atuais.** Campinas, SP: Alínea, 2022. p. 259-291.

ROSSATO, M.; MARTÍNEZ, A. M. A metodologia construtiva-interpretativa como expressão da Epistemologia Qualitativa na pesquisa sobre o desenvolvimento da subjetividade. In: **CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA (CIAIQ 2017)**, 7., 2017. Anais [...]. Aracaju: Ludomedia, 2017. v. 1.

Eixo temático: A subjetividade na saúde humana, psicoterapia e práticas clínicas

Subtema: Práticas profissionais, pesquisas e políticas públicas em tempos de fragmentação e precarização.

Atenção Psicossocial na Epistemologia Qualitativa:

zonas de sentido sobre a vivência do adoecimento

Felipe Rosa-Lima, mestre em Psicologia Social pela Universidade de Brasília,

psifeliperosa@gmail.com

Resumo: A Atenção Psicossocial, construída a partir da Reforma Psiquiátrica Brasileira, configura-se como um modelo de cuidado em saúde mental que articula quatro dimensões fundamentais — teórico-conceitual, técnico-assistencial, jurídico-política e sociocultural. Deriva essencialmente da experiência histórica de construção do cuidado em saúde mental no âmbito da Saúde Pública, desenvolvendo, na práxis, o seu arcabouço teórico. Nesse sentido, este trabalho apresenta elaborações teóricas a partir da prática profissional em diferentes contextos da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). Consonante com a práxis em atenção psicossocial, compreende-se a ação profissional como um processo dialógico, construtivo e interpretativo de investigação concomitante à prática. A partir dessa base, propõe-se um diálogo entre a Atenção Psicossocial e a Teoria da Subjetividade, com foco na Epistemologia Qualitativa, para aprofundar o entendimento do adoecimento psíquico como uma vivência configurada subjetivamente. A vivência do adoecimento não é concebida como um evento passivo, mas como um processo ativo e complexo de subjetivação, constituído no encontro entre o sujeito e o contexto cultural-histórico. Essa dimensão vivencial é fundamental para compreender o adoecimento não como um dado bruto, mas como uma configuração subjetiva que integra corpo, tempo, relações sociais e práticas. A investigação se fundamenta no conceito de transtornos mentais graves e persistentes, que norteia a atenção psicossocial especializada, para explorar a especificidade ontológica do adoecimento em saúde mental. A partir da análise da produção teórica histórica e da práxis da atenção psicossocial, emergem quatro zonas de sentido que configuram a vivência do adoecimento: (1) modo de vida, que retoma categorias históricas de cotidiano, funcionalidade e ocupação; (2) relações sociais, envolvendo convivência, vulnerabilidade, acesso a recursos e redes de apoio; (3) soma, que abarca o corpo físico, os sintomas psíquicos e a integridade corporal diante de riscos; (4) persistência, que diz respeito à duração, continuidade e possíveis agravos do adoecimento, incluindo processos de iatrogenia e manicomialidade. O trabalho coteja indicadores oriundos da atenção psicossocial em cada uma dessas zonas, evidenciando como o adoecimento é compreendido e enfrentado tanto na práxis profissional quanto na ontologia do sujeito. Dessa forma, propõe-se um modelo teórico articulado na Epistemologia Qualitativa, que investiga as vivências do

adoecimento e instrumentaliza a construção de projetos terapêuticos singulares. Essa interlocução amplia o debate epistemológico e oferece subsídios para a prática profissional, ao integrar o conceito de adoecimento à experiência concreta dos sujeitos. Espera-se, assim, aprofundar a reflexão sobre o entendimento do patológico na Teoria da Subjetividade e contribuir para o fortalecimento da Atenção Psicossocial.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como a vivência de adoecimento se configura subjetivamente e como a atenção psicossocial atua no cuidado de sujeitos concretos?

Palavras-chave: atenção psicossocial, saúde mental, epistemologia qualitativa

Referências

AMARANTE, Paulo Duarte de Carvalho. Reforma Psiquiátrica e Epistemologia. Cadernos Brasileiros de Saúde Mental / **Brazilian Journal of Mental Health**, v. 1, n. 1, p. 34–41, 2011. DOI: 10.5007/cbsm.v1i1.68425. Acesso em: 07 ago. 2025.

FLEER, Marilyn; GONZÁLEZ REY, Fernando; VERESOV, Nikolai. Perezhivanie, emotions and subjectivity. **Perspectives in Cultural-Historical Research**, v. 1, p. 247-261, 2017. Acesso em: 07 ago. 2025.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando; VALDÉS PUENTES, Roberto. **Epistemologia qualitativa e teoria da subjetividade: discussões sobre educação e saúde.** Uberlândia: EDUFU, 2020.

REY, Fernando Luis González; BIZERRIL NETO, José. **Saúde, cultura e subjetividade: uma referência interdisciplinar.** Brasília: UniCeub, 2015.

SARACENO, Benedetto et al. Reabilitação psicossocial: uma prática à espera de teoria. In: PITTA, A. **Reabilitação psicossocial no Brasil.** São Paulo: Hucitec, 1996, p. 150-154.

Eixo temático: A subjetividade na saúde humana, psicoterapia e práticas clínicas

Subtema: Práticas profissionais, pesquisas e políticas públicas em tempos de fragmentação e precarização

A configuração subjetiva do apoio matricial em tempos de precarização:

práticas profissionais entre resistências e desmobilizações na Atenção Primária à Saúde

Isabela de Oliveira da Cunha, Universidade Estadual de Campinas, isabelaocunha@gmail.com

Rubens Bedrikow, Universidade Estadual de Campinas

bedrikow@unicamp.br

Daniel Magalhães Goulart, Universidade de Brasília

danielgoulartbr@gmail.com

Resumo: Este trabalho baseia-se em uma pesquisa de mestrado em Saúde Coletiva, cujo objetivo foi compreender a configuração subjetiva social do apoio matricial em duas equipes NASF/eMulti de Campinas-SP, analisando os principais desafios e os recursos subjetivos produzidos pelos profissionais de saúde dessas equipes. O apoio matricial é uma forma de gestão do cuidado em saúde que busca ativar espaços interdisciplinares de comunicação para a construção de intervenções pedagógico-terapêuticas e de ações compartilhadas e corresponsáveis entre diferentes equipes, sendo uma diretriz central do trabalho das equipes NASF/eMulti (Campos, 2013; Oliveira e Campos, 2015). Nos últimos anos, entretanto, essas equipes têm sido atravessadas por disputas políticas que refletem um cenário mais amplo de precarização das políticas públicas de saúde no Brasil, o que impacta a prática do apoio matricial e a forma como esse trabalho é subjetivado pelos profissionais. Com base na metodologia construtivo-interpretativa e em dinâmicas conversacionais realizadas com os profissionais das duas equipes NASF/eMulti, foi possível construir uma malha informacional capaz de gerar inteligibilidade sobre os processos subjetivos relacionados ao apoio matricial. A análise organizou-se em dois eixos interpretativos, correspondentes a cada equipe estudada. Na equipe NASF/eMulti 1, a configuração subjetiva social dominante foi marcada pela desmobilização dos profissionais, pela inércia e pela burocratização dos processos de trabalho — elementos que remetem a uma subjetividade social hegemônica atravessada pelo neoliberalismo. Esse contexto comprometeu as relações interprofissionais e enfraqueceu o potencial transformador do apoio matricial, resultando em uma prática profissional centrada em uma lógica tecnicista, pouco crítica e de forte influência biomédica. Por outro lado, os processos subjetivos da equipe NASF/eMulti 2 revelaram estratégias singulares para o enfrentamento cotidiano da

precarização. Nessa equipe, a configuração subjetiva social foi caracterizada pela emergência dos profissionais como agentes (González Rey; Mitjáns Martínez, 2017) de seus processos de trabalho, com práticas críticas e reflexivas diante das dificuldades estruturais. Apesar da sobrecarga e do desamparo — também relacionados à subjetividade social hegemônica neoliberal —, os profissionais sustentaram um trabalho alinhado à lógica matricial, baseado em relações interprofissionais de qualidade e no diálogo como recurso subjetivamente configurado (González Rey, Mitjáns Martínez, Goulart, 2019). Esse posicionamento tensionou aspectos da subjetividade dominante, abrindo possibilidades de mudança nas práticas de cuidado. As interpretações reforçam que o apoio matricial é uma prática relacional e dialógica, configurada subjetivamente, que ultrapassa seu uso como ferramenta utilitária das normativas vigentes. A Teoria da Subjetividade mostrou-se fundamental para compreender como os aspectos macropolíticos da precarização que atravessam o trabalho em saúde se desdobram e se singularizam nas experiências de cada equipe e de cada profissional — ora contribuindo para a manutenção da lógica dominante, ora mobilizando a construção de alternativas possíveis frente ao cenário neoliberal. Desse modo, o estudo reafirma a importância de abordagens que considerem a subjetividade como dimensão constitutiva das práticas profissionais e da formulação de políticas públicas coerentes com os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS).

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Quais estratégias de gestão podemos construir para mobilizar uma prática de cuidado ética, crítica e complexa, diante de um cenário de precarização e avanço da racionalidade neoliberal que fragmenta o trabalho em saúde e esvazia espaços coletivos de reflexão e educação?

Palavras-chave: apoio matricial; subjetividade; atenção primária à saúde.

Referências

CAMPOS, G. W. de S. **Saúde Paideia**. 4. ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2013. 185 p.

GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas: Alínea, 2017.

GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GOULART, D. M. Subjectivity within Cultural-Historical Approach. In: GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; MAGALHÃES GOULART, D. (org.). **Editors Theory, Methodology and Research Perspectives in Cultural-Historical Research.** v. 5. Singapore: Springer Singapore, 2019. Disponível em: http://link.springer.com/10.1007/978-981-13-3155-8. Acesso em: 5 ago. 2025.

OLIVEIRA, M. M. de; CAMPOS, G. W. de S. Apoios matricial e institucional: analisando suas construções. **Ciência & Saúde Coletiva,** Rio de Janeiro, v. 20, p. 229–238, 2015.

Eje temático: Subjetividad en la salud humana, psicoterapia y prácticas clínicas

Subtema: La significación de la subjetividad para generar alternativas a la patologización, a la medicalización y a las diferentes formas de sociologización de la experiencia

Del deseo al sufrimiento subjetivo:

Alienación, despersonalización y clínica como reapropiación

Jorge Bahamondes Leal, Fundación Mente

jorgebahamondesl@gmail.com

Resumen: Se plantea una comprensión crítica del sufrimiento psíquico contemporáneo desde el prisma de la subjetividad, proponiendo una clínica que no se reduzca a la regulación de síntomas ni a la resignificación narrativa, sino que habilite procesos profundos de reapropiación del deseo, del cuerpo y de la experiencia vivida. La hipótesis es que muchas formas de malestar actuales no emergen solo por conflictos intrapsíquicos o disfunciones cognitivas, sino como expresión de procesos de desapropiación subjetiva, donde la persona pierde su inscripción afectiva y simbólica en el mundo, alienándose de sí misma. El sufrimiento subjetivo no se concibe como déficit ni trastorno, sino como una interrupción del devenir encarnado del sujeto: un colapso de sus posibilidades de agencia situada, deseo encarnado y producción simbólica propia. Este puede adoptar múltiples formas: desde angustia difusa y desconexión corporal hasta fenómenos como la despersonalización y la desrealización, que no se entienden solo como síntomas, sino como umbrales críticos que anuncian la urgencia de nuevas formas de habitar(se). El artículo se nutre de la Teoría de la Subjetividad (González Rey, 2007, 2011; Goulart, 2024), la Psicopatología Antropológica (Pelegrina, 2006, 2017), la Teoría de la Regulación Afectiva (Schore, 2003, 2022) y aportes de las Terapias Contextuales, para sostener una propuesta clínica ética, encarnada y generativa. Asimismo, se introduce la noción de “Terapia de Transformación Personal” una idea en desarrollo explorada por el autor durante los últimos años y que se presenta como marco emergente para el diálogo en este simposio. Se propone desde aquí: • Comprender el sufrimiento como expresión de alienación subjetiva y fragilización de recursos simbólico-afectivos. • Reconocer la despersonalización y desrealización como fronteras donde la experiencia clama por un nuevo modo de inscripción. • Reivindicar el espacio terapéutico como lugar de producción de subjetividad, donde deseo, cuerpo y palabra puedan volver a ser habitados. • Posicionar al terapeuta como presencia encarnada y facilitadora de mundo, en un vínculo que promueva transformación más allá del sentido preestablecido. Más que reinterpretar el pasado o dotar de sentido al síntoma, se busca acompañar el despliegue de una nueva apropiación de la experiencia, situada, afectiva y abierta a lo posible.

Cuestión para el debate en el Grupo de Discusión Temática: ¿Cómo pensar una clínica que no se limite a resignificar la experiencia, sino que encarne una práctica de producción subjetiva desde el deseo, el cuerpo y la apertura al mundo?

Palabras clave: sufrimiento subjetivo; alienación; reapropiación de la experiencia situada.

Referencias

GONZÁLEZ REY, F. **Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade**. São Paulo: Thomson, 2007.

GOULART, D. M. Saúde mental, práticas profissionais e pesquisas em diferentes contextos: reflexões a partir da Teoria da Subjetividade. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; PUENTES, R. V.; ROSSATO, M.; TACCA, M. C. (org.). **Teoria da Subjetividade e Epistemologia Qualitativa: práticas profissionais e pesquisas.** Campinas: Alínea, 2024. v. 1, p. 221–237.

PELEGRINA, H. **Fundamentos Antropológicos de la Psicopatología.** Polifemo, 2006.

HAYES, S. C. et al. **Acceptance and Commitment Therapy.** 2. ed. New York: Guilford, 2012.

SCHORE, A. N. **Affect Regulation and the Repair of the Self**. New York: Norton, 2003.

Eixo temático: A subjetividade na saúde humana, psicoterapia e práticas clínicas

Subtema: O diálogo, na psicoterapia e nas práticas clínicas, como favorecedor do sujeito e do desenvolvimento subjetivo

A PSICOTERAPIA COMO ESPAÇO DE MOBILIZAÇÃO E PRODUÇÃO SUBJETIVA

Mateus Brandão Lerbach, CEUB

mateus.lerbach@gmail.com

Valéria Deusdará Mori, CEUB

valeria.mori@ceub.edu.br

Resumo: A Teoria da Subjetividade e suas categorias são uma forma de ontologia dos processos humanos. É a partir dessa ontologia do humano como processo subjetivo, que este trabalho pretende definir a psicoterapia, defendendo o processo psicoterapêutico como "orientado para o desenvolvimento de novos sentidos subjetivos" (González Rey, 2007, p. 160). Esse processo ocorre quando o indivíduo, estimulado pela relação terapêutica, é atravessado pelos sintomas, passa a se colocar como sujeito do momento em que atravessa e é capaz de produzir emoções e símbolos novos que lhe permitam o desenvolvimento de sentidos subjetivos alternativos para esse contexto (González Rey, 2007). Portanto, o sujeito é simultaneamente constituído e constituinte nos variados processos e contextos em que está inserido. Mori (2024) enfatiza que quando o vínculo com o psicoterapeuta adquire um caráter significativo, diferentes sentidos subjetivos são acionados e passam a integrar a configuração subjetiva da relação terapêutica. Esse aspecto revela-se fundamental para compreender a qualidade do vínculo estabelecido entre aqueles que participam do processo psicoterápico. Assim, Gonzalez Rey (2007) entende que novos sentidos subjetivos só são possíveis quando a pessoa passa a ser sujeito da relação terapêutica, o que permitiria construir criticamente sobre o momento de sua vivência, possibilitando o desenvolvimento de novas produções subjetivas. O autor ainda defende que é pressuposto para a definição de novos sentidos subjetivos que a pessoa se reposicione em suas relações e atividades, para que assim se represente um novo momento na produção de sentidos subjetivos. Assim, a psicoterapia visa, por meio do processo dialógico e sem um roteiro definido a priori, permitir que o terapeuta levante reflexões, questione e construa hipóteses que promovam tensão e mobilização para a produção de novos processos subjetivos (Mori, 2024). Visualizar as configurações subjetivas só é possível a partir dos indicadores que emergem em psicoterapia e que serão organizados em construções hipotéticas do pesquisador/psicoterapeuta, possibilitando a construção de um modelo teórico (Mori, 2019). Essas compreensões do caso possibilitam a produção ativa do psicoterapeuta, pois geram inteligibilidades do

processo de construção e organização dos sentidos subjetivos e das configurações subjetivas. Para isso, vale ressaltar que a subjetividade não é um processo intrapsíquico, mas constitui-se como produção simbólico-emocional na "constituição recíproca do individual e do social" (Mori, 2019, p. 2). Assim, tanto a subjetividade social quanto a individual se organizam na tensão de diferentes processos configurados na história pessoal e na cultura, não em uma relação de causa e efeito. González Rey (2012) propõe a categoria de sujeito como pessoa ativa, e as construções teóricas sobre a subjetividade demonstram a impossibilidade de uma ontologia que defina um indivíduo pacífico e *assujeitado* nas suas experiências. Assim, defendemos que a psicoterapia, na perspectiva da subjetividade, busca mobilizar a pessoa para que se torne agente/sujeito (Mitjáns Martínez & González Rey, 2017) em seus processos de vida, visando o posicionamento do indivíduo como protagonista, inclusive, de seu processo psicoterápico. Nessa visão, a subjetividade reconhece a posição ativa do sujeito diante de sua situação, permitindo a emergência do sujeito (Mori, 2019).

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: (é obrigatória a inclusão de uma questão que possa fomentar a discussão do grupo que tenha, no máximo, 50 palavras. Essa questão pode estar relacionada ao resumo, aos subtemas do eixo ou mesmo ao Eixo Temático em sua amplitude)

Palavras chave: psicoterapia; subjetividade; sujeito

Referências

GONZÁLEZ REY, F. Sentidos subjetivos, linguagem e sujeito: implicações epistemológicas de uma perspectiva pós-racionalista em psicoterapia. In: HOLANDA, A. F. (Org.). **O campo das psicoterapias: reflexões atuais**. Curitiba: Juruá, 2012. p. 47–70.

GONZÁLEZ REY, F. Psicologia, subjetividade e pós-modernidade. Tradução de Guilhermo Matias Gumucio, São Paulo: Cengage, 2007.

GONZÁLEZ REY, F.; MITIJANS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas: Alínea, 2017.

MORI, V. D. A psicoterapia na perspectiva da teoria da subjetividade: a prática e a pesquisa como processos que se constituem mutuamente. In: GONZÁLEZ REY, F.; MARTÍNEZ, A. M.; PONTES, R. V. (Orgs.). **Epistemologia qualitativa e subjetividade: estudos em educação e saúde.** Uberlândia: Ed. da Universidade Federal de Uberlândia, 2019.

MORI, V. D. Saúde mental, práticas profissionais e pesquisa em diferentes contextos: reflexões a partir da Teoria da Subjetividade. In: MITJÁNS MARTINEZ, A. *et al*. (Orgs.). **Teoria da subjetividade & epistemologia qualitativa: práticas profissionais e pesquisa.** Campinas: Alinea, 2024. p. 181–196.

Eje temático: Subjetividad en la salud humana, psicoterapia y prácticas clínicas

Subtema: La significación de la subjetividad en la promoción de la salud

Entre organización y producción en psicoterapia: un diálogo entre la Psicoterapia Posracionalista de V. Guidano y la Teoría de la Subjetividad de F. González Rey.

Jorge Bahamondes Leal, Fundación Mente

jorgebahamondesl@gmail.com

Daniel Magalhães Goulart, Universidade de Brasília

danielgoulartbr@gmail.com

Resumen: Se propone una articulación dialógica entre dos desarrollos contemporáneos en psicoterapia que han producido una comprensión compleja de la subjetividad, el sufrimiento y la transformación: la Terapia Cognitiva Posracionalista de Vittorio Guidano (1987, 1994), centrada en el concepto de Organización de Significado Personal, y la Teoría de la Subjetividad de Fernando González Rey (2007, 2012). Lejos de una integración sistemática, el artículo plantea un diálogo crítico y creativo entre ambas propuestas, para explorar cómo cada una configura el lugar del sujeto en su relación con el mundo y con su sufrimiento. A través de un recurso narrativo que imagina un encuentro entre ambas perspectivas, se abordan cuatro pares conceptuales como núcleos de tensión y producción teórica: Self / Subjetividad; Estructura / Configuración subjetiva; Afectividad / Producción simbólico-emocional; Estabilización / Desarrollo subjetivo. Estas tensiones permiten poner en diálogo dos formas distintas de concebir cómo la persona se constituye y transforma, especialmente en contextos clínicos. Mientras Guidano propone un modelo de identidad centrado en la coherencia estructural y la continuidad narrativa, González Rey desplaza el eje hacia una producción simbólico-emocional situada, donde la persona emerge como agente de su propia transformación, favoreciendo caminos singulares de desarrollo subjetivo. Este desplazamiento no niega la organización más estable de configuraciones subjetivas o dimensiones macrosociales, pero las inscribe en una lógica de apertura, inestabilidad y potencia creadora (Mori & Goulart, 2019). En este sentido, este referente ofrece una base sólida para comprender el sufrimiento subjetivo en articulación con el desarrollo subjetivo (Goulart, 2024). Se sostiene que este tipo de diálogo inter-teórico -más allá de la comparación o la síntesis- puede enriquecer nuestras prácticas clínicas en tiempos marcados por la fragmentación, el reduccionismo y la medicalización del sufrimiento. La psicoterapia, así, aparece no solo como un espacio de interpretación o regulación, sino como un campo de diálogo generativo que favorece el desarrollo subjetivo, habilita nuevas formas de existencia y resiste la clausura del sentido.

Cuestión para el debate en el Grupo de Discusión Temática: ¿Qué implicancias clínicas emergen cuando comprendemos la psicoterapia como un dispositivo de producción subjetiva y no solo de interpretación de estructuras o narrativas preconfiguradas?

Palabras clave: subjetividad; organización de significado personal; producción simbólico-emocional.

Referencias:

GONZÁLEZ REY, F. Sentidos subjetivos, lenguaje y sujeto: analizando una perspectiva post racionalista en psicoterapia. **Rivista di Psichiatria**, Roma, v. 46, n. 5, p. 310–314, 2011. Acesso em: 19 ago. 2025.

GONZÁLEZ REY, F. **Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade: uma aproximação histórico-cultural.** São Paulo: Thomson, 2007.

GUIDANO, Vittorio F. **Complexity of the Self: A developmental Approach to Psychopathology and Therapy**. Guilford Publications, 1987.

GUIDANO, Vittorio F. **El sí mismo en proceso**. Barcelona: Paidós, 1994.

GOULART, D. M. Saúde mental, práticas profissionais e pesquisas em diferentes contextos: reflexões a partir da Teoria da Subjetividade. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; PUENTES, R. V.; ROSSATO, M.; TACCA, M. C. (org.). **Teoria da Subjetividade e Epistemologia Qualitativa: práticas profissionais e pesquisas.** Campinas: Alínea, 2024.

Eixo temático: A subjetividade na saúde humana, psicoterapia e práticas clínicas

Subtema: O diálogo, na psicoterapia e nas práticas clínicas, como favorecedor do sujeito e do desenvolvimento subjetivo.

A fotografia como instrumento na psicoterapia:

experiências estéticas em diálogo com a Teoria da Subjetividade

Laís Faber de Almeida Rosa,

laisfaber@gmail.com

Valéria D. Mori, UniCEUB,

valeria.mori@ceub.edu.br

Resumo: Este artigo foi escrito a partir da pesquisa de mestrado de uma das autoras, na qual o tema estudado foram as relações familiares na vida adulta. Os objetivos da pesquisa de mestrado não envolviam discutir os instrumentos utilizados e, por isso, este trabalho discute o uso de fotografias de família e música brasileira como instrumentos na compreensão das relações familiares de pessoas adultas. O objetivo geral foi compreender como as fotografias de família e música se configuram como mobilizadoras no processo psicoterapêutico. Os objetivos específicos foram: explorar se a arte atravessa as produções subjetivas de uma pessoa e discutir como as experiências estéticas podem ser instrumentos de uma pesquisa e da própria psicoterapia. A teoria utilizada neste estudo foi a Teoria da Subjetividade, desenvolvida por Fernando González Rey, dado o seu valor e contribuição na compreensão dos processos humanos a partir de uma intrínseca relação entre individual e social. Esta teoria possui como base epistemológica a Epistemologia Qualitativa, que sustenta o método construtivo-interpretativo utilizado nesta investigação. Os participantes foram Bruna e Eric, de 27 e 30 anos, respectivamente, que são financeiramente independentes da família de origem e profissionalmente ativos. Os encontros aconteceram no consultório psicoterapêutico da pesquisadora e foram utilizados quatro instrumentos, sendo dois os principais para esta discussão: fotografias de família e uma música brasileira. A partir da análise de informações, percebeu-se que os encontros mais mobilizadores de processos subjetivos foram aqueles em que as fotografias de família foram discutidas. Nestes momentos, os participantes revisitaram o passado e as expectativas familiares e, em especial com os pais, e refletiram sobre como essas reflexões dialogam com a vida adulta e suas dificuldades. Além disso, algumas vivências da vida humana, como o luto, foram discutidas a partir das fotos. A música brasileira, por sua vez, apresentou-se como um instrumento mobilizador para discutir o presente, o futuro, como o participante se percebe enquanto pessoa e quem ele deseja ser. O modelo teórico desenvolvido nesta pesquisa representa a expressão dos sentidos subjetivos às frustrações vivenciadas na relação com os pais, com as expectativas geradas no sistema

familiar e os desafios de lidar com essas questões para tornar-se adulto. Conclui-se que as experiências estéticas são valiosos instrumentos para a prática psicoterapêutica, pois mobiliza a emergência de sentidos subjetivos que possibilitam reflexões sobre o participante e seus processos subjetivos.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Quais as possibilidades, perigos e limites de instrumentos além do diálogo e da dinâmica conversacional nas pesquisas e na própria psicoterapia?

Palavras-chave: psicoterapia; fotografias; experiências estéticas

Referências

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação.** São Paulo, SP: Pioneira Thomson Learning, 2012.

GONZÁLEZ REY, F. L.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade**: **teoria, epistemologia e método**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.

MORI, V. D. Reflection on the value of the theory of subjectivity to signify the practice of psychotherapy. **Studies in Psychology**, V. 41, n. 1, p. 182 – 202, mai. 2020. Disponível em: DOI 10.1080/02109395.2019.1710987. Acesso em: 07 ago. 2025.

ROSA, L. F. A.; MADUREIRA, A. F. A.; MORI, V. D. Diálogos entre cultura, arte e relações familiares: caminhos para a promoção de saúde. **Psicologia e Saúde em Debate**, *V*. 10, p. 732 - 751, ago. 2024. Disponível em: DOI 10.22289/2446-922X.V10A2A44. Acesso em: 07 ago. 2025.

Eixo temático: A subjetividade na saúde humana, psicoterapia e práticas clínicas

Subtema: O diálogo, na psicoterapia e nas práticas clínicas, como favorecedor do sujeito e do desenvolvimento subjetivo

A subjetividade social da família:

implicações na constituição dos relacionamentos na vida adulta

Laís Faber de Almeida Rosa

laisfaber@gmail.com

Valéria D. Mori, UniCEUB

valeria.mori@ceub.edu.br

Resumo: As dinâmicas familiares são permeadas por questões sociais e contradições contemporâneas que atravessam a constituição subjetiva dos indivíduos, impactando suas interações em outros espaços sociais e suas escolhas de vida. Esta pesquisa teve como objetivo principal compreender, no contexto de psicoterapia, como as relações na família de origem podem impactar a vida adulta de uma pessoa. Os objetivos específicos foram: discutir os diferentes aspectos da subjetividade social e individual nas relações familiares, a partir da vivência de um membro da família e explorar como os processos subjetivos familiares influenciam no processo de tornar-se sujeito dos membros da família. Para um estudo aprofundado que evidencia a intrínseca relação entre individual e social, foi utilizada a Teoria da Subjetividade desenvolvida por González Rey e a Epistemologia Qualitativa, a qual sustenta o método construtivo-interpretativo utilizado nesta investigação. Para realizar esta pesquisa, participaram duas pessoas, Bruna de 27 anos, e Eric de 30 anos, ambos financeiramente independentes da família de origem. Os encontros aconteceram em um consultório psicológico e foram utilizados, principalmente, os instrumentos dinâmica conversacional, que possibilita um diálogo e mobilização de reflexões dos participantes, e fotografias familiares significativas escolhidas pelos participantes. A partir da análise das informações, percebeu-se que a subjetividade individual dos participantes e a subjetividade social de suas respectivas famílias são constituídas a partir de configurações subjetivas dominantes que ainda orientam muitas escolhas e sentimentos dos participantes. Nesse sentido, evidenciou-se a intrínseca relação entre a subjetividade social da família e a subjetividade individual de Bruna e Eric, impactando e atravessando diferentes relações e espaços sociais que eles ocupam na vida adulta. A partir disso, o modelo teórico desenvolvido nesta pesquisa representa a expressão dos sentidos subjetivos às frustrações vivenciadas na relação com os pais, com as expectativas geradas no sistema familiar e os desafios de lidar com essas questões para tornar-se adulto e trilhar o seu próprio caminho. A inteligibilidade gerada nesta pesquisa embasada na Teoria da Subjetividade se relaciona à importância de se elaborar

as frustrações e expectativas direcionadas aos pais, de tal forma que a pessoa possa abrir novas vias de subjetivação diante das idealizações realizadas sobre o sistema familiar e dos genitores. Essa elaboração seria um caminho de tornar-se sujeito e orientar-se em sua vida pelas suas próprias escolhas e não pelas mágoas sentidas na vivência familiar.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: A compreensão e aprofundamento do conceito de subjetividade social tem se mostrado imperativo no desenvolvimento da Teoria da Subjetividade. Como podemos discutir este conceito na psicoterapia e nas pesquisas realizadas em psicoterapia?

Palavras- chave: subjetividade; família; psicoterapia.

Referências

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação.** São Paulo, SP: Pioneira Thomson Learning, 2012.

GONZÁLEZ REY, F. L.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade**: **teoria, epistemologia e método**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A. Subjetividade social: desafios de um conceito. *In:* MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; VALDÉS-PUENTES, R. & TACCA, M. C. R. V. (Orgs.). **Teoria da Subjetividade: discussões teóricas e metodológicas**. Campinas: Alínea, 2017, pp. 1 – 24.

MORI, V. D. Reflection on the value of the theory of subjectivity to signify the practice of psychotherapy. **Studies in Psychology**, V. 41, n. 1, p. 182 – 202, 2020. Disponível em: DOI 10.1080/02109395.2019.1710987.

Eje temático: Subjetividad en la salud humana, psicoterapia y prácticas clínicas

Subtema: La significación de la subjetividad para generar alternativas a la patologización, a la medicalización y a las diferentes formas de sociologización de la experiencia

ESCUELA-FAMILIA Y SUBJETIVIDAD: UN ABORDAJE EN EL ESTUDIO DE ADOLESCENTES EN SITUACIÓN DE SUFRIMIENTO SUBJETIVO.

Lisbet Teresa Pérez Salinas, Universidad de Brasília

perezlisbet 353@gmail.com

Daniel M. Goulart, Universidad de Brasília

danielgoulartbr@gmail.com

Cristina Madeira Coelho,Universidad de Brasília

cristina.madeira.coelho@gmail.com

Yandri Callis Poll, Universidad Oriente, Cuba,

callisyandri33@gmail.com

Resumen: La interrelación entre familia, escuela y adolescentes en situación de sufrimiento subjetivo ha adquirido creciente relevancia en la literatura científica, especialmente frente a los desafíos contemporáneos relacionados con el bienestar y las experiencias de adolescentes y profesionales de la educación (Codo, 2010; Oliveira, 2021; Garcia, 2020). La articulación entre estos tres ejes, resulta fundamental para comprender los procesos de constitución subjetiva, las formas de vinculación y la producción de sentidos asociados a dichas experiencias. A partir de este panorama, el presente estudio tiene como objetivo comprender cómo se configura subjetivamente la familia y la escuela en adolescentes que atraviesan procesos de sufrimiento subjetivo. Para contextualizar teóricamente la investigación, se realiza un análisis del estado del arte mediante la revisión de la producción científica que aborda la relación entre familia y escuela en conexión con el sufrimiento psíquico de adolescentes, con especial énfasis en las articulaciones entre trayectorias de vida, experiencias escolares y dimensiones socioculturales implicadas. Asimismo, se incorpora un apartado dedicado a la Teoría de la Subjetividad desde la perspectiva histórico-cultural desarrollada por González Rey (2003, 2007, 2013, 2014c, 2016, 2017, 2019). Este marco teórico permite profundizar en los conceptos centrales de la investigación: por un lado, la subjetividad individual, entendida como un sistema abierto, dinámico y socialmente constituido, que emerge de las relaciones sociales y produce sentidos propios y singulares, no reducibles a determinaciones externas (González Rey, 2005); por otro, el sufrimiento subjetivo, concebido como una configuración subjetiva dominante que genera malestar en el individuo, fragilizando sus recursos personales de manera a restringir sus posibilidades de acción, reflexión y

posicionamiento en los distintos ámbitos de la vida (Goulart, 2024). Desde el punto de vista metodológico y epistemológico, la investigación se fundamenta en la Epistemología Cualitativa y se guía por el Método Constructivo-Interpretativo. El estudio se desarrollará en una escuela pública en la que cursan estudios los adolescentes participantes, configurando un escenario social que posibilita la elaboración de tres estudios de caso: un adolescente escolarizado, un docente de la misma institución y un padre o madre convocados a dialogar sobre la interrelación entre familia y escuela en el contexto del sufrimiento adolescente. Como dispositivo metodológico central se empleará la dinámica conversacional, concebida como encuentros dialógicos facilitados por la investigadora, en los que los participantes son invitados a compartir sus vivencias, sentidos y posicionamientos subjetivos en torno a los temas centrales del estudio. Esta herramienta se configura como un espacio de construcción simbólica que permitirá a la investigadora generar interpretaciones analíticas y, en consecuencia, avanzar en la formulación de un modelo teórico explicativo. Dicho modelo tendrá como finalidad sustentar propuestas de articulación entre escuela y familia, a partir de las configuraciones subjetivas individuales de padres, docentes y adolescentes, promoviendo el desarrollo subjetivo de estudiantes que enfrentan situaciones de sufrimiento.

Cuestión para el debate en el Grupo de Discusión Temática: ¿Cómo interpreta usted la configuración subjetiva individual de la relación entre familia y escuela, en el marco del sufrimiento subjetivo adolescente, desde la perspectiva teórica de la Subjetividad propuesta por González Rey?

Palabras clave: sufrimiento subjetivo; configuración subjetiva; subjetividad individual; relación escuela-familia

Referencias

CODO, Wanderley**. Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2010.

GOULART, Daniel. **Subjetividade e sofrimento psíquico em adolescentes: uma leitura à luz da teoria da subjetividade**. São Paulo: Cortez, 2024.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Subjetividade e educação: a constituição do sujeito na história e na cultura**. São Paulo: Cortez, 2003.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis**. Teoria da subjetividade: epistemologia e metodologia**. São Paulo: Cengage Learning, 2017.

OLIVEIRA, Maria Rita Neto de; GARCIA, Ana Paula Vilarino. Escola, saúde mental e vulnerabilidade: um diálogo necessário**. Cadernos de Pesquisa,** São Paulo, v. 50, n. 176, p. 348–371, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1590/198053147353. Acesso em: 6 ago. 2025.

Eixo temático: A subjetividade na saúde humana, psicoterapia e práticas clínicas

Subtema: A significação da subjetividade para gerar alternativas à patologização, à medicalização e às diferentes formas de sociologização da experiência

Educação e Saúde Mental:

configurações subjetivas do uso problemático de drogas por universitários

Maria Luíza Alves de Carvalho, Universidade de Brasília

marialuizaalves.c@gmail.com

Daniel Magalhães Goulart, Universidade de Brasília

danielgoulartbr@gmal.com

Resumo: Este trabalho parte da inquietação com os impactos do uso problemático de álcool e outras drogas na saúde mental de estudantes universitários. Tais experiências são compreendidas como expressões de sentidos subjetivos, produzidos na articulação entre os indivíduos e os contextos nos quais estão inseridos, constituindo-se em configurações subjetivas singulares que organizam a experiência do uso de drogas e seus efeitos colaterais sobre a saúde mental. O trabalho baseia-se num projeto de pesquisa de Mestrado Acadêmico, que se propõe a investigar as configurações subjetivas em estudantes de uma universidade pública do Distrito Federal do uso problemático de substâncias psicoativas, articulando os efeitos desses usos às dinâmicas dos processos educativos e institucionais vivenciados por esses sujeitos. A pesquisa adota como referencial a Teoria da Subjetividade em uma perspectiva cultural-histórica, proposta por González Rey, cujo aporte permite compreender os sentidos subjetivos como expressões simbólico-emocionais que não se reduzem a fatores individuais ou sociais, mas emergem da complexa relação entre estes. Assim, o uso problemático de drogas é compreendido como uma configuração subjetiva, composta por sentidos subjetivos que se organizam de forma singular na dinâmica da vida do indivíduo. Tal compreensão possibilita reconhecer esse uso como expressão de um modo de subjetivar experiências e conflitos, sem reduzi-lo a um desvio, patologia ou mera reação a fatores externos, de modo estreitamente articulado a dinâmicas culturais e sociais. Utiliza-se a metodologia construtivo-interpretativa, orientada pela Epistemologia Qualitativa, também desenvolvida por González Rey, que valoriza o processo dialógico e a produção de conhecimento a partir da singularidade. Os procedimentos metodológicos são orientados a favorecer expressões espontâneas dos participantes, promovendo a emergência de sentidos subjetivos acerca do uso de drogas, do sofrimento subjetivo e dos mais diversos aspectos da experiência universitária. A construção da informação será feita com base na construção de indicadores

e hipóteses que orientem a formulação de um modelo teórico do fenômeno estudado. A pesquisa pretende contribuir com o debate sobre a necessidade de práticas de cuidado que considerem as especificidades dos indivíduos, superando abordagens fragmentadas, moralizantes e patologizantes. Defende-se que a universidade também deve ser concebida como parte da rede de cuidado aos estudantes, promovendo ações intersetoriais entre saúde e educação.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: De que maneira compreender o uso abusivo de substâncias psicoativas como uma configuração subjetiva contribui para tensionar modelos tradicionais de cuidado em saúde mental na universidade, muitas vezes centrados na abstinência e na correção moral, e promover práticas mais sensíveis às singularidades dos indivíduos em contextos marcados por abordagens disciplinadoras das instituições?

Palavras-chave: saúde mental; uso problemático de drogas; universidade.

Referências

COSTA, PH, RONZANI, TM, COLUGNATI, FAB. **"No papel é bonito, mas na prática…" Análise sobre a rede de atenção aos usuários de drogas nas políticas e instrumentos normativos da área. USP**. Associação Paulista de Saúde Pública, 2017.

GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade, educação e desenvolvimento humano: entre a crítica e a proposta.** Campinas: Alínea, 2017.

GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, **Subjetividade: teoria, epistemologia e método.** Campinas: Alínea, 2017.

Eixo temático: A subjetividade na saúde humana, psicoterapia e práticas clínicas

Subtema: O diálogo, na psicoterapia e nas práticas clínicas, como favorecedor do sujeito e do desenvolvimento subjetivo.

Os instrumentos como recursos dialógicos e sua influência no desenvolvimento subjetivo infantil em psicoterapia

Thayla Cristina Zuanazzi, Centro Universitário La Salle

thaylacz@gmail.com

Bárbara Meiter Rodrigues, Centro Universitário La Salle

barbarameister20@gmail.com

Felix Jorge Robinson Samuells, Universidade de Brasília

robinsonpupito@gmail.com

Marisa von Dentz, Centro Universitário La Salle

marisa.dentz@unilasallelucas.edu.br

Resumo: O presente trabalho trata-se de um relato de experiência de atendimento psicológico feito com uma criança de 9 anos de idade (identificada como L.) com uma queixa de efeitos pós-pandemia, associados com manifestações de insegurança e evitação do contato social. Os atendimentos aconteceram em uma cidade do interior de São Paulo. O caso é apresentado com o consentimento expresso da responsável legal e assentimento da criança, que leram este resumo antes do seu envio. A criança morava com a mãe e convivia com avós maternos e seu pai morava noutra cidade, tendo pouca convivência com o menino. L. demonstrava interesse em jogos eletrônicos e na franquia de filmes “Harry Potter”, além de demonstrar apego por seus dois gatos. Norteou este relato de experiência a Epistemologia Qualitativa como base da Teoria da Subjetividade de González Rey (2007), em uma perspectiva histórico-cultural aplicada à clínica infantil, na produção de conhecimento através do método construtivo-interpretativo. Foram desenvolvidas ações terapêuticas, tendo em vista a qualidade dos relacionamentos e o engajamento afetivo da criança como geradora de sentidos subjetivos - que são a unidade simbólico-emocional -, e sua organização em configurações subjetivas. Neste processo, destaca-se a relevância e viabilidade da Teoria da Subjetividade para a compreensão dos processos subjetivos da criança, articulando o individual e social de modo inseparável e como constituintes da sua maneira de viver e sentir as próprias experiências. Além de propor a categoria do desenvolvimento subjetivo como uma alternativa a modelos tradicionais de desenvolvimento, a Teoria da Subjetividade permite considerar o caráter singular, contraditório e irregular do

sujeito, a partir dos múltiplos contextos e produções simbólico-sociais que configuram suas experiências, tais como: família, escola, raça, status econômico, religiosidade, dentre outros (González Rey, 2007; González Rey; Mitjáns Martínez, 2017; Montú et al., 2021). O processo de construção da informação permitiu a articulação de conjecturas e indicadores no desenvolvimento de um modelo teórico para gerar inteligibilidade sobre as problemáticas da criança. Neste ponto, através da concepção dialógica proposta pela Teoria da Subjetividade, os instrumentos são recursos dialógicos que facilitam a expressão dos múltiplos sentidos subjetivos que configuram a experiência vivida e sentida da criança. Foram desenvolvidos, como instrumentos para a produção de informações: os desenhos realizados pela criança, dominó das pessoas da família e das emoções, apresentação de imagens para a elaboração de uma história e jogo da memória com expressões emocionais, além do uso dos personagens dos filmes como objeto simbólico, possibilitando o diálogo e a reflexão. Ademais, foram fontes de informações os prontuários clínicos e as elaborações da psicoterapeuta sobre o caso. Os recursos dialógicos favoreceram um processo de desenvolvimento e retomada das iniciativas ligadas à sociabilidade.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como o uso de instrumentos como recursos dialógicos e relacionais propostos pela Teoria da Subjetividade podem gerar alternativas para pensar o protagonismo do sujeito sobre seu próprio desenvolvimento subjetivo?

Palavras-chave: subjetividade, recursos dialógicos e desenvolvimento subjetivo.

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando. Luis. **Psicoterapia, Subjetividade e Pós-Modernidade: uma aproximação histórico-cultural**. Thomson Learning, 2007.

GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJANS MARTÍNEZ, Albertina. El desarrollo de la subjetividad: una alternativa frente a las teorías del desarrollo psíquico. **Papeles de Trabajo sobre Cultura, Educación y Desarrollo Humano**, 13(2), p. 3-20, 2017. Disponível em: http://psicologia.udg.edu/PTCEDH/menu_articulos.asp. Acesso em: 30 jul. 2025.

MONTÚ, Camila Cardoso de Moraes; MORI, Valéria Deusdará; BUCHER-MALUSCHKE, Júlia Sursis Nobre Ferro. Psicoterapia dialógica como cenário social favorecedor de desenvolvimento subjetivo infantil. **Mudanças: Psicologia da Saúde**, [S. l.], v. 29, n. 1, p. 49–64, 2024. DOI: 10.15603/2176-0985/mu.v29n1p49-64. Disponível em: https://revistas.metodista.br/index.php/mudancas/article/view/625. Acesso em: 23 jul. 2025.

Eje temático: Subjetividad en la salud humana, psicoterapia y prácticas clínicas

Subtema: La significación de la subjetividad para generar alternativas a la patologización, a la medicalización y a las diferentes formas de sociologización de la experiencia.

Contribuciones de la Teoría de la subjetividad

para el estudio de los sentidos subjetivos de experiencias de yoga y cromoterapia

Milton David Henao Jiménez, Fundación Casa Arcoíris

miltonhenaojimenez@gmail.com

Hernán Felipe Monsalve Ospina, Universidad de Brasilia

hfelipemo@gmail.com

Resumen: Este artículo en curso, tiene como objetivo identificar las contribuciones que la Teoría de la Subjetividad puede hacer para el estudio de los significados y sentidos subjetivos de experiencias de prácticas integrativas. Las experiencias de prácticas integrativas como el yoga y la cromoterapia, hacen parte de las múltiples expresiones de subjetividad de la especie humana y de la complejidad subyacente entre el sujeto y su historia, puesto que el humano, con su capacidad para crear nuevas realidades, amplía naturalmente y de forma constante diversos tipos de fenómenos y experiencias, dotándolas de sentido y subjetividad. Si se entiende que el objeto de la psicología clínica es la experiencia humana (Neubern & Nogueira, 2019, p. 72), puede inferirse que las experiencias de prácticas integrativas y las reconfiguraciones en la salud que éstas generan, pueden estudiarse en el contexto de la psicología, por medio de los conceptos de la *Teoría de la Subjetividad*, puesto que a través de los sentidos subjetivos y las zonas de sentido referenciadas como aquellos espacios de la realidad que se vuelven inteligibles ante el desarrollo de la teoría y "también como proceso en el que participan tanto los sujetos estudiados como los investigadores", (González R, 1997, p.14), se podrían avanzar significativamente en el estudio del sentido y el significado que se le atribuye a este tipo de experiencias. Para Alonso y Escorcia (2003), el ser humano es un ser integral que se desenvuelve dentro de un ambiente; en él influye un sinnúmero de características biológicas, psicológicas, sociales y espirituales. "Está dotado de conciencia, inteligencia, voluntad, intencionalidad, afectividad y creatividad, en síntesis, de una personalidad, que obedece a su ubicación temporal (momento histórico) y espacial (lugar donde habita)" (p.3). En este sentido, es menester para el desarrollo de las naciones, concebir al ser humano como un todo, custodiar su desarrollo integral, proteger las múltiples dimensiones en las cuales se expresa (incluyendo la dimensión espiritual), y garantizar el acceso a prácticas integrativas, cuya demanda en Brasil incrementó en un 126% entre 2017 y 2018 (Ministerio de Salud de Brasil, 2018).

Cuestión para el debate en el Grupo de Discusión Temática: ¿De qué manera contribuye la teoría de la subjetividad al estudio de los significados y sentidos subjetivos de experiencias de prácticas integrativas?

Palabras clave: Subjetividad, Yoga, Cromoterapia.

Referencias:

Alonso, P., y Escorcia, I. El ser humano como una totalidad. **Salud Uninorte**, (17), 3-8, 2003. Disponible en:: https://www.redalyc.org/pdf/817/81701701.pdf. Acesso em: 07 ago. 2025.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Epistemología Cualitativa y Subjetividad**. São Paulo: EDUC, 1997.

Ministerio de Salud de Brasil. **El uso de Prácticas en salud Integrativas y Complementarias Crece de Manera Importante en Brasil.** Disponible en: https://mtci.bvsalud.org/el-uso-de-practicas-en-salud-integrativas-y-complementarias-crece-de-manera-importante-en-brasil/

Neubern, M., y Nogueira, H. (2019). Aportes de la hipnosis compleja a la psicología clínica. **Psicología clínica e cultura contemporânea**. Technopolitik, (4), 71-90. www.DeepL.com/pro.

Eje temático: Subjetividad en la salud humana, psicoterapia y prácticas clínicas

Subtema: Prácticas profesionales, investigación y políticas públicas en tiempos de fragmentación y precariedad.

Precariedad Laboral: Los riesgos psicosociales y las nuevas formas de malestar en el trabajo contemporáneo

Sonnia Alexandra Heredia-Gálvez, Universidad de las Fuerzas Armadas, saheredia2@espe.edu.ec

Federico Aníbal Martínez-Vélez, Universidad de las Fuerzas Armadas, famartinez3@espe.edu.ec

William Patricio Tigse-Bravo,Universidad de las Fuerzas Armadas,

wptigse@espe.edu.ec

Resumen: El presente trabajo es el resultado de una investigación finalizada enfocada en el análisis de las condiciones laborales que han generado precariedad laboral, desde la pandemia como detonante y que se han profundizado en pospandemia, Más allá que el trabajo y su significado en la vida de las personas no solo es una condición económica y estructural, sino un parámetro de subjetividad que incide profundamente en la salud mental y emocional de los trabajadores. Con la aplicación de entrevistas cualitativas realizadas a trabajadores durante y pospandemia COVID-19, se evidencian narrativas atravesadas por la angustia, la despersonalización y una pérdida progresiva del sentido del trabajo. Estas crónicas, configuran expresiones subjetivas que evidencias las experiencias, vivencias, vínculos y símbolos compartidos, en un escenario de incertidumbre social y laboral. En este sentido, se propone comprender los riesgos psicosociales desde una lógica no patologizante, que reconozca la dimensión simbólica y relacional del sufrimiento, como una producción activa que puede ser transformada mediante prácticas dialógicas, en el campo organizacional. Los hallazgos muestran que la precarización genera una “subjetividad de incertidumbre” que se expresa en narrativas de autoexigencia extrema, invisibilización institucional y aislamiento afectivo. Además, se visibilizan las lógicas de solidaridad entre pares, expresadas mediante una resistencia subjetiva, para otorgarle nuevos significados al trabajo. La resignificación al malestar laboral puede ser contenida en espacios de escucha como diálogos psicoterapéuticos y las prácticas comunitarias. Esta investigación, contribuye a la comprensión de los procesos organizacionales que generan el sufrimiento laboral contemporáneo, y ponen el foco en la importancia de las políticas públicas, las intervenciones clínicas y la investigación cualitativa como factores que generan salud subjetiva.

Cuestión para el debate en el Grupo de Discusión Temática: ¿Cómo se analiza desde un enfoque crítico los riesgos psicosociales producto de la precariedad

laboral, evitando reducciones economicistas que invisibilicen el sufrimiento subjetivo de los trabajadores?

Palabras clave: precariedad laboral; riesgos psicosociales; salud mental

Referencias

DEJOURS, Christophe. **Trabajo y sufrimiento: Cuando la injusticia se hace banal**. Madrid, Modus Laborandi, 2009.

GERNET, Isabelle; DEJOURS, **Christophe. Psicopatología del Trabajo.** Segunda Edición. Buenos Aires. Mino Y Dávila Editores, 2024.

FOUCAULT, Michael. Trabajo, vida, lenguaje. In**: Las palabras y las cosas; una arqueología de las ciencias humanas**. Ed. 6. Buenos Aires, Siglo XXI, 2017.

HAN, Byung-Chul. **La sociedad del cansancio.** Barcelona. Herder, 2016.

NEFFA, Julio César. **Los riesgos psicosociales en el trabajo**. Buenos Aires. Editorial Universidad Nacional de Moreno, 2016.

Eixo temático: A subjetividade na saúde humana, psicoterapia e práticas clínicas

Subtema: Práticas profissionais, pesquisas e políticas públicas em tempos de fragmentação e precarização.

Um estudo histórico-cultural da psicoterapia de grupo voltada a usuárias de um Ambulatório de Saúde Mental do SUS

Sara Schlichta, Hospital Adauto Botelho - SESA/PR

sarasch@uol.com.br

Mirela Stenzel, Hospital Adauto Botelho - SESA/PR,

mirstenzel@hotmail.com

Resumo: No atual panorama científico a respeito das psicoterapias de grupo identificam-se duas tendências: uma que foca no estudo sobre técnicas grupais e outra que foca na investigação de públicos-alvo. Contudo, a produção científica contemporânea não explicita *per se* que "técnica" não se confunde com "procedimento", ou que o ingresso de um usuário em grupo psicoterapêutico para determinada "categoria" de público-alvo ("idosos"; "mulheres"; "pacientes oncológicos") não é sinônimo de efetivo cuidado em saúde mental ou benefício em sua participação. Além disso, apesar do grupo ser amplamente utilizado como recurso de cuidado ao usuário do SUS, pouco se conhece sobre seu impacto no horizonte ético da Saúde Pública. Partindo dessas premissas e por meio de uma pesquisa qualitativa que utilizará o método construtivo-interpretativo - metodologia da Epistemologia Qualitativa de Fernando González Rey (2002, 2003, 2017) - pretende-se entrevistar mulheres usuárias de um Ambulatório de Saúde Mental do SUS que participam ou participaram de grupo psicoterapêutico nesse equipamento. Por meio do processo de construção da informação no espaço conversacional pretende-se apreender indicadores de sentidos subjetivos a respeito da configuração de suas experiências enquanto participantes de psicoterapia de grupo, o que pode favorecer a produção de novos campos de inteligibilidade sobre a temática, objetivando, mesmo que parcialmente, o avanço na apreensão e interpretação das potencialidades terapêuticas do grupo para além de seus usos procedimentais.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: "Como enfrentar e/ou mitigar com ações técnicas e profissionais o desafio imposto pelas atuais políticas públicas que ampliam as consultas ambulatoriais (nível secundário) em detrimento do cuidado na atenção psicossocial (nível primário)?

Palavras-chave: psicoterapia de grupo; ambulatório de saúde mental; sistema único de saúde

Referências:

ANDALÓ, Carmen. **Mediação grupal**: **uma leitura histórico-cultural.** São Paulo: Ágora, 2006.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. Tradução de: SILVA, M. A. F. São Paulo: Thomson Pioneira Learning, 2002. Título original: Investigacíon cualitativa em psicologia.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico cultural.** Tradução de: GUZZO, R. S. L. São Paulo: Pioneira Thomson Larning, 2003. Título original: Sujeito y subjetividad.

GONZÁLEZ REY, F. L.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método.** Campinas: Alínea, 2017.

GOULART, Daniel Magalhães. **Saúde mental, desenvolvimento e subjetividade**: da **patologização à ética do sujeito**. São Paulo: Cortez, 2019.